

MATEUS

ÍNDICE

MATTHEW

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Gospel of Matthew

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, simples e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO,
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE
Prefácio**Introdução Geral****Introdução a Mateus**

Capítulo 1	Capítulo 8	Capítulo 15	Capítulo 22
Capítulo 2	Capítulo 9	Capítulo 16	Capítulo 23
Capítulo 3	Capítulo 10	Capítulo 17	Capítulo 24
Capítulo 4	Capítulo 11	Capítulo 18	Capítulo 25
Capítulo 5	Capítulo 12	Capítulo 19	Capítulo 26
Capítulo 6	Capítulo 13	Capítulo 20	Capítulo 27
Capítulo 7	Capítulo 14	Capítulo 21	Capítulo 28

PREFÁCIO

Uma vez mais devo começar este prefácio expressando minha mais calorosa gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia, que me permite acrescentar outro volume a esta série de comentários bíblicos. Uma vez mais queria agradecer muito especialmente ao Rev. R. G. Macdonald, presidente dessa comissão, e ao Rev. Andrew McCosh, secretário e administrador, pela permanente bondade e o constante estímulo que me ofereceram. Estou muito seguro de que sem sua ajuda e fôlego não tivesse podido seguir produzindo estes volumes da maneira em que o tenho feito.

Queria dizer certas coisas à maneira de explicação sobre este volume de Mateus. Se pudesse supor que todos os que o lerão conhecem já os volumes sobre Marcos e Lucas, certas coisas teriam podido omitir-se, mas cada um dos livros que integram esta série deve poder ler-se independentemente de todos outros, e isto significou que me foi necessário repetir aqui algumas das coisas que já se foi dita nos outros dois volumes sobre os evangelhos sinóticos. Mais ainda, pode parecer que aqui uso muito espaço para cobrir uma seção muito breve do

evangelho. Mas deve recordar-se que neste livro estudamos o Sermão da Montanha, e o Sermão da Montanha está tão no centro mesmo da fé e a vida cristãs, que em quase todas as suas partes devi comentá-lo oração por oração, e até palavra por palavra. Estou convencido de que nesta seção de Mateus o estudo detalhado recompensará amplamente a quem esteja preparados para fazê-lo.

É estranho que Mateus não tenha tido sorte com seus comentadores. O comentário de A. B. Bruce, no *Expositor's Greek Testament*, ainda arroja luz sobre o texto. O de W. C. Allen, no *International Critical Commentary*, é mais para o erudito que para o leitor em geral. Entre todos os comentários sobre o texto grego, o de A. H. McNeille, na série de Macmillan é sem lugar a dúvidas o melhor de todos. O *Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, de Alfred Plummer, é um trabalho sólido e que oferece grande ajuda. O comentário de T. H. Robinson, no *Moffat Commentary*, é sugestivo, mas de certo modo superficial. O que presta maior serviço, embora por momentos parece perturbador, é o de C. G. Montefiore, em sua obra *Synoptic Gospels*. C. G. Montefiore era um judeu liberal, e portanto sua exegese inevitavelmente será interessante de um modo particular.

O evangelho segundo São Mateus tem duas grandes características. É preeminentemente o evangelho do Mestre, porque em nenhum outro evangelho encontramos uma compilação tão sistemática dos ensinamentos de Jesus. E é preeminentemente o evangelho que foi escrito para nos mostrar a Jesus como o homem que nasceu para ser Rei. Minha oração é que este livro possa contribuir de algum modo para que compreendamos melhor os ensinamentos de Jesus, e para que O entronizemos de maneira mais plena como Rei e Soberano em nossas vidas.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow, setembro de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Foi-me pedido que escrevesse um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram sucedendo, até que a tarefa original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

É-me impossível deixar suceder outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja da Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse órgão editor, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e suas sempre presentes simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer com que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer com que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e o trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: *Procuram fazer com que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que seja amado com mais dedicação e que seja seguido mais de perto.* Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO A MATEUS

Os evangelhos sinóticos

Os primeiros três evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas, são conhecidos geralmente como os evangelhos sinóticos. A palavra sinótico provém de duas palavras gregas que significam *ver conjuntamente*. Sinótico significa literalmente "que se pode ver ao mesmo tempo". A razão deste nome é a seguinte. Estes três evangelhos oferecem o relato dos mesmos acontecimentos da vida de Jesus. Em cada um deles há episódios adicionados, ou outros que se omitem; mas em geral o material é o mesmo, assim como é o seu próprio ordenamento. Portanto é possível colocá-los em três colunas paralelas e lê-los simultaneamente, comparando-os entre si ao fazê-lo. Quando se faz isto, fica bem evidente que estes três evangelhos estão intimamente relacionados. Por exemplo, se compararmos o episódio da alimentação dos cinco mil nos três evangelhos (Mateus 14:12-21, Marcos 6:30-44, Lucas 9:10-17) encontramos a mesma história, narrada quase exatamente com as mesmas palavras. Um exemplo bem evidente desta relação é a história do paralítico (Mateus 9:1-8, Marcos 2:1-12, Lucas 5:17-26). Estes três relatos são tão semelhantes entre si, que até um pequeno "à parte" – "diz então ao paralítico" – aparece nos três, e sempre como uma expressão entre parêntese, exatamente no mesmo lugar. A correspondência entre os três evangelhos sinóticos é tão íntima que nos impõe extrair a conclusão de que, ou os três tomam seus materiais de uma fonte comum, ou dois deles copiam do terceiro.

O primeiro evangelho

Quando nos pomos a examinar mais de perto este assunto, começamos a nos dar conta de que abundam as razões para acreditar que Marcos deve ter sido o primeiro evangelho a ser escrito, e que os outros

dois sinóticos, Mateus e Lucas, usam Marcos como base. Marcos pode ser dividido em 105 seções. Destas, 93 aparecem em Mateus e 81 em Lucas. Há somente 4 seções de Marcos que não aparecem em Mateus ou Lucas. Marcos tem 661 versículos – Mateus tem 1068 e Lucas 1149. Mateus reproduz em seu texto nada menos que 806 dos versículos de Marcos; Lucas reproduz 320. Lucas reproduz 31 versículos dos 55 de Marcos que Mateus não usa; deste modo somente há 24 versículos de Marcos que não aparecem em Mateus ou Lucas. Não se trata só da reprodução da substância destes versículos, mas sim aparecem copiados palavra por palavra. Mateus usa 51% das palavras de Marcos: Lucas usa 53%.

Mas há mais ainda. Tanto Mateus como Lucas em geral seguem a ordem dos acontecimentos que encontramos em Marcos. Em alguns episódios Mateus ou Lucas diferem de Marcos quanto à ordem, mas em nenhum caso os dois situam um mesmo acontecimento de maneira diferente de Marcos; sempre, ao menos um deles, segue a Marcos.

As modificações do texto de Marcos

Visto que tanto Mateus como Lucas são muito mais longos que Marcos, poderia sugerir-se que Marcos possivelmente seja um resumo dos outros dois. Mas há outro conjunto de fatos que demonstram que Marcos é o primeiro. Tanto Mateus como Lucas manifestam a tendência em melhorar e polir o texto de Marcos, se podemos expressar-nos deste modo. Tomemos alguns exemplos desta tendência. Às vezes Marcos pareceria limitar o poder de Jesus; pelo menos, um crítico com má vontade poderia chegar a essa conclusão. Tomemos três passagens que são o relato de um mesmo episódio:

Marcos 1:34: E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios.

Mateus 8:16: Com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes.

Lucas 4:40: E, [Jesus] impondo as mãos sobre cada um deles, os curava.

Tomemos outros três exemplos similares:

Marcos 3:10: Pois curava a muitos.

Mateus 12:15: A todos ele curou.

Lucas 6:19: E curava todos.

Mateus e Lucas trocam o *muitos* de Marcos por *todos*, de tal maneira que não se pode sugerir que o poder de Jesus sofria de limitações.

Há uma mudança muito similar no relato de tais acontecimentos da visita de Jesus a Nazaré. Comparemos os textos de Marcos e Mateus.

Marcos 6:5-6: *Não pôde* fazer ali nenhum milagre... Admirou-se da incredulidade deles.

Mateus 13:58: *E não fez* ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.

Mateus não quer dizer que Jesus não pôde fazer milagres e muda a forma da expressão de maneira tal que não seja possível imputar limitações ao poder de Jesus.

Às vezes Mateus e Lucas deixam de lado pequenos toques do Marcos que poderiam interpretar-se como defeitos de Jesus.

Mateus e Lucas omitem três afirmações do Marcos:

Marcos 3:5: Olhando-os ao redor, *indignado* e condoído com a dureza do seu coração...

Marcos 3:21: E, quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: *Está fora de si*.

Marcos 10:14: Jesus, porém, vendo isto, *indignou-se*.

Mateus e Lucas vacilam antes de atribuir a Jesus as emoções humanas de ira e tristeza, e se estremecem ao pensar que alguém pôde ter sugerido sequer que Jesus estava louco.

Às vezes Mateus e Lucas alteram ligeiramente o texto de Marcos para eliminar afirmações que poderiam dar uma má impressão dos apóstolos. Podemos tomar um exemplo desta tendência no episódio em

que Tiago e João procuram assegurar-se de que ocuparão as primeiras posições no vindouro Reino de Deus. Comparemos as introduções a esta história em Marcos e em Mateus:

Marcos 10.35: Então, se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe:

Mateus 20:20: Então, se chegou a ele a *mulher de Zebedeu, com seus filhos*, e, adorando-o, pediu-lhe um favor.

Mateus vacila em atribuir uma motivação ambiciosa diretamente aos dois apóstolos, e a atribui à mãe deles.

Tudo isto estabelece com clareza que Marcos é o primeiro dos evangelhos. Marcos oferece uma narração simples, vívida, direta: mas Mateus e Lucas já começaram a ser afetados por considerações de ordem doutrinal e teológica, que os fazem muito mais cuidadosos em sua maneira de expressar o que dizem.

Os ensinios de Jesus

Vimos que Mateus tem 1068 versículos e Lucas 1149 e que entre os dois reproduzem 582 dos versículos do Marcos. Isto significa que em Mateus e Lucas há muito mais material de que contém e pode oferecer Marcos. Quando examinamos estes versículos adicionais nos damos conta de que mais de 200 são quase idênticos. Por exemplo, são virtualmente iguais entre si passagens como Lucas 6:41-42 e Mateus 7:3-5; Lucas 10:21-22 e Mateus 11:25-27; Lucas 3:7-9 e Mateus 3:7-10. Mas também notamos que há uma diferença. O material que Mateus e Lucas extraíram de Marcos se ocupa quase em sua totalidade de narrar acontecimentos da vida de Jesus; mas os 200 versículos que Mateus e Lucas têm em comum além dos que extraíram de Marcos é que estão compostos totalmente de *ensinios de Jesus*; estes versículos nos falam nem tanto do que Jesus fez mas sim do que disse.

Fica claro que estes 200 versículos estão tomados de *uma fonte comum que os dois possuíram*, na qual estavam contidos os ensinios de

Jesus. Este livro não existe na atualidade; mas os eruditos lhe deram o nome de Q, letra que representa a palavra *Quelle*, que em alemão significa *fonte*. Em sua época deve ter sido um livro de extraordinária importância, porque foi o primeiro manual com os ensinamentos de Jesus.

O lugar de Mateus na tradição evangélica

Aqui chegamos a Mateus, o apóstolo. Os eruditos concordam em afirmar que o Evangelho segundo São Mateus, tal como o temos na atualidade, não provém diretamente da mão de Mateus. Quem tem sido testemunha ocular da vida de Cristo não precisa usar Marcos como fonte para narrá-la, coisa que ocorre em Mateus. Mas um dos primeiros historiadores da Igreja, um homem chamado Papias, oferece-nos a seguinte informação, de enorme importância: "Mateus colecionou os ditos de Jesus em língua hebraica." Deste modo, podemos acreditar que não foi nada menos que Mateus, o apóstolo, quem colecionou esse primeiro manual com os ensinamentos de Jesus, obra da qual dependem todos os que querem saber quais foram os ditos do Mestre. E por causa da grande quantidade de materiais desta fonte que aparecem incorporados ao Mateus é que o evangelho recebeu este nome. Devemos estar eternamente agradecidos a Mateus, quando recordamos que graças a ele possuímos o Sermão da Montanha e quase tudo o que sabemos sobre os ensinamentos de Jesus. Em geral, pode dizer-se que devemos a Marcos quase tudo o que sabemos sobre os fatos da vida de Jesus, mas que graças a Mateus conhecemos a substância dos ensinamentos de Jesus.

Mateus, o coletor de impostos

Sabemos muito pouco sobre a pessoa de Mateus. Em Mateus 9:9 lemos a história de seu chamado. Sabemos que era coletor de impostos e que portanto deve ter sido uma pessoa profundamente odiada, porque os judeus odiavam aos membros de sua própria nação que tinham entrado

ao serviço civil de seus conquistadores. Mateus deve ter sido considerado um traidor de sua própria raça e povo. Mas sem dúvida possuía um dom. A maioria dos discípulos eram pescadores. Sua habilidade para expressar-se por escrito deve ter sido muito reduzida. Mas Mateus era sem dúvida um perito neste campo. Quando Jesus o chamou, estando ele sentado no banco de cobrador de impostos, Mateus se levantou e o seguiu deixando tudo, exceto uma coisa, sua tristeza. E usou nobremente sua habilidade literária ao converter-se no primeiro homem que compilou os ensinamentos de Jesus.

O evangelho dos judeus

Vejam agora quais são as principais características do evangelho do Mateus, de tal modo que possamos tê-las em mente quando o lermos. Em primeiro lugar e sobretudo Mateus *é o evangelho que foi escrito para os judeus*. Foi escrito por um judeu para convencer aos judeus. Um dos grandes objetivos de Mateus é demonstrar que todas as profecias do Antigo Testamento se cumprem em Jesus e que, portanto, deve ser o Messias. Há uma frase que o percorre totalmente, como tema que volta a aparecer vez por outra: "Tudo isto foi feito para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta, dizendo:..." Esta frase aparece 16 vezes no evangelho. O nascimento e o nome de Jesus são o cumprimento de profecias (1:21-23) o mesmo ocorre com a fuga ao Egito (2:14-15), a matança dos inocentes (2:16-18), a volta e a permanência de José em Nazaré e a infância de Jesus nesse lugar (2:13), o uso que Jesus fez de parábolas (13:34-35), a traição por trinta moedas de prata (27:9), o sorteio da roupa de Jesus enquanto estava pendurado na cruz (27:35). O propósito primitivo e deliberado de Mateus é demonstrar como as profecias do Antigo Testamento se cumprem em Jesus; como os profetas anteciparam cada um dos detalhes da vida de Jesus; e deste modo levar aos judeus a admitir que Jesus era o Messias.

(1) Mateus está interessado primordialmente nos judeus. Sua conversão corresponde de perto e é particularmente cara ao coração de quem o escreveu. Quando a mulher siro-fenícia procurou a ajuda de Jesus, a resposta que recebeu d'Ele foi: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel." (15:24). Quando Jesus envia os doze para que evangelizem, sua instrução é: "Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel" (10:5-6). Entretanto, não se deve pensar que este evangelho exclua os gentios. Muitos virão do oriente e do ocidente para tomar assento no Reino de Deus (8:11). "Será pregado este evangelho do Reino a todo o mundo" (24:14). E é Mateus quem nos dá a ordem de marcha da igreja: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (28:19). É evidente que o primeiro interesse de Mateus são os judeus, mas também o é que prevê o dia em que todas as nações serão reunidas.

O judaísmo de Mateus também se percebe em sua atitude para com a Lei. Jesus não veio para destruir a Lei, e sim para cumpri-la. Nem a mais mínima parte da Lei deve perder vigência. Não se deve ensinar aos homens a quebrantar a Lei. A justiça do cristão deve ser superior à dos escribas e fariseus (5:17-20). Mateus foi escrito por alguém que conhecia e amava a Lei e entendia que esta ocupava um lugar na vida e na fé dos cristãos.

Uma vez mais encontramos um aparente paradoxo na atitude de Mateus para com os escribas e fariseus. Reconhece que têm uma autoridade muito especial: "Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem" (23:2-3). Mas, ao mesmo tempo, não há evangelho que condene os escribas e fariseus de maneira tão severa e coerente. No próprio início estão as vívidas palavras de João Batista, que os denuncia como "geração de víboras" (3:7-12). Queixam-se pelo fato de Jesus comer com os publicanos e pecadores (9:11). Atribuem o poder de Jesus não a Deus, e sim ao príncipe dos demônios (12:24). Conspiram para

destruí-Lo (12:14). Os discípulos são advertidos contra a levedura, os maus ensinamentos, dos escribas e fariseus (16:12). São como o joio, que está condenado a ser arrancado da terra (15:13). São incapazes de ler os sinais dos tempos (16:3). São os que assassinaram os profetas (21:31). Em toda a tradição evangélica não há capítulo condenatório comparável a Mateus 23, dedicado aos escribas e fariseus. Mas Mateus não condena os escribas e fariseus pelo que ensinam, mas sim pelo que são. Condena-os por cumprir em tão pequena medida seus próprios ensinamentos, e por estar tão abaixo do ideal do que deveriam ser.

(2) Há em Mateus alguns outros interesses especiais. Ele está especialmente interessado na Igreja. Mateus, de fato, é o único dos evangelhos que usa a palavra "igreja". É o único que introduz a passagem sobre a Igreja depois da confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe (Mateus 16:13-23; cf. Marcos 8:27-33; Lucas 9:18-22). Mateus é o único que diz que as disputas devem ser resolvidas pela Igreja (18:17). Quando se escreveu Mateus a Igreja já deve ter sido uma grande instituição, bastante organizada; um fator dominante na vida dos cristãos.

(3) Mateus *tem um interesse apocalíptico particularmente forte*. Quer dizer, tem um interesse especial em tudo o que Jesus disse em relação à sua Segunda Vinda, o fim do mundo e o julgamento final. Mateus 24 é uma versão muito mais completa que a de qualquer outro evangelho do discurso apocalíptico de Jesus. É o único onde encontramos as parábolas dos talentos (25:14-30), das virgens prudentes e as insensatas (25:1-13) e das ovelhas e os cabritos (25:32-46). Mateus manifesta seu interesse especial em tudo relacionado com as últimas coisas e o julgamento final.

(4) Mas ainda não chegamos à principal das características de Mateus: *É, acima de todos os demais, o evangelho docente*. Já vimos que o apóstolo Mateus foi o responsável pela primeira coleção dos ensinamentos de Jesus, que uma vez reunidos compilou em um manual. Mateus era um grande sistematizador. Seu costume era reunir num mesmo lugar tudo o que sabia e podia encontrar dos ensinamentos de Jesus sobre um tema em

particular. O resultado é que em Mateus encontramos cinco grandes "blocos" de ensinamentos de Jesus, cinco grandes seções nas quais os ensinamentos do Mestre foram reunidos e sistematizados. Todas estas seções têm que ver com o Reino de Deus. São as seguintes:

- (a) O Sermão da Montanha, ou a Lei do Reino (5-7).
- (b) Os deveres dos dirigentes do Reino (10).
- (c) As parábolas do Reino (13).
- (d) Grandeza e perdão no Reino (18).
- (e) A Vinda do Rei (24, 25).

Mateus não se limita a colecionar e sistematizar. Deve recordar-se que Mateus escrevia em uma época em que ainda não se havia inventado a imprensa, quando havia poucos livros e estes eram muito caros, porque tinham que confeccionar-se à mão. Em tais circunstâncias muito poucas pessoas podiam possuir livros. Portanto, se queriam conhecer e usar os ensinamentos de Jesus, deviam levá-los consigo na memória. Mateus, em consequência, sempre organiza os materiais que inclui em seu texto de tal maneira que o leitor possa memorizá-los com facilidade. Para este propósito lança mão dos números três e sete.

José recebe três mensagens; Pedro nega a Jesus três vezes; Pilatos faz três perguntas. No capítulo 13 há sete parábolas do Reino; no capítulo 23 há sete aias pronunciados sobre os escribas e fariseus. A genealogia de Jesus, com que o evangelho começa, é um bom exemplo deste tipo de agrupamento. A genealogia tem como objetivo demonstrar que Jesus é filho de Davi. No hebraico não há numerais, em cuja substituição se utilizam as letras do alfabeto, cada uma das quais tem, portanto, um valor aritmético. Em hebraico tampouco se escrevem as vogais. As letras da Palavra "Davi" são, então, D W D. Se se tomarem estas letras como números, a soma de seus valores é 14; a genealogia de Jesus que Mateus nos apresenta consiste em três grupos de nomes, em cada grupo há quatorze nomes. Mateus faz tudo o que pode em seu

intento de sistematizar e organizar os ensinamentos de Jesus de tal maneira que os leitores e ouvintes possam assimilar e lembrar. Todo educador deve gratidão a Mateus por ter escrito aquilo que é, acima de tudo, o evangelho didático.

(5) Mateus possui uma última característica. *Sua idéia dominante é a de Jesus como Rei*. Escreve para demonstrar a realeza de Jesus. No próprio início temos a genealogia, que procura estabelecer que Jesus é filho de Davi. Este título, filho de Davi, usa-se mais freqüentemente em Mateus que em nenhum dos outros evangelhos (15:22, 21:9, 21:15). Os magos devem buscar ao rei dos judeus (2:2). A entrada triunfal é uma declaração deliberadamente dramatizada da realeza de Jesus (21:1-11). Diante de Pilatos, Jesus aceita o nome de Rei (27:11). Até sobre a cruz, mesmo que seja como zombaria, coloca-se sobre a cabeça de Jesus o título real (27:37). No Sermão da Montanha Mateus mostra Jesus citando cinco vezes a Lei e anulando-a com um majestático "Eu, porém, vos digo..." (5:21, 27, 34, 38, 43). As últimas declarações de Jesus são "Todo o poder me foi dado..." (28:18).

A imagem que Mateus nos apresenta de Jesus é a de um homem que nasceu para ser rei. Jesus caminha ao longo das páginas de Mateus envolto na púrpura e o ouro da realeza. Mateus quer mostrar aos homens o senhorio de Jesus Cristo, nos mostrar que com toda autenticidade o Reino, o Poder e a Glória são deles.

Mateus 1

[A ascendência do Rei - Mat. 1:1-17](#)

[As três etapas - Mat. 1:1-17 \(cont.\)](#)

[A realização dos sonhos humanos - Mat. 1:1-17 \(cont.\)](#)

[Não justos, e sim pecadores - Mat. 1:1-17 \(cont.\)](#)

[A entrada do Salvador no mundo - Mat. 1:18-25](#)

[Nascido do Espírito Santo - Mat. 1:18-25 \(cont.\)](#)

[Criação e recriação - Mat. 1:18-25 \(cont.\)](#)

A ASCENDÊNCIA DO REI**Mateus 1:1-17**

Pode ser que pareça ao leitor moderno que Mateus escolhe uma forma muito estranha de começar seu evangelho. Pode-se pensar que confrontar de entrada ao leitor com uma longa lista de nomes é um procedimento muito pouco afortunado. Mas para um judeu esta genealogia era uma forma natural de começar, interessante e até poderia dizer-se essencial tratando-se da história da vida de um homem.

Os judeus se interessavam muito nas genealogias. Mateus denomina esta seção "livro da genealogia" de Jesus Cristo. Esta frase era bem conhecida pelos judeus; significa o registro da ascendência de um homem, com algumas poucas notas explicativas onde estas eram mais necessárias. No Antigo Testamento freqüentemente encontramos listas das gerações de homens famosos (Gênesis 5:1, 10:1, 11:10, 11:27). Quando Josefo, o grande historiador judeu, escreveu sua autobiografia, prefaciou-a com o testemunho de seu próprio "pedigree" que, conforme nos diz, encontrou nos registros públicos. A razão deste interesse nas ascendências familiares é que para os judeus a pureza racial era de suma importância. Se alguém possuía mistura de sangue estrangeiro, perdia seu direito de chamar-se judeu e membro do Povo de Deus. Além disso, os sacerdotes eram obrigados a apresentar uma linha genealógica íntegra a partir do Arão; no caso de contrair casamento, a esposa devia documentar sua pureza racial pelo menos por cinco gerações. Quando Esdras ao Israel voltar do exílio reorganizou o culto a Deus, e estava pondo em funcionamento novamente o sacerdócio, privou do direito sacerdotal os filhos de Habaías, os filhos de Coz, os filhos de Barzilai, sob a acusação de impureza, porque "procuraram o seu registro nos livros genealógicos, porém o não acharam" (Esdras 2:61-62). O Sinédrio era o encarregado de conservar os registros genealógicos. Herodes o Grande sempre foi desprezado pelos judeus puro-sangue porque parte de sua ascendência era edomita. Podemos nos dar conta de que o próprio

Herodes considerava importantes as genealogias, porque ordenou que se destruíssem os registros oficiais a fim de que ninguém pudesse demonstrar que possuía uma linha de antepassados mais pura que a sua. Esta passagem poderá nos parecer pouco interessante, mas para o judeu era de suma importância que se pudesse demonstrar a descendência abraâmica de Jesus.

Além disso, deve notar-se que esta genealogia está cuidadosamente organizada. Forma três grupos de quatorze nomes cada um. Trata-se de uma lista mnemotécnica, quer dizer, organizada de maneira a ser fácil memorizá-la. Sempre devemos ter presente que os evangelhos foram escritos muitos séculos antes do primeiro livro impresso. Muito poucas pessoas podiam possuir cópias manuscritas, e a única maneira de "ter" um livro para a maioria era memorizá-lo. Os hebreus não possuíam números em seu sistema de escritura, e usavam as letras como numerais, cada uma com um valor definido (como se nós representássemos o 1 mediante A, o 2 mediante B, etc.). As consoantes da palavra "Davi" em hebreu são D W D. Em hebreu a D serve como número 4 e a W como 6; portanto D W D representa a soma de 4 mais 6 mais 4, ou seja 14. Esta genealogia tem o propósito de demonstrar que Jesus é filho do Davi; está organizada de maneira que fosse fácil memorizá-la e, deste modo, poder tê-la sempre "à mão" cada vez que fosse necessário.

AS TRÊS ETAPAS

Mateus 1:1-17 (continuação)

A organização desta genealogia é de caráter simbólico; representa certas características da totalidade da vida humana. Está dividida em três seções, que correspondem a três etapas importantes da história judia. A primeira etapa culmina com Davi. Davi foi o homem que fez de Israel uma nação e converteu os judeus em uma potência mundial. A primeira seção leva a história até o momento do maior rei dos judeus. A segunda seção vai até o exílio em Babilônia. É a etapa que registra a vergonha,

tragédia e desastre da nação hebréia. A terceira seção chega até Jesus Cristo. Jesus Cristo foi a pessoa que liberou os homens de sua escravidão e os resgatou de seu desastre, em quem a tragédia se converte em triunfo.

Estas três seções representam três etapas da história espiritual da humanidade.

(1) *O homem nasce para a grandeza.* "Deus criou ao homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou" (Gênesis 1:27). "Disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gênesis 1:26). O homem foi criado à imagem de Deus. O sonho de Deus para o homem era um sonho de grandeza. O homem foi feito para a comunhão com Deus. Foi criado de tal maneira que pudesse chegar a ser "parente" de Deus. Tal como o entendia Cícero, o pensador romano, "A única diferença entre Deus e o homem está no tempo". O homem nasceu essencialmente para ser rei.

(2) *O homem perde sua grandeza.* Em lugar de ser servo de Deus o homem se converte em escravo do pecado. Como diria G. K. Chesterton: "Seja o que for certo em relação ao homem, não pode sustentar-se que é aquilo para o qual foi criado". Usou seu livre-arbítrio para desafiar e desobedecer a Deus, em vez de usá-lo para entrar em comunhão e amizade com Ele. Converteu-se em um rebelde contra Deus, antes que em seu amigo. Fazendo uso de seu próprio arbítrio, o homem frustra o intuito e plano de Deus para sua criação.

(3) *O homem recupera sua grandeza.* Mas até então Deus não abandona o homem, nem o deixa entregue à sua própria sorte. Deus não permite que o homem seja destruído por sua própria loucura. Até nessa situação, não se permite que o final da história seja trágico. Deus enviou seu Filho ao mundo, a Jesus Cristo, para resgatar o homem do pântano do pecado, no que estava perdido, e libertá-lo das cadeias do pecado, com que ficara aprisionado, para que, através dele, o homem pudesse recuperar a comunhão com Deus que tinha perdido.

Nesta genealogia Mateus nos mostra como se obtém a grandeza majestática; a tragédia da liberdade perdida; a glória da liberdade

restaurada. E esta, na misericórdia de Deus, é a história da humanidade e de cada homem individualmente.

A REALIZAÇÃO DOS SONHOS HUMANOS

Mateus 1:1-17 (continuação)

Esta passagem sublinha duas coisas especiais a respeito de Jesus.

(1) Sublinha que era filho de Davi. Em realidade, a genealogia que encontramos no evangelho foi composta principalmente para demonstrá-lo. É um fato que o Novo Testamento afirma repetidas vezes. Pedro o faz no primeiro sermão da Igreja Cristã que se registrou (Atos 2:29-36). Paulo fala de Jesus como semente de Davi segundo a carne (Rom. 1:3). O autor das epístolas pastorais insiste com os homens a recordarem que Jesus Cristo, da semente do Davi, foi ressuscitado dentre os mortos (2 Timóteo 2:8). O autor do *Apocalipse* ouve Jesus Cristo dizer: "Eu sou a raiz e a linhagem de Davi" (Apocalipse 22:16).

No relato evangélico Jesus recebe em repetidas ocasiões o título de filho de Davi. Depois da cura do homem que fora cego e surdo, o povo exclama: "É este, porventura, o Filho de Davi?" (Mateus 12:23). A mulher de Tiro e Sidom que desejava a ajuda de Jesus para sua filha, chama-o: "Senhor, Filho do Davi!" (Mateus 15:22). Os cegos clamam a Jesus chamando-o Filho de Davi (Mateus 20:30-31). Quando Jesus entrou em Jerusalém pela última vez a multidão o aclamou de Filho de Davi (Mateus 21:9, 15).

Temos aqui algo de grande significado. É evidente que eram as multidões, o povo, os homens e mulheres comuns, os que O reconheciam como Filho de Davi. Os judeus eram um povo que esperava. Nunca tinham esquecido, nem podiam esquecer, que eram o povo eleito de Deus. Embora sua história tenha sido uma longa série de desastres, embora nesse preciso momento fossem um povo subjogado, nunca esqueceram seu destino. O sonho dos judeus era que viria ao mundo um descendente de Davi que os conduziria à glória que lhes pertencia por

direito próprio. Quer dizer, Jesus é a resposta aos sonhos dos homens. É verdade que com muita frequência os homens não o entendem assim. Vêm o cumprimento de seus sonhos na riqueza, no poder, na abundância material e na realização das ambições que entesouram. Mas se alguma vez têm que realizar os sonhos humanos de paz e beleza, de grandeza e satisfação, isso será possível somente em Jesus Cristo. Jesus Cristo e a vida que Ele oferece é a resposta aos sonhos seres humanos. Na antiga história de José há um texto que transcende a direta história. Quando José estava preso, junto com ele estavam também no cárcere o mordomo principal e o padeiro de faraó. Estes tiveram sonhos que os perturbaram. Os dois se lamentavam, dizendo: "Sonhamos, e não há quem pode interpretar nossos sonhos" (Gênesis 40:8). Porque o homem é homem, porque é filho da eternidade, vive acossado por seus sonhos: E o único caminho que conduz a sua realização é Jesus Cristo.

(2) Esta passagem enfatiza também o fato de que Jesus era o cumprimento das profecias. Nele se realiza a mensagem dos profetas. Hoje tendemos a atribuir pouca importância à profecia. Não nos interessa verdadeiramente procurar no Antigo Testamento aquelas palavras que prenunciam o que se cumpre no Novo Testamento. Mas a profecia envolve uma grande verdade eterna, ou seja, que o universo é uma ordem planejada, que um propósito e intuito divino o sustenta, que Deus deseja que ocorram certas coisas e age para que Sua vontade se cumpra.

Na peça teatral *The Black Stranger*, de Gerald Healy, há uma cena que ocorre na Irlanda, nos dias terríveis da grande fome de meados do século XIX. Ao não saber o que fazer e carecendo de qualquer outra solução, o governo contrata os desempregados para construir estradas, embora estas não fossem necessárias nem vão a lugar algum, Michael, um dos personagens, descobre esta circunstância e um dia, quando volta pra casa, diz a seu pai em uma expressão de cáustica surpresa: "Estão fazendo estradas que não levam a lugar nenhum." Se crermos na profecia jamais poderemos afirmar que isto é o que ocorre com a história. A história nunca é um caminho que não leva a lugar nenhum. É possível

que não usemos a profecia da mesma maneira como o fizeram nossos pais, mas por trás do fato da profecia está a verdade eterna de que a vida e o mundo não são caminhos sem destino, pelo contrário, se dirigem à meta proposta por Deus.

NÃO JUSTOS, E SIM PECADORES

Mateus 1:1-17 (continuação)

O mais extraordinário desta genealogia são os nomes das mulheres que aparecem nela.

Não é comum que nas genealogias judias apareçam os nomes das mulheres. A mulher não exercia direitos legais: não era considerada como uma pessoa, mas uma coisa. Era simplesmente propriedade de seu pai ou de seu marido, e estava obrigada a fazer o que eles quisessem. Na ação de graças matinal que o judeu proferia todas as manhãs, agradecia a Deus por não tê-lo feito gentio, escravo ou mulher. A simples presença de nomes femininos em uma genealogia é um fato surpreendente e extraordinário. Mas quando nos detemos a considerar quem eram estas mulheres e que coisas fizeram, sua menção se torna ainda mais surpreendente.

Raabe era uma prostituta de Jericó (Josué 2:1-7).

Rute nem sequer era judia, era moabita (Rute 1:4). A própria lei estabelece que "Não entrará amonita nem moabita na congregação do Senhor, nem até a décima geração deles; não entrarão na congregação do Senhor para sempre." (Deuteronômio 23:3). Rute pertencia a um povo estrangeiro e odiado.

Tamar seduziu deliberadamente a seu sogro Judá e cometeu adultério com ele (Gên. 38).

Bate-Seba, a mãe do Salomão, foi a mulher que Davi tomou de Urias, seu marido, valendo-se de uma imperdoável crueldade (2 Samuel 11 e 12).

Se Mateus tivesse procurado com maior afinco em todo o Antigo Testamento, não poderia ter encontrado quatro personagens mais indignos de ser antepassados de Jesus. Entretanto, há algo muito belo na menção destas mulheres. Aqui, no princípio de seu evangelho, Mateus nos mostra de maneira simbólica qual é a essência do evangelho de Deus em Jesus Cristo, ao nos dar testemunho de como as barreiras são derrubadas.

(1) *Em Jesus a barreira que separa o judeu do gentio é derrubada.* Raabe, a mulher de Jericó e Rute, a mulher de Moabe, encontram um lugar na linha direta dos antepassados de Jesus. Já figura aqui a grande verdade de que em Jesus não há judeu nem grego. Aqui, desde o começo, afirma-se o universalismo do evangelho e do amor de Deus.

(2) *Em Jesus a barreira que separa o homem da mulher é derrubada.* Em nenhuma genealogia comum apareceriam nomes de mulher, mas os encontramos na genealogia de Jesus. O antigo desprezo desapareceu: O homem e a mulher estão igualmente perto do amor de Deus e são igualmente importantes em seu plano.

(3) *Em Jesus a barreira que separa o santo do pecador é derrubada.* De algum modo Deus pode incluir em seus propósitos, e incorporar em seu plano para a História, até aquele que cometeu grandes pecados. Diz Jesus: "Porque eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento" (Mateus 9:13). Aqui, ao iniciar o evangelho, nos é dada uma insinuação da amplitude universal do amor de Deus. Deus pode encontrar servos seus em seres humanos diante dos quais o crente respeitável tremeria de horror.

A ENTRADA DO SALVADOR NO MUNDO

Mateus 1:18-25

Para nossa forma ocidental de entender os parentescos, as relações que se mencionam nesta passagem são muito confusas. Primeiro, diz-se que José está desposado com Maria; e depois encontramos que pensa

"deixá-la" em segredo (divorciar-se dela); além disso, encontramos que o chama seu "marido". Estes termos são fiéis aos costumes matrimoniais dos judeus daquela época. No casamento judeu havia três passos:

(1) Em primeiro lugar vinha o compromisso. Frequentemente se combinava quando os interessados eram apenas crianças. Em general os pais se encarregavam disto, ou um casamenteiro profissional contratado por estes. Além disso, em geral, os futuros maridos nem sequer se conheciam. Considerava-se que o casamento era um passo muito sério para ficar à vontade dos ditames do coração ou da paixão dos homens.

(2) Em segundo lugar vinha o noivado. Este era a ratificação pelos interessados da aliança que se concertou por eles. Até este ponto a mulher tinha direito de romper o contrato se não estivesse disposta a levá-lo adiante, mas quando o casal se havia desposado o compromisso se convertia em uma obrigação iniludível. O noivado durava um ano e durante este lapso o casal era conhecido como marido e mulher, embora não tinham os direitos dos maridos. A única forma de dissolver esta relação era mediante o divórcio. Na lei judia encontramos frequentemente uma frase que para nós é extremamente estranha. Se uma mulher perde, por motivo de morte, o seu prometido durante o ano do noivado, é chamada "virgem viúva". José e Maria tinham chegado a esta etapa. Estavam noivos, e se José queria pôr fim à relação a única maneira legítima de fazê-lo era pedindo um divórcio. E durante esse ano de noivado, Maria era legalmente a esposa de José.

(3) A terceira etapa era o casamento propriamente dito, que tinha lugar ao finalizar o ano de noivado.

Se tivermos em mente os costumes matrimoniais dos judeus, os parentescos e relações que figuram nesta passagem ficam perfeitamente normais e claros.

Neste momento, pois, é dito a José que Maria está grávida, que o filho tinha sido gerado pelo Espírito Santo e que devia lhe pôr o nome de Jesus. Jesus é a forma grega do nome hebreu Josué, e Josué significa *Jeová é a salvação*. Muito tempo antes o salmista tinha ouvido Deus

dizer: "É ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades" (Salmo 130:8). Foi dito a José que o menino que havia de nascer cresceria até tornar-se o Salvador que haveria de liberar o povo de Deus dos pecados deles. Jesus não era apenas o homem nascido para ser Rei como também o homem nascido para ser Salvador. Veio ao mundo não por seu próprio interesse, mas sim por todos nós, os seres humanos, para nossa salvação.

NASCIDO DO ESPÍRITO SANTO

Mateus 1:18-25 (continuação)

Esta passagem nos diz como Jesus nasce por obra do Espírito Santo. Seu tema é o que nós denominamos "o nascimento virginal". O nascimento virginal é uma doutrina que nos apresenta muitas dificuldades. No momento não nos interessa discuti-la, e sim descobrir o que significa para nós.

Se viermos a esta passagem com a mente aberta e a lermos como se a estivéssemos lendo pela primeira vez, descobriremos que não sublinha tanto o fato de que Jesus nascesse de uma mulher virgem como a circunstância muito especial de que o nascimento de Jesus foi obra do Espírito Santo. "Achou-se grávida pelo Espírito Santo." "descobriu que o filho gerado no seio da Maria provém do Espírito Santo." É como se estas orações estivessem sublinhadas e impressas com letras maiúsculas. É isto o que Mateus deseja nos comunicar nesta passagem. Nesse caso, o que significa dizer que no nascimento de Jesus o Espírito Santo agiu de um modo particular? Deixemos de lado no momento todos os aspectos duvidosos e discutíveis deste fato, e nos concentremos em sua grande verdade, tal como Mateus tinha em mente.

No pensamento judeu o Espírito Santo exercia certas funções bem definidas. Não podemos trazer para a interpretação desta passagem a plenitude da doutrina cristã do Espírito Santo, porque estas idéias seriam completamente estranhas ao pensamento de José. Devemos interpretá-lo à luz da doutrina judia do Espírito Santo, porque esta, inevitavelmente, é

a forma em que José deve ter compreendido a mensagem que recebeu, dado que era tudo o que ele conhecia.

(1) Segundo a concepção judia, *o Espírito Santo era a pessoa que trazia a verdade de Deus aos homens*. O Espírito Santo era quem comunicava aos profetas o que deviam dizer e quem dizia aos homens de Deus o que deviam fazer. Era o Espírito Santo quem, através das eras e das gerações, havia aproximado a verdade de Deus aos homens. De maneira que Jesus, segundo esta concepção, é a pessoa que traz a verdade de Deus aos homens.

Dito de outra maneira, Jesus é a pessoa que pode nos dizer como é Deus e o que Deus quer que nós sejamos. Somente em Jesus vemos como é Deus e como deveria ser o homem. Antes que viesse Jesus os homens tinham idéias muito vagas e confusas, com freqüência muito errôneas a respeito de Deus; até no melhor dos casos a única coisa que podiam fazer era adivinhar e propor idéias tentativas. Mas Jesus pôde dizer: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9). Em Jesus vemos o amor, a compaixão, a misericórdia, a vontade redentora e a pureza de Deus como em nenhum outro lugar do mundo. Com a vinda de Jesus termina a época das respostas tentativas, e entramos plenamente na era da certeza. Antes que viesse Jesus ninguém sabia em realidade o que era a bondade. Jesus é o único em quem conhecemos a verdadeira humanidade, a autêntica bondade e a verdadeira obediência à vontade de Deus. Jesus veio para nos comunicar a verdade a respeito de Deus e de nós mesmos.

(2) Os judeus creiam que o Espírito Santo não somente trazia a verdade de Deus aos homens, mas também *capacitava os homens a reconhecerem essa verdade quando a vissem*. De maneira que Jesus é quem abre os olhos dos homens à verdade. Eles estão cegados por sua própria ignorância; estão separados do reto atalho por seus próprios preconceitos; seus olhos e suas mentes são entrevadas por seus próprios pecados e paixões. Jesus pode nos abrir os olhos até que sejamos capazes de ver a verdade.

Em uma das novelas de William J. Locke encontramos o retrato de uma mulher que tem qualquer quantidade de dinheiro e que empregou a metade de sua vida em visitar os museus e galerias mais famosos de todo o mundo. Mas estava aborrecida e cansada. Nessa situação encontra a um francês que tinha muito poucas posses materiais mas um grande amor para a beleza e um amplo conhecimento de todas as expressões da arte. Este a acompanhou, e com ele tudo parecia ser diferente. "Nunca soube como eram as coisas", diz-lhe ela, "até que você me ensinou a olhá-las."

A vida é muito distinta quando Jesus nos ensina a olhá-la. Quando Jesus entra em nosso coração vemos tudo de maneira diferente, porque ele nos abre os olhos, para que possamos ver de verdade.

CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO

Mateus 1:18-25 (continuação)

(3) Os judeus *relacionavam o Espírito de Deus particularmente com a obra da criação*. Mediante seu Espírito, Deus efetuou sua obra criadora. No princípio o Espírito de Deus sobrevoava a face das águas, e o caos se converteu em cosmos (Gênesis 1:2). "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus", disse o salmista, "e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca" (Salmo 33:6). (Tanto em hebreu como em grego a palavra que significa fôlego, sopro, respiração, também significa espírito.) "Envia seu espírito, são criados..." (Salmo 104:30), "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Onipotente me deu vida" (Jó 33:4). O Espírito é o criador do mundo e o doador da vida. De maneira que, em Jesus Cristo, ingressa no mundo o poder de Deus que dá vida e cria. Com Jesus entra no mundo a própria vida e poder de Deus. Este poder, que reduziu o caos à ordem, vem para pôr ordem em nossa vida desordenada. Este poder, que infundiu vida no que carecia dela, vem para insuflar vida em nossas debilidades e frustrações. Poderíamos dizê-

lo da seguinte maneira: Não estamos verdadeiramente vivos até o momento em que Jesus entra em nossas vidas.

(4) Os judeus relacionavam ao Espírito *acima de tudo com a obra de recriação*. Ezequiel traça sua lúgubre imagem do vale dos ossos secos. Mas quando mais triste é o panorama, ouve a Deus dizer: "Porei meu espírito em vós, e vivereis" (Ezequiel 37:1-14). Os rabinos tinham uma afirmação: "Deus disse a Israel: Neste mundo meu Espírito encheu você de sabedoria, mas no mundo futuro meu Espírito fará com que você volte a viver." Quando os homens estão mortos em seu pecado e letargia, destruídas suas inteligências, almas e corações, somente o Espírito de Deus pode voltar a despertá-los para a vida. De maneira que, em Jesus, entra no mundo o poder que pode refazer e recriar a vida. Pode devolver a vida à alma que está morta no pecado. Pode reavivar os ideais que morreram. Pode voltar a fortalecer o desejo do bem que pereceu. Pode renovar e recriar a vida quando os homens perderam tudo o que a vida significa.

Neste capítulo do evangelho há muito mais que o fato de que Jesus tenha nascido de uma mãe virgem. A essência da narração do Mateus é que o Espírito de Deus age no nascimento de Jesus de uma maneira sem precedentes. É o Espírito que traz a verdade de Deus aos homens, é o Espírito que põe os homens em condições de ver essa verdade quando está diante deles, é o Espírito que pode, somente Ele, recriar a alma quando esta perdeu a vida que deveria ter. Jesus nos capacita a ver o que é Deus e o que deveria ser o homem. Jesus abre nossos olhos e mentes de tal maneira que podemos ver a verdade de Deus para nós; Jesus é o poder criador que desceu aos homens; Jesus é o poder recriador que pode liberar as almas dos homens da morte do pecado,

Mateus 2

[O lugar de nascimento do Rei - Mat. 2:1-2](#)

[A homenagem do oriente - Mat. 2:1-2 \(cont.\)](#)

[O rei intrigante - Mat. 2:3-8](#)

Presentes para Cristo - Mat. 2:9-12

A fuga para o Egito - Mat. 2:13-15

A matança dos inocentes - Mat. 2:1-18

O retorno a Nazaré - Mat. 2:19-23

O LUGAR DE NASCIMENTO DO REI

Mateus 2:1-2

Jesus nasceu em Belém. Belém era uma cidade muito pequena, a uns dez quilômetros ao sul de Jerusalém. Na antiguidade ela era chamada Efrata. A palavra *Belém* significa *Casa do Pão*. Belém estava em uma zona fértil, na qual seu nome era apreciado. Estava situada na parte mais alta de uma cadeia montanhosa de pedra calcária cinza, a setecentos e cinquenta metros sobre o nível do mar. A serra apresentava duas alturas nos extremos e no centro um terreno baixo como uma cadeira de montar. De maneira que, vista desde sua posição, Belém parecia localizada em meio de um anfiteatro montanhoso.

Belém tinha uma longa história. Foi ali onde Jacó tinha enterrado Raquel, colocando um pilar junto à tumba, como aviso (Gênesis 48:7, 35:20). Ali viveu Rute depois de haver-se casado com Boaz (Rute 2:1); desde Belém se podia ver Moabe, sua terra natal, ao outro lado do vale do Jordão. Mas sobretudo, Belém era o lugar natal e a cidade de Davi (1 Samuel 16:1, 17:12, 20:6). Quando Davi era um fugitivo nas serranias do Judá seu maior desejo era poder beber as águas do poço de Belém (2 Samuel 23:14-15). Mais tarde é-nos dito que Roboão fortificou a cidade de Belém (2 Crônicas 11:6). Mas, na história do Israel e na mente de todos os judeus Belém era sobretudo a cidade de Davi. E da estirpe do Davi Deus haveria de mandar um libertador de seu povo. Tal como o expressa o profeta Miquéias: "E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Miquéias 5:2).

Os judeus esperavam que o filho do grande Davi, maior até que seu pai, nascesse em Belém; esperavam que o ungido de Deus nascesse nessa cidade, e aconteceu tal como eles acreditavam.

A imagem do estábulo e da manjedoura como lugares do nascimento de Jesus estão desenhadas com traços indeléveis em nossas mentes; mas bem pode ser que a imagem não seja totalmente correta. Justino Mártir, um dos mais destacados Pais da Igreja, que viveu ao redor do ano 150, e que provém de uma região próxima a Belém, diz-nos que Jesus nasceu em uma cova próxima à cidade (*Justino Mártir, Diálogo com Trifo*, 78, 304); é possível que a informação de que dispunha Justino fosse autêntica. As casas de Belém estão construídas sobre a base da montanha de rocha calcária, e é muito freqüente que tenham um estábulo escavado na montanha, por debaixo da casa; Jesus pode muito bem ter nascido em um desses estábulos-caverna.

Até nossos dias pode visitar-se uma caverna onde se diz que Jesus nasceu, e ainda por cima dela se construiu a enorme Igreja Católica do Natal. Faz muito tempo que se identifica esse lugar como autenticamente o lugar do nascimento de Jesus. O imperador romano Adriano, em um intento de profanar o lugar, mandou construir em cima um templo dedicado ao deus Adonis. Quando o Império Romano adotou o cristianismo, a princípios do século IV, Constantino, o primeiro imperador cristão, fez construir uma grande igreja no mesmo lugar, e essa é a Igreja que ainda se pode visitar. H. V. Morton nos narra sua visita à Igreja do Natal, em Belém, destacando o fato de que, chegando chegar ao lugar, encontrou-se com uma enorme parede, e nessa parede havia uma porta tão pequena o que até um anão precisaria agachar-se para passar por ela. Atravessando essa porta, do outro lado da parede, estava a Igreja. Debaixo do altar principal da igreja está a cova. Quando o peregrino desce para ela, encontra-se com uma pequena caverna escura, de uns quatorze metros de comprimento e quatro de largura, iluminada por cinquenta e três lâmpadas de prata. No piso há uma

estrela, e ao seu redor a inscrição latina: "Aqui nasceu Jesus, da virgem Maria."

Quando o Senhor da Glória veio à Terra, nasceu em um lugar onde os homens alojavam animais. A cova que está na Igreja do Natal, em Belém, possivelmente seja a mesma onde Jesus nasceu, embora possa ser alguma outra. Isso é algo que nunca saberemos com certeza. Mas há um belo símbolo no fato de que a Igreja do Natal tenha uma porta tão baixa que todos os que queiram entrar nela devam agachar-se. É extremamente apropriado que todo homem que queira aproximar-se do Menino Jesus deva fazê-lo de joelhos.

A HOMENAGEM DO ORIENTE

Mateus 2:1-2 (continuação)

Quando Jesus nasceu em Belém vieram sábios do Oriente para lhe render homenagem. Habitualmente se fala desses homens como "os magos", termo muito difícil de traduzir. Heródoto (1:101, 132) sabia algo com relação a uma tribo de medos chamada "os magos". Os medos formavam parte do império persa; em um determinado momento da história tentaram derrocar aos persas e dirigir eles os destinos do império. Mas não lograram seu propósito. A partir de então os magos deixaram de ter ambições políticas e se converteram em uma tribo de sacerdotes. Foram, na Pérsia, quase exatamente o mesmo que os levitas eram em Israel. Chegaram a ser os professores e instrutores dos reis persas. Na Pérsia não podia oferecer-se sacrifício algum se um dos magos não estivesse presente. Vieram a ser homens de grande santidade e sabedoria.

Estes magos eram homens versados em filosofia, medicina e ciências naturais. Eram experientes em encantamentos e na interpretação de sonhos. Posteriormente a palavra mago adquiriu um significado de conotação pejorativa, sendo sinônimo de adivinho, bruxo e até enganador. Temos, por exemplo, Elimas, o mago (Atos 13:6, 8), e

Simão, chamado usualmente Simão, o Mago (Atos 8:9, 11). Mas em seus melhores tempos os magos não eram enganadores, mas homens de grande santidade e sabedoria que empregavam suas vidas na busca da verdade.

Naqueles dias todos acreditavam na astrologia. Acreditavam que se podia predizer o futuro interpretando os movimentos das estrelas, e que o destino de cada um estava determinado pela estrela sob a qual nascia. Não fica difícil ver como surgiu essa crença. As estrelas percorrem seus caminhos imutáveis e, nesse sentido, representam a ordem do universo. Se aparecia repentinamente uma estrela mais brilhante que as demais, se a ordem eterna dos céus era quebrada por um fenômeno especial, interpretava-se como se Deus mesmo estivesse irrompendo em sua ordem para anunciar algo.

Não sabemos qual foi a estrela brilhante que aqueles magos viram. No ano 2 A.C. foi visível o cometa Halley, um astro de brilho considerável que atravessou o céu. Por volta do ano 7 A. C. se produziu uma conjunção de Saturno e Júpiter, que por seu brilho particular pôde ter-se interpretado como a aparição de uma nova estrela. Entre os anos 5 e 2 A. C, produziu-se um fenômeno astronômico pouco comum. Durante esses anos a estrela Sírio, conhecida pelos egípcios como Messori, aparecia sobre o horizonte na hora do pôr-do-sol, e brilhava durante um momento com um resplendor espetacular. Messori significa, em egípcio, "o nascimento de um príncipe" e para aqueles astrólogos da antiguidade este fenômeno pouco comum teria significado, indubitavelmente, o nascimento de algum grande rei. Não podemos saber qual foi a estrela que os magos viram, mas parte de suas responsabilidades profissionais era observar os céus, e algum fenômeno celestial fora do comum deles ter sugerido que um rei tinha entrado no mundo.

Pode nos parecer extraordinário que aqueles homens sáíssem do oriente para lançar-se à busca de um rei. O estranho é que, na época em que Jesus nasceu, houvesse em todo mundo Mediterrâneo a estranha expectativa do advento de um rei. Os historiadores romanos nos dão

testemunho desse sentimento generalizado. Pouco tempo depois, na época do imperador Vespasiano, Suetônio pôde escrever: "Estava estabelecida e difundida em todo Oriente a antiga crença de que por aquela época seria o destino dos homens da Judéia governar o mundo" (Suetônio, *Vida de Vespasiano*, 4:5). Tácito fala da mesma crença, dizendo: "Havia a convicção de que nesta época o Oriente cresceria em poder, e que governantes de origem judia adquiririam um império universal" (Tácito, *Histórias*, 5:13). Os judeus tinham a crença de que "Por aquela época um de sua raça se tornaria o governante de todo o mundo habitado" (Josefo, *Guerras dos Judeus*, 6:5, 4). Pouco tempo depois encontramos Tiridates, rei da Armênia, que visita a Nero acompanhado por seus magos (Suetônio, *Vida de Nero*, 13:1). Em Atenas os magos ofereceram sacrifícios à memória de Platão (Sêneca, *Epístolas*, 58:31). Quase ao mesmo tempo do nascimento de Jesus, Augusto, imperador romano, era saudado como "Salvador do Mundo", e Virgílio, o poeta romano, escreve sua Quarta Égloga, conhecida como a Égloga Messiânica porque descreve a idade de ouro que está por vir.

Não há por que pensar que a história da visita dos magos ao Menino Jesus recém-nascido é somente uma bonita lenda. Trata-se de um fato que bem pôde ter acontecido naquela época. Quando Jesus Cristo veio ao mundo, os homens viviam em ansiosa expectativa. A humanidade inteira esperava a Deus. Os corações dos homens ansiavam por Deus. Tinham descoberto que sem Deus não era possível construir a Idade de Ouro. Jesus veio a um mundo expectante; e quando se produziu sua vinda, os extremos da Terra se reuniram ao redor de seu berço. Este foi o primeiro sinal e símbolo da conquista do mundo por Cristo.

O REI INTRIGANTE

Mateus 2:3-8

Chegou aos ouvidos do rei Herodes que tinham vindo magos do Oriente e que estavam procurando um recém-nascido, destinado a ser

Rei dos judeus. Qualquer rei se preocuparia ao receber a informação do nascimento de um menino que chegaria a ocupar seu trono. Mas Herodes se sentiu duplamente perturbado. Herodes era meio judeu e meio idumeo. Em suas veias corria sangue edomita. Tinha prestado bons serviços aos romanos nas guerras e conflitos internos da Palestina, e eles lhe tinham confiança. No ano 47 A.C. tinha sido nomeado governador; no ano 40 recebeu o título de rei; e teria que reinar até o ano 4 de nossa era. Era chamado Herodes o Grande, e em mais de um sentido merecia este título. Foi o único delegado romano na Palestina que conseguiu manter a paz e produzir ordem no meio da desordem que imperava quando ele assumiu o cargo. Foi, além disso, um grande construtor; entre outras obras fez a reconstrução do templo de Jerusalém. Podia ser generoso. Nos tempos difíceis atenuava os impostos para que a situação do povo se aliviasse; e quando veio a grande fome do ano 25 A.C. chegou até a fundir sua própria fonte de prata para comprar trigo e reparti-lo entre os famintos. Mas Herodes sofria de uma terrível falha em seu caráter. Sempre tinha sido exageradamente suspicaz, e à medida que envelhecia esse defeito se acentuava cada vez mais. Em seus últimos anos chegou a ser, como alguém assinalou, "um velho criminoso". Se suspeitava que alguém pretendia rivalizar com seu poder, imediatamente o mandava assassinar. Matou a sua mulher Mariamne, e a sua mãe, Alexandra; a seu filho mais velho, Antipater. Aos seus dois netos, filhos deste, Alexandre e Aristóbulo, eliminou-os com suas próprias mãos. Augusto, o imperador romano, disse amargamente, em certa oportunidade, que era mais seguro ser um porco nos chiqueiros de Herodes que filho dele. (O dito em grego é muito mais epigramático que em português, porque *hus* significa porco e *huíos* filho, e há aliteração.) Pode-se entender como era amarga, selvagem e retorcido a personalidade do Herodes pelas disposições que deixou para que se executassem depois de sua morte. Quando chegou aos setenta anos sabia que logo morreria. Retirou-se a Jericó, a mais bela de todas as suas cidades. Deu ordens para que se encarcerasse a um grupo de cidadãos mais destacados de

Jerusalém, sob pretexto de acusações falsas. E ordenou que quando ele morresse todos fossem executados. Dizia com amargura que quando ele morresse ninguém faria luto por ele, e que deste modo pelo menos se derramariam lágrimas em Israel.

Não é difícil imaginar como se haverá sentido um homem desta índole quando lhe chegou a notícia do nascimento de um menino destinado a ser rei. Herodes se perturbou, e toda Jerusalém se perturbou com ele, porque bem sabiam todos os habitantes de Jerusalém que tipo de medidas era capaz de tomar seu rei para chegar até o fundo dessa história e eliminar o menino. Jerusalém conhecia Herodes, e tremeu de medo enquanto esperava sua inevitável reação.

Herodes convocou os principais sacerdotes e os escribas. Os escribas eram os doutores na Lei e nas outras escrituras. Os principais sacerdotes eram um grupo intimamente relacionado de pessoas. Em primeiro lugar estavam os que tinham sido literalmente sumos sacerdotes, e se tinham retirado de seu ofício; o sumo sacerdote estava confinado a um número muito reduzido de famílias. Eram a aristocracia sacerdotal judaica, e os membros dessas famílias seletas também recebiam o nome de "sumos sacerdotes" ou "príncipes dos sacerdotes". De modo que Herodes convocou a aristocracia religiosa e os eruditos teológicos de sua época, e lhes perguntou onde, segundo as Escrituras, devia nascer o Ungido de Deus. Citaram-lhe o texto do Miquéias 5:2. Herodes mandou chamar os magos e os enviou para buscarem diligentemente o recém-nascido. Disse-lhes que ele também desejava ir e adorar o Menino. Seu único desejo, entretanto, era assassinar aquele que lhe podia tomar o trono.

Acaba de nascer Jesus e já vemos os três agrupamentos em que os homens sempre se posicionaram em face de Jesus. Consideremos quais são estas três formas de reagir.

(1) Temos primeiro a reação de Herodes: *Ódio e hostilidade*. Herodes tinha medo de que esse garotinho interferisse em sua vida, sua posição, seu poder, sua influência. Portanto, sua primeira reação

instintiva foi eliminá-lo. Ainda há os que estariam muito contentes se pudessem destruir a Jesus Cristo, porque nEle vêem Aquele que interfere em suas vidas. Querem fazer sua própria vontade, e Jesus não o permite; por isso gostariam de matá-lo. O homem cujo único desejo é fazer o que deseja nunca estará disposto a receber a Jesus Cristo. O cristão é alguém que deixou que fazer sua própria vontade, e que dedicou sua vida a fazer o que Jesus deseja dele.

(2) Temos a reação dos principais sacerdotes e escribas: *Uma total indiferença*. Eles não se interessaram pelo assunto. Estavam tão ensimesmados em suas disputas sobre o ritual do Templo e suas discussões legais jurídicas que simplesmente desconhecaram a Jesus. Ele não significou nada para eles.

Ainda há quem está tão ocupados em seus próprios assuntos que Jesus Cristo não lhes diz nada. Ainda pode propor a aguda pergunta dos profetas: "Não vos comove isto, a todos vós que passais pelo caminho?" (Lamentações 1:12).

(3) E temos a reação dos três magos, que pode resumir-se em duas palavras: Reverência e adoração. Desejam pôr aos pés de Jesus os presentes mais nobres que puderam trazer. Sem lugar a dúvida, quando qualquer ser humano toma consciência do amor de Deus em Jesus Cristo, não pode menos que sentir-se arrebatado pela maravilha, a resposta amante e o louvor.

PRESENTES PARA CRISTO

Mateus 2:9-12

Finalmente os magos do oriente encontraram o caminho de Belém. Não devemos pensar que a estrela se foi movendo no céu literalmente, como um sinal indicador. Nesta passagem há muita poesia, e não devemos transformar a poesia em prosa crua e desprovida de vida. Mas a estrela brilhava sobre Belém. Há uma bonita lenda que relata como a estrela, depois de ter completado sua missão de guia, caiu no poço de

Belém e ainda está ali, onde pode ser vista às vezes por aqueles cujos corações são puros.

Construíram-se muitas lendas em torno dos três "reis magos". Na antiguidade uma tradição oriental sustentava que eram doze. Mas na atualidade em quase todo mundo se acredita que eram três. O Novo Testamento não diz quantos eram, mas o triplo presente que apresentam a Jesus sugere a possibilidade de que sejam três os que trazem os presentes. Uma lenda ulterior os fez reis. Outra, posterior até, deu-lhes nomes: Melquior, Gaspar e Baltasar. Elaborações posteriores se dedicaram a descrever a aparência pessoal destes três personagens, e determinaram quem havia trazido cada um dos presentes. Melquior era um ancião, de cabelo cinza e barba longa, e foi o que trouxe o ouro. Gaspar era jovem e sem barba, de gesto altivo. Seu dom foi o incenso. Baltasar era negro, e foi quem trouxe o dom da mirra.

Desde os tempos mais antigos os homens interpretaram de distintas maneiras a natureza dos presentes que os reis magos trouxeram para Jesus. Estas interpretações atribuem a cada um dos presentes alguma característica que se adapta ao tipo de pessoa que era Jesus e à obra que realizaria.

(1) *O ouro é um presente de reis.* Sêneca nos diz que em Partia havia o costume de que ninguém podia aproximar-se da presença do rei sem levar um presente. E o ouro, o rei dos metais, é um presente apropriado para um rei dos homens. De maneira que Jesus foi alguém "nascido para ser Rei", mas deveria reinar não pela força mas pelo amor, e não sentado em um trono mas sobre a cruz. Fazemos bem em recordar que Jesus Cristo é Rei. Nunca podemos nos encontrar com Jesus em um plano de igualdade. Sempre devemos ir a ele em completa submissão e entrega. Nelson, o grande almirante inglês, sempre tratou a seus vencidos com grande bondade e cortesia depois de uma de suas vitórias navais, o almirante inimigo foi levado a nave insígnia e conduzido à presença de Nelson na proa do navio. Conhecendo o cavalheirismo de Nelson, e esperando tirar proveito disso, avançou para seu vencedor com a mão

estendida, como se fosse estreitá-la com um igual. Mas o braço do Nelson não se moveu de seu lado. "A espada primeiro; a mão depois", disse-lhe. Antes de ser amigos de Cristo devemos nos submeter a Ele.

(2) *O incenso é um presente de sacerdotes.* O doce perfume do incenso se usava no culto do Templo e nos sacrifícios rituais que se realizavam ali. A função do sacerdote é abrir aos homens o caminho para Deus. A palavra latina que significa "sacerdote" é *pontifex*, que significa "construtor de pontes". O sacerdote é o homem que tende uma ponte entre Deus e os homens. Isso foi o que Jesus fez. Abriu o caminho para a presença de Deus; tornou possível aos homens entrarem na própria presença de Deus.

(3) A mirra é um presente para alguém que vai morrer. A mirra se usava para embalsamar o corpo dos mortos. Jesus veio ao mundo para morrer.

Holman Hunt fez um quadro de Jesus que é muito famoso. O quadro O apresenta na porta da oficina de carpintaria, em Nazaré. Ainda é um menino. O sol do entardecer brilha sobre a porta e o moço saiu um momento para estirar as pernas, com cãibras pela posição de trabalho sobre o banco de carpinteiro. Abre os braços para receber melhor o ar fresco do crepúsculo, e o sol projeta sua sombra sobre a parede, é a sombra de uma cruz. Em um segundo plano está Maria, que ao ver essa cruz estremece: seu rosto manifesta o temor da tragédia que se aproxima. Jesus veio ao mundo para viver pelos homens e, ao terminar sua missão, morrer por eles. Veio para dar pelos homens sua vida e sua morte.

Ouro para um rei, incenso para um sacerdote, mirra para quem vai morrer. Estes foram os presentes dos sábios orientais: até no berço de Jesus anteciparam que teria que ser o autêntico Rei, o perfeito Sumo Sacerdote e, finalmente, o supremo Salvador dos homens.

A FUGA PARA O EGITO**Mateus 2:13-15**

Na antiguidade não se duvidava de que Deus enviasse mensagens aos homens mediante sonhos. José foi advertido em um sonho de que escapasse ao Egito para evitar os propósitos criminais de Herodes. A fuga ao Egito foi um fato muito natural. Muito freqüentemente, nos séculos turbulentos que precederam à vinda de Jesus, quando os judeus enfrentavam algum perigo, tirania ou perseguição que tornava a vida deles impossível, exilavam-se no Egito. O resultado foi que quase cada cidade egípcia tinha sua colônia de judeus. Na cidade da Alexandria, sobretudo, havia mais de um milhão de judeus; vários bairros da cidade eram habitados quase exclusivamente por membros desta nação. José, em sua hora de perigo, fez o que muitos outros seus concidadãos tinham feito antes, e quando ele e Maria chegassem ao Egito não se encontrariam totalmente entre estrangeiros, porque em qualquer cidade ou povo onde decidissem ficar, haveria judeus que, como eles, tinham procurado refúgio no Egito.

É interessante que posteriormente os inimigos do cristianismo e de Jesus utilizaram sua estada no Egito como um pretexto para desprezá-lo. Egito era considerado tradicionalmente uma terra de magia, bruxaria e encantamentos. O *Talmud* diz: "Desceram ao mundo dez medidas de bruxaria, nove corresponderam ao Egito e o resto se repartiu pelo mundo." Os inimigos de Jesus afirmavam que no Egito, durante seu exílio, o Mestre aprendeu algumas ardis de magia" e bruxaria, que posteriormente lhe serviram para simular seus "milagres" e enganar aos homens. Quando o filósofo pagão Celso dirigiu seus ataques contra o cristianismo, no século III (ataque que Orígenes enfrentou e rechaçou definitivamente) disse que Jesus nasceu ilegítimamente, que esteve empregado no Egito a serviço de algum mago, e que ao retornar a Palestina utilizou os conhecimentos adquiridos para enganar a seus concidadãos e proclamar-se Deus (Orígenes, *Contra Celsum*, 1:38). Um

certo rabino, Eliézer Ben Hircano, disse que Jesus tinha as fórmulas mágicas que necessitava para fazer milagres tatuados no corpo, para não esquecer-los. Tais são algumas das calúnias que mente torcidas relacionaram com a fuga ao Egito. Mas são evidentemente falsas, porque quando Jesus foi levado ao Egito era um recém-nascido, e quando retornou ainda era menino.

Duas das lendas mais belas do Novo Testamento estão relacionadas com a fuga ao Egito. A primeira é a lenda do ladrão penitente. A lenda diz que o ladrão penitente se chamava Dimas, e que tinha conhecido Jesus pela primeira vez no Calvário quando ambos pendiam de suas respectivas cruzes. O relato sustenta que quando José e Maria se dirigiam ao Egito foram assaltados por ladrões, e um dos cabeças do bando quis matá-los para ficar com as poucas coisas que levavam. Mas houve algo no menino Jesus que comoveu o coração do Dimas, que era um dos ladrões. Negou-se a que se fizesse mal algum a Jesus e seus pais. Olhou o menino e lhe disse: "Menino bendito mais que nenhum entre os meninos, se alguma vez chegasse o momento em que você possa ter misericórdia por mim, lembre-se deste momento e não me esqueça." Jesus e Dimas voltaram a encontrar-se, no Calvário, e Dimas, a ponto de morrer justicado, encontrou misericórdia e perdão para sua alma, no Senhor Jesus.

A outra lenda é uma narração infantil, mas muito bonita. Quando José, Maria e Jesus se dirigiam ao Egito, diz a lenda, chegou o momento de pôr-do-sol, e estavam muito cansados, e procuraram refúgio para passar a noite em uma caverna. Fazia frio, tanto frio que o chão se cobriu de geada esbranquiçada. Uma pequena aranha viu o menino Jesus e quis fazer algo para ajudá-lo a manter-se quente. Depois de muito pensar decidiu que a única coisa que podia fazer era tecer uma tela bem ampla sobre a entrada da cova, para servir de cortina. Pelo mesmo atalho apareceram depois de um momento os soldados de Herodes, que procuravam meninos para matar e executar de acordo com de seu soberano. Quando chegaram à entrada da cova estavam a ponto de entrar

para ver se alguém tinha procurado refúgio nela. Mas o capitão advertiu que a entrada estava coberta por um tecido de aranha, e que esta, por sua vez, estava branca de geada. "Olhem", disse, há um tecido de aranha intacto. Ninguém pode ter entrado aqui, porque se o fizesse, teria esmigalhado o tecido." De maneira que os soldados passaram adiante, e depois de procurar muito momento em outros lugares voltaram para Jerusalém.

A sagrada família pôde dormir em paz, porque uma pequena aranha tinha tecido seu manto para proteger a Jesus do frio. É por isso, conforme dizem, que até nossos dias cobrimos as árvores de Natal com fios prateados que simulam o tecido de aranha coberta de geada. É uma história muito bonita que contém uma grande verdade: Os dons feitos a Jesus nunca são esquecidos.

As últimas palavras desta passagem apresentam um costume característico de Mateus. Vê na fuga ao Egito o cumprimento de certas palavras do profeta Oséias. Mateus as reproduz como: "Do Egito chamei a meu filho." A citação é de Oséias 11:1, que diz: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho." Pode ver-se imediatamente que esta citação não tem nada que ver com Jesus nem com a fuga ao Egito. Não é mais que uma forma de asseverar que Deus tinha libertado o povo de Israel de sua escravidão no Egito. Veremos em repetidas ocasiões que esta é uma forma de usar o Antigo Testamento característica de Mateus. Está disposto a usar como profecia a respeito de Jesus qualquer texto do Antigo Testamento que possa adequar-se verbalmente a tal propósito, mesmo que originalmente não tenha tido nada que ver com o assunto em referência. Mateus sabia que a única maneira de convencer os judeus de que Jesus era o autêntico Ungido de Deus era demonstrando que cumpria em sua pessoa as profecias do Antigo Testamento. Em seu afã por obter seu objetivo, encontrava profecias no Antigo Testamento até em lugares onde originalmente não havia profecia alguma. Quando lemos passagens como esta devemos lembrar que, mesmo que sejam para nós pouco convincentes e estranhas,

eram de supremo interesse para os judeus, aqueles a quem Mateus dirigiu o seu evangelho.

A MATANÇA DOS INOCENTES

Mateus 2:16-18

Já vimos que Herodes era um mestre consumado na arte do assassinato. Assim que subiu ao trono aniquilou o Sinédrio, a corte suprema dos judeus. Posteriormente mandou matar a trezentos juízes das cortes, em um ímpeto inexplicável. Mais tarde matou a sua esposa Mariame, a sua mãe, Alexandra, a seu filho mais velho, Antipater, e a dois filhos deste, Alexandre e Aristóbulo. Fazia acertos para que na hora de sua própria morte fosse executado um grupo seleta dos cidadãos mais notáveis de Jerusalém. Era de esperar-se que Herodes não aceitasse tranqüilamente a notícia de que tinha nascido um menino que estava destinado a ser Rei. Vimos como averiguou cuidadosamente quando os magos tinham visto a estrela. Nesse momento já estava calculando qual era a idade dos meninos que devia mandar assassinar. Agora o vemos pôr em prática seus planos criminais, com uma rapidez selvagem, animal. Ordenou a matança de todos os meninos de dois anos para baixo em Belém e sua zona circundante.

Há duas coisas que devem destacar-se. Belém não era uma cidade muito grande, e o número de meninos abaixo dos dois anos não pôde ter sido maior de vinte ou trinta. Não devemos pensar que foram centenas. É obvio, não queremos dizer que o crime de Herodes haja sido menos terrível por ser somente vinte ou trinta meninos que ele assassinou, mas é importante fazermos uma imagem correta.

Em segundo lugar, alguns críticos sustentam que este assassinato não pôde ter acontecido, porque não é mencionado em nenhum outro lugar, exceto nesta passagem do Novo Testamento. O historiador judeu Josefo, por exemplo, não o menciona. Pode responder-se de duas maneiras. Em primeiro lugar, tal como acabamos de dizer, Belém era

uma cidade muito pequena, e em uma região onde este tipo de atrocidades era moeda corrente, o assassinato de vinte ou trinta meninos provavelmente não tenha sido considerado um fato grave. Não deve ter significado muito, exceto para as mães dos meninos. Em segundo lugar, encontramos um interessante paralelo histórico nas crônicas escocesas. Carr faz notar que Macaulay, em sua monumental obra de história britânica, assinala que Evelyn, um cronista meticoloso e extremamente abundante dos acontecimentos contemporâneos a sua vida, nunca menciona a massacre de Glencoe. O fato de que um acontecimento histórico não seja mencionado, até naqueles lugares onde esperaríamos que fosse mencionasse, não é uma prova suficiente de que não tenha ocorrido. O fato é tão típico de Herodes, que não temos razões para duvidar da verdade que Mateus está transmitindo. Estamos ante um terrível exemplo do que são capazes de fazer os homens para livrar-se de Jesus. Se alguém teima em seguir seu próprio caminho, se vir no Cristo alguém que pode interferir em suas ambições e reprovar sua forma de proceder, seu único desejo será livrar-se dele. Em conseqüência se verá arrastado a fazer as coisas mais terríveis, e se não destroçar os corpos dos homens, quebrantará seus corações.

Aqui também, no final da passagem, vemos a maneira característica de Mateus de usar o Antigo Testamento. Cita Jeremias 31:15: “Assim diz o SENHOR: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável por causa deles, porque já não existem.” O versículo de Jeremias não tem nada a ver com a matança dos inocentes por Herodes. Jeremias tem em mente uma situação muito distinta. Vê profeticamente como o povo de Jerusalém é levado ao exílio. Em sua triste viagem para o estrangeiro, passam pela cidade de Ramá, que era o lugar onde Raquel estava enterrada (1 Samuel 10:2); e Jeremias imagina Raquel chorando, desde sua tumba, pelo destino que tinha castigado a seu povo. Mateus recolhe esta passagem e faz algo que já o vimos fazer anteriormente. Em seu desejo de encontrar profecias, descobre-as até onde não estão. Devemos

lembrar que este procedimento, que pode parecer estranho, não o era para aqueles a quem Mateus dirigia seu evangelho.

O RETORNO A NAZARÉ

Mateus 2:19-23

No seu devido tempo Herodes morreu; seu reino, então, foi dividido. Os romanos tinham confiança em Herodes, e tinham permitido que ele reinasse sobre um território bastante extenso. Mas ele sabia que a nenhum de seus filhos lhe seria confiada uma medida tão abundante de poder. De modo que em seu testamento dividiu o reino em três porções, e legou cada uma destas a três de seus filhos. Judéia seria de Arquelau; Galiléia de Herodes Antipas; e a região norte e a Transjordânia de Felipe. Mas a morte do Herodes não resolveu o problema. Arquelau não foi bom rei e durou pouco em seu trono. Iniciou seu governo tratando de ser ainda mais sanguinário que seu pai; um de seus primeiros decretos decidiu a execução de três mil cidadãos destacados da Judéia. Evidentemente, até morto Herodes, com o selvagem e descontrolado Arquelau no trono não era seguro retornar a Judéia. De modo que José recebe o conselho de ir a Galiléia, onde reinava Herodes Antipas, um soberano muito mais prudente.

José se estabeleceu em Nazaré, e nessa localidade Jesus se criou. Não se deve pensar que Nazaré fosse um povo perdido, distante de tudo o que acontecia no mundo. Estava convocada em um vale das serras da Galiléia, e um jovem só precisava subir às alturas para ver, para o Oeste, as águas azuis do Mediterrâneo, envoltas na bruma da distância, sulcadas pelas naves que viajavam a todos os extremos da Terra. Fazendo descer o olhar, a seus pés, atravessando a planície costeira, tinha um dos caminhos mais importantes da antiguidade. Era o caminho que ia de Damasco ao Egito, a via de acesso à África por terra firme. Era uma das rotas de caravanas mais importantes do mundo. Era o lugar onde José tinha sido vendido a uns traficantes, vários séculos antes. Era o caminho

que Alexandre Magno e suas legiões tinham seguido, três séculos atrás. Era o caminho por onde partiriam os exércitos do Napoleão, vários séculos depois. Até no século XX, foi a rota escolhida por Allenby. Às vezes denominada o Caminho do Sul e outras vezes a Rota do Mar. Transitando-a, Jesus podia ver toda classe de viajantes, de todas as nações do mundo conhecido, indo e vindo todo o tempo. Mas havia outro caminho, que abandonava a Rota do Mar em Acra ou Ptolomea para dirigir-se para o Este. Era chamado a Rota do Este. Chegava até os limites orientais do Império Romano. Sobre este caminho também transitavam continuamente as caravanas carregadas de sedas e especiarias, e as legiões romanas, em direção contrária, para as fronteiras. Nazaré não era um povo perdido. Jesus foi criado em um lugar por onde continuamente transitava o mundo. Desde sua infância deve ter sido confrontado por cenas que lhe revelavam a multiforme magnitude do universo criado por Deus e destinado a ser seu mundo.

Já vimos como Mateus relaciona cada acontecimento da vida de Jesus (pelo menos no princípio) com alguma passagem do Antigo Testamento que ele considera uma profecia. Aqui Mateus cita o seguinte: "Ele será chamado Nazareno." Com isso ele nos cria um problema insolúvel, porque não há tal texto em todo o Antigo Testamento. Nazaré não se menciona em todo o Antigo Testamento. Ninguém resolveu satisfatoriamente o problema de qual é a parte do Antigo Testamento que Mateus tinha em mente. Os escritores antigos recorriam freqüentemente a jogos de palavras. Sugeriu-se que aqui Mateus está brincando com as palavras do Isaías 11:1, onde diz: "Sairá uma vara do tronco de Isai, e uma vergôntea brotará de novo de suas raízes." A palavra hebréia que significa "vara" é *nezer*, que é muito semelhante a "nazareno". Deste modo Mateus estaria dizendo, ao mesmo tempo, que Jesus é da cidade do Nazaré e que é o *nezer*, a vara prometida do tronco de Isai, ou seja um descendente do Davi, o prometido Rei Ungido de Deus. Mas isto não é mais que uma conjetura; qual foi a profecia que Mateus teve em mente continuará sendo um mistério De maneira que já temos o cenário

preparado. Mateus trouxe Jesus até Nazaré, que é, em um sentido muito real, uma das portas do mundo.

Mateus 3

Os anos intermediários

O aparecimento de João Batista - Mat. 3:1-6

A mensagem de João: A ameaça - Mat. 3:7-12

A mensagem de João: A promessa - Mat. 3:7-12 (cont.)

A mensagem de João: A promessa e a ameaça - Mat. 3:7-12 (cont.)

A mensagem de João: A demanda - Mat. 3:7-12 (cont.)

A mensagem de João: A demanda - Mat. 3:7-12 (cont. 2)

Jesus e seu batismo - Mat. 3:13-17

O tempo de prova

OS ANOS INTERMEDIÁRIOS

Antes de passar ao terceiro capítulo do Mateus, há um assunto que nos convém examinar. O segundo capítulo do Mateus conclui quando Jesus é ainda um menino. O terceiro capítulo se abre quando Jesus já é um homem de trinta anos (cf. Lucas 3:23). Quer dizer, entre os dois capítulos há um parêntese de trinta anos silenciosos. A que se deve isto? O que ocorreu durante esses trinta anos? Jesus veio para ser o Salvador do mundo e durante trinta anos nunca viajou muito mais longe que as últimas casas do povo em que vivia, na Palestina, exceto para a Páscoa, quando seus pais o levavam a Jerusalém. Morreu quando tinha trinta e três anos, e desses trinta e três anos trinta os passou ignorado em Nazaré. Para dizer o de outra maneira, dez onzeavos da vida de Jesus transcorreram no Nazaré. O que ocorreu durante esse tempo?

(1) Jesus cresceu, até chegar a sua idade adulta, em um bom lar; não pode haver melhor começo para uma vida útil. J. S. Blackie, o famoso mestre de Edimburgo, disse em certa oportunidade, publicamente: "Quero dar graças a Deus pelas boas ações, por assim dizer, que herdei de meus pais para me iniciar no negócio da vida." George Herbert disse em certa oportunidade: "Uma boa mãe vale como cem bons professores."

De maneira que Jesus passou esses anos silenciosos, mas modeladores, no círculo de um lar modelo.

(2) Jesus cumpria os deveres de um primogênito. É muito provável que José tenha morrido antes que seus filhos crescessem. Possivelmente tenha sido bem mais velho que Maria quando se casaram. Na história da festa de bodas em Caná da Galiléia José não é mencionado, embora Maria estivesse presente. É razoável pensar que José tinha morrido. De modo que Jesus deve haver-se convertido no carpinteiro do povo, em Nazaré, para sustentar a sua mãe e a seus irmãos mais novos. O mundo o estava chamando, e entretanto, acima de tudo cumpriu suas obrigações para com sua mãe, seus irmãos e seu lar. Quando morreu a mãe do Sir James Barrie este escreveu: "Olho ao passado, e não posso ver nem o menor cabo que tenha ficado sem atar." Esta é uma razão de profunda felicidade. O mundo está construído sobre a contribuição daqueles que aceitam sem vacilação nem egoísmo os deveres mais singelos.

Um dos mais destacados exemplos desta atitude é o grande investigador médico Sir James Simpson, descobridor do clorofórmio. Provinha de um lar humilde. Um dia sua mãe o sentou sobre seus joelhos e se pôs a remendar suas meias. Quando terminou, contemplou a tarefa que acabava de realizar com mão perita e disse: "Meu Jaime, quando sua mãe morrer, nunca esqueça de que ela era uma grande costureira." Jaime era o gênio da família, e todos sabiam. Esperavam grandes coisas dele. Seu irmão Sandy disse: "Eu sentia que algum dia ele chegaria a ser um grande homem." Por esse pressentimento, sem ciúmes e de boa disposição, seus irmãos trabalharam em uma padaria e em outros empregos para que Jaime pudesse ir à universidade e ter uma oportunidade de destacar-se. Não teria chegado a haver um Sir James Simpson se não fosse por essa família disposta a cumprir com amor as tarefas mais cotidianas, para que o irmão brilhante pudesse pôr a serviço do mundo sua capacidade incomum. Jesus é o grande exemplo de todos os que aceitam cumprir com devoção as tarefas mais singelas do lar.

(3) Jesus estava aprendendo o que significa ser operário. Estava aprendendo a ganhar a vida, a economizar para comprar roupa e mantimentos, e às vezes, possivelmente, poder pagar para si algum prazer incomum; estava aprendendo a atender uma clientela nem sempre fácil de satisfazer e nem sempre pontual no pagamento de suas dívidas. Se Jesus algum dia quisesse ajudar aos homens, devia conhecer como era a vida dos homens. Não veio para viver uma existência protegida e fácil: veio para viver como qualquer homem comum. Devia fazê-lo, para poder chegar alguma vez a compreender o homem comum.

Há uma famosa anedota sobre Maria Antonieta, a rainha da França, na época em que se preparava na França o que seria a tormenta da Revolução. O povo morria de fome e constantemente se produziam rebeliões. A rainha perguntou qual era a causa de todos os problemas e lhe disseram que não tinham pão. "Se não tiverem pão", respondeu Maria Antonieta, "que comam bolos." A idéia de uma vida sem abundância não entrava em seu panorama. Não podia compreender.

Jesus trabalhou em Nazaré durante todos seus anos de silêncio para saber como era a vida, e assim, compreendendo, poder ajudar.

(4) Jesus estava cumprindo fielmente as suas responsabilidades menores antes de receber a sua grande responsabilidade. Podemos imaginar que se não tivesse completado suas responsabilidades menores provavelmente nunca lhe seria confiado a responsabilidade maior de ser Salvador do mundo. Foi fiel no pouco para poder receber o muito. Nunca se deve esquecer que no cumprimento cotidiano de nossas tarefas mais singelas é como construímos uma vida de grandeza ou arruinamos nossas possibilidades, como ganhamos ou perdemos a coroa.

O APARECIMENTO DE JOÃO BATISTA

Mateus 3:1-6

O aparecimento de João foi como o ressoar repentino da voz de Deus. Naquela época os judeus eram dolorosamente conscientes de que

os profetas já não falavam. Dizia-se que durante quatrocentos anos não tinha havido profeta algum. Ao longo de vários séculos a voz da profecia se manteve calada. Tal como eles mesmos diziam: "Não havia voz, nem quem respondesse." Mas em João voltou a fazer-se ouvir a voz profética.

Quais eram as características de João e sua mensagem?

(1) Denunciava intrepidamente o mal em qualquer lugar que o encontrasse. Se o rei Herodes pecava, contraindo um casamento ilegal e pecaminoso, João o reprovava. Se os saduceus e os fariseus, dirigentes da ortodoxia religiosa daquela época, estavam afundados em um formalismo ritualista, João não duvidava em dizer-lhe diretamente. Se as pessoas comuns viviam afastados de Deus, João o jogava na cara. Em qualquer lugar que João visse o mal no Estado, na Igreja, na multidão intrepidamente, ele o denunciava. Era como uma luz acesa em algum lugar escuro: era como um vento de Deus que varria todo o país.

Conta-se de um famoso jornalista que, apesar de ser famoso, nunca cumpriu a fundo os deveres de sua profissão, diz-se que provavelmente nada conseguia perturbá-lo. Ainda há lugar, na mensagem cristã, para a advertência e a denúncia. "A verdade", disse Diógenes, "é como a luz nos olhos irritados." E acrescenta: "Quem nunca ofendeu a ninguém jamais fez bem a ninguém." Possivelmente tenha havido momentos em que a Igreja foi muito cuidadosa e procurou não ofender. Há ocasiões em que já não há lugar para a suave amabilidade e chega o momento da acerba recriminação.

(2) Convocava os homens à justiça, e o fazia com um profundo sentimento de urgência. A mensagem do João não era uma mera denúncia negativa. Era uma apresentação positiva das exigências morais de Deus. Não somente denunciava a conduta dos homens, pelo que tinham feito, mas sim os convocava a fazer o que deviam fazer. Não somente os condenava pelo que eram, mas sim os desafiava a ser o que deviam ser. Era como uma voz que chamava os homens às coisas mais elevadas. Não se limitava à condenação do mal, mas sim punha diante dos homens o bem. É possível que a Igreja tenha passado por momentos

nos quais ficou preocupada principalmente em dizer aos homens quais eram as coisas que não deviam fazer, descuidando sua missão de colocar ante eles os mais altos ideais cristãos.

(3) João vinha de Deus. Sua procedência era o deserto. Achevou-se aos homens só depois de ter passado anos de preparação sob a orientação de Deus. Tal como disse Alexander Maclaren: "João saltou na arena, por assim dizer, plenamente desenvolvido e com a armadura completa." Veio com uma mensagem de parte de Deus e não com uma opinião pessoal dela. Antes de falar com os homens tinha passado muito tempo em companhia de Deus. O pregador, o docente que fala com voz profética, sempre é aquele que vem à presença dos homens, vindo da presença de Deus.

(4) João apontava para além de si mesmo. Não somente era uma luz que iluminava o mal, uma voz que reprovava o pecado, mas além disso, um sinal indicador do caminho para Deus. Não desejava que os homens se fixassem nele, seu objetivo era prepará-los para Aquele que havia de vir. Uma das crenças judias da época era que Elias voltaria antes da vinda do Messias, e que seria o arauto do Rei que viria. "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR" (Malaquias 4:5). João usava um vestido de pele de camelo e se cingia com um cinturão de couro. Este traje reproduz exatamente o que se descreve como a roupa de Elias em 2 Reis 1:8. Mateus o relaciona com uma profecia de Isaías (Isaías 40:3).

Na antiguidade, no oriente, os caminhos eram muito ruins. Há um antigo provérbio que diz: "Há três estados miseráveis: estar doente, passar fome e viajar." Antes que um viajante empreendesse seu caminho recebia a recomendação de "pagar todas suas dívidas, fazer provisão para os que dependiam dele, oferecer presentes a seus amigos e parentes no momento da partida, devolver tudo o que tivesse recebido em custódia, levar consigo dinheiro e a melhor disposição para viajar e despedir-se de todos". Os caminhos mais freqüentados não eram mais que rastros. Não eram caminhos consolidados, porque a terra na Palestina é dura o

suficiente para suportar o trânsito de burros e mulas, bois e carretas. Qualquer viagem por um daqueles caminhos era uma aventura e certamente uma circunstância que na medida do possível devia evitar-se. Havia uns poucos caminhos pavimentados, feitos pelo homem. Josefo, por exemplo, diz-nos que Salomão mandou construir uma vereda de basalto preto em todos os caminhos que levavam a Jerusalém, para que a viagem fosse menos penosa aos peregrinos, e "para manifestar a grandeza de suas riquezas e governo".

Todos estes caminhos pavimentados, feitos pelo homem, eram construídos por ordem do rei e para uso do rei, e por isso eram chamados de "caminhos reais". A reparação só era feita quando o rei precisava fazer uma viagem por eles. Antes que chegar, o rei enviava uma mensagem aos habitantes para que preparassem o caminho para o rei.

João estava preparando o caminho para o rei. O pregador e o docente de voz profética não se destaca a si mesmo, mas a Deus. Seu objetivo não é fazer com que seus semelhantes se dêem conta de quão inteligente ele é, mas sim percebam a majestade de Deus. O verdadeiro pregador é o que fica obliterado pela mensagem.

Os homens reconheceram João como um profeta, embora durante muitos anos não se escutou voz profética alguma, porque era uma luz que iluminava as trevas dos homens e punha de manifesto suas más ações, uma voz que convocava os homens à justiça, um sinal que dirigia a atenção dos homens para Deus, e porque descansava sobre ele essa autoridade incontestável que possuem aqueles que vêm falar aos homens vindos da presença de Deus.

A MENSAGEM DE JOÃO: A AMEAÇA

Mateus 3:7-12

Na mensagem de João há, ao mesmo tempo, uma ameaça e uma promessa. Toda esta passagem está cheia de imagens muito vívidas.

João chama os fariseus e saduceus "geração de víboras", e lhes pergunta quem os aconselhou a fugirem da ira vindoura. Aqui entram em jogo uma de duas imagens. João conhecia o deserto. Em alguns lugares, no deserto, há matas muito secas de pasto, e arbustos espinhosos miúdos, quebradiços pela falta de umidade. Às vezes se produzem incêndios. Quando isto ocorre o fogo arrasa o pasto e os arbustos como um rio de fogo, porque estão tão secos como isca. Sobre o fronte do incêndio fogem os escorpiões, as serpentes e todas as outras animálias que encontravam refúgio no monte. São expulsos de suas tocas pelas chamas, e escapam para salvar suas vidas. Mas possivelmente haja outra imagem. Em todo campo semeado há uma boa quantidade de pequenos animais: ratos de campo, coelhos, lebres, galináceos. Quando se faz a colheita toda esta fauna deve fugir, porque seus ninhos e covas ficam a descoberto e não têm onde refugiar-se. João concebe sua tarefa nos termos destas imagens. Se os fariseus e os saduceus vêm para receber o batismo, são como as animálias que fogem para salvar sua vida quando se produz um incêndio no monte ou aparece o segador com sua foice.

E os adverte que não adiantará nada protestarem sua ascendência abraâmica. Para o judeu ortodoxo esta era uma afirmação incrível. Para ele Abraão era único. Tão único era no favor que tinha merecido de Deus por sua bondade, que seus méritos não somente bastavam para estabelecer sua própria justiça, mas também a de todos os seus descendentes. Tinha estabelecido um "tesouro de méritos" que as necessidades de todos seus descendentes não poderiam esgotar. De maneira que os judeus acreditavam que, pelo fato de ser judeus, e não por nenhum mérito próprio que tivessem podido acumular, tinham a bem-aventurança eterna assegurada. Diziam que "todos os israelitas têm porte no mundo vindouro". E falavam dos "méritos libertadores dos pais". Acreditavam que Abraão estava sentado à porta do Geena (Inferno) para evitar a entrada de qualquer judeu que tivesse sido consignado a ele e seus terrores. Acreditavam que graças aos méritos de Abraão os navios israelitas navegavam pelos mares sem sofrer percalços:

que graças aos méritos de Abraão a chuva descia para fecundar a terra; que pelos méritos de Abraão Moisés pôde entrar no céu e receber a Lei; que pelos méritos de Abraão Davi foi escutado. Serviam até para justificar os maus. "Se seus filhos", diziam a respeito de Abraão, "tivessem sido corpos sem vida, sem veias nem ossos, seus méritos os teriam beneficiado". É esta crença que João critica. Possivelmente os judeus a levaram a um extremo que não tem paralelos na história, mas sempre existe o perigo de pretender viver graças aos méritos espirituais do passado. Uma era decadente não pode pretender justificar-se em nome de um passado heróico. Um filho pecador não pode aspirar à salvação em nome da santidade de seu pai.

E então, João retorna mais uma vez à imagem da colheita. Ao terminar a temporada aquele que cuidava da vinha examinava todas as plantas, e separando as que não tinham dado fruto, arrancava-as do chão, porque somente serviam para ocupar lugar. A inutilidade sempre conduz ao desastre. O ser humano que não é útil nem para Deus nem para seus semelhantes constitui um sério perigo e está condenado.

A MENSAGEM DE JOÃO: A PROMESSA

Mateus 3:7-12 (continuação)

Mas depois da ameaça, na mensagem de João, vinha a promessa que também incluía uma ameaça. Como dissemos, João apontava para além de si mesmo, Àquele que havia de vir. Naquele momento desfrutava de uma grande reputação e sua influência era enorme. Entretanto, dizia que não era digno sequer de desatar as sandálias dAquele que havia de vir – um dever de escravo. A atitude de João era negar-se a si mesmo e não atribuir-se importância. Sua única importância, tal como ele a entendia, era servir de indicador que anunciava a vinda dAquele que havia de vir.

Disse que Aquele que havia de vir os batizaria com o Espírito e com fogo.

Ao longo de toda sua história os judeus tinham esperado a vinda do Espírito de Deus. Ezequiel escutou pela boca de Deus as seguintes palavras: "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. "Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis" (Ezequiel 36:26-27). "Porei em vós o meu Espírito, e vivereis" (Ezequiel 37:14). "Já não esconderei deles o rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o SENHOR Deus" (Ezequiel 39:29). "Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção" (Isaías 44:3). "E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne" (Joel 2:28).

Qual, então, é o dom e a obra deste Espírito de Deus? Ao procurar dar resposta a esta pergunta devemos lembrar que corresponde fazê-lo em termos hebraicos. João era judeu, e estava falando com judeus. Não pensa nem fala em termos da doutrina cristã do Espírito Santo, mas sim de acordo com a doutrina judaica do Espírito.

(1) A palavra hebréia que significa espírito é *ruach*, e esta, como *pneuma*, em grego, não significa somente espírito. Também significa *alento*. O alento é a vida, e portanto a promessa do Espírito é uma promessa de vida. O Espírito de Deus insufla a vida dEle no homem. Quando o Espírito de Deus entra em alguém, desaparecem a fadiga e a derrota que deterioram e empalidecem a vida e uma corrente de nova vida penetra em nós.

(2) Esta palavra *ruach* não somente significa alento mas também vento. É o termo que designa o vento da tormenta, esse forte vento que Elias escutou uma vez. *Vento significa poder*. O vento arrasta o navio em alto mar e desarraiga a árvore que cresce no deserto. O vento possui um poder irresistível. *O Espírito de Deus é o Espírito de poder*. Quando o Espírito de Deus penetra na vida de um homem, sua fraqueza é coberta com o poder de Deus. É capacitado a fazer o impossível, a enfrentar o

que ninguém enfrenta, a suportar o insuportável. Dissipa-se a frustração, chega a vitória.

(3) O Espírito de Deus está relacionado com *a obra criadora*. O Espírito de Deus é Aquele que se movia sobre a face do abismo e converteu o caos num cosmos, converteu a desordem em ordem e deu forma ao universo a partir das brumas incriadas. O Espírito de Deus nos pode recriar. Quando o Espírito de Deus entra numa vida humana a desordem de nossa natureza humana converte-se na ordem de Deus; nossas vidas descontroladas, desordenadas, são modeladas pelo Espírito até que elas fiquem em sintonia com a perfeita harmonia de Deus.

(4) Os judeus atribuíam certas funções especiais ao Espírito. *O Espírito trazia a verdade de Deus aos homens*. É o Espírito quem revela a verdade de Deus aos homens. Cada nova descoberta, em qualquer campo do pensamento, é um dom do Espírito. O Espírito penetra na mente de um homem e converte suas incertezas humanas em certezas, transforma sua ignorância humana em conhecimento divino.

(5) *O Espírito capacita os homens a reconhecerem a verdade de Deus quando esta se apresenta*. Quando o Espírito entra em nossos corações nossos olhos são abertos. São eliminados os preconceitos que nos cegavam. Desaparece a vontade de auto-afirmação que nos entrevava. O Espírito põe o homem em condições de ver.

Tais são os dons do Espírito e, do ponto de vista de João, eram esses os dons que Aquele que havia de vir traria à humanidade.

A MENSAGEM DE JOÃO: A PROMESSA E A AMEAÇA

Mateus 3:7-12 (continuação)

Na mensagem do João há uma palavra e uma imagem que combinam a promessa com a ameaça.

João diz que o batismo daquele que havia de vir seria um batismo de fogo. O conceito de um batismo de fogo inclui pelo menos três idéias.

(1) Em primeiro lugar vem a idéia de *iluminação*. A labareda envia uma luz através da noite, que ilumina até os rincões mais escuros. A chama do farol guia o marinheiro ao porto e ao viajante a seu destino. No fogo não há somente destruição, há luz e guia. Jesus é a luz do farol que guia os homens à verdade e a seu verdadeiro lar junto a Deus.

(2) Existe a idéia de *calor*. Houve um grande homem notável por sua extraordinária bondade, que era descrito como alguém que ia acendendo fogos nas habitações frias. Quando Jesus entra na vida de um homem, acende em seu coração o calor do amor a Deus e a seus semelhantes. O cristianismo é sempre a religião do coração inflamado.

(3) Existe a idéia de *purificação*. Neste sentido a purificação envolve destruição. O fogo purificador destrói o falso e deixa somente o verdadeiro. A chama tempera, fortalece e purifica o metal. Quando Cristo entra no coração de um homem, seu fogo purificador elimina a escória do mal. Às vezes isto ocorre mediante experiências dolorosas, mas se alguém acredita que nas experiências de sua vida Deus está operando todas as coisas para seu bem, seu caráter surgirá dos transe mais difíceis, limpo e purificado, até que, sendo puro de coração, possa ver deus.

De maneira que a palavra "fogo" contém as idéias da iluminação, o calor e a purificação da entrada de Jesus Cristo no coração do homem.

Mas também há outra imagem que contém os elementos de promessa e de ameaça – a do aventador. Trata-se da grande forquilha de madeira com a qual se jogava ao ar o grão para que o vento se encarregasse de separá-lo da palha. O grão era recolhido nos celeiros e toda a palha que ficava no lugar era usada como combustível.

A vinda de Cristo necessariamente envolve uma separação. Os homens podem rechaçá-lo ou aceitá-lo, Quando são confrontados por Ele, estão ante uma escolha que não podem evitar. Ou se está a favor dEle ou contra Ele. E esta escolha é a que determina o destino de cada ser humano. Os homens são separados em dois grupos segundo sua reação diante de Jesus Cristo.

No cristianismo não há forma de evitar a suprema escolha eterna. No parque da cidade do Bedford, na Inglaterra, John Bunyan escutou uma voz que o fez erguer-se de um salto e o obrigou a enfrentar a eternidade: "Abandonará seus pecados e irá ao céu, ou ficará com seus pecados e irá ao inferno?" Em última análise essa é a escolha que nenhum ser humano pode evitar.

A MENSAGEM DE JOÃO: A DEMANDA

Mateus 3:7-12 (continuação)

Em toda a pregação de João havia uma demanda fundamental, e esta era: "Arrependei-vos!" (Mateus 3:2). Esta era também a existência fundamental de Jesus, porque este iniciou seu ministério pregando o arrependimento e a fé no evangelho (Marcos 1:15). Fica evidente que convém deter-nos para analisar muito bem o que significa este arrependimento, e como se deve interpretar esta exigência básica, tanto do Rei como de seu arauto.

Deve destacar-se que tanto João como Jesus usam a palavra "arrependimento" sem explicar seu significado. Usavam-na com a segurança de que seus ouvintes saberiam perfeitamente o que queria dizer.

Vejamos qual é o ensino judaico a respeito do arrependimento.

Para o judeu o arrependimento era um dos elementos fundamentais da fé e de toda relação com Deus. G. F. Moore escreve:

"O arrependimento é a condição única, mas inexorável, do perdão divino e da restauração do homem a seu favor; o perdão e o favor divino nunca são negados a quem se apresenta ante Deus genuinamente arrependidos." E adiciona: "Uma das doutrinas cardeais do judaísmo é que Deus remete plenamente e de maneira gratuita os pecados do penitente."

Os rabinos diziam: "Grande é o arrependimento porque traz a saúde ao mundo; grande é o arrependimento porque chega até o Trono da Glória."

C. G. Montefiore escreveu: "O arrependimento é o grande elo mediador entre Deus e o homem." A lei, segundo o ensino dos rabinos, teria sido criada dois mil anos antes do universo, mas o arrependimento é uma das seis coisas que foram criadas até antes da Lei. As seis eram: o arrependimento, o paraíso, o inferno, o glorioso Trono de Deus, o Templo celestial e o nome do Messias. Diziam: "Um homem pode arrojara uma flecha que chegue a várias centenas de metros, mas o arrependimento chega até o Trono de Deus." Há uma famosa passagem rabínica que coloca o arrependimento no primeiro de todos os lugares. "Quem é como Deus um mestre dos pecadores, que lhes ensine o arrependimento?" Demandavam à Sabedoria "Qual será o castigo do pecador?" e esta respondia: "O mal perseguirá os pecadores" (Provérbios 13:21). Demandavam à Profecia e esta respondia: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18:4). Demandavam à Lei e esta respondia: "(o sacrifício) será aceito para expiação dela" (Levítico 1:4). Demandavam a Deus e este respondia: "Que se arrependa e obterá assim sua expiação. Meus filhos, o que outra coisa exijo de vós senão que me busquem e vivam?" De maneira que para o judeu o único caminho de volta a Deus é o arrependimento.

A palavra hebraica que se usava como equivalente de "arrependimento" é em si extremamente interessante. É a palavra *teshubá*, que é o substantivo correspondente ao verbo *shub* que significa "dar a volta". O arrependimento é o rosto dar volta ao mal e voltar-se para Deus. G. F. Moore escreve: "O significado primitivo e transparente do arrependimento, no judaísmo, envolve sempre uma transformação da atitude do indivíduo a respeito de Deus. Quanto à conduta do indivíduo ou do povo que se arrepende, a consequência direta do arrependimento é a reforma moral e religiosa."

C. G. Montefiore escreve: "Para os rabinos a essência do arrependimento consiste em uma mudança de atitude tão radical que inevitavelmente dele virá uma mudança na vida e no comportamento." Maimonides, o grande erudito judeu medieval, define o arrependimento

da seguinte maneira: "O que é o arrependimento? O arrependimento significa que o pecador abandona seu pecado e o elimina de seus pensamentos e resolve que jamais voltará a incorrer nele, tal como está escrito: 'Deixe o ímpio seu caminho e o homem iníquo seus pensamentos'."

G. F. Moore, de maneira muito interessante e valiosa, observa que com a só exceção das palavras que copiamos entre parêntese a definição de arrependimento da Confissão do Westminster seria perfeitamente aceitável para um judeu: "O arrependimento para a vida é uma graça salvadora, mediante a qual o pecador, a partir de uma autêntica convicção de pecado, e da percepção da misericórdia de Deus (em Cristo), volta-se de seu pecado para Deus, com dor e tristeza por seu pecado, ao que chegou a odiar, com o propósito pleno de viver em uma nova obediência, coisa que põe por obra." Uma e outra vez a Bíblia fala deste apartar-se do mal e voltar-se para Deus. Ezequiel o diz da seguinte maneira: "Vivo eu, diz o Senhor JEová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva" (Ezeq. 33:11). Diz Jeremias: "Converte-me, e serei convertido, porque tu és o SENHOR, meu Deus." (Jeremias 31:18). Diz Oséias: "Volta, ó Israel, para o SENHOR, teu Deus, porque, pelos teus pecados, estás caído. Tende convosco palavras de arrependimento e convertei-vos ao SENHOR; dissei-lhe: Perdoa toda iniquidade, aceita o que é bom e, em vez de novilhos, os sacrifícios dos nossos lábios." (Oséias 14:1-2).

A partir de tudo isto fica claro que no judaísmo o arrependimento incluía uma exigência ética. É apartar-se do mal voltando-se para Deus, com a correspondente mudança no comportamento, na ação. João estava plenamente inscrito na tradição de seu povo quando exigia que seus ouvintes trouxessem frutos dignos do arrependimento. Há uma bonita oração da sinagoga judia que diz: "Faze que voltemos, Pai, à Tua Lei; aproxima-nos, Rei, a Teu serviço; traze-nos de volta em perfeito arrependimento até Tua presença. Bendito sejas Tu, ó Senhor, que te

deleitas com o arrependimento." Mas este arrependimento devia manifestar-se em uma autêntica transformação da vida.

Um rabino, comentando Jonas 3:10, escreveu: "Meus irmãos, não se diz dos ninivitas que Deus tenha visto seu cilício e jejum, mas sim viu suas obras, e deste modo interpretou que se voltaram de seus caminhos pecaminosos." Os rabinos diziam: "Não sejam como os parvos, que quando pecam trazem sacrifício ao templo, mas não se arrependem. Se alguém disser: Pecarei e me arrependerei; pecarei e me arrependerei, não lhe será permitido arrepender-se." Uma lista de cinco pecadores imperdoáveis incluía "os que pecam para arrepender-se, e os que se arrependem muito e voltam a pecar novamente." Diziam: "Se a pessoa tiver algo imundo em suas mãos, não bastarão as águas de todos os mares do mundo para lavar-lhe mas se arroja a coisa imunda, com um pouco de água bastará." Os mestres judeus falavam do que se denominava, "as nove normas do arrependimento", ou seja as nove necessidades de um autêntico arrependimento. Encontravam-nas na forma de mandamentos em Isaías 1:16, 17: "Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas."

O filho do Sirach escreve no Eclesiástico:

"Não diga, pequei, e o que ocorreu comigo? Porque o Senhor é longânimo. Não confie estupidamente na expiação enquanto segue adicionando pecado sobre pecado, e não diga sua compaixão é grande, Ele perdoará a multidão de meus pecados; porque Ele é um Deus de misericórdia e de ira, e sua ira descansa sobre os pecadores. Não demore a voltar-se para Senhor, não vá adiando de dia em dia" (Eclesiástico 5:4-7).

E volta a escrever, em outro lugar:

"O homem que se lava para purificar-se do contato com um corpo morto e depois o volta a tocar, que benefício obtém de sua purificação? Deste modo ocorre com um homem que faz jejum por seus pecados e continua pecando nas mesmas coisas; quem ouvirá suas orações, e que razão havia para que se afligisse com penitências?" (Eclesiástico 31:30-31).

O judeu sustentava que o verdadeiro arrependimento tem como resultado não somente um sentimento de tristeza, mas uma mudança na vida e o mesmo sustentam os cristãos. O judeu experimentava um santo horror ante a idéia de negociar com Deus por sua misericórdia e o mesmo os cristãos. O judeu sustentava que o autêntico arrependimento deve produzir frutos que demonstravam a realidade do arrependimento e o mesmo os cristãos.

Mas os judeus tinham outras coisas a dizer sobre o tema do arrependimento, e devemos prosseguir com elas.

A MENSAGEM DE JOÃO: A DEMANDA

Mateus 3:7-12 (continuação 2)

Há uma nota quase apavorante na demanda ética que envolve a idéia judia do arrependimento, mas há outros aspectos desta que são extremamente reconfortantes.

Sempre é possível arrepender-se. "O arrependimento", diziam, "é como o mar, qualquer um pode banhar-se nele a qualquer hora." Possivelmente haja momentos em que os portais da oração estão fechados, mas sempre pode transitar-se pelo caminho do arrependimento. Ninguém pode jamais fechar as portas do arrependimento.

O arrependimento é completamente essencial. Conta-se de uma espécie de discussão que Abraão manteve com Deus. "Não podes puxar os dois extremos da corda ao mesmo tempo", disse Abraão a Deus. "Se desejas uma estrita justiça, o mundo não a pode suportar. Se desejas preservar o universo que Tu mesmo criaste, a justiça perfeita é impossível." O mundo não pode seguir existindo a não ser graças à misericórdia de Deus e a porta sempre aberta do arrependimento. Se não houvesse outra coisa senão a justiça de Deus, esta significaria o fim de todos os homens e de todas as coisas. Tão essencial é o arrependimento, que para fazê-lo possível Deus mesmo cancela suas demandas: "Bem

amado é o arrependimento aos olhos de Deus, porque por seu amor cancela ele suas próprias palavras." A ameaça da destruição que pende sobre o pecador é cancelada mediante a aceitação do arrependimento de seus pecados.

O arrependimento dura tanto quanto a vida. Enquanto dura a vida, dura a possibilidade do arrependimento. "A mão de Deus se estira por baixo das asas da carruagem celestial, para arrebatá-lo o penitente das garras da justiça." O rabino Simeão Ben Yohl disse:

"Se um homem tiver sido absolutamente justo todos os dias de sua vida mas se rebela no último dia, destrói toda sua obra anterior, porque está escrito: 'A justiça do justo não o livrará no dia da sua transgressão' (Ezequiel 33:12). Mas se um homem tiver sido absolutamente mau todos os dias de sua vida e no último dia se volta de sua maldade, Deus o receberá, porque está escrito, 'a impiedade do ímpio não lhe será estorvo no dia que se voltar de sua impiedade' (*idem*). 'Muitos', diziam, 'vão ao céu depois de anos e anos de justiça, mas outros ganham em uma hora.' Como diria o poeta, referindo-se ao homem que obtém a misericórdia de Deus no instante de sua morte: 'Entre os arreios e o solo, enquanto caía, procurei a misericórdia e foi minha.'"

Tal é a misericórdia que aceita até o arrependimento secreto. O rabino Eleazar disse:

"O modo de ser do mundo é que se um homem tiver insultado a outro publicamente e depois de um tempo procura reconciliar-se com ele, o ofendido lhe diz: 'Você me insultou em público e agora quer que nos reconciliemos em privado e isso não pode ser. Vá e busque aqueles em cuja presença me insultou e então sim me reconciliarei com você.' Mas não é assim com Deus. Qualquer um pode ficar de pé em um estrado e blasfemar, em praça pública, e o Santo lhe dirá: 'Arrependa-te, entre nós dois, e eu te receberei.' A misericórdia de Deus se estende até àquele homem tão envergonhado por sua ofensa que somente pode confessar a Deus."

Deus não se esquece de nada, porque é Deus, mas tal é sua misericórdia que não somente perdoa o pecado do penitente mas sim, embora pareça incrível, esquece-o: "Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade e te esqueces da transgressão do restante da tua herança?" (Miq. 7:18). "Retraíste toda a tua cólera, do furor da tua ira te

desviaste" (Salmo 85:3, TB). O homem poderá talvez perdoar, mas esquecer a ofensa é algo que só se pode esperar de Deus.

O mais maravilhoso de tudo é que Deus percorre Ele mesmo a metade do caminho, e às vezes mais ainda, para sair ao encontro do pecador penitente: "Volta-te tanto como possas, e eu farei o resto do caminho." Os rabinos, em seus melhores momentos, perceberam a imagem do pai que, na magnificência de seu amor, corre para sair ao encontro do filho pródigo.

Entretanto, até recordando toda esta misericórdia, segue sendo verdade que no anterior arrependimento é necessária a reparação do mal cometido, quando esta é factível. Os rabinos diziam: "A ofensa deve ser paga, e o perdão procurado e recebido. O verdadeiro penitente é o que volta a ter a oportunidade de cometer o mesmo pecado, nas mesmas circunstâncias, e não o faz." Os rabinos sublinham repetidas vezes a importância de restabelecer as relações humanas cada vez que as tem quebrado.

Há uma passagem rabínica extremamente curiosa: "Aquele que é bom em relação ao céu e a seus próximos é um bom *zadik* (Um *zadik* é um justo). Aquele que é bom em relação ao céu, mas não em relação a seus próximos, é um mau *zadik*. Aquele que é mau em relação ao céu e de seu próximos é um mau pecador. Aquele que é mau em relação ao céu, mas é bom em relação a seu próximo, não é um mau pecador." O fato de que a reparação seja tão necessária faz com que o pior pecador seja o que ensina a outros a pecar, porque não pode oferecer reparação por sua maldade, desde que não sabe até onde chegaram os efeitos de seu mau exemplo e em quantos chegou a influir.

Mas não somente se necessita que haja reparação para que o arrependimento seja autêntico, também deve haver confissão. Em repetidas passagens bíblicas encontramos esta exigência. "O homem ou a mulher que cometer alguns dos pecados com que os homens prevaricam contra Jeová e delinqüem, aquela pessoa confessará o pecado que cometeu" (Números 5:6-7). "Aquele que encobre seus pecados não

prosperará, mas o que os confessa e se aparta, alcança misericórdia." (Provérbios 28:13). "Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais ocultei. Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado." (Salmo 32:5). O homem que pretende ser inocente e se nega a admitir que pecou é o que está condenado (Jer. 2:35). Maimonides sugere uma fórmula que qualquer um pode usar para confessar seus pecados! "Ó Deus, pequei, cometi iniquidade, incorri em transgressões contra ti, e tenho feito tal e qual coisa. Estou entristecido e envergonhado por minhas ações, e nunca voltarei a incorrer nelas." O verdadeiro arrependimento requer a humildade que admite os pecados e os confessa.

Não há caso perdido para o arrependimento, nem homem que esteja além da possibilidade de arrepender-se. Os rabinos diziam: "Ninguém afirme, 'Porque pequei, já não tenho remédio'. Confie em Deus e arrependa-se e Deus o receberá." O exemplo clássico de uma conversão e reforma moral virtualmente impossível é o do Manassés. Adorou aos baais, introduziu deuses estranhos em Jerusalém, e até chegou a sacrificar meninos a Moloque no vale do Hinom. Então foi levado cativo a Assíria e ali, em sua hora mais difícil, experimentou um terrível remorso de consciência. Em tal situação orou a Deus e este escutou sua súplica e o voltou a trazer para Jerusalém. "Então, reconheceu Manassés que o SENHOR era Deus" (2 Crônicas 33:13). Às vezes se necessita o castigo de Deus e sua ameaça para fazer com que o homem volte para seu lar junto ao Pai Eterno, mas ninguém está fora do alcance de Deus para recuperá-lo.

Há uma última crença judia em relação ao arrependimento que deve ter estado presente na mente do João. Pelo menos alguns entre os mestres religiosos do judaísmo ensinavam que se Israel pudesse fazer um ato de arrependimento perfeito, mesmo que fosse apenas durante um só dia, imediatamente ocorreria a vinda do Messias. Somente a dureza dos corações dos homens atrasava o envio do Redentor divino ao mundo.

O arrependimento estava no próprio centro da fé judia daqueles tempos, assim como da fé cristã, pois o arrependimento consiste em apartar-se do pecado e voltar-se para Deus, e para a vida que Deus quer que vivamos.

JESUS E SEU BATISMO

Mateus 3:13-17

Quando Jesus foi até João para ser batizado, este se surpreendeu e demonstrou não estar disposto a fazê-lo. A convicção do João era que ele necessitava o que Jesus podia dar, e não Jesus o que ele, João, oferecia.

Desde que os homens começaram a refletir sobre a história do evangelho, sempre encontraram difícil a compreensão do batismo de Jesus. No batismo do João havia um chamado ao arrependimento e o oferecimento de um caminho para o perdão dos pecados. Mas, se Jesus é quem nós cremos que é, não precisava arrepender-se, nem necessitava que Deus o perdoasse. O batismo do João era para pecadores conscientes de seus pecados, e portanto não parecia aplicável a Jesus desde nenhum ponto de vista.

Um escritor muito antigo sugeriu que Jesus se batizou somente para agradar a sua mãe e a seus irmãos, e que foi por eles e seus constantes pedidos que se sentiu virtualmente obrigado a ir a João. *O Evangelho aos Hebreus*, uma narração do tipo dos evangelhos, muito antiga, que não chegou a incluir-se no Novo Testamento, tem uma passagem que diz: “Eis que a mãe de nosso Senhor e seus irmãos lhe disseram: ‘João batiza para o perdão dos pecados, vamos para que nos batize’. Mas Jesus lhes respondeu: ‘Que pecados cometi para ir e ser batizados por que ele? A não ser que estas palavras que estou dizendo sejam um engano fruto de minha ignorância’.”

Pode ver-se que desde o começo muitos pensadores se surpreenderam pelo fato de que Jesus tenha ido para ser batizado mas houve razões, boas e sólidas razões, para que Jesus fosse para ser batizado por João.

(1) Durante trinta anos Jesus tinha estado esperando em Nazaré, cumprindo fielmente com os deveres singelos do lar e da oficina de carpintaria. Durante todo esse tempo sabia que o mundo o estava esperando. Dia a dia crescia sua consciência de estar à espera. O êxito de qualquer empresa está em grande parte determinado pela sabedoria com que se escolha o momento de lançar-se a ela. Jesus deve ter estado esperando a hora de "dar o golpe", o momento justo e apropriado, o som das trombetas que o convocassem à ação. E quando apareceu João soube que tinha chegado o momento.

(2) Por que ocorreu deste modo? Havia uma razão, muito singela e vital. Até esse momento na história nunca judeu algum se submeteu ao batismo. Os judeus conheciam e usavam o batismo, mas somente para os prosélitos que entravam ao judaísmo, vindos de outras religiões. Considerava-se natural que fosse necessário que se batizasse o prosélito, porque sua vida passada tinha estado manchada por uma multidão de pecados e por toda sorte de imundície, mas nenhum judeu tinha pensado jamais que ele, membro do povo eleito, filho de Abraão, que possuía a certeza da salvação, pudesse necessitar o batismo. O batismo era para os pecadores, e nenhum judeu se considerava pecador, afastado de Deus, porque sendo filho do Abraão acreditava que sua santidade estava assegurada. Pela primeira vez em sua história os judeus se deram conta de seu próprio pecado e de sua própria clamorosa necessidade de Deus. Nunca, em toda sua história, tinha havido tão excepcional movimento nacional de penitência e busca de Deus.

Este era precisamente o momento que Jesus tinha estado esperando. Os homens eram conscientes de seus pecados e de sua necessidade de Deus como nunca antes. Esta era sua oportunidade; com o batismo Jesus se identificou com a busca de Deus por parte dos homens. Quando Jesus chegou a ser batizado, estava-se identificando com os homens que tinha vindo salvar, no preciso momento em que estes, com uma nova consciência de pecado, procuravam a Deus.

A voz que Jesus escutou no momento de seu batismo é de suprema importância. "Este é meu filho amado, em quem tenho complacência", disse. Esta oração está composta de duas citações. "Este é meu filho amado" pertence ao Salmo 2:7. Todos os judeus aceitavam este salmo como uma descrição do Messias, o poderoso Rei de Deus que havia de vir. "Em quem tenho complacência" é uma citação de Isaías 42:1, que é uma das descrições do servo sofredor, parte de uma série que culmina em Isaías 53. De maneira que no momento do batismo Jesus é confirmado em duas certezas – a certeza de que verdadeiramente era o escolhido de Deus, e a certeza de que o caminho que tinha pela frente era o caminho da Cruz. Nesse momento soube que tinha sido escolhido para ser Rei, mas também que seu trono teria que ser a Cruz. Soube que estava destinado a ser um conquistador, mas também que sua conquista deveria ter como única arma o poder do amor sofredor. Naquele momento Jesus se viu tanto frente à sua tarefa como ao único meio de que dispunha para cumpri-la.

O TEMPO DE PROVA

Passo a passo, Mateus desdobra a história de Jesus. Começou mostrando como Jesus tinha nascido neste mundo. Prosseguiu nos mostrando, pelo menos por implicação, que Jesus devia executar fielmente seus deveres para seu lar antes de começar a cumprir seus deveres para o mundo, que devia demonstrar-se fiel nas responsabilidades menores antes que Deus lhe confiasse a tarefa mais importante.

Continuou demonstrando como, com o surgimento de João Batista, Jesus soube que tinha chegado sua hora e que era tempo de Ele começar sua missão. Mostra a um Jesus que se identifica com a busca de Deus sem precedentes de seu povo. Neste preciso momento nos relata como Jesus toma consciência de que era em realidade o escolhido de Deus, mas que seu caminho para a vitória passava pela cruz.

Se alguém tiver uma visão, seu problema imediato é como transformar essa visão em realidade; deve encontrar o modo de converter o sonho em fatos concretos. Este foi precisamente o problema que confrontou a Jesus. Tinha vindo para conduzir os homens de volta a Deus. Como teria que fazê-lo? Que método adotaria? Adotaria o método do poderoso conquistador, ou o do amor paciente, sacrificial? Este foi o problema que se expôs nas tentações. A tarefa lhe fora encomendada. Que método escolheria para realizá-la?

Mateus 4

As tentações de Cristo - Mat. 4:1-11

A história sagrada - Mat. 4:1-11 (cont.)

O ataque do tentador - Mat. 4:1-11 (cont.)

O Filho de Deus inicia seu ministério - Mat. 4:12-17

O arauto de Deus - Mat. 4:12-17 (cont.)

Cristo chama os pecadores - Mat. 4:18-22

Os métodos do Mestre - Mat. 4:23-25

As atividades de Jesus - Mat. 4:23-25 (cont.)

AS TENTACÕES DE CRISTO

Mateus 4:1-11

Há algo do qual devemos tomar nota cuidadosamente ao iniciar nosso estudo das tentações de Jesus, ou seja, o significado da palavra tentar. A palavra grega é *peirazein*. Em português o significado mais comum para tentar é o de seduzir a alguém para que faça o mal, arrastá-lo ao pecado, procurar persuadi-lo para que escolha o caminho equivocado. Mas em realidade, sua acepção principal, embora pouco usual, é, o mesmo que em grego *pôr à prova*, mais que *tentar*, no sentido comum. Uma das grandes histórias do Antigo Testamento é a de como Abraão quase chega ao ponto de sacrificar o seu filho Isaque. Esta história começa da seguinte maneira: "Depois dessas coisas, pôs Deus

Abraão à prova" (Gênesis 22:1). Aqui temos um exemplo do significado da palavra *tentar*, à luz de como a Bíblia o entende.

Não se trata, evidentemente, de buscar seduzir a alguém para que faça o mal. É inconcebível que Deus queira converter a alguém em um ateliê do mal, que ele seja agente da transformação de um crente em pecador. Por isso se trata de "pôr a prova" ou "provar". Tinha chegado o momento de submeter a lealdade de Abraão a uma prova transcendental. Assim como o metal deve ser provado antes de usar-se na confecção de uma ferramenta, para ver se será capaz de suportar as tensões e esforços que deverá resistir, o ser humano deve ser posto à prova antes que Deus possa usá-lo para o cumprimento de seus propósitos. Os judeus tinham a seguinte afirmação: "O Santo – bendito seja o seu Nome – não eleva a ninguém ao nível de dignidade que lhe está reservado sem antes tê-lo provado e examinado; se suportar a tentação, só então lhe confere a dignidade."

Estamos diante de uma grande e consoladora verdade. O que nós denominamos tentação não tem o propósito de nos fazer pecar, mas o de fazer que conquistemos o pecado. Não se propõe a nos transformar em homens maus, mas em homens bons. Não tem como objetivo nos debilitar, e sim fazer que surjamos da prova mais fortes, puros e valiosos. A tentação não é um castigo de nossa condição humana, e sim a glória de ser homens. É a prova que sobrevém ao homem que Deus quer usar. De maneira que devemos pensar neste incidente ou na experiência de Jesus não tanto como sua *tentação* mas sim como sua *provação*.

Além disso, devemos tomar nota do lugar onde ocorre a prova. Tratava-se do *deserto*. Entre Jerusalém, que se levantava na meseta central, espinha dorsal da Palestina, e o Mar Morto, estende-se o deserto. O Antigo Testamento o denomina *Jesimom*, que significa "a devastação", um nome extremamente adequado. Cobre uma superfície de 52 quilômetros por 25 quilômetros. Sir George Adam Smith, que viajou por esta região, descreve-a vividamente. É uma zona de areia amarela, pedra calcária despedaçada e resíduo. É uma região geológica retorcida,

onde as nervuras e estratos se contorcem e curvam em todas direções, como se a pedra tivesse sido submetida a terríveis pressões. As serras são como montões de pó, a pedra calcária está empolada e cortada, as rochas estão nuas e trincadas; em muitos lugares os passos, ou o golpe das patas do cavalo sobre o chão, soam de forma oca. O ar treme e fumeja pelo calor, como em um enorme forno. Ao aproximar-se do Mar Morto, repentinamente, produz-se um descida vertical de 400 metros, uma espécie de escarpado pedregoso de rocha calcária, pederneira, cheio de gretas e precipícios, até chegar à costa marinha. Nesse deserto Jesus podia estar mais só que em nenhum outro lugar da Palestina. Jesus foi ao deserto para estar sozinho. Tinha-lhe sido encomendada sua tarefa; Deus lhe tinha falado; agora devia pensar como cumpriria a missão que Deus lhe havia encomendado; devia organizar seus planos antes de começar sua obra; tinha necessidade de estar sozinho.

É bem possível que com muita freqüência as coisas nos saiam mal simplesmente porque não procuramos estar sozinhos. Há certas coisas que devem refletir-se na solidão. Há momentos em que o conselho de outros não serve para nada. Há momentos quando a pessoa deve deixar de agir e ficar a pensar. É possível que a maioria dos enganos que cometemos se devam ao fato de que não nos damos a oportunidade de estar sozinhos com Deus.

A HISTÓRIA SAGRADA

Mateus 4:1-11 (continuação)

Ainda devem anotar-se outros elementos antes de proceder ao estudo detalhado da história das tentações.

(1) Os três autores dos evangelhos sinóticos sublinham o fato de que as tentações seguiram imediatamente ao batismo. Marcos diz: "E logo o Espírito o impeliu para o deserto" (Marcos 1:12). Uma das grandes verdades da vida é que depois de cada momento de glória se produz um momento de reação e sempre nessa reação está o perigo

maior. Isto é o que ocorreu ao Elias. Com extraordinária coragem Elias, em total solidão, enfrentou e derrotou os profetas do Baal no Monte Carmelo (1 Reis 18:17-40). Esse foi o grande momento de coragem e testemunho de Elias. Mas a matança dos profetas do Baal provocou a ira da malvada Jezabel, e esta ameaçou tirar-lhe a vida. "Temendo, pois, Elias, levantou-se, e, para salvar sua vida, se foi, e chegou a Berseba..." (1 Reis 19:3). O homem que tinha enfrentado intrepidamente a todos os que lhe puseram pela frente fugia, agora, açoitado pelo terror. Tinha chegado o momento da reação. Sempre, depois de algum grande momento, de alguma grande experiência, sobrevém o momento da reação. Pareceria ser uma das leis de nossa vida que quando nosso poder de resistência chegou a um de seus pontos máximos, produz-se uma queda em cadeia que o leva a um até o mais baixo ponto. O tentador, cuidadosa, sutil e habilmente escolheu este momento para atacar a Jesus. Convém-nos estar em guarda depois daquelas oportunidades em que a vida nos levou a um de nossos momentos cúspides, porque é então quando estamos no maior perigo de cair ao abismo.

(2) Não devemos pensar que esta experiência de Jesus foi uma experiência exterior. Foi um conflito que se travou em seu interior, em seu coração, mente e alma. A prova disto é que não existe uma montanha de onde possam ver-se todos os reinos da Terra. Trata-se de um conflito interior. Mediante nossos pensamentos e desejos mais secretos é como o tentador chega até nós. Seu ataque vai dirigido a nossas mentes. É certo que o ataque pode chegar a ser tão real para nós que quase nos pareça que o Diabo está frente a nós. Até hoje pode ver-se a mancha do tinteiro que se estrelou contra uma parede no castelo do Wartburgo, na Alemanha, quando Lutero viu o Diabo que tinha vindo para tentá-lo. Mas o poder do Diabo consiste precisamente em que é capaz de penetrar nossas defesas exteriores e nos ataca na própria intimidade de nossos espíritos. Encontra seus aliados e suas armas em nossos pensamentos e desejos mais íntimos.

(3) Não devemos pensar que nesta única campanha Jesus derrotou definitivamente ao Demônio, e que este nunca mais voltou a assediá-lo, O tentador voltou a atacá-lo em Cesaréia de Filipe quando Pedro procurou dissuadi-lo de tomar o caminho da Cruz, ocasião em que teve que repetir as mesmas palavras com que tinha derrotado a Satanás no deserto: "Sai de diante de mim, Satanás!" (Mateus 16:23, TB). Ao terminar o dia Jesus pôde dizer a seus discípulos: "Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações" (Lucas 22:28). E nunca em toda a história houve outra luta contra a tentação comparável a que Jesus travou no Getsemani, quando o Demônio tentou fazê-lo abandonar o caminho da Cruz (Lucas 22:32-44). "A vigilância eterna é o preço da liberdade." Na luta do cristão não há trégua. Às vezes os crentes se preocupam porque pensam que deveriam chegar-se a uma etapa na qual estivessem além da tentação, uma etapa em que o poder do tentador tenha sido derrotado definitivamente. Jesus nunca chegou a essa etapa. Teve que lutar sua batalha desde o começo até o final do dia; é por isso que pode nos ajudar a travar nossas batalhas.

(4) Há algo que se sobressai nesta história – as tentações que aqui se descrevem são tais que só podiam sobrevir a alguém que possuía poderes muito especiais e sabia que os possuía. Sanday descreve as tentações como "o problema do que fazer com os poderes sobrenaturais". As tentações que assaltam a Jesus são tentações que só podiam ter atacado a alguém que sabia que era capaz de fazer coisas maravilhosas. Sempre devemos recordar que somos tentados em nossos dons. A pessoa que está dotada de atrativo será tentada a usar esse dom para "sempre fazer sua própria vontade". A pessoa dotada do poder de usar habilmente as palavras será tentada a usar seu domínio da linguagem para justificar de maneira enganosa seu comportamento. A pessoa que possui uma imaginação vívida e delicada deverá suportar a agonia de tentações que uma pessoa menos sensível jamais sofrerá. A pessoa que possui grandes dotes intelectuais será tentada a usar essas dotes para seu próprio benefício e não para servir a outros, para converter-se em amo e não em

servo dos homens. Um dos aspectos mais sombrios da tentação é que precisamente é em nossos pontos fortes, e não em nossas debilidades, onde mais cuidado devemos exercer.

(5) Ninguém pode ler esta história sem lembrar de um detalhe importante a respeito dela – que sua fonte não pode ter sido outra pessoa senão o próprio Jesus. No deserto estava sozinho. Ninguém o acompanhava quando travou esta batalha. E conhecemos a história graças ao fato de que Jesus deve tê-la contado a seus discípulos. Aqui temos o próprio Jesus que nos narra sua própria autobiografia espiritual. Devemos nos aproximar desta história com uma reverência particular e única, porque nela Jesus nos está despidendo seu coração e sua mais íntima espiritualidade. Está dizendo aos homens que provas precisou suportar. É a mais sagrada de todas as histórias sobre Jesus, e nela Jesus nos está dizendo que está em condições de ajudar a todos os que sejam tentados, porque ele mesmo precisou suportar a tentação mais atroz. Abre o véu que ocultava seus conflitos mais profundos para nos ajudar em nossos conflitos.

O ATAQUE DO TENTADOR

Mateus 4:1-11 (continuação)

O tentador lançou seu ataque contra Jesus recorrendo a três linhas ofensivas, e em cada uma delas havia uma certa inevitabilidade.

(1) Uma das tentações foi a tentação de transformar pedras em pão. O deserto estava coberto de pedras calcárias, consideráveis dimensões, exatamente da forma e do tamanho de pequenos pedaços de pão. As pedras por si mesmas teriam sugerido a tentação a Jesus. Era a tentação a que *Jesus usasse seus poderes de modo egoísta, para seu próprio benefício*. E isto é precisamente o que sempre se negou a fazer.

Constantemente enfrentamos a tentação de usar de forma egoísta os poderes que Deus nos deu. Deus deu um dom a cada ser humano, e cada ser humano pode expor uma ou duas perguntas a respeito.

Pode perguntar-se: Como posso aproveitar este dom para me beneficiar a mim mesmo? Ou: Como posso usar este dom em benefício de outros? Este tipo de tentação pode provir da coisa mais singela. Uma pessoa pode possuir, por exemplo, uma bela voz para cantar. Se este for o caso, poderá "tirar proveito" e negar-se a cantar a menos que seja pago para fazê-lo. Nada se opõe a que alguém use comercialmente sua voz para o canto, mas há muito boas razões para que alguém com boa voz não cante somente por dinheiro. Não há homem ou mulher que não se sinta tentado alguma vez em sua vida a usar de modo egoísta os dons que recebeu de Deus.

Mas há outro aspecto desta mesma tentação. Jesus era o Messias de Deus e sabia. No deserto enfrentou a decisão de escolher os métodos que usaria para ganhar os homens para Deus. Como cumpriria a tarefa que Deus lhe tinha encomendado? Como faria para converter a visão em realidade e o sonho em ação? Um modo de persuadir os homens para que o seguissem era dar-lhes pão, dar-lhes bens materiais. Não teria a história justificado este método? Não tinha Deus dado a seu povo o maná, no deserto? Não havia dito Deus: "farei que chova pão do céu para vós"? Não incluíam esta fantasia as visões da futura idade dourada? Não havia dito Isaías: "não terão fome nem sede" (Isaías 49:10)? Não era o banquete messiânico um dos elementos mais freqüentes dos apocalipses que proliferaram no período intertestamentário? Se Jesus tivesse querido dar pão aos homens, não teria faltado justificação.

Mas dar pão aos homens teria sido um duplo engano. Em primeiro lugar, teria equivalido a subornar os homens para que o seguissem. Tivesse sido persuadi-los a segui-lo pelos benefícios que podiam receber d'Ele, e a única recompensa que Jesus podia oferecer era uma cruz. Veio para chamar os homens a uma vida de dádiva e não de benefícios. Subornar os homens com bens materiais teria equivalido a negar tudo o que Ele devia dizer; teria equivalido, em último termo, a invalidar os propósitos de sua vinda. Em segundo lugar, teria sido eliminar os sintomas sem enfrentar a enfermidade.

Os homens têm fome. Mas o problema é: Por que têm fome? É por causa de sua própria estupidez, ociosidade ou descuido? ou é porque alguns de forma egoísta possuem muito enquanto que a maioria possui muito pouco? A única forma verdadeira de eliminar a fome é eliminar as causas que provocam a fome e estas causas estão enraizadas na alma do homem. Além disso, há uma fome espiritual que nenhuma comida material jamais pode chegar a satisfazer. De modo que Jesus responde ao tentador com as mesmas palavras que expressam a lição que Deus quis ensinar a seu povo quando peregrinava pelo deserto: "Não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem" (Deut. 8:3). A única maneira de possuir uma satisfação plena é aprender a depender totalmente de Deus.

(2) De maneira que o tentador voltou ao ataque por outro ângulo. Em uma visão levou a Jesus até a parte mais alta do templo. O templo estava construído sobre o Monte Sião. A cúpula do Monte Sião estava nivelada de tal maneira que formava uma meseta, e sobre esta extensão se levantavam os edifícios do templo. Havia uma esquina, onde se encontravam o pórtico do Salomão e o pórtico Real; de onde as paredes impregnam uns cento e cinqüenta metros, para o vale do rio Cedrom.

Por que Jesus não tentava subir a essa altura e jogar-se no precipício, chegando ao vale do Cedrom sem sequer machucar os pés? Este milagre faria com que os homens O seguissem. Sobre o teto do templo todas as manhãs havia um sacerdote que subia especialmente para esperar ali que brilhassem os primeiros raios do sol por sobre as serras do Hebron, e então fazia soar uma trombeta que anunciava que tinha chegado o momento do sacrifício matutino. Não podia Jesus subir a esse mesmo lugar, saltar ao pátio interior do templo e fazer com que os espectadores o seguissem por Sua façanha maravilhosa? "De repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais" (Mal. 3:1). Não havia uma promessa no Antigo Testamento, segundo a qual os anjos de Deus sustentariam o homem de Deus com suas mãos, para que não lhe sobreviesse mal algum? (Salmo 90:11-12).

Este era exatamente o método que propunham os falsos messias que continuamente surgiam na Palestina por aqueles tempos. Teudas tinha levado uma multidão até o Jordão e lhes tinha prometido que partiria em duas as águas do rio para demonstrar seu caráter do Messias. O famoso pretendente egípcio (Atos 21:38) tinha prometido que tombaria as paredes de Jerusalém com apenas pronunciar uma palavra. Simão, o Mago, tinha prometido voar e morreu pelo golpe quando tentou fazê-lo. Estes usurpadores tinham devotado realizar ações que não estavam em condições de executar. Jesus podia fazer algo que quisesse prometer. Que razão havia para que não o fizesse?

Há pelo menos duas boas razões pelas que Jesus não escolheu este curso de ação. Em primeiro lugar, quem escolheu atrair a lealdade dos homens mediante ações maravilhosas, oferecendo a eles experiências sensacionais, adotou um método sem futuro algum. A razão é muito simples. Para conservar seu poder deve produzir ações cada vez mais sensacionais. As maravilhas espetaculares são pão para hoje e fome para amanhã. A sensação deste ano é o lugar comum do ano que vem. Um evangelho que se baseia na realização de portentos está condenado ao fracasso desde o começo.

Em segundo lugar, essa não é maneira de usar os poderes divinos. "Não tentarão ao Senhor teu Deus" (Deut. 6:16). Isto é exatamente o que Jesus queria dizer. Não tem sentido provar a Deus para ver até onde o pode obrigar a agir. É um engano a gente mesmo colocar-se em uma situação extrema de perigo, fazê-lo por nada, sem necessidade alguma, e esperar que Deus venha em auxílio. Deus espera que qualquer ser humano aceite riscos quando se trata de ser fiel a seu mandato, mas não que alguém procure o risco para enaltecer seu próprio prestígio. A fé que depende de maravilhas e sinais não é uma autêntica fé. Se a fé não pode acreditar sem recorrer às sensações não é verdadeiramente fé, mas sim dúvida que quer provas e que as busca equivocadamente. O socorro divino não é um poder com o que possa jogar-se e experimentar, é algo

em que se deve confiar sem gritaria ao longo de toda a nossa vida cotidiana.

Jesus rechaçou o caminho do sensacionalismo, porque sabia que era uma maneira segura de fracassar em sua empresa – e ainda o segue sendo –, porque desejar a demonstração extraordinária do poder maravilhoso de Deus é desconfiar de Deus e não ter fé nEle.

(3) De maneira que o tentador tentou sua terceira linha de ataque. Jesus tinha vindo para salvar o mundo, e em sua mente lhe apresentou a imagem de todo o mundo. A voz do tentador lhe disse: "Tudo isto te darei se prostrado me adorares." Não havia dito o mesmo Deus a seu escolhido: "Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão" (Salmo 2:8). O que o tentador estava dizendo a Jesus era "Entremos em acordo! Vamos nos entender cá entre nós! Não faça com que suas demandas e exigências sejam muito elevadas. Permita que seja possível conciliar seu pré-dica com a dose inevitável de mal e engano, e então você conseguirá com que os homens O sigam em multidões." A tentação, neste caso, consistia em comprometer a pureza do evangelho em vez de apresentar sem atenuante algum as exigências de Deus para o mundo. Era a tentação de procurar avançar começando com uma retirada, de tentar trocar o mundo fazendo-se como o mundo.

A réplica de Jesus não demorou para fazer-se ouvi. "Ao SENHOR, teu Deus, temerás, a ele servirás" (Deut. 6:13). Jesus estava plenamente seguro de que jamais poderemos derrotar o mal, começando a fazer concessões ao mal. Deste momento em diante estabeleceu o caráter insubornável da fé cristã. O cristianismo não pode descer até o nível do mundo, deve elevar o mundo a seu próprio nível. Nenhuma outra forma de emparelhar a situação se demonstrará satisfatória e efetiva.

De modo que Jesus tomou sua decisão. Decidiu que nunca subornaria os homens para O seguirem; decidiu que o seu não seria um caminho de sensacionalismos; decidiu que não podia comprometer com o mal a mensagem que pregava ou a fé que demandava como resposta a

essa mensagem. Esta escolha significava inevitavelmente a cruz, mas a cruz, com a mesma inevitabilidade, significava também a vitória final.

O FILHO DE DEUS INICIA SEU MINISTÉRIO

Mateus 4:12-17

Não passou muito tempo antes que João fora vítima da repressão do Herodes. Foi detido e encarcerado no Castelo do Masuero por ordem do rei. Seu crime consistia em ter acusado publicamente a Herodes de ter seduzido a mulher de seu irmão tornando-a em sua esposa, depois de ter eliminado a esposa que tinha. Nunca foi tarefa fácil denunciar os pecados de um déspota oriental, e a coragem do João lhe valeu primeiro a prisão e depois a morte. Mais adiante veremos os detalhes desta história que Mateus não nos apresentará até o capítulo 14 (3-12).

Para isto Jesus significava que tinha chegado o momento de dar começo a seu ministério.

Destaquemos qual a primeira coisa que fez. Abandonou Nazaré e fixou sua residência na cidade de Cafarnaum. Este passo tinha um significado simbólico. Naquele momento Jesus saiu de sua casa e nunca mais voltaria a viver nela. É como se tivesse fechado a porta que deixava às suas costas antes de abrir a que tinha pela frente. Era o corte definitivo entre o velho e o novo. Na vida se apresentam às vezes esses momentos de decisão. Sempre é melhor enfrentá-los com coragem e não ser paralisado pela indecisão. Tomemos nota do lugar para onde se dirigiu Jesus. Cafarnaum é uma cidade da Galiléia. Quando Jesus foi a Galiléia para iniciar sua missão e ministério sabia perfeitamente bem o que estava fazendo. Galiléia era a região mais setentrional da Palestina. Estendia-se do rio Litania, no norte, até a planície de Esdralom, no sul. Sobre o oeste não chegava até o Mediterrâneo porque a margem costeira era posse dos fenícios. Seu limite nordeste era Síria; e pelo este limitava com o Mar da Galiléia. Galiléia não era uma região muito grande. Estendia-se somente uns oitenta quilômetros do norte ao sul e uns quarenta de leste a oeste.

Mas apesar de seu escasso território, Galiléia estava densamente povoada. Era sem lugar a dúvida a zona mais fértil da Palestina; sua fenomenal fertilidade era proverbial. Um dito popular dizia que era mais fácil criar uma legião de oliveiras na Galiléia que um só menino na Judéia. Josefo, que em uma época foi governador da província, diz: "É uma zona de terra e pastos muito ricos, que produz toda variedade de árvores e de tal modo fértil que convida até aos menos inclinados à agricultura a se dedicarem a trabalhá-la; toda sua extensão está cultivada; em nenhuma parte se encontra terra ociosa e em todas é produtiva." O resultado disto era que a Galiléia, apesar de suas reduzidas dimensões, alojava uma população considerável. Josefo nos diz que em sua época havia nessa região duzentas e quatro vilas, e que nenhuma tinha menos de quinze mil habitantes. De modo que Jesus iniciou sua missão naquela parte da Palestina onde havia mais gente para ouvi-Lo. Começou sua missão em uma zona onde pululavam os homens e mulheres a quem ia dirigida a proclamação do evangelho.

Mas Galiléia não era somente uma região superpovoada; o povo que nela habitava era de uma classe particular. De todas as partes da Palestina a Galiléia era a que estava mais aberta às novas idéias. Josefo diz em relação aos galileus: "Sempre se entusiasmavam com inovações e por natureza estavam predispostos à mudança. Adoravam as rebeliões." Sempre estavam dispostos a seguir a algum novo cabeça e a começar alguma insurreição. Eram famosos pelo irascível de seu temperamento e pela facilidade com que brigavam. Entretanto, apesar de tudo, eram extremamente generosos e cavalheirescos. "Os galileus nunca tiveram falta de coragem", diz Josefo. "A covardia nunca foi uma de suas características." "Sempre aspiraram manter no alto sua honra em vez de obter lucros." As características inatas dos galileus os transformavam no terreno mais fértil possível para o novo evangelho que devia ser pregado a eles.

Esta abertura às idéias novas era a conseqüência de certos fatos:

(1) A palavra *Galiléia* provém do hebreu *galil* que significa "círculo". O nome completo desta região era "Galiléia de (vos Gentes)". Plummer acredita que esta expressão significa "Galiléia pagã". Mas em realidade o significado provém do fato de que Galiléia estava virtualmente rodeada por pagãos, seus vizinhos sobre o oeste eram os fenícios. Para o norte e o este se encontravam os sírios. E até para o sul estava o território dos samaritanos. Galiléia era, em realidade, a única parte da Palestina que estava constantemente e de maneira inevitável em contato com as influências e idéias não judias. Estava necessariamente aberta a novas idéias de um modo mais acentuado que qualquer outra região da Palestina.

(2) As grandes rotas do mundo atravessavam Galiléia, tal como o assinalávamos quando refletimos sobre a cidade do Nazaré. O Caminho do Mar atravessava Galiléia, proveniente de Damasco, e conduzia para o Egito e África. O Caminho ou Rota do Este passava pela Galiléia em direção para as fronteiras mais distantes do mundo conhecido. O trânsito do mundo inteiro atravessava Galiléia. Para o sul, Judéia está encaixada em um rincão, isolada e encerrada. Como muito bem se disse: "Judéia não está no caminho a nenhuma parte, Galiléia está em caminho a todas partes." Judéia poderia ter erigido um muro e deixar fora toda influência estrangeira e toda idéia nova. Galiléia nunca tivesse podido fazer tal coisa. Galiléia era o lugar onde muito em breve se recebia todo o novo.

(3) A posição geográfica da Galiléia tinha afetado sua história. Uma e outra vez tinha sido invadida e conquistada, e as ondas de povos mais aguerridos tinham atravessado freqüentemente seu território, cobrindo-o às vezes como um mar. Originalmente era a zona que correspondia às tribos de Aser, Naftali e Zebulom, quando os israelitas ocuparam pela primeira vez o território (Josué 9), mas estas tribos nunca conseguiram expulsar totalmente aos primitivos habitantes cananeus.

Desde o começo a população da Galiléia foi uma mescla de raças. Mais de uma vez as invasões de povos estrangeiros tinham atravessado seu território, do norte e o este, provenientes de Síria, e durante o século

VIII antes de Cristo os assírios a incluíram em seu território, transportando ao exílio à maioria de sua população estável e repovoando-a com estrangeiros, inevitavelmente isto significou uma poderosa injeção de sangue estrangeiro na composição étnica da Galiléia. Do século VIII até o II antes de Cristo pertenceu, a maior parte do tempo, a governos pagãos. Quando os judeus retornaram do exílio, baixo Esdras e Neemias, muitos dos galileus se trasladaram ao sul, para viver em Jerusalém.

Em 164 A.C. Simão Macabeu expulsou aos sírios da Galiléia, obrigando-os a reconcentrar-se sobre seu próprio território, e em seu caminho de volta levou consigo a Jerusalém à remanescente de quão judeus tinham ficado na Galiléia. O mais surpreendente é que em 104 A.C. Aristóbulo reconquistou Galiléia para a nação judia, e obrigou a todos os residentes dessa região a circuncidar-se, convertendo-os assim em judeus, gostassem ou não. A história tinha obrigado a Galiléia a permanecer aberta às novas correntes de sangue, à novas idéias e às novas influências.

As características naturais dos galileus e a preparação da história tinham transformado a Galiléia no lugar onde um novo mestre com uma nova doutrina tinha todas as oportunidades possíveis de ser escutado pela maioria. Ali foi onde Jesus iniciou sua missão e anunciou pela primeira vez sua mensagem.

O ARAUTO DE DEUS

Mateus 4:12-17 (continuação)

Antes que demos por bem lida esta passagem há outros aspectos de seu conteúdo que precisam ser sublinhados.

Jesus foi à cidade do Cafarnaum. O nome correto desta localidade é Cafarnaum; a forma *Cafarnaum* não aparece em nenhum texto até o século V de nossa era, mas está tão indelevelmente fixada em nossas

fontes e lembranças que provavelmente o melhor seja não tentar trocá-la, mesmo que Cafarnaum seja o mais correto.

Houve muitas discussões em relação à localização exata desta cidade. Foram sugeridos dois lugares diferentes. A identificação mais corrente e provavelmente a mais correta de Cafarnaum é com o Tell Hum, que está a oeste do extremo norte do Mar da Galiléia. A alternativa, menos provável, é que Cafarnaum seja Khan Minyeh, lugar situado a uns quatro quilômetros ao sudoeste do Tell Hum. De todos os modos, na atualidade não ficam mais que ruínas do lugar onde Cafarnaum possivelmente tenha existido.

Um dos costumes de Mateus era encontrar no Antigo Testamento qualquer tipo de referência que pudesse servir como profecia de algum fato da vida de Jesus. Em relação com esta passagem encontra uma "profecia" no Isaías 9:1-2. De fato, estamos aqui ante outra dessas profecias que Mateus violenta, ao arrancar a de seu contexto e usá-la a seu modo, totalmente fora do que para nós seria correto. É uma profecia que data da época do reino de Sarda. Naqueles dias as partes setentrionais da Palestina, incluindo Galiléia, tinham sido despojados pelos exércitos invasores dos assírios. Tratava-se originalmente da profecia da liberação que mereceriam alguma vez os territórios conquistados. Mateus vê nela uma profecia da luz que Jesus teria que derramar sobre estas regiões.

Por último, Mateus nos oferece um resumo, em poucas linhas, da mensagem que trazia Jesus. As versões correntes dizem que Jesus começou a "pregar". A palavra "pregar" correu bastante má sorte na evolução do idioma; é uma desgraça que para muitos seja um sinônimo de "aborrecer". A palavra grega é *Keruxia*, que significa a proclamação que faz o arauto antes da chegada do rei. *Kérux* é o termo grego que designa ao arauto, e o arauto era o homem encarregado de trazer mensagens diretamente do rei e anunciá-los ao povo.

Esta palavra nos diz algo em relação às características da pregação de Jesus, que deveriam estar presentes em toda pregação.

(1) O arauto tinha em sua voz uma nota de *certeza*. Não podia duvidar-se de sua mensagem. Não vinha com possivelmente, provavelmente e pode ser. Vinha com uma mensagem certa e indisputável. Goethe disse: "me fale de suas certezas, para dúvidas já tenho suficientes com as minhas." A pregação é a proclamação de certeza, e ninguém pode transmitir a outros a certeza daquelas coisas das que ele mesmo duvida.

(2) O arauto levava em sua voz uma nota de *autoridade*. Falava em nome do rei; pronunciava e anunciava a lei que o rei tinha ditado, as ordens que tinha repartido e as decisões que desejava comunicar. Como disse respeito de certo grande pregador: "Não adivinhava, sabia." A pregação, tal como o assinalou, é a aplicação da autoridade profética à situação atual.

(3) A mensagem do arauto provinha de *uma origem se localizado além dele. Emanava do rei*. A pregação fala a partir de uma fonte que não é o pregador. Não é a expressão das opiniões pessoais de um homem; é a voz de Deus que se transmite através de um homem a outros homens. Jesus falou com os homens com a voz de Deus.

A mensagem de Jesus consistia em uma ordem que era a consequência iniludível da nova situação exposta Por Deus. "Arrependei-vos", dizia. "Ihes volte de seus caminhos, Ihes volte para Deus. Levantem seus olhares do chão e olhem ao céu. Dêem marcha atrás, deixem de Ihes afastar de Deus e comecem a ir para ele. Este mandamento se tornou urgentemente necessário, porque o Reino de Deus estava a ponto de iniciar-se. A eternidade tinha invadido o tempo. Deus tinha invadido a Terra em Jesus Cristo, e portanto era de tremenda importância para todos saber escolher o bando correto e saber andar na direção correta.

CRISTO CHAMA OS PESCADORES**Mateus 4:18-22**

Toda Galiléia tinha como centro o mar que leva seu nome, o qual tinha vinte quilômetros de comprimento, do norte ao sul, e treze quilômetros de largura, deste o oeste. O mar da Galiléia, portanto, é pequeno, e é interessante assinalar que Lucas, o gentio, que tinha visto muito mais mundo que os outros apóstolos, nunca o chama mar a não ser "lago". Tem forma ovalada, sendo mais largo para o norte que para o sul. Ocupa essa enorme depressão da casca terrestre por onde também corre o rio Jordão. A superfície do Mar desta Galiléia a uns duzentos metros por debaixo do nível do mar. O fato de que ocupe este afundamento na superfície do planeta lhe confere um clima muito quente e faz que os campos que o rodeiam sejam extraordinariamente férteis. É um dos lagos mais bonitos do mundo.

W. M. Thompson o descreve: "Vista desde qualquer das alturas que o rodeiam parece uma fina lâmina de água – um espelho polido, emoldurado por uma cadeia de serras arredondadas e ásperas montanhas que se elevam e parecem ir rodando até o ponto onde o Hermon serve como gancho, encravado na abóbada azul do céu, para que dele pendure toda a paisagem." Na época do Josefo havia não menos de nove cidades populosas sobre as bordas do Mar da Galiléia. Em 1930, quando H. V. Morton visitou esta região, somente restava ficava Tiberíades, e esta não era mais que uma pequena vila.

Na época de Jesus no Mar da Galiléia pululavam os navios de pesca. Josefo, em certa expedição, não teve dificuldade em reunir duzentos e quarenta navios para fazê-los zarpar da Tariquea carregados de tropa. Mas na atualidade quão pescadores ficam são poucos, e estão muito espaçados.

Havia três métodos de pesca. Pescava-se com linha, com rede de lançar e com rede de arrasto. A rede de lançar era circular, e podia chegar a ter até três metros de diâmetro. Era lançada com grande

habilidade desde a costa, ou entrando um pouco na água. As partes de chumbo que se atavam a seus perímetros faziam que se afundasse na água e rodeasse os peixes, imediatamente se puxava uma soga que fechava a parte inferior da rede, e os peixes ficavam apanhados, ponha essa mesma soga a tirava terra. Era essa classe de rede a que estavam usando Pedro e André, Tiago e João, quando Jesus os viu. Seu nome em grego era *amfíbléstron*. A rede de arrasto era usada desde um barco, ou entre dois barcos. Era jogada no mar atado com sogas em seus quatro extremos. Contava com pesos na parte inferior que a faziam ficar "de pé" na água. Quando os navios avançavam, arrastavam a rede, a que adquiria a forma de um enorme cone no qual ficavam apanhados os peixes, e era relativamente fácil, ao tirar a rede, fazer que caíssem dentro dos navios. Esta classe de rede é a que serve de ilustração na parábola da rede. Em grego a chamava *saguené*.

Jesus ia caminhando pela costa do lago, e ao encontrar-se com Pedro e André os chamou. O mesmo fez com o Tiago e João. Não deve pensar-se que essa foi a primeira ocasião em que ele os viu, ou eles O viram. A maneira como João conta a história, pelo menos alguns deles já eram discípulos de João Batista (João 1:35). Devem ter tido mais de uma oportunidade de conversar com Jesus e de havê-lo escutado. Mas nesse momento Ele expõe a eles o desafio de lançar sua sorte com Ele, de maneira definitiva.

Os gregos acostumavam contar a história de como Xenofonte tinha conhecido Sócrates. Sócrates cruzou com ele em um atalho muito estreito, e o impediu de seguir o seu caminho com um fortificação que levava na mão. Primeiro lhe perguntou se podia lhe informar onde adquirir distintos artigos, e se sabia onde se fabricavam distintos objetos. Xenofonte foi proporcionando a informação que lhe pedia. Então Sócrates lhe perguntou: "E sabe onde os homens se fazem bons e virtuosos?" "Não", respondeu o jovem Xenofonte, "Então", disse Sócrates, "siga-me e aprenda." Jesus também chamou a esses pescadores para que o seguissem. É interessante notar que classe de homens eram.

Não eram homens que tivessem recebido uma grande instrução, ou que gozassem de grande riqueza, ou nível social, ou influência. Não eram pobres, tampouco, eram simples trabalhadores sem distinção e certamente, diriam alguns, sem futuro. Jesus escolheu estes homens comuns. Em certa oportunidade se aproximou de Sócrates um homem comum que se chamava Esquines. "Sou pobre", disse Esquines, "e não tenho nada para oferecer-te, mas me dou a mim mesmo." "Não te dá conta", replicou-lhe Sócrates, "que me está dando o mais precioso que ninguém possa oferecer?" O que Jesus precisa são pessoas comuns que estejam dispostas a entregar-se elas mesmas a Ele. Com pessoas desta classe pode fazer algo.

Além disso, estes homens eram pescadores. Vários eruditos assinalaram que os pescadores possuem por necessidade profissional aquelas qualidades que têm que convertê-los em bons "pescadores de homens".

(1) O pescador deve ter *paciência*. Deve aprender a esperar pacientemente até que o peixe morda a isca de peixe. Se for inquieto e não pode ficar tranqüilo nunca poderá ser um bom pescador. O bom pescador de homens precisará ser paciente. Na pregação ou o ensino estranho vez se verão resultados rápidos. Deve-se aprender a esperar.

(2) Deve ter *perseverança*. Deve aprender a não descoroçar-se nunca, a sempre voltar a provar uma vez mais. O bom pregador ou professor não deve descoroçar-se quando aparentemente não acontece nada. Deve estar sempre disposto a voltar a provar.

(3) Deve ter *coragem*. Como dizia um grego antigo ao pedir o amparo dos deuses: "Meu navio é tão pequeno e o mar é tão grande..." Deve estar disposto a correr riscos e a enfrentar o fúria do mar e os ventos rebeldes. O bom pregador ou o bom professor devem ser conscientes do risco que se corre quando diz a verdade aos homens. O homem que se arrisca a dizer a verdade com muita freqüência corre o perigo de perder sua reputação ou, inclusive, sua vida.

(4) Deve ter uma *noção exata do momento correto*. O pescador sábio sabe que há momentos quando é inútil pescar. Sabe quando lançar as redes e quando ficar em sua casa. O bom professor ou pregador escolhe o momento apropriado. Há ocasiões em que os homens darão boas-vindas à verdade, e momentos em que resistirão a ela. Às vezes a verdade os comoverá, às vezes endurecerá seus corações e os levará a opor-se mais a sua luz. O bom pregador, o bom professor, é o que sabe que há momentos para falar e momentos para estar calados.

(5) Deve *adequar a isca de peixe à classe de peixe*. Cada peixe responde a um tipo distinto de isca de peixe. Paulo disse que ele se fazia tudo a todos, a fim de poder ganhar a alguns. O pregador e o professor sábio sabem que o mesmo enfoque não convence a todos os homens. Terá, inclusive, que reconhecer e aceitar suas próprias limitações. Deverá descobrir que há certas esferas nas quais pode trabalhar e outras nas quais é impotente.

(6) O bom pescador deve *manter-se oculto*. Se sua presença for muito manifesta, até se projeta sua sombra sobre a água, os peixes não se aproximarão. O bom pregador e professor não se apresentará ele mesmo perante os homens, mas sim apresentará a Jesus. Seu objetivo é que os homens fixem seus olhares, não nele, mas sim nAquele que está mais à frente.

OS MÉTODOS DO MESTRE

Mateus 4:23-25

Jesus tinha escolhido começar sua missão na Galiléia, e já vimos como Galiléia estava bem preparada para receber a semente. E na Galiléia Jesus escolheu lançar sua campanha nas sinagogas. A sinagoga era a instituição mais importante na vida de todo judeu. Havia uma diferença importante entre as sinagogas e o Templo. Havia somente um Templo, o de Jerusalém, mas em qualquer lugar se encontrasse até a mais pequena colônia de judeus havia uma sinagoga. O Templo existia

unicamente para a apresentação de sacrifícios; nele não se pregava nem se ensinava. Já a sinagoga era essencialmente uma instituição docente. As sinagogas foram definidas como "as universidades populares religiosas daquela época". Se qualquer tinha idéias ou ensinamentos religiosos que queria disseminar, a sinagoga era sem dúvida o lugar onde mais lhe convinha começar sua missão.

Além disso, o serviço religioso que se desenvolvia na sinagoga dava a oportunidade para que qualquer professor comunicasse sua doutrina. O culto da sinagoga se dividia em três partes. A primeira parte consistia em orações. A segunda parte se desenvolvia mediante leituras da Lei e os Profetas, que eram feitas em voz alta por membros da congregação. A terceira parte era o "sermão" ou "discurso". Um fato de suma importância é que não havia uma pessoa determinada para pronunciar o sermão. Não existia o equivalente de nossos atuais pregadores profissionais. O presidente da sinagoga se encarregava de fazer os acertos para o culto de cada sábado. Qualquer podia ser convidado para pronunciar o sermão, especialmente se se tratava de um viajante distinto que visitava a localidade, e qualquer podia oferecer-se para esta tarefa se acreditava ter uma mensagem que comunicar aos membros da sinagoga. Se o presidente ou governador da sinagoga julgava que era uma pessoa apta para fazê-lo não era necessário nenhum outro trâmite. Deste modo desde o começo a porta e o púlpito da sinagoga estiveram abertos para Jesus. Começou pela sinagoga porque era ali onde podia encontrar as pessoas mais sinceramente religiosas de sua época, e porque na sinagoga havia aberto o caminho para lhes falar. Depois do sermão vinha um período de bate-papo, perguntas, respostas e discussão. A sinagoga era o lugar ideal para transmitir ao povo um novo ensino.

Mas Jesus não somente pregava. Também curava os doentes. Não é de maravilhar-se que em pouco tempo circulassem por toda parte as notícias das maravilhas que fazia, e que portanto se reunissem

verdadeiras multidões para escutá-lo, para vê-lo e para beneficiar-se de sua misericórdia.

Vinham de Síria. Síria era a província maior, da qual a Palestina era somente uma parte. estendia-se para o norte e para o nordeste com a grande cidade de Damasco como capital.

Uma das mais belas lendas que nos chegaram desde aquela época é a que registra Eusébio em sua *História Eclesiástica* (1:13). A história diz que em Edessa havia um rei chamado Abgaro, que estava doente. Conforme se conta, este rei escreveu uma carta a Jesus que dizia:

"Abgaro, rei de Edessa, a Jesus, o mais excelente salvador, que apareceu na região de Jerusalém: Saudações. chegaram até minha notícias de você, e de suas curas, que efetua sem remédios e sem ervas; porque segundo fui informado você faz os cegos verem os paralíticos andarem, purifica os leprosos, expulsa os maus espíritos e os demônios, cura os que sofrem de doenças prolongadas e ressuscita os mortos. Tendo ouvido tudo isto de você, cheguei à conclusão do que uma das duas seguintes afirmações deve ser verdadeira. Ou você é Deus e tendo descido do céu faz as coisas que me disseram, ou é você um Filho de Deus, pelas coisas que faz. Escrevo-lhe, portanto, para lhe pedir que venha me curar da enfermidade que sofro. Porque escutei também que os judeus murmuram contra você e que tramam coisas muito desagradáveis contra você. A cidade sobre a qual eu governo é pequena mas muito agradável, e é o suficientemente grande para que possamos viver nela os dois."

Conforme segue a lenda, Jesus teria respondido:

"Bem-aventurado é você por ter acreditado em mim sem me ter visto. Porque está escrito em relação a mim os que me virem não acreditarão em mim, enquanto que os que não me virem acreditarão em mim e serão salvos. Entretanto, a respeito do seu convite para eu viajar para visitá-lo, devo cumprir todas as coisas para as que fui enviado a este lugar e, depois de havê-las completado, tenho que retornar Àquele que me enviou. Entretanto, depois que retorne Àquele que me enviou, enviarei a um de meus discípulos para que cure sua enfermidade, e para dar vida a você e aos seus:"

A lenda quer que Tadeu teria sido o apóstolo de Edessa, e que curou a Abgaro e pregou o evangelho aos habitantes daquela cidade. É somente

uma lenda, provavelmente, mas demonstra como os homens acreditavam que até na distante Síria se ouviu falar de Jesus e desejavam com toda a força de seus corações receber a ajuda e a cura que somente ele podia lhes oferecer.

A maioria dos que acudiam a Jesus eram habitantes da Galiléia, e quando em Jerusalém e Judéia se soube a respeito de Jesus, também foram a partir dali. Também iam da região de além do Jordão, que naquela época se conhecia como Peréia, e que se estendia desde Pella, no norte da Arábia Pétreia, até Petra, no sul da Arábia. Também vinham do Decápolis. Decápolis era uma federação de dez cidades gregas que gozavam de foros de independência. Todas elas, exceto Scitópolis, estavam localizadas ao oeste do rio Jordão.

A lista é simbólica, porque nela vemos que não somente os judeus mas também os gentios se aproximavam de Jesus, procurando nele o que somente ele podia lhes oferecer. Já tinham começado a congregar-se em torno dele "os limites da Terra".

AS ATIVIDADES DE JESUS

Mateus 4:23-25 (continuação)

Esta passagem é muito importante porque nos oferece um resumo das três principais atividades que Jesus desempenhou durante seu ministério.

(1) Veio *proclamando o evangelho*, ou "pregando" como dizem as versões comuns. Como já dissemos, a pregação é o anúncio de certezas. Portanto, Jesus veio para derrotar a ignorância dos homens. Veio para dizer aos homens a verdade a respeito de Deus, para lhes dizer aquilo que por si mesmos nunca poderiam ter descoberto. Veio para pôr fim à invenção e às hipóteses no que respeita ao conhecimento de Deus.

(2) Veio *ensinando* nas sinagogas. Qual é a diferença entre ensinar e pregar? A pregação é o anúncio de certezas que não admitem discussão nem compromissos; o ensino é a explicação do significado e das

implicações daquelas certezas. Portanto, Jesus veio para derrotar os mal-entendidos dos homens. Há momentos em que o homem sabe a verdade mas a interpreta mal. Sabe a verdade, mas extrai dela conclusões completamente desacertadas. Jesus veio para ensinar aos homens o significado da verdadeira religião.

(3) Veio *curando* a quem tinha necessidade de cura. Quer dizer, Jesus veio para derrotar o sofrimento humano. O que é verdadeiramente importante a respeito de Jesus é que não se contentou em falar da verdade, veio para converter a verdade em fatos. Florence Allshorn, a grande professora missionária, disse: "Nunca possuímos um ideal até que não o tocamos com a ponta dos dedos." O ideal não é nosso se não o vemos convertido em ação. Jesus converteu seus próprios ensinamentos em ação, em suas obras de cura e de ajuda aos necessitados.

Jesus veio *pregando* para derrotar toda ignorância, Veio *ensinando* para derrotar todos os mal-entendidos. Veio *curando* para derrotar todo o sofrimento e dor humanos. Nós também devemos proclamar nossas certezas. Nós também devemos estar preparados para explicar nossa fé. Nós também devemos converter em ação e fatos concretos o conteúdo de nossos ideais.

Mateus 5

[O Sermão da Montanha](#)

[O resumo da fé](#)

[A introdução de Mateus](#)

[A suprema bem-aventurança - Mat. 5:3](#)

[A bem-aventurança dos destituídos - Mat. 5:3 \(cont.\)](#)

[A bem-aventurança dos de coração quebrantado - Mat. 5:4](#)

[A bem-aventurança da vida governada por Deus - Mat. 5:5](#)

[A bem-aventurança do espírito faminto - Mat. 5:6](#)

[A bem-aventurança da perfeita simpatia - Mat. 5:7](#)

[A bem-aventurança do coração limpo - Mat. 5:8](#)

[A bem-aventurança de unir os homens - Mat. 5:9](#)

[A bem-aventurança de quem sofre por Cristo - Mat. 5:10-12](#)

- A bem-aventurança do caminho manchado de sangue - Mat. 5:10-12
- O sal da terra - Mat. 5:13
- A luz do mundo - Mat. 5:14-15
- Brilhemos para Deus - Mat. 5:16
- A lei eterna - Mat. 5:17-20
- A essência da lei - Mat. 5:17-20 (cont.)
- A lei e o evangelho - Mat. 5:17-20 (cont.)
- A nova autoridade - Mat. 5:21-48
- A nova pauta moral - Mat. 5:21-48 (cont.)
- Proibição da ira - Mat. 5:21, 22
- As palavras ofensivas - Mat. 5:21, 22 (cont.)
- A barreira insuperável - Mat. 5:23, 24
- Reconciliar-se a tempo - Mat. 5:25-26
- O desejo proibido - Mat. 5:27-28
- A intervenção cirúrgica - Mat. 5:29-30
- O vínculo que não se pode quebrar
 1. A instituição do casamento entre os judeus - Mat. 5:31,32
 2. A instituição do casamento entre os gregos - Mat. 5:31,32 (cont.)
 3. A instituição do casamento entre os romanos - Mat. 5:31,32 (cont.)
- A palavra é promessa - Mat. 5:33-37
- O fim dos juramentos - Mat. 5:33-37 (cont.)
- A lei antiga - Mat. 5:38-42
- O fim do ressentimento e da vingança - Mat. 5:38-42 (cont.)
- A dádiva generosa - Mat. 5:38-42 (cont.)
- O amor cristão – (1) seu significado - Mat. 5:43-48 (cont.)
- O amor cristão – (2) sua razão de ser - Mat. 5:43-48 (cont.)

O SERMÃO DA MONTANHA

Tal como já o vimos, em seu evangelho Mateus segue um plano bem estruturado.

Em sua história do batismo de Jesus nos mostra isso a este tomando consciência de que tinha chegado sua hora, de que Ihe tinha chegado o chamado da ação e de que devia iniciar sua cruzada. Na história das tentações nos mostra como Jesus escolheu deliberadamente os métodos

que usaria para executar sua tarefa, e como rechaçou deliberadamente aqueles métodos que considerava opostos à vontade de Deus.

Se alguém se propõe levar a cabo uma tarefa importante, necessita ajudantes que o secundem. Por isso Mateus segue nos mostrando como Jesus seleciona aos que seriam seus colegas de trabalho e compartilhariam sua missão. Mas para que os ajudantes desempenhem inteligentemente sua parte na tarefa mais vasta, é necessário capacitá-los. Agora, pois, no Sermão da Montanha, Mateus mostra a Jesus dando instrução a seus discípulos na mensagem que eles deviam transmitir a todos os homens. Na apresentação do Sermão da Montanha que encontramos em Lucas todo isto fica muito mais de manifesto, porque segue a seguir do que poderíamos denominar a nomeação oficial dos doze (Lucas 6:13 ss.).

Por este detalhe é que um grande erudito chamou o Sermão da Montanha "O sermão de ordenação dos doze". Da mesma maneira que todo jovem ministro no momento de sua ordenação é confrontado com as dimensões da tarefa que lhe corresponderá desempenhar, os doze apóstolos receberam de seu Jesus "sermão de ordenação" antes de ser enviados.

Outros estudiosos intitularam de diferentes maneiras este "sermão". Foi denominado "O compêndio da doutrina de Cristo", "A Carta Magna do Reino", "O manifesto do Rei". Todos coincidem em que no Sermão da Montanha temos a medula e a quintessência do ensino de Jesus ao círculo íntimo dos que tinha eleito.

O Resumo da Fé

Em realidade esta denominação se ajusta mais à autêntica natureza do Sermão da Montanha do que poderia parecer à primeira vista. Referimo-nos ao "Sermão" da Montanha como se fosse um sermão que Jesus tenha pregado, mais ou menos na forma em que nós o temos, em

alguma ocasião particular. Mas é muito mais que isto. De fato, é uma síntese dos distintos sermões que pregou durante o seu ministério.

(1) Qualquer que o escutasse em sua forma atual ficaria exausto antes de chegar a seu fim. Há muita riqueza de conteúdo para que se possa escutar de uma só vez. Outra coisa, muito distinta, é lê-lo, e deter-se para meditar em seus conceitos cada vez que for necessário; seria completamente distinto escutá-lo pela primeira vez. Além disso, quando o lemos, fazemo-lo com o ritmo a que estamos acostumados, é-nos mais fácil, e em geral conhecemos por leituras anteriores a maioria das palavras que o compõem. Se o escutasse em sua forma atual pela primeira vez, antes de chegar ao fim o ouvinte ficaria empanturrado pela abundância de luz.

(2) Há certas porções do sermão que aparecem repentinamente, sem advertência alguma; quer dizer, não mantêm relação com o que vem antes nem com o que vem a seguir. Por exemplo, Mateus 5:31-32 e Mateus 7:7-11 estão bastante desconectados de seu contexto. Não são a conseqüência lógica do que antecede nem resolvem em sua continuação. O Sermão da Montanha é desconexo em várias de suas partes.

(3) O mais importante de tudo é isto. Tanto Mateus como Lucas nos dão cada um uma versão do Sermão da Montanha. Na versão do Mateus há 107 versículos. Destes 29 estão em Lucas 6:20-49, como uma unidade; 47 não têm paralelo na versão de Lucas e 34 estão dispersos, em distintos contextos, com o passar do evangelho de Lucas. Por exemplo, o símile do sal está em Mateus 5:13 e em Lucas 14:34-35; o símile da candeia está em Mateus 5:18 e em Lucas 8:16; o dito a respeito de que nenhum *jota* e nenhum *til* da Lei passarão está em Mateus 5:18 e em Lucas 16:17. Quer dizer, algumas passagens que em Mateus aparecem como consecutivas estão separados, inclusive em diferentes capítulos, no evangelho de Lucas. Para pôr outro exemplo, o dito sobre o cisco no olho do irmão e a trave no nosso está em Mateus 7:1-5 e Lucas 6:37-42; a passagem em que Jesus convida aos homens a procurar, porque assim encontrarão, está em Mateus 7:7-12 e Lucas 11:9-13. Se

comparamos toda esta informação veremos o problema com maior clareza:

Mateus 5:13	=	Lucas 14:34-35
Mateus 5:15	=	Lucas 8:16
Mateus 5:18	=	Lucas 16:17
Mateus 7:1-5	=	Lucas 6:37-42
Mateus 7:7-12	=	Lucas 11:9-13

Como já se assinalou, Mateus é essencialmente o evangelho didático. Uma de suas características é que coleciona os ensinamentos de Jesus sob títulos bastante gerais, e é muito mais lógico pensar que Mateus tenha colecionado os ditos de Jesus que compõem o Sermão da Montanha em uma grande unidade, que pensar que Lucas tenha tomado essa unidade e a tenha fragmentado em partes que se localizou tudo ao longo de seu evangelho. O Sermão da Montanha não é um só sermão que Jesus tenha pregado em uma ocasião concreta, a não ser o epítome, a quintessência, o resumo ou síntese dos ensinamentos que em diversas oportunidades repartiu a seus discípulos.

Foi sugerido que, quando Jesus finalmente terminou de escolher os doze apóstolos, deve tê-los levado a algum lugar tranquilo durante uma ou duas semanas para lhes ensinar o essencial da mensagem que teriam que anunciar aos homens. O Sermão da Montanha é o resumo desse ensino.

A introdução de Mateus

A fórmula introdutória usada por Mateus sugere tudo isto ao leitor atento.

Vendo a multidão, subiu ao monte;
E sentando-se, vieram a ele seus discípulos.
E abrindo sua boca lhes ensinava, dizendo:

Nestes breves versículos há três chaves importantes que podem nos ajudar a compreender o significado do Sermão da Montanha:

(1) Jesus começou a ensinar *depois de haver-se sentado*. A postura de ensino do rabino judeu era sentado. Ainda falamos da "cadeira" (cadeira) de um professor; o Papa fala *ex-cathedra*, ou seja desde sua cadeira. Muito freqüentemente os rabinos comunicavam alguns de seus ensinamentos enquanto caminhavam com seus discípulos, ou estando de pé; mas os ensinamentos que verdadeiramente ditava como professor profissional os repartia sentado. Por isso a sugestão de que Jesus se sentou para ensinar estas coisas, é uma indicação importante do caráter fundamental do que segue a seguir: é a "versão oficial", por assim dizê-lo, a própria essência de sua doutrina.

(2) Mateus diz, além disso, que *ensinava abrindo sua boca*. Esta frase não é uma figura redundante do autor, uma ornamentação do texto que quer significar simplesmente "E disse". Em grego a expressão "abriu a boca" tem pelo menos dois significados. (a) É usada como prefácio de alguma declaração particularmente solene ou importante. É usada, por exemplo, antes de reproduzir os pronunciamentos de um oráculo. É o prefácio lógico de qualquer declaração de peso. (b) Usa-se, além disso, para referir-se às afirmações de uma pessoa que verdadeiramente está abrindo seu coração e mostrando os conteúdos mais íntimos de sua mente. Quer dizer que o ensino que se pronuncia deste modo é direta, sem barreiras na comunicação. Este segundo significado da expressão também assinala que o material do Sermão da Montanha não é um ensino qualquer de Jesus. É o pronunciamento grave e solene das coisas fundamentais; nestes ensinamentos Jesus está abrindo seu coração àqueles homens que seriam seu braço direito no cumprimento da missão.

(3) As versões correntes dizem que Jesus "ensinava-lhes, dizendo". Em grego se usam dois tempos pretéritos diferentes, um dos quais não existe em português e que, portanto, é muito difícil de traduzir, o tempo aoristo. O aoristo expressa uma ação que foi iniciada e *completada* no

passado. Se disséssemos "Ele fechou a porta" em grego, teríamos que usar o aoristo, porque esta oração descreve uma ação concluída no passado. Além disso, existe o *tempo imperfeito*, também um passado, que descreve a ação que se repete, é contínua ou habitual, efetuada no passado. Se disséssemos "Seu costume era ir à Igreja todos os domingos", em grego, "era ir" se diria mediante um só verbo em tempo imperfeito, porque descreve uma ação contínua e repetida freqüentemente que se executava no passado. Na oração que estamos estudando o verbo "ensinava" não está, em grego, em aoristo, mas está no imperfeito, e portanto descreve uma ação habitual, repetida de Jesus, e portanto a tradução deveria ser: "Isto é o que costumava lhes ensinar." O que diz Mateus em grego, com toda a clareza com que se pode expressar nesse idioma, é que o Sermão da Montanha, que segue em continuação, não é um sermão específico, que Jesus pregou em certa oportunidade particular, mas o resumo, a essência, o núcleo do que Jesus ensinava continuamente e de maneira habitual a seus discípulos.

O Sermão da Montanha é algo muito maior e importante do que em geral pensamos. Mateus, nestas breves palavras introdutórias, quer nos fazer notar que se trata da "ensino oficial de Jesus", que nestas palavras Jesus está abrindo seu coração a seus discípulos, e lhes comunicando o mais profundo de seu pensamento; e que é o resumo dos ensinamentos que Jesus costumava transmitir ao círculo mais íntimo de seus seguidores. O Sermão da Montanha não é outra coisa que a evocação concentrada de muitas horas de comunhão íntima entre os discípulos e seu Mestre.

Ao começar nosso estudo do Sermão da Montanha usaremos para cada uma das bem-aventuranças o texto que encontramos na versão de uso mais corrente nas Igrejas evangélicas, a Revista e Atualizada (revisão 1995), mas ao concluir cada estudo procuraremos ver o que significam essas palavras em português contemporâneo.

A SUPREMA BEM-AVENTURANÇA**Mateus 5:3**

Antes de entrar no estudo detalhado de cada bem-aventurança se impõem duas observações de ordem geral.

(1) Pode perceber-se que todas as bem-aventuranças possuem a mesma forma. No original em grego não aparece o elo que une, em português, as duas partes de cada bem-aventurança. Por que é assim? Jesus não pronunciou as bem-aventuranças em grego mas em aramaico, que era a classe de hebreu que os judeus falavam naquela época. Em aramaico e hebreu há uma expressão muito corrente, que é uma espécie de interjeição e que significa: "Que feliz é...!" Esta expressão (em hebreu clássico *asheré*) é muito comum no Antigo Testamento. Por exemplo, o Salmo 1 começa com essa expressão, e quer dizer literalmente: "Que feliz o homem que não andou acompanhado nem obedeceu o conselho dos maus!" (Salmo 1:1). Esta é a mesma forma que Jesus utiliza nas "bem-aventuranças". As bem-aventuranças não são simples afirmações, são exclamações enfáticas: "Que feliz é o pobre de espírito...!"

Isto é muito importante, porque significa que as bem-aventuranças não são piedosas exclamações de esperança no que poderia chegar a ser; não são profecias brilhantes com um halo de glória futura em algum céu distante; são exclamações de alegria por algo que já é, que já existe. São felicitações. A bem-aventurança que recebe o cristão não é uma bem-aventurança posposta para um estado futuro de glória celestial, a não ser algo que já existe aqui e agora. Não é algo que o cristão receberá, mas algo que já recebeu. Certamente obterá a plenitude de cada dom quando puder gozá-lo na presença plena de Deus, mas enquanto isso cada dom é algo que já, aqui e agora, pode-se desfrutar.

As bem-aventuranças, com efeito, dizem: "Que felicidade é ser cristão! Que alegria seguir a Cristo! Que alegria conhecer a Jesus como Mestre, Salvador e Senhor!" A forma mesma das bem-aventuranças nos indicam que são exclamações de gozosa surpresa e radiante felicidade

pela realidade da vida cristã. Em face das bem-aventuranças se faz impossível toda interpretação do cristianismo como uma religião triste e carente de entusiasmo contente.

(2) A palavra "bem-aventurados", que se usa em cada uma das bem-aventuranças, merece uma atenção muito especial. Em grego é a palavra *makários*, que em geral se usa para descrever aos deuses. Na fé cristã há um prazer e alegria que são divinos. O significado de *makários* poderá entender-se melhor a partir de um de seus usos comuns na literatura daquela época. Os gregos sempre chamaram a ilha de Chipre "*je makária*" (a ilha feliz) porque acreditavam que era uma terra tão bela, tão rica, tão fértil que ninguém precisava transpor suas linhas costeiras para viver uma vida feliz, posto que nela havia todo o necessário para uma existência perfeita. Tinha tal clima, tais flores, frutos e árvores, tais minerais, tais recursos naturais, que continha em si tudo o que era necessário para uma felicidade perfeita. *Makários* então descreve uma alegria auto-suficiente, que possui em si mesmo o segredo de sua própria irradiação, essa alegria sereno, intocável e autônomo que não é afetado pelas diferentes circunstâncias da vida. A felicidade humana depende das ocasiões e circunstâncias cambiantes da existência, algo que a vida pode dar ou pode tirar. A bem-aventurança cristã está livre de qualquer risco ou ardil. Nada pode tocá-la ou atacá-la. "Ninguém vos tirará vossa alegria", disse Jesus (João 16:22). As bem-aventuranças nos falam dessa alegria que sai a nosso encontro até no meio da dor, aquela alegria que não podem manchar nem o sofrimento, nem a tristeza, nem o desamparo, nem a perda de algo ou alguém que queremos muito. É a alegria que brilha através das lágrimas e que nada, nem na vida nem na morte, pode arrebatar.

O mundo pode ganhar e, da mesma maneira, perder suas alegrias. Uma mudança na fortuna, um colapso da saúde, a desilusão que nos ocasionam as ambições que não podemos cumprir, até o mau tempo pode nos privar dessa migalha de alegria que o mundo pode dar. Mas o

cristão possui essa alegria sereno e intocável que provém de andar sempre na companhia de Jesus e estar sempre em sua presença.

O maior das bem-aventuranças é que não são visões esperanças de alguma realidade futura; nem são promessas douradas de glórias distantes; são exclamações triunfais ante a realidade da alegria permanente que nada no mundo pode tirar.

A BEM-AVENTURANÇA DOS DESTITUÍDOS

Mateus 5:3 (continuação)

É surpreendente que se comece a falar da felicidade dizendo: "Bem-aventurados os pobres de espírito." Há duas formas de entender o significado da palavra "pobres".

Tal como nós as temos, as bem-aventuranças estão, originalmente, no idioma grego, e a palavra que se utiliza para dizer "pobres" é *ptojói*. Em grego há duas palavras que designam a pobreza. Uma delas é *penés*. *Penem* é o homem que tem que trabalhar para ganhá-la vida, aquele que se serve a si mesmo atendendo suas necessidades com suas próprias mãos (*autodiákonos*). *Penés* é o homem de trabalho, o operário, que não tem nada que o sobre, o homem que não é rico mas que tampouco sofre miséria. Mas, como já o vimos, na bem-aventurança não se usa a palavra *penem*, a não ser *ptojós*, que descreve a pobreza absoluta e total de que está fundo na miséria. Está relacionada com a raiz *ptoséin* que significa agachar-se ou encolher o corpo; descreve, portanto, a pobreza do que não pode levar a frente em alto e pede, ajoelhado, encolhido, que lhe ofereça uma esmola para aliviar sua situação. Como dissemos, *penés* descreve ao homem que não tem nada supérfluo; *ptojós*, em troca, descreve o homem que não tem nada. Tudo isto faz que a bem-aventurança seja até mais difícil de entender. O homem que não tem nada, diz-nos, que sofre a mais abjeta miséria, é um bem-aventurado. Bem-aventurado o homem que está na pobreza mais absoluta.

Tal como o vimos anteriormente, as bem-aventuranças, entretanto, não foram pronunciadas originalmente em grego, a não ser em aramaico. Os judeus usavam a palavra "pobre" com um sentido muito especial. Em hebreu as palavras que significam pobre são *'ani* e *ebion*. Estas duas palavras sofreram, na evolução do idioma hebreu, uma quádrupla mutação de significado. (1) A princípio significavam simplesmente pobre, e portanto, sem poder, ou prestígio, e influência. (2) Portanto, porque se sofria de pobreza, carecia-se de influência, poder, ou prestígio. (3) Em terceiro lugar significaram carecer de poder, ou influência, e portanto, oprimido, explorado ou avassalado pelos capitalistas. (4) Por último deveram significar ao homem que, por não possuir nenhum recurso terrestre, coloca toda sua esperança e confiança em Deus. De maneira que em hebreu a palavra "pobre" designava ao homem humilde que põe toda sua confiança em Deus. É com este sentido que o salmista usa a palavra quando escreve: "Este pobre clamou, e lhe ouviu Jeová, e o livrou de todas suas angústias" (Salmo 34:6). Nos Salmos o que é pobre neste sentido recebe a misericórdia e o amor de Deus, "Pois o necessitado não será para sempre esquecido, e a esperança dos aflitos não se há de frustrar perpetuamente" (Salmo 9:18). Deus liberta os pobres (Salmo 35:10). "Em tua bondade, ó Deus, fizeste provisão para os necessitados" (Salmo 68:10). "Salvará os filhos do necessitado, e esmagará ao opressor". (Salmo 72:4). "Levanta da miséria ao pobre, e faz multiplicar as famílias como rebanhos de ovelhas" (Salmo 107:41). "A seus pobres saciarei de pão" (Salmo 132:15). Em todos estes casos o pobre é o homem humilde e impossibilitado, que colocou sua esperança e confiança em Deus.

Reunamos agora os dois aspectos deste termo; o grego, por um lado, e o aramaico, pelo outro. *Ptojós* descreve ao destituído total, ao homem que não possui nada; *'ani* e *ebion* descrevem ao pobre, ao humilde, ao impotente, que colocou sua esperança em Deus. portanto, "Bem-aventurados os pobres" significa:

"Bendito e feliz é o homem que tomou consciência de sua total necessidade, e que colocou sua confiança em Deus."

Se alguém se fizer consciente de sua total destituição e põe toda sua confiança em Deus entram em sua vida dois elementos que são as caras opostas de uma mesma realidade. Em primeiro lugar, muitas coisas lhe serão indiferentes, porque saberá que não pode receber felicidade nem segurança das coisas; por outro lado, em segundo lugar, sentirá que Deus, no fundo, é verdadeiramente a única coisa que lhe importa. Porque saberá que Deus é o único que pode lhe oferecer ajuda, esperança e fortaleza. O "pobre em espírito" é o homem que se deu conta que as coisas não significam nada, e que Deus o significa tudo.

Não devemos pensar que esta bem-aventurança é um elogio da pobreza material. A pobreza não é boa. Jesus nunca teria qualificado de "bem-aventurada" a condição de quem vive em vilas miseráveis ou tugúrios e não têm o suficiente para comer e são acossados constantemente pelas enfermidades, porque tudo está contra eles. O evangelho cristão tem como um de seus objetivos a eliminação desta classe de pobreza. A pobreza bem-aventurada é a do "pobre em espírito", a do espírito que reconhece sua própria falta de recursos para fazer frente às exigências da vida e encontra a ajuda e a fortaleza que necessita em Deus.

Jesus diz que a estes pobres pertence o Reino dos céus. Por que tem que ser deste modo? Se tomarmos duas das petições do Pai Nosso e as lermos juntas, "Venha seu Reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu", obtemos a seguinte definição: "O Reino dos céus é uma sociedade na qual a vontade de Deus se faz na Terra do mesmo modo que no céu". Isto significa que somente aquele que faz a vontade de Deus na Terra é cidadão do Reino dos céus; e somente podemos fazer a vontade de Deus quando nos damos conta de nossa própria total impotência, de nossa própria total ignorância e de nossa própria total incapacidade para responder satisfatoriamente às exigências da vida, e quando, portanto, pomos toda nossa confiança em Deus. A obediência

sempre se baseia na confiança. O Reino de Deus é a posse inalienável dos pobres em espírito, porque os pobres em espírito hão, tomado consciência de sua destituição total e aprenderam a confiar e obedecer.

De maneira que a primeira bem-aventurança significa:

“Quão feliz é o homem que se deu conta de sua total destituição e pôs toda sua confiança em Deus, porque somente deste modo pode oferecer a Deus essa perfeita que o converterá em cidadão do Reino dos céus!”

A BEM-AVENTURANÇA DOS DE CORAÇÃO QUEBRANTADO

Mateus 5:4

A primeira coisa que deve destacar-se ao estudar esta bem-aventurança é que a palavra grega que significa "chorar" é o termo mais forte que pode encontrar-se nesse idioma para denotar dor ou sofrimento. Usa-se para falar de quem chora a morte de um ser querido, para designar o lamento apaixonado de quem amou a alguém que já não vive. Na Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento, é a palavra que designa a lamentação de Jacó quando acreditou que José, seu filho, tinha morrido (Gênesis 37:34). Define-se como essa classe de dor que se apodera de um homem ao ponto em que este não pode escondê-lo ou contê-lo. Não se trata somente da dor que nos faz doer o coração, é a dor que faz subir até nossos olhos lágrimas incontidas. Aqui temos, então, uma forma muito curiosa de bem-aventurança e felicidade:

Feliz o homem que chora como se chora por algum ser querido que morreu.

Há três maneiras de entender esta bem-aventurança:

(1) Pode interpretar-lhe literalmente: *Feliz é o homem que suportou a mais amarga tristeza que a vida pode trazer!* Os árabes têm um provérbio que diz: "Se o sol sempre brilhar, teremos um deserto." A terra onde o sol sempre brilha depois de pouco tempo se converte em uma zona árida onde não cresce nenhum fruto. Há certas coisas que somente a

chuva pode produzir, e certas experiências que somente foram vividas por quem padeceu sofrimentos. A dor pode fazer duas coisas a nosso favor. Pode nos revelar, como nenhuma outra experiência da vida, a bondade essencial de nossos semelhantes; e pode nos ajudar a compreender, como nenhuma outra circunstância, as dimensões do consolo e a compaixão divinas. Mais de uma pessoa no momento de dor descobriu como nunca antes em sua vida o que os amigos e o amor de Deus podem significar. Quando tudo marcha bem se pode viver durante anos sem penetrar além da epiderme das coisas; mas quando vem a dor somos arrastadas para as profundezas da vida, e se aceitarmos o sofrimento, uma nova beleza e fortaleza, crescerão em nossa alma.

Caminhei um quilômetro com o prazer
e me proveu bate-papo todo o tempo,
mas quando nos separamos
não me havia dito nada importante.
Caminhei um quilômetro com a dor
e não se trocou palavra entre nós,
mas quantas coisas aprendi dela
quando compartilhamos nosso caminho!

(2) Algumas pessoas interpretaram esta bem-aventurança com este significado: *Bem-aventurados os que se sentem desesperadamente entristecidos por toda a dor e sofrimento que há no mundo.*

Quando estudávamos a primeira bem-aventurança vimos que sempre convém conceder pouca importância às coisas, mas nunca é bom conceder pouca importância aos seres humanos. Este mundo seria um lugar muito menos habitável se não houvesse tantos que estiveram profundamente preocupados com as tristezas e os sofrimentos de outros.

Lorde Shaftesbury provavelmente foi um dos homens que mais tem feito pelos homens, mulheres e meninos que sofriam. Tudo começou de maneira muito singela. Quando era muito jovem, na cidade do Harrow, um dia ia caminhando pela rua e cruzou com o enterro de um pobre. O ataúde era uma gaveta rústica e mal feita, e em vez de carro fúnebre era

transportado em um carrinho de mão. Este carrinho de mão era empurrado por um quarteto de homens bêbados, que enquanto cumpriam sua triste tarefa iam cantando canções picantes, gracejando e rindo. Quando chegaram a um pendente a gaveta caiu do carrinho de mão e se abriu, rompendo-se. Alguns poderiam pensar que a situação era cômica; alguns teriam se afastado do lugar com nojo; alguns teriam encolhido os ombros pensando, ao mesmo tempo, que não era um problema deles, embora era triste que coisas assim acontecessem. O jovem Shaftesbury viu essa cena e pensou: "Quando crescer ocuparei minha vida em cuidar para que coisas como esta não venham a acontecer." E, efetivamente, dedicou sua vida a preocupar-se com os outros. O cristianismo é uma preocupação por outros. Esta bem-aventurança significa:

"Bem-aventurado o homem que se preocupa intensamente pelos sofrimentos, tristezas e necessidades de outros."

(3) Sem lugar a dúvida as duas interpretações anteriores formam parte desta bem-aventurança, mas a principal idéia, a idéia central de seu conteúdo é indubitavelmente a seguinte: *Bem-aventurado o homem que está desesperadamente triste por seu próprio pecado e indignidade.* Como vimos, a primeira palavra da mensagem de Jesus era "Arrependei-vos". Ninguém pode arrepender-se a menos que esteja triste por seus pecados. A experiência que verdadeiramente transforma o homem é aquele momento em sua vida quando se encontra face a face com seu próprio pecado e se dá conta do que o pecado pode fazer nele. Um jovem ou uma jovem podem viver a vida sem preocupar-se com os efeitos ou conseqüências do que estão fazendo; mas chega o dia quando algo muito grave acontece e percebem pela primeira vez o gesto de dor no rosto de seu pai ou de sua mãe; e então, repentinamente, dão-se conta da magnitude de seu pecado. Isso é o que a cruz faz por nós. Quando olhamos a cruz podemos dar-nos conta de quais são as conseqüências de nosso pecado. O pecado pode arrancar uma das vidas mais belas que jamais vivida, e destroçá-la contra uma cruz. Uma das grandes virtudes

da cruz é que abre os olhos de homens e mulheres a todo o horror do pecado. E quando alguém percebe verdadeiramente todo o horror do pecado, não pode menos que experimentar um intenso sofrimento por seu próprio pecado.

O cristianismo começa com a consciência do pecado. Quão feliz é o homem que sente profunda dor por seu pecado, o homem que sente que seu coração se rompe ao dar-se conta do que fez com sua vida, contra Deus e Jesus, o homem que fica atônito ante o desastre que o seu pecado pôde ocasionar!

Quem tem esta experiência será verdadeiramente consolado; porque se trata do que habitualmente denominamos penitência, ou arrependimento, ou contrição, e Deus nunca desprezará ao que tem o coração contrito e humilhado (Salmo 51:17). O caminho que conduz à alegria do perdão atravessa, necessariamente, pela tristeza desesperadora do arrependimento.

O verdadeiro significado da segunda bem-aventurança é:

Quão feliz é o homem cujo coração sofre pelo sofrimento do mundo e por seu próprio pecado, porque é a partir deste sofrimento que encontrará a alegria de Deus!

A BEM-AVENTURANÇA DA VIDA GOVERNADA POR DEUS

Mateus 5:5

Em nosso idioma português moderno a palavra "manso" não é precisamente uma das que usaríamos como qualificativo elogioso a respeito de ninguém, implica um matiz de servilismo com o que ninguém se sentiria honrado, e uma certa passividade e não agressividade que de muito pouco servem em nosso mundo moderno. Pinta-nos a imagem de uma criatura submissa e muito pouco executiva.

Mas em grego a palavra *praus* (equivalente a "manso") era um dos termos mais elevados do vocabulário ético.

Aristóteles fala extensamente sobre a virtude da mansidão (*praotés*). Uma das características metodológicas de Aristóteles, em sua ética, era definir cada virtude como o meio termo entre dois extremos. Por um lado estava o extremo por defeito e pelo outro o extremo por excesso. Em metade de caminho entre ambos se localizava a virtude, justamente o meio. Para dar um exemplo, em um extremo está o esbanjador, no outro o avaro, no meio está o homem generoso. Aristóteles define a mansidão como o justo meio entre a ira excessiva e a falta absoluta de ira, ou passividade. A mansidão é o meio termo entre o excesso de ira e a muito pouca ira. Portanto, a primeira tradução possível desta bem-aventurança é:

Bem-aventurado o homem que sabe zangar-se na hora certa, e que nunca se zanga quando não é o caso.

Se nos perguntarmos qual o momento exato de zangar-se e quando não é, podemos estabelecer como regra geral que nunca é hora de zangar-se pelos insultos ou as ofensas que nós mesmos recebamos; os cristãos nunca devem resistir aos que querem ofendê-los; mas é o momento certo de zangar-se quando se ofende a outros. A ira egoísta sempre é um pecado, a ira altruísta pode ser uma das grandes molas morais da dinâmica moral de nosso mundo.

Mas a palavra *praus* tinha outro significado corrente em grego. Era o termo que se usava, como em português, para designar o animal domesticado, que tinha sido educado para que obedecesse a voz de seu dono, que respondeu às indicações das rédeas. É a palavra que corresponde ao animal que aprendeu a aceitar o controle do homem. Portanto a segunda tradução possível desta bem-aventurança é:

Bem-aventurado o homem cujos instintos, paixões e impulsos estão sob controle; bem-aventurado o homem que aprendeu a dominar-se.

Mas logo que terminamos que dizer estar palavras, damo-nos conta que não são exatamente o que Jesus teria dito. Não se trata da bem-aventurança do homem que sabe controlar-se a si mesmo, porque tanto autodomínio é um ideal moral que está além das possibilidades do comum dos mortais, a não ser a bem-aventurança do homem dirigido por Deus, porque somente no serviço de Deus encontramos a perfeita liberdade, e no cumprimento de sua vontade nos apropriamos de nossa paz.

Mas ainda há uma terceira via de acesso a esta bem-aventurança. Os gregos sempre contrastavam a mansidão com o orgulho. A mansidão é uma autêntica humildade que descarta por completo o orgulho.

Sem humildade não pode aprender-se nada, porque o primeiro passo para a aprendizagem é a humildade em reconhecer nossa ignorância. Quintiliano, o grande mestre de oratória romano, disse a respeito de alguns eruditos, que "sem lugar a dúvida seriam excelentes meus alunos, se não estivessem tão convencidos de tudo o que sabem." Ninguém pode ensinar ao que pensa que sabe tudo. Sem humildade não pode haver amor, porque o princípio do verdadeiro amor é o sentimento de indignidade.

Sem humildade não pode haver verdadeira religião, porque toda religião começa com a consciência de nossa debilidade e necessidade de Deus. O homem só alcança a estatura perfeita de sua humanidade amadurecida quando aprende que é uma criatura e que Deus é seu Criador, e que sem Deus não há nada que ele possa fazer.

"Mansidão" descreve a humildade, a aceitação da necessidade de aprender e da necessidade de ser perdoado. Descreve a única atitude possível do homem para com Deus. Portanto, uma terceira possível tradução desta bem-aventurança, seria:

Bem-aventurado o homem que possui a suficiente humildade para dar-se conta de sua ignorância, sua debilidade e sua necessidade de ajuda.

Esta humildade, ou mansidão, diz Jesus, herdará a Terra. É um fato demonstrado pela história que os que podem exercer o controle de si mesmos, os que aprenderam a disciplinar seus instintos, paixões e impulsos, são aqueles que possuíam verdadeira grandeza. O livro de Números diz a respeito do Moisés, maior o líder e legislador que a história já viu: "e aquele varão Moisés era muito manso, mais que todos os homens que havia sobre a terra" (Números 12:3). Moisés não possuía um caráter submisso, não era servil, podia chegar a manifestar de maneira tremenda sua ira, mas exercia controle sobre esta paixão, e a manifestava só quando era o momento apropriado. O autor de Provérbios diz: "Melhor é o que demora para irar-se que o forte; e o que se domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade" (Prov. 16:32).

Foi a ausência desta qualidade o que constituiu a ruína do Alexandre o Grande, quando, por exemplo, em um ataque de ira, em meio de uma bebedeira, arrojou uma lança e matou a seu melhor amigo. Ninguém pode governar a outros até não ter aprendido a governar-se a si mesmo; ninguém pode servir a outros até que não aprendeu a controlar-se e sujeitar-se a si mesmo; ninguém pode controlar a outros até que não sabe controlar-se a si mesmo. Mas o homem que se entrega plenamente ao controle de Deus obterá a mansidão que vai capacitá-lo a herdar a Terra.

É evidente que a palavra grega *praus*, significa muito mais do que significa a palavra portuguesa "manso". Não há uma palavra em nosso idioma que possa traduzi-la sem perda de significado. A tradução completa da terceira bem-aventurança diria, então:

Quão feliz é o homem que sabe quando expressar a ira e que nunca se zanga fora de tempo, que aprendeu a controlar seus instintos, impulsos e paixões, porque pôs sua vida sob o governo de Deus, e que tem a suficiente humildade para reconhecer sua própria ignorância e debilidade, porque o homem que possui tais virtudes é rei entre os homens!

A BEM-AVENTURANÇA DO ESPÍRITO FAMINTO**Mateus 5:6**

As palavras não existem no vazio. Possuem uma história inscrita nas experiências e no pensamento de quem as usa. O significado de cada palavra está condicionado pela experiência da pessoa que a usa. Esta afirmação geral se cumpre, de maneira particular, no caso desta bem-aventurança. Alguém que a escutasse pela primeira vez receberia uma impressão muito distinta da que produz em nós.

A verdade é que muito poucos, entre nós, dadas as condições modernas de vida, sabem o que significa ter fome ou sede. No mundo antigo era muito diferente. O salário de um operário, naquela época, era o equivalente a 8 centavos de dólar, e ainda considerando o maior valor aquisitivo do dinheiro naquela época, não havia muito que se pudesse fazer com essa soma. Na Palestina se comia carne somente uma vez por semana, e o operário estava permanentemente por um fio bordo da inanição ou seja da verdadeira fome, que pode chegar a ocasionar a morte. Muito mais grave era o problema da bebida. Na antiguidade a maioria das pessoas não dispunha de água corrente em suas casas. Quem saía de viagem podia a qualquer momento ser surpreendido por uma tormenta de ar quente. Não havia nada que pudesse fazer, exceto envolver a cabeça em seu turbante, dar as costas ao vento e esperar que passasse a tormenta, enquanto a areia entrava pelo nariz e a boca ao ponto em que só podia respirar e crescia nele uma imperiosa sede que não podia satisfazer. Nas condições da vida moderna, no mundo ocidental, não há paralelos que possam servir como comparação de situações como estas.

De modo que a fome desta bem-aventurança não é um "apetite" que pode satisfazer-se comendo um bocado na metade da manhã; e a sede não é a que se sacia com uma bebida refrigerante. É a fome do homem que durante toda sua vida não comeu o suficiente para satisfazer-se e

além disso, possivelmente, há vários dias que não tem nada para comer, é a sede do homem que morrerá a menos que encontre água para beber.

Sendo assim, esta bem-aventurança é em realidade uma pergunta e um desafio. Em efeito, o que pergunta é: Até que ponto você deseja a justiça? Você a quer na medida em que o faminto deseja algo para comer, ou o sedento algo para beber? Em outras palavras, qual é a intensidade verdadeira do desejo de justiça que nos anima?

Há muitos que experimentam um desejo instintivo de justiça, mas é um desejo nebuloso e generalizado antes que agudo e concreto. Quando chega o momento de tomar uma decisão não estão preparados para o esforço. Não estão dispostos a fazer o sacrifício que a justiça demanda. Há muitos que sofrem do que Robert Louis Stevenson chamava "a enfermidade de não querer". É evidente que o mundo mudaria radicalmente se quiséssemos a justiça mais que nenhuma outra coisa.

Quando enfocamos esta bem-aventurança deste ponto de vista, é verdadeiramente a mais exigente e terrível de todas as bem-aventuranças. Mas não somente é a bem-aventurança que mais exige do homem, mas também a que mais consolo lhe oferece. Seu pano de fundo é que o homem que recebe a bem-aventurança não é o que obtém a justiça e a bondade mas sim o que a deseja de todo o seu coração. Se a bênção de Deus descansasse somente sobre o que é justo ou bondoso, ninguém seria digno de bem-aventurança alguma. Mas a bem-aventurança é recebida pelo homem que, apesar de seus fracassos e limitações, segue desejando apaixonadamente a perfeição espiritual e moral. H. G. Wells observava em certa oportunidade que "pode-se ser mau músico, mas estar apaixonadamente apaixonado pela música".

Robert Louis Stevenson falou dos que "mesmo tendo se afundado muito profundamente no pecado, aferram-se à pouca justiça que resta, como sua posse mais apreciada, no prostíbulo, no patíbulo".

Sir Norman Birkett, o famoso advogado e juiz no campo criminal, falava de sentenciados que tinha conhecido em sua experiência profissional, e dizia que sempre fica em qualquer homem, por mais baixo

que tenha caído, uma inextinguível fome de algo, e se referia à bondade como esse "caçador que nunca se cansa de nos perseguir". Até o pior dos homens "está condenado a alguma forma de nobreza".

A verdadeira maravilha em relação aos seres humanos não é que sejam pecadores mas sim, até sendo-o, sempre desejam, em maior ou menor grau, a justiça, e que mesmo estando inundados no barro não perdem a visão das estrelas. Davi sempre quis construir o Templo de Deus, mas nunca conseguiu fazê-lo; foi-lhe proibido e negado que cumprisse sua ambição maior. Mas Deus lhe disse: "Já que desejaste edificar uma casa ao meu nome, bem fizeste em o resolver em teu coração" (1 Reis 8:18).

Em sua misericórdia Deus não nos julga somente por nossos logros mas também por nossos sonhos. Até se alguém não obtém totalmente a justiça que deseja, até se quando está a ponto de pôr-se o sol de sua vida ainda, continua experimentando fome e sede dessa justiça, não fica excluído da bem-aventurança.

Há outro aspecto desta bem-aventurança, que somente podem percebê-lo os que têm acesso ao texto em grego. Uma das regras do idioma grego é que os verbos como "ter fome" ou "ter sede" sempre estão seguidos de um substantivo em caso genitivo. O caso genitivo é a forma gramatical que em português se constrói com a preposição de. A palavra "homem" em caso genitivo é "do homem". O genitivo que vem depois de verbos como os que se citaram se denomina em grego "genitivo partitivo", ou seja o genitivo das partes. Se dissermos, por exemplo, "tenho fome de pão", não se trata de todo o pão, mas sim do pão necessário para acalmar a fome e possivelmente um pouco mais. Se disser "Tenho sede de água", não é toda a água que há no rio, ou no poço, mas sim de um pouco de água. Mas nesta bem-aventurança a palavra "justiça" não está, como corresponde, em caso genitivo (partitivo) mas em acusativo, algo muito pouco comum em grego. Quando verbos como "ter fome" ou "ter sede" vão seguidos de um acusativo, o significado da oração é que se tem fome ou sede da

totalidade do objeto ou objeto direto do verbo. Dizer "Tenho fome de pão" com "pão" em acusativo, significa "Quero comer todo o pão". Dizer "Tenho sede de água" com "água" em acusativo, significa "Quero tomar toda a água que há na jarra". Portanto a tradução correta desta parte da bem-aventurança seria:

Bem-aventurados os que têm fome e sede de toda a justiça, da justiça total, da justiça absoluta.

Isto é algo que em geral muito poucos experimentam. Contentam-se em ter alcançado um pouco de justiça. Alguém pode ser um homem bom no sentido que por mais que alguém o proponha e procure nele, não pode atribuir-lhe mal algum. Sua honestidade, sua moralidade, sua respeitabilidade estão além de qualquer questionamento; mas, ao mesmo tempo, ninguém pode ir a esse homem com tristeza e chorar sobre seu peito, porque imediatamente se retrairia. Pode haver justiça acompanhada de dureza, de um espírito de censura, de falta de simpatia. Esta justiça não é autêntica bondade moral, é uma justiça parcial. Por outro lado, possivelmente haja outro homem, suscetível a muitas formas de pecado; possivelmente beba, diga más palavras, jogue por dinheiro e perca as estribeiras com muita frequência; e entretanto quando alguém junto a ele passa por um momento difícil, é capaz de lhe dar até o último centavo que tem em seu bolso, e de tirar o casaco para abrigá-lo. Mas esta também é uma justiça parcial. O que esta bem-aventurança afirma é que não basta satisfazer-se com uma justiça parcial. É bem-aventurado aquele que tem fome e sede de uma justiça total. Não basta a conduta moral impecável sem compaixão, nem a mais apaixonada solidariedade humana sem uma vida reta.

De maneira que a tradução da quarta bem-aventurança, seria como segue:

Quão feliz é o homem que deseja a justiça total do mesmo modo como o que tem fome deseja o alimento, ou o que morre de sede deseja a bebida, porque este receberá a satisfação de seu desejo!

A BEM-AVENTURANÇA DA PERFEITA SIMPATIA**Mateus 5:7**

Tal como as lemos em nossas Bíblias, estas palavras são um grande ensino que apenas requerer pouca explicação. É a afirmação de um princípio que está presente em todo o Novo Testamento. O Novo Testamento afirma que para ser perdoados é necessário ser perdoadores. Tiago o diz com transparente clareza: "Porque julgamento sem misericórdia se fará com aquele que não fizer misericórdia; e a misericórdia triunfa no juízo" (Tiago 2:13). Jesus conclui a história do devedor que não usou de misericórdia, advertindo: "Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (Mateus 18:35). O Pai Nosso está seguido por dois versículos que explicam e sublinham o significado da petição que diz "Perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos a nossos devedores": "Porque se perdoardes aos homens suas ofensas, também vos perdoará o pai celestial; mas se não perdoardes aos homens suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará vossas ofensas" (Mateus 6:12, 14-15). O ensino constante de todo o Novo Testamento é que só os misericordiosos receberão misericórdia.

Mas o ensino da bem-aventurança não se esgota nesta interpretação. A palavra grega que significa misericordioso é *eleemón*. Entretanto, tal como dissemos repetidas vezes, o grego do Novo Testamento é, por sua vez, a tradução de originais (escritos ou verbais) em hebreu e aramaico. A palavra hebraica que quer dizer misericórdia é *chesedh*; é uma dessas palavras que não se podem traduzir. Não significa somente simpatizar com alguém no sentido corrente do termo; não significa somente sentir-se triste pela desgraça de outros. *Chesedh* é a capacidade de entrar em outra pessoa até que virtualmente podemos ver com seus olhos, pensar com sua mente e sentir com seu coração. Evidentemente isto é muito mais que sentir piedade pelo outro. É simpatia no sentido original desta palavra. "Simpatia" deriva de duas palavras gregas, *syn*, que significa

"junto com", e *paschein*, que significa "experimentar" ou "sofrer" "Simpatia" significa experimentar algo em total identificação com outra pessoa, passar por quão mesmo essa outra pessoa está passando.

Isto é precisamente o que a maioria das pessoas nunca nem sequer procuram fazer. A maioria está tão preocupada com seus próprios sentimentos que não tem tempo nem energias disponíveis para preocupar-se com os sentimentos de outros. Quando sentem tristeza por alguém, tal atitude é, por assim dizer, externa; não fazem o esforço deliberado para identificar-se em mente e coração com a outra pessoa, até ser capazes de ver e sentir as coisas tal como as vê e as sente o outro.

Se fizéssemos este intento deliberado, e se chegássemos a esta forma de identificação com o outro, nossas vidas, e as de outros, seriam muito diferentes.

(1) Isso nos libertaria de todas as formas falsas de bondade. No Novo Testamento há um exemplo bem claro de bondade mal entendida e mal dirigida. Trata-se da história que nos conta a visita de Jesus à casa da Marta e Maria, em Betânia (Lucas 10:38-42). Quando Jesus fez esta visita, faltavam muito poucos dias para que se produzisse o trágico desenlace de sua vida. Tudo o que queria era uma oportunidade para poder estar confortável e contente entre amigos, e assim poder descarregar as terríveis tensões de seu doloroso ministério. Marta amava a Jesus, este era seu hóspede mais honrado; e precisamente porque o amava tanto, desejava poder lhe oferecer a melhor refeição que sua casa podia pôr diante de um convidado especial. Por isso andava ocupadíssima de um lado para outro, fazendo muito ruído na cozinha e no refeitório; cada instante dessa correria era uma tortura para os nervos tensos de Jesus.

Tudo o que queria era tranquilidade. **Marta** tinha planejado ser bondosa com Jesus, mas não poderia ter-lhe infligido maior crueldade. Mas **Maria** compreendeu que a única coisa que Jesus queria era um momento de paz. Ocorre muitas vezes que quando queremos ser bondosos a única bondade que somos capazes de oferecer é a que nós pensamos mais adequada, e a outra pessoa tem que agüentar isso goste

ou não. Nossa bondade seria muito melhor, e estaria livre de tanta crueldade involuntária, se apenas pudéssemos fazer o esforço para ver e sentir as coisas do ponto de vista da outra pessoa.

(2) O perdão e a tolerância seriam muito mais fáceis. Há algo muito importante que habitualmente esquecemos – sempre há uma razão para que a pessoa pensar e agir da maneira em que o faz, e se nós conhecêssemos essa razão nos seria muito mais fácil simpatizar com outros, compreendê-los e perdoá-los. Se alguém, segundo nosso ponto de vista, está equivocado no que pensa, é possível que suas experiências, a forma em que foi educado, ou suas normas de vida, o levam a pensar dessa maneira e não como nos parece mais correto. Se alguém agir de maneira irritada ou pouco cortês, é possível que esteja atravessando por um momento de preocupação ou até que esteja sofrendo por alguma causa que nós desconhecemos. Tal como o afirma o provérbio francês, "Saber tudo é perdoar tudo" mas nunca chegaremos a saber o tudo até fazermos o esforço deliberado de introduzir-nos na outra pessoa a fim de compreender suas motivações mais profundas.

(3) Em uma última análise, não é isto precisamente o que Deus fez em Jesus Cristo? Em Jesus Cristo, no sentido mais literal possível, Deus entrou dentro do homem. Veio aos homens como homem, veio para ver as coisas com os olhos dos homens, a sentir com o coração dos homens, e a pensar com a mente dos homens. Deus sabe como é a vida, porque viveu a vida.

A Rainha Vitória da Inglaterra e Grã-Bretanha era íntima amiga do Tulloch, decano da Universidade de Saint Andrews, e de sua senhora. O Príncipe Alberto morreu e Vitória ficou sozinha. Quase ao mesmo tempo morreu Tulloch, e sua esposa também ficou sozinha. Sem haver-se anunciado por antecipado, a rainha Vitória visitou a senhora Tulloch, e a encontrou descansando em um sofá, em sua habitação. Quando a viúva se deu conta que a rainha estava em seu quarto, fez um esforço para levantar e fazer uma reverência. A rainha Vitória, entretanto, se adiantou, e disse: "Querida amiga, não se levante. Hoje não venho a você

como rainha a um súdito, mas sim como uma mulher que perdeu seu marido a outra na mesma condição." É exatamente o que Deus fez; veio até os homens, mas veio não como um Deus majestoso, longínquo, remoto, indiferente, mas veio como homem. A suprema instância da misericórdia é a vinda de Deus aos homens em Jesus Cristo.

Somente os que demonstram esta misericórdia receberão esta misericórdia. Ocorre assim com o homem, porque uma das grandes verdades da vida é que em outros homens sempre vemos o reflexo do que nós mesmos somos. Se formos distantes, e não manifestarmos interesse algum neles, eles agirão do mesmo modo. Se virem que nos interessamos neles, eles se interessarão em nós. E o mesmo vale, de maneira suprema, com Deus, porque aquele que é capaz de agir segundo sua misericórdia obteve nada menos que ser como Deus. De maneira que a tradução da quinta bem-aventurança poderia ser:

Quão feliz é o homem capaz de entrar em outros e sentir como eles, ver com seus olhos, pensar seus pensamentos, porque quem pode identificar-se deste modo com os outros verá que os outros farão o mesmo com ele e saberá que isso mesmo é o que Deus fez por ele em Jesus Cristo!

A BEM-AVENTURANÇA DO CORAÇÃO LIMPO

Mateus 5:8

Estamos perante a bem-aventurança que exige de todo o que a lê parar, pensar e auto-examinar-se.

A palavra do idioma grego que significa puro é *kázaros*, e possuía vários significados e usos diversos, cada um dos quais adiciona um matiz à concepção da bem-aventurança que envolve a pureza na vida cristã.

(1) Em seu sentido original, significava simplesmente *limpo*, e podia usar-se, por exemplo, em relação à roupa suja depois de ter sido lavada.

(2) Era usada normalmente para designar o trigo que foi separado da palha. Com o mesmo significado, prega-se de um exército do qual se eliminaram todos os soldados descontentes, covardes, mal dispostos e pouco eficazes em sua missão, e que portanto constitui uma força militar integrada somente por combatentes de primeira qualidade.

(3) Aparecia freqüentemente em companhia de outro adjetivo grego – *akératos*. Esta palavra pode ser empregada, por exemplo, para designar o vinho ou o leite que não foram adulterados mediante a adição de água, ou o metal puro, sem mescla de liga alguma.

O significado de *kázaros*, portanto, é *sem mescla, não adulterado, sem liga*. É por isso que a bem-aventurança envolve uma exigência tão formidável. Poderia traduzir-se da seguinte maneira:

Bem-aventurado é o homem cujas motivações são sempre integras e sem mescla de mal algum, porque este é o homem que verá a Deus.

É muito raro que realizemos até nossas melhores ações a partir de uma motivação absolutamente pura. Se ofertarmos com generosidade e desinteresse a favor de alguma boa causa, é possível que no fundo de nosso coração estejamos sentido o prazer de nos sentir bem sob a luz de nossa própria aprovação, ao mesmo tempo que desfrutamos do prestígio e a gratidão a que nos conduz nossa "generosidade". Se fizermos algo belo, que exige algum sacrifício de nossa parte, é possível que não estejamos totalmente livres do sentimento de querer que outros homens vejam em nós algo de heróico ou que nos considerem como mártires. Até o ministro do Deus mais sincero não está totalmente livre do perigo de sentir-se satisfeito consigo mesmo ao ter pregado um bom sermão. Não foi João Bunyan quem ao dele se aproximar alguém um dia para lhe dizer que tinha pregado um bom sermão replicou: "O diabo já me disse isso, enquanto descia do púlpito"?

Esta bem-aventurança nos exige a mais meticulosa vigilância e auto-exame. Que atitude guia nossas ações: a vontade de servir a outros,

ou o desejo de receber uma retribuição? Oferecemos nossos serviços desinteressadamente, ou porque procuramos a melhor maneira de nos exibirmos? Trabalhamos na Igreja por amor a Cristo ou para manter nosso prestígio?

Nossa fidelidade na assistência ao culto dominical, parte do desejo de ir ao encontro de Deus, ou é simplesmente o cumprimento de um costume ou a forma de obter a mais convencional das respeitabilidades? Até nossas orações e nossas leituras da Bíblia, são o resultado de um desejo sincero de andar em companhia de Deus, ou no fundo o que nos move é o prazer de nos sentir melhores que outros, que não manifestem tais demonstrações de piedade? É nossa religião algo no qual somos conscientes nada menos que da necessidade de ter a Deus em nosso coração, ou algo que nos permite pensar placidamente em nossa própria piedade?

Examinar as motivações mais profundas é uma empresa árdua e que muitas vezes nos envergonha, porque há muito poucas coisas que até os melhores dentre nós façamos por motivações completamente puras.

Jesus prosseguiu dizendo que somente os de puro coração verão a Deus. Um dos fatos mais simples da vida é que vemos somente aquilo que somos capazes de ver. Esta asserção não vale somente no sentido físico, mas em qualquer outro sentido possível. Se uma pessoa comum sair em uma noite estrelada, a única coisa que verá é uma enorme quantidade de manchinhas luminosas que cintilam no firmamento; vê aquilo que está capacitado a ver. Mas em idênticas circunstâncias o astrônomo poderá nos dizer o nome de cada estrela e planeta, e passará seu olhar pelas constelações como se fossem suas velhas conhecidas. Sob o mesmo céu, um navegante lerá os sinais que podem conduzir sua nave ao porto desejado através dos mares nos quais não há caminhos nem rotas demarcadas.

A pessoa comum pode caminhar pelo campo, e a única coisa que verá na margem do atalho é um matagal de seixos e flores silvestres; mas o botânico saberá o nome e uso de cada planta e até possivelmente seja

capaz de descobrir alguma raridade ou curiosidade de alto valor científico, porque para isso seus olhos estão capacitados a ver. Levemos duas pessoas a um museu cheio de quadros antigos. Quem não tiver a formação necessária não será capaz de distinguir a obra autêntica da imitação fraudulenta, enquanto que o crítico de arte poderá distinguir entre muitas telas de menor importância artística aquela que, sendo obra de algum grande mestre, vale uma soma enorme. Há pessoas de mente suja que em qualquer situação vêem a oportunidade para debulhar uma anedota picante ou uma brincadeira suja. Em qualquer esfera da vida vemos somente aquilo que somos capazes de ver.

É neste sentido que Jesus afirma que somente os limpos de coração verão a deus. É muito importante recordar, como advertência, que se mediante a graça de Deus conservamos limpos os nossos corações, ou mediante o pecado os enchemos de sujeira, estamos determinando nossa futura capacidade ou incapacidade para ver a Deus.

Esta sexta bem-aventurança, portanto, poderia ler-se:

Quão feliz é o homem cujas motivações são absolutamente puras, porque este homem algum dia será capaz de ver a Deus!

A BEM-AVENTURANÇA DE UNIR OS HOMENS

Mateus 5:9

Devemos começar nosso estudo desta bem-aventurança investigando alguns dos problemas com que nos confronta.

(1) Em primeiro lugar está a palavra *paz*. Em hebraico a paz nunca é um estado negativo; nunca significa somente a ausência de conflitos; em hebraico "paz" significa tudo aquilo que contribui ao bem-estar supremo do homem.

No Oriente, quando duas pessoas se encontram, saúdam-se desejando-se mutuamente "paz" – *shalom* – e isto não significa que se deseje para o outro simplesmente a liberação de todo mal, mas sim a

presença em sua vida de todas as coisas boas e desejáveis. Na Bíblia "paz" não envolve só a ausência de conflitos, mas sim a alegria de todo o bem.

(2) Em segundo lugar deve notar-se cuidadosamente o que diz em realidade esta bem-aventurança. A bênção recai sobre os que *fazem* a paz, e não simplesmente sobre os que *amam* a paz.

Ocorre muito freqüentemente que se alguém ama a paz mas não sabe como "produzi-la", a única coisa que conseguirá é aumentar os conflitos e criar mais problemas dos que existem. Podemos, por exemplo, permitir que se desenvolva uma situação potencialmente ameaçadora ou perigosa, alegando que por não alterar a paz preferimos não fazer nada. Há muitas pessoas que se acreditam amantes da paz, mas em realidade a única coisa que fazem é acumular situações conflitivas que explorarão no futuro, ao negar-se a enfrentar a realidade com a ação decisiva que esta requer. A paz que na Bíblia qualifica de "bem-aventurada" não provém da evasão dos problemas; é conseqüência da atitude decidida de quem os enfrenta, luta e vence. O que exige esta bem-aventurança não é a aceitação passiva de qualquer situação porque temos fazer algo que provoque reações ou conflitos, ao que ela nos convida é a enfrentar o mal, a fazer a paz, embora isso signifique lutar.

(3) A expressão *filhos de Deus* é uma forma tipicamente hebraica de designar os "pacificadores". O idioma hebreu não possui muitos adjetivos, e muito freqüentemente quando quer descrever as qualidades de algo se usa a expressão "filho de...", completada com o correspondente essencial abstrato. Assim, por exemplo, o homem *pacífico* se denominará *filho da paz*. Barnabé era apelidado *filho da consolação* em lugar de *consolador*. Essa bem-aventurança diz que os pacificadores são benditos porque serão chamados filhos de Deus, o que significa que são benditos porque fazem algo que é tipicamente o que Deus faz. O homem que faz a paz realiza a obra na qual está comprometido o Deus de paz (Rom. 15:33; 2 Cor. 13:11; 1 Tess. 5:23; Heb. 13:20).

Tem-se buscado o significado desta bem-aventurança segundo três possíveis linhas de interpretação.

(1) Alguns sugeriram que, sendo "paz" tudo aquilo que contribui ao bem-estar humano, "pacificador" é o homem que busca, de todas as maneiras possíveis, fazer com que o mundo seja um lugar onde todos os homens possam ser felizes.

Abraão Lincoln disse em certa oportunidade: "Quando eu morrer gostaria que os homens dissessem de mim que ali onde vi uma erva má, arranquei-a, e plantei em seu lugar uma flor, se crer que uma flor poderia crescer nesse lugar." Esta, em tal caso, seria a bem-aventurança de todos os que têm feito algo, por pequeno que seja, a favor da condição humana.

(2) A maioria dos primeiros eruditos da Igreja interpretavam esta bem-aventurança em um sentido puramente espiritual, e sustentavam que seu significado era: *Bem-aventurado o homem que faz a paz em seu próprio coração e em sua alma.*

Em todos nós há um conflito interior entre o bem e o mal; sempre nos sentimos arrastados em duas direções opostas; cada ser humano é, pelo menos em certa medida, uma guerra civil ambulante. Verdadeiramente feliz é o homem que conquistou a paz interior, no qual terminou a luta interior e entregou todo o seu coração a Deus.

(3) Mas há outro significado da palavra paz, ao qual os rabinos judeus davam ênfase e que, quase com certeza, é o que Jesus tinha em mente ao pronunciar a bem-aventurança. Os rabinos do judaísmo sustentavam que a tarefa mais elevada que qualquer homem podia realizar era o estabelecimento de *relações justas* entre seus semelhantes. Isto é o que Jesus quis dizer. Há pessoas que sempre são o centro de conflitos, tormentas e lutas. Em qualquer lugar que apareçam, serão vistos implicados em disputas, ou sendo a causa de lutas com outros. São briguentos. Há pessoas, deste tipo quase em toda sociedade e em toda igreja, e pode afirmar-se sem vacilação que servem ao diabo. Por outro lado, graças a Deus, há pessoas em cuja presença a inimizade não pode

prosperar, que salvam os abismos, fecham as brechas e adoçam a amargura. Estes fazem a vontade de Deus, pois o plano divino consiste em estabelecer a paz entre o homem e Deus e entre o homem e seu semelhante. O homem que divide os homens é um agente do diabo; o homem que os une está fazendo a obra de Deus.

De modo que esta bem-aventurança poderia ler-se:

Quão feliz é aquele que cria relações justas e sadias entre os homens, porque sua ação é obra de Deus!

A BEM-AVENTURANÇA DE QUEM SOFRE POR CRISTO

Mateus 5:10-12

Uma das qualidades mais destacadas de Jesus era sua absoluta honestidade. Nunca deixou lugar a que os homens se equivocassem com respeito à sorte que podiam esperar se escolhiam segui-lo. Sempre deixou claro que "não tinha vindo para tornar fácil a vida, mas para tornar grandes os homens".

É-nos muito difícil entendermos os sofrimentos que tiveram que suportar os primeiros cristãos. Em todos os aspectos de sua vida precisaram suportar incríveis dificuldades.

(1) Sua fé podia ser motivo de que perdessem seu trabalho. Imaginemos alguém que fosse pedreiro. Uma profissão ao que parece inocente. Mas a empresa para a qual trabalhava o enviasse a levantar as paredes de um templo pagão. Qual devia ser sua atitude? Ou possivelmente se tratasse de um alfaiate: qual devia ser sua atitude se lhe encarregavam de confeccionar as vestimentas litúrgicas de um sacerdote pagão? Em uma situação tal como aquela em que se achavam os primeiros cristãos, dificilmente haveria algum trabalho no qual não tivessem que enfrentar vez por outra conflitos entre seus interesses econômicos e sua lealdade a Jesus Cristo. A Igreja não duvidava de qual era a obrigação de seus membros. Quase cem anos depois alguém se aproximou de Tertuliano para lhe expor este mesmo problema: "O que

posso fazer? Tenho que viver!", disse depois de ter exposto sua situação. E Tertuliano lhe respondeu: "Realmente tem que viver?" Se a alternativa era entre ser leal a Cristo e a vida, o verdadeiro cristão sabia qual era sua obrigação.

(2) Sua fé, é obvio, perturbava sua vida social. No mundo antigo a maioria das festas eram realizadas no templo de algum deus. Muito poucos eram os sacrifícios em que os animais se queimavam totalmente no altar. Em alguns casos somente se ofereciam, de maneira simbólica, alguns cabelos cortados da cabeça da vítima; parte da carne ficava para os sacerdotes, a modo de pagamento, e o resto era devolvido ao adorador. Com esta parte ele oferecia uma festa para seus parentes e amigos. Uma das divindades mais populares, a que se ofereciam sacrifícios freqüentemente, era Serapis. E quando se mandava um convite para participar da festa que seguia inevitavelmente à cerimônia religiosa, a forma do texto dizia:

"Convido-o a compartilhar comigo a mesa de nosso Senhor Serapis..."

Podia um cristão participar de uma festa que se celebrava no templo de uma divindade pagã? Não somente isto, mas sim qualquer refeição comum, até nas casas particulares, começava sempre com uma libação, um copo de vinho que se derramava em honra de algum dos deuses. Era como "dar graças a Deus" antes das refeições. Podia um cristão participar de tal ato de adoração pagã? A resposta, também neste caso, era bem clara. O cristão devia separar-se de seus semelhantes em vez de aprovar com sua presença atos dessa natureza. Para ser cristão era necessário estar disposto a isolar-se de outros e ficar sozinho.

(3) Pior ainda, o cristão devia, em alguns casos, aceitar a ruptura de sua vida familiar. Com freqüência ocorria que um dos membros da família se convertia ao cristianismo, enquanto outros seguiam sendo pagãos. Possivelmente a esposa se tornasse cristã, mas seu marido não.

Um filho ou uma filha aceitavam a fé, enquanto seus pais e irmãos permaneciam no paganismo. Imediatamente se produzia uma divisão na família. Freqüentemente a porta do lar se fechava para sempre na cara

daquele membro da família que tinha abraçado a fé cristã. O cristianismo não contribuía para a união da família, mas sim era como uma espada que vinha para dividi-la em duas partes. Era literalmente certo que o cristão devia estar disposto a amar mais a seu Senhor que a pai, mãe, esposa, irmão ou irmã. Naqueles dias a fé cristã muito freqüentemente significava ter que escolher entre Cristo e os seres mais queridos e próximos do crente. Mais ainda, as sanções legais das que se fazia passível o cristão eram muito mais drásticas do que podemos imaginar. Todo mundo sabe que os cristãos eram jogados aos leões ou queimados na estaca. Mas estas eram mortes misericordiosas. Nero envolvia os cristãos em breu e os usava como tochas para iluminar seus jardins; costurava-os em peles de animais selvagens e lançava aos cães de caça para que lhes rasgassem a carne a dentadas. Eram torturados no cavalo de madeira, rasgados com tenazes; vertia-se chumbo derretido sobre seus corpos; eram-lhes postos pranchas de bronze aquecidas como brasa sobre as partes mais delicadas do corpo. Era-lhes arrancados os olhos. Cortavam-lhes partes do corpo que eram assadas em sua presença. As mãos e os pés eram queimados, enquanto eram banhados em água fria, para prolongar a agonia. Não são coisas agradáveis de mencionar, mas para tudo isto, devia estar preparado aquele que aceitava a fé cristã.

Podemos nos perguntar por que os romanos perseguiram o cristianismo. Pareceria extraordinário e incrível que alguém acreditasse necessário e correto submeter à perseguição e morte aos que levavam piedosas vidas cristãs. As principais razões são duas:

(1) Havia rumores caluniosos com respeito aos cristãos, que circulavam por todo o império, e os judeus eram, em parte, responsáveis por esta difamação. (a) Acusava-se os cristãos de *canibalismo*; tomavam literalmente as palavras da instituição da Ceia – "Isto é meu corpo", "Este cálice é a nova aliança no meu sangue" – e corria a história de que os cristãos em seu culto sacrificavam crianças e as comiam. (b) Acusava-se os cristãos de *práticas imorais* e os rumores enfatizavam que suas reuniões semanais fossem orgias de desenfreada concupiscência. O culto

semanal que celebravam os cristãos era denominado *Ágape*, ou seja "festa de amor", e este termo era interpretado da maneira mais grosseira possível. Os cristãos se saudavam entre si com o beijo da paz, e este gesto também servia como base de tergiversações para os caluniadores da nova fé. (c) Acusava-se os cristãos de ser *incendiários*. É certo que com muita freqüência falavam do fim do mundo, e que revestiam a mensagem de sua fé com as imagens de uma linguagem apocalíptica, segundo o qual as chamas consumiriam todas as coisas. Os críticos do cristianismo distorciam esta terminologia, transformando-a na ameaça de uma incendiária plataforma revolucionária, no sentido político deste termo. (d) Acusava-se os cristãos de *perturbar as relações familiares*. O cristianismo, de fato, produzia divisões nas famílias, como vimos; por esta razão era representado como uma fé que dividia o marido da esposa, e transtornava a vida da família. As mentes maliciosas tinham suficiente material para inventar suas infundadas calúnias.

(2) Mas o principal motivo das perseguições era de natureza política. Pensemos na situação do Império Romano que naquela época incluía quase todo mundo conhecido, das ilhas britânicas até o Eufrates, e desde a Germânia até o norte da África. Como se podia fazer para que esta enorme amálgama de nações e povos tivesse algum reflexo de unidade política? Onde se poderia descobrir um princípio unificador? No princípio foi encontrado no culto da deusa Roma, o espírito tutelar do império. As províncias do vasto império aceitavam prazerosas esta divindade, porque o governo de Roma havia lhes trazido a paz e a ordem pública, a legalidade e a justiça. Ficaram livres de assaltantes as estradas e os mares estavam livres de piratas; o despotismo e a tirania dos soberanos autocratas tinha sido deslocado pela imparcial justiça romana. O habitante da província estava bem disposto a participar da adoração do espírito do império que tanto tinha feito por ele.

Mas a adoração de Roma avançou um passo mais. Havia um homem que personificava o Império, um homem que podia oferecer-se como encarnação de Roma, e este homem era o imperador. Portanto o

imperador chegou a ser considerado um deus, rendendo-se a ele honras dignas de um deus e construindo-se templos dedicados à sua divindade. O governo romano não foi o iniciador deste culto; de fato, no princípio fez todo o possível por desalentá-lo. O imperador Cláudio disse que desprezava a tributação de honras divinas a um homem. Mas com o correr do tempo os romanos descobriram que esse culto do imperador podia servir como princípio unificador do enorme Império Romano; ali estava o centro comum ao qual todos podiam acudir. Deste modo finalmente a adoração do imperador deixou de ser voluntária e se tornou obrigatória.

Uma vez por ano todos os varões do Império deviam ir ante uma imagem de César e queimar um pingo de incenso, dizendo: "César é o Senhor." E isto, precisamente, era o que os cristãos se negavam a fazer. Para eles o Senhor era Jesus Cristo, e não estavam dispostos a oferecer a nenhum homem o título que correspondia a Ele.

Pode perceber-se imediatamente que a adoração de César era mais que nada uma prova de lealdade política. De fato, quando alguém cumpria o ato de adoração que se descreveu, recebia um certificado, o *libellus*, no qual se estabelecia que o possuidor tinha cumprido o seu dever como habitante do Império Romano, e que portanto podia adorar a qualquer outro deus que quisesse, sempre que seu culto não interferisse com a ordem pública nem atentasse contra a decência. Os cristãos se negavam a aceitar esta norma. Confrontados pela alternativa de escolher entre Deus ou César, sem vacilar preferiam seguir a Cristo. Negavam-se a entrar em acordos de qualquer espécie. O resultado era que por melhor pessoa e melhor cidadão que fosse, o cristão ficava, automaticamente, fora da lei. O vasto Império Romano não podia permitir-se alojar redutos de deslealdade, e isso era precisamente o que significava cada congregação cristã, segundo o ponto de vista das autoridades. Um poeta se referiu a:

"O rebanho temeroso e angustiado cujo crime era Cristo."

O único crime dos cristãos era colocar a Cristo acima de César; e por esta lealdade suprema os cristãos morreram aos milhares e enfrentaram incríveis torturas.

A BEM-AVENTURANÇA DO CAMINHO MANCHADO DE SANGUE

Mateus 5:10-12 (continuação)

Quando nos damos conta de qual foi a origem das perseguições, percebemos também em todo seu esplendor a glória do caminho que os mártires seguiram. Pode parecer injurioso referir-se à "bem-aventurança dos perseguidos", mas para os que têm olhos para ver mais além do presente imediato, e podem compreender a nobreza dos problemas envoltos, esse caminho manchado de sangue é verdadeiramente um caminho glorioso.

(1) A perseguição era uma oportunidade para demonstrar a lealdade para com Jesus Cristo. Um dos mártires mais famosos foi Policarpo, o ancião bispo da Esmirna. A multidão enfurecida o arrastou ao tribunal do magistrado romano. Foi-lhe oferecida a opção iniludível de sacrificar diante de César ou sofrer a pena de morte. "Durante oitenta e seis anos", foi a imortal réplica, "servi a Cristo, e ele nunca me fez mal algum. Como posso agora, na minha idade, blasfemar de meu Rei, que me salvou?" De modo que o levaram até a pira para queimá-lo vivo, e sua última oração foi: "Ó Deus Onipotente, Pai de seu bem amado e bem-aventurado Filho, por quem recebemos o conhecimento de seu nome, dou-te graças por me haver considerado digno deste momento e desta hora." Esta era a suprema oportunidade para demonstrar a lealdade a Cristo.

Muitos de nós jamais tivemos que fazer um verdadeiro sacrifício por amor de Jesus Cristo. Aqueles momentos em que nossa fé pode chegar a nos custar algo são os momentos em que nos é dado demonstrar nossa lealdade a Jesus Cristo, de maneira tal que todos possam ser testemunhas da fé que professamos.

(2) Sofrer a perseguição, conforme disse o próprio Jesus, é transitar pelo mesmo caminho que tiveram que percorrer os profetas, os santos e os mártires. Sofrer pela justiça é participar por direito próprio em uma grande e honrosa sucessão de homens excepcionais. O homem que deve sofrer de alguma maneira por causa de sua fé, pode erguer a cabeça e dizer:

"Irmãos, pisamos no mesmo caminho que os santos pisaram."

(3) Sofrer perseguição é participar de uma grande ocasião. Sempre é emocionante estar presentes na grande ocasião em que acontece algo memorável e crucial. Mas mais emocionante é ter uma participação, embora seja humilde, no próprio fato.

Quando alguém é convocado a sofrer de algum modo por sua fé em Cristo trata-se de uma grande ocasião, de um momento crucial em sua vida e na história: trata-se do choque entre Cristo e o mundo; é um momento do drama da eternidade. Poder participar de tal circunstância não é um castigo, mas uma glória. "Regozijai-vos e exultai", diz Jesus, "porque é grande o vosso galardão nos céus". A palavra grega que em nossas versões se traduz *regozijai-vos* é um derivado de dois termos que significa literalmente *saltar muito alto*. É o prazer de quem salta de alegria. Como alguém afirmou, é o prazer do alpinista que chegou à cúpula da montanha, e salta de alegria porque conquistou sua meta.

(4) Quem sofre perseguições contribui ao bem-estar dos que virão depois. Hoje desfrutamos de liberdade e paz porque houve homens e mulheres no passado que estiveram dispostos a conquistá-las para nós a custo de sangue, suor e lágrimas. Graças as coisas são mais fáceis para nós, e nós por meio de nossa firme fidelidade a Cristo podemos fazer com que sejam mais fáceis para os que virão depois. No grande projeto do dique Boulder, nos Estados Unidos, muitos homens perderam sua vida em uma tarefa que teve como resultado converter uma extensa zona desértica em terras férteis para a lavoura. Quando a obra foi terminada, o nome de todos os que tinham morrido durante os trabalhos de construção foram inscritos em uma placa que foi colocada sobre o grande muro do

dique. Nela pode ler-se a inscrição: "Estes morreram para que o deserto pudesse regozijar-se e florescer como uma rosa." Quem trava sua batalha junto com Cristo sempre contribuirá para facilitar as coisas para as gerações futuras. Estas tropeçarão com menos obstáculos ainda.

(5) Por outro lado, nunca, ninguém, está sozinho ao sofrer perseguição, quer esteja chamado a suportar perdas materiais, a traição de seus amigos, a calúnia, o isolamento ou até a morte por amor de seus princípios, não estará sozinho, pois Cristo estará mais perto de si nesse momento que em qualquer outra circunstância de sua vida.

A antiga história de Daniel nos conta como Sadraque, Mesaque e Abede-nego foram lançados em um forno incandescente por eles se terem negado a renunciar sua fidelidade a Deus. Os membros da corte observavam. "Não lançaram a três varões atados dentro do fogo?", foi a pergunta do Nabucodonosor. A resposta foi afirmativa. E então ele disse: "Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses" (Daniel 3:19-25).

Quando alguém deve sofrer algo por sua fé, é quando experimenta mais intimamente a companhia de Cristo.

Só nos resta uma pergunta – por que é tão inevitável esta perseguição? É inevitável porque a Igreja, quando é verdadeiramente a Igreja, tem que ser a consciência da nação e da sociedade. Quando se faz o bem, a Igreja deve elogiar a seus autores; quando se faz o mal, a Igreja deve condenar – e inevitavelmente os homens procurarão silenciar a incômoda voz da consciência. Não é dever cristão individual reprovar, criticar ou condenar, mas bem pode ser que sua mera forma de agir seja uma silenciosa condenação das vidas pecaminosas de outros, e não poderá evitar o ódio deles.

Não é provável que devamos sofrer a morte por causa de nossa lealdade a Cristo. Mas sempre há um insulto preparado para o homem que se propôs viver segundo a honra de Cristo. A zombaria é o destino

de quem pratica o amor e o perdão cristãos. É bem possível que haja uma verdadeira perseguição contra o operário que se propõe cumprir meticulosamente com suas obrigações de trabalho. Cristo ainda necessita testemunhas; hoje possivelmente necessite mais dos que estejam dispostos a viver por Ele, que a morrer por Ele. Ainda há lugar para a luta e a glória do cristianismo.

O SAL DA TERRA

Mateus 5:13

Quando Jesus pronunciou estas palavras usou uma expressão que depois se tornou o maior elogio que se pode oferecer a homem algum. Se desejamos sublinhar a solidez, utilidade e valor de alguém podemos dizer: "Pessoas assim são o sal da Terra."

Na antiguidade o sal possuía um valor muito grande. Os gregos costumavam dizer que o sal era *divino*. Os romanos, em uma frase que em latim era algo como uma das rimas comerciais da atualidade, diziam: "Nada é mais útil que o sol e o sal" (*Nil utilius sole et sale*). Na época de Jesus o sal era associado com três qualidades especiais:

(1) O sal se relacionava com a idéia de *pureza*. Indubitavelmente sua faincante brancura fazia com que a associação fosse fácil. Os romanos diziam que o sal era o mais puro do mundo porque procedia das duas coisas mais puras que existem: o sol e o mar. O sal é a oferenda mais antiga dos homens aos deuses, e até o final do culto sacrificial judeu toda oferenda era acompanhada de um pouco de sal. Portanto, para que o cristão seja o sal da Terra, deve ser *um exemplo de pureza*. Uma das características do mundo em que vivemos é a diminuição das exigências morais. No que respeita à honradez, a diligência no trabalho, a retidão, a moral, todas as normas estão sofrendo um processo de relativização e rebaixamento. O cristão deve ser aquele que mantém no alto os ideais de uma pureza absoluta na linguagem, na conduta e até no pensamento.

Certo escritor dedicou seu livro a J. Y. Simpson: "Aquele que faz com que o melhor seja verossímil". Nenhum cristão pode apartar-se das normas de uma estrita honestidade. Nenhum cristão pode aceitar a relativização das pautas morais em um mundo em que as ruas de qualquer grande cidade são um permanente e deliberado convite ao pecado. Nenhum cristão pode permitir ocorrências de duplo sentido que hoje formam parte da conversação habitual em muitos meios sociais. O cristão não pode separar-se do mundo mas, como o afirma Tiago, deve "guardar-se sem mancha do mundo" (Sant. 1:27).

(2) No mundo antigo o sal era o mais comum de todos os *preservadores*. Usava-se para impedir que os mantimentos, e outras coisas, apodrecessem ou se corrompessem, para deter o processo de putrefação. Plutarco diz tudo isto de uma maneira extremamente curiosa: "A carne – afirma – é um corpo morto, e forma parte de um corpo morto, e se for deixada entregue a si mesma muito em breve perde a frescura; mas o sal a preserva e impede sua corrupção." Portanto, sempre segundo Plutarco, o sal é como uma nova alma inserida no corpo morto. De maneira que o sal impede a corrupção. Para que o cristão seja o sal da Terra deve cumprir uma certa função anti-séptica na vida. Sabemos muito bem que há certas pessoas em cuja companhia fica fácil ser bons, e que também há outras junho às quais não é difícil rebaixar nosso comportamento. Há pessoas em cuja presença fica fácil contar um "conto verde" e há outras em cuja presença a ninguém pensaria, sequer, fazer uma alusão de duplo sentido. O cristão deve ser o elemento anti-séptico e purificador em qualquer grupo em que se encontre presente. Deve ser a pessoa que por sua simples presença derrota a corrupção e faz com que para outros seja mais fácil ser bons.

(3) Mas a qualidade mais evidente e principal do sal é que *dá sabor*. A comida preparada sem sal é tristemente insípida e até pode chegar a ser repulsiva. O cristianismo é para a vida o que o sal é para a comida. Amadurece a vida. A desgraça é que haja tantos que o associaram precisamente com as características opostas. Associaram a fé de Cristo

com tudo aquilo que tira o gosto à vida. Assim o afirma, por exemplo, o poeta inglês Swinburne:

"Venceste, pálido galileo, o mundo
tornou-se cinzento perante teu fôlego."

Depois que Constantino aceitou a religião cristã como religião do Império Romano, outro imperador, Juliano, quis voltar atrás e restituir a vigência dos antigos deuses. Sua queixa, tal como a representa Ibsen, era:

"Você prestou atenção nestes cristãos? Os olhos fundos, as bochechas pálidas, estão toda sua vida refletindo, não os move ambição alguma; o sol brilha sobre suas cabeças mas não o vêem nem se comovem, a Terra lhes oferece sua plenitude, mas não a desejam; tudo o que ambicionam é ter que sacrificar-se e sofrer para morrer e ir ao céu."

Segundo Juliano, o cristianismo desprezava os dons da vida.

Oliver Wendell Homes disse, em certa oportunidade:

"Eu teria sido pastor, se a maioria dos pastores que conheci em minha juventude não tivessem tido o aspecto de empregados de funerárias e agido como tais."

Robert Louis Stevenson certa ocasião declarou em seu jornal, como se se tratasse de um fato extraordinário: "Hoje fui à Igreja e não me sinto deprimido."

Os homens precisam redescobrir o brilho e a alegria perdidos da fé cristã. Em um mundo angustiado o cristão deveria ser o único que consegue manter a serenidade. Em um mundo deprimido, o cristão deveria seguir sendo o único inundado pelo prazer de viver. A vida cristã deveria ser algo radiante. Infelizmente, com muita frequência, o cristão se veste como um dos parentes que assiste a um funeral, e em uma festa é como um espectro vindo de outro mundo. Em qualquer lugar que o cristão esteja deve ser o sal da Terra, o difusor da alegria.

Jesus prossegue dizendo que se o sal perder seu sabor, somente serve para ser lançado fora para ser pisado pelos homens. Isto é de difícil compreensão, porque o sal não perde seu sabor, nunca deixa de ser salgado.

E. F. Bishop, em seu livro *Jesus of Palestine* menciona uma explicação muito verossímil dada por uma senhorita F. E. Newton. Na Palestina a maioria das casas têm um forno ao ar livre, perto da mesma, construído com pedras sobre uma base de lajes. Nesses fornos, "a fim de manter o calor, coloca-se uma grossa capa de sal, sobre as lajes. Depois de algum tempo, esse sal deixa de servir ao seu propósito. Então se tiram as lajes e o sal se atira e se derruba no caminho... perdeu seu poder servindo de elemento refratário ao calor e portanto já não serve." É muito possível que esta seja a imagem que Jesus tem em mente. Mas o ensino é independente da imagem, sendo um tema que no Novo Testamento se repete uma e outra vez: a inutilidade acarreta graves conseqüências. Se o cristão não cumprir o seu objetivo como cristão, vai por mau caminho. Estamos destinados a ser o sal da Terra; se não levarmos à vida a pureza, o poder anti-séptico, a alegria e o esplendor que são nossa possibilidade e obrigação como crentes, devemos ater-nos a sofrer as conseqüências.

Deve notar-se, para terminar, que a Igreja primitiva fazia um uso muito estranho deste texto. Na sinagoga, entre os judeus, existia o costume de que se um judeu apostatava de sua fé e depois, arrependido, desejava voltar para ela, tinha que deitar-se atravessado na porta e permitir que todos outros pisassem sobre ele, como se fora uma soleira, quando entravam nela. Algumas Igrejas cristãs adotaram este costume, e quando algum cristão era expulso disciplinarmente da Igreja, para poder voltar para ela devia fazer quão mesmo o judeu apóstata e dizer a seus irmãos: "Pisem-me, porque sou o sal que perdeu o seu sabor."

A LUZ DO MUNDO**Mateus 5:14-15**

Pode dizer-se perfeitamente que este é o maior elogio que jamais se pronunciou com respeito ao cristão, pois nestas palavras Jesus ordena a seu seguidor que seja o que ele mesmo afirmou ser. Ele disse: "Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo" (João 9:5). E quando ordenou a seus seguidores que fossem a luz do mundo não fez senão dizer-lhes que deviam ser o que ele era, nada menos.

Ao usar esta expressão, Jesus estava dizendo algo que devia ser familiar a seus contemporâneos judeus. Costumava-se dizer que Jerusalém era "a luz dos gentios", e havia um rabino famoso cujo apelido era "a lâmpada de Israel". Mas a forma em que os judeus usavam esta expressão pode nos dar a chave do que Jesus quis dizer ao usá-la. De uma coisa os judeus estavam seguros – ninguém era capaz de acender sua própria luz. Jerusalém podia ser a luz dos gentios, mas "Deus tinha aceso a lâmpada de Israel". A luz com que brilhavam a nação ou o homem de Deus era luz emprestada. Do mesmo modo seria com o cristão. A exigência de Jesus não é que nós produzamos nossa própria luz. Devemos brilhar com o reflexo da Sua luz. O resplendor que emana do cristão foi aceso pela presença de Cristo em seu coração. Com freqüência dizemos que uma noiva "está radiante". Mas essa "radiação" é a que nasce de seu coração aceso em uma chama viva pelo amor que sente com relação ao seu noivo.

O que Jesus quis dizer ao afirmar que o cristão devia ser a luz do mundo?

(1) Uma luz é, acima de tudo e em primeiro termo, algo cuja razão de ser é que *seja vista*. O interior das casas palestineses era muito escuro, pois tinham apenas uma abertura circular, de uns trinta ou quarenta centímetros de diâmetro, como única fonte de iluminação durante o dia. As lâmpadas que se usavam eram recipientes de barro, com a forma de molheiras, cheias de azeite no qual flutuava a mecha.

Antes de existissem fósforos não era muito fácil reacender um abajur quando apagava. Quase sempre o abajur estava colocado sobre um candelabro, que na maioria dos casos não era mais que um tronco de madeira rusticamente trabalhado. Mas quando se saía da casa, por razões de segurança, o abajur era colocado, aceso, debaixo de uma vasilha, também de barro; deste modo se assegurava que não produziria um incêndio durante a ausência dos donos de casa. A missão primitiva da luz do abajur era ser vista por todos.

Do mesmo modo o cristianismo está destinado a ser visto. Como foi dito com grande acerto, "Não pode haver tal coisa como um discipulado secreto, porque ou o segredo destrói o discipulado, ou o discipulado destrói o segredo." O cristianismo de uma pessoa deve ser perfeitamente visível para todos os que a rodeiam. Mais ainda, deve ser uma profissão de fé que não somente fique de manifesto na Igreja. Um cristianismo cuja influência se detém na porta da igreja, não tem grande valor para ninguém. Deve ser mais visível até nas atividades mundanas que na Igreja. Nosso cristianismo deve ficar de manifesto na maneira de tratar o empregado que nos atende em um escritório ou em um comércio, no modo de pedir o que desejamos comer quando vamos a um restaurante, em nossas relações com os que trabalham sob nossas ordens, ou com os que nos empregam ou ordenam, na maneira de dirigir nosso automóvel e estacioná-lo, na atitude que assumimos quando jogamos e nos divertimos. O cristão deve ser cristão na fábrica, na oficina, no laboratório, na escola, no sala de cirurgia, na cozinha, na quadra de esportes de futebol, na praia, ou na Igreja. Jesus não disse: "Vós sois a luz da Igreja"; disse: "Vós sois a luz do mundo", e isto significa que a fé que um homem ou mulher professa deve ser visível para todos em sua vida no mundo.

(2) A luz serve de *guia*. No estuário de qualquer rio pode ver-se a fila de luzes, colocadas em bóias, que marcam o canal por onde os navios podem navegar sem percalços durante a noite. Sabemos quão difícil era transitar mesmo pelas ruas das cidades quando não tinha

iluminação pública. A luz ilumina o caminho. Do mesmo modo, o cristão deve iluminar o caminho de seus semelhantes. Isto significa que necessariamente deve ser exemplo para os outros.

Uma das coisas que este mundo em que vivemos necessita desesperadamente são pessoas que estejam dispostas a concentrar em sua vida e atitudes a bondade e a virtude que tanto escasseiam. Suponhamos que há um grupo de pessoas, e que alguém propõe que se faça algo de duvidosa qualidade moral. A menos que outro dos membros do grupo eleve sua voz de protesto não pode nos caber a menor dúvida de que a maldade proposta se fará. Basta que um só diga: "Eu não participarei desta ação", para que outro, e outros mais acrescentem: "Eu tampouco." Se alguém não tivesse tomada a iniciativa, estes últimos teriam ficado calados. Há muitas pessoas neste mundo que carecem da coragem e da postura moral para defender sozinhos o que acreditam ser uma atitude correta. Mas se algum outro o faz, eles o seguirão; se podem apoiar-se em alguém suficientemente forte, procederão bem. É dever do cristão iniciar a ação justa e boa que seus irmãos mais fracos possam imitar, erigir-se no guia que os menos valorosos possam seguir. O mundo necessita luzes que guiem seu caminho. Há multidões que desejam ver alguém disposto a dirigi-los naquelas coisas que eles mesmos não se animariam a realizar por conta própria.

(3) Uma luz freqüentemente serve como *advertência*. Quando há algum perigo no caminho, e é de noite, acende-se uma luz para nos advertir e fazer com que nos detenhamos. Muitas vezes o dever do cristão é advertir a outros do perigo que os espreita. Isto é muito delicado, e às vezes é tremendamente difícil saber como transmitir a advertência para que produza o bem desejado; mas uma das tragédias mais amargas é quando um jovem, especialmente, aproxima-se de nós e nos diz: "Eu nunca teria me encontrado na situação em que estou se alguém me tivesse advertido a tempo do perigo."

Diz-se que Florence Allshorn, a famosa professora, diretora de escola e mística cristã, quando tinha a obrigação de repreender a alguma

de suas alunas, o fazia "com seu braço sobre os ombros da transgressora". Se transmitirmos nossas advertências sem nos zangar nem nos mostrar irritados, sem a vontade de ferir, sem uma atitude crítica ou condenatória, mas com amor, obteremos nosso objetivo.

A luz que fica visível, a luz que adverte do perigo, a luz que indica o caminho, estas são as classes de luz que deve ser o cristão.

BRILHEMOS PARA DEUS

Mateus 5:16

Aqui há duas coisas de suma importância:

(1) Os homens devem ver nossas boas ações. No idioma grego há duas palavras que designam o bem: a palavra *agazós*, mediante a qual se define a bondade direta de alguma coisa; *kalós*, que quer dizer que algo não somente é bom mas também belo, atrativo, elegante. A palavra que se usa neste versículo é *kalós*. As boas ações do cristão não devem ser somente boas; também devem ser *atrativas*. Deve haver uma certa superioridade na bondade cristã. O mal de muitas pessoas que acreditam ser boas, é que sua atitude se apresenta fria, dura e excessivamente austera. Há uma bondade que atrai e uma bondade que repele. Há na bondade cristã certo encanto que a torna bonita.

(2) Mas também deve notar-se que nossas boas ações não têm o propósito de atrair a atenção de outros sobre nós, e sim sobre Deus. Estas palavras de Jesus são uma proibição absoluta do que alguém chamou "a bondade teatral".

Em uma conferência a qual tinha sido convidado D.L. Moody havia também um grupo de jovens que tomavam muito a sério sua fé cristã. Uma noite realizaram uma vigília de oração que durou a noite inteira. Na manhã seguinte, quando se retiravam, encontraram-se com Moody, quem lhes perguntou o que estiveram fazendo. Eles lhe disseram, agregando: "Não se dá conta de como brilham nossos rostos?" Ao qual o grande pregador replicou: "Moisés não estava tão ansioso como vocês de que

seu rosto brilhasse." A bondade teatral, ou seja aquela bondade que se anda exibindo, não é uma bondade cristã.

Um dos antigos historiadores escreveu com respeito a Henrique V depois da batalha do Agincourt: "Nem tampouco permitiu que os trovadores cantassem estrofes de louvor por sua gloriosa vitória, porque queria que todo o louvor e gratidão fossem dadas a Deus."

O cristão nunca pensa no que tem feito, e sim no que Deus lhe permitiu fazer. Nunca procura fazer que o olhar dos homens se concentre nele, mas sim o conduz para Deus. Enquanto alguém passe todo o tempo pensando no louvor, na gratidão ou no prestígio que obterá por suas boas ações, nem sequer começou a transitar pelo caminho de Cristo.

A LEI ETERNA

Mateus 5:17-20

Em uma primeira leitura bem poderia afirmar-se que esta é a declaração mais surpreendente de todas as que Jesus faz no Sermão da Montanha. Nestas palavras Jesus estabelece o caráter eterno da Lei; e entretanto, Paulo poderá dizer: "Porque o fim da lei é Cristo" (Romanos 10:4). Jesus quebrantou repetidamente o que os judeus chamavam a Lei. Não observava a lavagem das mãos que a lei estipulava; curava os doentes no sábado, embora a lei proibía tais curas; foi condenado e crucificado, de fato, como réu de grande legalidade; e entretanto, aqui o escutamos falar da lei com uma veneração e reverência que nenhum rabino ou fariseu teriam podido exceder. A menor letra que em nossas versões se traduz "j", era a letra hebraica *ioth*. Escrevia-se como um apóstrofo -'; e nem sequer a letra mais insignificante, que podia passar perfeitamente por um signo de pontuação, teria que desaparecer da lei. A menor parte da letra, que se traduz "til", era o *sérif*, uma espécie de risco similar às projeções laterais que se desenhavam na letra l, na parte superior e a inferior. Jesus estabelece que a lei é tão importante que nem sequer o menor detalhe caligráfico de seu texto deverá desaparecer.

Algumas pessoas têm ficado tão intrigadas por esta afirmação, que chegaram à conclusão de que não pode ser de Jesus. Sugerem que, sendo o evangelho de Mateus o mais judeu de todos os evangelhos, e sabendo que seu objetivo final era convencer aos judeus, este seria um dito que Mateus inventou e pôs nos lábios de Jesus, mas que não se pode considerar como um ensino original do Mestre. Mas o raciocínio de quem pensa deste modo é completamente falso e fraco. Em realidade era tão pouco provável que Jesus dissesse isto, que ninguém teria tido a idéia de atribuir-lhe e quando compreendemos seu significado veremos que é inevitável que seja uma afirmação de Jesus.

Os judeus usavam o termo a *Lei* em quatro acepções diferentes:

(1) Usavam-no para designar aos *Dez Mandamentos*.

(2) Usavam-no para designar os cinco primeiros livros da Bíblia, essa porção das Escrituras que também se conhece como o *Pentateuco* – que significa literalmente *Os cinco rolos* – e que era para os judeus a Lei por excelência e a parte mais importante das Escrituras.

(3) Usavam a expressão *A Lei e os Profetas* para denotar a totalidade das Escrituras; era uma espécie de descrição ampla que abrangia a totalidade do Antigo Testamento.

(4) E também a usavam para descrever a *lei oral*, ou dos escribas.

Nos tempos de Jesus o último destes significados era o mais freqüente, e é precisamente esta lei dos escribas a que tanto Jesus como Paulo condenavam de maneira radical.

O que era, pois essa lei dos escribas?

No Antigo Testamento mesmo achamos muito poucas regras e regulamentos; o que sim contém são grandes e amplos princípios que cada pessoa deve tomar e interpretar sob a guia de Deus, aplicando-os às situações concretas de sua vida. Os Dez Mandamentos não são um estatuto de regras concretas; são, cada um deles, grandes princípios dos quais cada indivíduo tem que extrair suas próprias normas de vida. Os judeus dos tempos de Jesus não acreditavam que esses princípios gerais fossem suficientes. Sustentavam que a Lei era divina, e que com ela

Deus tinha pronunciado sua última palavra, e que portanto nela deviam estar contidas todas as coisas. De modo que, se algo não aparecia *explicitamente* na lei, devia estar contido em forma *implícita*. Sustentavam, por conseguinte, que era possível extrair da lei, por um procedimento lógico de dedução, regras e estatutos que fixassem o que era correto para todo homem, em qualquer situação da vida. Surgiu assim uma casta de especialistas na Lei, chamados escribas, que se dedicaram a reduzir os grandes princípios da Lei, literalmente a milhares e milhares de regras, estatutos e regulamentos.

A melhor forma de compreender o significado desta interpretação da Lei é vendo como funcionava. A Lei estabelecia que o dia de sábado devia ser santificado, e que durante suas vinte e quatro horas ninguém pode fazer trabalho algum. Este é um grande princípio. Mas esses legalistas judeus eram apaixonados pelas definições. De maneira que se perguntavam, para começar: o que é "trabalho"? Fizeram-se longas listas de atividades que deviam considerar-se trabalhos. Por exemplo, *levar uma carga* é um trabalho, e portanto não se podiam levar-se cargas no dia de sábado. Mas então se fazia necessário definir o que era uma carga. De modo que a lei dos escribas estabelece que "carga" é "uma quantidade de comida equivalente em peso a um figo seco, suficiente vinho para encher uma taça, leite para um gole, mel para cobrir uma ferida, a quantidade de azeite que forneceria a unção de alguma das partes mais pequenas do corpo, água suficiente para umedecer uma pálpebra, papel para redigir nele uma declaração de alfândega, a tinta que pode requerer a escritura de duas letras do alfabeto, e uma cana com a qual possa fazer uma pena para escrever" – e assim sucessivamente, até o infinito. Deste modo, passavam-se horas e dias discutindo se se podia ou não levantar um abajur para trocá-lo de lugar, no dia de sábado, ou se o alfaiate pecava ao levar por descuido uma agulha cravada em sua túnica, se uma mulher podia levar um alfinete, ou uma peruca, e até se podiam usar-se no dia de sábado, dentes postiços ou uma perna artificial, ou se se podia levantar a um menino. Estas coisas eram, para eles, a

essência de sua religião. A religião deles era um legalismo de regras e normas ridiculamente detalhistas.

No dia de sábado não se podia *escrever*. Mas era necessário definir o que devia considerar-se escritura. A definição de escritura que propuseram era:

"Quem escreve duas letras do alfabeto, com sua mão direita ou com sua mão esquerda, sejam do mesmo tipo ou de dois tipos diferentes, com tintas diferentes ou em idiomas diferentes, sendo sábado, é culpado de pecado. Embora escreva essas duas letras por descuido, também peca, tenha-as escrito com tinta, giz vermelho, pintura, vitríolo, ou algo que deixe uma marca permanente. Também peca quem escreve em um canto de duas paredes, ou em dois tabletes de seu livro de contas, se as duas letras podem ser lidas juntas... Mas se escrever com fluido escuro, com suco de frutas, ou sobre o pó do caminho, na areia ou utilizando qualquer outro elemento de escritura que não produza uma marca permanente, não é pecado... Se se escreve uma letra no piso e outra na parede da casa, ou em duas páginas diferentes de um livro, de tal maneira que não se possam ler juntas, não é pecado."

Esta é uma passagem típica da Lei dos escribas; e isto é o que para o judeu ortodoxo da época de Jesus constituía a verdadeira religião e o verdadeiro serviço a Deus.

Curar era um trabalho, e portanto não se podia fazer no sábado. Mas, evidentemente, isto devia definir-se com maior exatidão. Permitia-se curar quando a vida do doente corria perigo, e especialmente quando o problema afetava os ouvidos, o nariz ou a garganta. Entretanto, até nestes casos, só se podia fazer aquilo que impedisse a piora do paciente. Não se podia fazer nada para que melhorasse. Podia enfaixar uma ferida, mas não colocar-lhe unguento algum; podia tapar um ouvido inflamado, mas sem lhe acrescentar medicação alguma.

Os *escribas* eram os encarregados de elaborar estas normas e regulamentos. Os *fariseus*, cujo nome significa "separados", eram os que se separavam de toda atividade comum para dedicar-se a observar todas estas regulamentações e estatutos.

Podemos nos dar conta dos extremos a que chegou este sistema tendo em mente os seguintes fatos. Durante muitas gerações a lei dos escribas se transmitiu de maneira oral e foi conservada na memória de geração após geração de escribas. Para meados do século III d. C., foi posta por escrito e se codificou um resumo desta tradição oral. Este "resumo" se conhece como a *Mishnah*; contém sessenta e três tratados sobre distintos temas relacionados com a lei, e em nosso idioma constitui um volume de umas oitocentas páginas. A erudição judia posterior se ocupou de escrever comentários da *Mishnah*. Estes se conhecem como talmudes. O *Talmud* de Jerusalém está contido em doze volumes, e o *Talmud* de Babilônia alcança, em sua versão impressa, sessenta volumes.

Para o judeu ortodoxo dos tempos de Jesus, a obediência a Deus envolvia a observância de milhares de regras e estatutos legalistas; consideravam literalmente essas meticulosas disposições como questões de vida ou morte, que tinham que ver com seu destino eterno. Evidentemente, quando Jesus fala da lei que não passará, não se refere a essas regras e estatutos, pois ele mesmo os quebrou repetidas vezes, e repetidas vezes os condenou. Não era isso o que ele entendia por "a Lei", pois essa classe de leis tanto Jesus como Paulo as condenaram.

A ESSÊNCIA DA LEI

Mateus 5:17-20 (continuação)

A que se referia Jesus, então, quando falava de "a Lei"? Disse que não tinha vindo para destruir a lei e sim para *cumpri-la*. Quer dizer, veio para pôr de manifesto o verdadeiro significado da Lei. Qual era o verdadeiro significado da Lei? Mesmo por trás da lei oral dos escribas e fariseus, havia um grande princípio de crucial importância, que estes não compreendiam a não ser de maneira equivocada e imperfeita. Este grande princípio fundamental é que em todas as coisas o homem deve procurar a vontade de Deus e que uma vez que a conhece deve dedicar toda sua vida a obedecê-la. Os escribas e fariseus tinham razão ao

procurar a vontade de Deus, e não se equivocavam ao dedicar a vida a sua obediência; mas se equivocavam ao acreditar que suas centenas e milhares de insignificantes normas legalistas eram a vontade de Deus.

Qual é, pois, o verdadeiro princípio, que respalda a Lei em sua totalidade, esse princípio que Jesus deveu cumprir, esse princípio cujo verdadeiro significado veio a nos mostrar?

Quando examinamos os Dez Mandamentos, que são a essência e o fundamento de toda a Lei, podemos nos dar conta que todo o seu significado pode resumir-se em uma só palavra – *respeito*, ou até mais adequadamente, *reverência*. Reverência para com Deus e para o nome de Deus, reverência pelo dia de Deus, respeito aos pais, respeito à vida, respeito à propriedade, respeito à personalidade, respeito à verdade e ao bom nome de outros, a respeito a si mesmo, de tal modo que jamais possam chegar a nos dominar os maus desejos. Estes são os princípios fundamentais que resumem o significado dos Dez Mandamentos. Os princípios fundamentais dos Dez Mandamentos são a reverência para com Deus e o respeito a nossos semelhantes e a nós mesmos. Sem esta reverência e este respeito fundamentais não pode haver Lei. Sobre estas atitudes se apóia toda lei.

E é esta reverência e este respeito o que Jesus deveu cumprir. Veio para demonstrar aos homens, em sua própria vida concreta de cada dia, o que é a reverência para com Deus e o respeito para com o homem. A justiça, diziam os gregos, consiste em dar a Deus e aos homens o que merecem. Jesus veio para mostrar, na vida, o que significa a reverência que Deus merece e o respeito que o homem merece.

Essa reverência e esse respeito não consistiam na obediência de uma multidão de meticulosas regras e estatutos. Não exigia o sacrifício, a e sim a misericórdia; não era um legalismo e sim o amor; não era uma série de proibições que estipulavam detalladamente o que não se devia fazer, e sim uma série breve de mandamentos fundamentais que levavam o crente a modelar sua vida a partir do mandamento positivo: o do amor. A reverência e o respeito que constituem o fundamento dos Dez

Mandamentos jamais passarão. São a própria substância da relação de cada indivíduo com Deus e com o seu próximo.

A LEI E O EVANGELHO

Mateus 5:17-20 (continuação)

Ao falar na forma como fez com respeito à Lei e o Evangelho, Jesus deixou assentados de maneira implícita certos princípios muito amplos.

(1) Disse que há uma continuidade definida entre o passado e o presente. O presente nasce do passado. Nunca devemos interpretar a vida como uma espécie de luta entre o passado e o presente. Depois de Dunkerque na Segunda Guerra Mundial, manifestou-se em muitos a tendência de procurar alguém que pudesse carregar a culpa do desastre das forças britânicas. Muitos estavam dispostos a lançar amargas recriminações contra os que tinham dirigido a política inglesa no passado. Naquele momento Winston Churchill disse algo muito sábio: "Se iniciarmos uma luta entre o passado e o presente, descobriremos que teremos perdido o futuro."

A Lei tinha que existir antes que pudesse vir o Evangelho. Os homens precisavam aprender a diferença entre o bem e o mal; precisavam dar-se conta de que eram incapazes de satisfazer as exigências da Lei, e responder aos mandamentos de Deus; deviam aprender a sentir-se pecadores e indignos da misericórdia de Deus. Muitas vezes culpamos o passado pelas coisas que nos acontecem – mas também é necessário reconhecer, ao mesmo tempo, nossa dívida com o passado. Para Jesus, nossa responsabilidade não é esquecer nem destruir o passado, antes edificar sobre os fundamentos do que já se deixou atrás. Recebemos os benefícios do que outros têm feito antes que nós, e devemos trabalhar, de tal maneira que outros, amanhã, possam receber os benefícios de nosso trabalho.

(2) Nesta passagem Jesus adverte categoricamente que ninguém deve imaginar que o cristianismo é fácil. Possivelmente alguns afirmem:

"Cristo é o fim da lei, agora posso fazer tudo o que eu quiser." Há os que poderia ser tentados a pensar que todos os deveres, todas as responsabilidades, todas as exigências desapareceram. Mas Jesus adverte que a justiça dos cristãos deve ser *maior ainda* que a dos escribas e fariseus.

O que quis dizer com estas palavras? O "tema" da vida que viviam os escribas e fariseus era a lei; sua única meta e desejo era satisfazer as exigências da Lei. Ora, é possível, ao menos teoricamente, pensar que alguém seja capaz de satisfazer as exigências da lei; em um sentido pode chegar o momento em que alguém diga: "Fiz tudo o que a lei exigia de mim. Agora já cumpri o meu dever, a lei já não tem nada que me exigir." Mas o "tema" da vida cristã é o amor; o único desejo do cristão é demonstrar sua maravilhada gratidão pelo amor com que Deus o amou em Cristo Jesus. Pois bem, não é possível, nem sequer teoricamente, satisfazer as exigências do amor. Se amarmos a alguém com todo nosso coração sentiremos que mesmo que lhe tenhamos dado toda uma vida de serviço e adoração, embora lhe tenhamos devotado o Sol, a Lua e as estrelas, ainda não lhe teremos devotado suficiente. Porque o universo inteiro é muito pouca coisa como oferenda de amor.

O judeu procurava satisfazer a *lei* de Deus; e as exigências legais sempre têm um limite. O cristão procura demonstrar sua gratidão pelo amor de Deus; e as reclamações do amor não têm limite no tempo nem na eternidade. Jesus colocou diante dos homens o *amor* de Deus e não sua Lei.

Há muito tempo Santo Agostinho disse que a vida cristã podia resumir-se em uma frase: "Ama a Deus e feixe o que queira." Quando nos damos conta de como Deus nos amou, o único desejo de nossa vida é responder a esse amor, e essa é a maior tarefa do mundo, uma tarefa com a que o legalista nem sonha sequer, e uma obrigação muito maior que a que qualquer lei possa impor.

A NOVA AUTORIDADE**Mateus 5:21-48**

Esta porção dos ensinamentos de Jesus é uma das seções mais importantes de todo o Novo Testamento. Antes de nos ocuparmos do comentário detalhado de cada uma de suas partes, há alguns conceitos gerais sobre os quais devemos nos espraçar.

Aqui Jesus fala com uma autoridade que nenhum outro homem sonhou jamais reclamar ou ostentar. A autoridade que Jesus assumiu, sempre surpreendia a quem entrava em contato com Ele. No começo de seu ministério, depois que ensinou na sinagoga do Cafarnaum, diz-se dos que o ouviram: "E se admiravam por sua doutrina, porque lhes ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas" (Mar. 1:22). Mateus conclui sua apresentação do Sermão da Montanha com as palavras: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mateus 7:28-29).

Para nós é muito difícil nos darmos conta de quão chocante deve ter sido esta autoridade para os judeus que o escutaram. Para o judeu a Lei era absolutamente santa e divina; seria impossível exagerar o lugar que a Lei ocupava em sua reverência. "A Lei", disse Aristeas, "é santa e foi dada Por Deus." "Somente os decretos do Moisés", disse Filão, "são eternos, imutáveis e inamovíveis, como se a própria natureza os tivesse selado com seu selo." Os rabinos diziam: "Os que negam que a Lei é do céu não têm parte no mundo vindouro." "Se alguém disser que a Lei é de Deus, mas excetua este ou aquele versículo de seu texto, aduzindo que pertence a Moisés, e que não foi pronunciado pela boca de Deus, sobre o tal cai o julgamento divino. Desprezou a palavra de seu Senhor e deste modo manifestou a irreverência que merece a destruição de sua alma." O primeiro ato do culto sabático de toda sinagoga era tirar os rolos da Lei da arca onde eram guardados e passeá-los pela congregação, para que esta pudesse demonstrar sua reverência para com eles.

Isto é o que os judeus pensavam sobre a Lei, e Jesus não menos de cinco vezes cita a Lei (Mateus 5:21, 27, 33, 38 e 43) para contradizê-la imediatamente e substituí-la por um ensino d'Ele. Pretendeu exercer o direito de criticar os escritos mais sagrados do mundo, e corrigi-los, partindo de sua pura e exclusiva sabedoria. Os gregos definiam a autoridade (*exousia*) como o poder para "pôr e tirar à vontade".

Jesus pretendeu possuir esta autoridade até com respeito àquilo que para os judeus era a imutável palavra de Deus. E nem sequer discutiu sua autoridade com eles, nem procurou justificar-se pelo que fazia, nem acreditou necessário demonstrar seu direito a fazê-lo. Calmamente e sem discussão assumiu o direito que acreditava ser seu.

Nunca ninguém tinha ouvido nada semelhante. Os mestres do judaísmo sempre tinham usado frases características que determinavam o caráter de seus ensinamentos. Os profetas, por exemplo, diziam "Assim diz o Senhor." Não pretendiam possuir autoridade pessoal alguma, a única coisa que faziam era repetir o que tinham ouvido de Deus. A frase característica dos rabinos e escribas era "Há um ensino que diz..." O escriba ou o rabino jamais se atrevia a expressar nem sequer uma opinião própria, a menos que pudesse sustentá-la com citações dos grandes mestres do passado. A última qualidade que teriam reclamado para si era a de uma doutrina independente. Mas para Jesus suas afirmações não necessitavam de outra autoridade fora do fato que era Ele quem as pronunciava. Ele era sua própria autoridade.

Evidentemente, a verdade era uma coisa ou outra – ou Jesus era um louco, ou era único em sua espécie. Ou era um megalomaníaco, ou era o Filho de Deus. Nenhum homem comum se atreveu a mexer no que, até o momento de sua vinda, tinha sido considerado a eterna palavra de Deus.

O mais extraordinário com respeito à autoridade é que se demonstra a si mesma. Basta alguém se pôr a ensinar para que saibamos, imediatamente, se tem ou não direito a ensinar. A autoridade é como a atmosfera que o rodeia. Se a tiver não precisa reclamá-la; é algo que se possui ou não se possui. As orquestras que tocaram sob a direção do

Toscanini, o grande músico, dizem que assim que subia ao pódio podia sentir-se quase fisicamente o fluxo da autoridade que emanava dele. Julian Duguid recorda como em certa oportunidade lhe tocou a sorte de fazer a travessia do Atlântico no mesmo navio que Sir Wilfrid Grenfell, e diz que quando Grenfell entrava em qualquer dos salões do navio, não precisava voltar-se para a porta a fim de saber que ele acabava de entrar, pois daquele homem emanava uma onda de poder e autoridade. No caso de Jesus, esta qualidade se dava em grau supremo.

Jesus tomou em suas mãos a sabedoria superior dos homens, corrigiu-a, reajustou-a, e pôde fazê-lo porque era quem era. Não precisava discutir suas idéias; era suficiente que as comunicasse. Ninguém pode confrontar honestamente a Jesus e escutar suas palavras sem sentir que está em presença da última palavra de Deus, junto à qual todas as outras palavras são totalmente inadequadas, e qualquer outra sabedoria é antiquada.

A NOVA PAUTA MORAL

Mateus 5:21-48 (continuação)

Mas por desconcertante que fosse o acento de autoridade de Jesus, mais ainda o eram as pautas morais que propunha aos homens. Jesus disse que aos olhos de Deus não somente era criminoso o homem que cometia um assassinato, mas também aquele que se irava com seu irmão. Disse que aos olhos de Deus não somente era culpado o homem que cometia adultério, mas também aquele que alojava em seu coração pensamentos impuros. Aqui há algo totalmente novo, algo que mesmo *agora* os homens não chegaram a compreender totalmente. Jesus ensinou que não era suficiente não cometer assassinato, era necessário nem sequer ter desejado jamais a morte de nosso irmão. Ensinou que não era suficiente não cometer adultério; era necessário incluso não ter desejado adular.

É possível que jamais tenhamos batido em alguém; mas quem pode dizer que jamais desejou bater em alguém? É possível que jamais

tenhamos cometido adultério; mas quem pode dizer que jamais experimentou o desejo da mulher de outro? O ensino de Jesus era que os pensamentos são tão importantes como os fatos, e que não era suficiente não cometer um pecado; a única coisa suficiente é não desejar jamais cometê-lo. O ensino de Jesus era que o ser humano não será julgado apenas por suas ações, mas sim, e ainda mais, por seus desejos, embora jamais tenham chegado a transformar-se em ação. Segundo as pautas morais do mundo uma pessoa é boa se não cometer ações proibidas; o mundo não tem interesse em julgar os pensamentos. Segundo a pauta moral que Jesus propõe, ninguém pode ser considerado bom a menos que jamais deseje fazer o proibido; Jesus Se interessa profundamente pelos pensamentos humanos. Disto surgem três coisas.

(1) Jesus tinha muita razão, porque sua atitude é a única que pode garantir a segurança e a felicidade. Em certa medida todos os seres humanos são personalidades divididas. Há uma parte de nosso eu que se sente atraída pelo bem, e outra parte que se sente atraída pelo mal. Na medida em que realmente somos assim, no interior de cada um de nós se trava uma batalha entre o bem e o mal. Há uma voz que nos incita a tomar o fruto proibido, e outra que proíbe fazê-lo. Platão comparava a alma com um carro puxado por dois cavalos. Um dos cavalos, manso e dócil, obedecia às rédeas e às vozes do condutor. O outro, selvagem, não tinha sido domesticado, e todo o tempo procurava rebelar-se. O nome do primeiro cavalo era "razão", o nome do segundo era "paixão". A vida é sempre um conflito entre as exigências das paixões e o controle da razão. A razão é a rédea que mantém sob controle as paixões. *Mas uma rédea pode romper-se em qualquer momento.* É possível que o domínio próprio baixe a guarda por um instante. O que ocorre então? Na medida em que exista essa tensão interior, esse conflito, a vida será permanentemente insegura. Em tais circunstâncias não pode haver segurança permanente. A única forma de obter a segurança é erradicar de maneira total de si mesmo o desejo do fruto proibido. Então, e somente então, poderemos estar seguros.

(2) Sendo isto assim, somente Deus está em condições de julgar os homens. Nós somente podemos ver as ações exteriores dos homens. Deus é o único que pode ver o segredo do coração. E haverá muitos cujas ações exteriores possivelmente sejam um modelo de retidão mas cujos pensamentos mais íntimos estão sob o juízo de Deus. Mais de uma pessoa poderá sair-se bem do julgamento dos homens, que necessariamente será um julgamento superficial, mas verá desmoronar-se sua bondade ante o olho de Deus que tudo vê.

(3) E se isto é assim, significa que todos somos pecadores, porque não há ninguém que possa suportar o julgamento de Deus. Embora tenhamos vivido uma vida de perfeição moral no exterior, não existe quem pode afirmar que jamais experimentou o desejo do proibido. Porque a perfeição interior é a única coisa que torna possível que alguém possa afirmar "Eu morri, e Cristo vive em mim". "Com Cristo estou juntamente crucificado", disse São Paulo, "e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20).

A nova pauta moral elimina toda possibilidade de orgulho, e conduz a Jesus, o único que pode nos elevar até a altura da pauta que Ele mesmo nos propôs.

PROIBIÇÃO DA IRA

Mateus 5:21, 22

Aqui temos o primeiro exemplo da nova pauta moral que Jesus estabelece. A lei antiga dizia: "Não matará" (Êxodo 20:13); mas Jesus estabelece que até a irritação contra o irmão está proibido. É de fazer notar que em algumas versões o homem que é condenado é o que se zanga "sem causa" ou "loucamente", mas estas palavras não se acham em nenhum dos grandes manuscritos. A proibição é absoluta. Não basta não bater no outro – é necessário incluso não desejar bater nele, nem sequer alojar sentimentos agressivos para com ele em nosso coração.

Nesta passagem Jesus raciocina de maneira muito similar a que teria feito um rabino. Demonstra que sabe utilizar os métodos de discussão que eram habituais em sua época. Nesta passagem há uma nítida gradação da ira, e a correspondente gradação crescente dos castigos.

(1) Primeiro está o homem que *se zanga com seu irmão*. Em grego havia duas palavras para descrever a ira. Uma delas, *zumós*, significa literalmente o fogo que produz a palha seca. Trata-se da ira que se inflama repentinamente, mas que com a mesma prontidão se extingue. A outra palavra é *orgué*. Neste caso se trata da ira longamente cultivada, a de quem odeia e seguirá odiando, sem permitir jamais que sua ira diminua. Esta é palavra usada por Jesus.

Esta ira merece o julgamento dos tribunais. Jesus se refere ao tribunal que funcionava em qualquer população, das cidades até o mais pequeno vilarejo. Este tribunal estava composto pelos anciãos do lugar e o número de juízes variava segundo o tamanho da população: eram três nos pequenos povoados, com menos de cento e cinquenta habitantes, sete nas cidades de província e vinte e três nas grandes capitais.

De maneira que Jesus condena toda ira egoísta. A Bíblia diz bem claramente que a ira é um sentimento proibido. "A ira do homem", diz Tiago, "não produz a justiça de Deus" (Tiago 1:20). Paulo ordena aos seus: "despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar..." (Colossenses 3:8). Também os mais elevados pensadores do paganismo compreenderam a estupidez da ira. Cícero disse que quando se experimentava ira "nada podia fazer-se inteligentemente nem de maneira justa". Em uma frase tremendamente vívida, Sêneca descreveu a ira como "uma loucura passageira".

De maneira que Jesus proíbe categoricamente a ira rancorosa, a ira que jamais esquece, a ira que se nega a ser reconciliada e busca a vingança. Se desejamos obedecê-lo devemos eliminar de nossa vida toda forma de ira, irritação ou ódio apaixonado, particularmente aqueles que

duram muito tempo sem aplacar-se. É muito importante recordar que ninguém que queira chamar-se cristão pode "perder os estribos" quando de algum modo foi ofendido pessoalmente.

(2) A seguir Jesus passa a descrever o caso em que a ira dá lugar às palavras insultantes. Os mestres do judaísmo proibiam tal tipo de irritação e tais palavras. Falavam de "a opressão das palavras" e do "pecado do insulto". Um de seus ditos sustentava: "Há três classes de homens que vão à Geena e não retornam jamais – o adúltero, que faz envergonhar abertamente a seu próximo, e o que insulta a seu semelhante." A ira está proibida tanto no coração do homem como em sua boca.

AS PALAVRAS OFENSIVAS

Mateus 5:21, 22 (continuação)

Em primeiro lugar se condena ao homem que chama *raca* a seu irmão. *Raca* é a palavra que em nossas Bíblias se traduz por "nescio". É uma palavra quase impossível de traduzir, porque a gradação de seu significado dependia do tom de voz que se usasse ao pronunciá-la. A idéia dominante deste insulto é a do desprezo. Chamar a alguém *raca* era lhe dizer estúpido, idiota sem miolos, imprestável e nulo. É a palavra que escutaremos na boca de quem despreza a outro com absoluta arrogância.

Entre os judeus há uma história de um certo rabino, Simão Ben Eleazar, que saía da casa de seu professor, sentindo-se exaltado pela consciência de sua própria sabedoria, erudição e bondade. Nesse momento cruzou por ele alguém muito pouco favorecido em seu aspecto, quem o saudou. Sem responder à saudação Ben Eleazar lhe gritou: "*Raca!* Quão feio você é! Todos os homens de sua cidade são tão feios como você?" O caminhante lhe respondeu: "Isso não sei. Vá e diga ao Criador que me fez uma criatura tão feia como sou." Este foi o modo como se castigou o pecado de desprezo.

O pecado de desprezo é merecedor de um castigo ainda mais sério. Deverá ser julgado pelo Sinédrio, a corte suprema dos judeus. É óbvio

que isto não deve ser tomado literalmente. É como se Jesus tivesse dito: "O pecado da ira inveterada é mau, mas o do desprezo é pior."

Não há pecado tão pouco cristão como o do desprezo. Há um desprezo que se baseia no orgulho da estirpe, e o esnobismo é realmente uma coisa feia. Há uma atitude de superioridade que obedece à posição e o dinheiro que se têm, e o orgulho pelas coisas materiais também é algo vil. Há um orgulho dos que desprezam os que sabem menos que eles, e de todos orgulhos este é o mais difícil de entender, porque nenhum homem verdadeiramente sábio jamais se sentiu impressionado por outra coisa senão por sua própria ignorância. Não podemos olhar depreciativamente a ninguém, porque Cristo morreu por todos.

(3) A seguir Jesus se refere ao homem que chama *morós* a seu irmão. *Morós* também significa néscio ou tolo, mas o acento está posto na *tolice moral*. É o homem que simula ser néscio. O salmista, por exemplo, fala do néscio que em seu coração diz que não há Deus (Salmo 14:1). Trata-se, neste caso, de um retardado moral, do homem que vive de maneira imoral e portanto desejaria que não houvesse Deus. Dizer a alguém *morós* não era criticar sua capacidade mental, mas pôr em tela de juízo seu caráter moral; equivalia a manchar seu bom nome e reputação, a qualificá-lo como uma pessoa de vida dissipada e imoral.

E Jesus diz que aquele que destrói o bom nome de seu irmão e sua reputação de pessoa honesta e reta deverá enfrentar o juízo mais terrível de todos, o do *fogo do Geena*.

Geena é um termo com uma longa história. Às vezes é traduzido, como em nossa citação, diretamente por inferno. Os judeus usavam esta palavra muito frequentemente (veja-se Mateus 5:22, 29, 30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Marcos 9:43, 45, 41. Lucas 12:5; Tiago 3:6). Em realidade, só se refere ao Vale de Hinom, que estava localizado para o sudoeste de Jerusalém. Era lembrado como o lugar onde Acaz tinha introduzido o culto a Moloque, um deus pagão. Este culto tinha como uma de suas características a imolação de crianças vivas no fogo do altar. "Também queimou incenso no vale do filho de Hinom e queimou a seus próprios

filhos..." (2 Crônicas 28:3). Josias, o rei reformador, tinha eliminado totalmente esse culto, e ordenando que o lugar onde era celebrado fosse maldito para sempre. "Também profanou a Tofete, que está no vale dos filhos de Hinom, para que ninguém queimasse a seu filho ou a sua filha como sacrifício a Moloque." (2 Reis 23:10). Em conseqüência o vale do Hinom se converteu no depósito de lixo de Jerusalém.

Era uma espécie de imenso incinerador público, no qual sempre havia algum fogo ardendo, e sobre ele se estendia uma nuvem de fumaça espessa. Nos desperdícios se criava um tipo especial de verme, que era muito difícil de matar (Marcos 9:44). De maneira que o Geena era o vale de Hinom, um lugar identificado na mente do povo judeu com tudo o que era sujo, maldito e corrompido, o lugar onde se destruíam mediante o fogo todas as coisas inúteis e insalubres. É por isso que se converteu em sinônimo do poder destruidor de Deus, o inferno.

Jesus afirma, pois, que o mais grave é destruir a boa reputação do próximo e privá-lo de seu bom nome. Não há castigo muito severo para o fofoqueiro maligno, para as fofocas de intenção iníqua que podem chegar a assassinar o bom nome de qualquer pessoa. Tal conduta merece, no sentido mais literal possível, a condenação do inferno.

Como já dissemos, esta gradação dos castigos não deve ser tomada literalmente. Jesus está dizendo o seguinte: "Na antiguidade se condenava o assassinato; e certamente o assassinato continua sendo mau. Mas eu lhes digo que não são apenas as ações exteriores do homem as que merecem ser julgadas; também seus pensamentos mais íntimos estão sob o olhar escrutinador e o julgamento de Deus. A ira persistente é má; piores ainda são as palavras depreciativas, mas o pior de tudo é a malícia que destrói o bom nome do próximo."

O homem que é escravo de sua ira, que se dirige a outros com um tom depreciativo, o homem que destrói o bom nome de outros, pode não ter assassinado a ninguém, mas em seu coração é um assassino.

A BARREIRA INSUPERÁVEL**Mateus 5:23, 24**

Quando Jesus disse estas palavras, não fez mais que recordar aos judeus um princípio que eles conheciam perfeitamente bem, e que jamais devem ter esquecido. A idéia do sacrifício era muito singela. Se alguém cometia uma má ação, de algum modo esta perturbava sua relação com Deus, e o sacrifício tinha como intenção restabelecer a normalidade destas relações.

Mas é preciso lembrar duas coisas de suma importância. Em primeiro lugar, nunca se sustentou que os sacrifícios pudessem expiar os pecados cometidos deliberadamente, aos que os judeus qualificavam de "pecados de mão elevada". Se alguém cometia algum pecado sem dar-se conta, se era arrastado ao pecado em um momento de paixão, perdendo seu domínio próprio, o sacrifício podia lançar resultados positivos; mas se alguém tinha cometido um pecado de maneira deliberada, pela dureza de seu coração, perfeitamente consciente do que estava fazendo, o sacrifício não podia expiar sua falta. Em segundo lugar, para que o sacrifício fosse eficaz, devia incluir a confissão do pecado e um verdadeiro arrependimento; e o verdadeiro arrependimento incluía, por sua vez, o propósito de retificar as conseqüências que o pecado produziu.

Todos os anos se celebrava o grande Dia da Expição, no qual se ofereciam sacrifícios pelos pecados de todo o povo. Mas os judeus eram perfeitamente conscientes de que nem sequer os sacrifícios desse dia especial valiam de nada *se antes cada indivíduo não se reconciliasse com o seu próximo*. A divisão entre o homem e Deus não podia ser restaurada enquanto não se restabelecesse a união entre o homem e o homem. Se alguém oferecia um sacrifício com a intenção de expiar um roubo, por exemplo, sabia-se perfeitamente que o sacrifício não tinha valor algum até que se devolvesse a coisa roubada; se fosse descoberto que a coisa roubada não tinha sido devolvida, o sacrifício devia destruir-se como objeto impuro e queimar-se fora do templo. Os judeus sabiam

perfeitamente que a pessoa deve emendar sua vida antes de tentar reconstruir sua relação com Deus.

Em certo sentido o sacrifício era substitutivo. O símbolo disto era que no momento da imolação da vítima o ofertante colocava suas mãos sobre a cabeça do animal devotado, apertando-a fortemente como se quisesse transferir-lhe o seu pecado. E ao fazê-lo dizia: "Invoco-te, ó Senhor; pequei, fiz o que havias proibido, rebelei-me; cometi (e aqui dizia qual tinha sido seu pecado particular); mas volto para ti arrependido; permite que isto seja minha expiação."

Um sacrifício válido, implicava confissão e restituição. A imagem que Jesus nos pinta é bem vívida. O ofertante, é obvio, não fazia seu próprio sacrifício. Levava-o a sacerdote, e este o oferecia em nome do pecador. Aqui, o ofertante entrou em templo, atravessou os pátios que rodeiam o lugar santo, o Pátio dos Gentios, o Pátio das Mulheres, o Pátio dos Homens. Mais à frente estava o Pátio dos Sacerdotes, no qual nenhum leigo podia entrar. De pé junto ao corrimão, espera que seja a sua vez de entregar sua oferta ao sacerdote; tem suas mãos sobre a cabeça da vítima, e está a ponto de confessar o pecado que cometeu; e então recorda que não emendou sua relação quebrada com o irmão a quem ofendeu. Se quiser que seu sacrifício sirva de algo, deve voltar a seu irmão, restabelecer a relação com ele, desfazer o mal que fez. De outro modo não acontecerá nada.

Jesus é bem explícito com respeito a este fato fundamental – *não* podemos estar em boa relação com Deus a menos que mantenhamos boas relações com os homens. Não podemos esperar ser perdoados enquanto não tenhamos confessado nosso pecado, não somente a Deus mas também a nossos irmãos, e tenhamos feito o melhor possível para eliminar as conseqüências negativas do mal que fizemos. Às vezes nos perguntamos por que há uma barreira entre nós e Deus; ou por que nossas orações parecem inúteis. É bem possível que nós mesmos sejamos os que levantamos a barreira, ou porque estamos desgostados

com nosso próximo, ou porque ofendemos a alguém e não temos feito nada por desculpar essa ofensa.

RECONCILIAR-SE A TEMPO

Mateus 5:25-26

Aqui Jesus nos oferece um conselho bem prático. Recomenda evitar problemas maiores, solucionando as diferenças que tenhamos com outros quando ainda estamos a tempo de fazê-lo.

Jesus traça o quadro de dois adversários que se dirigem ao tribunal e fala que se acertem entre si antes de chegar diante do juiz, porque se não o fazem, e se a lei segue seu curso, será muito pior, o que, pelo menos um dos dois, deverá enfrentar no futuro. A imagem de dois adversários que se dirigem juntos ao tribunal poderá nos parecer muito estranha e até improvável, mas era algo que ocorria com relativa frequência na antiguidade.

Na lei grega havia um procedimento denominado *prisão sumária* (*apagogi*) no qual a parte ofendida podia proceder à prisão de quem o tinha ofendido. Agarrava-o pela gola de sua túnica, de tal maneira que se lutasse para escapular-se podia chegar a estrangular-se. É obvio, as causas que justificavam este tipo de prisão eram muito poucas. O infrator devia ser descoberto *in fraganti*, "com as mãos na massa". Os crimes que autorizavam a este tipo de prisão eram o assalto, o roubo de roupa (os ladrões de roupa eram uma praga nos banheiros públicos da antiga Grécia), o "carteirismo" e o seqüestro (na antiga Grécia era muito comum o seqüestro de escravos especialmente capacitados e idôneos). Além disso podia prender-se sumariamente a alguém que procurasse exercer os direitos de cidadão quando estes lhe tinham sido tirados, ou ao que voltava à sua cidade ou estado depois de ter sido exilado deles. Em vista deste costume, não era pouco comum ver em qualquer cidade grega a dois litigantes dirigindo-se juntos para os tribunais.

Mas é evidente que o mais provável é que Jesus estivesse pensando em termos da prática no judaísmo. Este tipo de situação não era de modo algum impossível sob as disposições da lei judia. O litígio a que se faz referência nesta passagem é evidentemente um caso de dívidas impagáveis, quando, de não chegar a um acordo, "deverá pagar-se até o último centavo". Estes casos eram julgados sempre pelo conselho local de anciãos. Indicava-se uma hora em que os litigantes deviam comparecer juntos ante o tribunal, e em qualquer aldeia ou população pequena, não era difícil que se encontrassem no caminho. Quando se determinava a culpabilidade de um acusado, ele era entregue ao oficial cuja responsabilidade era assegurar o cumprimento da sentença. Em caso contrário, tinha autoridade para encarcerar o rebelde, até que este fizesse o que o tribunal lhe tinha obrigado fazer. Evidentemente esta era a situação que Jesus tinha em mente. Suas palavras podem significar duas coisas.

(1) Pode ser simplesmente uma recomendação de ordem prática. Em repetidas oportunidades a experiência da vida nos ensina que se não solucionarmos uma diferença a tempo, se não encontrarmos a tempo a paz que acabe com uma disputa, a situação se fará cada vez mais complicada e difícil de resolver por bem. Muitas vezes as diferenças entre duas pessoas produziram diferenças entre suas famílias, que as gerações futuras herdaram, terminando por dividir uma igreja ou uma comunidade. Se no princípio um dos dois litigantes tivesse pedido desculpas, ou admitido sua falta, poderiam ter evitado muitas situações penosas. Se alguma vez nos encontrarmos em desacordo com outra pessoa, devemos procurar esclarecer as coisas o mais breve possível e restaurar a paz. Isto pode requerer de nossa parte a humildade necessária para reconhecer que agimos mal e pedir perdão; pode requerer que, embora nós tenhamos a razão, demos o primeiro passo reconciliatório. Quando algo anda mal nas relações pessoais, nove entre cada dez casos a imediata ação reconciliatória conseguirá solucionar a diferença. Mas se não se toma esta decisão imediatamente as relações continuarão

deteriorando-se, e o azedume se estenderá cada vez mais, como uma mancha de azeite.

(2) É possível que Jesus tivesse em mente algo muito mais decisivo que isto. É possível que o significado de suas palavras fosse: "Acerte suas diferenças com seu irmão *enquanto você vive*, porque algum dia – não se sabe quando – sua vida acabará, e você terá que comparecer ante o tribunal de Deus, o Juiz final de todos."

O dia mais importante do calendário judeu era o dia da Expição. Sustentava-se que os sacrifícios deste dia valiam para expiar os pecados conhecidos e os desconhecidos; mas até este dia tinha suas limitações. O Talmud diz claramente: "O Dia da Expição não serve para expiar as ofensas que o homem tenha cometido contra Deus. O Dia da Expição não serve para expiar as ofensas que o homem tenha cometido contra seu próximo, a menos que o mal tenha sido reparado previamente."

Aqui nos encontramos novamente com o fato básico, fundamental – ninguém pode estar em boas relações com Deus a menos que esteja em boas relações com seu semelhante. Deve viver a vida de tal maneira que ao chegarmos ao fim da vida estejamos em paz com todos os nossos semelhantes.

É possível que não seja necessário escolher uma destas duas interpretações das palavras de Jesus. Possivelmente Jesus pensasse em ambas as coisas quando as pronunciou. Neste caso seu propósito teria sido nos ensinar o seguinte: "Se você quer ser feliz neste mundo e na eternidade, nunca cultive o rancor nem deixe sem curar a divisão entre você e seu irmão. Aja de maneira imediata para eliminar a barreira que a ira levantou entre vocês." .

O DESEJO PROIBIDO

Mateus 5:27-28

Este é o segundo exemplo que Jesus dá da nova pauta moral. A Lei estabelecia: "Não adulterarás" (Êxodo 20:14). Os judeus acreditavam

que o adultério era uma falta tão grave que as partes culpados podiam ser castigadas com a morte (Levítico 20:10); mas uma vez mais Jesus estabelece aqui que aos olhos de Deus não somente é culpado o que comete o ato proibido, mas também o que experimenta o desejo de cometê-lo.

É muito importante que compreendamos o significado das palavras de Jesus nesta sentença. Não se refere ao desejo natural, que forma parte do instinto e da natureza humanos. Segundo o significado literal da expressão no idioma grego, merece ser condenado o homem que olhe para uma mulher com intenção deliberadamente luxuriosa. Condena-se ao homem que se vale de seus olhos deliberadamente para despertar a paixão adúltera e estimular o desejo.

Os rabinos judeus sabiam perfeitamente como se podia fazer uso do olhar para despertar a paixão e estimular o desejo pecaminoso. Eles tinham seus ditos: "Os olhos e as mãos são os provocadores do pecado", "Os olhos e o coração são as duas donzelas do desejo pecaminoso", "As paixões se alojam só naquele que vê", "Ai daquele que se deixa levar por seus olhos, porque estes são adúlteros!". Como disse alguém: "Há um desejo interior da alma e o adultério é meramente seu fruto."

Em um mundo de tentações, há muitas coisas cujo propósito deliberado é excitar e estimular o desejo. Há livros, desenhos e fotografias, filmes cinematográficos ou peças teatrais, anúncios publicitários que estão deliberadamente ideados para despertar e estimular nossos desejos sexuais. O homem que Jesus está condenando aqui é aquele que usa seus olhos como meio para a excitação de seus desejos; aquele que encontra um prazer estranho em tudo o que suscita seu desejo pelo proibido. Para quem é puro todas as coisas são puras. Mas aquele cujo coração é impuro pode ver até a cena mais inocente e encontrar nela algo que sirva para excitá-lo, despertando nele os desejos pecaminosos.

A INTERVENÇÃO CIRÚRGICA**Mateus 5:29-30**

Aqui Jesus expõe a necessidade de, se for o caso, uma intervenção drástica de caráter similar ao de uma operação cirúrgica. Insiste em afirmar que tudo o que seja causa de pecado, ou age para seduzir ao pecado, deve ser eliminado completamente da vida.

A palavra que no original grego representa nossa expressão em português "te escandalizar" é extremamente interessante. Trata-se de *skándalon*, que também pode traduzir-se por "escândalo". Literalmente, em sua origem mais remota, "escândalo" era a parte de uma armadilha para caçar pássaros onde se coloca a isca de peixe, e que ao ser tocada pelo animal guloso desencadeia o mecanismo que fecha a jaula e o apanha. Posteriormente a palavra chegou a significar *algo que possa nos arrastar à destruição*. Isto sugere duas imagens. Primeiro, a de uma pedra oculta em um atalho contra a qual alguém pode tropeçar, ou uma corda estendida através do caminho por onde devemos passar, deliberadamente posto ali para que alguém caia. Em segundo lugar, a imagem de um poço cavado no chão e disfarçado sob uma fina capa de ramos e arrumado de tal maneira que quando o despreparado viajante pisa em cima imediatamente cai dentro.

O *skándalon*, a pedra de tropeço, é aquilo que nos "dá a rasteira", que nos faz cair, que nos arrasta à ruína.

É evidente que as palavras de Jesus não devem interpretar-se de modo cruamente literal. O que quer dizer é que devemos eliminar drasticamente de nossa vida algo que nos induza a pecar. Se houver em nossa vida um hábito que nos pode ser ocasião de cair em pecado, uma relação que pode converter-se em causa de pecado, ou um prazer que pode transformar-se em nossa ruína, isso deve ser extirpado cirurgicamente de nossa vida.

Situado onde está, imediatamente depois da passagem que fala dos pensamentos proibidos, esta afirmação de Jesus nos obriga a nos

perguntar: Como faremos para nos liberar desses desejos impuros e pensamentos sujos? Um dos fatos da experiência é que pensamentos e imagens entram em nossa mente sem que possamos impedir e que o mais difícil do mundo é fechar a porta para eles.

Há uma forma que não serve como meio efetivo de controle de tais pensamentos e desejos impuros, e é nos sentar, nos concentrar em nós mesmos, e dizer: "Não pensarei mais em tais coisas!" Quando dissermos "não pensarei em tal ou qual coisa", mais se concentrará nossa mente nela. Um dos exemplos mais destacados na história deste modo equivocado de enfrentar as tentações foram os ermitões e ascetas que abundaram na Igreja antiga. Eram homens que desejavam liberar-se de tudo o que fosse terreno, e especialmente dos desejos do corpo. Para isso se separavam de seus semelhantes e iam viver no deserto egípcio, para dedicar-se exclusivamente a pensar em Deus.

Um dos mais famosos foi Santo Antônio. Viveu uma vida de ermitão, jejuando, não dormindo, torturando seu corpo. Durante trinta e cinco anos viveu no deserto, e esses trinta e cinco anos foram uma batalha sem trégua contra as tentações. Sua biografia conta a vida que levou: "Primeiro o diabo procurou apartá-lo da disciplina, sussurrando a lembrança das riquezas que tinha abandonado, fazendo-o preocupar-se com sua irmã, inflamando seu amor por seus parentes, tentando-o com o amor ao dinheiro, a glória, os distintos prazeres da mesa, as distintas formas de gratificar o corpo. Por fim, apresentou-lhe as dificuldades da virtude e o esforço que exigia de quem desejasse chegar a obtê-la... Uma parte de si sugeria pensamentos desonestos, e a outra os combatia com orações; uma o inflamava de luxúria, a outra, como quem parecia ruborizar-se, fortificava seu corpo com orações, fé e jejum. Uma noite o demônio chegou a tomar a forma de mulher, e imitou sua maneira de mover-se e agir, somente para enganar Santo Antônio." Deste modo viveu o santo durante trinta e cinco anos.

A realidade é que se alguém alguma vez buscou os problemas que o acossaram, foram Santo Antônio e seus seguidores.

É uma lei inevitável da natureza humana que quanto mais decidimos não pensar em algo, mais esse algo se fará presente em nossa mente. Há somente dois modos de derrotar os pensamentos proibidos.

O primeiro é a ação cristã. A melhor maneira de vencer as tentações é fazer algo, encher a vida a tal ponto de obras e serviço cristãos que nenhum pensamento impuro tenha tempo de penetrar em nossa mente; pensar tanto nos outros que cheguemos a nos esquecer de nós mesmos, a nos desfazer de uma introspecção mórbida e doentia, nos concentrando em outros e não em nós mesmos. A verdadeira cura para os maus pensamentos é a boa ação.

A segunda maneira é encher nossa mente com bons pensamentos. Há uma cena famosa na história do Peter Pan, de Barrie. Peter está no lar dos meninos; eles o viram voar e também querem fazê-lo. Procuraram sair voando do chão, e saltando das camas, mas seu fracasso foi total. "Como o faz?", disse John. E Peter respondeu: "Só é questão de ter bons pensamentos, maravilhosos e eles o levantam do chão e você já está voando." A única maneira de derrotar os maus pensamentos é pensar coisas boas.

Se alguém se sente acochado por pensamentos impuros, certamente não poderá derrotar jamais o mal pelo ato de retirar-se do mundo e dizer: "Não pensarei em tais coisas!" Só poderá obtê-lo lançando-se à ação cristã e tendo pensamentos cristãos. Nunca o conseguirá se procura salvar sua própria vida; a vitória será sua somente se entregar sua vida por outros.

O VÍNCULO QUE NÃO SE PODE QUEBRAR

1. A instituição do casamento entre os judeus

Mateus 5:31, 32

Quando Jesus estabeleceu esta lei para o casamento, o fez sobre o pano de fundo de uma situação perfeitamente bem definida. Não houve

um momento na história no qual os laços matrimoniais corressem um perigo tão grande de destruição quase total, como nos dias em que o cristianismo fez sua aparição na cena histórica. Naquela época o casamento e a instituição do lar estavam em perigo da desintegração e o colapso. O cristianismo possuía um duplo pano de fundo. Por um lado estava a tradição judia, por outro a do mundo dos gregos e os romanos. Examinemos sobre este duplo pano de fundo o ensino de Jesus sobre o casamento.

Em teoria nenhuma nação jamais teve um ideal mais alto do casamento que os judeus. O casamento era uma instituição sagrada, e como tal era que o homem estava obrigado a entrar nela. Havia apenas uma razão que justificava o varão a retardar ou se abster do casamento – o desejo de dedicar toda sua vida ao estudo da Lei. Se alguém se negava a casar-se, ou dentro do casamento se negasse a ter filhos, dizia-se que tinha quebrantado o regulamento divino de multiplicar-se e povoar a Terra, e que havia "reduzido a imagem de Deus na Terra" e "assassinado sua posteridade".

Realmente o judeu aborrecia o divórcio. A voz de Deus havia dito: "Aborreço o divórcio" (veja-se Malaquias 2:16). Os rabinos deixaram registrados alguns dos ditos mais bonitos sobre o casamento: "Sabemos que Deus suporta e é paciente frente a qualquer pecado, exceto a falta de castidade", "A luxúria faz que nos abandone a glória de Deus", "Todo judeu deve entregar sua vida antes de cometer idolatria, assassinato ou adultério", "Até o próprio altar derrama lágrimas quando um homem se divorcia da esposa de sua juventude".

O trágico era que a prática distava grandemente do ideal. Havia um elemento que viciava totalmente as leis e relações matrimoniais. Aos olhos da lei a mulher era como uma coisa. Estava totalmente submetida à vontade e disposição primeiro de seu pai e depois de seu marido. Para qualquer circunstância de ordem prática carecia totalmente de direitos legais. Não podia divorciar-se de seu marido, por nenhum motivo, mas o homem podia divorciar-se de sua esposa, virtualmente por qualquer

causa, por mínima que fosse. A lei rabínica especificava literalmente: "A mulher deve receber carta de divórcio com ou sem seu consentimento; mas ela só pode divorciar-se se seu marido o consente."

Tudo isto se complicava pelo fato de que a lei de divórcio dos judeus era muito simples em sua expressão e muito ambígua em seu significado. Deuteronômio estabelece (24:1): "Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir de casa." O procedimento de divórcio era extremamente singelo, A "carta de divórcio" dizia:

"Esta é a ata de teu divórcio de mim, carta de demissão e documentação de tua liberdade, para que possas voltar a te casar com o homem que quiseres."

Bastava entregar este documento à esposa, em presença de duas testemunhas, e o casamento ficava dissolvido.

Evidentemente, o ponto crucial desta lei de Deuteronômio está na interpretação das palavras "coisa indecente". Em tudo o que respeita à interpretação da lei judia havia duas escolas: a escola de Shamaï, que era de tendência estrita, severa e séria, e a escola de Hillel, que era liberal, de mente aberta e generosa. A escola de Shamaï sustentava que "alguma coisa indecente" significava adultério, e nada mais que adultério. Diziam: "Embora uma mulher seja tão perversa como a mulher do Acabe, não é possível divorciar-se dela a não ser por adultério. Para a escola de Shamaï a única causa legítima de divórcio era o adultério da esposa ou sua falta de castidade em geral. Por outro lado, a escola de Hillel definia "coisa indecente" no sentido mais amplo possível: Era "indecente" que uma mulher danificasse a comida pondo muito sal, que andasse na via pública com a cabeça descoberta, que falasse com homens na rua, que fosse briguenta, que falasse de maneira pouco respeitosa de seus sogros na presença de seu marido, que fosse fofqueira ou de mau caráter. Houve um rabino chamado Akiba, que

interpretava a frase "não for agradável aos seus olhos" no sentido de "se encontrasse outra mulher que considerasse mais atrativa que a sua".

Sendo a natureza humana como é, não é difícil dar-se conta de qual terá sido a escola que tinha maior influência. Na época de Jesus o divórcio tinha chegado a ser tão fácil que as moças jovens não queriam casar-se, dada a insegurança do casamento.

Quando Jesus pronunciou seu ensino, não estava falando como o faria um idealista pouco prático; sua intenção era reformar os costumes de seu povo. Estava buscando encarar uma situação na qual a estrutura da vida familiar estava caindo, e em que os costumes nacionais se estavam tornando cada vez mais imorais.

2. A instituição do casamento entre os gregos

Mateus 5:31-32 (continuação)

Vimos qual era o estado da instituição matrimonial na Palestina nos tempos de Jesus. Logo, entretanto, o cristianismo não ficaria confinado aos limites da Palestina, e precisamos olhar a instituição cristã do casamento contra o pano de fundo desse mundo mais amplo no qual irromperiam os ensinamentos da nova fé.

Em primeiro lugar, pois, vejamos qual era a tradição com respeito ao casamento entre os gregos. Duas coisas viciavam a situação do casamento no mundo grego.

A. W. Verrall, o grande erudito clássico, disse que uma das principais enfermidades que produziram a morte da civilização antiga era a baixa estima da mulher em seu meio. A primeira coisa que contribuiu para fazer naufragar a instituição matrimonial entre os gregos foi o fato de que as relações extra-conjugais não estavam sancionadas por nenhum estigma social, eram o normalmente esperado e aceito. Tais relações não produziam o mais mínimo descrédito e formavam parte da vida cotidiana e normal de qualquer grego.

Segundo Demóstenes a prática social aceita era a seguinte: "Temos cortesãs para o prazer; temos concubinas para a coabitação diária; temos esposas para ter filhos legítimos e para que sejam as guardiãs de nossos interesses domésticos."

Em uma época posterior, quando as idéias gregas se infiltraram na moral dos romanos arruinando-a, Cícero disse em seu discurso *Em defesa de Caelo*: "Se houver alguém que pensa que os jovens deveriam ter proibida por completo a freqüência de cortesãs, certamente se trata de uma pessoa extremamente severa. Não estou em condições de refutar o princípio que estabelece; mas certamente está em desacordo não só com a licença de nossa época, mas também com os costumes e concessões de nossos antepassados. Quando é que não se praticou tal liberdade? Quando alguém a encontrou imperdoável? Desde quando está proibido o que eles proíbem?" A afirmação de Cícero é, como tinha sido o princípio estabelecido por Demóstenes, que as relações extra-conjugais eram a prática corrente e estabelecida.

A posição dos gregos com respeito ao casamento era um extraordinário paradoxo. Sua moral exigia que a mulher casada vivesse virtualmente em reclusão, até o ponto de não poder sair à rua se não fosse acompanhada e nem sequer comia na mesma mesa com os homens. Não tinha parte alguma na vida social. O grego exigia que sua mulher fosse moralmente pura; mas ele mesmo se permitia a licença mais total. Para dizer sem rodeios, o grego casava para desfrutar da segurança de uma família, mas procurava seu prazer com mulheres da vida. O próprio Sócrates disse: "Há alguma mulher a quem vocês confiam assuntos mais sérios que a suas esposas, e alguma mulher com quem vocês conversem menos que com suas esposas?" Vero, o colega de Marco Antônio no poder imperial, foi acusado por sua esposa de manter relações com outras mulheres. Ele lhe respondeu publicamente que devia recordar que o nome de esposa era um título de dignidade e não de prazer.

Assim, pois, na Grécia chegou a expor uma situação totalmente fora do normal. O templo de Afrodite, em Corinto, era servido por mil

sacerdotisas, que eram cortesãs sagradas. Pelas noites percorriam as ruas de Corinto, e chegou a ser um provérbio que "Nem todos os homens podem dar-se o luxo de uma viagem a Corinto". Esta assombrosa aliança da religião e a prostituição pode ver-se em forma quase incrível no fato de que Sólon tenha sido o primeiro a introduzir os prostíbulos em Atenas, e que com o dinheiro que estes renderam à cidade mandasse construir um templo em honra da deusa Afrodite, símbolo do amor. Os gregos não viam nada de mal na construção de um templo com as lucros da prostituição.

Mas, além da prática da prostituição, na Grécia surgiu um grupo de mulheres chamadas hetaíras. Estas eram as amantes dos homens importantes; constituíam o grupo de mulheres mais cultas e realizadas da época; seus lares eram nada menos que lugares de reuniões sociais; os nomes de várias delas passaram à história com não menor fama que a de quem foi seus amantes. Thais era a concubina de Alexandre Magno, que depois da morte deste casou com Ptolomeu e chegou a fundar uma dinastia de reis no Egito. Aspásia era a concubina de Péricles, provavelmente o maior estadista e orador que os gregos jamais tiveram; e se diz que ela era quem lhe tinha ensinado oratória e até lhe escrevia seus discursos. Epicuro, o famoso filósofo, tinha como concubina a igualmente famosa Leontina. A concubina do Sócrates era Diotima. A forma em que se respeitava a estas mulheres pode ver-se no relato da visita que Sócrates fez a Teodora, segundo o relato do Jenofón. Sócrates queria visitá-la para ver se de fato era tão bela como se dizia. Uma vez falou com ela amavelmente, disse-lhe que devia fechar a porta de sua casa quando algum insolente viesse incomodá-la, que devia cuidar de seus amantes quando estavam doentes, e desfrutar com eles quando recebessem honras, e que devia amar com ternura a quem oferecesse seu amor.

Na Grécia, pois, vemos todo um sistema social baseado nas relações extra-conjugais; vemos que estas relações se aceitavam como naturais e normais e quase nada condenáveis; e vemos como até podiam

transformar-se na circunstância mais importante na vida de um homem. A situação era absurda, pelo fato de os homens manterem suas esposas na mais total reclusão em uma pureza obrigatória, enquanto eles, por sua vez, procuravam o prazer e sua verdadeira vida fora do casamento.

A outra coisa que viciava completamente a situação moral na Grécia era que o divórcio não nenhum exigia trâmite legal. Tudo o que um homem devia fazer era se despedir de sua esposa em presença de duas testemunhas. A única cláusula salvadora era que devia lhe devolver o seu dote intacto.

É muito fácil dar-se conta da total inovação que deve ter sido para os gregos o ensino cristão com relação à castidade e à fidelidade matrimonial.

3. A instituição do casamento entre os romanos

Mateus 5:31-32 (continuação)

A história do desenvolvimento da instituição matrimonial entre os romanos é a história de uma tragédia. Toda a religião e a sociedade dos romanos se baseava no lar. A base do bem-estar comum de todos os que integravam a sociedade romana, até a época do império, a autoridade do pai era chamado o pátrio poder. O pai possuía literalmente poder de vida e morte sobre todos os membros de sua família. Um filho nunca assumia a maioridade enquanto seu pai vivesse. Podia ser cônsul, podia alcançar os mais altos degraus da dignidade que o Estado podia lhe oferecer, mas se seu pai estava vivo, seguia submetido à sua autoridade. Para o romano o lar era tudo. A matrona romana não vivia em reclusão, como sua contraparte grega. Participava plenamente da vida social e pública. "O casamento", dizia Modestinus, um famoso jurista latino, "é a co-participação, durante toda a vida, dos direitos divinos e humanos." Havia prostitutas, é obvio, mas eram consideradas depreciativamente, e manter relações com elas era desonroso. Conta-se a história de um magistrado romano que foi assaltado em uma casa de má fama e se negou a

demandar aos culpados porque se o fizesse teria que reconhecer que tinha estado naquele lugar. Tão elevada era a moral romana que durante os primeiros quinhentos anos de sua vida como nação organizada não se registra nem um só caso de divórcio. O primeiro romano que se divorcia de sua esposa é Spurio Carvilio Ruga, em 234 a.C., e a razão que aduziu para obter uma sentença favorável foi a esterilidade de sua esposa e seu desejo de ter filhos.

Então chegaram os gregos. No sentido militar e imperial os romanos conquistaram aos gregos, mas no social e no moral a Grécia conquistou a Roma. Para o século II A. C., a moral grega tinha começado a infiltrar-se em Roma, e o resultado foi brutal. O divórcio chegou a ser tão comum como o casamento. Sêneca fala de mulheres que se casavam para divorciar-se e se divorciavam para casar-se, e diz que muitas recordavam os anos não pelos nomes dos cônsules que governavam a cidade mas sim pelos nomes dos maridos que tiveram.

Juvenal escreve, referindo-se a certa dama romana: "Bastará a Iberina um marido? Seria mais fácil convencê-la a de que lhe convém ter um só olho." E cita o caso de outra mulher que em cinco anos teve oito maridos. Marcial nos conta de uma mulher que chegou a ter dez maridos.

Um orador romano fez um discurso famoso que passou à história. Seu nome era Metillo Numídico, e suas palavras foram: "Romanos: se fosse possível fazer o amor sem ter esposas, nos livraríamos de problemas; mas, como é a lei da natureza que não possamos viver prazenteiramente, com elas, nem possamos viver sem elas, devemos pensar na continuidade da raça antes que em nosso próprio prazer de um instante." O casamento tinha chegado a ser pouco mais que uma desafortunada necessidade. Corria entre os romanos um cínico provérbio que dizia: "O casamento dá somente dois dias felizes – o dia em que pela primeira vez o marido aperta a sua esposa contra o peito e o dia em que a deposita em sua tumba."

As coisas chegaram a tal ponto que se promulgou um imposto ao celibato e nenhum solteiro podia receber herança. Estabeleceram-se

privilégios especiais para os que tinham filhos, porque os filhos eram considerados como um desastre. Chegou-se ao ponto de manipular a lei, num intento de resgatar a tão necessária instituição do casamento.

Esta foi a tragédia dos romanos, que o historiador Lecky chamou "esse estalo de depravação ingovernável e quase frenética, que se produziu imediatamente depois do contato com a Grécia". Aqui, novamente, podemos perceber com que surpresa o mundo romano da antiguidade deve ter ouvido as exigências de castidade do cristianismo.

Não entraremos por ora na descrição do ideal do casamento cristão, porque o faremos ao chegar a Mateus 19:3-9. Seja-nos permitido apenas assinalar que com o cristianismo entrou no mundo um ideal de castidade que anteriormente os homens não haviam nem sequer sonhado.

A PALAVRA É PROMESSA

Mateus 5:33-37

Uma das coisas mais estranhas com respeito ao Sermão da Montanha é a quantidade de vezes em que nele a única coisa que Jesus faz é lembrar aos judeus algo que eles já sabiam. Os mestres judeus sempre tinham insistido na obrigação geral de dizer sempre a verdade. "O mundo se apóia firmemente sobre três pilares: a justiça, a verdade e a paz." "Há quatro pessoas que estão excluídas da presença de Deus: o zombador, o hipócrita, o mentiroso e o que faz circular calúnia." "Quem deu sua palavra e depois a muda é tão mau como qualquer idólatra." A escola de Shammai era tão escrupulosa com respeito a este assunto de dizer a verdade, que até proibía a repetição das pequenas cortesias do trato social, como por exemplo o repetido louvor à beleza de uma noiva embora em realidade fosse apenas uma aparência agradável.

Os judeus eram ainda mais estritos naqueles casos em que a verdade da palavra tinha sido garantida mediante um juramento. O Novo Testamento estabelece este principio em repetidas oportunidades. O mandamento diz: "Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão,

porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (Êxodo 20:7). Este mandamento não proíbe dizer "más palavras" ou usar "linguagem forte", mas sim condena ao homem que jura no nome de Deus, ou promete algo pondo a Deus como testemunha, e não está disposto a observar sua promessa ou jurou falsamente. "Quando um homem fizer voto ao SENHOR ou fizer juramento, ligando a sua alma com obrigação, não violará a sua palavra; segundo tudo o que saiu da sua boca, fará" (Números 30:2). "Quando fizeres algum voto ao SENHOR, teu Deus, não tardarás em cumpri-lo; porque o SENHOR, teu Deus, certamente, o requererá de ti, e em ti haverá pecado. Porém, abstendo-te de fazer o voto, não haverá pecado em ti. O que proferiram os teus lábios, isso guardarás e o farás, porque votaste livremente ao SENHOR, teu Deus, o que falaste com a tua boca" (Deut. 23:21-23)

No tempo de Jesus, entretanto, ocorriam duas coisas muito pouco satisfatórias com relação ao uso do nome de Deus.

A primeira é o que poderia denominar-se *juramento frívolo* ou fútil. Quer dizer, jurar ou exigir juramento quando não era necessário juramento algum. Tinha chegado a ser um costume começar qualquer declaração dizendo: "Por sua vida", ou "Por minha cabeça", ou "Jamais veja feliz Israel se..." Os rabinos tinham estabelecido que usar de qualquer classe de juramento em declarações corriqueiras, tais como "Esta árvore é uma oliveira" não somente era incorreto mas sim devia considerar-se pecaminoso. Diziam: "O *se* de um homem justo sempre é *se*, e o *não* é não." Ainda em nossos dias é instrutivo o ensino daqueles antigos mestres. Com muita freqüência escutamos pessoas usarem a linguagem mais sagrada em situações insignificantes. Tomam-se, de maneira irreverente, as coisas e os nomes sagrados. Os nomes sagrados deveriam reservar-se para as coisas sagradas.

O outro costume dos judeus no tempo de Jesus pode considerar-se muito mais grave. Consistia no que poderia denominar-se *juramento evasivo*. Os judeus dividiam os juramentos em duas classes: aqueles que obrigavam de maneira absoluta e os que só o faziam de maneira relativa.

Qualquer juramento que contivera o nome de Deus obrigava de maneira absoluta, os juramentos em que se evitava o nome de Deus não criavam uma obrigação absoluta. O resultado era que se alguém jurava pelo nome de Deus podia esperar-se dele que estivesse dizendo uma verdade, ou que cumprisse sua promessa; mas se jurava pela Terra, ou pelo céu, ou por Jerusalém, ou por sua própria cabeça, sentia-se na liberdade de romper seu juramento. Como resultado, construiu-se uma verdadeira arte de jurar, evitando o nome de Deus.

A idéia era que se se usava o nome de Deus, este passava a ser parte na transação; enquanto que se não se mencionava a Deus, este não tinha nada a ver no assunto. O princípio que Jesus estabelece é bastante claro. Afirma que, independentemente da intenção que alguém pudesse ter de tornar a Deus em parte de seus negócios, era absolutamente impossível mantê-lo fora deles. Deus está presente em todas as transações. O céu é o trono de Deus e a Terra é sua banquetta; Jerusalém é a cidade de Deus. nossas próprias cabeças em realidade não nos pertencem, porque não podemos tornar um só de nossos cabelos branco ou preto. Nossa vida pertencem a Deus. Não há nada neste mundo que não seja de Deus, e portanto, mencione-se ou não o nome de Deus, Ele está presente de qualquer maneira.

Esta é uma grande e eterna verdade. A vida não pode ser dividida em compartimentos em alguns dos quais Deus está presente e em outros não; não se pode usar um tipo de linguagem na Igreja e outro na fábrica, no escritório, ou no bar; não pode haver algumas normas que orientem a conduta na Igreja e outras normas, diferentes, que estabeleçam o que é bom ou mau fora da Igreja, no mundo dos negócios. O fato é que não se pode convidar a Deus a participar de alguns dos âmbitos de nossa vida e deixá-lo de fora de outros. Ele está em toda parte e em todo momento e situação de nossas vidas. Não só escuta as palavras pronunciadas em seu nome, mas também todas as palavras; não se pode inventar uma fórmula verbal que evite a presença de Deus em nossa vida. Se lembrarmos que todas as nossas promessas são feitas na presença de Deus

reconheceremos como nossa obrigação ser sempre fiéis à verdade, porque toda promessa é sagrada.

O FIM DOS JURAMENTOS

Mateus 5:33-37 (continuação)

Esta passagem conclui com o mandamento de que quando alguém deve dizer **sim**, tem que dizer **sim**, e nada mais; e quando deve dizer **não**, tem que dizer **não**, e somente não.

O ideal é que ninguém precise de juramentos para garantir a verdade ou dar prova de sua vontade de cumprir uma promessa. O caráter da pessoa deveria fazer com que os juramentos fossem totalmente desnecessários. Sua garantia e suas testemunhas deveriam ser sua própria integridade. Sócrates, o grande orador e mestre grego, disse: "Deveríamos viver de tal maneira que nossas ações inspirassem mais confiança em nós que qualquer juramento." Clemente de Alexandria sustentava que os cristãos deveriam viver de tal modo e ser de tal caráter que ninguém jamais sonhasse sequer em pedir-lhes um juramento. A sociedade ideal seria aquela em que a palavra de qualquer indivíduo não necessitasse de juramento alguma para garantir sua verdade, e as promessas não precisassem de juramentos para garantir seu cumprimento.

Proíbem estas palavras de Jesus que os cristãos jurem em situações tais como quando vai dar testemunho em um processo legal, ou no juramento à bandeira? Tem havido dois grupos que se negaram categoricamente a toda forma de juramento. Os primeiros foram os essênios, uma antiga seita judia. Josefo escreve respeito a eles: "São eminentes por sua fidelidade e são ministros de paz. Algo que digam é tão firme como um juramento. Evitam todo juramento, e o têm em mais baixa estima ainda que o perjúrio. Porque afirmam que quem não pode ser de confiança se não jurarem, já estão condenados."

E também estão, ainda em nossos dias, os quackers. Os quackers se negam rotundamente, qualquer que seja a situação em que se encontrem, a pronunciar juramentos. George Fox, um dos fundadores desta seita, o máximo que chegava era aceitar o uso da palavra "verdadeiramente". Escreveu: "Nunca enganei a ninguém durante toda aquela época (a que passou ocupado em negócios). Em todas as minhas transações importantes usava a palavra 'verdadeiramente'." E muitos diziam: "Quando George Fox diz 'verdadeiramente' não há maneira de que mude." Na antiguidade os essênios não tinham pronunciado nenhum juramento, e até nossos dias, os tais estão na mesma postura.

Têm estes razão ao assumir esta atitude? Houve ocasiões nas quais o apóstolo Paulo jurou, como quando afirma: "Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha de que, para vos poupar, não tornei ainda a Corinto" (2 Cor. 1:23). "Ora, acerca do que vos escrevo", diz na epístola aos Gálatas, "eis que diante de Deus testifico que não minto" (Gál. 1:20). Nestes casos Paulo se está colocando sob juramento. O próprio Jesus não protestou quando o sumo sacerdote o pôs sob juramento: "Conjuro-te pelo Deus vivo" – ponho-te sob juramento em nome de Deus – "que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus" (Mateus 26:63).

Qual é então a situação?

Voltemos para a última parte do versículo 37. As versões correntes dizem: "O que disto passar vem do maligno." O que significam estas palavras? Somente podem significar duas coisas.

(a) Se for necessário pedir a alguém que jure, a necessidade surge do mal que se aninha no coração do homem. Se não houvesse mal no homem os juramentos seriam desnecessários. Em outras palavras, o fato de que seja necessário às vezes tomar juramento é uma demonstração da persistência do mal na natureza humana.

(b) O fato de que às vezes seja necessário pôr as pessoas sob juramento obedece a que o mundo em que vivemos é mau. Em um mundo perfeito, no Reino de Deus, jamais seria necessário prestar

juramento de nenhuma espécie. Faz-se necessário somente a causa do mal que há no mundo.

O que Jesus afirma é: o homem verdadeiramente bom não precisará jurar para que outros confiem nele; a veracidade de suas palavras e a firmeza de suas intenções não necessitam de tal garantia. Mas o fato de que ainda seja necessário às vezes tomar juramento das pessoas se deve ao fato de que os homens não são bons e este mundo tampouco o é.

Interpretado deste modo, a afirmação de Jesus nos obriga de duas maneiras. Obriga-nos a viver de tal maneira que, vendo nossa transparente bondade, ninguém creia necessário exigir que juremos para poder confiar em nossa palavra; e nos põe na obrigação de fazer tudo o que esteja ao nosso alcance para que o mundo seja um lugar tal que não haja capacidade nele para a falsidade e a infidelidade, ao ponto de que possa abolir-se toda forma de juramento.

A LEI ANTIGA

Mateus 5:38-42

Há poucas passagens no Novo Testamento que contenham com tanta pureza a essência da ética cristã como esta que examinamos agora. Nestas se expressa linhas a ética característica da vida cristã, e o comportamento que deveria distinguir ao cristão de outros homens.

Jesus começa citando a lei mais antiga que tenha existido – olho por olho e dente por dente. Esta lei se conhece com o nome latino *Lex Talionis*, e poderia descrever-lhe como lei da reciprocidade direta. Aparece no Código do Hamurabi, o código de leis mais antigo que se conhece – data dos anos 2285 a 2242 a.C., data do reinado daquele soberano em Babilônia. O código do Hamurabi estabelece uma distinção muito curiosa entre o nobre e o plebeu. "Se alguém provocou a perda de um olho a um nobre, pagará com seu próprio olho. Se tiver arruinado uma das extremidades de um nobre, pagará com uma de suas próprias extremidades. Se ocasionar a perda de um olho ou de um membro a um

homem pobre, pagará uma mina de prata... Se alguém ocasionar a perda de um dente a um igual, deverá pagar com um de seus dentes, se ocasionar a perda de um dente a um homem pobre, pagará um terço de uma mina de prata." O princípio é claro e aparentemente singelo: Se alguém machucou a outro de algum modo, ele mesmo deverá sofrer idêntica ofensa.

Essa lei se transformou em parte da ética do Antigo Testamento. Encontramo-la explicitamente pelo menos três vezes, ou seja: " Mas, se houver dano grave, então, darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe" (Êxodo 21:23-25); "Se alguém causar defeito em seu próximo, como ele fez, assim lhe será feito: fratura por fratura, olho por olho, dente por dente; como ele tiver desfigurado a algum homem, assim se lhe fará" (Levítico 24:19, 20); "Não o olharás com piedade: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé" (Deuteronômio 19:21). Com frequência se citam estas leis como as mais sangrentas, selvagens e impiedosas disposições do Antigo Testamento; mas antes de começarmos a criticar o Antigo Testamento devemos fazer algumas observações.

(1) A *Lex Talionis*, ou lei da retribuição direta, longe de ser uma disposição selvagem e sanguinária é *o princípio da misericórdia*. Seu propósito original foi em realidade, a limitação da vingança. A "vingança" e a inimizade de sangue era uma das características da sociedade tribal daqueles tempos. Se um membro de uma tribo matava a um membro de outra tribo, a obrigação de todos os varões membros da segunda tribo era vingar-se em toupeiras os membros varões da primeira, e a vingança procurada não era senão a morte. *A lei de talião limita deliberadamente os alcances da vingança*. Estabelece que somente deverá ser castigado o responsável pela ferida e que seu castigo não deve ser maior que a ferida que ele infligiu ao outro ofendido. Vista de uma perspectiva histórica esta lei não é selvagem, mas sim uma lei misericordiosa.

(2) Além disso, esta lei nunca deu ao indivíduo, como pessoa particular, o direito de cobrar as ofensas recebidas; sempre se tratava de uma lei, que era aplicada por um juiz mediante um processo legal de caráter público (veja-se Êxodo 19:18). Esta lei nunca teve como propósito dar ao indivíduo, como pessoa particular, o direito de vingar-se pessoalmente. Sempre se tratou de uma norma destinada a guiar um juiz na avaliação da pena que devia aplicar por qualquer ato violento ou injusto.

(3) Mais ainda, esta lei, ao menos em qualquer sociedade semi-civilizada, nunca foi aplicada de modo literal. Os juristas judeus afirmavam, com boa razão, que sua aplicação literal podia ser o contrário da justiça, já que podia significar privar a alguém de um olho são por um olho doente, ou de um dente intacto por um dente cariado. E ligo se estipularam equivalentes monetários das distintas feridas possíveis. O tratado *Baba Kamma*, por exemplo, um livro de leis judias, estabelece meticulosamente como se deve avaliar uma ofensa. Se alguém feriu a outro, é culpado por cinco motivos – pela ferida em si, pela dor sofrida, pelo custo da cura, pela perda de tempo, pela indignidade sofrida. No que respeita à *ferida* em si, o ferido se considerava como um escravo que se apresentava à venda no mercado. Estabelecia-se o preço que se pagou por ele *antes* e *depois* da ferida. O culpado devia pagar a diferença entre os dois preços hipotéticos já que era responsável pela perda de valor do prejudicado. No que respeita à *dor*, estabelecia-se quanto dinheiro custaria fazer alguém aceitar sofrer a mesma dor e o culpado devia pagar essa soma. No que respeita a *cura* o ofensor devia pagar todos os gastos da necessária atenção médica até a completa cura da ferida. No que respeita à *perda de tempo*, o culpado devia compensar a seu vítima pelos salários que teria cobrado por seu trabalho durante o tempo que não tinha podido trabalhar, assim como uma indenização no caso que a ferida o impedisse de voltar a trabalhar na mesma tarefa que fazia ou tinha antes e precisou aceitar um emprego pior remunerado. Quanto à *indignidade sofrida*, o ofensor devia pagar uma soma em desagravo pela humilhação

que o demandante teria sofrido como consequência da ferida. Na prática, o tipo de retribuição que estabelece a *Lex Talionis* se aproxima muito às disposições legais modernas.

(4) E, o mais importante de tudo, deve lembrar-se que a *Lex Talionis* não é, de maneira alguma, toda a ética do Antigo Testamento. De modo que no Antigo Testamento encontramos resplendores da mais autêntica misericórdia: "Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Levítico 19:18); "Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; se tiver sede, dá-lhe água para beber" (Provérbios 25:21); "Dê a face ao que o fere; farte-se de afronta" (Lamentações 3:30). Também no Antigo Testamento abunda a misericórdia.

Assim, pois, a lei antiga se apóia no princípio da retribuição direta. É verdade que esta lei era uma lei misericordiosa; é verdade que devia ser aplicada pelo juiz e não ficava entregue ao arbítrio do indivíduo como particular; é verdade que nunca foi aplicado de modo literal; é verdade que ao mesmo tempo ia acompanhada por expressões de uma autêntica misericórdia. Mas Jesus eliminou os próprios fundamentos daquela lei, porque a vingança, por mais controlada e restringida que seja, não tem lugar na vida cristã.

O FIM DO RESSENTIMENTO E DA VINGANÇA

Mateus 5:38-42 (continuação)

Assim, pois, para o cristão, Jesus elimina a antiga lei da vingança limitada, e introduz o novo espírito do não-ressentimento nem vingança. Prossegue, então, dando três exemplos de como funciona o espírito cristão. Interpretar estes três exemplos de maneira cruamente literal e incompreensiva é perder totalmente de vista sua significação. Portanto, é muito necessário captar o significado do que Jesus está nos dizendo.

(1) Diz que se alguém nos esbofetear na face direita devemos lhe oferecer, também, a outra face. As aparências desta passagem enganam,

porque se trata de muito mais que simples bofetadas na face. Suponhamos que uma pessoa que habitualmente usa sua mão direita está em frente a outra, e pensemos qual será sua situação se quer dar no outro uma bofetada na face direita. Como o fará? A menos que se submeta às mais complicadas contorções, e portanto faça com que seu golpe perca totalmente a força que pode ter, há uma só maneira de dar o golpe, ou seja *com o dorso da mão*. Ora, segundo a lei rabínica, bater com o dorso da mão era duplamente insultante que fazê-lo com a palma. Há uma certa arrogância insultante que se soma ao fato de dar um reverso ou golpe com o dorso da mão.

Assim, pois, o que Jesus diz é o seguinte: "Mesmo que alguém lhes dirija o insulto mais calculado e traidor, não devem responder com outro insulto do mesmo tipo, nem devem sentir-se ofendidos por sua ação." Não nos ocorrerá com muita freqüência encontrar-nos com alguém que nos dê bofetadas, mas uma e outra vez no curso de nossa vida receberemos insultos de maior ou menor proporção; Jesus nos está dizendo aqui que o cristão precisa ter aprendido a não experimentar ressentimento, seja qual for o insulto que receber, e a não procurar vingar-se de maneira alguma. Eles O acusavam de ser um glutão e um bêbado. Eles O censuravam-no por manter amizade com os publicanos e prostitutas, com o qual queria dizer que seu caráter era como o de quem costumava freqüentar. Os primeiros cristãos foram acusados de canibalismo e de ser incendiários, e de praticar orgias durante a celebração de suas "festas de amor" (ágapes).

Quando Shaftesbury assumiu a causa dos pobres e dos oprimidos, foi advertido que sua atitude lhe significaria "perder a amizade dos membros de sua própria classe social" e que devia, portanto, abandonar a esperança de chegar a ser algum dia membro do gabinete de governo na Inglaterra. Quando Wilberforce começou sua cruzada contra a escravidão, esparramou-se deliberadamente a calúnia de que era um mau marido, que estava casado com uma negra a qual castigava.

Uma e outra vez, em uma igreja alguém é "insultado" ao não convidar-lhe a sentar-se na plataforma, ao omitir-se o de um voto de agradecimento, ao não receber, de uma ou outra maneira, o lugar que lhe corresponde ocupar. O verdadeiro cristão esqueceu o que significa ser insultado; aprendeu que seu Mestre a não aceitar nada como um insulto pessoal, a jamais experimentar ressentimento e nunca vingar-se.

(2) Jesus segue dizendo que se alguém tenta nos tirar a túnica em um litígio ante os tribunais, não somente devemos deixar que se leve o que quer, mas também lhe oferecer a capa. Novamente, há aqui muito mais do que pode perceber-se superficialmente. A túnica, *chiton*, era uma espécie de camisa que se usava debaixo da roupa, e em geral era feita de algodão ou linho. Até o homem mais pobre possuía habitualmente mais de uma muda deste objeto. A capa era a vestimenta exterior, de forma retangular e de consideráveis dimensões, que se usava como toga durante o dia e como telha durante a noite. Os judeus em geral tinham somente uma capa ou manta deste tipo.

A lei judia estabelecia que a túnica de um devedor era confiscável, mas não a capa. "Se do teu próximo tomares em penhor a sua veste, lha restituirás antes do pôr-do-sol; porque é com ela que se cobre, é a veste do seu corpo; em que se deitaria?" (Êxodo 22:26-27). O importante aqui é que a lei não autorizava a reter permanentemente a capa de um devedor, como objeto de sua dívida. Por isso, o que Jesus diz nesta passagem, é que "o cristão nunca exige a satisfação de seus direitos; nunca disputa para que se cumpram a seu favor as disposições legais que o protegem; considera-se como se não tivesse direito algum". Há pessoas que todo o tempo estão reclamando seus direitos, que se aferram a seus privilégios e não permitem que ninguém nem nada os estorvo, capazes de expor qualquer demanda, inclusive ante os tribunais, antes de permitir ser "atropelado" até no mínimo.

As igrejas, por desgraça, estão geralmente cheias de pessoas deste caráter, membros diretores cujo "território" foi invadido por outros irmãos, ministros ordenados ou leigos cujos direitos não foram

considerados, juntas e comissões que fazem a sessão com o regulamento sobre a mesa, para que ninguém ultrapasse em seus respectivos direitos ou deixe de cumprir suas obrigações. Os que agem deste modo nem sequer começaram a compreender o significado da fé cristã. O cristão não pensa em seus direitos, mas em seus deveres; não em seus privilégios, mas em suas responsabilidades. O cristão é alguém que esqueceu por completo seus direitos. Aquele que defende até a morte seus privilégios ou direitos, dentro ou fora da Igreja, está muito longe do caminho de Jesus Cristo.

(3) Em terceiro lugar Jesus fala de que o cristão ao ser obrigado a andar uma milha deve estar disposto a ir duas milhas em vez de uma. Temos aqui uma imagem que para nós é muito pouco familiar, visto que se trata da situação em um país sob ocupação militar. "Obrigado a levar carga", tal como aparece em nosso texto, é uma expressão com longa história. A palavra grega que a representa, *aggaréuein*, provém de outro vocábulo, *aggaréus*, que significa "correio" no idioma dos persas. Os persas tinham um sistema postal extraordinário. Todos os caminhos estavam divididos em postos localizadas a um dia de viagem um do outro. Em cada posto o correio podia achar comida para ele e forragem para seu cavalo, e cavalos de troca quando era necessário. Mas se por qualquer circunstância faltasse algo, qualquer pessoa particular podia "ser obrigada" (com a mesma palavra, *aggaréuein*, de nosso texto) a prover comida, alojamento, cavalos, ajuda, e ainda a levar a mensagem até o próximo posto. Com o correr do tempo a palavra chegou a significar qualquer tipo de serviço obrigatório dos cidadãos de uma nação em favor da potência estrangeira dominante. Em todo país ocupado os cidadãos nativos podiam ser obrigados a prover às tropas de ocupação mantimentos ou alojamentos, ou a levar cargas.

Às vezes as forças de ocupação exerciam este direito de maneira tirânica e arbitrária, não procurando de modo algum congraçar-se com os naturais do país. Sempre pendia sobre os cidadãos de uma nação derrotada a ameaça desta obrigação. Palestina era um país ocupado. Em

qualquer momento o judeu podia sentir sobre seu ombro o toque da lança de um soldado romano, e com isto sabia que sua obrigação era servir ao soldado que assim o tinha convocado em tudo o que ele solicitasse, mesmo que a tarefa fosse humilhante.

Isto, como lembraremos, é o que ocorreu com Simão Cireneu, quando foi obrigado (*aggaréuein*) a carregar a cruz no caminho ao Calvário. Assim, pois, Jesus nos está dizendo: "Suponham que seus opressores vêm a vocês e os obrigam a servir de guia, ou a levar uma carga por eles durante uma milha de caminho. Não cumpram esta obrigação com amargura e visível ressentimento; vão duas milhas, com alegria e boa vontade." Em outras palavras, Jesus afirma: "Não pensem todo o tempo na liberdade de fazer o que querem fazer; pensem sempre em suas obrigações, e no privilégio que têm de poder servir a outros. Quando recebem uma tarefa, embora seja pouco razoável e não de seu agrado, não a assumam como um dever odioso que deve ser rechaçado; façam como se fosse um serviço que deve oferecer-se alegremente."

Sempre há duas maneiras de fazer as coisas. Pode-se cumprir o mínimo irredutível e não ir nem mais um centímetro; pode-se obedecer a obrigação de tal modo que se manifeste o rechaço por quem tem o direito sobre nós; pode-se servir com o mínimo de eficiência possível; ou se pode obedecer com um sorriso nos lábios, com cortesia e amabilidade, com a determinação de cumprir não somente o dever mínimo, mas sim de fazê-lo bem e de bom modo.

Pode-se obedecer à obrigação não somente como se deve mas muito melhor do direito de exigir da outra pessoa. O operário ineficiente, o servente ressentido, o ajudante com má disposição não começou sequer a compreender a idéia do que significa a vida cristã. O cristão não se preocupa em fazer a própria vontade, antes unicamente em ajudar, mesmo que o pedido de ajuda seja descortês, irrazoável ou tirânico.

De maneira, pois, que nesta passagem, sob a forma de cenas exemplares bem vívidas, extraídas da experiência cotidiana de sua época e lugar, Jesus estabelece três regras gerais. O cristão nunca

experimentará rancor, nem praticará a vingança, qualquer que seja a ofensa que tenha recebido, mesmo que esta o tenha afetado de maneira profunda e dolorosa.

O cristão nunca defenderá seus direitos legais ou qualquer das coisas que creia possuir. O cristão nunca pensará que tem o direito de fazer o que deseja muito, mas sim sempre que seu dever é ajudar a outros. A grande pergunta é: Como alcançar um ideal tão elevado?

A DÁDIVA GENEROSA

Mateus 5:38-42 (continuação)

Por último, a exigência de Jesus é que demos a todos os que nos peçam, e que nunca neguemos um pedido de empréstimo. Em sua expressão mais elevada, a lei judia com respeito às dádivas era uma disposição maravilhosa por sua beleza. Apoiava-se em Deuteronômio 15:7-11:

Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas cidades, na tua terra que o SENHOR, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás as mãos a teu irmão pobre; antes, lhe abrirás de todo a mão e lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade. Guarda-te não haja pensamento vil no teu coração, nem digas: Está próximo o sétimo ano, o ano da remissão, de sorte que os teus olhos sejam malignos para com teu irmão pobre, e não lhe dês nada, e ele clame contra ti ao SENHOR, e haja em ti pecado. Livrementemente, lhe darás, e não seja maligno o teu coração, quando lho deres; pois, por isso, te abençoará o SENHOR, teu Deus, em toda a tua obra e em tudo o que emprenderes. Pois nunca deixará de haver pobres na terra; por isso, eu te ordeno: livrementemente, abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na tua terra.

A referência ao *sétimo* ano recorda que todos os sétimos anos se cancelavam as dívidas; os egoístas e avaros se negavam a prestar ajuda quando estava próximo o sétimo ano, não fosse o fato de se cancelarem todas as dívidas, e ficasse sem o que tinha dado.

A lei judia da esmola e os empréstimos se baseava nestes versículos.

Os rabinos tinham estabelecido cinco princípios que deviam reger a ação de dar, em todas as suas formas.

(1) Nunca nos devemos negar a dar. "Tome cuidado de não te negares a oferecer caridade, porque os que se negam à solicitude de uma esmola estão na mesma categoria que os idólatras." Se alguém se negar a dar, bem pode ser que algum dia ele esteja na mesma condição de andar mendigando e possivelmente deva fazê-lo às mesmas pessoas a quem, anteriormente, negou-se a dar.

(2) A dádiva deve beneficiar a pessoa que a recebe. A lei deuteronomica dizia que se deve dar *aquilo que o outro necessita*. Isto significa que não somente se deve dar o mínimo indispensável para manter-se vivo, mas tudo o que possa contribuir para manter o nível de vida e a conforto habitual. Conta-se que o rabino Hillel dispôs, em certa oportunidade, que o filho de uma família rica que empobreceu, recebesse não apenas o alimento e a roupa que necessitava com urgência, mas também um cavalo e um escravo que o acompanhasse; e em uma oportunidade quando o escravo não pôde ir com seu novo amo, ele mesmo se fez de escravo, correndo diante dele. Há algo muito generoso e de grande beleza na idéia de que ao dar não somente se deve eliminar a pobreza mas, além disso, prover o necessário para eliminar também a humilhação que a pobreza acarreta.

(3) O donativo deve entregar-se de maneira particular e secreta. Não deve haver terceiras pessoas presentes. Em realidade, os rabinos chegavam até o ponto de dizer que a forma mais elevada de fazer caridade era aquela na qual o doador não conhecia o receptor, nem o receptor a seu benfeitor. No templo de Jerusalém havia um lugar onde os que queriam fazer entrega de oferendas podiam chegar, e depositá-las de maneira secreta; estes dons eram utilizados pelos sacerdotes do templo para ajudar a filhos de famílias nobres que empobreceram, e dar às filhas de tais famílias os dotes sem os quais lhes era impossível pensar em

casar-se. O judeu teria olhado com aborrecimento a oferta que se entregava procurando prestígio, publicidade ou glorificação do doador.

(4) O modo de dar devia adequar-se ao caráter e temperamento do receptor. A regra estabelecia que se alguém possuía bens, mas era muito avaro para usá-los, devia fazer-se a ele um donativo como tal mas depois reclamar-lhe como empréstimo de seu patrimônio. Mas se alguém era muito orgulhoso para pedir, o rabino Ishmael sugeria que qualquer homem generoso devia aproximar-se dele e dizer: "Meu filho, possivelmente necessite um empréstimo..." Deste modo se salvava a estima própria do necessitado. Mas o "empréstimo" não devia ser reclamado jamais, visto que não era um empréstimo, em realidade, mas um presente. Estava disposto, inclusive, que se alguém não podia responder a um pedido de ajuda, devia negar-se de tal maneira que o solicitante recebesse a impressão que, embora não lhe podia dar o que pedia, pelo menos podia dar-lhe simpatia. Até a negativa, em outras palavras, devia ser tal que não ofendesse. Devia dar-se de tal maneira que a ajuda não fosse só o que se dava mas também a maneira de dar.

(5) Dar era ao mesmo tempo um privilégio e uma obrigação, porque em realidade tudo o que se dá se dá a Deus. Dar a um necessitado não era algo que se pudesse escolher como o curso de ação mais apropriado; era uma *obrigação*, um dever de primeira ordem. E se alguém se negava a dar, estava negando a Deus. "Ao Senhor empresta o que dá ao pobre, e o bem que tiver feito lhe devolverá." "Quem mostra misericórdia para com outros homens, receberá misericórdia do céu; mas quem não é misericordioso com outros homens, não receberá misericórdia do céu." Os rabinos acentuavam o ensino de que uma das poucas coisas que a Lei não limita é a misericórdia.

Podemos dizer, pois, que Jesus insistiu com aos homens a dar indiscriminadamente? Não poderia responder-se a esta pergunta sem antes estabelecer-se certos limites. É evidente que deve levar-se em conta o efeito do dom sobre quem o recebe. Nunca se deve estimular a ociosidade ou o esbanjamento, pois tal generosidade a única coisa que

pode fazer é prejudicar ao que recebe. Mas ao mesmo tempo deve lembrar-se que muitas pessoas, ao afirmar que dão somente através dos canais oficiais, e que se recusam a oferecer uma ajuda pessoal quando lhes é solicitada pessoalmente, a única coisa que estão fazendo é desculpar-se para não dar, e que, em todo caso, pelo menos são culpados de eliminar o elemento pessoal e direto da dádiva. E também deve lembrar-se que é melhor dar a uma vintena de mendigos fraudulentos que negar-se ao pedido de alguém que realmente necessita de nossa ajuda.

O AMOR CRISTÃO – (1) Seu significado

Mateus 5:43-48

C. G. Montefiore, o erudito judeu, qualifica esta passagem de "a porção central e a mais famosa do Sermão da Montanha". E é verdade que em todo o Novo Testamento nenhuma outra passagem contém uma expressão tão concentrada como esta da ética cristã das relações pessoais. Para o leitor corrente, estas palavras bem podem servir como uma descrição da essência do cristianismo em sua prática. Até os que jamais pisaram na entrada de uma igreja sabem que Jesus disse isto, e com muita freqüência, infelizmente, condenam os cristãos praticantes por não cumprirem o ideal moral proposto pelo Mestre.

Ao estudar esta passagem, primeiro devemos averiguar o que é que Jesus verdadeiramente disse, e o que foi o que exigiu de seus seguidores. Se tivermos que procurar pôr em prática este ensino, a primeira coisa, evidentemente, é ter bem claro o que é que exige de nós. O que quer dizer Jesus quando nos ordena amar a *nostros inimigos*?

O grego é um idioma muito rico em palavras com significados muito similares, ou sinônimos; freqüentemente encontramos neste idioma palavras que possuem matizes de significado impossíveis de traduzir. Por exemplo, em grego há quatro palavras diferentes que equivalem a nosso substantivo "amor".

(1) Temos o substantivo *storge*, com o verbo *stergo*. Estas palavras descrevem o amor familiar. Usam-se, por exemplo, para denotar o amor do pai por seu filho, ou do filho para o pai. "O menino", disse Platão, "ama (*sterguein*) a quem o trouxe ao mundo, e é amado por eles". "Doce é um pai para com seu filho", disse Filemom, "se tiver amor (*storge*)". Estas duas palavras descrevem o afeto familiar.

(2) Temos o substantivo *eros*, e o verbo *erán*. Estas palavras denotam o amor de um homem por uma mulher; sempre indicam a existência de alguma medida de paixão. Sempre se trata do amor sexual. Sófocles descrevia o *eros* como "um terrível desejo". Nestas palavras não há nada essencialmente mau; descrevem, simplesmente o amor humano apaixonado. Mas com o correr do tempo se foram tingindo com uma conotação de desejo pecaminoso mais que de amor, e não aparecem, sequer, no Novo Testamento.

(3) Temos o substantivo *filia*, com seu verbo correspondente *fileo*. Esta é a palavra mais cálida e tenra que tem o grego para falar do amor. Descreve o verdadeiro amor, o verdadeiro afeto. *Joi filúntes* (particípio presente) é a expressão que descreve aos verdadeiros amigos de uma pessoa, os mais íntimos. É a palavra que aparece no famoso texto do Menandro: "Morre jovem aquele a quem os deuses amam." O verbo (*fileo*) também pode significar acariciar ou beijar. É a palavra que denota um amor tenro, carinhoso, quente, a forma mais elevada de amor.

(4) E Temos o substantivo *ágape*, com o verbo *agapao*. *Ágape* é a palavra que se usa em nosso texto. O verdadeiro significado de *ágape* é *benevolência invencível, infinita boa vontade*. Se considerarmos uma pessoa com *ágape*, esta classe de "amor", não nos importará o que essa pessoa possa fazer ou nos fazer, não importará a maneira em que nos trate, se nos insulta ou injuria ou ofende: nunca permitiremos que nos invada o coração outro sentimento que a melhor e mais elevada boa vontade, sempre a olharemos com essa benevolência indescritível que busca, em toda situação, o melhor bem para o outro.

A partir destas quatro palavras, podemos extrair algumas conclusões:

(1) Jesus nunca nos pediu que amássemos a nossos inimigos do mesmo modo que amamos a nossos seres amados, a aqueles que estão mais perto de nós ou aos que nos são mais queridos. A palavra que usa é diferente. Amar a nossos inimigos do mesmo modo que amamos a nossos seres amados não somente seria impossível como também incorreto. Trata-se de um tipo diferente de amor.

(2) Em que radica a principal diferença? No caso dos que estão muito perto de nós por razões de parentesco ou de outro tipo e constituem o grupo de nossos seres amados, não poderíamos deixar deamá-los. Falamos de *amor*. Esta é uma experiência que nos sobrevém sem que a busquemos nem que a produzamos. Corresponde ao plano de nossos afetos mais profundos. Mas no caso de nossos inimigos, o amor não é só algo do coração; participa também a vontade. Não é algo que não poderíamos evitar, é algo que devemos nos propor a fazer. De fato, constitui uma vitória e uma conquista frente aos sentimentos que experimentamos instintivamente, quanto ao homem natural. O *ágape* não é um sentimento do coração, que sobrevém espontaneamente, sem que o peçamos nem procuremos; significa uma determinação da mente, graças a qual obtemos essa invencível boa vontade até para com aqueles que nos ferem e insultam.

Disse alguém que se trata do poder de amar aqueles que não gostam de nós e aqueles de quem não gostamos. Na verdade, só podemos ter *ágape* quando Jesus nos capacita a vencer nossa tendência natural para a ira e o ressentimento, e para alcançar essa inquebrantável boa vontade para todos os homens.

(3) É evidente, então, que o *ágape*, o amor cristão, não significa permitir que todo mundo faça e seja o que tenha vontade, sem exercer controle algum sobre eles. Ninguém diria que um pai verdadeiramente ama a seu filho se lhe permite fazer o que quer. Se experimentarmos boa vontade para com uma pessoa, pode ser que tenhamos que castigá-la,

restringi-la ou discipliná-la, que devemos protegê-la contra si mesma. Mas também significará que nunca a castigaremos para satisfazer nosso desejo de vingança, mas sim e sempre, para conseguir que seja uma pessoa melhor. Toda disciplina e todo castigo administrado por um cristão deve procurar, não obter retribuição ou vingança, mas curar. Nunca se tratará de um castigo meramente retributivo, sempre será uma forma de procurar o remédio da situação.

(4) Deve-se levar em conta que Jesus estabeleceu este amor como fundamento das relações pessoais. Há quem utiliza esta passagem como um argumento a favor do pacifismo, ou como um texto sobre o qual falar das relações internacionais. É obvio que inclui esta ordem de coisas, mas em primeiro lugar e sobretudo, tem que ver com nossas relações pessoais, com nossos parentes, nossos vizinhos, e com as pessoas que encontramos em nossa vida cotidiana.

É muito mais fácil andar por aí declarando que não deve haver guerra entre as nações que viver de tal maneira que o ressentimento nunca invada nossas relações pessoais com os que encontramos em nosso relacionamento diário. Em primeiro lugar e sobretudo, este mandamento de Jesus tem que ver com nossas relações pessoais. É um mandamento com respeito ao qual deveríamos dizer, antes de qualquer outra consideração: "refere-se a mim."

(5) Deve notar-se que só os cristãos podem obedecer este mandamento. Somente a graça de Jesus Cristo pode pôr alguém em condições de experimentar uma benevolência invencível para com todos os seus semelhantes, na relação quotidiana com eles. Somente quando Cristo vive em nosso coração desaparece o ressentimento, e floresce o amor. Diz-se que o mundo seria perfeito se todos seus habitantes vivessem segundo os princípios estabelecidos pelo Sermão da Montanha; mas a realidade é que ninguém pode nem sequer começar a viver segundo estes princípios sem a ajuda de Jesus Cristo. Necessitamos a Cristo para ser capazes de viver segundo os mandamentos de Cristo.

(6) Por último – mas possivelmente isto seja o mais importante de tudo –, devemos notar que este mandamento não só implica deixar que outros nos tratem como querem; também inclui o que deve ser nosso comportamento com respeito aos outros. *Nos ordena orar por eles.* Ninguém pode orar a favor de outro ser humano e seguir odiando-o. Quando se apresenta ante Deus junto com o outro a quem se sente tentado a odiar, acontece algo em seu interior. Não podemos seguir odiando a outro ser humano na presença de Deus. A forma mais segura que eliminar o ressentimento é orar por aquele a quem nos sentimos tentados a odiar.

O AMOR CRISTÃO – (2) Sua razão de ser

Mateus 5:43-48 (continuação)

Vimos o que Jesus quis dizer quando nos ordenou ter esse amor cristão. Agora devemos seguir mais adiante, e ver por que nos ordenou isso. Por que Jesus exige que alguém tenha esse amor, essa benevolência indescritível, essa invencível boa vontade? A razão é tão simples como tremenda: Porque tal amor faz com que o homem seja como Deus.

Jesus assinalou a ação de Deus no mundo, e esta é precisamente uma ação de indescritível benevolência. Deus faz que o Sol se levante sobre bons e maus. Envia a chuva sobre justos e injustos. O rabino Josué Ben Neemias costumava a dizer: "Viu alguma vez que chovesse sobre o campo de A., que era justo, e não sobre o campo de B., que era injusto? E viu alguma vez que o Sol brilhasse sobre Israel, que era justo, e não sobre os gentios, que eram maus? Deus faz que o sol brilhe, tanto para Israel como para as nações, porque o Senhor é bondoso para com todos." Até o rabino judeu se sentia comovido e impressionado pela extraordinária benevolência de Deus, tanto para os santos como para os pecadores.

Há uma narração rabínica que recorda a destruição dos egípcios no Mar Vermelho. Segundo esta história, quando os egípcios se afogaram,

os anjos no céu começaram a cantar um hino de louvor, mas Deus os reprovou com tristeza, dizendo: "A obra de minhas mãos pereceu no mar, e vós cantais um hino de louvor...!" O amor de Deus é tal que não pode regozijar-se na destruição de nenhuma das criaturas que sua mão criou. Já o dizia o salmista: "Os olhos de todos esperam em ti, e tu dás sua comida a seu tempo. Abres tua mão, e enches de bênção a todo ser vivente" (Salmo 145:15-16). Em Deus há uma benevolência universal, que se aplica até ao homem que quebrantou sua lei e lhe quebrantou o coração.

Jesus diz que devemos ter este amor para que possamos chegar a ser "filhos de nosso Pai que está no céu". O hebreu não é um idioma rico em adjetivos e por essa razão frequentemente se usa a expressão "filho de..." (com um substantivo abstrato) nos lugares onde nós disporíamos de um adjetivo adequado. Por exemplo, *filho da paz* quer dizer pacífico, e *filho da consolação* quer dizer consolador. Portanto filho de Deus significa alguém que é *semelhante a Deus*, como Deus. A razão por que devemos possuir essa indescritível benevolência e invencível boa vontade é que Deus as tem; e se nós podemos chegar a possuí-las, poderemos nos tornar nada menos que em *filhos de Deus*, ou seja em seres humanos de um caráter similar ao de Deus.

Aqui temos a chave para compreender uma das frases mais difíceis de todo o Novo Testamento, a que encontramos ao final desta passagem. Jesus disse: "Sede, pois, vós perfeitos, como vosso Pai que está nos céus é perfeito." A primeira impressão que recebemos ao escutar estas palavras é que se trata aqui de um mandamento que não pode ter nada a ver conosco. Ninguém entre nós estabeleceria uma relação necessária, por mais tênue que fosse, entre nossa vida e qualquer forma de perfeição. A palavra grega que significa *perfeito* é *teleios*, que se emprega em uma forma muito especial. Não tem nada a ver com o que poderíamos denominar uma perfeição abstrata, filosófica ou metafísica. *Teleios* era a vítima adequada para ser apresentada em sacrifício a Deus. Também o homem quando alcançava a plenitude de sua estatura física, em oposição

ao moço ou o menino que não está ainda desenvolvido. O aluno que obtinha uma compreensão cabal da matéria de estudo também era "perfeito" (neste sentido), em contraposição com o que, sendo principiante, ainda não dominava o tema. Para dizê-lo de outra maneira, a idéia de "perfeição" é, neste caso, totalmente funcional. Algo é perfeito se cumprir o propósito para o qual foi feito. A palavra grega *teleios*, é o adjetivo que corresponde ao substantivo *telos*. *Telos* significa fim, meta, propósito ou objetivo. Uma coisa é *teleios* se ela realizar o propósito para a qual foi criada; um homem é perfeito se cumprir o propósito para o qual Deus o criou e enviou ao mundo.

Tomemos uma analogia bem singela, Suponhamos que em minha casa há um parafuso frouxo, e eu quero ajustá-lo. Vou à loja de ferragens e compro um chave de fenda. Ao examinar esta ferramenta me dou conta de que a manga da chave de fenda se encaixa perfeitamente à forma de minha mão. Não é muito grande nem muito pequena. Nem muito áspero nem muito liso. Imediatamente coloco a ponta do chave de fenda na ranhura do parafuso e me dou conta que se adepta perfeitamente às dimensões desta. Faço girar o chave de fenda, e o parafuso se ajusta. Se falasse grego, e em particular se usasse as palavras com o sentido que têm no Novo Testamento, diria que o chave de fenda é *teleios*, porque cumpre exatamente o propósito para o qual o necessitei e o comprei.

Assim, pois, um ser humano é "perfeito" se cumprir o propósito para o qual Deus o criou. Para que foi criado o homem? A Bíblia não deixa lugar a dúvidas com respeito à resposta adequada a esta perguntar "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gênesis 1:26). O homem foi criado para ser como Deus. A característica de Deus é esta benevolência universal, esta boa vontade invencível, esta busca constante do bem-estar de todos os homens. A grande característica de Deus é seu amor para santos e pecadores por igual. Não importa o que os homens lhe possam fazer, Deus não procura senão o seu mais elevado bem-estar. Quando o homem reproduz em sua vida a incansável, perdoadora e sacrificial benevolência de Deus se faz semelhante

a Deus, e portanto é perfeito, no sentido de que o Novo Testamento dá a esta palavra. Para dizê-lo de maneira ainda mais singela, o homem mais perfeito é aquele que mais se importa com os outros.

O ensino de toda a Bíblia é que somente alcançamos a plenitude de nossa humanidade quando nos assemelhamos a Deus. A única coisa que nos pode assemelhar a Deus é esse amor que jamais deixa de interessar-se pelos outros, façam eles o que fizeram. Alcançamos a plenitude de nossa humanidade, e ingressamos na perfeição cristã, quando aprendemos a perdoar como Deus perdoa e a amar como Deus ama.

Mateus 6

A recompensa como motivação na vida cristã

(1) A recompensa do ponto de vista cristão

(2) As recompensas cristãs

Ações corretas porém motivações erradas - Mat. 6:1

A maneira errada de dar - Mat. 6:2-4

As motivações da ação de dar - Mat. 6:2-4 (cont.)

A maneira errada de orar - Mat. 6:5-8

A maneira errada de orar - Mat. 6:5-8 (cont.)

A maneira errada de orar - Mat. 6:5-8 (cont.)

A oração do discípulo - Mat. 6:9-15

O Pai que está nos céus - Mat. 6:9

O Pai que está nos céus - Mat. 6:9 (cont.)

O Pai que está nos céus - Mat. 6:9 (cont.)

A santificação do Nome - Mat. 6:9 (cont.)

A oração em que pedimos para sermos reverentes - Mat. 6:9 (cont.)

O reino de Deus e sua vontade - Mat. 6:10

O reino de Deus e sua vontade - Mat. 6:10 (cont.)

Nosso pão quotidiano - Mat. 6:11

Nosso pão quotidiano - Mat. 6:11 (cont.)

O perdão humano e o divino - Mat. 6:12, 14-15

O perdão humano e o divino - Mat. 6:12, 14-15 (cont.)

A prova de fogo da tentação - Mat. 6:13

O ataque da tentação - Mat. 6:13 (cont.)

- O ataque da tentação - Mat. 6:13 (cont.)
- A defesa contra a tentação - Mat. 6:13 (cont.)
- A maneira incorreta de jejuar - Mat. 6:16-18
- A maneira incorreta de jejuar - Mat. 6:16-18 (cont.)
- O verdadeiro jejum - Mat. 6:16-18 (cont.)
- O verdadeiro tesouro - Mat. 6:19-21
- Tesouros no céu - Mat. 6:19-21 (cont.)
- A visão distorcida - Mat. 6:22-23
- A necessidade de olhos generosos - Mat. 6:22-23 (cont.)
- Serviço exclusivo - Mat. 6:24
- O lugar das posses materiais - Mat. 6:24 (cont.)
- Duas grandes perguntas sobre as posses - Mat. 6:24 (cont.)
- A preocupação proibida - Mat. 6:25-34
- A ansiedade e como se cura - Mat. 6:25-34 (cont.)
- A insensatez da ansiedade - Mat. 6:25-34 (cont.)

A RECOMPENSA COMO MOTIVAÇÃO NA VIDA CRISTÃ

Quando estudamos os versículos introdutórios de Mateus 6, imediatamente nos deparamos com uma pergunta de suprema importância: Qual é o lugar da recompensa como motivação na vida cristã? Nesta seção, Jesus fala em três oportunidades de recompensa que Deus outorga a quem tem servido da maneira em que Ele queria. (Mateus 6:4, 6, 18). Esta questão é tão importante que será bom nos determos para examiná-la antes de continuar o estudo detalhado do capítulo.

Tem-se dito com muita frequência que a recompensa não tem lugar entre as motivações da vida cristã. Afirmou-se que devemos fazer o bem por amor do bem em si, que a virtude inclui sua própria recompensa, e que até deve eliminar-se da vida cristã a mera idéia de uma recompensa, qualquer que ela seja. Havia um santo, na antiguidade, que segundo se dizia, queria poder apagar todos os fogos do inferno e queimar todas as alegrias do céu, para que os homens procurassem o bem pelo bem em si mesmo, e não como meio de obter o céu ou evitar o inferno, e para que a

idéia de uma recompensa ou um castigo desaparecesse da vida por completo.

Aparentemente esta atitude é muito elevada e nobre, mas não pensava do mesmo modo nosso Senhor Jesus Cristo. Já notamos que nesta passagem Jesus fala três vezes da recompensa, A forma correta de dar esmola, a forma correta de orar e a forma correta de jejuar incluem suas próprias formas de recompensa, E se trata de uma menção isolada do tema da recompensa, no conjunto dos ensinamentos de Jesus. Diz, também, que quem suporte fielmente a perseguição e quem receba insultos sem responder com o rancor, serão grandes no céu (Mateus 5:12). Diz que qualquer que dê a um de seus pequeninos irmãos um copo de água não ficará sem recompensa (Mateus 10:41). Pelo menos, parte do ensino da parábola dos talentos é que o serviço fiel receberá uma recompensa (Mat. 25:14-30).

Na parábola do juízo final o ensino mais direto é que há uma recompensa ou um castigo, conforme tenha sido nossa reação frente às necessidades de nosso próximo (Mateus 25:31-46). É muito evidente que Jesus não vacilou em referir-se à recompensa ou ao castigo que pode merecer nossa forma de vida. E bem poderia nos convir não tratar de ser mais espirituais que Jesus quando pensamos a respeito deste tema da recompensa. Há alguns fatos muito óbvios que se devem levar em conta.

(1) É uma regra óbvia da vida que qualquer ação que não obtém um resultado positivo é totalmente inútil. A bondade que não alcança um certo fim é uma bondade inútil e carente de significado. Como foi dito, de maneira muito acertada: "A menos que algo sirva para alguma coisa, não serve para nada." A menos que a vida cristã tenha um fim e uma meta a ser alcançada, porque corresponde ao prazer que desejamos, em grande medida será uma vida sem significado. Quem acredita no caminho cristão e na promessa cristã não pode acreditar que a bondade não tenha objetivo algum fora de si mesma.

(2) Eliminar toda recompensa ou castigo de nossa forma de compreender a religião equivale, com efeito, a dizer que a injustiça

sempre tem a última palavra. Não pode sustentar-se de maneira razoável que o fim do homem bom seja exatamente o mesmo que o do homem mau. Isto significaria que Deus não se importa que os homens sejam bons ou maus. Significaria, para dizê-lo de maneira mais direta e mesmo dura, que não tem objetivo ser bom e que não há razão para viver de uma maneira e não de outra. Eliminar toda recompensa ou castigo é realmente afirmar que em Deus não há nem justiça nem amor. Prêmios e castigos são necessários se se quer dar algum sentido à vida.

1. A recompensa do ponto de vista cristão

Mas tendo chegado até aqui com o conceito de recompensa na vida cristã, há certos elementos dela que devem ser esclarecidos.

(1) Quando Jesus falou de recompensa, não pensava exclusivamente em termos de um prêmio material. É evidente que no Antigo Testamento a bondade e a prosperidade estão intimamente relacionadas. Se um homem prosperava, se seus campos eram férteis e sua colheita abundante, se tinha muitos filhos e sua fortuna aumentava, supunha-se que tudo isto demonstrava a bondade de seu caráter.

Este é, precisamente, o problema que subjaz na exposição do livro do Jó. Jó está atravessando um momento de má sorte e seus amigos vão dizer-lhe que sua má sorte deve ser o resultado de algum pecado que cometeu. Jó rechaça veementemente tal acusação. "Lembra-te:" – diz-lhe Elifaz, um de seus visitantes – "acaso, já pereceu algum inocente? E onde foram os retos destruídos?" (Jó 4:7). E Bildade acrescenta: "Se fores puro e reto, ele (Deus), sem demora, despertará em teu favor e restaurará a justiça da tua morada" (Jó 8:6). E Zofar, o terceiro, conclui: "Pois dizes: A minha doutrina é pura, e sou limpo aos teus olhos. Oh! Falasse Deus, e abrisse os seus lábios contra ti, e te revelasse os segredos da sabedoria, da verdadeira sabedoria, que é multiforme! Sabe, portanto, que Deus permite seja esquecida parte da tua iniquidade" (Jó 11:4-6). O livro de Jó foi escrito como uma tese oposta ao conceito de que o bem e a prosperidade sempre são paralelos.

"Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão" (Salmo 37:25). E em outro lugar diz o salmista: "Caíam mil ao teu lado, e dez mil, à tua direita; tu não serás atingido. Somente com os teus olhos contemplarás e verás o castigo dos ímpios. Pois disseste: O SENHOR é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada. Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda" (Salmo 91:7-10). Estas são palavras que Jesus nunca teria pronunciado. Nunca prometeu prosperidade material a seus discípulos. De fato, prometeu-lhes julgamentos e tribulações, provas e angústias, sofrimento, perseguição e morte. É evidente que Jesus ao falar de recompensa não pensava em termos materiais.

(2) A segunda coisa que é preciso lembrar, é que a recompensa mais alta nunca é recebido por quem a procura. Se alguém se esforçar por obter o reconhecimento que crê merecer por suas ações, se está avaliando todo o tempo a magnitude de seus trabalhos e contabilizando os méritos que está acumulando, jamais receberá a recompensa que busca e pela que tanto trabalha em excesso. E isto ocorrerá porque considera a Deus e à vida de maneira incorreta. O homem que está sempre calculando o montante de sua recompensa acredita que Deus é um juiz ou um contador, e concebe a vida em termos *legalistas*. Pensa em fazer tanto e ganhar tanto. Suas idéias se movem entre a coluna do débito e a do dever. Imagina que no tempo futuro se apresentará ante Deus com seu balanço e lhe dirá: "Isto é o que eu tenho feito, exijo minha recompensa."

O engano básico desta atitude é conceber a vida em termos legalistas, esquecendo o *amor*. Se amarmos a alguém de maneira profunda e apaixonada, humildemente e sem egoísmos, teremos a certeza de que mesmo que entreguemos a essa pessoa tudo o que é nosso, não teremos feito o suficiente; que se conseguirmos pôr em suas mãos o Sol, a Lua e as estrelas, seguiremos sendo seus devedores. Quem ama sempre está em dívida; a última coisa que pensará é que de algum modo não foi merecedor de alguma recompensa. Mas se concebermos a vida em forma

legalista sempre estaremos pensando em lucros e recompensas. Por outro lado, se nosso enfoque da vida se apóia no amor, a idéia de recompensa jamais penetrará em nossa mente.

O grande paradoxo da vida cristã é que quem procura recompensa, quem está sempre calculando quanto receberá, jamais se torna credor de nada; mas aquele cujo único motivo é o amor, e que jamais pensa que é merecedor de nada, recebe, entretanto, a mais rica retribuição. O mais estranho de tudo é que a recompensa é ao mesmo tempo o subproduto e o fim último da vida cristã.

2. As recompensas cristãs

Passemos a nos perguntar agora: Quais são as recompensas de uma vida cristã?

(1) Devemos iniciar colocando uma verdade básica e geral. Já vimos que Jesus não pensa em recompensas materiais. *As recompensas da vida cristã se constituem recompensas apenas para quem possui uma mentalidade espiritual.* Os materialistas não as considerariam recompensas. As recompensas cristãs são tais somente para os cristãos.

(2) A primeira entre as recompensas cristãs é a *satisfação*. Fazer o que é justo, obedecer a Jesus Cristo, aceitar seu caminho, conduzam ou não a outras formas de recompensa, sempre produzem satisfação. Bem pode ser que se alguém fizer o que deve fazer, obedecendo a Jesus Cristo, perca sua fortuna ou sua posição social, ou ambas; pode ser que termine no cárcere ou no patíbulo, ou que perca popularidade, fique sozinho e se fale mal dele. Entretanto, apesar de tudo, sempre possuirá a satisfação interior de ter seguido a Jesus Cristo, uma satisfação que vale muito mais que o valor de tudo o que perdeu. É algo que não se pode pôr preço; não se pode avaliar monetariamente, porque não há nada no mundo que se compare a tal satisfação. Produz um contentamento que é a verdadeira coroa da vida.

O poeta George Herbert pertencia a um grupo de amigos que costumavam reunir-se para tocar seus instrumentos musicais, formando

uma pequena orquestra. Em certa oportunidade se dirigia para o lugar de reunião do grupo quando cruzou com um carroceiro cujo veículo se afundou no barro. George Herbert deixou de lado o instrumento musical e ficou ajudando o pobre homem a desatolar as rodas. Ficou coberto de barro. Quando chegou à casa de seus amigos era muito tarde para a música. Disse-lhes qual tinha sido a causa de seu atraso, e um deles lhe replicou: "Bem, você perdeu a música." "Sim," respondeu Herbert, "mas ouvirei cantos à meia-noite." Tinha a satisfação de ter feito o que se espera de um cristão.

Godfrey Winn nos conta de um homem que era o cirurgião plástico mais importante da Grã-Bretanha. Durante a Segunda Guerra Mundial abandonou seu trabalho como profissional independente, que lhe rendia uma renda anual de 25.000 dólares, para dedicar todo o seu tempo à cirurgia plástica dos rostos de pilotos de aviões queimados e mutilados em combate. Winn lhe perguntou: "Qual é sua maior ambição, Mac?" O médico lhe respondeu: "Chegar a ser um bom artesão." Os 25.000 dólares anuais não eram nada para ele, comparados com a satisfação de fazer bem um trabalho desinteressado.

Uma mulher deteve o Dr. Dale, de Birmingham, enquanto este caminhava pela rua. "Deus o abençoe, doutor Dale", disse-lhe. Negou-se a lhe dar seu nome, a única coisa que fez foi expressar a ele sua gratidão, abençoando-o, e afastar-se dele. Naquele momento Dale se sentia muito deprimido. "Mas as palavras daquela mulher foram suficientes para que se quebrasse a bruma, e saísse o Sol; pude respirar o ar puro dos picos onde se está frente a frente com Deus." Não era um centavo mais rico em bens materiais, mas na profunda satisfação do ministro de Deus que descobre como sua vida serviu para ajudar a outros tinha uma riqueza inexprimível.

A primeira recompensa cristã é a satisfação que não se pode comprar com todo o dinheiro do mundo.

(3) A segunda recompensa da vida cristã é receber *mais trabalho a fazer*. Um dos paradoxos da vida cristã é que a tarefa cumprida de

maneira satisfatória não significa que alguém pode descansar, sentir-se em paz com o mundo e desfrutar de conforto. O resultado é sempre maiores exigências e ainda mais difíceis responsabilidades. Na parábola dos talentos a recompensa dos servos fiéis é um aumento de suas responsabilidades (Mateus 25:14-30). Quando o Mestre conta entre seus alunos com um jovem brilhante, capaz de chegar a converter-se em uma luminária do trabalho intelectual, não o exime das tarefas que correspondem à classe, mas lhe atribui tarefas muito mais difíceis que a outros.

O jovem músico que demonstra possuir um gênio fora do comum, não recebe peças mais fáceis para interpretar, senão obras cada vez mais difíceis e complicadas. O esportista que demonstrou sua habilidade excepcional jogando brilhantemente na segunda de reserva não é premiado permitindo-se que jogue na terceira, onde tudo seria mais fácil, mas é obrigado a jogar na primeira, embora isso signifique que seu esforço deverá ser ainda maior. Os judeus tinham um dito muito curioso: "O mestre tratará a seu discípulo como a um jovem animal de carga, aumentando dia a dia o peso que deve carregar." A recompensa cristã é inversa à recompensa do mundo, O mundo premiaria nosso esforço com um descanso "bem merecido". O prêmio do cristão é que Deus lhe confie ainda maiores responsabilidades. Quanto mais difícil seja a tarefa que devemos realizar para Deus e nosso próximo, mais elevada será nossa recompensa.

(4) A terceira, e última recompensa cristã é o que muitos homens, ao longo dos séculos, denominaram a *visão de Deus*. Para o homem mundano, que nunca pensa em Deus, ser confrontado com Ele seria motivo de terror e não de alegria. Quem segue seu próprio caminho se afasta, cada vez mais de Deus; o abismo que o separa dele se faz cada dia maior, até que finalmente, Deus é para ele um estranho a quem só quer evitar. Mas o homem que durante toda sua vida procurou caminhar com Deus, e quis obedecer ao Senhor, perseguindo o bem em toda circunstância e situação, está cada vez mais perto de Deus, até que

finalmente passa a sua presença imediata, ante seu trono de graça, e não experimenta temor nem angústia, e sim uma alegria radiante – e esta é a mais alta de todas as recompensas.

AÇÕES CORRETAS PORÉM MOTIVAÇÕES ERRADAS

Mateus 6:1

Para o judeu as três obras principais de uma vida religiosa, as três colunas sobre as que se apoiava a boa vida, eram a esmola, a oração e o jejum. Jesus não teria discutido essa concepção; mas sim Ele se preocupava pelo fato de que tão amiúde na vida se façam coisas em si mesmo boas, mas a partir de motivações más.

Um fato estranho é que estas três boas obras cardeais se prestam tão facilmente a ser expressão de motivações espúrias. A advertência de Jesus é que quando qualquer destas três coisas se fazem com a única intenção de exaltar a quem as faz, perderam o mais importante de seu significado e valor. Alguém pode dar esmola, não porque realmente queira ajudar os necessitados, mas simplesmente para demonstrar sua generosidade, e para desfrutar pela gratidão de um semelhante e no louvor de todos. Também se pode orar sem que a oração esteja dirigida verdadeiramente a Deus, mas a outros homens. A oração pode ser nada mais que um intento de mostrar a própria piedade e apresentá-la como algo fora do comum, de tal modo que ninguém possa deixar de vê-la. E é possível jejuar, mas não procurando a bem da própria alma, nem para humilhar-se ante Deus, mas para a pessoa mostrar ao mundo que é esplendidamente disciplinada. Qualquer um pode praticar as melhores ações apenas para ser elogiado por outros, para incrementar seu prestígio e para demonstrar ao mundo que boa pessoa é.

Tal como Jesus o entendia, não pode duvidar-se que esta forma de agir tem em si certo tipo de recompensa. Três vezes Jesus repete a frase: "Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa" (Mat. 6:2, 5, 16). Seria melhor traduzir: "Já receberam a totalidade de seu

pagamento." No original se utiliza o verbo grego *apechein* que significa, na terminologia técnica dos negócios, receber a totalidade do pagamento. Era a palavra que se escrevia nas faturas uma vez que já se efetuou o pagamento correspondente. Por exemplo, se alguém recebia uma soma e dava um recibo provavelmente dissesse: "Recebi *apecho* de Fulano o aluguel pela prensa de azeitonas que me aluga." O coletor de impostos assinava recibos dizendo: "Recebi *apecho* de Zutano a taxa impositiva que devia." Se alguém vendia um escravo, entregava ao comprador um recibo estabelecendo: "Recebi *apecho* a totalidade do preço convencionado."

Jesus, portanto, quer dizer o seguinte: "Se você der esmolas para demonstrar sua generosidade, você obterá a admiração de seus semelhantes – mas isso é tudo o que você receberá como recompensa. Se você ora para esfregar sua piedade na cara de outros, você obterá a reputação de ser um homem extraordinariamente religioso – mas isso será tudo o que você receberá. Esse será seu pagamento. Se você jejua para que todos saibam que você está jejuando, você receberá a fama de ser todo um asceta – mas isso é tudo o que você conseguirá. Esse será seu pagamento."

Em outras palavras, Jesus está dizendo: "Se seu único fim é obter as recompensas que o mundo pode dar, não há dúvida de que o conseguirá – mas então não deve esperar as recompensas que somente Deus pode dar." E seria singularmente cega a criatura disposta a apegar-se às recompensas temporárias, enquanto deixa escapar as recompensas da eternidade.

A MANEIRA ERRADA DE DAR

Mateus 6:2-4

Para o judeu a esmola era o mais sagrado de todos os deveres religiosos. Até onde era considerada uma obrigação de primeiríssima importância pode deduzir-se do uso que faziam do termo esmola –

tzedakah – para denotar também um conceito tão fundamental como *justiça*. Dar esmola e ser justo eram uma e a mesma coisa. Dar esmola era ganhar méritos ante Deus, e podia inclusive significar a expiação e o perdão pelos pecados cometidos no passado. "Melhor é dar esmola que acumular tesouros, pois a esmola livra da morte e poda de tudo pecado" (Tobias 12:8).

"A piedade com o Pai não será lançado ao esquecimento. E em vez do castigo pelos pecados terá prosperidade. No dia da tribulação, o Senhor se lembrará de ti, e como se derrete o gelo em dia quente, assim se derreterão os teus pecados." (Eclesiástico 3:15c-17. Nácar-Colunga).

Havia um dito rabínico que dizia: "Maior é aquele que dá esmolas que aquele que oferece todos os sacrifícios." A esmola era primeira na lista das boas obras.

Era natural e inevitável, pois, quem queria ser bom devia concentrar-se em dar esmolas. O ensino mais elevado dos rabinos era exatamente igual ao de Jesus. Eles também proibiam a esmola ostentosa. "Quem dá esmola em segredo", diziam, "é maior que Moisés." A esmola capaz de salvar da morte é "aquela em que o beneficiado não sabe de quem provém, nem o ofertante a quem a dá". Havia um rabino que quando desejava dar esmolas atirava dinheiro a suas costas, para não saber quem a recolheria. "É melhor não dar nada", diziam, "que fazê-lo obrigando o necessitado a reconhecer a seu benfeitor, pondo-o deste modo em uma situação vergonhosa." Havia um belo costume, relacionado com o templo, onde uma de suas salas se chamava a Sala dos Silenciosos. Os que desejavam expiar algum pecado entravam nessa sala e deixavam dinheiro; com essas contribuições se ajudava aos jovens de famílias nobres que tinham empobrecido.

Mas, como ocorre com tantas outras coisas, a prática não satisfazia plenamente as exigências do preceito. Com muita frequência o ofertante dava esmola de tal maneira que todos pudessem dar-se conta, e se preocupavam mais da glória que receberiam que da ajuda a oferecer.

J. J. Wetstein narra um costume oriental de longa data: "No Oriente a água é tão escassa que às vezes se precisa comprar. Quando alguém queria fazer uma boa obra e trazer bênção para sua família, ia até o vendedor de água e lhe dizia: "Dá de beber aos sedentos." O vendedor de água enchia uma bota com água e de pé no meio do mercado gritava: "Os sedentos, venham, bebam a oferenda." O ofertante o acompanhava, e de pé junto ao vendedor de água, quando alguém vinha beber lhe dizia: "Agradece-me, eu sou quem te dá de beber."

Esta é precisamente a atitude que Jesus condena. Diz que os hipócritas agem deste modo. Em grego a palavra *hipócrita* significa "ator". As pessoas que procedem deste modo estão representando o papel do homem generoso só para sua glória pessoal.

AS MOTIVAÇÕES DA AÇÃO DE DAR

Mateus 6:2-4 (continuação)

Vejam agora algumas das motivações que nos impulsionam ao ato de dar.

(1) Pode-se dar por um *sentido de obrigação*. Podemos fazer uma oferenda não porque nos sintamos movidos interiormente a isso, mas sim porque cremos estar obrigados a fazê-lo. Até é possível que alguém chegue a considerar – talvez inconscientemente – que os pobres estão no mundo para lhe permitir cumprir esse dever e desse modo adquirir méritos perante Deus.

Catherine Caswell, em sua autobiografia, conta os primeiros anos de sua vida em Glasgow, Escócia. "Os pobres, quase diria, eram como bichinhos domésticos, que sempre estavam conosco. E éramos ensinados a amá-los, honrá-los e ajudá-los em nossa arca particular." A nota dominante, segundo a autora o expressa ao refletir sobre aquela etapa de sua vida, era a superioridade e a condescendência. Considerava-se que dar esmola era um dever, mas a oferenda quase sempre ia acompanhada de uma pequena conferência moralizante, que outorgava ao rico um

farisaico sentido de superioridade moral. Naquela época em Glasgow todos os sábados à noite muitos se embebedavam.

"Todos os domingos pela tarde meu pai percorria as delegacias de polícia da cidade, pagando a fiança dos que tinham sido detidos na noite anterior, para que não perdessem seus empregos no dia seguinte, por não apresentar-se ao trabalho. Todos tinham que assinar uma promessa de não beber e eram solicitados a devolverem a meia coroa da fiança ao cobrar seu salário da semana seguinte."

Sem dúvida a atitude daquele homem era essencialmente correta. Mas era generoso porque desse modo se sentia superior em sua eminente respeitabilidade e sempre junto com sua dádiva entregava seus bons conselhos. Evidentemente se sentia membro de uma categoria moral diferente da daqueles bêbados. Alguém disse uma vez, referindo-se a um homem moralmente superior: "Apesar de tudo o que dá nunca se dá a si mesmo." Quando alguém dá esmola como se estivesse sobre um pedestal, quando dá sempre calculando, quando dá por um sentido de obrigação, possivelmente seja generoso com o que possui, mas nunca se dá ele mesmo e portanto sua oferenda é imperfeita.

(2) Pode-se dar por *razões de prestígio*. A única coisa que se busca neste caso é a glória de ser generoso. Muito possivelmente se ninguém fosse inteirar se, se não se fizesse publicidade de sua dádiva, jamais daria um centavo. E se não é elogiado, agradecido e honrado, fica insatisfeito, tristemente frustrado. Não dá para a glória de Deus, e sim para sua própria glória. Não ajuda para que os pobres vejam aliviada sua miséria, mas para gratificar sua vaidade e seu próprio sentido de poder.

(3) Pode-se dar simplesmente por sentir-se *interiormente obrigado a fazê-lo*. Porque o amor e a bondade que brotam de seu coração, não lhe permitem fazer outra coisa.

Em torno do Dr. Johnson fluuava uma espécie de ampla aura de bondade. Em certa oportunidade havia um homem acochado pela miséria que se chamava Robert Levett. Levett, em seus melhores tempos, tinha

sido jovem em Paris, e depois se tornou médico nos bairros mais pobres de Londres. Seu aspecto e suas maneiras, segundo o próprio Johnson o dizia, eram tais para causar repulsa aos ricos e aterrorizar os pobres. De uma ou outra maneira, Levett passou a integrar o grupo dos servidores de Johnson. Boswell não podia compreender a atitude do Johnson, mas Goldsmith, que o conhecia melhor explicou todo o assunto dizendo: "Levett é pobre e honrado, e isso é suficiente recomendação para Johnson. Está na miséria, e essa é a única condição necessária para ser protegido por Johnson."

A desgraça era a chave com que qualquer um podia entrar no coração de Johnson.

Boswell narra a seguinte história com respeito a Johnson: "Uma vez ao voltar para sua casa tarde da noite, encontrou uma mulher atirada na rua, tão exausta que não podia sequer caminhar: Johnson a levantou, colocou-a sobre as costas, e a levou para sua casa. Ali descobriu que era uma dessas pobres prostitutas, que tinha caído até o mais baixo do vício, a enfermidade e a fome. Em vez de recriminar sua conduta, deu instruções para que a atendesse com todo carinho durante longo tempo, o que exigiu bastante dinheiro, até que recuperou a saúde totalmente, e tentou trazê-la de volta ao caminho da virtude." Tudo o que Johnson recebeu como recompensa terrestre desse gesto generoso foram intrigas maliciosas sobre seu próprio caráter, mas seu coração o obrigava a dar, e nenhuma maledicência poderia detê-lo.

Provavelmente uma das imagens mais bonitas da história literária inglesa é a de Johnson quando ele mesmo era pobre, antes de alcançar a fama, e ao voltar para sua casa de madrugada, caminhando pela rua Strand, de Londres, punha moedas de peniques nas mãos de pobres que dormiam na rua porque não tinham aonde ir. Hawkins diz que alguém lhe perguntou como podia suportar ter sua casa cheia de gente "necessitada e indigna". Johnson lhe respondeu: "Se eu não os ajudasse, nenhum outro o faria, e não devem perder-se por falta de uma oportunidade." Esta é a autêntica forma de dar, a que provém de um

coração inflamado de amor, o dar que é uma sorte de transbordamento do amor de Deus.

Jesus Cristo nos mostrou a pauta desta forma de caridade. Paulo escreveu a seus amigos de Corinto: "Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos" (2 Cor. 8:9). Nossa esmola nunca deve ser a severa e orgulhosa dádiva que obedece a um sentimento de dever, e menos ainda deve perseguir como propósito enaltecer nosso prestígio e glória entre os homens. Deve ser o fluir instintivo do coração amante; devemos dar a outros do mesmo modo que Jesus Cristo Se deu a Si mesmo a nós.

A MANEIRA ERRADA DE ORAR

Mateus 6:5-8

Nenhuma nação teve jamais um ideal mais elevado da oração que a dos judeus; nenhuma religião colocou jamais a oração em uma escala mais alta entre as prioridades da piedade que a religião judia. "Grande é a oração", diziam os rabinos, "maior que toda boa obra". Uma das mais belas expressões que jamais se usaram para referir-se à adoração familiar é o dito rabínico: "Aquele que ora em sua casa, é rodeado por um muro que é mais forte que o ferro." A única coisa da qual se lamentavam os rabinos era de que não se podia estar orando durante todo o dia.

Mas na prática judia da oração tinham penetrado certos defeitos. Deve notar-se que estes não são de maneira alguma peculiares à forma judia de orar; podem dar-se, e de fato se dão, em qualquer religião do mundo. E, além disso, são defeitos que somente são possíveis em uma comunidade que outorga à oração um lugar de privilégio. Não obedecem a negligência, mas sim a uma devoção mal orientada.

(1) A oração tendia a converter-se em uma fórmula. Havia duas coisas que todos os judeus estavam obrigados a fazer todos os dias. A primeira era a repetição do *Shema*, que consiste em três breves passagens

bíblicas – Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21; Números 15:37-41. *Shema* é o imperativo do verbo que em hebreu significa "ouvir", e toma seu nome do versículo que se considerava como a essência e centro de todo o assunto: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR." O *Shema* devia ser recitado por todos os judeus, integralmente, todas as manhãs e todas as tardes. Devia ser dito o mais cedo possível, quando havia luz suficiente para distinguir entre o azul e o branco, ou, como afirmava o rabino Eliézer, entre azul e verde.

Em todo caso, antes da hora terceira, quer dizer às nove da manhã, nenhum judeu podia ter deixado de repetir esta confissão de fé. Pela tarde, devia ser repetido antes das nove da noite. Se a hora limite chegasse, não importava onde o crente estivesse, ou o que estivesse fazendo, quer em seu trabalho, na rua ou em uma reunião com amigos, devia levantar-se e repetir o *Shema*. Havia muitos que amavam verdadeiramente as palavras do *Shema*, e que o repetiam com unção, reverência e carinho; mas, inevitavelmente, havia muitos mais, a maioria, que balbuciavam as palavras entre dentes e seguiam no que estavam fazendo. O *Shema* corria o risco de transformar-se em uma vã repetição de sons, que se recitava à maneira de um encantamento.

Nós, os cristãos, não estamos autorizados a recriminar os judeus neste caso, porque tudo o que dissemos do *Shema* poderia repetir-se com respeito à ação de graças antes das refeições em muitos lares cristãos.

A segunda "oração" que todos os judeus deviam repetir diariamente era o *Shemoneh 'esreh*, expressão que significa "as dezoito". Consistia em dezoito orações breves, e era, e segue sendo ainda, uma parte essencial do culto da sinagoga. Com o tempo, as orações chegaram a ser dezenove, mas continua sendo usado o nome coletivo de "as dezoito". A maioria destas orações são muito breves, e quase todas verdadeiramente bonitas. A duodécima diz:

"Que a Tua misericórdia, Senhor, se manifeste sobre os justos, os humildes, os anciãos de Teu povo Israel, e o resto de seus mestres; sê favorável aos estrangeiros piedosos que estão entre nós, e a todos nós. Dá

uma boa recompensa àqueles que confiam sinceramente em Teu nome, para que possamos ter nosso destino junto com eles no mundo vindouro, para que nossa esperança não venha a faltar. Louvado sejas, ó Senhor, porque Tu és a esperança e a confiança dos fiéis."

A quinta diz:

"Leva-nos de volta à Tua lei, ó nosso Pai; leva-nos de volta, ó Rei, a Teu serviço; leva-nos de volta a Ti mediante o verdadeiro arrependimento. Louvado sejas, ó Senhor, porque aceitas o nosso arrependimento."

Não existe igreja cristã que possua uma liturgia tão bonita como o *Shemoneh 'esreh*. A lei dizia que todo judeu devia recitá-lo três vezes cada dia, uma pela manhã, uma pela tarde e a terceira durante a noite. Neste caso ocorria o mesmo que com o Shema. O judeu devoto repetia as palavras destas orações com profunda unção religiosa; mas havia muitos para quem a recitação destas maravilhosas orações não era mais que o cumprimento monótono de uma fórmula. Até chegou a haver um resumo das orações completas, que se podia dizer quando não se tinha tempo para usar o texto completo, ou se as tinha esquecido por falta de memória. A repetição do *Shemoneh 'esreh* chegou a ser muito pouco mais que uma fórmula mágica. Novamente devemos indicar que os cristãos têm pouco que criticar quando nós fazemos tantas vezes o mesmo com as palavras da oração que Jesus nos ensinou.

A MANEIRA ERRADA DE ORAR

Mateus 6:5-8 (continuação)

(2) A liturgia judia, além disso, oferecia orações especiais para todas as ocasiões. Virtualmente não havia circunstância da vida que não tivesse sua fórmula devocional apropriada. Havia orações para dizer antes e depois das refeições; havia orações relacionadas com a luz, o fogo, os raios, a Lua nova, os cometas, a chuva, a tempestade, o mar, os lagos, os rios, as boas notícias, o estrear móveis novos, e o entrar em uma cidade ou sair dela. Tudo tinha sua oração. É evidente que nisto há

algo imensamente belo. A intenção era levar todas as circunstâncias da vida a Deus.

Mas precisamente pela meticulosidade com que se estabeleciam fórmulas e circunstâncias para cada oração, o sistema se prestava ao formalismo vazio, e a tendência era a repetição mecânica das orações, sem que ninguém lhes atribuísse maior significado. Os grandes rabinos sabiam isto, e procuraram evitar o engano. "Se alguém disser suas orações como se estivesse cumprindo com uma obrigação desagradável", ensinavam, "não está orando." "Não considere a oração como um dever formal, mas sim como um ato de humildade mediante o qual obterá a misericórdia de Deus." O rabino Eliézer estava tão preocupado pelo perigo do formalismo que tinha o costume de escrever todos os dias uma oração nova, para que suas orações fossem sempre distintas.

É evidente que este perigo não se dá exclusivamente no judaísmo. Até os momentos de silêncio espectador, que começam como devoção, podem terminar em uma simples formalidade dentro de um programa ritual rígido e desprovido de conteúdo.

(3) O judeu devoto tinha momentos especiais para orar, com o passar do dia. As horas de oração eram a terceira, a sexta e a nona, quer dizer, às nove, às doze e às três da tarde. Em qualquer lugar que estivesse, o judeu piedoso tinha a obrigação de orar ao cumprir-se, exatamente, essas horas. Evidentemente, podia lembrar-se genuinamente de Deus, ou limitar-se a uma simples formalidade. Os muçulmanos têm o mesmo costume. Conta-se a história de um muçulmano que estava correndo atrás de um homem para matá-lo, com a faca na mão. Nesse momento o *muezin* emitiu seu chamado à oração. O homem desenrolou seu tapete de oração, prostrou-se e repetiu rapidamente suas orações, voltou a enrolar o tapete e seguiu correndo a seu inimigo, com a intenção de matá-lo. É muito bonito recordar a Deus três vezes por dia mas existe o perigo que em cada uma destas ocasiões a maioria se limite a repetir palavras ocas, sem um significado devocional autêntico.

(4) Havia a tendência a relacionar a oração com certos lugares, e especialmente com a sinagoga. É indubitável que há certos lugares onde Deus parece estar mais perto, mas alguns rabinos chegaram ao extremo de afirmar que as orações eram eficazes somente se proferidas no templo ou nas sinagogas. Surgiu assim a prática de ir ao templo às horas de oração. Durante os primeiros dias da Igreja, os próprios apóstolos pensavam em termos similares a estes, porque sabemos que João e Pedro foram ao templo na hora da oração (Atos 3:1). Nisto há um perigo, o de pensar que Deus está confinado a certos lugares santos, e esquecer que toda a Terra é seu templo. Os rabinos mais sábios se davam conta deste perigo. Diziam: "Deus diz a Israel, ora na sinagoga de sua cidade; se não puderes, ora no campo; se não puderes, ora em tua casa: se não puderes, ora em sua cama; se não puderes, comunga contigo mesmo, em seu coração, sobre sua cama, e fica em silêncio."

O problema com qualquer sistema não está no sistema em si, e sim nos homens que o usam. Qualquer sistema de oração pode se converter em um instrumento devocional autêntico ou em uma formalidade que se deve despachar o mais rápido possível, sem pensar muito em seu conteúdo.

(5) Entre os judeus havia uma indubitável tendência a fazer orações muito longas. Por certo, esta não é uma tendência exclusiva do judaísmo. Na adoração que se oferecia a Deus na Escócia durante o século XVIII a duração significava piedade. Não era pouco comum que se lesse a Bíblia, versículo por versículo, durante uma hora inteira, que o sermão durasse outra hora e que as orações fossem intermináveis e improvisadas.

O Dr. W. D. Maxwell escreve que "a eficácia da oração se media por seu ardor e fluidez, não menos que por sua duração". O rabino Levi disse: "Quem ora longa e estendidamente será ouvido." Outro dito rabínico afirma: "Quando o justo faz uma longa oração, é ouvido." Existia – e ainda existe – a idéia subconsciente de que se se golpear durante muito tempo a porta de Deus, Ele terá que responder; que falando muito e até importunando-o se pode obrigar a Deus a atender a

nossa súplica. Os mais sábios entre os rabinos eram perfeitamente conscientes do perigo que isto envolve.

Um deles disse: "Está proibido alongar muito o louvor do Santo. Nos Salmos está escrito: 'Quem saberá contar os poderosos feitos do SENHOR ou anunciar os seus louvores?' (Salmo 106:2). Somente quem for capaz pode estender o suficiente para cantar todo o seu louvor, *mas ninguém pode*". "Que as palavras do homem perante Deus sejam breves, tal como está escrito: 'Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras' (Eclesiastes 5:1-2). A melhor adoração consiste em guardar silêncio." É muito fácil contundir a verbosidade com a devoção, e nesse engano caíam muitos dos judeus.

A MANEIRA ERRADA DE ORAR

Mateus 8:5-8 (continuação)

(6) Havia outras formas de repetição que os judeus, como todos os povos orientais, sentiam-se inclinados a utilizar e às vezes em demasia. Os povos orientais têm o costume de hipnotizar-se a si mesmos mediante a repetição interminável de uma frase ou até de uma palavra. Em 1 Reis 18:26 lemos como os profetas do Baal gritavam: "Baal, responde-nos!", e o fizeram durante toda a metade de um dia. Em Atos 19:34 lemos como a multidão de Éfeso gritou durante quase duas horas: "Grande é Diana dos efésios". Os muçulmanos podem estar muitas horas repetindo a sílaba sagrada HEI, enquanto correm descrevendo círculos, até que finalmente entram em êxtase e caem, inconscientes, totalmente exaustos. Os judeus faziam o mesmo com o *Shema*. Trata-se da substituição da autêntica oração pelo auto-hipnotismo.

A oração judia usava outra forma de repetição: Ao dirigir-se a Deus em oração procurava-se acumular todos os adjetivos e títulos possíveis atribuíveis ao Senhor. Há uma oração famosa que começa dizendo:

"Bendito, louvado, glorificado, exaltado, enaltecido e honrado, engrandecido e louvado seja o nome do Santo." Há outra oração judia que começa atribuindo dezesseis adjetivos a Deus. Era uma espécie de embriaguez de palavras. Quando se começa a pensar mais em como se está orando que no que se está comunicando a Deus, a oração morre nos lábios e se converte em vã retórica.

(7) O último defeito que Jesus achava em alguns dos judeus, era que oravam para serem vistos pelos homens. O sistema de oração judia fazia com que a ostentação fosse muito fácil. Os judeus oravam de pé, com os braços estendidos para cima, as palmas das mãos abertas para o céu e a cabeça agachada. A oração devia fazer-se às nove da manhã, às doze e às três da tarde. Devia orar-se, chegada a hora, em qualquer lugar onde o judeu piedoso se encontrasse, e era muito fácil para aquele que desejava ostentar sua religiosidade estar, a essas horas, em alguma rua central, ou em uma praça cheia de gente.

Era possível que qualquer vaidoso ficasse de pé na escalinata da sinagoga, e estendendo seus braços orasse longamente, para demonstrar sua fidelidade ao preceito divino. Era muito fácil fingir piedade quando outros estavam olhando. O mais sábio de todos os rabinos judeus compreendeu perfeitamente bem este perigo, e condenou sem rodeios a atitude hipócrita dos que oravam para serem vistos pelos homens: "O homem que está cheio de hipocrisia atrai a ira de Deus sobre o mundo, e sua oração jamais será ouvida." "Há quatro classes de homens que não recebem a face da glória de Deus – os zombadores, os hipócritas, os mentirosos e os caluniadores."

Os rabinos diziam que era impossível orar se o coração não estava em atitude de oração. Estabeleciam que para uma autêntica oração era necessária pelo menos uma hora de preparação silenciosa e particular, e uma hora de meditação depois. Mas o sistema judeu de oração se prestava à ostentação e a hipocrisia, quando o coração do homem estava cheio de vaidade.

Jesus estabelece dois grandes regras para a oração:

(1) Insiste em que toda autêntica oração deve ser oferecida a Deus. A falha das orações dos judeus que Jesus criticava era que estavam dirigidas aos homens e não a Deus. Certo pregador popular em Boston, falando de uma oração que alguém ofereceu em sua igreja, descrevia-a como "a oração mais eloqüente que jamais se ofereceu ante o público de Boston". Quem tinha feito essa oração, é obvio, deve ter estado muito mais interessado em impressionar a congregação que em alcançar o trono da graça divina. Seja na oração pública ou na particular, o crente não deveria ter outro desejo, nem outra preocupação, que o querer de todo o coração ser ouvido por Deus.

(2) Insiste na afirmação de que sempre devemos recordar que o Deus a quem oramos é um Deus de amor, que está mais disposto a nos ouvir do que nós a orar. Não é necessário extrair pela força os dons de sua graça. Não nos chegamos até um Deus que precisa ser coagido a nos dar o que lhe pedimos. Vamos a alguém cujo principal desejo é dar. Quando lembramos disso, é suficiente que ao orar nosso coração exale o suspiro do desejo, e que nossos lábios pronunciem as palavras "Seja feita a Tua vontade."

A ORAÇÃO DO DISCÍPULO

Mateus 6:9-15

Antes de começar o exame detalhado do Pai Nosso, será conveniente que recordemos algumas questões gerais.

Devemos assinalar, acima de tudo, que esta é uma oração que Jesus ensinou a seus discípulos. Mateus localiza a totalidade do Sermão da Montanha no contexto social da comunidade dos discípulos (Mateus 5:1), e Lucas diz que Jesus ensinou esta oração em resposta ao pedido de um de seus discípulos (Lucas 11:1). A primeira coisa que devemos recordar sobre o Pai Nosso é que somente um discípulo de Jesus Cristo pode repetir significativamente suas palavras. O Pai Nosso não é uma oração para meninos, como muitos a consideram hoje em dia, porque

para o menino carece de sentido. O Pai Nosso não é a oração devocional da família, como às vezes a entende, a menos que quando dizemos "família" entendamos *a família da Igreja*. O Pai Nosso é específica e definitivamente a oração do discípulo. Para dizê-lo de outra maneira, somente se pode orar o Pai Nosso quando aquele que ora, usando suas palavras, sabe o significado do que está dizendo, e ninguém pode sabê-lo a menos que haja ingressado no discipulado cristão.

Devemos, em segundo lugar, tomar nota da ordem das petições do Pai Nosso. As primeiras três têm que ver com Deus e com a glória de Deus; as últimas petições (três também) têm que ver conosco e nossas necessidades. Quer dizer, Deus recebe, em primeiro lugar, o lugar supremo, e só então nos voltamos para nossas necessidades e desejos. Somente quando se dá a Deus seu lugar próprio todo o resto passa a ocupar o lugar que lhe corresponde. A oração nunca deve ser um intento de mudar a vontade de Deus para adequá-la aos nossos desejos. A oração, quando é autêntica, sempre é um intento de submeter nossa vontade à vontade de Deus.

A segunda parte de nossa oração, que se ocupa com as nossas necessidades e carências, é uma unidade obtida de maneira maravilhosa. Ocupa-se das três necessidades essenciais do ser humano, e das três esferas do tempo nas quais o homem se move. Em primeiro lugar, pede *pão*, ou seja aquilo que se necessita para o *sustento* material da vida, elevando ao trono de Deus, deste modo, as necessidades do *presente*. Em segundo lugar, pede *perdão*, pondo deste modo o *passado* ante os olhos de Deus, e da graça perdoadora do Pai. Em terceiro lugar, pede *ajuda nas tentações*, colocando assim o *futuro* nas mãos de Deus. Nestas três breves petições nos ensina a colocar o presente, o passado e o futuro ao pé do trono da graça divina.

Mas esta oração tão cuidadosamente elaborada não somente coloca a totalidade da vida humana ante a misericórdia divina; também procura trazer a totalidade de Deus a nossas vidas. Quando pedimos pão para o sustento de nossas vidas terrestres, este pensamento imediatamente

dirigirá a *Deus o Pai*, Criador e Sustentador da vida. Quando pedimos perdão, esta petição imediatamente leva nossos pensamentos a *Deus o Filho*, Jesus Cristo, o Salvador e Redentor. Quando pedimos ajuda nas tentações futuras, essa solicitude imediatamente nos leva a pensar em *Deus o Espírito Santo*, o Consolador, Fortalecedor, Iluminador, Guia e Guardião de nosso caminho.

Do modo mais maravilhoso esta breve segunda parte do Pai Nosso toma o presente, o passado e o futuro do homem e os oferece a Deus, o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo, a Deus em sua plenitude. No Pai Nosso Jesus nos ensina a levar a totalidade de nossa vida a Deus em sua totalidade, e a trazer Deus, em sua totalidade, Pai, Filho e Espírito Santo, à totalidade de nossas vidas.

O PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS

Mateus 6:9

Pode-se muito bem dizer que a palavra Pai, referida a Deus, é um resumo compacto do conteúdo da fé cristã. O grande valor desta palavra, Pai, é que organiza a totalidade das relações desta vida.

(1) *Organiza nossas relações com o mundo invisível.* Os missionários dizem que um dos grandes alívios que o cristianismo leva aos pagãos é a certeza de que há somente um Deus. Eles acreditam que existem multidões de deuses, que cada correnteza ou rio, cada árvore ou vale, cada montanha ou bosque, cada força da natureza tem seu próprio deus. O pagão vive em um mundo superpovoado de deuses. Estes, além disso, são ciumentos, egoístas e hostis. Constantemente devem ser aplacados, e o adorador nunca pode estar seguro de ter honrado a todos. A conseqüência é que o pagão vive no terror dos deuses; sua religião não o ajuda, mas sim o acossa.

A lenda mais significativa da mitologia grega é a do Prometeu. Prometeu era um deus. A história se desenvolve quando o homem ainda não possuía o fogo. Em sua misericórdia, Prometeu roubou o fogo do

céu e o deus aos homens. Sem fogo a vida era triste e extremamente incômoda. Zeus, o rei dos deuses, zangou-se muitíssimo ao saber que os homens tinham recebido o dom do fogo. Aprisionou Prometeu, e o encadeou a uma rocha no meio do Mar Adriático, onde o calor e a sede o torturavam durante o dia, e o frio durante a noite.

Mais ainda, Zeus preparou um ave de rapina para que comesse constantemente o fígado do Prometeu, que sempre voltava a crescer, para que o ave de rapina pudesse voltar a torturá-lo, comendo-lhe outra vez. Isso é o que ocorreu com o deus que buscou ajudar aos homens.

A concepção geral dos deuses entre os pagãos, pinta-os como seres ciumentos, vingativos e egoístas; a última coisa que ocorreria a um deus pagão seria ajudar os homens. Essa é a concepção pagã da atitude que se pode esperar do mundo invisível com respeito ao mundo dos homens. O pagão se sente acossado por uma multidão de deuses ciumentos e egoístas.

Por isso, quando descobrimos que o Deus a quem dirigimos nossa oração tem o nome e o coração de um Pai, a coisa muda totalmente. Já não precisamos tremer de medo ante uma horda de deuses iracundos; podemos descansar no amor de um pai.

(2) *Organiza nossas relações com o mundo visível*, este mundo do tempo e o espaço em que vivemos. É muito fácil conceber este mundo como uma realidade hostil. Temos as oportunidades e as mutações da vida, temos as leis de ferro do universo que somente podemos transgredir por nosso próprio risco; temos o sofrimento e a morte; mas podemos estar seguros de que por detrás deste mundo não há uma deidade caprichosa egoísta, zombadora, mas sim um Deus cujo nome é Pai, embora muito dele continua desconhecido, é suportável para nós, porque no fundo de todas as coisas está o amor. Sempre nos ajudará conceber este mundo como um todo organizado, nem tanto para nossa comodidade como para nossa formação.

Tomemos, por exemplo, a dor. A dor poderá parecer algo mau, negativo, mas tem o seu lugar dentro da ordem estabelecida por Deus.

Ocorre, às vezes, que alguém está constituído de maneira tão anormal que é incapaz de experimentar dor. Tal pessoa é um perigo para si mesmo e um problema para todos outros. Se não existisse a dor, nunca saberíamos quando estamos doentes, e provavelmente morreríamos antes que pudessem tomar-se medidas para nos curar. Isto não quer dizer que o mal não possa *transformar-se* em algo negativo, mau; significa que muitas vezes, talvez a maioria das vezes, que a dor é a luz vermelha que Deus acende para nos advertir que um perigo nos ameaça.

Lessing declara que se tivesse a oportunidade de fazer uma única pergunta à Esfinge, seria esta: "Vivemos em um universo amigável?" Se podemos estar seguros de que o nome do Deus que criou o universo é *Pai*, também podemos estar seguros de que, fundamentalmente, o universo é amigável. Chamar *Pai* a Deus é organizar nossas relações com o mundo no que vivemos.

O PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS

Mateus 8:9 (continuação)

(3) Se cremos que Deus é nosso Pai, *organizam-se nossas relações com o próximo*. Se Deus for Pai, é o Pai de todos os homens. O Pai Nosso não nos ensina a dizer meu Pai; obriga-nos a dizer "Nosso pai". É significativo que no Pai Nosso não apareçam as palavras "eu", "meu", ou "meu". Isto nos autoriza a dizer que Jesus veio para eliminar estas palavras da vida, substituindo-as por "nós" e "nosso". Deus não é posse exclusiva de nenhum homem. A expressão "Nosso pai" *elimina* o eu egoísta. A paternidade de Deus é a única base possível da fraternidade de todos os homens.

(4) Se cremos que Deus é nosso Pai, *organizam-se nossas relações conosco mesmos*. Há momentos na vida em que todos nos odiamos e desprezamos a nós mesmos. Sabemos que estamos por debaixo até das coisas mais asquerosas que se arrastam sobre a Terra. O coração conhece

suas próprias amarguras, e ninguém conhece nossa indignidade melhor que nós mesmos.

Mark Rutherford queria acrescentar uma nova bem-aventurança: "Bem-aventurados os que nos curam do desprezo que sentimos por nós mesmos." "Bem-aventurados os que nos devolvem o respeito por nós mesmos e nossa auto-estima." Isto é precisamente o que Deus faz . Nos momentos mais negros, terríveis e áridos de nossa vida, sempre podemos lembrar que, embora ninguém se importa conosco, Deus nos ama; que na infinita misericórdia de Deus somos de linhagem real, filhos do Rei dos Reis.

(5) Se cremos que Deus é nosso Pai, *organizam-se nossas relações com Deus*. Não se trata de eliminar a majestade, o poder ou a glória divinos, mas de fazer com que estes atributos divinos não impeçam que nos aproximemos dEle.

Uma história da antiga Roma conta como um imperador celebrou um triunfo. Desfrutava do privilégio que Roma concedia somente a seus mais ilustres paladinos de partir com suas tropas através das ruas da cidade, levando em seu séquito os troféus de suas vitórias guerreiras e os soberanos inimigos, agora convertidos em escravos deles. De modo que nesta celebração se encontrava o imperador, e as ruas estavam repletas de uma vitoriosa multidão. Os altos e robustos legionários estavam formados em duas filas paralelas ao longo das ruas, para manter o povo em seu lugar.

Em um lugar da rota triunfal, havia um estrado onde a imperatriz e a família imperial se instalaram para presenciar o desfile. Sobre a plataforma, junto à sua mãe, estava o filho mais novo do imperador, que era apenas um menino. Quando o imperador se aproximou desse lugar o menino saltou do estrado, abriu caminho entre a multidão, e procurou atravessar a fila de legionários, passando entre suas pernas, para sair ao encontro do carro de seu pai.

Um dos legionários se agachou e o deteve. levantou-o nos braços, e lhe disse: "Você por acaso não sabe, garoto, quem é que vem nesse

carro? É o imperador, você não pode ir correndo até ele." E o pequeno lhe respondeu rindo: "Será seu imperador, mas é meu pai."

Este é exatamente o sentimento do cristão com respeito a Deus. O poder, a majestade e a glória de Deus são o poder, a majestade e a glória de alguém a quem Jesus nos ensinou a chamar "Nosso pai".

O PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS

Mateus 6:9 (continuação)

Até aqui estivemos pensando nas duas primeiras palavras desta invocação de Deus: "nosso pai". Mas Deus não é somente nosso Pai, mas sim nosso Pai *que está nos céus*. As últimas palavras são de importância primitiva. Encerram duas grandes verdades.

(1) Lembrem-nos da *santidade* de Deus. É muito fácil baratear e sentimentalizar a idéia da paternidade de Deus, convindo-a na desculpa de uma religião fácil e pouco exigente. "É um bom tipo, e tudo sairá bem." Tal como diria Heine com respeito a Deus: "Deus perdoará, é seu trabalho." Se disséssemos "Nosso pai..." e nos detivéssemos aí, possivelmente poderíamos ter uma boa desculpa para pensar dessa maneira. Mas o Deus a quem oramos é nosso Pai *que está nos céus*. É um Deus de amor, certo, mas também é um Deus santo.

Uma das coisas extraordinárias é a pouca freqüência com que Jesus usou o nome *Pai* para referir-se a Deus. O evangelho de Marcos é o mais antigo dos quatro evangelhos, e provavelmente constitui a fonte mais próxima da vida de Jesus de que jamais disporemos, como testemunho de tudo o que Ele fez ou disse. No evangelho de Marcos Jesus chama a Deus de *Pai* apenas seis vezes, e nunca fora do círculo de seus discípulos mais íntimos. Para Jesus a palavra *Pai* era tão sagrada que tão só se atrevia a usá-la, exceto entre quem possuía os elementos de julgamento necessários para captar a plenitude de seu significado. Nunca devemos usar a palavra *Pai* para nos referir a Deus se tivermos que fazê-lo de maneira mutável, fácil e sentimental. Este Deus, a quem nós chamamos

Pai, não é um progenitor abrandado, que fecha tolerantemente os olhos para não ver nossas faltas e enganos. Este Deus, a quem chamamos Pai, é o Deus a quem devemos nos aproximar com reverência e adoração, com temor e admiração. Deus é nosso Pai *que está nos céus*, e nele se combinam o *amor* e a *santidade*.

(2) Estas palavras nos lembram do *poder* de Deus. No amor humano muito freqüentemente experimentamos a tragédia da frustração. Podemos amar a uma pessoa e entretanto ser impotentes para ajudá-lo a alcançar algo, ou impedi-lo de fazer algo. O amor humano pode ser muito intenso – mas muito impotente. Todo pai cujo filho tomou um mau caminho sabe disso como também sabe disso todo namorado cuja amada não retribui seus sentimentos e vice-versa. Mas quando dizemos *Pai nosso que estás nos céus* colocamos duas coisas uma junto à outra. Colocamos lado a lado o *amor* de Deus e o *poder* de Deus. Estamos-nos dizendo que o poder de Deus sempre age motivado por seu amor, e que jamais terá que exercer-se para nada que não seja nosso próprio bem. E nos estamos dizendo que o amor de Deus sempre vai respaldado por seu poder, e que portanto seus propósitos nunca podem ser finalmente frustrados ou derrotados.

Quando oramos dizendo *Pai nosso que estás nos céus* devemos sempre ter presente a santidade de Deus, e sempre lembrar do seu poder que manifesta os impulsos de seu amor, e seu amor, respaldado sempre pelo invencível poder de Deus.

A SANTIFICAÇÃO DO NOME

Mateus 6:9 (continuação)

"Santificado seja o teu nome" – é provável que entre todas as petições do Pai Nosso esta seja a que possui um significado mais difícil de expressar em outras palavras. Se nos fosse perguntado o que significa, concretamente, esta petição, muito poucos achariam fácil dar uma

resposta direta. Em primeiro lugar, então, nos concentremos no significado das palavras:

A palavra que se traduz *santificado* pertence a um verbo grego relacionado com o adjetivo *hagios*, no mesmo idioma, e que significa *tratar a uma pessoa ou coisa como santa*. Mas o significado fundamental de *santo* é *diferente* ou *separado*. Uma coisa santa (*hagios*) é diferente de outras coisas. A pessoa santa (*hagios*) é a que está separada do resto de seus semelhantes. Por isso um templo é *santo*, por ser diferente de outros edifícios. O altar é santo porque existe para um propósito diferente ao de outras coisas comuns. O dia do Senhor é santo porque é diferente de outros dias. Um sacerdote é santo, porque está separado de outros homens. Portanto, esta petição significa: "Que o nome de Deus seja tratado de maneira diferente de todos os outros nomes, que lhe seja dada uma posição absolutamente única entre todos os nomes."

Mas há algo mais a acrescentar. Entre os hebreus o *nome* não é somente um vocábulo que se pode utilizar para denominar a uma pessoa – João ou Tiago, ou qualquer outro que seja. Entre os hebreus o nome significa, além disso, e fundamentalmente, *a natureza, o caráter, a personalidade* do indivíduo, na medida em que estes nos são conhecidos ou revelados. Compreenderemos isto claramente ao ver como os escritores bíblicos usavam a palavra *nome*. O salmista diz: "Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome" (Salmo 9:10).

Isto não significa, evidentemente, que confiarão em Deus quem saiba que seu nome é Jeová. Significa que quem saiba como é Deus, quem conheça sua natureza e caráter, porão sua confiança nEle. O salmista diz: "Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus" (Salmo 20:7). É óbvio que aqui não se diz que nos tempos de dificuldade o salmista recordará que o nome de Deus é Jeová. Significa que em tais momentos alguns porão sua confiança nos recursos e nas ajudas materiais ou humanas, mas o salmista recordará a natureza e o caráter de Deus, e

confiará nEle. Recordará como é Deus, e essa lembrança lhe inspirará confiança.

Reunamos, agora, estas duas coisas, fazendo de ambas uma só. "Santificar" significa *considerar diferente*, outorgar um lugar único, especial. O *nome* é a *natureza*, o *caráter* de uma pessoa, na medida em que chegamos a conhecê-la. Portanto, quando dizemos "Santificado seja o teu nome", queremos significar "faze-nos capazes de dar a Ti o lugar único que Tua natureza e caráter merecem e exigem." A petição que elevamos a Deus é para que Ele nos capacite a lhe dar o lugar único que por sua natureza deve ocupar.

A ORAÇÃO EM QUE PEDIMOS PARA SERMOS REVERENTES

Mateus 6:9 (continuação)

Existe, pois, uma palavra que resuma o significado desta petição de reconhecimento que a natureza de Deus nos impõe? Sem dúvida existe, é a palavra *reverência*. Esta petição consiste em pedir a Deus que nos faça reverentes para que possamos reverenciá-lo tal como Ele merece. Há quatro elementos essenciais de toda verdadeira reverência para com Deus:

(1) Para reverenciar a Deus devemos acreditar que Ele existe. Não podemos reverenciar a alguém que não existe. Devemos começar estando seguros da existência de Deus. É estranho, para a mentalidade moderna, que em nenhum lugar da Bíblia tente demonstrar a existência de Deus. Para a Bíblia Deus é um axioma. Um axioma é uma verdade evidente por si mesmo que não precisa ser demonstrada, mas sim constitui o fundamento de outras demonstrações.

Por exemplo, uma linha reta é a distância mais curta entre dois pontos. As paralelas, por mais que se prolonguem, nunca se encontram. Estes são axiomas geométricos. Os escritores bíblicos teriam dito que era inútil demonstrar a existência de Deus, porque Deus formava parte de sua *experiência* cotidiana. Teriam dito que era tão desnecessário que um

homem demonstrasse a existência de Deus quanto demonstrasse a existência de sua esposa. Encontra-se com ela todos os dias, e se encontra com Deus todos os dias.

Mas suponhamos que precisássemos demonstrar que Deus existe. A única ferramenta de que dispomos para tal tarefa é nossa mente humana. Por onde começaríamos? Poderíamos começar a partir *do mundo em que vivemos*. O antigo raciocínio de Paley ainda não perdeu de todo sua atualidade. Suponhamos que alguém está caminhando por um atalho. De repente tropeça com um relógio que está entre o pó. Nunca antes em sua vida viu um relógio; não sabe o que é. Recolhe-o, percebe que consiste de uma caixa metálica, e que no interior dessa caixa há uma complicada estrutura de rodas, balancins, alavancas, molas e rubis. Vê que esse conjunto de peças se move de maneira extremamente organizada. Olhando a caixa pelo outro lado, percebe que os ponteiros do relógio também se movem, e que o fazem segundo um esquema predeterminado.

O que dirá, então? Dirá: "Todos estes pedacinhos de metal e pedras preciosas se reuniram aqui, dentro desta caixa, por pura casualidade, e por pura casualidade também se converteram chocando-se em rodinhas e alavancas e molas, por acaso se reuniram para formar este mecanismo, e por acaso, do mesmo modo, se puseram a funcionar"? Não. O mais provável é que diga: "Achei um relógio, em algum lugar deve haver um relojoeiro."

A ordem pressupõe uma mente ordenadora. Se olharmos o universo contemplamos uma vasta maquinaria que funciona ordenadamente. O Sol sai e permanece com invariável regularidade. As marés sobem e baixam segundo um programa preestabelecido. As estações se seguem, em uma sucessão ordenada. Olhando ao universo, estamos obrigados a afirmar: "Em algum lugar deve haver um construtor de universos." A realidade do universo conduz a Deus. Tal como o afirmou Sir James Jeans, "Nenhum astrônomo pode ser ateu." A ordem do universo exige o respaldo da inteligência divina.

Também podemos começar a partir de nós mesmos. A única coisa que o homem jamais conseguiu criar é a vida. O homem pode alterar e reordenar e mudar as coisas, mas não pode fabricar um ser vivo. De onde, então, tiramos nossa vida? De nossos pais. Sim, mas de onde a tiraram nossos pais? Dos seus. Mas onde começou tudo? Em algum momento a vida deve ter aparecido sobre a Terra, e ter vindo de fora do mundo, porque o homem não pode criar a vida. E novamente somos levados até Deus.

Quando olhamos a nós mesmos, e quando olhamos o universo, somos levados a Deus. Kant disse há muito tempo: "A lei moral, em nosso interior, e o céu estrelado, fora de nós, conduzem a Deus."

(2) Antes de poder reverenciar a Deus não somente devemos crer Ele que existe, mas devemos saber que tipo de Deus se trata. Ninguém poderia reverenciar os deuses gregos, com seus amores e suas guerras, seus ódios e seus adultérios, seus enganos e picardias. Ninguém pode reverenciar deuses imorais, caprichosos, impuros. Mas em Deus, tal como nós o conhecemos, há três grandes qualidades: Há *santidade*, há *justiça* e há *amor*. Devemos reverenciar a Deus não somente porque Ele existe, mas porque é o tipo de Deus que nós conhecemos.

(3) Contudo, se pode saber que Deus existe, e se pode estar convencido intelectualmente de que Deus é santo, justo e puro amor, e mesmo assim não experimentar reverência. Para que haja reverência deve haver uma *permanente percepção* da realidade de Deus. Reverenciar a Deus significa viver em um mundo que está cheio de Deus, viver de tal maneira que nunca seja possível esquecer-se dEle. Esta consciência permanente da realidade de Deus certamente não está confinada à igreja ou os assim chamados lugares santos. Deve ser uma consciência que aja sempre, e em qualquer lugar.

Deus no beco de um bairro, Deus em um parque, Deus no quiosque de peixe frito. Isto é reverência. O problema de muitos é que experimentam a presença de Deus de maneira espasmódica. Em certos

lugares e momentos é intensa, em outros brilha por sua ausência. A reverência é estar constantemente conscientes da presença de Deus.

(4) Resta um quarto ingrediente da reverência. Devemos crer que Deus existe; devemos saber que tipo de Deus é; devemos ser conscientes todo o tempo de sua presença. Mas é possível ter todas estas coisas e não experimentar reverência. A todas estas coisas devemos acrescentar a submissão e a obediência a Deus. Reverência é conhecimento mais obediência.

Em seu catecismo Lutero pergunta: "Como é santificado entre nós o nome de Deus?" E sua resposta é: "Quando tanto nossa vida como nossa doutrina são verdadeiramente cristãs", quer dizer, quando nossas convicções intelectuais e nossas ações práticas são a expressão de uma submissão total à vontade de Deus.

Saber que Deus existe, saber que tipo de Deus é, ser constantemente conscientes de sua presença e obedecê-Lo em todo o tempo – isto é reverência. Pelo menos é por isso que oramos ao dizermos: "Santificado seja o Teu nome."

Receba Deus a reverência que sua natureza e caráter merecem.

O REINO DE DEUS E SUA VONTADE

Mateus 6:10

A frase *o Reino de Deus* é característica do Novo Testamento. Não há outra expressão que se use com mais frequência na oração, na pregação e na literatura cristãs. Portanto, é de primordial importância que tenhamos bem claro qual é o seu significado.

É bem evidente que o Reino de Deus ocupava uma posição central na mensagem de Jesus. A primeira aparição de Jesus no cenário da história é quando Ele vai a Galiléia pregando as boas novas do Reino de Deus (Marcos 1:14). Jesus mesmo descreveu a pregação do Reino como uma obrigação que lhe tinha sido imposta: "É necessário que também a outras cidades anuncie o evangelho do Reino de Deus, porque para isto

fui enviado" (Lucas 4:43; Marcos 1:38). Segundo a descrição da atividade de Jesus que Lucas nos oferece, Jesus dedicava todo seu tempo percorrendo as cidades e povoados, pregando e pondo de manifesto as boas novas do Reino de Deus (Lucas 8:1). Evidentemente o significado da expressão "o Reino de Deus" ou "dos céus" é algo que devemos procurar compreender.

Quando tentamos fazê-lo, tropeçamos imediatamente com alguns fatos que dificultam a compreensão e despertam nossa curiosidade. Jesus falou do Reino de três maneiras diferentes. Falou do Reino que existia no passado. Disse que Abraão, Isaque, Jacó e os profetas estavam no Reino (Luc. 13:28; Mat. 8:11). É evidente, a partir desta informação, que o Reino existia em uma época muito remota do passado. Também disse que o Reino era uma realidade presente. "o reino de Deus está", disse, "dentro de vós" (ou possivelmente seja "no meio de vós") (Lucas 17:21). O Reino de Deus, portanto, é uma realidade presente, aqui e agora. Mas também disse que o Reino se daria no futuro, porque ensinou a seus discípulos a orar pedindo que viesse o Reino, nesta, sua própria oração. Como é possível que o Reino seja uma realidade passada, presente e futura, ao mesmo tempo? Como pode ser que o Reino seja simultaneamente algo do passado, um fato presente e algo pelo que devemos orar, para que venha, no futuro?

Encontraremos a chave deste problema nesta dupla petição do Pai Nosso. Uma das características mais comuns do estilo poético hebreu é o que tecnicamente se conhece como paralelismo. Os hebreus tendiam a dizer todas as coisas duas vezes. Diziam algo de uma maneira, e imediatamente depois voltavam a dizer o mesmo de outra maneira, que interpretava, ampliava ou simplesmente repetia o que haviam dito primeiro. Quase todos os versículos dos salmos poderiam servir como exemplos desta modalidade. Em geral estão divididos pela metade, e a segunda metade amplia, explica ou repete a idéia da primeira metade. Vejamos alguns exemplos, que esclarecerão isto:

"Deus é nosso refúgio e fortaleza
auxílio presente nas tribulações." (Sal. 46:1).
"O Senhor dos Exércitos está conosco – *O Deus de Jacó é o nosso refúgio.*" (Sal. 46:7).
"O Senhor é o meu pastor – *Nada me faltará*" (Sal. 23:1).
"Em lugares de delicados pastos me fará descansar –
junto a águas de repouso me pastoreará" (Sal. 23:2).

Apliquemos este principio às duas petições do Pai Nosso que estamos examinando. as coloquemos em uma mesma linha, lado a lado:

"Venha o teu Reino – *Seja feita a tua vontade* assim na terra,
como no céu."

Suponhamos que a segunda petição explica, amplia e define a primeira. Temos então a definição perfeita do Reino de Deus: *O Reino de Deus é uma sociedade, na Terra, onde a vontade de Deus se faz de maneira tão perfeita como no céu.* Aqui temos a explicação de como o Reino pode ser uma realidade passada, presente e também futura, ao mesmo tempo. Todo aquele que obedeça de maneira perfeita a vontade de Deus está dentro do Reino. Mas desde que o mundo dista muito de ser um lugar onde a vontade de Deus se faça de maneira perfeita e universal, a consumação do Reino é ainda um fato futuro, algo pelo que devemos orar.

Estar no Reino é obedecer a vontade de Deus. Imediatamente percebemos que o Reino de Deus não tem que ver primordialmente com as nações, os reinos e os países deste mundo. É algo que tem que ver com cada um de nós. O Reino é o mais pessoal que há sobre a Terra. O Reino exige a submissão de minha vontade, de meu coração, de minha vida. Só quando cada um de nós tomou a decisão pessoal de submeter-se à vontade de Deus, vem o Reino.

Os cristãos chineses repetiam freqüentemente uma oração que chegou a ser bem conhecida de muitos: "Senhor, reavive Tua Igreja. começando por mim." E poderíamos parafrasear estas palavras dizendo:

"Senhor, traz o Teu Reino, começando por mim." Orar pelo Reino de Deus é orar pela submissão total de nossa vontade à vontade de Deus.

O REINO DE DEUS E SUA VONTADE

Mateus 6:10 (continuação)

A partir do que já vimos, damo-nos conta de que o mais importante de tudo é obedecer a vontade de Deus. As palavras mais importantes do mundo são "Seja feita a Tua vontade". Mas também é evidente que a atitude e o tom de voz com que se digam estas palavras podem determinar, em grande medida, o significado que tenham para nós.

(1) A pessoa pode dizer: "Seja feita a Tua vontade" em um tom de derrotada resignação. Pode dizê-lo, não porque o deseje dizer, mas sim porque aceitou o fato iniludível de que não é possível dizer outra coisa. Pode dizê-lo por ter aceito que Deus é muito poderoso para se fazer oposição a Ele e que é inútil dar cabaçadas contra as paredes do Universo. Pode dizê-lo pensando nada mais que no inescrutável poder de Deus que tem apanhado o homem. Pode-se aceitar a vontade de Deus porque não resta outro remédio.

(2) A pessoa pode dizer "Seja feita a Tua vontade" em um tom de amargo ressentimento. Swinburne, o poeta inglês, dizia que os homens sentem sobre suas costas o pisar dos pés de ferro de Deus. E falava do supremo mal, Deus; Beethoven morreu na mais absoluta solidão; e se conta que quando encontraram seu corpo seus lábios estavam crispados em um gesto de ira, e seus punhos estavam fechados, como se tivesse querido sacudi-los perante o rosto de Deus e do céu. Pode-se pensar que Deus é o inimigo, mas um inimigo tão poderoso que é inútil resistir. Pode-se aceitar a vontade de Deus, mas com amargo ressentimento e com ira consumidora.

(3) Mas também se pode dizer "**Seja feita** a Tua vontade" em perfeito amor e confiança. Pode-se dizer isso com alegria e disposição favorável, seja qual for a vontade que assim se aceita. Deveria ser fácil

para o cristão dizer desta maneira "Seja feita a Tua vontade", porque o cristão pode estar bem seguro de duas coisas com respeito a Deus.

(a) Pode estar seguro da *sabedoria* de Deus. Às vezes, quando queremos fabricar ou construir algo, ou modificar ou reparar algo, vamos ao artesão e o consultamos. Ele sugere o que terá que fazer, em geral terminamos dizendo: "Está bem. Faça como for melhor. Você é o especialista." Deus é o especialista em tudo o que concerne à vida, e sua guia nunca nos deixará separar-nos do caminho correto.

Quando Richard Cameron, que foi um dos líderes da reforma religiosa em Escócia, foi morto, um tal Murray lhe cortou a cabeça e as mãos e as levou a Edimburgo. "Estando seu pai no cárcere pela mesma causa, e para acrescentar tristeza a suas preocupações, foram-lhe levados os membros amputados de seu filho, e lhe foi perguntado se os conhecia. Tomando a cabeça e as mãos de seu filho, que eram muito brancas (sendo ele mesmo um homem de pele branquíssima) beijou-as e disse: Conheço-as, conheço-as. São de meu filho, de meu filho amado. É o Senhor. Boa é a vontade de Deus, que não pode me fazer mal a mim ou aos meus, mas dispôs que a misericórdia e a graça nos sigam todos os dias de nossa vida'." Quando um homem puder falar deste modo, quando tem plena certeza de que seus dias estão nas mãos da infinita sabedoria divina, é fácil dizer: "Seja feita a Tua vontade".

(b) Pode estar seguro do *amor* de Deus. Não acreditam em um deus zombador ou caprichoso, nem em um cego e férreo determinismo.

Thomas Hardy conclui sua novela Tess com palavras amargas: "O Presidente dos imortais tinha terminado de divertir-se com o Tess." Nós acreditamos em um Deus cujo nome é amor.

Tal como o afirma o apóstolo Paulo: "Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Romanos 8:32). Ninguém pode contemplar a cruz e duvidar do amor de Deus, e quando temos a certeza do amor de Deus, é fácil dizer: "**Seja feita** a Tua vontade."

NOSSO PÃO QUOTIDIANO**Mateus 6:11**

Poderia pensar-se que esta é a petição do Pai Nosso sobre cujo significado não haverá dúvida alguma. Aparentemente é a mais simples e direta de todas. Mas a realidade é que distintos intérpretes ofereceram diversas interpretações destas palavras. Antes de pensar em seu significado mais direto e evidente examinemos algumas das outras explicações propostas.

(1) O pão foi identificado com o pão da Santa Ceia. Desde época muito antiga a oração de Jesus esteve intimamente ligada com a Ceia. Nas primeiros ordens de culto que possuímos se estabelece que o Pai Nosso deve orar-se durante a celebração da Santa Ceia, e alguns interpretaram que esta petição indica o desejo do crente de desfrutar quotidianamente do privilégio que significa participar da comunhão, e de receber o pão espiritual que ali nos é oferecido.

(2) O pão foi identificado com o alimento espiritual da Palavra de Deus. Às vezes alguns cristãos cantam um hino que diz:

Parte o pão de vida,
dêem-me isso Senhor,
tal como partiste o pão junto ao mar,
Por trás da página santa,
busco a ti, Senhor,
meu espírito te deseja,
Ó palavra viva.

De maneira que esta petição foi interpretada como uma petição pelo ensino correto, a verdadeira doutrina, a verdade essencial que estão nas Escrituras, a Palavra de Deus, e que são autenticamente pão para a mente, o coração e a alma do homem.

(3) Interpretou-se que o "pão" representa ao próprio Jesus Cristo. Jesus se denominou a si mesmo *o pão de vida* (João 6:33-35), e a petição

que roga pelo pão seria, então, o pedido de que diariamente possamos nos alimentar de Jesus, que é o pão vivo.

Esta petição, pois, foi interpretada como uma oração para que Jesus Cristo, o pão de vida, alegre e fortaleça nossas almas.

(4) Interpretou-se esta petição em um sentido puramente judeu. O pão seria, neste caso, o pão do reino dos céus. Lucas nos narra como um dos que viram passar a Jesus disse: "Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus" (Lucas 14:15). Os judeus tinham uma idéia muito estranha mas bem vívida. Sustentavam que quando viesse o Messias, e quando a idade dourada descesse sobre a Terra, haveria o que eles denominavam o Banquete Messiânico, no qual se sentariam a comer os escolhidos de Deus. Os corpos destróçados dos monstros Beemote e Leviatã seriam o primeiro prato desse banquete. Seria como uma espécie de comilança de inauguração oferecida por Deus a seu povo. Segundo este conceito, a petição que estamos estudando seria a de um lugar no Banquete Messiânico final que se ofereceria ao povo de Deus.

Embora não estamos obrigados a estar de acordo com nenhuma destas interpretações como expressão do único significado da petição, tampouco é necessário rechaçá-las ou considerá-las equivocadas. Todas possuem alguma medida de verdade, e são de algum modo pertinentes.

A dificuldade na interpretação aumenta quando consultando os especialistas percebemos que o significado da palavra grega *epiousios* (que em uma versões se traduz "cada dia" e em outras "cotidiano") dista muito de possuir um significado unívoco. O fato fora do comum é que, até há pouco tempo, a palavra não aparecia em nenhum dos textos gregos conhecidos.

Orígenes, um teólogo cristão do século III, conhecia este fato, e em sua opinião Mateus teria inventado a palavra. Portanto era impossível saber exatamente o que significava. Mas faz alguns anos descobriu-se um fragmento de papiro, no qual aparecia a palavra. O papiro era uma lista de compras de um dona-de-casa. Junto a um dos termos dessa lista estava a palavra *epiousios*. A nota tinha o objeto de fazê-la lembrar a

necessidade de comprar um alimento em particular para esse mesmo dia. De modo que este é o significado, muito simples, da petição:

"Dê-me as coisas que necessitamos para comer hoje. Ajude-me a conseguir o que necessito quando for hoje ao mercado. Dê-me as coisas que necessitamos para comer quando os meninos voltem da escola e os homens voltem do trabalho. Faça com que nossa mesa não esteja vazia quando nos sentarmos hoje ao redor dela."

É uma oração muito singela, para que Deus nos supra das coisas que necessitamos cada dia de nossa vida.

NOSSO PÃO QUOTIDIANO

Mateus 6:11 (continuação)

Quando advertimos que esta petição é simplesmente um rogo pelas necessidades materiais cotidianas, desprendem-se dela certas verdades de tremenda magnitude.

(1) Diz-nos que Deus tem interesse em nosso corpo. Jesus nos mostrou isso; dedicou muito de seu tempo à cura das enfermidades físicas dos homens de seu tempo, e satisfez a fome física de seus seguidores, em várias oportunidades. Preocupou-se quando uma quantidade considerável de pessoas tinha saído a ouvi-lo pregar em um lugar solitário, e tendo estado todo o dia com Ele não tinham nada para comer e seus lares estavam distantes. Faz-nos bem recordar que Deus está interessado em nosso corpo. Qualquer ensino que despreze, diminua ou denigra o corpo é mau. Podemos nos dar conta da importância que Deus dá ao corpo, além disso, quando pensamos que Jesus Cristo, seu Filho, teve um corpo como o nosso. O cristianismo tem como meta não *somente* a salvação da alma, mas também a salvação do homem inteiro: corpo, mente e espírito.

(2) Esta petição nos ensina a orar por nosso pão *do dia presente*. Ensina-nos a viver dia a dia, e não estar ansiosos pelo futuro distante e desconhecido. Quando Jesus ensinou a seus discípulos a orar nos termos

desta petição, não cabe dúvida de que sua mente evocava a situação dos judeus no deserto, durante o êxodo, quando diariamente recebiam o maná (Êxodo 16:1-21).

Os filhos de Israel morriam de fome no deserto e Deus lhes enviou o maná, o pão do céu; mas ao mesmo tempo lhes impôs uma condição – somente recolheriam o que necessitavam para satisfazer suas necessidades mais imediatas. Se procuravam juntar mais do que o necessário, e guardá-lo, decompunha-se e deviam jogar fora. Deviam satisfazer-se com o que necessitavam dia a dia. Como disse um rabino: "Cada dia a porção do dia, porque o Criador do dia também tinha criado o sustento de cada dia." E outro rabino declara: "Quem tem para comer hoje e se pergunta 'o que comerei amanhã?', é um homem de pouca fé."

Esta petição nos ensina a viver dia a dia. Proíbe a preocupação ansiosa que é tão característica da vida que não aprendeu a confiar em Deus.

(3) Por implicação, esta cláusula do Pai Nosso dá a Deus o lugar que lhe corresponde. Admite que de Deus é de quem recebemos o alimento necessário para manter a vida. Ninguém jamais conseguiu criar uma semente e fazê-la crescer. O cientista pode analisar a semente em suas partes constituintes, mas nenhuma semente sintética conseguirá germinar jamais. Todas as coisas vivas provêm de Deus. O alimento que consumimos é um dom direto de Deus.

(4) Esta petição nos recorda, de maneira extremamente sábia, como opera a oração. Se alguém proferisse esta oração, e depois ficasse sentado esperando que o pão lhe caísse do céu, certamente morreria de fome. A oração e o trabalho devem ir de mãos dadas, que quando oramos devemos nos pôr a trabalhar para que nossas orações se tornem realidade. É certo que a semente viva é um dom de Deus, mas também o é que o homem deve semeá-la e cultivá-la.

Dick Sheppard contava freqüentemente certa história, muito cara a seu coração. Havia um homem que tinha um campo. Com enorme trabalho, havia limpado as pedras de uma parcela desse campo, e a tinha

limpo de sujeiras, até que, semeando e cuidando a terra, conseguiu ter um belo jardim e um pomar. Um amigo dele, pessoa piedosa em extremo, disse-lhe um dia: "É maravilhoso o que Deus pode fazer em uma parcela de terra como esta, não é certo?" "Sim", disse o homem que tinha trabalhado tanto, "mas teria que ter visto esta parcela quando Deus fazia o trabalho sozinho."

A generosidade de Deus e o trabalho humano devem combinar-se. Quando dizemos as palavras desta petição estamos reconhecendo duas verdades fundamentais: que sem Deus não podemos fazer nada, e que sem nosso esforço e cooperação Deus não pode fazer nada por nós.

(5) Deve notar-se que Jesus não nos ensina a dizer "o pão *meu* de cada dia *me* dá hoje". Nossa oração deve ser: "o pão *nosso* de cada dia *nos* dá hoje." O problema do mundo não é que não haja suficiente para que alcance para todos; há bastante e de sobra.

Nos Estados Unidos os celeiros transbordam de cereais. No Brasil se queimava café nas locomotivas, quando não se sabia o que fazer com os excedentes. O problema não é a *produção* do essencial para a vida, a mas a sua *distribuição*.

Esta oração nos ensina a não ser egoístas em nossas orações. É uma oração que nós podemos cumprir em parte, colaborando com Deus, compartilhando o que nos sobra com aqueles que não têm. Esta oração não somente roga por que nós *recebamos* o que nos é necessário diariamente; também roga que sejamos capazes de compartilhar com outros o que recebemos.

O PERDÃO HUMANO E O DIVINO

Mateus 6:12, 14-15

Antes de poder repetir esta petição, que forma parte do Pai Nosso, devemos nos dar conta da necessidade que temos de repeti-la. Quer dizer, antes de repetir estas palavras, devemos ser conscientes de nosso pecado. A palavra "pecado" não é muito popular em nossos dias. A

maioria não quer ser tratada como pecadores merecedores do inferno. O problema é que a maioria tem um conceito equivocado do que significa ser pecador. Estariam perfeitamente de acordo em que o ladrão, o bêbado, o assassino, o adúltero, o blasfemo são pecadores; mas eles não são culpados de nenhum destes pecados; vivem decentemente, têm vidas respeitáveis, nunca foram levados ante os tribunais, nem foram encarcerados, nem apareceram na página de notícias policiais. Portanto, sentem que o pecado não tem muito a ver com eles.

No Novo Testamento há cinco palavras distintas que significam pecado.

(1) A palavra mais comum é *hamartia*. Este termo significava originalmente errar o alvo. Não acertar o alvo era *hamartia*. Portanto, *pecado é não ser, o que deveríamos e tivéssemos podido ser*.

Charles Lamb tem um retrato de um homem que se chamava Samuel Grice. Grice era um jovem extraordinário, que nunca pôde realizar em sua vida o que seus dons extraordinários prometiam. Lamb diz que em sua carreira houve três etapas: Uma época em que se dizia: "Farei algo." Depois veio a época em que se dizia: "Farei algo, se eu quiser." E por fim se dizia: "Poderia ter feito algo, se tivesse querido."

Edwin Muir, em sua autobiografia, diz: "Depois de certa idade todos nós, tanto os bons como os maus, somos assaltados pelo sentimento de ter tido poderes que nunca pusemos em prática: quer dizer, sentimos que não chegamos a ser o que poderíamos ter sido." Isso, exatamente, é *hamartia*, pecado; e esta é uma situação na qual todos nós participamos. Somos um marido, uma esposa, tão bom como poderíamos ser? Somos tão boa filha ou filho, como poderíamos ser? Somos tão bons operários ou patrões, como poderíamos ser? Existe alguém que se atreva a pretender que é tudo o que pôde ser, ou que tem feito tudo o que estava ao alcance de suas possibilidades?

Quando nos damos conta de que "pecado" significa não ter atingido o alvo, não ter chegado a ser tudo o que poderíamos ter sido, fica evidente que todos somos pecadores.

(2) A segunda palavra que significa "pecado" é *parabasis*, que literalmente quer dizer "cruzar ao outro lado." *Pecar é cruzar a linha que separa o bem do mal*. Ficamos sempre do lado de cá da linha que separa a honestidade da desonestidade? É possível que não haja alguma vez em nós nem sequer o menor gesto, a menor atitude desonesta? Estamos sempre no lado correto da linha que separa a verdade da mentira? Alguma vez não temos, com palavra ou com nosso silêncio, distorcido embora seja um pouco, ou evitado em alguma medida a verdade? Estamos sempre bem localizados com respeito à linha divisória entre a amabilidade e a cortesia, por um lado, e o egoísmo e a brutalidade, pelo outro? Alguma vez pronunciamos alguma palavra descortês ou agido de maneira pouco bondosa?

Quando pensamos deste modo, não pode haver ninguém que pretenda ter-se mantido sempre no lado correto da linha divisória.

(3) A terceira palavra que significa "pecado" é *paraptoma*, que significa escorregão. Trata-se do tipo de escorregão que podemos sofrer em um caminho molhado, ou sobre o gelo. Diferente do termo anterior é neste caso que o movimento não é tão deliberado. Às vezes dizemos que "nos escapou" uma palavra, um gesto, uma ação ou reação. Muitas vezes nos sentimos arrastados por um impulso, ou uma paixão que se apossou momentaneamente de nós e nos fez perder nosso domínio próprio. Até os melhores dentre nós podem "escorregar" para o pecado quando não estamos em guarda.

(4) A quarta palavra que significa "pecado" é *anomia*, ou seja *agir fora da lei*. Trata-se do pecado de quem conhece o bem e entretanto faz o mal; o pecado de quem conhece a lei, mas deliberadamente a ignora em sua ação.

O primeiro de todos os instintos humanos é o de fazer o que queremos muito. Portanto, sempre há momentos na vida de qualquer homem em que decide desafiar a lei e agir por conta própria e responsabilidade. Decidimos conscientemente tomar o que nos está

proibido ou fazer aquilo que a lei condena. No Mandalay Kipling põe na boca de um velho soldado as seguintes palavras:

Embarquem-me para o leste do Suez, onde o melhor
é igual ao pior,
Onde não existem os Dez Mandamentos,
e se pode aplacar a sede.

Embora haja pessoas que possam dizer que nunca transgrediram os Dez Mandamentos, não existe quem possa sustentar que jamais desejou fazê-lo.

(5) A quinta palavra que significa "pecado" no Novo Testamento é *ofeilema*, a palavra que aparece no Pai Nosso e que significa literalmente "dívida". Significa não pagar o que se deve, deixar de cumprir um dever. Não há quem possa dizer que em sua vida cumpriu de maneira perfeita todos os deveres para com o seu próximo e para com Deus. Tal perfeição não existe entre os seres humanos.

Em conclusão, quando examinamos de perto o significado da palavra "pecado", damos-nos conta de que é uma enfermidade universal, da qual participam todos os homens. É muito possível que na mesma pessoa se dêem a respeitabilidade exterior, aos olhos dos homens, e a pecaminosidade interior, perante Deus. Todos os seres humanos, sem exceção, precisam repetir esta petição do Pai Nosso.

O PERDÃO HUMANO E O DIVINO

Mateus 6:12, 14-15 (continuação)

Não somente precisamos dar-nos conta de que precisamos repetir esta petição do Pai Nosso, mas também devemos estar conscientes do que estamos dizendo ao fazê-lo. Entre todas as petições do Pai Nosso esta é a mais temível. "Perdoa as nossas dívidas, como também perdoamos aos nossos devedores."

Mateus seguirá com este tema nos dois versículos seguintes, explicando da maneira mais clara possível que, segundo Jesus, se nós

perdoarmos a outros Deus nos perdoará, mas se não perdoarmos, Deus não nos perdoará. É bem evidente, então, que se repetirmos esta petição quando há algo que nos separa de nosso próximo, quando ficam disputas sem resolver em nossas vidas, o que estamos dizendo a Deus é: "Não nos perdoes". Se dissermos: "Nunca perdorei a Fulano de Tal pelo que me tem feito", se dissermos "Nunca esquecerei o que Beltrano me tem feito", e contudo fazemos uso desta petição ao repetir o Pai Nosso, estamos deliberadamente pedindo a Deus que não nos perdoe.

Alguém disse: "O perdão, como a paz, é uno e indivisível." O perdão humano, e o divino estão inextricavelmente relacionados entre si. Não é possível separar nosso perdão ao próximo e o perdão que esperamos receber de Deus; ambos estão ligados e são interdependentes. Se tivéssemos presente o significado desta petição, muitas vezes, ao repetir o Pai Nosso, nossos lábios silenciariam ao chegar a "perdoanos..."

Quando Robert Louis Stevenson vivia nas ilhas do Pacífico Sul costumava celebrar um breve culto matutino, diariamente, para os membros de sua família e seus servos. Uma manhã, no meio do Pai Nosso, levantou-se e abandonou a habitação. Sua saúde sempre tinha sido precária, e sua esposa o seguiu, pensando que se havia sentido repentinamente doente. "Sente alguma coisa?", perguntou-lhe ao encontrá-lo. "Nada, somente que hoje não posso repetir o Pai Nosso."

Ninguém está em condições de repetir o Pai Nosso quando não se sente disposto a perdoar. Se não se viver em boas relações com o próximo não se pode viver em boas relações com Deus.

Três coisas são necessárias para possuir o espírito cristão do perdão.

(1) Devemos aprender a *compreender* os outros. Sempre há alguma razão que leva as pessoas a agir da maneira como o fazem. Se alguém se comportar de maneira rústica, ou pouco amável, ou irascível, possivelmente esteja atravessando por algum sofrimento ou preocupação. Se alguém nos tratar com suspeita e desagrado, possivelmente não tenha compreendido bem nossas intenções, ou tenha

sido mal informado em relação a nosso caráter. Possivelmente seja uma vítima de seu meio ambiente, ou tenha sido deformado por sua situação familiar. Possivelmente seu temperamento seja tal que as relações humanas lhe sejam difíceis, e a vida uma carga dura de levar. Seria-nos muito mais fácil perdoar se buscássemos compreender em vez de condenar.

(2) Devemos aprender a *esquecer*. Na medida em que recordemos, e voltemos a trazer à nossa mente alguma ofensa ou ferida que nos tenha infligido, não seremos capazes de perdoar. Muito freqüentemente dizemos: "Não posso esquecer o que Fulano me tem feito." "Nunca esquecerei como me tratou Zutano naquela ocasião." É muito perigoso dizer coisas como estas, porque no final pode ser-nos humanamente impossível perdoar.

Em certa oportunidade o famoso literato escocês Andrew Lang, escreveu e publicou um comentário muito benévolo de um livro que tinha aparecido, obra de um escritor jovem. O jovem lhe replicou com um ataque amargo, insolente e completamente infundado. Uns três anos depois Lang estava passando uns dias na casa do Robert Bridges, o grande poeta. Este o viu lendo um livro e ao notar quem era o autor observou: "Vá, é outro livro daquele ingrato que se comportou de maneira tão vergonhosa contigo!" Para sua grande surpresa, descobriu que Lang não recordava sequer o incidente. Não guardava memória alguma dos ataques insultantes e ácidos do jovem. Perdoar, observou Bridges, é característico de qualquer grande homem, mas esquecer totalmente é sublime. Somente o espírito purificador de Cristo pode limpar de nossas memórias toda a amargura e o ressentimento que devemos esquecer.

(3) Em terceiro lugar, devemos *amar*. Já vimos que o amor cristão, o ágape, é essa indescritível benevolência, essa invencível boa vontade, que nunca procura senão o maior bem para o próximo, sem ter em conta o que este nos tenha feito ou pense de nós. Esse amor somente é nosso quando Cristo, que é esse amor, deve habitar em nossos corações e não

pode vir a menos que nós o convidemos. Para ser perdoados devemos perdoar, e esta é uma condição do perdão que somente Cristo pode nos ajudar a cumprir.

A PROVA DE FOGO DA TENTAÇÃO

Mateus 6:13

Antes de começar o estudo detalhado desta petição devemos examinar dois problemas com relação ao significado das palavras:

(1) Para os ouvidos modernos a palavra *tentação* soa muito mal. Sempre significa "*tentar seduzir ao mal*". E isto não poderia interpretar-se senão de maneira negativa. Mas nos tempos bíblicos a idéia era antes *pôr à prova que tentar*. No Novo Testamento, *tentar* significa antes *pôr à prova para demonstrar a medida de fortaleza espiritual que alguém possui, que seduzir ou induzir ao pecado*.

No Antigo Testamento encontramos a história de como Deus pôs à prova a lealdade do Abraão, pedindo que sacrificasse a seu próprio filho, Isaque. A história começa dizendo: "Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova..." (Gênesis 22:1). É evidente que neste caso a palavra "provar" não significa tentar, no sentido de induzir ao mal, porque isto é algo que Deus nunca faria. Significa, antes, submeter à prova a lealdade e a obediência de Abraão.

A história das tentações de Jesus começa dizendo: "Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo" (Mateus 4:1). Se aí interpretarmos a palavra *tentar* como um intento de sedução, o Espírito Santo seria cúmplice do demônio no intento de induzir Jesus a pecar. Em todas as ocasiões em que aparece na Bíblia a palavra *tentar* ou *provar*, a idéia é a de submeter à prova, embora às vezes também envolve, em segundo lugar, o perigo de fazer cair no pecado.

Aqui achamos, pois, uma verdade grande e preciosa com respeito à tentação. A tentação não tem como objeto nos fazer cair no pecado, mas sim nos fortalecer para que possamos ser melhores homens e mulheres.

A tentação não tem como objetivo transformar-nos em pecadores. Possivelmente sucumbamos à prova, mas isso não era o que se buscava. Buscava-se que saíssemos dela garbosamente, mais fortes e melhores. Neste sentido a prova, ou tentação, não é um castigo de nossa condição humana, mas a *glória* de ser humano. Se um projeto de engenharia de alto nível requer o uso de um determinado metal, este será provado, quanto à sua capacidade de resistência às tensões e o desgaste, aumentando, inclusive, o rigor das condições sob as quais deverá trabalhar. Do mesmo modo, o homem deve ser posto à prova antes de Deus poder usá-lo em seu maravilhoso serviço.

(2) Tudo isto é verdade; mas também é certo que na Bíblia nunca se duvida de que neste mundo opera um poder do mal. A Bíblia não é um livro especulativo, e não se ocupa de desentranhar a origem desse poder do mal. Mas sabe que existe, e que age. É evidente que esta petição não deveria traduzir-se: "Livra-nos do mal", mas sim como na versão Hispano-americana, "Livra-nos do Maligno". A Bíblia não concebe o mal como um princípio abstrato, como uma força imaterial, mas sim como um poder ativo e pessoal, que se opõe a Deus.

É muito interessante repassar o desenvolvimento da idéia de Satanás na Bíblia. Em hebreu a palavra *Satanás* significa simplesmente *adversário*. Pode ser aplicada aos seres humanos. O adversário de alguém é seu *satanás*. Os filisteus, por exemplo, têm medo de que Davi se converta em seu *satanás* (1 Samuel 29:4). Salomão declara que Deus lhe deu tanta prosperidade e paz que não resta *satanás algum* (1 Reis 5:4). Davi considera que os filhos de Zeruia são seus "satanases" (2 Samuel 19:22). Em todos estes casos nossas Bíblias traduzem Satanás por *adversário ou inimigo*. Posteriormente, a palavra "Satanás" passou a significar "aquele que acusa a alguém ante os tribunais". Só então a palavra, por dizê-lo de uma maneira gráfica, levanta vôo, e passa ao céu. Os judeus acreditavam que no céu havia um anjo cuja tarefa era acusar aos homens ante Deus, agindo como promotor do tribunal eterno; e esse anjo era Satanás, porque cumpria a função de um "satanás" (acusador).

Aqui Satanás não é ainda um poder maléfico, mas sim parte da organização jurídica do céu

Em Jó 1:6 Satanás é um dos filhos de Deus: "Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles". Nesta etapa Satanás é o promotor celestial, que se ocupa em acusar ao homem.

Mas não há uma distância muito grande entre apresentar uma acusação contra o homem e *fabricá-la*. E este é o próximo passo. O outro nome de Satanás é Diabo; e a palavra Diabo provém do grego *diábolos*, termo que designa *caluniador*. Satanás, transforma-se então no Diabo, o caluniador por excelência, o adversário principal do homem, aquele que se propôs a frustrar os propósitos divinos e arruinar a humanidade. Satanás significará, a partir deste momento, tudo o que é anti-humano e anti-divino.

Jesus nos ensina que peçamos a Deus ser sacados deste poder destruidor. Não se discute qual seria a origem deste poder. Na Bíblia não há especulação. Tal como alguém disse: "Se uma pessoa acordada à meia-noite e sua casa está incendiando, não se senta em uma cadeira a escrever ou ler um livro sobre a origem dos incêndios em casas particulares, mas faz todo o possível para apagar o incêndio e salvar sua casa."

A Bíblia não perde tempo em especulações sobre a origem do mal, antes equipa o homem para poder combatê-lo, visto que, indubitavelmente, o mal existe.

O ATAQUE DA TENTAÇÃO

Mateus 6:13 (continuação)

A vida sempre está sob o ataque da tentação. Mas nenhum inimigo pode lançar uma invasão até encontrar uma brecha em nossas defesas. Onde a tentação encontrará essa brecha? De onde vêm nossas tentações? Estar prevenido é possuir antecipadamente as armas que nos ajudarão a

resistir o ataque, e se soubermos por onde virá o ataque, nossa probabilidade de vencer será maior.

(1) Às vezes o ataque da tentação vem de fora de nós. Há pessoas cuja influência sobre nós é má. Por outro lado, há outras pessoas junto às quais seria improvável que ninguém sequer sugerisse uma ação desonrosa. Ainda outros convidam a tais sugestões e é muito fácil, com eles, fazer o mal.

Quando Robert Burns era jovem, foi a Irvine para aprender a elaborar o linho. Ali teve a má sorte de encontrar-se com um tal Robert Brown, homem que tinha viajado muito e deslocado mundo, e cuja personalidade era fascinante e dominadora. Burns nos conta como o admirava e procurava imitá-lo. E segue dizendo: "Era o único homem que conheci mais parvo que eu quando se tratava de mulheres... Falava das relações promíscuas com uma leviandade que eu, desde então, considerei com horror... Nisto sua amizade resultou em meu prejuízo."

Há amizades e relações que podem nos ser prejudiciais. Em um mundo tentador, o indivíduo deveria ser muito cuidadoso na escolha de seus amigos e dos círculos sociais onde tem que mover-se. Deve-se dar a menor ajuda possível às tentações que nos vêm de fora.

(2) Um dos fatos trágicos da vida é que as tentações podem provir das pessoas que nos amam; de todas as classes de tentações, estas são as mais difíceis de combater. Provêm de pessoas que nos amam e que não têm intenção de nos fazer dano. Ocorrerá, por exemplo, o seguinte. Alguém sabe que deve adotar um determinado curso de ação. Pode ser que se sinta chamado por Deus para dedicar-se a certa carreira. Mas seguir o curso que lhe determina seu impulso possivelmente signifique para ele impopularidade e risco. Aceitar essa vocação pode significar rechaçar tudo o que o mundo chama "uma boa carreira". É muito possível que em tais circunstâncias as pessoas que mais o amam procurem dissuadi-lo de seguir o curso de seu chamado, e o farão precisamente porque o amam. Eles o aconselharão a ser precavido, tomar cuidado, ser prudente, usar a sabedoria do mundo: querem que aquele a

quem eles amam se muna de uma posição sólida e respeitável na sociedade. Não querem que desperdice suas oportunidades e dons. E por tudo isto, procuram que aquele a quem eles amam não faça o que ele sabe que deve fazer.

No Gareth and Linette, um poema do Tennyson, nos conta a história do Gareth, o filho menor de Lot e Bellicent. Gareth deseja unir-se a seus irmãos no serviço do Rei Arturo. Bellicent, sua mãe, não quer que vá. Por acaso, você não tem piedade de minha solidão?", pergunta-lhe. Seu pai, Lot, é muito ancião, e está atirado em um rincão, como "um lenho fumegante, virtualmente apagado". Seus dois irmãos estão na corte do Rei Arturo. Deve partir também ele? Se seu filho ficar em casa, a mãe lhe encontrará uma princesa para casar-se, o rodeará de um séquito que o acompanhe em suas excursões de caça, e será feliz. Bellicent queria que seu filho ficasse com ela, porque o amava. O tentador usava, para seu encantamento, a mesma voz do amor. Mas Gareth responde:

Oh mãe,
Como pode guardar-me para si? – envergonhe-se.
Sou um homem crescido, e devo agir como um homem.
Correr após os cervos? Ou seguir a Cristo, o Rei?
Viver na pureza, dizer a verdade, corrigir os males,
seguir ao Rei
De outro modo, para que teria nascido?

O moço seguiu seu destino, mas a voz do amor o tentava para que ficasse em casa.

Isto mesmo foi o que ocorreu com Jesus. "Os inimigos do homem" – disse – "serão os da própria casa" (Mateus 10:36). Seus parentes tinham saído, buscando-o para levá-lo porque se dizia dele que estava louco (Marcos 3:21). Segundo o ponto de vista deles, Jesus estava desperdiçando sua vida e arruinando suas possibilidades de "fazer carreira". Segundo eles, estava convertendo-se no bobo de todos. E procuraram detê-lo. Às vezes a mais dura de todas as tentações é a que provém da voz daqueles que nos amam.

(3) Há uma forma muito curiosa de tentação, que ataca principalmente os mais jovens. Há em nós uma nervura muito estranha, que em certas companhias nos leva a aparentar ser piores do que somos. Não queremos que os outros pensem de nós que somos "mansos" ou "piedosos", "beatos" ou "santos". Preferimos mil vezes que se opine o pior do que somos, terríveis aventureiros, homens do mundo, um pouco pervertidos; nunca, jamais, inocentes.

Agostinho tem uma passagem, em suas *Confissões*, que é muito famosa.

"Entre meus iguais, envergonhava-me de ser menos descarado que outros, quando os ouvia exaltarem-se das maldades que eles tinham cometido. E me agradava não somente na ação, mas também nos louvores que as ações mereciam ... Fazia que minha imagem aparecesse muito pior do que era em realidade, para que fossem maiores os louvores. E quando em algo não havia pecado na mesma medida que os mais libertinos, dizia que o tinha feito, embora não fosse certo, para não aparecer ante eles como um ser desprezível."

Há muitos homens e mulheres que se iniciaram em algum pecado, ou se introduziram em algum hábito prejudicial somente por não parecer menos experimentados, com menos "mundo" que seus amigos ou companheiros. Uma das grandes defesas contra a tentação é a simples coragem de estar dispostos a ser bons.

O ATAQUE DA TENTAÇÃO

Mateus 6:13 (continuação)

(4) Mas a tentação não somente provém de fora, mas também de dentro. Se não houvesse nada em nós em que a tentação pudesse apoiar-se, não poderia nos afetar nem nos vencer. Em todos nós há algum ponto fraco. E é nesse ponto fraco que a tentação lança seu ataque. Em cada um de nós o vulnerável pode ser algo distinto. O que para um pode ser uma violenta tentação, para outro o deixa imutável. O que não comove a um pode ser absolutamente irresistível para outro.

Sir James Barrie tem uma peça teatral chamada *O Testamento*. O Dr. Devizes, um advogado, nota que um empregado dele, que esteve em sua casa durante muitos anos, parece muito doente. Pergunta-lhe o que passa com ele e o ancião lhe diz que um médico diagnosticou nele um mal fatal e incurável.

Dr. Devizes (incômodo) – Estou seguro que não é o que você teme. Qualquer especialista o diria.

Surtees (sem olhá-lo) – Senhor, ontem estive com um especialista.

Dr. Devizes – E então?

Surtees – É... precisamente essa, senhor.

Dr. Devizes – Não pode estar tão seguro.

Surtees – Estava, sim senhor.

Dr. Devizes – Mas... uma operação.

Surtees – Muito tarde para operar – disse. Se me tivessem operado faz tempo, poderia ter uma oportunidade de me salvar.

Dr. Devizes – Mas você não o tinha faz tempo.

Surtees – Não senhor, eu sabia; mas diz que já estava em mim, faz muito, uma mancha negra, possivelmente não tão grande como a cabeça de um alfinete, mas à espera para estender-se e me destruir, no seu devido tempo.

Dr. Devizes (desolado) – É infelizmente injusto.

Surtees (humildemente) – Não sei, senhor. Ele diz que quase todos nós temos essa mesma mancha, e que se não nos cuidarmos, cedo ou tarde termina conosco.

Dr. Devizes – Não. Não. Não.

Surtees – Chamou-a de maldita mancha. Acredito que seu propósito era me advertir que deveríamos sabê-lo, e estar alerta.

Em todo ser humano há um ponto fraco. Se não o vigia pode terminar condenando-o. Em algum lugar, em todo ser humano, há um defeito, alguma falha do temperamento, que pode arruinar sua vida, algum instinto ou paixão tão forte que no momento menos pensado pode dar um puxão e romper as rédeas, alguma peculiaridade de nossa constituição que converte o que para outros possivelmente seja um

prazer legítimo em uma verdadeira ameaça. Deveríamos nos dar conta deste fator, e estar em guarda todo o tempo.

(5) Mas, mesmo que possa parecer muito estranho, a tentação nem sempre provém de nossa maior fraqueza, mas sim de nossa fortaleza. Se houver algo que todos temos o costume de dizer é: "Isso eu jamais o faria. Não creio que poderia rebaixar-me a uma tal ação." E é precisamente ali onde devemos manter a vigilância mais estrita. A história está cheia de episódios em que verdadeiras fortalezas foram tomadas por aqueles lugares onde seus defensores pensavam que estavam tão bem protegidos que não era necessário manter guarda alguma. A melhor oportunidade da tentação é o excesso de confiança em si mesmo. Devemos vigiar nossos pontos fracos e nossos pontos fortes.

A DEFESA CONTRA A TENTAÇÃO

Mateus 6:13 (continuação)

Pensamos no ataque da tentação: reunamos agora as armas de que dispomos para nos defender contra a tentação.

(1) Temos a simples defesa do *respeito por nós mesmos*. Quando a vida de Neemias corria perigo, alguém lhe sugeriu que se encerrasse no templo e ficasse ali até haver passado o perigo. Sua resposta foi: "Porém eu disse: homem como eu fugiria? E quem há, como eu, que entre no templo para que viva? De maneira nenhuma entrarei" (Neemias 6:11). Pode-se escapar de muitas coisas, mas não se pode escapar de si mesmo. Todos devemos viver com nossas lembranças, e se tivermos perdido o respeito por nós mesmos; a vida pode chegar a tornar-se intolerável.

Em certa oportunidade se insistiu com o presidente Garfield, dos Estados Unidos a adotar uma resolução proveitosa mas desonrosa. "Ninguém saberá", disseram-lhe. Sua resposta foi: "O Presidente Garfield saberá – e tenho que dormir com ele todas as noites." Quando somos tentados uma das defesas que temos é nos perguntar: "Alguém como eu faria tal coisa?"

(2) Temos a defesa da *tradição*. Ninguém pode trair com leviandade as tradições e heranças nas quais foi educado, e que vieram sendo construídas durante gerações.

Quando Péricles, o maior de todos os estadistas atenienses, estava a ponto de dirigir a palavra à Assembléia de seus concidadãos, sempre se dizia em seu interior: "Péricles, lembra que és ateniense, e que vais falar com atenienses."

Uma das façanhas da Segunda Guerra Mundial foi a defesa do Tobruk. Os Coldstream Guards conseguiram romper o cerco e evitar a seus atacantes, mas somente uns poucos sobreviveram, e eram apenas sombras do que tinham sido. Duzentos sobreviventes, parte de um grupo de dois batalhões, estavam debaixo do cuidado das Reais Forças Aéreas (R.A.F.). Um dos oficiais da aviação estava conversando com um dos oficiais dos Guards, e lhe disse: "Depois de tudo, como tropas de infantaria, não tiveram mais remédio que tentar o que fizeram."

E outro oficial de aviação, que ouviu estas palavras, aproximou-se e disse: "Deve ser muito difícil estar na infantaria, porque a tradição obriga o soldado a seguir lutando, sem ter em conta as circunstâncias."

O poder da tradição é um dos mais potentes na vida. Pertencemos a uma nação, a uma Igreja, a uma família, somos ex-alunos de uma escola. O que fazemos afeta a honra do grupo ao qual pertencemos. Não podemos trair com leviandade as tradições em que fomos educados.

(3) Temos, além disso, a defesa daqueles que amamos e nos amam. Mais de uma pessoa pecaria se o único castigo que deveria suportar fosse o que ele mesmo espera receber. Mas se salva do pecado porque não poderia suportar o olhar de sofrimento que veria nos olhos de quem o ama se arruinasse sua vida.

Laura Richards escreveu uma parábola que copiamos a seguir:

"Um homem estava sentado à porta de sua casa fumando seu cachimbo, e seu vizinho, sentado a seu lado, tentou-o. 'Você é pobre', disse-lhe, 'você não tem trabalho, e há um modo de melhorar sua situação. Será fácil e você conseguirá bastante dinheiro. Além disso, não é menos desonesto do que você vê fazerem todos os dias as pessoas respeitáveis.

Você seria um tolo se desperdiçasse uma oportunidade como esta. Venha comigo, e despacharemos o assunto em um instante.' Nesse mesmo momento apareceu na porta do barracão sua jovem esposa com seu filho nos braços. 'Por favor, segure ao menino um momento. Ele tem medo, e tenho que ir pendurar a roupa.'

O homem tomou ao menino e o pôs sobre seus joelhos. E enquanto o sustentava deste modo os olhos do menino se encontraram com os seus, e o olhar lhe falou: 'Sou carne de sua carne', disseram os olhinhos do menino, 'alma de sua alma. Aonde você me guie, ali o seguirei. Conduza-me pela mão, pai. Meus pés irão atrás dos seus.' Então, voltando-se para seu vizinho, o homem lhe disse: 'Vá, e não volte nunca mais a minha casa'."

Poderíamos estar perfeitamente dispostos a pagar o preço do pecado, se este afetasse apenas a nós. Mas se lembrarmos que nosso pecado fará em pedaços o coração de outros, que nos amam, nossa defesa contra a tentação será mais poderosa.

(4) E temos a defesa da presença de Jesus Cristo. Jesus não é uma bela imagem que aparece nos livros. É uma presença viva. Às vezes perguntamos: "O que você faria se de repente Jesus estivesse de pé ao seu lado?" ou "Como você viveria se Cristo se hospedasse em sua casa?"

Mas o que a fé cristã afirma é, precisamente, que Jesus Cristo está junto a nós, que é hóspede de cada lar cristão. Ele é a presença iniludível e portanto toda nossa vida a vivemos diante dEle e devemos buscar que seja uma vida que Ele possa ver. Uma poderosa defesa contra a tentação, que está a nosso alcance, é a lembrança da presença constante de Jesus Cristo em nossa vida.

A MANEIRA INCORRETA DE JEJUAR

Mateus 6:16-18

Até nossos tempos o jejum é uma parte essencial da vida religiosa no Oriente. Os muçulmanos observam de maneira estrita o jejum do Ramadam, o nono mês do calendário islâmico, durante o qual se

comemora a primeira das revelações que Maomé recebeu. O jejum dura do nascer do sol – do momento em que se podem distinguir um fio branco de um negro – até seu ocaso. Está proibido, além da comida, tomar banho, beber, fumar, cheirar perfumes e qualquer outra forma de alegria carnal desnecessária, com exceção das enfermeiras e as mulheres grávidas. Os soldados e os que estão viajando podem não observá-lo, mas devem compensar sua isenção jejuando uma quantidade equivalente de dias em outro momento do ano. Se alguém deve quebrantar o jejum por razões de saúde, é obrigado a compensar sua falta oferecendo esmolas aos pobres.

Os costumes dos judeus no que concerne ao jejum eram exatamente iguais. Deve notar-se que, tal como se disse, o jejum durava da alvorada até o pôr-do-sol; fora deste período diário, podia comer-se normalmente. Para os judeus nos tempos de Jesus havia somente um jejum obrigatório, o do Dia da Expição. Nesse dia, da alvorada até o pôr-do-sol, todos os homens estavam obrigados a "afligir suas almas" (Levítico 16:31). A lei talmúdica dos judeus estabelece que, "No Dia da Expição está proibido comer, beber, banhar-se, ungir-se, levar sandálias, ou praticar relações conjugais." Até os meninos deviam ser educados em alguma forma de sacrifício durante esse dia, de modo que quando fossem mais velhos estivessem preparados para aceitar o jejum nacional.

Mas, mesmo que somente um dia por ano era obrigatório jejuar, os judeus faziam uso do jejum particular como uma forma muito generalizada de piedade. Havia um jejum relacionado *com a morte de algum ser querido*. Entre a morte e o enterro dessa pessoa, os parentes estavam obrigados a abster-se de carne e vinho. Havia um jejum expiatório. Dizia-se, por exemplo, que Rubén tinha jejuado durante sete anos para expiar seu pecado pela parte que lhe coube desempenhar na venda do José: "Não bebeu vinho nem outro licor algum nem passou carne por seus lábios, nem comeu nada apetecível" (*Testamento do Rubén 1:10*). "Pela mesma razão, Simeão afligiu sua alma jejuando durante dois anos, por ter odiado a José" (*O Testamento do Simeão, 3:4*).

Judá, por ter pecado com Tamar, "absteve-se de comer carne, beber vinho e participar de qualquer outra forma de prazer carnal, até o dia de sua morte" (*O Testamento do Judá*, 15:4). Os judeus, é obvio, não acreditavam que o jejum em si tivesse valor algum, independentemente do arrependimento. Jejuar era somente uma forma de dar expressão exterior à tristeza interior pelo pecado cometido. O autor do Eclesiástico (34:31) diz: "Se alguém jejuar por seus pecados, e logo volta a cometê-los, quem ouvirá sua oração e o que proveito terá o ter jejuado?"

Em muitos casos o jejum era um ato de *penitência nacional*. Assim, por exemplo, todo o povo judeu jejuou depois do desastre da guerra civil contra Benjamim (Juizes 20:26). Samuel fez o povo jejuar por ter-se afastado de Deus seguindo a Baal (1 Samuel 7:6). Neemias fez com que o povo jejuasse e confessasse seus pecados (Neemias 9:1). Uma e outra vez a nação judia inteira jejuou como manifestação de seu arrependimento perante Deus.

Às vezes o jejum era uma preparação para o encontro com Deus. Moisés, no Monte Sinai, jejuou durante quarenta dias e quarenta noites (Êxodo 24:18). Daniel jejuou enquanto esperava receber palavra de Deus (Daniel 9:3). Jesus mesmo jejuou enquanto esperava a prova da tentação (Mateus 4:2). Esta era uma medida muito sábia, porque quando o corpo está submetido à dura disciplina do jejum, o espírito se mantém mais acordado e alerta.

Às vezes o jejum era um chamado dirigido a Deus. Se, por exemplo, havia seca e a colheita corria perigo, convocava-se um jejum nacional para pedir a Deus que enviasse as chuvas.

No jejum dos judeus havia, em realidade, três idéias principais.

(1) O jejum era um *intento deliberado de chamar a atenção de Deus* para a pessoa que jejuava. Esta é uma idéia muito primitiva. Esperava-se atrair a atenção de Deus e obrigá-lo a ter em conta a pessoa que dessa maneira se afligia.

(2) O jejum era uma forma deliberada de *demonstrar a sinceridade do arrependimento*. Era uma garantia, por assim dizer, da sinceridade

das palavras e as orações do crente; uma prova da verdade do arrependimento. Evidentemente, aqui há um perigo latente que devemos ter em conta, porque é muito fácil que uma ação, concebida como prova da sinceridade do penitente, convertesse-se em substituto da penitência.

(3) Em grande parte o jejum era *vicário*. Não estava destinado a salvar o indivíduo no julgamento, mas motivar a Deus para que liberasse a nação de suas desgraças. Era como se as pessoas particularmente piedosas dissessem: "A pessoa comum não pode fazer isto. Estão muito comprometidas em seu trabalho e nos assuntos do mundo. Nós faremos algo mais do que somos obrigados a fazer, para equilibrar a inevitável deficiência da piedade de outros."

Tal era a teoria dos judeus em relação à prática do jejum.

A MANEIRA INCORRETA DE JEJUAR

Mateus 6:16-18 (continuação)

Por mais elevado que fosse o ideal do jejum, sua prática, inevitavelmente, envolvia alguns perigos inevitáveis. O grande perigo era que se jejuasse como sinal de uma piedade superior, em uma ação que não ia dirigida a Deus, mas aos homens. Ante tal manifestação de piedade, ninguém poderia deixar de pensar quão disciplinada e piedosa era a pessoa que jejuava. Os dias de jejum, para o judeu, eram na segunda-feira e na quinta-feira. Estes também eram os dias de mercado, e em todos os povos e vilarejos, e principalmente na cidade de Jerusalém, congregavam-se enormes multidões de pessoas que vinham do campo; os que jejuavam durante esses dias, fazendo-o de maneira ostentosa, contavam com mais testemunhas que de costume.

Ali se juntavam muitos para ver e admirar sua piedade. Alguns se encarregavam deliberadamente de que outros não deixassem de dar-se conta de que estavam jejuando. Caminhavam pelas ruas com o cabelo deliberadamente despenteado e desordenado, com a roupa suja e rasgada. Até chegavam ao extremo de pôr pó branco na cara, para acentuar sua

palidez. Este não era um ato de humildade: era um ato de orgulho e ostentação espiritual.

Os rabinos mais sábios condenavam esta atitude com a mesma energia que Jesus. Tinham bem claro que o jejuar por jejuar carecia totalmente de valor espiritual. Diziam que um voto de abstinência era como um colar de aço dos que tinham que levar os detentos. Quem se comprometia a tal voto podia comparar-se, então, ao homem que encontrava um desses colares atirado pela rua, e sem dar-se conta metia nele a cabeça, aceitando voluntariamente uma escravidão inútil. Um dos ditos mais bonitos que jamais se pronunciou é a declaração rabínica: "No dia do julgamento deverá prestar conta de todas as coisas boas que se puderam desfrutar mas se desprezaram."

O doutor Boreham conta uma história que serve para exemplificar esta idéia equivocada com respeito ao jejum. Nas Montanhas Rochosas, dos Estados Unidos, um viajante se encontrou com um ancião sacerdote católico romano. Surpreendeu-se ao ver um homem de idade tão avançada escalando as costas, cruzando os abismos e atravessando os atalhos das montanhas. "O que você está fazendo neste lugar?", perguntou-lhe o viajante. E o sacerdote lhe respondeu: "Estou procurando a beleza do mundo." "Mas" voltou a perguntar o viajante, "lançou-se a essa busca numa idade avançada." E então o sacerdote lhe contou sua história. Quase toda sua vida ele a passou encerrado em um mosteiro, nunca tinha saído do claustro. Então se sentiu muito doente, e em sua enfermidade teve uma visão. Viu um anjo de pé junto à sua cama. "Para que vieste?", perguntou ao anjo. "Para te levar ao teu lar", respondeu-lhe o anjo. "E o mundo ao qual me levas, é verdadeiramente bonito?", voltou a lhe perguntar o sacerdote. "É belo o mundo que deixa atrás", disse-lhe o anjo. E então o ancião lembrou que nunca tinha visto muito deste mundo, fora dos jardins do monastério e alguns dos campos que o rodeavam. E então lhe disse ao anjo: "Mas não pude ver muita beleza no mundo que estou deixando." "Nesse caso", replicou o anjo, "temo que tampouco verás muita beleza no mundo aonde vais." Isso

preocupou muito o velho sacerdote, e pediu ao anjo que lhe permitisse viver mais dois anos. "Concedeu-me o pedido, e aqui estou, gastando o pouco dinheiro que tenho e o tempo que me resta de vida em explorar as maravilhas deste mundo, e te digo que certamente o encontro belo de modo supremo."

O dever de todo ser humano é aceitar e desfrutar da beleza do mundo, e nunca rechaçá-la e apartá-la de si. Não tem valor algum jejuarmos como uma ostentosa demonstração de piedade superior, para acrescentar nossa fama de ascetas.

O VERDADEIRO JEJUM

Mateus 6:16-18 (continuação)

Embora Jesus condene a forma equivocada de jejuar, suas palavras implicam que há uma forma correta de fazê-lo, e que Ele espera de seus seguidores que pratiquem o jejum dessa maneira. Isto é algo em que muito poucos de nós jamais pensamos. Há muito poucas pessoas comuns em cujas vidas o jejum joga algum papel. E, entretanto, há muitas razões que fazem com que o jejum, interpretado de maneira correta, seja uma prática recomendável.

(1) Jejuar é *bom para a saúde*. Muitos de nós vivemos existências que abrandam nossos corpos e nos engordam. É possível, inclusive, viver para comer e não comer para viver. Seria um excelente remédio para muitos dos males que nos afligem o praticar periodicamente alguma forma de jejum.

(2) O jejum é bom para *a disciplina de nós mesmos*. É muito fácil satisfazer espontaneamente todos os nossos impulsos. É muito fácil chegar ao ponto de não nos negar nada que possamos possuir ou comprar. Para muitos seria excelente deixar de fazer tudo o mais querem, pelo menos uma vez por semana, e dominar seus desejos, exercendo deste modo uma auto-disciplina rigorosa e "anti-séptica".

(3) O jejum nos liberta de nos transformar em *escravos do hábito*. Há muito poucos entre nós que não sejam escravos de algum hábito, devido a que acham impossível superá-lo. Os hábitos se convertem em uma parte tão fundamental de nossa vida que não podemos rompê-los. Desenvolvemos uma ansiedade tal por certas coisas, que aquilo que deveria ser um prazer se transforma em uma necessidade, e o separar-nos daquilo que chegamos a ansiar assim, parece ser um verdadeiro purgatório.

Se praticássemos com sabedoria alguma forma de jejum, nenhum dos prazeres se converteria em uma cadeia e nenhum hábito seria nosso amo. Seríamos nós os amos de nossos prazeres e não nossos prazeres os que dominam sobre nossa vontade.

(4) O jejum preserva *a capacidade de prescindir das coisas*. Uma das principais provas da vida são as coisas que com o correr do tempo a pessoa chegou a considerar, como essenciais. Evidentemente, quanto menos sejam estas, maior será nossa independência. Quando toda classe de coisas se convertem em uma parte fundamental de nossa vida, estamos à mercê dos luxos que podemos custear. Não é mau, de vez em quando, caminhar por uma rua comercial e olhar as vitrines, pensando em todas as coisas de que alguém é capaz de prescindir. Alguma forma de jejum, pode nos ajudar a prescindir daquelas coisas que jamais deveriam ser essenciais em nossa vida.

(5) O jejum nos ajuda a *apreciar mais o que temos*. Talvez tenha havido algum momento em nossa vida em que os prazeres mais elementares tenham sido tão escassos que quando tínhamos oportunidade de vivê-los realmente usufruíamos e desfrutávamos. Talvez agora o apetite se apagou, nosso paladar esteja estragado, tenhamos perdido o fio cortante de nossa capacidade de desfrutar os dons de Deus. O que em uma época foi um prazer intenso se transformou simplesmente em uma droga da que não podemos prescindir. O jejum faz com que os prazeres sigam sendo prazeres, ao experimentá-los sempre como uma forma renovada de autêntica alegria humana.

Em nossos dias o jejum não forma parte da vida normal do homem comum. Jesus condenou a maneira equivocada de jejuar, mas não quis dizer que deva eliminar-se essa prática tão proveitosa. Faríamos muito bem em escolher a forma de jejum que mais nos convenha e praticá-la na medida de nossa necessidade. E a razão que deve nos mover a fazê-lo é,
"Que o deleite seja nosso guia,
e não nossa cadeia..."

O VERDADEIRO TESOURO

Mateus 6:19-21

No ordenamento quotidiano de nossas vidas, a verdadeira sabedoria consiste em buscar obter somente aquelas coisas que duram. Quer compremos um traje ou um vestido ou um automóvel ou um tapete ou um jogo de móveis, o sentido comum nos recomenda evitar a aquisição de produtos mal feitos e perecíveis a curto prazo, e comprar aquelas coisas que possuem solidez e permanência e estão bem feitas. Isto é, exatamente, o que Jesus nos está dizendo nesta passagem: que devemos nos concentrar nas coisas que duram.

Jesus recorre a três imagens, que correspondem às três grandes fontes de riqueza na Palestina.

(1) Diz-nos que evitemos tudo o que a *traça pode destruir*.

No Oriente, parte da riqueza de qualquer homem consistia em roupas custosas e luxuosas. Quando Geazi, o servo de Eliseu, quis obter clandestinamente algum proveito da cura que seu amo tinha efetuado na pessoa de Naamã, pediu-lhe um talento de prata e duas mudas de roupa (2 Reis 5:22). Uma das coisas que tentou Acã a pecar foi um manto babilônico de boa qualidade (Josué 7:21). Mas, segundo Jesus, era insensato pôr o coração em tais coisas, pois quando estavam guardadas, as traças as atacavam, destruindo toda sua beleza e valor. As posses deste tipo careciam de permanência.

(2) Também aconselha que se evitem aquelas coisas que *a ferrugem corrompe*. A palavra traduzida por "ferrugem" ou "mofo" (H. A.) significa literalmente "o que come". Em nenhum outro lugar se encontra essa palavra, *brosis*, com o significado de "ferrugem" (óxido de ferro). É muito mais provável que a idéia fosse a seguinte: No Oriente a riqueza de muitos homens enriquecidos consistia no grão de uma colheita abundante, e que acumulavam em enormes celeiros. Mas nesses grãos armazenados podiam entrar carunchos ou roedores, e deste modo se perdia o tesouro. É muito provável que Jesus esteja fazendo referência à facilidade com que os ratões, os ratos, e distintos tipos de insetos podem acabar com uma colheita armazenada durante muito tempo. Posses deste tipo careciam de permanência.

(3) Em terceiro lugar, Jesus diz que não se deve acumular tesouros que *os ladrões possam furtar mediante uma escavação*. Na Palestina a maioria das casas era feita de barro ou tijolo cru, e os ladrões podiam entrar fazendo um buraco na parede. Esta referência, evoca a imagem do homem que guardou em sua casa um pequeno tesouro e um dia, ao ingressar nela, descobre que os ladrões furaram o parede e, entrando, levaram o ele que tinha. Não é permanente o tesouro que está à mercê de qualquer ladrão engenhoso.

De modo que Jesus alerta aos homens contra três classes de prazeres e posses:

(1) Sua advertência se dirige contra os prazeres que podem esfumar-se como um vestido velho. A roupa mais bonita do mundo, com traças ou sem traças, termina por desintegrar-se. Todos os prazeres puramente físicos, cada um a sua maneira, terminam perdendo o encanto que nos incitou a buscá-los.

Cada vez que desfrutamos de alguma coisa, a excitação é menor. Necessita-se maior quantidade para que o efeito siga sendo o mesmo. É como uma droga, que perde seu poder quando consumida normalmente, e se impõe aumentar gradualmente a dose se tiver que ser efetiva do mesmo modo que no princípio. Somos insensatos se fizermos com que

nosso prazer consista naquelas coisas que nos oferecerão cada vez menor compensa.

(2) Também nos adverte contra os prazeres que podem ser corroídos. O silo cheio de cereais é inevitavelmente o objeto do interesse de roedores que nunca faltam. Há certos prazeres que inevitavelmente perdem atração para o homem à medida que envelhece. Possivelmente já não esteja em condições físicas de desfrutá-los; ou pode ser que, ao maturar sua personalidade, já não encontre neles a alegria que lhe produziam quando era mais jovem. Na vida ninguém deveria pôr seu coração naqueles prazeres que podem desaparecer com a idade. Deveríamos ser capazes de encontrar nosso deleite naquelas coisas diante das quais o tempo, e sua capacidade de erosão, é totalmente impotente.

(3) Também somos advertidos contra os prazeres que nos podem ser roubados. Todas as coisas materiais pertencem a esta categoria; não há nada material que possamos possuir de maneira totalmente segura. Se construirmos nossa felicidade sobre o fato de sua posse, estamos edificando sobre alicerces muito frágeis. Suponhamos que alguém organize sua vida de tal maneira que sua felicidade consiste no dinheiro que tem; no dia menos imaginado se produz uma crise financeira e nosso amigo fica completamente arruinado. Junto com sua riqueza, também se esfumou sua alegria. O homem verdadeiramente sábio é o que constrói sua felicidade sobre aquelas coisas que nada nem ninguém lhe pode tirar, cuja posse é independente dos azares e mudanças da vida.

Tudo o que faz com que seu prazer dependa de coisas falazes, está condenado à frustração. Todo homem cujo tesouro está nas coisas, mais cedo ou mais tarde o perderá, porque as coisas não estão dotadas de permanência, e não há nada que dure para sempre.

TESOUROS NO CÉU**Mateus 6:19-21 (continuação)**

Os judeus conheciam muito bem a frase *tesouros no céu*. Identificavam esses tesouros principalmente com duas coisas.

(1) Diziam que as ações bondosas que alguém *fazia no mundo, transformavam-se em seu tesouro no céu*.

Contavam uma famosa lenda sobre um tal rei Monobaz, de Adiabene, que se converteu ao judaísmo.

“Um ano de fome Monobaz distribuiu seu tesouro entre os pobres. Suas irmãs enviaram mensageiros para lhe dizer: ‘Seus pais reuniram tesouros, e os acrescentaram aos de seus pais, mas você dissipou os seus e os deles.’ Monobaz respondeu: ‘Meus pais reuniram tesouros para esta vida, eu estou acumulando tesouros para a vida eterna; eles armazenaram sua riqueza em lugares onde a vontade humana pode governar, mas eu os tenho, agora, em um lugar onde ninguém pode já dispor deles. Meus pais acumularam tesouros que não dão interesse, os meus sim dão. Meus pais acumularam tesouros de dinheiro, eu acumulei tesouros de almas. Meus pais acumularam tesouros para outros, eu os acumulei para mim. Meus pais acumularam tesouros neste mundo, eu os tenho guardados no mundo vindouro’.”

Tanto Jesus como os rabinos judeus sabiam que tudo o que se acumula egoisticamente mais cedo ou mais tarde se perde. Mas o que se oferece a outros com generosidade acumula tesouros no céu.

Esse mesmo princípio seria o que teria que seguir a igreja cristã, depois de seu Mestre. A Igreja Primitiva sempre cuidou carinhosamente dos pobres, dos doentes, dos desgraçados e de todos aqueles de quem ninguém se ocupava. Nos dias da terrível perseguição de Décio, em Roma, as autoridades arrasaram uma igreja cristã. Sua intenção era apoderar-se dos tesouros que imaginavam estariam armazenados nesse lugar. O prefeito romano ordenou a Laurêncio, o diácono: "Mostre-me imediatamente o lugar onde vocês guardam seu tesouro." Laurêncio assinalou as viúvas e os órfãos que estavam comendo, os doentes que

estavam sendo curados, os pobres, cujas necessidades estavam sendo satisfeitas, e disse: "Estes são os tesouros da Igreja." A Igreja sempre acreditou que "perdemos o que guardamos, e ganhamos o que gastamos".

(2) Os judeus sempre relacionaram a expressão *tesouros no céu com o caráter*.

Quando foi perguntado ao rabino Yose Ben Kisma se aceitaria viver em uma cidade pagã em troca de um salário muito elevado por seus serviços, respondeu que nunca viveria em lugar algum que não fosse morada da Lei, "porque no dia em que deva ir deste mundo", disse, "nem o ouro nem a prata nem as pedras preciosas irão comigo, mas apenas o conhecimento que tenha da Lei, e minhas boas obras."

Como afirma o bom provérbio espanhol, "as mortalhas não têm bolsos". A única coisa que podemos levar deste mundo é nosso caráter, o que somos; quanto melhor seja a personalidade, o caráter que levemos, maior será nosso tesouro no céu.

(3) Jesus conclui esta passagem dizendo que onde estiver nosso tesouro ali estará nosso coração. Se tudo o que valorizamos está na Terra, se nosso coração também está preso à Terra, não teremos interesse em nenhum outro mundo a não ser este. Se durante toda nossa vida o nosso olhar está nas coisas eternas, as coisas deste mundo serão de pouco valor para nós. Se tudo o que verdadeiramente valer para nós está nesta Terra, no momento de abandoná-la nos sentiremos defraudados e nos desesperaremos. Se durante a vida pensamos nas coisas celestiais e as desejamos, abandonaremos este mundo com alegria, porque finalmente podemos ir para Deus.

Em certa oportunidade o Dr. Johnson estava passeando por um maravilhoso castelo e os parques que o rodeavam. Quando acabou de ver tudo, voltou-se para seus acompanhantes e lhes disse: "Estas são as coisas que nos fazem tão difícil morrer."

Jesus nunca afirmou que este mundo carecesse de importância: mas disse e repetiu, uma e outra vez, que a importância deste mundo não está nele mesmo, mas sim naquilo para o qual nos conduz. Este mundo não é

o fim de nossas vidas, é somente uma estação no caminho. Portanto ninguém deve entregar o seu coração a este mundo e a às coisas que a ele pertencem, pois seus olhos devem estar fixos permanentemente na meta que nos espera mais além.

A VISÃO DISTORCIDA

Mateus 6:22-23

A idéia que está por trás desta passagem é de uma simplicidade infantil. O olho é considerado como a janela por onde entra a luz que ilumina a totalidade do corpo. A cor e o estado da janela são os que decidem quanta luz receberá uma habitação. Se a janela estiver limpa, é de cor clara e o vidro não distorce as imagens, a habitação será inundada por uma luz pura e abundante, que iluminará todos os cantos. Se o vidro da janela está sujo, ou é de cor escura, ou está chamuscado, ou coberto pela geada, a luz encontrará obstáculos, entrará distorcida, suja, e a habitação ficará escura.

A qualidade da luz que entra em uma habitação depende do estado da janela que deva atravessar para fazê-lo. É assim, diz Jesus, como a luz que penetra no coração e a alma de cada homem depende do estado espiritual dos olhos que deva atravessar, porque os olhos são a janela do corpo. O conceito que fazemos das pessoas depende dos olhos com que as olhemos. Há certos fatores muito evidentes que nos podem cegar e distorcer a nossa visão.

(1) O *preconceito* pode alterar nossa visão. Não há nada que seja tão capaz de destruir nossa capacidade de julgamento como os preconceitos que tenhamos. Nos impedem de formar as opiniões claras, razoáveis e lógicas, que são nosso dever. Cega-nos por igual ante os fatos e o significado destes. Quase todos os novos descobrimentos tiveram que abrir caminho, lutando contra irracionais preconceitos estabelecidos.

Quando James Simpson descobriu as virtudes do clorofórmio teve que lutar contra os preconceitos religiosos e médicos de sua época. Um de seus biógrafos escreve: "O preconceito, a paralisante determinação de percorrer somente os caminhos conhecidos, levantou-se contra ele e fez todo o possível para neutralizar os efeitos dessa nova bênção." "Muitos clérigos sustentaram que o intento de liberar a mulher de sua maldição primitiva era lutar contra a lei divina."

Uma das coisas mais necessárias na vida é o exame ousado que seja capaz de nos demonstrar quando atuamos a partir de princípios válidos e quando somos vítimas de nossos preconceitos irracionais. Qualquer homem que seja miserável por seus preconceitos tem olhos que obscurecem e distorcem sua visão da realidade.

(2) O *ciúme* pode alterar nossa visão. Shakespeare nos deu uma expressão clássica desta paixão na tragédia de Otelo. Otelo, um mouro, que se tornou famoso por seus atos de valentia, casa-se com Desdémona. Esta o ama com total dedicação e completa fidelidade. Como general do exército de Veneza, Otelo promove a Cássio em lugar de promover a Lago. Este é consumido pelo ciúme, e mediante uma meticulosa tramóia, e distorcendo os fatos para seu próprio benefício, semeia na mente de Otelo suspeita com respeito à fidelidade de Desdémona. Inventando evidências para demonstrar suas afirmações, acende em Otelo uma paixão de ciúme tão desmedida que este termina assassinando a Desdémona, afogando-a com um travesseiro.

A. C. Bradley escreve: "Ciúme como o de Otelo transformam a natureza humana em um caos, e liberam a besta que todo homem encerra." Muitos casamentos, muitas amizades, foram destruídos pelo ciúme, que é capaz de fazer aparecer circunstâncias perfeitamente inocentes como ações culpadas, e que nos cegam à verdade e à realidade.

(3) O *orgulho* pode alterar nossa visão. Em sua biografia de Mark Rutherford, Catherine Macdonald MacLean inclui uma observação particularmente cáustica com respeito ao John Chapman, o editor e livreiro de quem em uma época Rutherford fora empregado: "Belo como

um Lorde Byron, de maneiras amáveis, era extremamente atrativo para as mulheres, e ele se acreditava ainda mais atrativo do que em realidade era."

O orgulho afeta de duas maneiras a visão de qualquer homem, porque nos torna incapazes de ver a nós mesmos tal como somos em realidade e de ver a outros como em realidade são. Se estamos convencidos de nossa extraordinária sabedoria, nunca seremos capazes de perceber nossas tolices; e se formos cegos para tudo o que não sejam nossas virtudes, nunca perceberemos nossos defeitos. Sempre que nos comparemos com outros, suporemos uma vantagem em nós. Jamais estaremos em condições de nos criticar a nós mesmos, e portanto jamais seremos capazes de melhorar. A luz em que deveríamos ver a nós mesmos e a outros será total escuridão.

A NECESSIDADE DE OLHOS GENEROSOS

Mateus 6:22-23 (continuação)

Mas aqui Jesus fala de uma virtude em particular que enche de luz os olhos, e de um defeito que os obscurece. Em nossas versões se qualifica o olho como *bom*, *são* ou *simples e mau*. E este é o significado literal do grego, mas as palavras *bom* e *mau* são aqui empregadas, em um sentido muito comum no grego do Novo Testamento, como *generoso* e *generosidade*. Tiago diz, com respeito a Deus, que ele dá a todos *abundantemente* (Tiago 1:5), e o advérbio que usa, em grego, é o mesmo que aparece em nosso texto como adjetivo. Paulo exorta a seus amigos a ofertar *liberalmente*. Temos aqui, outra vez, o mesmo vocábulo (Romanos 12:8). Paulo, também, lembra aos cristãos de Corinto da liberalidade ou generosidade das Igrejas da Macedônia, e fala de sua própria generosa beneficência com todos os necessitados (2 Coríntios 9:31). Para obter um texto mais fiel ao original devemos traduzir aqui *generoso* em lugar de *bom* ou *simples*. Jesus elogia o *olho generoso*.

Por oposição, prestemos atenção ao nome do defeito que Jesus condena. Nossas versões dizem *mau* ou *maligno*. E este é, certamente, o significado mais comum da palavra grega que aparece neste lugar no texto original. Contudo, tanto no Novo Testamento como na Septuaginta, este vocábulo também significa normalmente *miserável* ou *avaro* ou *mesquinho*. Deuteronômio nos fala do dever de emprestar ao irmão que necessita. Mas esta disposição se complica com a lei de que cada sete anos deviam considerar-se todas as dívidas perdoadas. Era muito provável que se estivesse perto o "sétimo ano", o avaro se negasse a emprestar, por temor a que seu devedor se acolhesse ao cancelamento de dívidas com que podia beneficiar-se ao chegar o momento, e deste modo jamais lhe devolvesse o que tinha recebido. Por isso a lei estabelece: "Guarda-te não haja pensamento vil no teu coração, nem digas: Está próximo o sétimo ano, o ano da remissão, de sorte que os teus olhos sejam malignos para com teu irmão pobre, e não lhe dês nada, e ele clame contra ti ao SENHOR, e haja em ti pecado" (Deut. 15:9).

As palavras sublinhadas são exatamente as mesmas que aparecem no ensino de Jesus. É evidente que aqui *olhos maus* significa com mesquinhez, de modo avaro, com má vontade. Voltamos a encontrar a expressão em Provérbios 23:6, onde a V.M. diz literalmente: "Não coma o pão daquele que tem olho mau." Quer dizer "Não seja hóspede daquele que grunhe por cada bocado que você come."

Assim também em Provérbios 28:22, onde lemos: "O homem que se apressa em busca da riqueza tem olho maligno" (V.M.), e significa: "O avaro, que sempre desconfia de outros, busca apropriar-se de tudo o que pode." Para chegar ao significado exato das palavras de Jesus em vez de "olho mau" deveríamos traduzir *olho avarento*.

De modo que Jesus afirma: "Não há nada como a generosidade para nos permitir ver a vida e as pessoas de maneira correta: e não há nada como a avareza para fazer com que nossa visão das coisas e das pessoas seja incorreta."

(1) Devemos ser generosos em nossos *juílgamentos com respeito a outros*. Uma das características da natureza humana é pensar sempre o pior, e encontrar um prazer maligno em repetir o pior. Todos os dias vemos assassinar a boa reputação de pessoas perfeitamente inocentes na fofoca de pessoas cujos juízos estão impregnados de veneno. O mundo se veria livre de muito sofrimento se buscássemos pensar o melhor e não o pior com respeito a nosso próximo, e se nossa interpretação de suas ações fosse sempre "generosa".

(2) Devemos ser generosos em nossas *ações*. Em sua biografia de Mark Rutherford, Catherine Macdonald MacLean nos conta a respeito dos dias em que Rutherford foi trabalhar em Londres: "Desde essa época pode perceber-se nele o começo de sua carinhosa piedade pelas almas dos homens que haveria de converter-se em um de seus hábitos... A pergunta que o queimava, preocupado como estava pelo destino de muitos de seus vizinhos no subúrbio onde iria trabalhar, era, 'O que eu posso fazer? Como posso ajudá-los?' Parecia-lhe, naquele tempo, como sempre, que até a ação mais simples possuía maior valor que a mais veemente indignação que só se expressa em palavras."

Quando Mark Rutherford trabalhava com Chapman, ele editor, vivia e trabalhava no mesmo lugar que George Eliot – ou Maria Evans, que tal era seu verdadeiro nome. Uma coisa lhe impressionou de maneira particular com respeito a esta mulher: "Era pobre. Possuía uma pequena renda, e mesmo que esperava poder ganhar a vida como escritora, seu futuro era incerto. Mas era fantasticamente generosa. Sempre estava ajudando aos cães coxos a subir as soleiras, e a pobreza de outros a fazia sofrer mais que a sua própria. Chorava com mais amargura por não poder ajudar a alguma irmã necessitada, que por qualquer de suas próprias privações."

Quando começamos a nos sentir assim, é quando podemos ver a outros, e às coisas, em uma perspectiva correta. É então quando nossos olhos se enchem de luz.

Há três grandes males do espírito pouco generoso, do "olho maligno".

(1) Faz com que nos seja *impossível viver conosco mesmos*. Quem inveja permanentemente o êxito de outros, diminuindo o seu, apesar de que um pouco de generosidade poderia repartir felicidade a outros, fechando seu coração frente às necessidades imperiosas de outros, transforma-se em uma das mais tristes criaturas da Terra – o homem avarento. Em seu interior crescem uma amargura e um ressentimento que lhe priva de toda felicidade, que roubam sua paz e destroem sua alegria.

(2) Faz com que nos seja *impossível viver com os demais*. O avaro é aborrecido por todos: não há indivíduo mais desprezado que o de coração miserável. A caridade cobre multidão de pecados, mas o espírito ambicioso, por outro lado, torna inúteis uma multidão de virtudes. Por mais mau que seja o homem generoso, sempre haverá quem o ame; por melhor que seja o avaro, todos o detestarão.

(3) Faz com que nos seja *impossível viver com Deus*. Não há ninguém tão generoso como Deus; em última análise, não pode haver comunhão entre dois seres que fundam sua existência em princípios diametralmente opostos. Não pode haver comunhão entre o Deus que vive inflamado por um profundo amor, e o avaro, cujo coração está congelado pela mesquinha.

O olho avarento distorce nossa visão; o olho generoso é o único capaz de ver com clareza, porque é o único que vê como Deus vê.

SERVIÇO EXCLUSIVO

Mateus 6:24

Para alguém criado no mundo antigo esta afirmação possuía muito mais força e clareza que para nós. Nossas versões dizem: "Ninguém pode servir a dois senhores." O original grego é muito mais contundente. A palavra que se utiliza para "servir" é o verbo *duláin*, que significa "ser escravo". Trata-se portanto de ser escravo de dois amos. Além disso, a

palavra traduzida "senhor" é *kurios* e, em grego, *kurios* era o amo absoluto, o senhor de vida e morte. Possivelmente seria mais exato traduzir "Ninguém pode ser escravo de dois amos".

Para compreender tudo o que isto significa e implica, devemos lembrar duas coisas com respeito à instituição da escravidão no mundo antigo. Em primeiro lugar, aos olhos da lei o escravo não era uma pessoa, era uma coisa. Carecia absolutamente de direitos que fossem próprios; seu amo podia fazer dele absolutamente o que bem quisesse. Para a lei, o escravo era uma *ferramenta viva*. Seu amo podia vendê-lo, castigá-lo, descartá-lo e até matá-lo. Era sua posse de maneira tão completa como o eram seus bens materiais. Em segundo lugar, o escravo, na antiguidade, carecia completamente de tempo próprio. Todos os momentos de sua vida pertenciam a seu amo.

Sob as condições de trabalho que regem na atualidade a pessoa trabalha certo número de horas e fora desse tempo, sua vida lhe pertence e pode fazer o que quiser. De fato, com freqüência é possível que muitos encontrem e desenvolvam seu verdadeiro interesse vital fora das horas de trabalho. Alguém pode estar empregado em um escritório, durante o dia, e ser o primeiro violino em uma orquestra, durante a noite. Pode trabalhar em uma fábrica, ou em uma oficina siderúrgica durante o dia, e dirigir um clube de jovens durante a noite, ou nos fins de semana. E é possível que na Música, ou na liderança do grupo juvenil, estes indivíduos encontrem o verdadeiro deleite e realização de suas vidas. Era muito diferente com os escravos, na antiguidade. O escravo não possuía, literalmente, tempo algum que pudesse considerar dele. Todos os seus momentos pertenciam a seu amo e estava sempre ao seu dispor.

Eis aqui, pois, nossa relação com Deus. Com respeito a Deus não temos direito algum. Deus deve ser o amo indisputado de nossas vidas. Nunca podemos nos perguntar: "O que eu quero fazer?" Sempre, nossa pergunta deve ser: "O que Deus quer que eu faça?" Não nos pertence momento algum. Não podemos dizer, às vezes: "Agora farei o que Deus quer que eu faça", e às vezes: "Agora farei o que eu quero fazer." O

cristão não deixa jamais de ser cristão, ele não tem "férias" ou "licença" de cristão. Em nenhum momento pode pôr entre parêntese a exigência de Deus sobre sua vida, como se não estivesse "de serviço". Não basta com uma obediência parcial ou de vez em quando. Ser cristão é um trabalho de tempo integral. Em nenhum outro lugar da Bíblia se expressa de maneira tão clara que Deus exige de nós um serviço exclusivo.

Jesus segue dizendo: "Não podeis servir a Deus e às riquezas." Para os rabinos judeus as riquezas não eram, pelo menos em princípio, uma coisa moralmente imperdoável. Tinham um dito, por exemplo, que declarava: "Que a riqueza de seu vizinho te seja tão cara a ti como o é para ele." Quer dizer, que a pessoa deve considerar as posses materiais do próximo tão sacrossantas como as próprias. Mas com o correr do tempo, a palavra que significava "riquezas", em hebreu *mamom*, foi modificando sutilmente seu significado. *Mamom* provém de uma raiz que significa *confiar*, e a princípio queria dizer aquele dinheiro que confiamos a alguém para tê-lo seguro. Era a riqueza que se confiava aos cuidados de alguém. Mas com o passar do tempo chegou a significar não *aquilo em que se confia*, mas aquilo em que *alguém põe sua confiança*. Finalmente s escreveu com M maiúscula e chegou a ser considerado uma espécie de divindade: *Mamom*.

A história desta palavra mostra de maneira vívida como as posses materiais podem usurpar um lugar na vida que nunca lhes pertenceu. Originalmente as riquezas eram algo que se confiava a outros para que as cuidassem; no final chegaram a considerar-se como aquilo no qual o homem põe sua confiança. Por certo que não há descrição mais adequada do deus a quem servimos que dizer que é aquilo em que pomos nossa confiança. Quando pomos nossa confiança no poder das coisas materiais, estas deixaram que transformar-se em nosso sustento para passar a ser o nosso deus.

O LUGAR DAS POSSES MATERIAIS**Mateus 6:24 (continuação)**

Este dito de Jesus nos obriga a refletir sobre o lugar que as posses materiais devem ocupar na vida do homem. Na base do ensino de Jesus sobre as posses materiais, há três princípios fundamentais:

(1) Em última análise *todas as coisas pertencem a Deus*. A Escritura o coloca de modo claro. "Do Senhor é a terra e sua plenitude, o mundo e os que nele habitam" (Salmo 24:1). "Pois são meus todos os animais do bosque e as alimárias aos milhares sobre as montanhas.... Se eu tivesse fome, não to diria, pois o mundo é meu e quanto nele se contém" (Salmo 50:10,12). Nos ensinamentos de Jesus, é o Senhor quem dá aos servos seus talentos (Mateus 25:15), e o dono é quem arrenda a vinha aos lavradores (Mateus 21:33). Este princípio tem conseqüências de longo alcance. O homem pode vender e comprar as coisas, pode, em certa medida, modificá-las e reordená-las; mas não pode criar nada. A propriedade última de tudo o que existe é divina. Não há nada neste mundo em que o homem possa dizer de modo absoluto: "Isto é meu." Com respeito a todas as coisas só pode dizer: "Isto pertence a Deus, e Deus me confiou isso para que eu usar."

Portanto, surge um princípio fundamental da vida. Não há nada neste mundo que seja minha de maneira absoluta, e portanto com respeito a nada posso dizer: "Isto é meu, e portanto posso fazer com isso o que eu quiser." Com respeito a todas as coisas estão obrigados a dizer: "Isto é de Deus, e portanto devo usá-lo tal como seu proprietário quisesse que fosse usado."

Há a história de um menino criado na cidade que pela primeira vez em sua vida foi levado ao campo e viu um prado coberto de flores silvestres. Voltando-se para sua professora, disse-lhe: "Você acha que Deus se importaria se corto algumas de suas flores?" Esta é a atitude correta frente à vida e às coisas neste mundo.

(2) O segundo princípio básico é que *as pessoas sempre são mais importantes que as coisas*. Se para adquirir posses, para amassar fortunas, para acumular dinheiro, é preciso tratar as pessoas como coisas, toda a riqueza que consigamos adquirir é essencialmente má. Em qualquer lugar e quando for preciso esquecer este princípio ou passar por cima dele, as conseqüências depois serão desastrosas. Na Grã-Bretanha ainda se sofrem as conseqüências de ter-se tratado as pessoas como se fossem coisas nos primeiros dias da era industrial, faz duzentos ou trezentos anos.

Sir Arthur Bryant, em seu livro *A Saga Inglesa*, conta algumas das coisas que ocorriam naqueles tempos. Meninos de sete e oito anos de idade (e há até o caso de um que tinha apenas três) eram empregados como operários nas minas de carvão. Alguns tinham que arrastar as bacias carregadas de mineral caminhando sobre as mãos e os joelhos por galerias intermináveis no túnel subterrâneo; alguns tinham que bombear a água para dragar as minas alagadas, durante doze horas diárias, estando eles mesmos na água até os joelhos; alguns tinham que abrir e fechar as aberturas de ventilação dos poços, para o qual ficavam encerrados em pequenas câmaras de ventilação até dezesseis horas diárias.

Em 1815 os meninos que trabalhavam nas tecelagens cumpriam um horário que ia das 5 da manhã às 8 da noite, de segunda-feira à sábado, e com meia hora para o café da manhã e meia hora para o almoço como únicos recreios. Em 1833 havia 84.000 meninos menores de quatorze anos empregados na indústria. Até se registra um caso em que, não necessitando-se mais o trabalho de certo grupo de meninos, os levaram ao campo e os abandonaram à sua própria sorte. Os donos da fábrica disseram que em realidade não os haviam "abandonado", mas os tinham deixado em liberdade. Reconheceram, sim, que provavelmente tivessem que mendigar ou roubar para continuar vivendo.

Em 1842 os operários têxteis de Burnley ganhavam 7½ peniques diários, e os mineiros do Staffordshire 2 xelins 6 peniques. Havia quem compreendia a loucura criminal do sistema. Carlyle declarou, cheio de

ira: "Se a indústria têxtil está cimentada nos corpos desnutridos dos meninos que exploram como mão de obra barata, que a indústria têxtil desapareça; se o diabo dirigir nossas tecelagens, fechemos nossas tecelagens." Sustentava-se que para manter baixos os custos era necessário contar com mão de obra barata. Coleridge respondeu: "Tinham que reduzir o preço de venda no mercado em uns poucos centavos mantendo o mais baixo possível a mão de obra; mas isto se faz debilitando a força da nação; desmoralizamos a milhares de nossos concidadãos, e semeamos o descontentamento entre as classes sociais. Os produtos industriais que saem de nossas fábricas depois de tudo são muito caros."

É certo que hoje a situação é muito distinta. Mas existe o que se pode chamar memória racial. Lá no fundo, na memória inconsciente do povo, ficou indelével a lembrança daqueles dias. Quando se trata as pessoas como se fossem coisas, como máquinas, como instrumentos para produzir mercadorias e enriquecer assim a seus empregadores, não se podem esperar senão desastres, com tanta segurança como a noite sucede ao dia. A nação que esquece o princípio da importância única e fundamental da pessoa, acima das coisas, está hipotecando seu futuro.

(3) O terceiro princípio é que *a riqueza sempre é um bem subordinado*. A Bíblia não diz que o dinheiro seja o princípio de todos os males, mas sim "*o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males*" (1 Timóteo 6:10, BJ). É perfeitamente possível encontrar-se na posse de bens materiais o que alguns chamaram um "substituto da salvação". A pessoa pode pensar que porque é rico pode comprar tudo, que pode livrar-se de qualquer situação. A riqueza pode transformar-se para ele na medida de todas as coisas, em seu único afã, na única arma para enfrentar a vida. Se alguém deseja possuir bens materiais para obter uma relativa autonomia, para atender a suas necessidades familiares e para poder ajudar ao próximo, está perfeitamente bem; mas se deseja a riqueza somente para desfrutar de prazeres e luxos, se a riqueza se transformou no objetivo principal de sua vida, a razão pela qual vive,

pode afirmar-se sem vacilação que os bens materiais deixaram que ser um bem subordinado, para usurpar na vida o lugar que corresponde a Deus.

De tudo isto surge uma verdade – a posse de riquezas, de dinheiro ou de objetos materiais não é pecado, mas é uma grave e séria *responsabilidade*. Se alguém possuir abundância de dinheiro ou de bens materiais, não deve felicitar-se a si mesmo, antes ajoelhar-se em oração. para poder usar suas riquezas tal como Deus quer que o faça.

DUAS GRANDES PERGUNTAS SOBRE AS POSSES

Mateus 6:24 (continuação)

Há duas grandes perguntas com respeito às posses materiais, e da resposta que dermos depende tudo.

(1) Como a pessoa fez para obter as posses de que desfruta? Tem ela feito de maneira tal que se Jesus Cristo fosse testemunha de seus "negócios" poderia orgulhar-se, ou o tem feito de maneira que queria ocultar-lhe? *É possível acumular riquezas à custa da honestidade e da honra.*

George Macdonald conta de um comerciante em um povo que tinha chegado a ser muito rico. Ao medir os tecidos que vendia, calculava para não dar a medida exata. George Macdonald afirmava, sobre esse homem, que "tirava de sua alma e metia em sua bolsa".

É possível engordar a conta bancária emagrecendo a consciência. Também *se pode acumular riquezas esmagando os competidores mais fracos*. Há muitos que baseiam seu êxito no fracasso de outros. Muitos conseguiram progredir tirando outros do caminho. É difícil conceber como o que triunfa desse modo pode dormir tranqüilo de noite. *Pode-se acumular riquezas descuidando as obrigações superiores.*

Robertson Nicoll, o grande editor, era filho de um pastor do nordeste de Escócia. A grande paixão de seu pai era a leitura, e embora nunca tinha ganho um salário folgado, chegou a ter a maior biblioteca

particular da Escócia, com 17.000 volumes. Não usava seus livros na preparação de seus sermões. Limitava-se a comprá-los, lê-los, e pô-los nas estantes. Quando cumpriu os quarenta anos se casou com uma jovem de vinte e quatro. Oito anos depois das bodas, aquela pobre mulher morria de tuberculose. Tiveram cinco filhos, mas somente dois chegaram à idade adulta. O indiscriminado aumento dos livros ia enchendo pouco a pouco todas as habitações da casa, e até os passadiços estavam abarrotados deles. Seu proprietário se deleitava com eles, mas tal paixão matou a sua esposa e três de seus filhos.

Há posses que se adquirem a muito custo. Todo homem deve perguntar-se: "Como adquiero o que possuo?"

(2) *Como se usam as riquezas que se chegaram a adquirir?* Há vários modos em que se podem usar as riquezas.

Pode não se dar a elas uso algum. Muitos se caracterizam pelo instinto aquisitivo do avaro, que se deleita simplesmente na posse. Suas posses podem ser completamente inúteis – e a inutilidade sempre é desastrosa.

Pode dar-se a elas um uso totalmente egoísta. É possível desejar um salário maior simplesmente porque se quer comprar um automóvel maior, ou um novo televisor, ou umas férias mais caras. Pode-se pensar nas posses somente em termos do que estas podem fazer a favor de si mesmos.

Pode dar-se a elas um uso maligno. Pode-se usar a riqueza para persuadir a alguém de que faça algo que não deve, ou vender coisa que não se tem direito a vender. Muitos jovens foram subornados ou induzidos ao pecado pelo dinheiro de alguém. A riqueza dá poder, e o homem corrompido pode usar seu dinheiro para corromper a outros. E isto, aos olhos de Deus, é um terrível pecado.

Mas também se pode usar a riqueza para obter uma sã medida de independência pessoal e para a felicidade de outros. Não se necessita muito dinheiro para assumir esta atitude, porque uma ação generosa não se mede pelo montante da dádiva. É impossível ser pervertido pelas

riquezas se o seu possuidor as utiliza para fazer outros felizes. Paulo lembra um dito de Jesus que todos os outros apóstolos tinham esquecido: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (Atos 20:35). Uma das características de Deus é sua generosidade, e se dar é para nós mais importante que receber, usaremos de maneira correta o que possuímos, seja muito ou pouco.

A PREOCUPAÇÃO PROIBIDA

Mateus 6:25-34

Devemos começar nosso estudo desta passagem nos assegurando de que entendemos o que é o que Jesus proíbe e o que autoriza. O que Jesus proíbe não é a prudência que prevê o futuro a fim de tomar medidas necessárias para responder, oportunamente, a suas demandas. Proíbe o *afã*, o angustiar-se pelo amanhã antes de saber o que nos trará o amanhã. Jesus não recomenda uma atitude displicente, que não faz provisão para o futuro nem reflete sobre o que o futuro pode significar concretamente em termos de exigências e possibilidades. Proíbe, sim, o temor ansioso, doentio, que é capaz de eliminar toda possibilidade de alegria da vida.

No original grego se usa o termo *merimnan*, que significa preocupar-se ansiosamente. Em uma carta que se encontrou escrita em um papiro, a esposa diz a seu marido, que está viajando: "Não posso dormir nem de noite nem de dia, *ansiosa* (*merimnan*) como estou por seu bem-estar". Em outra carta, a mãe, ao inteirar-se da boa saúde e prosperidade de seu filho, responde-lhe: "Tal é minha oração e *ansiedade* (*merimnan*) todo o tempo."

Anacréon, o poeta, escreveu: "Quando bebo vinho, minhas preocupações dormem." Em grego, a palavra *merimnan* denota ansiedade, preocupação, afã.

Os judeus conheciam perfeitamente esta atitude frente à vida. O ensino dos grandes rabinos era que a atitude de todo crente para com a vida devia estar constituída principalmente por uma combinação de

prudência e serenidade. Insistiam, por exemplo, em que todo homem devia ensinar um ofício a seus filhos homens, porque, conforme afirmavam, não lhes ensinar um ofício significava ensiná-los a roubar. Quer dizer, acreditavam que era necessário dar todos os passos recomendáveis para um desempenho prudente na vida. Mas, ao mesmo tempo, diziam: "Aquele que tem um pão em sua cesta e diz: 'O que comerei amanhã?' é um homem de pouca fé."

A lição de Jesus era bem conhecida por seus concidadãos que se deve combinar a prudência, a antecipação e a serenidade em nossa atitude diante da vida.

A ANSIEDADE E COMO SE CURA

Mateus 6:25-34 (continuação)

Nestes dez versículos Jesus apresenta sete argumentos contra a ansiedade.

(1) Começa assinalando (v. 25) que Deus nos deu a vida, e que se tal foi a magnitude de seu dom, bem podemos confiar nEle com respeito às coisas menores. Se Deus nos deu a vida, certamente também nos dará o alimento que necessitamos para seu sustento. Se nos deu corpos, certamente podemos confiar que terá que nos dar também roupa para que os cubramos e abriguemos. Se alguém nos der um dom que não tem preço, podemos confiar que sua generosidade será sempre magnânima, que não será mesquinho nem surdo ante nossa necessidade. Portanto, o primeiro argumento é que se Deus nos deu a vida, podemos confiar em que nos dará todas as coisas que necessitamos para sustentá-la.

(2) Jesus prossegue falando das aves (v. 26). Sua vida está desprovida de preocupação. Nunca armazenam o que podem chegar a necessitar em um futuro imprevisível; e entretanto seguem vivendo.

Mais de um rabino se sentiu fascinado ante o modo de vida dos animais. O Rabino Simeão disse:

"Jamais em minha vida vi um cervo que tirasse figos, nem um leão que transportasse cargas, nem uma raposa que fosse comerciante, e entretanto todos eles se alimentam, sem afã algum. Se eles, que foram criados para me servir, vivem sem preocupações, quanto mais eu, que fui criado para servir a meu Criador, deveria viver sem trabalhar em excesso por meu alimento; mas eu corrompi minha vida, e desse modo, prejudiquei minha substância."

Jesus não quer dar ênfase ao fato de que as aves não trabalham; tem-se dito que provavelmente o pardal seja um dos seres vivos que mais trabalha para comer; no que insiste é em que estão desprovidos de afã. Não se poderia encontrar nos animais esse afã do homem por vigiar um futuro que não pode ver; nem tampouco é característico deles acumular bens a fim de desfrutar de uma certa segurança para o futuro.

(3) No versículo 27 Jesus prossegue demonstrando que, de todos os modos, a preocupação é inútil. Este versículo pode interpretar-se de duas maneiras distintas. Pode significar que ninguém, por mais que se preocupe, pode aumentar de estatura. Mas a medida que Jesus usa como exemplo equivale a uns quarenta centímetros, e nenhum homem, por mais baixo que seja, quereria acrescentar quarenta centímetros à sua estatura. Também pode significar, por outro lado, que por mais que nos preocupemos não podemos acrescentar nem um dia à nossa vida, e este significado é mais provável. De todos os modos, o que Jesus quer dizer é que a preocupação é inútil.

(4) Jesus prossegue referindo-se às flores (vs. 28-30). Fala delas do modo como o faria alguém capaz das amar.

Os lírios do campo a que faz referência são provavelmente as papoulas e as anêmonas. Floresciam silvestres, durante um só dia, nas serranias da Palestina. E entretanto, durante tão breve vida estavam vestidas de uma beleza que ultrapassava a dos mantos reais. Quando morriam, não serviam para outra coisa que para ser queimadas. O forno que se usava nos lares palestinos era feito de barro. Era uma espécie de cubo de barro que se colocava sobre o fogo. Quando se desejava elevar a temperatura desses fornos de modo rápido, adicionavam-se ao

fogo molhos de ervas e flores silvestres secas e uma vez acesos eram postos dentro do forno. As flores do campo viviam um só dia, e depois somente serviam para ser queimadas e ajudar à mulher que queria assar algo e tinha pressa. E entretanto, Jesus as vestia de uma beleza que o homem, em seus melhores intentos, nem sequer pode imitar. Se Deus outorgar tanta beleza a uma flor, que somente viverá umas poucas horas, quanto mais fará a favor do homem? Certamente uma generosidade que é tão pródiga com uma flor de um dia, não deve esquecer do homem, que é a coroa de toda a criação.

(5) Jesus segue propondo um argumento fundamental contra a ansiedade. A ansiedade, diz Ele, é característica dos pagãos e não de quem conhece a Deus tal qual Ele é (v. 32). A ansiedade é essencialmente desconfiança com respeito a Deus. Tal desconfiança é compreensível em um pagão, que acredita em deuses egoístas, caprichosos e imprevisíveis, porém não se pode aceitar nos que aprenderam a chamar a Deus com o nome de Pai. O cristão não pode trabalhar em excesso porque aprendeu a acreditar no amor de Deus.

(6) Jesus prossegue sugerindo dois modos de derrotar a ansiedade. O primeiro é concentrar-se acima de tudo na busca do Reino de Deus. Já vimos que procurar o Reino de Deus e fazer a vontade de Deus são a mesma coisa (Mateus 6:10). A aceitação da vontade divina, e o propósito de pô-la em ação em nossas vidas, é a primeira maneira de derrotar a preocupação. Sabemos muito bem, por nossa própria experiência, como um grande amor pode eliminar de nossa mente qualquer outro interesse e preocupação. Tal amor pode ser capaz de inspirar o trabalho, intensificar o estudo, purificar a vida, dominar a totalidade do ser. A convicção de Jesus é que quando Deus se torna o poder dominante de nossas vidas desaparece toda ansiedade.

(7) Por último, Jesus afirma que a preocupação pode ser derrotada, aprendendo a arte de viver um dia de cada vez (V. 34). Os judeus tinham um dito que afirmava: "Não se preocupe com os males de amanhã, porque você não sabe o que lhe pode trazer no dia de hoje. Amanhã

talvez você não esteja vivo, e então você terá ficado preocupado pelos males de um mundo que não lhe pertencerá."

Se vivermos cada dia tal como se nos apresenta, se cumprirmos cada tarefa quando é o momento de fazê-lo, a soma de nossos dias será necessariamente boa. A recomendação de Jesus é que deveríamos enfrentar cada dia segundo suas próprias exigências, sem preocupar-se com um futuro que não somos capazes de prever e por coisas que provavelmente nem sequer aconteçam.

A INSENSATEZ DA ANSIEDADE

Mateus 6:25-34 (continuação)

Vejamos, agora, se podemos sistematizar os argumentos de Jesus contra a ansiedade.

(1) A ansiedade é *desnecessária, inútil e até nociva*. Não pode afetar o passado, porque ninguém pode modificar o que ficou para trás. Omar Khayám tinha razão quando escreveu:

"O dedo que se move escreve e, tendo escrito, continua escrevendo; nem toda a sua piedade e imaginação seriam incapazes de convencê-lo a apagar sequer uma linha. Nem todas as suas lágrimas serão capazes de apagar sequer uma palavra."

O passado passou. Isto não quer dizer que alguém deva desentender-se de seu passado, mas sim que deveria usá-lo como incentivo e guia para agir melhor no futuro, e não como objeto de uma ansiedade em que se atrasa até ficar totalmente imóvel e incapaz de agir. Do mesmo modo, é inútil trabalhar em excesso pelo futuro.

Alistair MacLean, em um de seus sermões, conta uma história que tinha lido. O herói era um médico londrino. "Tinha ficado paralisado, e não podia levantar-se da cama, mas todo o tempo o via alegre, e sua alegria era quase ofensiva. Seu sorriso era tão valente e radiante que todos esqueciam de compadecer-se dele. Seus filhos o adoravam, e quando um deles estava por abandonar o ninho e lançar-se à aventura da

vida, o doutor Greatheart ("coração grande") deu-lhe a seguinte recomendação: "Johnny", disse-lhe, "o que deve fazer é manter-se a si mesmo firme em suas obrigações e objetivos, e fazê-lo como um cavalheiro. E lembre, por favor, que a maioria dos problemas que terá que enfrentar são os que jamais se apresentam."

Trabalhar em excesso pelo futuro é um esforço inútil, e o futuro real nunca é tão desastroso como o futuro de nossos temores.

Mas a ansiedade é pior que inútil; muito freqüentemente é direta e ativamente daninha. As duas enfermidades típicas da vida moderna são a úlcera no estômago e a trombose coronária, e em muitos casos ambas procedem da excessiva preocupação. É um fato comprovado pela medicina que aqueles que riem mais, vivem mais. A ansiedade, que desgasta a mente, também desgasta o corpo, junto com ela. Afeta a capacidade de julgamento do homem, diminui seu poder de decisão e o torna progressivamente cada dia mais incapaz de enfrentar a vida. Que cada qual enfrente o melhor que possa cada situação – não pode fazer mais que isso – e deixe o resto a Deus.

(2) A ansiedade é *cega*. Nega-se a aprender a lição que lhe oferece a natureza. Jesus nos pede que olhemos às aves, toda a maravilhosa abundância e riqueza que respalda a natureza, e que confiemos no amor que nos fala através dessa riqueza. A ansiedade se nega a aprender a lição que a História lhe oferece.

Um salmista se alegrava recordando os acontecimentos da história de seu povo. "Deus meu", exclama, "Sinto abatida dentro de mim a minha alma", e prossegue dizendo: "Lembro-me, portanto, de ti, nas terras do Jordão, e no monte Hermom, e no outeiro de Mizar." (Salmo 42:5, 6, cf. com Deuteronômio 3:9). Quando tudo se fazia insuportável ele recebia conforto com a memória do que Deus tinha feito. O homem que alimenta seu coração com a história do que Deus tem feito no passado, nunca temerá pelo futuro. A ansiedade se nega a aprender a lição que a vida lhe ensina. Seguimos vivendo, e ainda não temos a soga ao pescoço; e entretanto, se alguém nos dissesse alguma vez que

teríamos que passar os maus momentos que passamos, e superado, nós lhe diríamos que seria impossível. A lição da vida é que, de algum jeito, fomos capacitados para suportar o insuportável, e para ir mais à frente do ponto de fratura, sem nos fraturar. A lição da vida é que a ansiedade é desnecessária.

(3) A ansiedade é uma atitude essencialmente *irreligiosa*. Não é consequência de circunstâncias exteriores. Em uma mesma situação um pode sentir-se totalmente sereno e outro, em troca, morrer de preocupação. Tanto a preocupação como a paz provêm, não das circunstâncias exteriores, mas sim do coração.

Alistair MacLean cita uma história de Tolero, o místico alemão. Um dia Tolero se encontrou com um mendigo. "Deus lhe dê um bom dia, amigo", disse-lhe. "Dou graças a Deus porque todos os meus dias foram bons", respondeu-lhe o mendigo; "nunca fui infeliz." Surpreso, Tolero lhe perguntou: "O que você quer dizer?" "Quando faz bom tempo", disse o pobre homem, "dou graças a Deus; quando chove, dou graças a Deus; quando tenho abundância, dou graças a Deus. E dou graças a Deus quando passo fome. E desde que a vontade de Deus é minha vontade, e tudo o que agrada a Deus, agrada a mim também, por que teria que dizer que sou infeliz, quando em realidade não o sou?" Surpreso, Tolero voltou a lhe perguntar: "Quem é você?" E o mendigo lhe respondeu: "Sou um rei." "Onde está seu reino?", perguntou Tolero. E o mendigo lhe respondeu, muito tranqüilo: "Em meu coração."

Isaías já o havia dito, muito tempo antes: "Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti" (Isaías 26:3). Como sustentava aquela mulher nórdica da história: "Sempre sou feliz, e meu segredo é navegar sempre pelos mares, mas deixar sempre meu coração no porto."

É possível que haja pecados piores que a ansiedade, mas certamente nenhum é tão prejudicial, nenhum tão paralisante.

"Não pensem no manhã com ansiedade", é o mandamento de Jesus, e este é o caminho que há que nos levar não somente à paz, mas também ao poder.

Mateus 7

O erro de julgar - Mat. 7:1-5

Ninguém pode julgar - Mat. 7:1-5 (cont.)

A verdade e o ouvinte - Mat. 7:6

Como alcançar os que não são dignos de ouvir - Mat. 7:6 (cont.)

Carta fundamental da oração - Mat. 7:7-11

O pináculo da ética - Mat. 7:12

A regra áurea de Jesus - Mat. 7:12 (cont.)

A vida na encruzilhada - Mat. 7:13-14

Os falsos profetas - Mat. 7:15-20

Conhecidos por seus frutos - Mat. 7:15-20 (cont.)

Os frutos da inautenticidade - Mat. 7:15-20 (cont.)

Os impostores - Mat. 7:21-23

O único fundamento verdadeiro - Mat. 7:24-27

O ERRO DE JULGAR

Mateus 7:1-5

Quando Jesus fala deste modo, como o faz com tanta frequência no Sermão da Montanha, usa palavras e conceitos bem conhecidos pelos judeus de sua época. Muitas vezes os rabinos advertiam a seus ouvintes sobre o engano de julgar a outros. "Aquele que julga favoravelmente a seu próximo", diziam, "será julgado favoravelmente por Deus." Sustentavam que havia seis grandes boas obras que beneficiavam ao crente nesta vida e eram proveitosas até na vida vindoura – estudar, visitar os doentes, praticar a hospitalidade, orar devotamente, educar aos filhos na Lei, e *pensar o melhor com respeito ao próximo*. Os judeus sabiam também que a bondade no julgamento não é menos que uma obrigação sagrada.

É possível se pensar que este mandamento é fácil de obedecer, mas a história está infestada dos mais extraordinários enganos de julgamento. Houve tantos casos de julgamentos equivocados que se acreditaria que os homens deveriam aprender a abster-se totalmente de julgar a outros. Assim aconteceu na literatura.

Na *Edinburgh Review* do mês de novembro de 1814, Lorde Jeffrey escreveu um comentário sobre um poema que acabava de publicar Nordsworth, e que posteriormente se tornou famoso com o título de "A excursão". E em seu julgamento crítico, dizia o comentarista: "Esta obra não vale nada."

Ao comentar a publicação do famoso *Endimión*, de Keats, o periódico *The Quarterly* afirmava, de modo parcimonioso: "Há no poema algumas chispadas de talento que mereceriam melhor uso."

Em repetidas ocasiões artistas que, posteriormente, chegariam a ser famosos, foram rechaçados por serem considerados inúteis. Em suas memórias Gilbert Frankau recorda como, na época vitoriana, a casa de sua mãe era uma reunião onde se encontravam as pessoas mais brilhantes da época. Sua mãe tomava provisões para entreter aos hóspedes com alguma expressão artística. Em certa oportunidade, convidou-se a uma jovem cantor australiana. Depois de ouvi-la, a senhora Frankau declarou: "Que voz atroz! Ela deveria ser amordaçada e não ser permitida cantar o resto de sua vida." A cantora era Nellie Melba, uma das mais famosas sopranos de ópera, poucos anos depois.

Gilbert Frankau, que era produtor de teatro, estava montando uma obra e pediu a uma agência de atores que lhe mandasse candidatos jovens para o papel principal. Chegou um ator, enviado pela agência, e Frankau o provou. Imediatamente depois de ouvi-lo, telefonou aos diretores da agência, e lhes disse: "Não serve, e nunca servirá. É melhor que o aconselhem a buscar outra profissão, se não quiser morrer de fome." O nome do moço era Ronald Colman, que se converteria num dos mais famosos atores de cinema que jamais tenha havido.

Muitas vezes somos culpados de sérios enganos de julgamento.

Collie Knox conta o que ocorreu a ele e a um amigo. Ele tinha sofrido um acidente aéreo enquanto cumpria uma missão como piloto do Royal Flying Corps, durante a II Guerra Mundial. Seu amigo, naquele mesmo dia, tinha sido condecorado pela Rainha no palácio de Buckingham, por sua valentia em combate. Depois das cerimônias mudaram de roupa, e agora vestidos como civis estavam jantando em um famoso restaurante de Londres. Enquanto o faziam se aproximou uma jovem que pôs nas mãos de cada um destes dois heróis uma pena branca, que era sinal de desprezo pela covardia de quem não colaborava no esforço de guerra do Reino Unido.

Difícilmente haja alguém que não seja culpado de ter cometido sérios erros de julgamento. Difícilmente haja alguém que não tenha sofrido algum engano de julgamento com respeito a si mesmo por parte de outros. E entretanto, o estranho é que dificilmente haja um mandamento de Jesus que seja mais freqüentemente desobedecido que este, no qual se nos proíbe julgar a outros.

NINGUÉM PODE JULGAR

Mateus 7:1-5 (continuação)

Há três grandes razões que nos fazem incapazes de julgar a outros.

(1) *Nunca conhecemos todos os fatos nem a totalidade da pessoa que julgamos.*

Faz muito, o famoso rabino Hillel disse: "Não julguem a ninguém até não ter conhecido a sua situação e circunstâncias." Ninguém conhece a força das tentações que outros devem suportar. O homem de temperamento plácido não conhece a tentação daqueles a quem ferve o sangue e se inflamam de paixão ante o menor motivo. O homem que foi bem educado, em um lar decente, não conhece as tentações de quem se criou em um tugúrio, ou em um lugar onde o mal caminha pela rua cotidianamente. Quem tem a bênção de pais cristãos não conhece as tentações de quem leva sobre si a tara de uma herança pecaminosa. O

fato é que se fôssemos capazes de conhecer todas as circunstâncias, ficaríamos surpresos de que tantas pessoas tenham podido ser tão boas, apesar do que tiveram que suportar.

Tampouco conhecemos a totalidade da pessoa. Em determinada situação, alguém pode ser terrivelmente insuportável, mas em outras ocasiões poderá constituir-se em uma torre de poder espiritual e beleza.

Em uma de suas novelas Mark Rutherford conta a história de um homem que se casou pela segunda vez. Sua esposa também tinha estado casada antes, e tinha, de seu primeiro casamento, uma filha adolescente. Esta menina era bastante insuportável, por seu caráter ressentido e sua atitude agressiva. O pobre homem não pôde tirar nada a limpo de sua enteada. Então, inesperadamente, a mãe da moça caiu doente. Imediatamente a filha se transformou. Sem que ninguém tivesse necessidade de dizer-lhe converteu-se na enfermeira ideal, em um autêntico exemplo de devoção e infatigável serviço. Seu habitual silêncio se iluminou com um repentino brilho, e apareceu nela outra pessoa que ninguém teria pensado que jamais podia ocultar-se nela.

Há um tipo de cristal que se chama "pedra do Lavrador". À primeira vista é uma pedra opaca, feia, que não chamaria a atenção de ninguém, mas se lhe damos volta, repentinamente, em certa posição, vista de certo modo, estala um brilho muito bonito. Há muitas pessoas que são como esta pedra. Pareceriam ser difíceis de amar, mas é porque não as conhecemos na totalidade de suas facetas.

Todos têm algo bom. Nossa responsabilidade não é julgar e condenar a outros, atendo-nos ao conhecimento superficial que temos deles, mas sim a procurar a beleza oculta que nos fará amá-los. Isso é o que esperaríamos de outros com respeito a nós e é o modo em que devemos agir com respeito a outros.

(2) *É quase impossível julgar de maneira absolutamente imparcial.* Uma e outra vez somos arrastados e desviados por nossas reações instintivas, não racionadas, frente a outros. Nossos julgamentos não obedecem ao julgamento mas apenas a uma reação totalmente irrazoável

e ilógica. Diz-se que às vezes, entre os gregos, quando se julgava a alguém por alguma causa muito delicada, o julgamento se realizava às escuras, para que os juízes não pudessem ver o culpado e assim não ser influídos por outra coisa que os fatos do caso.

Em um de seus ensaios, Montaigne conta uma aguda e amarga história: Havia um juiz persa que tinha dado um veredicto injusto, tendo recebido suborno para isso. Quando Cambises, o rei, descobriu o que tinha ocorrido, deu ordem de que o juiz fosse executado. Depois da execução mandou que lhe tirassem a pele e com ela atapetou a poltrona em que os juízes se sentavam para emitir seus veredictos, como macabro aviso do caráter da justiça que não se vende. Somente uma pessoa completamente imparcial tem direito de julgar a outros. Mas não está na natureza humana o ser totalmente imparcial. Somente Deus pode nos julgar.

(3) Mas Jesus é quem deu expressão à principal das razões que nos impedem de julgar a outros. *Ninguém é o suficientemente bom para julgar a outros.* Jesus desenhou a imagem muito clara do homem que tem uma trave em seu olho e busca tirar o argueiro que há no olho de seu próximo. O cômico desta situação provocará nossa risada, e isto será suficiente para que aprendamos a lição. Somente o que é irrepreensível tem direito de procurar faltas em outros. Ninguém tem o direito de criticar a outro se não está disposto a, pelo menos, tentar que suas ações sejam melhores que as do outro, a quem critica. Todos os domingos os estádios de futebol estão cheios de pessoas que são críticos azedos dos enganos que os jogadores cometem, mas que ficariam em ridículo se eles mesmos descessem ao campo de jogo e tivessem que dirigir a bola.

Toda igreja e toda organização de qualquer tipo está cheia de pessoas que estão preparadas para criticar os que dirigem o grupo, mas jamais sonhariam em assumir eles mesmos responsabilidades diretivas. O mundo está infestado de pessoas que reclamam o direito de julgar a outros mas se abstêm de toda ação positiva. Ninguém tem o direito de

criticar a outros a menos que esteja disposto a encontrar-se na mesma situação. Ninguém é o suficientemente bom para criticar a seu próximo.

Temos muito que fazer para retificar nossas próprias vidas para que tratemos de retificar as de outros. Seria conveniente nos concentrarmos em nossas próprias faltas, e deixar as faltas de outros ao juízo de Deus.

A VERDADE E O OUVINTE

Mateus 7:6

Este dito de Jesus é, evidentemente, muito difícil de interpretar, porque parece exigir uma exclusividade que é precisamente o contrário do espírito da mensagem cristã. A Igreja Primitiva o aplicava em duas circunstâncias particulares:

(1) Usavam-na os judeus que acreditavam que os dons e a graça de Deus eram somente para os judeus. Os inimigos do apóstolo Paulo, cristãos judeus, sustentavam que os pagãos antes de poder entrar na Igreja deveriam circuncidar-se e aceitar a Lei, quer dizer, fazer-se judeus antes de poder chegar a ser cristãos. Era um texto que podia, certamente, interpretar-se como apoio do exclusivismo dos cristãos judaizantes.

(2) A Igreja primitiva usava este texto de maneira muito particular. A Igreja estava sob um duplo ataque. Estava ameaçada de *fora*. A Igreja primitiva era uma ilha de pureza rodeada por muito imoralidade pagã. Era muito fácil que essa imoralidade afetasse sua vida, tornando-a mundana. Mas também havia a ameaça que provinha de *dentro* da mesma Igreja.

Naquela época primitiva, os cristãos começavam a elaborar as doutrinas da fé, e era inevitável que alguns fossem levados ao caminho da heresia por suas especulações. Houve alguns que procuraram estabelecer uma solução de compromisso entre as categorias cristãs e a filosofia do paganismo, chegando a alguma síntese de ambos os pensamentos que pudesse satisfazer aos dois. Para poder sobreviver a Igreja devia defender-se tanto das ameaças exteriores como desta ameaça

interior: de outro modo teriam chegado a converter-se em mais uma das religiões que competiam dentro do marco do Império Romano.

Especialmente, os cristãos daquela época eram muito cuidadosos com respeito à qualidade das pessoas que eram admitidas à celebração da Eucaristia ou Ceia do Senhor. Este texto se associava com essa prática. A Santa Ceia começava com o anúncio: "As coisas santas são para os santos." Teodoreto cita o que, segundo ele, é um dito de Jesus que não foi recolhido pelos evangelistas: "Meus mistérios são para mim e para os meus."

A *Constituição Apostólica* estabelece que ao começar a Ceia, um dos diáconos devia dizer: "Que nenhum dos catecúmenos (quer dizer, aqueles que se estavam preparando para receber o batismo), e nenhum dos auditores os que tinham vindo ao culto porque estavam interessados em conhecer algo sobre o cristianismo), e nenhum dos incrédulos, e nenhum dos hereges, permaneça neste lugar. A Mesa do Senhor estava fechada para todos, exceto os cristãos.

O *Didaquê*, um livro cujo título completo era *O ensino dos doze apóstolos*, que data do ano 100 de nossa era, e que é o primeiro "manual de culto" ou "livro de oração comum" da Igreja, estabelece: "Que ninguém coma ou beba da Ceia, exceto os que foram batizados no nome do Senhor: porque, com respeito a isto, o mesmo Senhor disse: 'Não dêem o santo aos cães!'" Um dos protestos de Tertuliano é que os hereges permitem o acesso à Ceia a toda classe de pessoas, até aos pagãos, e ao fazê-lo, "Jogam aos cães o que é santo, e aos porcos as pérolas (embora por certo não são verdadeiras pérolas)" (*Do Praescriptione*, 41).

Em todos estes casos o texto serve como fundamento de alguma forma de exclusivismo. Tal atitude não significa que a Igreja carecesse de uma mentalidade missionária: a Igreja dos primeiros tempos vivia consumida pelo afã de ganhar a todos para Cristo. Mas ao mesmo tempo era consciente da necessidade de manter no alto a pureza da fé, para que o cristianismo não fosse absorvido pouco a pouco, e finalmente tragado, pelo oceano de paganismo que o rodeava.

É fácil dar-se conta do significado transitivo deste texto; mas nós devemos tentar ver também seu significado *permanente*.

COMO ALCANÇAR OS QUE NÃO SÃO DIGNOS DE OUVIR

Mateus 7:6 (continuação)

É possível que este dito de Jesus tenha sido modificado acidentalmente no processo de transmissão. Constitui, literalmente, um bom exemplo do paralelismo hebreu que já encontramos anteriormente (Mateus 6:10). Leiamos-lo em duas orações paralelas:

Não deis aos cães o que é santo,
nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas...

Com exceção de uma palavra, o paralelismo é perfeito; *dar* possui como paralelo equivalente a *jogar*; os *cães* têm seu paralelo nos *porcos*; mas *santo* não pode equiparar-se como paralelo de *pérolas*. Aqui se rompe o paralelismo. Entretanto, havia duas palavras hebraicas muito similares, especialmente quando lembramos que o hebraico antigo não tinha vocais escritas, mas apenas consoantes. A palavra que significa *santo* é *kadosh* (K D SH) e a palavra aramaica que significa *aro* é *kadasha* (K D SH). As consoantes são exatamente iguais e na antiga escritura hebraica ambas as palavras se escreviam igual. Mais ainda, no Talmud aparece a frase proverbial "um aro no focinho de um porco", que significava algo completamente incongruente, fora de lugar. Não é impossível, então, que a frase original dissesse:

"Não deis um aro aos cães,
nem lanceis as vossas pérolas aos porcos."

Neste caso existiria um paralelismo que poderíamos denominar perfeito.

Se este fosse o texto original do ensino de Jesus, significaria simplesmente que há certas pessoas que não são capazes de receber a mensagem cristã que a Igreja está desejosa de oferecer. Não se trataria pois, de uma declaração de exclusivismo, mas sim de uma antecipação da dificuldade prática com que se enfrentariam os cristãos ao pregar o

evangelho, em qualquer época da história. É muito certo que é completamente impossível repartir a verdade a certas pessoas. Antes de receber algum ensino, *algo deve suceder em suas vidas*. Há um dito rabínico que afirma: "Assim como os tesouros não devem ser mostrados a qualquer um, as palavras da Lei não devem ser aprofundadas a não ser na presença de quem está capacitados a nos acompanhar."

Esta é uma verdade universal. Não é com qualquer um que podemos falar de qualquer coisa. Em um grupo de amigos podemos nos sentar a conversar sobre nossa fé; podemos permitir que nossas mentes questionem e aventurem respostas; podemos falar das coisas que não compreendemos e das que nos deixam perplexos, e podemos permitir que nossas mentes se lancem aos caminhos da especulação. Mas se ao mesmo grupo ingressa uma pessoa de ortodoxia rígida e pouco pormenorizada, o mais provável é que, ao ela nos ouvir, pendure em nós a etiqueta de hereges perigosos; e se, em troca, entra uma alma simples, daquelas que jamais imaginam perguntas, o mais provável é que ao nos ouvir, sinta que sua fé é abalada e posta em tela de juízo.

Um filme científico, sobre os aspectos médicos do sexo, por exemplo, pode servir para alguns como experiência iluminadora, reveladora, valiosa e saudável; mas haverá outros, predispostos à obscenidade e à curiosidade insalubre, que serão incapazes de compreender o verdadeiro significado das imagens.

Conta-se do Dr. Johnson que em certa oportunidade estava brincando e contando piadas como só pode fazer-se em um grupo de amigos íntimos. Repentinamente viu que se aproximava uma pessoa que ele conhecia, cujo caráter era muito pouco agradável, e disse: "Fiquemos quietos, porque vem um tolo."

De maneira, pois, que há certas pessoas que são incapazes de receber a verdade cristã. Pode ser que suas mentes estejam fechadas; possivelmente tenham a capacidade de compreensão embotada pela imundície que recobre seus sentidos; possivelmente tenham levado vidas que obscureceram sua capacidade para ver a verdade; possivelmente

sejam zombadores por natureza, especialmente frente a tudo o que é santo; possivelmente, como ocorre às vezes, careçamos completamente de um terreno comum com eles, a partir do qual possamos argumentar. Ninguém pode compreender senão aquilo para o qual está capacitado. Não podemos abrir nossos corações e mostrar seus segredos ante qualquer um. Sempre há alguns para quem a pregação de Cristo é tolice, e em cujas mentes a verdade, ao ser expressa em palavras, encontrará um muro impenetrável.

O que faremos com estes? Temos que abandoná-los, considerando-os casos perdidos? Vamos privá-los, terminantemente, da mensagem cristã? O que as palavras não podem fazer, *frequentemente pode fazê-lo uma vida autenticamente cristã*. É possível que haja alguns absolutamente impermeáveis à mensagem cristã por meio de argumentos, mas que não terão resposta para a demonstração de uma vida cristã.

Cecil Northcott, em *Uma Epifania Moderna*, conta a história de uma conversa durante um acampamento no qual conviviam jovens cristãos de distintas nacionalidades. "Uma noite muito úmida um grupo dentre os acampantes conversavam sobre as distintas maneiras de comunicar o evangelho às pessoas. Em certo momento da discussão, voltaram-se para uma moça africana: "Maria, o que vocês fazem em seu país?" "Não falamos", disse Maria, "não organizamos campanhas evangelísticas nem distribuimos folhetos. Simplesmente *enviamos* uma ou duas famílias cristãs para viver em uma aldeia onde o resto são pagãos. E quando vêm como são os cristãos, eles também querem tornar-se cristãos."

Em última instância o único argumento que pode conquistar toda objeção é o de uma vida verdadeiramente cristã.

Com frequência é impossível falar de Cristo frente a algumas pessoas. Sua insensibilidade, sua cegueira moral, seu orgulho intelectual, sua zombaria cínica, a sujeira de suas mentes, é possível que os fechem totalmente às palavras que falam de Cristo. Mas sempre é possível

mostrar a Cristo aos homens: a fraqueza da Igreja não é a falta de argumentos cristãos mas a escassez de vidas cristãs consagradas.

CARTA FUNDAMENTAL DA ORAÇÃO

Mateus 7:7-11

Todo homem que ora querará saber a que Deus está orando. Em que classe de atmosfera serão ouvidas suas orações. Dirige-se a um Deus avaro, de quem se deve arrancar os dons pela força? Dirige-se a um Deus zombador, cujos dons bem podem ser armas de duplo sentido? Ou se dirige a um Deus bondoso, que está mais disposto a dar que nós a pedir?

Jesus provinha de uma nação que amava a oração. Os rabinos judeus disseram algumas das coisas mais belas que ninguém jamais disse com respeito à oração. "Deus está tão perto de suas criaturas como a orelha está perto da boca." "Os seres humanos dificilmente podem ouvir a duas pessoas que falam ao mesmo tempo, mas Deus é capaz de nos ouvir a cada um de nós, mesmo que todo mundo clame a Ele em um mesmo momento". "O homem se incomoda quando o chateiam os pedidos de seus amigos, mas no caso de Deus, cada vez que alguém eleva a Ele suas necessidades, mais o ama."

Jesus tinha sido educado no amor da oração. Nesta passagem nos oferece a carta fundamental cristã da oração.

O raciocínio de Jesus é muito simples. Um dos rabinos judeus perguntava se haveria algum homem que fosse capaz de odiar a seus filhos. O argumento de Jesus era que se os homens não são capazes de odiar a seus filhos, Deus, o Pai celestial, não se negará jamais a ouvir as orações de suas criaturas.

Jesus escolhe seus exemplos com cuidado. Escolhe três, porque Lucas acrescentará mais um aos dois que temos em Mateus. Se o filho pedir pão, seu pai lhe dará uma pedra? Se o filho pedir um peixe, o pai lhe dará uma serpente? Se o filho pedir um ovo, o pai lhe dará um escorpião? (Lucas 11:12).

É importante que nos três exemplos, os dois objetos mencionados são de aparência semelhante. As pedras arredondadas que cobriam a costa do mar eram exatamente da forma, do tamanho e da cor de pequenas migalhas de pão. Se um filho pedir pão a seu pai, acaso este se rirá dele, oferecendo-lhe uma pedra, que possa confundir-se com um pão, porque seu aspecto é similar, mas que não se pode comer? Se o filho pede peixe, poderá o pai lhe dar uma serpente? A *serpente*, neste caso, provavelmente seja uma *enguia*. Segundo as leis judias a enguia não se podia comer, porque era um peixe impuro por não ter barbatanas nem escamas (Levítico 11:12). Se o filho pede peixe a seu pai, este lhe dará um peixe, mas um peixe que está proibido comer, e que é inútil para isso? Zombará um pai deste modo da fome de seu filho? E se o filho pede um ovo, seu pai lhe dará um escorpião? O escorpião é um animal pequeno e perigoso. Em movimento, parece-se com uma lagosta de mar, aferra-se a seu vítima com duas pinças que tem nas extremidades de suas patas dianteiras. Tem o aguilhão na cauda e levantando-a rapidamente crava o aguilhão por cima do lombo; a picada pode ser muito dolorosa, e às vezes fatal. Quando o escorpião descansa, recolhe as patas, pinças e cauda e há uma espécie de escorpião pálido que pode confundir-se muito facilmente com um ovo. Se o filho pedir um ovo, há de seu pai enganá-lo, oferecendo-lhe, em seu lugar, um escorpião venenoso?

Deus nunca se negará a ouvir nossas orações, e nunca se rirá de nossos pedidos. Os gregos tinham em sua mitologia histórias de deuses que respondiam às orações de seus fiéis, mas estas respostas sempre tinham alguma armadilha, eram armas de dois gumes. Aurora, a deusa da alvorada, apaixonou-se por Teotônio, um jovem mortal. Zeus, o rei de todos os deuses, ofereceu-lhe qualquer dom que ela quisesse, para seu amante mortal. Aurora, é obvio, escolheu que o dom fosse a vida eterna para Teotônio, mas se esqueceu de pedir, ao mesmo tempo, a juventude eterna. De modo que Teotônio envelheceu cada vez mais sem nunca poder morrer, e o dom que tinha recebido se transformou em uma maldição.

Podemos extrair uma lição de tudo isto. Deus responderá sempre nossas orações, mas o fará à sua maneira, e sua maneira será a da perfeita sabedoria e o perfeito amor que o caracterizam. Frequentemente, se respondesse nossas orações tal como nós o desejamos, o resultado seria o pior possível para nós, porque em nossa ignorância costumamos pedir coisas que em vez de nos beneficiar nos prejudicariam. Este dito de Jesus afirma não somente que Deus responderá nossas orações, mas sim o fará com sabedoria e amor.

Mas embora esta seja a carta fundamental da oração cristã, impõem-nos certas obrigações. Em grego há duas formas imperativas do verbo. A primeira é o imperativo aoristo, que pronuncia uma ordem definida e limitada: "Feche a porta", por exemplo, seria um imperativo aoristo. Mas também existe imperativo *presente*, que dá caráter de continuidade à ordem que se reparte, como se se dissesse: "Feche sempre as portas." Os imperativos que aparecem aqui são imperativos presentes, e seu significado, portanto, é "Peçam sempre, e sigam pedindo; procurem sempre, e sigam procurando, batam sempre, e sigam batendo."

Jesus nos diz que devemos persistir na oração; diz-nos que não devemos desanimar. É evidente que nisto reside a prova de nossa sinceridade. Queremos realmente o que estamos pedindo? É algo de tal natureza que podemos voltar a levá-lo, uma e outra vez, ao trono da graça divina? Porque a prova do valor de qualquer desejo, sempre será se posso pedir a Deus por ele, em oração. Jesus estabelece, nesta passagem, a dupla realidade de que Deus sempre responderá nossas orações *a sua maneira*, em sabedoria e amor; e que devemos levar ante Deus uma vida de infatigável oração, que demonstre a validade das coisas pelas quais pedimos, e a validade de nossa sinceridade ao pedi-las.

O PINÁCULO DA ÉTICA**Mateus 7:12**

Estas são, provavelmente, as palavras mais universalmente famosas que Jesus proferiu. Com este mandamento o Sermão da Montanha alcança seu cume e pico mais alto. Este dito de Jesus foi chamado "a pedra angular de todo o sermão". Constitui o regulamento fundamental de toda ética social, e é o pináculo de toda doutrina ética.

É possível citar ditos rabínicos paralelos de virtualmente tudo o que Jesus ensinou. Mas não existem paralelos desta doutrina. É algo que nunca ninguém havia dito antes. É um novo ensino, uma nova forma de ver a vida e as obrigações que a vida impõe.

Não é difícil encontrar muitos paralelos deste afirmação em forma negativa. Como já o tínhamos afirmado, havia sobretudo dois mestres rabínicos, entre os judeus, que desfrutavam de enorme fama: Hillel, que era reconhecido por sua doçura e graça, e Shamaï, que orientava seus ensinamentos segundo uma rígida e firme austeridade. Os judeus contavam a seguinte história:

"Um pagão foi a Shamaï e lhe disse: 'Estou disposto a me converter em partidário e ingressar no judaísmo, se você for capaz de me ensinar toda a Lei enquanto eu me mantiver na posição de uma perna num só pé.' Shamaï o expulsou de sua casa, batendo nele com um ponteiro que tinha à mão. O pagão, então, foi a Hillel, quem o recebeu como partidário, e lhe disse: 'Não faça a outros o que você não gostaria que fizessem a você; esta é toda a Lei, veja bem e continue aprendendo-a'."

Aqui temos a Regra Áurea em sua forma negativa. No Livro de Tobias há uma passagem no qual o ancião Tobias ensina a seu filho tudo o que necessita para a vida, e um de seus máximas é: "O que não queres para ti, não o faças a ninguém" (Tobias 4:15). Há um livro judeu que se chama *A Carta a Aristéas*, que se apresenta como uma crônica do que aconteceu com os sábios judeus que se reuniram em Alexandria para traduzir as escrituras hebraicas ao grego e produziram a Septuaginta. O rei do Egito lhes tinha devotado um banquete, durante o qual lhes fez

muitas perguntas difíceis. Entre outras lhes disse: "Qual é o ensino da sabedoria?" E um dos eruditos judeus lhe respondeu: "Assim como você gostaria que nenhum mal lhe sobreviesse, mas sim queria ser partícipe de todo o bem, assim aja com seus súditos e seus ofensores, admoestando docemente aos nobres e aos bons. Porque Deus atrai para si a todos os homens mediante a benignidade" (*A Carta ao Aristeas*, 207).

O rabino Eliézer foi provavelmente o que mais perto esteve da maneira em que Jesus o diz, quando ensina "Que a honra de seu amigo seja tão cara para ti como a tua própria". O salmista conhecia também a forma negativa deste ensino, quando afirmava que somente o que não fizeram mal a ninguém podem aproximar-se de Deus (Salmo 15:3). Não é difícil encontrar paralelos no judaísmo da forma negativa da Regra de Ouro; mas não há paralelo da forma positiva em que Jesus a expressou.

O mesmo ocorre com os ensinamentos das outras religiões. A forma negativa desta lei suprema é um dos princípios básicos nos ensinamentos de Confúcio. Tze-Kung lhe perguntou: "Há alguma palavra que possa servir como regra para ordenar toda a vida do homem?" E Confúcio respondeu: "Não é acaso 'reciprocidade' essa palavra que buscas? O que não queres que te façam, tampouco o faças aos outros."

Nos *Hinos da Fé do budismo* há alguns versos muito bonitos, que se aproximam muito do ensino do cristianismo:

Todos os homens tremem ante o açoite,
todos temem de morte;
Ponha-os no lugar dos outros, não matem,
nem ordenem matar.
Todos os homens tremem ante o açoite,
todos os homens amam a vida;
Façam como preferiria que lhes fizessem,
não matem nem ordenem matar.

O mesmo ocorre com os gregos e os romanos, Sócrates conta que o rei Nicocles impôs aos oficiais de seu exército o seguinte regulamento: "Não façam a outros aquelas coisas que deixam vocês zangados quando

as experimentam às mãos de outros." Epicteto condena a escravidão, fundando-se em que: "O sofrimento que a gente mesmo evita, não deve infligi-lo a outros." Uma das máximas básicas dos estóicos era: "O que não desejam que lhes seja feito, jamais o façam a outros." E se conta que o imperador Alexandre Severo fez que esta máxima fora gravada em pedra e colocada na parede de seu palácio, para não esquecê-la nunca como norma de vida.

Em sua forma negativa, este ensino é por certo a fundamentação de tudo ensino ética, mas ninguém, exceto Jesus, enunciou-a em sua forma positiva. Muitas vozes disseram: "Não façam a outros, o que não querem que outros façam a vocês." Mas ninguém antes havia dito: "Façam aos outros o que vocês querem que eles façam a vocês."

A REGRA ÁUREA DE JESUS

Mateus 7:12 (continuação)

Vejam agora no que se diferenciam a forma negativa e a positiva desta regra áurea. E vejamos quanto mais exigiu Jesus que qualquer outro mestre que a humanidade tenha tido.

Quando se enuncia esta norma em sua forma negativa, quando se diz que não devemos fazer a outros o que não queremos que outros façam conosco, a norma não é tão fundamental para a vida religiosa, mas sim ocupa um lugar subordinado. Trata-se simplesmente de uma afirmação do sentido comum, sem a qual as relações sociais seriam impossíveis no mundo. Se não pudéssemos dar por sentado que o comportamento das demais pessoas tem que ajustar-se às normas da vida civilizada, a vida em sociedade seria intolerável. A forma negativa da regra áurea não nos impõe uma obrigação adicional, mas sim é algo sem o qual seria impossível a mera existência de nossa sociedade.

Mais ainda, a forma negativa da regra áurea, envolve somente o não fazer certas coisas, significa evitar certas ações. Nunca é tão difícil não fazer algo. O não ferir a outros não é um princípio religioso fundamental,

é antes um princípio legal. A classe de princípios que podem ser observados pelos que não acreditam em nada nem têm nenhum interesse religioso. A pessoa poderia abster-se de fazer o mal a outros, e entretanto não ser mais que uma pessoa inútil para seus semelhantes. Pode-se satisfazer a forma negativa da regra áurea, limitando-se a inação. Com não fazer absolutamente nada, evita-se quebrantar esta norma, de maneira perfeita. A bondade que consiste em não fazer nada seria uma total contradição de tudo o que significa a bondade cristã.

Quando se enuncia esta norma em forma positiva, quando se nos diz que devemos fazer a outros o que queremos que eles nos façam, entra em nossas vidas um novo princípio, e uma nova atitude para com nossos semelhantes. Uma coisa é dizer: "Não devo ferir a outros." Esta pode ser uma obrigação legal. Outra coisa muito distinta é dizer: "Devo me esforçar em ajudar a outros, sendo amável com eles, assim como eu gostaria que outros me ajudassem, sendo amáveis comigo." Somente o amor poderá nos ajudar a fazer isto. A atitude de quem afirma: "Não devo fazer mal a ninguém" é diametralmente oposta à de quem sustenta: "Devo fazer todo o bem que eu puder."

Para tomar uma analogia muito simples – se alguém tiver um carro, a lei pode obrigá-lo a dirigir de tal maneira que não atropеле as pessoas ou aos outros veículos, na rua ou estrada, mas nenhuma lei civil pode obrigá-lo a deter-se e levantar um caminhante cansado e com os pés feridos. É algo simples evitar fazer o mal a outros; não é tão difícil respeitar seus princípios e seus sentimentos. Mas é muito mais difícil estabelecer deliberadamente como política e norma de nossa vida, o fazer tudo o que esteja a nosso alcance para agir de maneira tão amável para outros como gostaríamos que eles agissem conosco. E entretanto, é justamente esta nova atitude o que faz bela a vida.

Jane Stoddart cita um incidente da vida de W. H. Smith.

“Quando Smith estava no Ministério de Guerra, seu secretário particular, o senhor Fleetwood Wilson, deu-se conta de que um sábado pela tarde, quando já tinha terminado a semana de trabalho, Smith estava ainda

ocupado em preparar a valise em que ele mesmo levaria os documentos que devia revisar durante o fim de semana no campo. O secretário, Wilson, disse-lhe que pouparia todo esse trabalho se adotasse a prática comum de outros ministros de governo – deixar os papéis para que fossem enviados pelo correio. Smith pareceu um pouco confundido por um momento e depois disse: ‘O que ocorre, Sr. Wilson, é que o carteiro que nos traz a correspondência desde Henley, tem já muitas coisas que carregar. Uma manhã eu o vi aproximar-se de minha casa, com o pesado pacote de meus papéis além das outras cartas e pacotes que normalmente deve levar, e fiz o propósito de evitar-lhe essa carga adicional, se estava em minhas mãos.’”

Ações assim demonstram uma atitude especial para com o nosso próximo. É a atitude de acreditar que não devemos limitar nossos entendimentos com outros ao que permite a lei, mas sim devemos tratá-los como o exige o amor.

É perfeitamente possível para qualquer um observar a regra áurea em sua forma negativa. Mediante um esforço poderia disciplinar sua vida de não fazer nunca nada que não queira que outros façam a ele. Mas a única pessoa que pode começar a obedecer, sequer, a regra áurea em sua forma positiva é aquele que tem o amor de Cristo em seu coração. Tentará perdoar tal como espera ser perdoado; ajudar tal como gostaria de ser ajudado; reconhecer o bom de outros tal como espera que se reconheça o seu; compreender, tal como espera ser compreendido. Nunca procurará evitar fazer coisas; estará sempre procurando coisas para fazer. É evidente que isto complicará sua vida; terá muito menos tempo livre para satisfazer seus desejos e atividades prediletas, porque uma e outra vez se verá obrigado pelo amor a deixar de fazer o que está fazendo para ajudar a outros. Será um princípio que dominará sua vida no lar, na fábrica, no ônibus, no escritório, na rua, no trem, nos lugares de recreação, e em todas as partes. Nunca poderá obedecer este princípio até que seu egoísmo não tenha morrido, extinto por completo de seu coração. Para obedecer este mandamento terá que converter-se em um homem novo, e possuir um novo centro em sua vida. Se o mundo

estivesse composto por indivíduos que procurassem obedecer esta regra, viveríamos em um mundo novo.

A VIDA NA ENCRUZILHADA

Mateus 7:13-14

A vida sempre tem certa qualidade dramática, porque tal como foi dito: "Quando um homem se encontra em uma encruzilhada, concentra-se sobre ele toda a vida". Cada ação da vida confronta o homem com uma decisão iniludível; não pode permanecer impassível. Sempre deve escolher um caminho ou outro. Por isso, uma das funções mais importantes de todos os grandes homens da história, foi enfrentar a seus contemporâneos com essas decisões iniludíveis.

Quando se aproximava o fim de sua vida, Moisés falou com seu povo e lhes disse: "Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal., escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência..." (Deuteronômio 30:15-20). Quando Josué estava a ponto de transmitir o mando de seu povo, ao final de sua vida, enfrentou-os com a mesma eleição: "Escolhei hoje a quem sirvais" (Josué 24:15). Jeremias ouviu a voz de Deus que lhe dizia: "A este povo dirás: Assim diz o SENHOR: Eis que ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte" (Jeremias 21:8).

É esta a decisão que Jesus põe diante dos homens nesta passagem. Há um caminho largo e fácil de transitar, e há muitos que o escolhem; mas o fim dos que andam por ele é a ruína. Há um caminho estreito e difícil, e muito poucos são os que vão por ele; mas o fim deste é a vida. Ceve, o discípulo do Sócrates, escreveu em sua obra *Tábula*: "Vê uma porta e em frente um caminho não muito transitado, pois os viajantes são poucos? Esse é o caminho que conduz à verdadeira instrução."

Examinemos a diferença entre os dois caminhos.

(1) É *a diferença entre o fácil e o difícil*. Nunca há vias fáceis que conduzam à grandeza; esta sempre é produto do esforço.

Hesíodo, o antigo poeta grego, escreve: "A maldade pode se ter em abundância com facilidade, o atalho é liso, e ela habita muito perto; mas frente à virtude os deuses imortais colocaram o suor." Epicarmo disse: "Os deuses nos exigem trabalho duro, como preço de todas as coisas boas." O homem ardiloso não deseja as coisas brandas", adverte, "porque terminará recebendo as duras."

Em certa oportunidade Edmund Burke pronunciou um grande discurso no Parlamento inglês, onde era deputado. Ao terminar, alguns observaram que seu irmão, Richard Burke, estava submerso em profundos pensamentos. Perguntaram-lhe o que estava pensando, e respondeu: "Estava-me perguntando como fez Edmund para monopolizar todo o talento de nossa família; mas depois lembrei que quando todos nós estávamos jogando, ele estava invariavelmente trabalhando."

Mesmo que algo se faz com aparente facilidade, essa facilidade mesma é, sem dúvida, o resultado de muito trabalho duro e perseverante. A habilidade do concertista de piano, ou a do campeão no campo de golfe, não se alcança sem muito suor.

Nunca houve outro caminho que conduzisse à grandeza que o caminho do trabalho, e algo que prometa ser um atalho não é mais que uma miragem e uma armadilha.

(2) *É a diferença entre o caminho longo e o curto.* É muito estranho que algo surja perfeito e acabado, sem que haja custado um longo esforço. A grandeza, em geral, provém de muito tempo dedicado ao trabalho e à contínua atenção aos detalhes.

Horácio, em sua *Poética*, recomenda a Pisón que quando escrever algo o guarde durante nove anos antes de publicá-lo. Conta-lhe de um discípulo que costumava levar exercícios a Quintílio, o famoso crítico, o qual normalmente lhe dizia: "Apaga-o e atira-o ao lixo, não o forjaste, debes devolvê-lo ao fogo e à bigorna."

A *Eneida*, de Virgílio, foi o trabalho dos últimos dez anos de sua vida. Quando estava a ponto de morrer, seu propósito foi destruir a obra,

porque a considerava imperfeita, e o teria feito se seus amigos não o tivessem detido. A *República*, de Platão começa com uma afirmação muito singela: "Ontem fui ao Pireo, com Glauco, filho do Aristão, para oferecer uma oração à deusa."

No manuscrito de Platão, de seu próprio punho e letra, havia correções que indicam como lhe ocorreram sucessivamente pelo menos treze versões diferentes desta primeira frase. O grande mestre da literatura grega trabalhou infatigavelmente com uma só oração, até conseguir a cadência exata que se adequava ao texto que queria produzir.

Um dos poemas imortais da literatura universal é a *Elegia* escrita em um cemitério rural, de Thomas Gray. Seu autor a escreveu no verão de 1742, e só em 12 de junho de 1750 começou a circular, entre o grupo mais íntimo de seus amigos. Sua perfeição lapidária custou ao autor oito anos de trabalho.

Ninguém chegou a produzir uma obra mestra tomando um atalho. Neste mundo, constantemente nos são oferecidos atalhos, a promessa de resultados imediatos; e o caminho longo, cujos resultados se produzem a longo prazo. As coisas de valor duradouro nunca se produzem instantaneamente; o caminho longo, em última análise, é sempre o mais adequado.

(3) É a diferença entre o caminho disciplinado e o indisciplinado. Nada se obteve jamais sem uma estrita disciplina. Muitos atletas e muitos homens comuns arruinaram suas possibilidades por abandonar a disciplina e permitir uma atitude descuidada.

Coleridge é a suprema tragédia da indisciplina. Nunca houve uma mente tão grande que produzisse tão pouco. Abandonou a Universidade de Cambridge para entrar no exército; abandonou o exército porque, apesar de sua erudição, não podia pôr o cabresto num cavalo. Ingressou em Oxford, para reiniciar seus estudos, mas também saiu desta universidade sem obter grau acadêmico algum. Lançou um periódico, chamado *The Watchman* e o abandonou depois de publicar dez números. Tem-se dito a seu respeito: "Perdia-se em visões de trabalho que seria

bom fazer mas que jamais faria. Coleridge possuiu todos os dons que fazem um grande poeta, exceto um, o da concentração no trabalho." Em sua cabeça e sua mente tinha inumeráveis livros, segundo ele mesmo dizia: "terminados, embora falta escrevê-los". "Estou em vésperas", diz, de enviar à imprensa dois volumes em oitavo." Mas os livros nunca foram compostos fora de sua mente, por não submeter-se à disciplina de sentar-se a escrevê-los.

Ninguém alcançou a eminência, e uma vez alcançada conseguiu mantê-la, sem disciplina no trabalho:

(4) *É a diferença entre o trabalho reflexivo e a irreflexão.* Aqui chegamos ao centro do problema. Ninguém escolheria o caminho fácil, curto e indisciplinado se refletisse sobre o assunto. Neste mundo tudo tem dois aspectos – o que tem no momento e o que terá amanhã. O caminho fácil poderá parecer muito tentador no momento, e o caminho difícil muito pouco atrativo. A única forma de organizar corretamente nossa escala de valores é ver não somente o princípio mas também a meta de nossos caminhos, ou seja ver todas as coisas não somente à luz do tempo, mas também à luz da eternidade.

OS FALSOS PROFETAS

Mateus 7:15-20

Quase todas as expressões e frases deste texto poderiam evocar, nos judeus que as ouviram, coisas que para eles eram bem familiares. Os judeus conheciam muito bem tudo concernente a falsos profetas. Jeremias, por exemplo, teve problemas com os profetas que diziam "Paz, paz; e não há paz" (Jeremias 6:14, 8:11).

O falsos profetas e os falsos governantes eram chamados de *lobos*. Na pior época de Israel, Ezequiel havia dito: "Os seus príncipes no meio dela são como lobos que arrebatam a presa para derramarem o sangue, para destruírem as almas e ganharem lucro desonesto" (Eze. 22:27). Sofonías traça um escuro quadro do estado de coisas em Israel quando

diz: "Os seus príncipes no meio dela (a nação do Israel) são leões rugidores, os seus juízes lobos da tarde; nada deixam até o dia seguinte. Os seus profetas são levianos, homens traiçoeiros" (Sof. 3:3, 4). Quando Paulo, ao despedir-se dos anciãos de Éfeso, oferece-lhes sua última advertência contra os perigos que podia encerrar o futuro, diz-lhes: "Porque eu sei que depois de minha partida entrarão em meio de vós lobos rapaces, que não perdoarão ao rebanho" (Atos 20:29). Jesus disse que enviava a seus discípulos como a ovelhas em meio de lobos (Mateus 10:16), e falou do Bom Pastor que protege com sua vida a segurança do rebanho (João 10:12). Esta era uma imagem que todos podiam reconhecer e compreender.

Jesus disse que os falsos profetas são como lobos *cobertos com pele de ovelhas*. Quando o pastor cuidava seus rebanhos nas serranias, sua vestimenta era um saco de pele de ovelha, com a lã para dentro e o couro para fora. Mas a pessoa pode se vestir como um pastor e, entretanto, não ser um pastor.

Os profetas usavam uma espécie de hábito, pelo qual eram reconhecidos. Elias tinha um manto (1 Reis 19:13, 19) que era uma espécie de capa de pêlos (2 Reis 1:8). Esse manto de lã de ovelha tinha chegado a ser uma espécie de uniforme dos profetas, tal como os filósofos gregos usavam habitualmente uma toga de filósofo. Graças a esta vestimenta podia distinguir-se um profeta dentre outros homens. Mas às vezes a vestimenta era levada por quem não tinha o direito a fazê-lo, porque Zacarias afirma, em seu livro, que nos grandes dias por vir, "nem mais (os profetas) se vestirão de manto de pêlos, para enganarem" (Zacarias 13:4). Havia quem se envolvia no "manto de pêlos" dos profetas mas não viviam como profetas.

Nos tempos neotestamentários também houve falsos profetas. Mateus foi escrito ao redor do ano 85 de nossa era, e nessa época os profetas eram ainda um dos ministérios reconhecidos na Igreja. Eram homens que não tinham residência fixa e andavam de um lugar para outro, levando às Igrejas uma mensagem que acreditavam ter recebido

diretamente de Deus. Em sua melhor expressão os profetas eram uma inspiração para a Igreja, porque eram homens que, tendo abandonado tudo, serviam exclusivamente a Deus e a sua Igreja. Mas este ofício se prestava particularmente aos abusos. Havia quem se valia dele para ganhar prestígio, para aproveitar-se da generosidade das Igrejas locais e viver dessa maneira ociosos, comodamente e sem preocupações.

O *Didaquê* é o primeiro livro cristão de disciplina eclesiástica que conhecemos, e data de aproximadamente o ano 100 de nossa era. As disposições que propõe com respeito a esses profetas itinerantes são muito ilustrativas. Devia-se respeitar os verdadeiros profetas, outorgando a eles a mais elevada honra; se devia recebê-los com os braços abertos e nunca desatender suas palavras nem procurar limitar sua liberdade de expressão. "Mas ficará em cada congregação um só dia, dois dias possivelmente, se ficar mais de três dias, é um falso profeta." Se for profeta, se for necessário, mas nunca mais de três dias. Se pretendia falar inspirado pelo Espírito Santo, ordenando que se preparasse mesa para comer, podia ser considerado um falso profeta: "Quem quer que lhes diga, no Espírito 'Me dêem dinheiro' (ou qualquer outra coisa) não o devem ouvir; mas se exigir que dêem a outros, que têm necessidade, ninguém deverá julgá-lo." Se um profeta itinerante chegar a uma congregação e deseja estabelecer-se nela permanentemente, "se tiver um ofício, que trabalhe nele e viva de seu trabalho". Se não tiver ofício. "considerem como poderá viver convosco, sem ser um cristão ocioso... mas se não estiver disposto a aceitar estas condições, não é mais que um comerciante de Cristo. Tomem cuidado com os tais" (*Didaquê*, capítulos 11 e 12).

A história do passado e os acontecimentos da vida presente na vida da Igreja faziam bem atuais as palavras de Jesus para quem as ouviu pela primeira vez, e para aqueles a quem Mateus as transmitiu.

CONHECIDOS POR SEUS FRUTOS**Mateus 7:15-20 (continuação)**

Os judeus, como os gregos e os romanos, pensavam que a árvore pode ser conhecida pelos seus frutos, "Conforme seja a raiz, assim será o fruto", dizia um provérbio. Epicteto acrescentaria: "Como poderia a videira crescer não como videira, mas sim como oliveira, ou como poderia a oliveira crescer não como oliveira mas sim como videira..." (Epicteto, *Discursos* 2:20). Sêneca declarava que o bem não pode provir do mal, assim como o figo não pode vir de uma oliveira.

Mas este ensino é muito mais profundo do que pode parecer ao observador superficial. Jesus pergunta se se tiram uvas dos espinheiros. Havia na Palestina uma planta espinhosa que tinha um fruto preto, redondo e pequeno, muito parecido com pequenas uvas. Jesus também pergunta se os abrolhos dão figos. Havia um tipo de cardo cujo fruto, pelo menos a certa distância, podia confundir-se com um figo. O ensino que se extrai destas semelhanças é muito importante e saudável. É possível que haja uma similitude superficial entre o verdadeiro e o falso profeta.

O falso profeta pode vestir-se como um profeta verdadeiro e falar como um profeta. Mas ninguém pode alimentar-se com as "uvas" de um espinheiro, nem com os "figos" de um cardo. Do mesmo modo, a vida da alma não pode sustentar-se como os frutos falsos que oferece o profeta que não o é. A verdadeira prova de qualquer ensino é se alimentar e fortalecer ao homem para agüentar as cargas da vida e percorrer o caminho por onde deve andar.

Vejamos quem são falsos profetas, e quais são suas características. Se o caminho for estreito e a porta de entrada tão estreita que é difícil de encontrar, devemos tomar cuidado de buscar para nós mestres que nos ajudem, e não mestres que nos afastem dela.

O defeito fundamental do falso profeta é o interesse pessoal. O verdadeiro pastor se preocupa mais com o bem-estar do rebanho que

com sua própria vida. O lobo não tem outra preocupação senão a de satisfazer sua glotonaria e ambição. O falso profeta ensina não pelo que possa dar a outros, mas sim pelo que pode conseguir para si. Os judeus tinham uma aguda consciência deste perigo. Os rabinos eram os mestres da religião judia, mas um dos princípios fundamentais do judaísmo, no que respeita à sua disciplina religiosa, era que todo rabino devia exercer um ofício e deste modo ganhar a vida, e não devia receber retribuição alguma por seu ensino.

O rabino Zadok disse: "Não façam do conhecimento da Lei nenhuma coroa com a qual luzir, nenhuma pá para cavar a terra." Hillel disse: "Aquele que usa a coroa da Lei com finalidades exteriores, será aniquilado." Os judeus conheciam muito bem a esses mestres que ensinam interesseiramente, pensando mais em si mesmos do que em seus discípulos.

Há três formas em que um mestre pode ser dominado pelo interesse pessoal.

(1) Pode ensinar somente por *ganho*. Conta-se que na igreja do Ecclefechan, onde o pai de Thomas Carlyle era "ancião", produziu-se um conflito entre a congregação e seu pastor por uma questão de dinheiro. Quando já se discutiu extensamente o assunto, o pai de Carlyle ficou de pé e disse de forma lapidar: "Dêem o pagamento ao assalariado, e que vá embora."

Ninguém pode viver de nada, e muito dificilmente pode alguém fazer seu melhor trabalho se estiver constantemente sob a pressão de dificuldades econômicas, mas o grande privilégio do ensino do Evangelho não é o pagamento que oferece, mas sim a emoção de abrir a mente de meninos, jovens, homens e mulheres amadurecidos, à verdade de Deus.

(2) Pode ensinar somente pelo *prestígio*. A pessoa pode ensinar não para ajudar a outros, mas para mostrar quão inteligente é.

Denney disse uma vez algo terrível: "Ninguém pode demonstrar ao mesmo tempo que ele é inteligente e que Cristo é maravilhoso."

O prestígio é a última coisa que buscam os que verdadeiramente são grandes mestres. J. P. Struthers era um santo varão de Deus. Passou toda sua vida a serviço da pequena Igreja Presbiteriana Reformada, quando poderia ter ocupado os mais elevados púlpitos da Grã-Bretanha. Os que o conheciam o amavam, e quanto mais o conheciam mais o amavam. Dois homens estavam falando dele. Um deles conhecia tudo o que Struthers fazia, mas não o havia conhecido pessoalmente. Recordando o santo ministério deste pastor, ele disse: "Terá um assento de primeira fila no reino dos céus." O outro homem, que tinha conhecido a Struthers pessoalmente, o corrigiu: "Struthers se sentiria muito incômodo em um primeiro assento, em qualquer lugar."

Há pregadores e mestres que usam sua mensagem como marco de suas personalidades. O falso profeta é o que está interessado em mostrar-se a si mesmo; o autêntico profeta deseja a anulação de si mesmo.

(3) Pode ensinar somente para *transmitir suas próprias idéias*. O falso profeta se empenha em difundir sua própria versão da verdade. O verdadeiro profeta é o que difunde a verdade de Deus.

É verdade que cada qual deve pensar por si mesmo, mas se dizia de John Brown, de Haddington, que cada vez que pregava costumava parar, de vez em quando, como se estivesse ouvindo uma voz. O verdadeiro profeta ouve a Deus antes de falar com os homens. Nunca esquece que não é outra coisa que uma voz para falar em nome de Deus, e um canal mediante o qual a graça divina pode chegar aos homens. É dever de todo mestre e pregador levar aos homens, não suas próprias idéias particulares sobre a verdade, mas a verdade tal como é em Jesus Cristo.

OS FRUTOS DA INAUTENTICIDADE

Mateus 7:15-20 (continuação)

Esta passagem diz muitas coisas importantes sobre os maus frutos dos maus profetas. Quais são os falsos efeitos, os maus frutos que um falso profeta pode produzir?

(1) O ensino é falso se produzir uma religião que consiste *exclusiva ou principalmente na observação de exterioridades*. Este era o principal engano dos escribas e os fariseus. Para eles a religião consistia na observação das leis cerimoniais. Se alguém lavasse corretamente as mãos, se no dia de sábado nunca levasse nada que pesasse mais que dois figos, ou não caminhasse mais que a distância permitida, se era meticuloso na oferta de seus dízimos, separando até o das ervas que cultivava em seu pomar, então era um homem bom. É muito fácil confundir a religião com as práticas religiosas. É possível, e não pouco comum, escutar o ensino de que a religião consiste em ir à igreja, observar o dia do Senhor, cumprir as obrigações financeiras com respeito à Igreja, ler a Bíblia. É possível fazer todas estas coisas e estar muito longe de ser cristão, porque o cristianismo é uma atitude do coração com respeito a Deus e ao próximo.

(2) Um ensino é falso se produzir *uma religião que consiste em proibições*. Toda religião fundada em uma série de imperativos negativos é uma religião falsa.

Há uma classe de mestre que diz à pessoa que planeja transitar pelo caminho cristão: "A partir de agora você não irá mais ao cinema, não dançará, não fumará nem usará maquiagem; tampouco lerá novelas nem os jornais que se publicam no domingo, e não porá os pés em um teatro ou sala de diversões."

Se a gente pudesse ser cristão abstendo-se de fazer algumas coisas, o cristianismo seria uma religião muito mais fácil do que é. Mas a essência do cristianismo é, precisamente, que não consiste em *não fazer* certas coisas; consiste em *fazer*. Um cristianismo negativo jamais pode constituir uma resposta adequada de nossa parte ao amor positivo que Deus nos dá.

(3) Um ensino é falso se produzir *uma religião fácil*. Nos tempos do Paulo havia falsos mestres, o eco de cujos ensinamentos pode escutar-se em Romanos 6. Perguntavam a Paulo: "De que modo você diz que a graça de Deus é a maior coisa que há no universo?" E Paulo respondia sem

vacilação: "Sim." "E você crê que a graça de Deus é suficientemente ampla para cobrir todo pecado?" "Sim." "Bem, se for assim, sigamos pecando até fartar-nos. Deus nos perdoará. Depois de tudo, nosso pecado não é mais que uma oportunidade que damos a Deus para pôr em ação sua graça perdoadora."

Uma religião tal não é mais que uma caricatura da verdadeira religião, porque é um insulto ao amor de Deus. Qualquer ensino que parta o fio cortante da religião, qualquer ensino que elimine do cristianismo a cruz, qualquer ensino que elimine o tom de advertência e ameaça da voz de Jesus Cristo, qualquer ensino que relegue o juízo a um segundo plano e convide os homens a pensar no pecado com leviandade, é um falso ensino.

(4) Um ensino é falso *se separar a religião da vida*. Qualquer ensino que separe o cristão da vida e da atividade no mundo é falso. Este foi o engano que cometeram os monges e os ermitões. Sua crença era que para viver uma vida cristã deviam retirar-se ao desterro ou a um monastério, que deviam separar-se da substância absorvente e tentadora vida do mundo, que somente podiam chegar a ser cristãos verdadeiros deixando de viver no mundo.

Quando Jesus orou por seus discípulos, disse: "Não rogo que os tire do mundo, mas que os livres do mal" (João 17:15).

Conhecemos uma jornalista que encontrava muito difícil manter uma vida cristã em seu emprego secular e o abandonou para entrar no trabalho em um periódico puramente cristão.

Ninguém pode ser um bom soldado, fugindo do campo de batalha, e o cristão é um soldado de Cristo. Como poderá a levedura levedar a massa se se negar a ser inserida nesta? De que serve o testemunho se não se oferecer aos incrédulos? Qualquer ensino que estimule o cristão a "observar" a vida, como diz John Mackay, é uma falsa interpretação do cristianismo. O cristão não é um espectador, desde seu balcão, mas sim está comprometido nas lutas cotidianas da existência.

(5) Um ensino é falso *se produzir uma religião arrogante e separatista*. Todo ensino que estimula o crente a encerrar-se dentro dos limites de uma seita estreita e considerar o resto da humanidade como pecadores, é um ensino falso. A função da religião não é erigir muros de separação, mas sim derrubá-los. O sonho de Jesus foi que houvesse um só rebanho, sob um mesmo pastor (João 10:16). O exclusivismo não é uma qualidade religiosa; é completamente contrário à verdadeira religião. Fosdick cita a seguinte cópia:

Somos os poucos escolhidos de Deus,
Todos os outros se condenam;
Não há lugar no céu para vós;
Nós precisamos do espaço."

A religião tem o propósito de aproximar os homens entre si, não de separá-los. Deve uni-los em uma grande família, e não separá-los em grupos hostis. O ensino que sustenta o monopólio da graça ou a verdade por parte de uma Igreja ou uma seita, é um ensino falso, porque Cristo não deveu dividir, a não ser a unir aos homens.

OS IMPOSTORES

Mateus 7:21-23

Esta passagem tem uma característica surpreendente. Jesus está disposto a aceitar que muitos dos falsos profetas farão e dirão coisas maravilhosas e impressionantes. Devemos recordar como era o mundo daquela época. Os milagres eram fatos comuns da vida, e sua freqüência em parte deve atribuir-se à concepção da enfermidade que era comum na antiguidade. Na antiguidade todas as enfermidades eram consideradas obra do demônio. Quando alguém adoecia era porque algum demônio tinha conseguido exercer uma influência maligna sobre ele, ou introduzir-se em alguma parte de seu corpo. As curas, portanto, eram feitas mediante exorcismos.

Um dos resultados desta concepção da enfermidade era que muitas das doenças eram o que hoje chamaríamos psicológicas, o mesmo que sua cura. Se alguém conseguia convencer-se de que um demônio se havia possesso dele e o tinha sob seu poder, sem dúvida que caía presa de alguma enfermidade. E se alguém podia convencê-lo de que o poder do demônio sobre ele tinha sido quebrantado, sem lugar a dúvida o homem se curava. Na antiguidade qualquer um podia acreditar que estava possesso por um demônio e em conseqüência estava doente, e também podia acreditar que um bom exorcismo era capaz de expulsar o demônio, e portanto, simultaneamente, de curar a enfermidade.

Os dirigentes da Igreja nunca negaram que os pagãos pudessem fazer milagres. Para competir com os milagres que se atribuem a Jesus, Celso citou milagres atribuídos a Esculápio e a Apolo. Orígenes, que procurou responder a seus argumentos, nem por um momento nega a possibilidade destes milagres "pagãos". Limita-se a afirmar: "Esse poder curativo não é em si mesmo bom ou mau, e está ao alcance de ímpios assim como ao das pessoas honestas" (Orígenes, *Contra Celso*, 3:22).

Até no Novo Testamento encontramos a referência a um exorcista judeu que acrescentou o nome de Jesus a seu repertório de palavras mágicas, e com sua ajuda expulsava demônios (Atos 19:13). Houve mais de um enganador que, fingindo servir a Jesus, a única coisa que fazia era usar seu nome para produzir resultados maravilhosos nos possessos de demônios que iam a ele para lhe pedir ajuda.

O que Jesus afirma nesta passagem é que ninguém pode usar seu nome, tratando-se de uma impostura, sem que chegue o dia da verdade, quando deverá prestar contas. Ali se conhecerão seus verdadeiros motivos, e será afastado da presença de Deus.

Há nesta passagem duas grandes verdades eternas. Há somente uma forma de demonstrar a sinceridade de alguém, e é na prática. As palavras bonitas jamais servirão como substituto das boas ações. Há uma só prova de amor e é a obediência. Não vale nada dizer que amamos a alguém, se

fizemos coisas que sabemos que ofendem mortalmente a quem dizemos amar.

Quando meninos muito provavelmente dissemos a nossa mãe: "Mãe, gosto de você." E é muito provável, também, que nossas mães nos olhassem com muito carinho e um pouco de tristeza, e nos dissessem: "Queria que você o demonstrasse um pouco em seu comportamento." Com muita frequência confessamos a Deus com nossos lábios e o negamos em nossas vidas. Não é difícil recitar um credo, mas sim é difícil viver uma vida cristã. A fé sem uma vida que a expresse é uma contradição de termos. O amor sem obediência é uma impossibilidade.

Atrás desta passagem está a idéia do juízo. Em cada uma de suas partes podemos reconhecer a certeza de que algum dia se ajustarão as contas. É possível que alguém consiga manter a máscara e o disfarce durante algum tempo, mas sempre chega o momento em que toda falsidade fica manifesta, e todo disfarce é arrancado. Possivelmente possamos enganar com nossas palavras aos homens, mas jamais poderemos enganar a Deus. "De longe penetras os meus pensamentos" (Salmo 139:2). Ninguém pode enganar a Deus, que vê o coração.

O ÚNICO FUNDAMENTO VERDADERO

Mateus 7:24-27

Jesus era um especialista pelo menos em dois campos. Era um especialista na Escritura. O livro de Provérbios lhe deu a idéia principal que desenvolve nesta passagem: "Como passa a tempestade, assim desaparece o perverso, mas o justo tem perpétuo fundamento" (Provérbios 10:25). Aqui está o germe da imagem que Jesus usou, na qual aparecem duas casas e dois construtores. Mas Jesus também era um especialista no que concerne à vida. Era o artesão que sabia tudo com relação à construção de casas, e quando falava de fundamentos, ou alicerces, sabia perfeitamente bem do que estava falando. Não estamos

diante de um exemplo pensado pelo erudito em seu estudo: é o exemplo que nos ofereceria qualquer homem prático.

Nem se trata, tampouco, de uma ilustração rebuscada; é o tipo de coisas que sucedem todos os dias. Na Palestina, quando se edifica uma casa é preciso pensar com antecipação. Há muitos terrenos que no verão são lugares aprazíveis e sombreados, mas no inverno se convertem em esmagadoras correntes de águas. Procurando um lugar para construir sua casa, a pessoa poderia achar um desses terrenos baixos arenosos, bem defendido dos ventos e do sol, e poderia pensar que esse era o lugar mais apropriado para sua edificação. Mas se era pouco providente, não se daria conta de que sua casa estaria colocada justo no leito seco de um rio sazonal, e que durante o inverno a água a desintegraria. Até em um lugar comum era muito tentador começar a pôr os tijolos sobre o liso chão arenoso sem dar-se ao trabalho de cavar até chegar à rocha; mas assim se preparava o desastre.

Somente a casa cujos alicerces são firmes pode suportar os embates da tormenta. E somente a vida cujo fundamento é firme pode suportar as provas. Jesus exigia duas coisas.

(1) Exigia que os homens o *ouvissem*. Uma das maiores dificuldades que enfrentamos hoje é que com muita freqüência os homens não sabem o que Jesus ensinou, ou o que a Igreja prega. Pior ainda, têm idéias muito erradas do que Jesus ensinou ou do que prega a Igreja. Um dos deveres importantes de toda pessoa honesta consiste em não condenar a uma pessoa ou a uma instituição sem antes tê-la escutado – e isto, precisamente, é o que hoje a maioria não faz. O primeiro passo para uma vida cristã é dar a Jesus uma oportunidade para nos falar.

(2) Exigia que os homens *pussem em prática* o que ele dizia. O conhecimento só se torna importante e real para nós quando o traduzimos em ação. Seria perfeitamente possível aprovar com altas distinções um exame de ética cristã na universidade, sem ser cristão. O conhecimento deve transformar-se em ação; a teoria deve passar à prática; a teologia deve chegar a ser vida. Não tem sentido ir ao médico

se não estamos dispostos a fazer as coisas que nos vai dizer que façamos. De pouco vale ir a um especialista de qualquer tipo se não estamos preparados para agir segundo suas recomendações. E entretanto, há milhares de pessoas que todos os domingos ouvem os ensinamentos de Jesus nas Igrejas, e que conhecem perfeitamente bem o que Jesus ensinou, e entretanto, não fazem nem o mais insignificante intento de pôr todo isso em prática. Se tivermos que ser seguidores de Jesus, nossas duas obrigações primeiras são *ouvir e fazer*.

Há alguma palavra na qual se resume o significado de *ouvir e fazer*? Essa palavra existe, é obvio, e é *obediência*. Aprender a obedecer é o mais importante na vida.

Faz algum tempo pôde ler-se nos jornais a notícia de um marinheiro da Armada Real Inglesa que foi severamente castigado por ter quebrantado importantes disposições regulamentares de sua arma. O castigo foi severo ao ponto que muitos civis pensaram que se exagerou a nota, e assim o manifestaram de diversas maneiras. Um dos periódicos pediu a seus leitores que escrevessem cartas expressando sua opinião sobre o assunto. Um dos que reagiram foi alguém que tinha servido durante muitos anos. Segundo sua opinião, o castigo não era muito severo. Sustentava que a disciplina era absolutamente essencial, pois seu propósito era condicionar o homem a obedecer incondicionalmente e de maneira automática, e desta obediência podia depender até a própria vida do interessado. E citava um caso ocorrido em sua própria experiência. Em certa oportunidade estava a bordo de uma lancha, que rebocava outro navio muito maior e pesado. Este navio estava atado à lancha por meio de um cabo de aço. De repente, no meio do vento e as ondas, ouviu-se a voz do oficial encarregado: "Corpo a terra!" Todos os homens que estavam sobre coberta imediatamente se lançaram ao piso. Nesse mesmo momento estalou o cabo de reboque e seus pedaços açoitaram a coberta como uma serpente de aço enlouquecida. Se algum homem tivesse estado de pé, teria morrido instantaneamente pelo golpe. Mas toda a tripulação obedeceu automaticamente e ninguém saiu machucado. Se

alguém parasse para discutir a ordem ou tivesse pedido esclarecimentos, teria sido homem morto. A obediência pode salvar a vida.

Esta é a classe de obediência que Jesus exige. Ele afirma que a obediência a suas palavras é o único fundamento firme para a vida; e sua promessa é que toda vida cimentada na obediência a Ele está segura, por fortes que sejam as tormentas que a açoitem.

Mateus 8

O amor em ação

O morto em vida - Mat. 8:1-4

Uma compaixão que vai além da lei - Mat. 8:1-4 (cont.)

A verdadeira prudência - Mat. 8:1-4 (cont.)

A súplica de um homem bom - Mat. 8:5-13

A fé como passaporte - Mat. 8:5-13 (cont.)

Um poder capaz de vencer as distâncias - Mat. 8:5-13 (cont.)

Um milagre em um lar humilde - Mat. 8:14-15

Milagres na multidão - Mat. 8:16-17

A exortação a calcular o custo do discipulado - Mat. 8:18-22

A tragédia do momento desperdiçado - Mat. 8:18-22 (cont.)

A paz de sua presença - Mat. 8:23-27

A calma em meio à tormenta - Mat. 8:23-27 (cont.)

Um universo possuído por demônios - Mat. 8:28-34

A derrota dos demônios - Mat. 8:28-34 (cont.)

O AMOR EM AÇÃO

Entre todos os evangelistas, Mateus é o mais organizado. Nunca distribui seus materiais ao acaso. Se em Mateus há uma ordem particular das distintas passagens que compõem o relato, essa ordem ou seqüência obedece a uma razão bem fundada. Assim ocorre neste lugar.

Nos capítulos 5, 6 e 7 Mateus nos deu o Sermão da Montanha. Quer dizer, em três capítulos nos ofereceu seu relato de *palavras* pronunciadas por Jesus. Agora, no capítulo 8, nos oferecerá o relato dos *atos* de Jesus.

Os capítulos 5, 6 e 7 nos mostram a sabedoria divina em palavras. O capítulo 8 nos mostra o amor divino em ação. O capítulo 8 é um capítulo de milagres. Vejamos o conjunto destes milagres, antes de entrar em seu estudo detalhado.

Neste capítulo há sete ações milagrosas.

(1) *A cura do leproso* (vs. 1-4). Aqui vemos a Jesus tocando o intocável. Os leprosos eram expulsos da sociedade humana; tocá-los, e até aproximar-se deles, era quebrantar a Lei.

Aqui vemos o homem que sempre devia manter-se à distância dos homens, sendo abraçado, envolto pela piedade e a compaixão de Deus.

(2) *A cura do servo do centurião* (vs. 5-13). O centurião era um gentio, e portanto o judeu estritamente ortodoxo teria opinado que somente servia para alimentar os fogos do inferno; era servo de uma potência inimiga e membro do exército de ocupação que oprimia os judeus, e portanto um judeu nacionalista o teria considerado candidato a ser assassinado, não a ser ajudado. O servo do centurião, por outro lado, era um escravo, e os escravos naquela época não eram senão ferramentas animadas.

Aqui vemos o amor de Deus indo em auxílio de um homem a quem todos odiavam e de um escravo, a quem todos desprezavam.

(3) *A cura da sogra do Pedro* (vs. 14 e 15). Este milagre aconteceu em um humilde lar da Palestina, em uma casa desprezível. Não esteve rodeado de publicidade nem de público. Encontravam-se presentes só Jesus e o círculo familiar mais íntimo. Aqui vemos o infinito amor do Deus de todo o Universo, desdobrando todo seu poder quando só um pequeno círculo íntimo de pessoas podia vê-lo.

(4) *A cura de todos os doentes* que foram levados à porta da casa ao pôr-do-sol (versículos 16 e 17). Aqui vemos em ação a universalidade do amor de Deus. Ninguém jamais incomodou a Jesus; não tinha horas de atendimento aos necessitados e horas em estivesse "fora de serviço". Qualquer um podia chegar até Ele em qualquer momento e receber a ajuda da graça e o amor divinos.

(5) *A reação do escriba* (vs. 18-22). À primeira vista se poderia pensar que esta passagem está fora de lugar em um capítulo dedicado a milagres. Mas este é também milagre operado sobre a personalidade de um homem. Que possa ter havido um escriba disposto a seguir a Jesus não é um fato comum, antes um verdadeiro milagre. De algum modo teve que esquecer sua devoção à lei dos escribas. Apesar de que Jesus contradizia todas as coisas às quais ele tinha dedicado sua vida, não viu nele um inimigo, mas um amigo; não um opositor, mas um mestre. Deve ter sido uma reação instintiva.

Negley Farson recorda uma história de seu ancião avô. Quando menino, Farson não conhecia a história de seu avô, e todas as coisas que tinha feito, mas, conforme diz, "Tudo o que sabia era que só com sua presença fazia com que todos os outros homens se sentissem diminuídos, fora de lugar." O escriba viu em Jesus um esplendor e magnificência que nunca tinha visto em nenhum outro homem. Aconteceu então o milagre e o coração do escriba correu para Jesus.

(6) *O milagre do sujeição da tempestade* (vs. 23-27). Aqui vemos Jesus enfrentando as ondas e os redemoinhos que podem afogar a qualquer um. Como recorda Pusey, quando morreu sua esposa, "todo esse tempo foi como se alguém me tivesse estado sustentando a cabeça no alto". Aqui temos ao amor de Deus produzindo paz e serenidade no meio do tumulto e da confusão.

(7) *A cura do endemoninhado gadareno* (vs. 28-34). Na antiguidade se acreditava que todas as enfermidades se deviam à ação dos demônios. Aqui vemos o poder de Deus frente a frente com o poder do demônio. Vemos a bondade de Deus invadindo a maldade do mundo. O amor de Deus travando batalha contra a malignidade e a malevolência. Aqui vemos em ação a bondade e o amor que salvam os homens, triunfando sobre o mal e o ódio que arruinam o homem.

O MORTO EM VIDA**Mateus 8:1-4**

Na antiguidade a lepra era a mais terrível de todas as enfermidades. E. W. G. Masterman escreve: "Nenhuma outra enfermidade converte o ser humano em uma ruína tão total e horrível à vista, e durante tanto tempo." A princípio são pequenos nódulos que terminam ulcerando-se. Estas úlceras produzem um líquido de aspecto desagradável e vão aumentando. Caem as sobrancelhas. Os olhos assumem um aspecto fantasmagórico, como se nunca deixassem de olhar fixamente a outros. Ulceram-se as cordas vocais e a voz se torna afônica e a respiração sibilante. Pouco a pouco o doente se converte em uma só massa de excrescências ulcerosas. Este tipo de lepra, termina com o doente em uns nove anos, ao final dos quais se perde a razão, o paciente entra em coma e finalmente morre.

A lepra pode começar com a perda da sensibilidade em qualquer parte do corpo. Neste caso a afecção atacou os nervos. Pouco a pouco os músculos do corpo se desintegram, os tendões se contraem até que as mãos adquirem o aspecto de garras. Seguem as ulcerações nas mãos e nos pés e a perda progressiva dos dedos de ambos. Por último se vão perdendo as mãos e os pés inteiros, até que sobrevém a morte. A duração desta classe de lepra, é entre vinte e trinta anos. É uma espécie de morte horrenda, na qual o homem morre polegada a polegada.

(É importante esclarecer que hoje tudo isto, graças à medicina moderna, virtualmente desapareceu, e é perfeitamente possível controlar e até curar a lepra. Mas nos tempos de Jesus não se conheciam os tratamentos que hoje estão ao alcance de qualquer pessoa.)

A condição física do leproso era terrível. Mas havia algo que a fazia pior ainda. Josefo diz que os leprosos eram tratados "como se fossem mortos". Quando se diagnosticava lepra, o doente era instantânea e

automaticamente excluído de toda sociedade humana. "Todo o tempo que a chaga estiver nele será imundo; estará impuro e habitará sozinho; fora do acampamento será sua morada" (Levítico 13:46). O leproso devia vestir-se com farrapos, usar o cabelo despenteado, com o lábio superior coberto por uma bandagem, e enquanto caminhava devia gritar todo o tempo "Imundo! Imundo!" (Levítico 13:45).

Durante a Idade Média quando alguém contraía a lepra, o sacerdote devia colocar-se a estola, tomar seu crucifixo, introduzi-lo na igreja e ler o serviço de defuntos. Para todo propósito humano esse homem tinha morrido.

Na Palestina, nos tempos de Jesus, ao leproso era proibida a entrada a Jerusalém e a todas as cidades muradas. Nas sinagogas havia uma pequena habitação isolada, de três metros de altura por dois de lado, chamada *mechitsah*, na qual podia ouvir o culto. A lei enumerava sessenta e um contatos que podiam tornar o judeu em impuro, e o segundo em importância, depois do contato direto com um morto era o contato com leprosos. Pelo fato de um leproso apenas introduzir a cabeça em uma casa, esta ficava poluída dos alicerces até as vigas do teto. Até em um lugar aberto era ilegal saudar um leproso, e ninguém podia aproximar-se de mais de quatro cotovelos –uns dois metros do leproso; mas se o vento soprava do lado onde estava o leproso, este devia manter-se a não menos de cem côvados de distância. Um rabino nem sequer teria comido um ovo comprado em uma rua por onde tinha passado um leproso. Outro rabino se gabava de que atirava pedras nos leprosos para que não se aproximassem dele. Outros se escondiam ou saíam correndo cada vez que viam um leproso mesmo à distância.

Nunca houve uma enfermidade que separasse um homem de seus semelhantes como a lepra. E este homem foi o que Jesus tocou. Para um judeu a frase mais extraordinária de todo o Novo Testamento provavelmente seja: "Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe (ao leproso)"

UMA COMPAIXÃO QUE VAI ALÉM DA LEI**Mateus 8:1-4 (continuação)**

Nesta história devemos notar duas coisas – o leproso se *aproxima* e Jesus *responde*. Na aproximação do leproso há três elementos que convém destacar.

(1) O leproso se aproximou com *confiança*. Não duvidava de que se Jesus quisesse, podia curá-lo. Isto é fé. Nenhum leproso se aproximou de um rabino ortodoxo ou de um escriba. Sabia perfeitamente que eles lhe jogariam pedras para afastá-lo. Mas este homem se aproxima de Jesus. Tinha perfeita confiança que Jesus daria as boas-vindas ao homem que todos tinham rechaçado. Ninguém deve sentir-se muito impuro para aproximar-se de Jesus. O leproso, além disso, tinha perfeita confiança no poder de Jesus. A lepra era o único mal para o qual a medicina rabínica não prescrevia remédio algum. Mas este homem tinha a segurança de que Jesus podia fazer o que ninguém podia fazer. Ninguém deve sentir que sua enfermidade, do corpo ou da alma, é incurável, enquanto Jesus Cristo siga existindo.

(2) O leproso acudiu a Jesus *humildemente*. Não exigiu a cura; limitou-se a dizer: "Senhor, *se quiseres*, podes purificar-me." Era como se houvesse dito: "Eu sei que sou um lixo, sei que qualquer outro homem fugiria de mim; sei que não tenho direito algum, mas possivelmente você, na misericórdia divina, comunicará seu poder a alguém como eu." Somente o coração humilde, consciente apenas de sua necessidade, é o que encontra seu caminho para Cristo.

(3) O leproso se aproximou com reverência. Em nossa versão da Bíblia diz que o leproso se prostrou diante de Jesus. O verbo grego é *proskuein*, que só se usa com relação à adoração dos deuses; sempre descreve os sentimentos e a atitude de um homem frente à divindade. O leproso não poderia dizer a ninguém o que pensava sobre Jesus, mas sabia que na presença de Jesus estava na presença de Deus. Não é necessário que traduzamos isto a uma terminologia filosófica ou

teológica. É suficiente que saibamos que ao estar na presença de Jesus nos encontramos ante o amor e o poder do Deus Todo-poderoso.

Sendo esta a atitude com que o leproso se aproximou de Jesus, produz-se, então, a resposta de Jesus. Em primeiro lugar, sua reação foi a *compaixão*. A Lei dizia que Jesus não devia tocar nesse homem; ameaçava-o com uma terrível impureza se permitia que o leproso se aproximasse dele de menos de dois metros de distância. Mas Jesus estendeu sua mão e tocou o leproso. A medicina da época teria advertido a Jesus que corria o risco de uma severa infecção; mas Jesus estendeu a mão e tocou o leproso. Para Jesus a vida impunha somente uma obrigação – a de ajudar. Havia somente uma lei – a lei do amor. O dever da compaixão, a obrigação do amor, tinham precedência sobre todas as outras regras, mandamentos e leis; esta obrigação o fazia desafiar todos os riscos físicos.

Para um bom médico um doente de uma enfermidade repugnante não é um espetáculo asqueroso, mas um ser humano que necessita de sua habilidade para curar. Para o médico o menino atacado de uma enfermidade contagiosa não é uma ameaça, mas um ser tenro que necessita ajuda. Assim era Jesus. Deus é assim e nós devemos ser assim. O verdadeiro cristão rompe todas as convenções e assume todos os riscos quando se trata de ajudar ao próximo necessitado.

A VERDADEIRA PRUDÊNCIA

Mateus 8:1-4 (continuação)

Mas há outros dois detalhes do incidente que demonstram como, embora Jesus estava disposto a desafiar a Lei e expor-se a qualquer contágio para ajudar, não era um ser desatento e rebelde sem sentido, nem esquecia as exigências da verdadeira prudência.

(1) Ordenou ao homem que guardasse silêncio e não publicasse a todo mundo o que Jesus fez com ele. Esta ordem de guardar silêncio é freqüente nos lábios de Jesus (Mateus 9:30; 12:16; 17:9; Marcos 1:34;

5:43; 7:36; 8:26). Por que Jesus ordenaria este silêncio? Palestina era um país ocupado, e os judeus eram uma raça orgulhosa. Nunca esqueciam que eram o povo eleito de Deus. Sonhavam com o dia quando viria seu divino libertador. Mas a maioria pensava que esse seria um dia de conquista militar e poder político. Por isso, Palestina era a região mais inflamável do mundo antigo. Líder após líder se levantou entre os judeus, teve seu dia de glória, e foi esmagado pelo poder de Roma.

Se o leproso tivesse divulgado o que Jesus fez com ele, iria produzir-se um movimento popular para colocar um homem com os poderes de Jesus à frente de um movimento de libertação militar e política. Antes que Jesus tivesse podido fazer algo para deter o movimento, teria estalado mais outra sangrenta rebelião na história da Palestina. Jesus tinha como alvo educar as mentes dos homens e transformar suas idéias; devia levá-los a ver de algum modo que seu poder era o amor e não a força das armas. Viu-se obrigado a trabalhar virtualmente em segredo até que os homens o conhecessem bem e soubessem que o motivo de sua vida e liderança não era a destruição da vida, mas sim o amor. Jesus ordenava aos que ajudava que guardassem silêncio a fim de que não pretendessem utilizá-lo para fazer com que seus sonhos se convertessem em realidade, em vez de esperar o cumprimento do sonho de Deus. Deviam guardar silêncio até não ter aprendido a dizer com respeito a ele o que era correto.

(2) Jesus enviou o leproso aos sacerdotes, para que fizesse a oferta correspondente segundo a Lei, e recebesse assim o certificado de saúde. Os judeus tinham tal terror da lepra, que até havia um ritual prescrito para o caso pouco provável de uma cura. O ritual aparece em Levítico 14.

O leproso era examinado por um sacerdote. Levava duas aves, uma das quais era morta sobre água corrente. Além disso se tomava cedro, hissopo e grão. Estas três substâncias junto com a ave viva, umedeciam-se no sangue da ave morta, e então ficava em liberdade a ave viva. O ex-doente se lavava, lavava sua roupa e se barbeava. Depois de sete dias era

novamente revisado. Então devia barbear-se a cabeça e as sobrancelhas. Nessa ocasião se fazia o sacrifício de dois cordeiros machos sem mancha nem defeito algum, e um cordeiro fêmea, certa quantidade de farinha mesclada com azeite e uma medida de azeite. O leproso curado era aspergido com o sangue dos animais e o azeite no lóbulo da orelha direita, no polegar da mão direita e no dedo gordo do pé direito. Ele voltava a ser examinado, e se a cura demonstrava ser autêntica, podia ir embora, com um certificado que estabelecia sua cura.

Jesus ordenou ao leproso que se submetesse a todo esse processo. Esta ordem de Jesus também nos ensina algo. Recomendou-lhe que não descuidasse o único tratamento que se conhecia naqueles dias. Não recebemos milagres descuidando o tratamento que a medicina e a ciência põem a nosso alcance. Devemos fazer tudo o que possamos antes de esperar que Deus coopere com nossos esforços. Os milagres não acontecem se esperarmos de braços cruzados que Deus faça tudo, antes são o resultado do esforço cheio de fé do homem e da graça ilimitada de Deus.

A SÚPLICA DE UM HOMEM BOM

Mateus 8:5-13

Apesar de sua muito breve aparição na cena do relato evangélico, este centurião é um dos personagens mais simpáticos de toda a história. Os centuriões eram a espinha dorsal do exército romano. Cada legião romana constava de 6.000 homens divididos em sessenta centúrias de cem homens cada uma. À frente de cada centúria se encontrava um centurião. Estes centuriões, os verdadeiros soldados profissionais, veteranos do exército, eram os responsáveis pela disciplina do regimento, e os que davam coesão ao exército romano. Tanto na guerra como na paz a moral das tropas dependia deles.

Em sua descrição do exército romano, Políbio enumera as condições que devia reunir um centurião: "Não devem ser tanto atrevidos

que buscam o risco inútil, como homens capazes de dar ordens, firmes na ação e dignos de confiança; não devem estar ansiosos por lançar-se ao combate, mas quando a pressão é muito grande, devem estar dispostos a manter o terreno, e morrer em seu posto." Os centuriões eram os melhores homens do exército romano.

É interessante assinalar que todos os centuriões que se mencionam no Novo Testamento são pessoas respeitáveis. Menciona o centurião que reconheceu a Jesus como Filho de Deus quando estava na cruz; menciona Cornélio, o primeiro pagão convertido ao cristianismo; menciona o centurião que reconheceu ao Paulo como cidadão romano e o resgatou da multidão avivada; menciona o centurião que se inteirou do plano dos judeus de assassinar a Paulo no caminho entre Jerusalém e Cesaréia e deu os passos necessários para frustrar esse plano homicida; menciona o centurião a quem Félix encomendou a vigilância de Paulo, e o que o acompanhou em sua última viagem a Roma, tratando-o com suma cortesia e aceitando-o como líder quando o navio em que navegavam foi surpreendido por uma tormenta (Mat. 27:34; Atos 10:22, 26; 23:17, 24; 24:23 e 27:43).

Mas há algo muito particular com respeito a este centurião da Cesaréia, e é sua atitude para com seu servo. Este servo deve ter sido um escravo, mas o centurião estava preocupado pela enfermidade que o afligia, e estava disposto a fazer tudo o que estivesse em suas mãos para curá-lo. Esta não era a atitude comum entre senhores e escravos naquela época. No Império Romano os escravos não contavam. Ninguém se importava se ficavam doentes, se morriam ou viviam.

Aristóteles fala sobre as amizades possíveis na vida, e diz: "Não pode haver justiça nem amizade com as coisas inanimadas, nem sequer com um cavalo, ou com um boi, ou com um escravo, enquanto escravo. Porque o senhor e o escravo não têm nada em comum. Um escravo é uma ferramenta dotada de vida, assim como uma ferramenta é um escravo sem vida." O escravo não era melhor que uma coisa; carecia de direitos legais; o senhor tinha plena liberdade para tratá-lo bem ou

maltratá-lo, como quisesse. Gayo, o maior especialista em leis que Roma já teve, estabelece em seu *Institutos*: "Temos que saber que é um princípio aceito universalmente que o senhor tem poder de vida e morte sobre seus escravos." Varrón, o escritor romano especialista em agricultura, tem em suas obras uma passagem muito desagradável, na qual divide os instrumentos agrícolas em três classes – os invertebrados, os inarticulados e os mudos, "os invertebrados incluem os escravos, os inarticulados os animais de lavoura e os mudos os veículos". A única diferença entre um escravo, um animal ou um carro era que o primeiro podia falar.

Catão, outro autor romano que escreveu sobre agricultura, tem uma passagem que demonstra até que ponto a atitude do centurião era pouco comum. Está dando conselhos a um homem que comprou uma granja. "Examina o gado e realiza uma venda. Vende o azeite, se o preço nesse momento é satisfatório, e vende o restante do vinho e os cereais. Vende os bois muito velhos, o gado com defeitos, as ovelhas com defeitos, a lã, os couros, os carros velhos, as ferramentas velhas, os escravos velhos e os doentes, e tudo é desfazer-se do escravo doente.

Pedro Crisólogo resume aquilo que possa ser supérfluo. A recomendação de Carrón coloca a questão na seguinte passagem: "Tudo o que um senhor faça com um escravo, consciente ou inconscientemente, tendo previsto as conseqüências ou improvisadamente, depois de havê-lo pensado ou de modo irrefletido, voluntária e involuntariamente, é juízo, justiça e lei."

É evidente que este centurião era um homem pouco comum, porque amava a seu escravo. É possível que tenha sido este sentimento tão totalmente incomum e inesperado o que tenha movido a Jesus quando o centurião foi a ele pela primeira vez. O amor sempre cobre uma multidão de pecados; o homem que se preocupa com outros homens sempre está perto do coração de Jesus.

A FÉ COMO PASSAPORTE**Mateus 8:5-13 (continuação)**

O centurião não somente era um homem extraordinário pela atitude que manifestou com respeito a seu escravo. Além disso, era um homem de extraordinária fé. Queria que o poder de Jesus ajudasse e curasse a seu escravo; mas havia um problema. Ele era gentio, e Jesus judeu, e segundo a lei judia, um judeu não podia entrar na casa de um gentio, porque os lugares onde viviam os gentios eram considerados imundos.

A *Mishná* o estabelece da seguinte maneira: "As moradas dos gentios são imundas." Jesus se refere a esta proibição quando pergunta: "Tenho que ir e curá-lo?" (Barclay). Não é que a lei da impureza significasse algo para Jesus, não é que se negasse a entrar na casa de alguém porque não fosse judeu. Simplesmente está pondo à prova a fé do centurião. E é precisamente nesse momento quando essa fé chega à sua culminância.

Como soldado, sabia perfeitamente bem o que significava dar ordens e que suas ordens se cumpriram de maneira indiscutida e instantânea. Por isso responde: "Não é necessário que venhas a minha casa. Não sou digno de que entres nela; tudo o que precisas fazer é dar a ordem, e essa ordem será obedecida." Nestas palavras fala a voz da fé, e Jesus afirma, continuando, que a fé é o passaporte que pode nos fazer ingressar na bem-aventurança e felicidade de Deus.

Jesus usa aqui uma famosa imagem judia muito vívida. Os judeus acreditavam que quando viesse o Messias todos se sentariam a um grande banquete para celebrar o acontecimento. O Beemote, a maior das bestas terrestres, e o "Leviatã", o maior dos monstros marinhos, seriam os manjares que se comeriam nesse banquete. "Tu os reservaste para serem comidos por quem escolheres, e no momento em que tu o decides" (4 Esdras 6:52). "Beemote sairá de sua toca, e Leviatã subirá do fundo do mar, esses dois grandes monstros que criei no quinto dia da criação, e

que guardei até o grande dia, e servirão de alimento para todos os que fiquem" (2 Baruque 29:4). Os judeus esperavam este banquete com uma inflamada expectativa, mas nunca imaginariam que a ele poderiam sentar-se gentios. Quando o banquete tivesse lugar, os gentios teriam sido destruídos. "Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas" (Isaías 60:12).

Mas Jesus, nesta passagem, afirma que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa daquele banquete. O que é ainda pior, diz que muitos dos filhos do reino ficarão de fora. O filho é herdeiro, portanto o filho do reino é aquele a quem corresponde herdar o reino. Mas os judeus, segundo Jesus, perderão sua herança. Ficando sempre dentro do marco do pensamento judeu, convém recordar que "a herança dos pecadores são as trevas" (Salmos de Salomão 15:1). Os rabinos afirmavam: "Os pecadores, no Geena, estarão cobertos de trevas." Para um judeu o mais extraordinário e inaudito de toda esta passagem é que um gentio, a quem segundo seu pensamento só esperava as trevas de fora, fosse mencionado como possível candidato a participar do banquete messiânico, e que com respeito aos judeus, que ele esperava ver recebidos com os braços abertos, fosse arrojado às trevas exteriores. Evidentemente segundo Jesus as coisas seriam à inversa do esperado, e todas as concepções sustentadas pelo judaísmo eram transtornadas.

O judeu devia aprender que o passaporte para chegar à presença de Deus não é o pertencer a uma nação determinada, mas sim a fé. O judeu acreditava que por pertencer ao povo eleito Deus o amava. Pertencia ao povo do Senhor, e isso bastava para ser salvo. Jesus ensinou que a única aristocracia no reino de Deus é a aristocracia da fé. Jesus Cristo não é posse de raça alguma; pode ser possuído por qualquer homem, de qualquer raça, em cujo coração haja fé.

UM PODER CAPAZ DE VENCER AS DISTÂNCIAS**Mateus 8:5-13 (continuação)**

De maneira que Jesus disse as palavras necessárias, e deu a ordem, e o escravo do centurião foi curado. Até há pouco tempo este milagre teria maravilhado grandemente aos homens. Não é difícil imaginar-se a Jesus capaz de curar a alguém que estivesse diante dEle; mas que pudesse curar um homem a quem jamais tinha visto nem tocado, que estava longe dele, parecia ser algo quase completamente incrível. A ciência mais recente, enquanto isso, tem descoberto que existem forças muito pouco conhecidas, mas cuja existência é agora inegável, que podem agir desta maneira.

Em repetidas ocasiões os homens foram confrontados por poderes que não transitam os canais ordinários de comunicação, as rotas ou os canais mais evidentes.

Um dois exemplos clássicos mais notáveis da operação positiva destes poderes é oferecido pela vida de Emanuel Swedenborg. Em 1759 Swedenborg estava em Gotenburgo e descreveu um incêndio que ocorria nesse momento em Estocolmo, a 500 quilômetros de distância. Fez um relato muito detalhado do sinistro às autoridades da cidade, dizendo onde tinha começado, quando, qual era ou nome dos donos da casa, e quando e como se conseguiu apagar o incêndio. As investigações ulteriores demonstraram que Swedenborg tinha comunicado a informação correta até nos mais mínimos detalhes. A visão destes fatos lhe tinha chegado por uma rota que não está entre as que são conhecidas pelos homens.

W. B. Yeats, o famoso poeta irlandês, tinha experiências desta natureza. Tinha elaborado um código de símbolos que era capaz de transmitir a outras pessoas pelo poder de seu pensamento. Nunca estudou este fenômeno cientificamente, mas a freqüência de suas demonstrações não permite duvidar da veracidade dos testemunhos. Tinha um tio em Sligo, que não era um homem de inclinações particularmente místicas ou espirituais, ou religiosas. Quase todos os verões costumava visitá-lo em

sua casa. Perto dali havia uma praia rodeada por dunas e escarpados, e Yeats adotou o costume de caminhar pela costa enquanto seu tio o fazia pelos escarpados. "Sem dizer uma palavra, eu imaginava um símbolo e ele, à distância, percebia-o com os olhos de sua mente. Depois de pouco tempo chegou a não equivocar-se. Praticamente nunca e recebia todas as minhas mensagens."

O próprio Yeats nos conta um incidente sucedido em Londres, durante um jantar na qual todos os participantes eram amigos íntimos. "Eu tinha escrito em um papel – diz Yeats – 'dentro de cinco minutos York Powell falará de uma casa que se está queimando', e pus o papel debaixo do prato de meu vizinho de mesa. Pus-me a imaginar meu símbolo de fogo e esperei em silêncio. Powell foi mudando o tema da conversação, e dentro de cinco minutos se pôs a descrever um incêndio de uma casa da qual tinha sido testemunha quando era jovem."

Sempre houve testemunhos desta natureza, mas na atualidade há um cientista que experimentou com rigoroso critério o que ele denomina "percepção extra-sensorial". Refiro-me ao Dr. J. B. Rhine. Na Universidade Duke, dos Estados Unidos, o Dr. Rhine realizou milhares de experimentos que demonstram que os homens são capazes de perceber certas coisas por meios diferentes dos sentidos comuns.

Rhine usa um maço de cartas que têm certos símbolos especiais impressos. Pede-se ao sujeito que vá identificando as cartas à medida que as põe sobre a mesa, voltadas para baixo, de tal modo que ele não pode vê-las. Um dos estudantes que participou destes experimentos, Hubert Pearce, obteve uma média de dez acertos (entre vinte e cinco possibilidades), durante as mil primeiras tiragens de cartas. A média estatística estabelece que os acertos atribuíveis à casualidade são de apenas quatro em vinte e cinco. Em uma ocasião, quando as circunstâncias se prestavam particularmente à concentração no jogo, pôde acertar corretamente os símbolos de vinte e cinco cartas. A probabilidade matemática de que isto se pode atribuir à casualidade é de 298.023.223.876.953.125 para 1.

Outro experimentador, chamado Bruman, efetuou uma prova diferente. Escolheu dois temas. Colocou o "remetente" da mensagem em uma habitação, no piso superior da casa, e o "destinatário" em outro, na piso inferior. Entre as duas habitações havia um painel de vidro duplo que tornava absolutamente impossível a transmissão de nenhuma mensagem mediante o som. Através do painel de vidro, o remetente podia ver as mãos do destinatário. Frente ao destinatário havia uma mesa, e sobre ela quarenta e oito quadrados. O destinatário tinha os olhos tampados. Entre ele e a mesa com os quadrados havia uma grossa cortina. Na mão tinha um ponteiro, com o que podia assinalar os quadrados que havia na mesa. O experimento consistia em que o remetente pensasse em um dos quadrados da mesa, que ele queria que o destinatário assinalasse. Segundo as leis da probabilidade o destinatário podia acertar uma em cada cento e oitenta ordens. De fato, acertou em sessenta. É muito difícil chegar a outra conclusão que não seja que a mente do remetente estava influenciando na do destinatário.

É um fato demonstrado que um tal Dr. Jante era capaz de hipnotizar à distância a dezoito de vinte e cinco pessoas, e tinha êxito parcial em outros quatro casos.

Não há dúvida de que as mentes podem agir entre si apesar das distâncias, em uma forma que na atualidade só agora estamos começando a compreender, embora falta muito para que possamos explicá-lo totalmente. Se as mentes humanas podem fazer tanto como isto, quanto mais não terá podido fazer a mente de Jesus? O mais estranho deste milagre é que a ciência moderna em vez de tornar mais difícil tornou mais fácil acreditar nele.

UM MILAGRE EM UM LAR HUMILDE

Mateus 8:14-15

Comparando a narração de Marcos com a de Mateus, vemos que este episódio aconteceu em Cafarnaum, no sábado, depois do culto na

sinagoga. Quando estava em Cafarnaum, Jesus se hospedava em casa de Pedro, porque nunca teve casa própria. Pedro estava casado, e segundo a lenda, mais tarde sua esposa colaborou com ele na proclamação do evangelho.

Clemente de Alexandria (*Strómateis* 7:6) afirma que Pedro e sua esposa foram martirizados juntos. Pedro, segundo a lenda, viu a sua esposa sofrer antes de ser ele mesmo vítima do martírio. “Vendo como sua esposa era levada até a morte, regozijou-se pelo chamado a dar testemunho desta maneira que ela tinha recebido, e falou estimulando-a e dando-lhe coragem, chamando-a por seu nome e lhe dizendo: ‘Lembre-se do Senhor’.”

Nesta ocasião a sogra de Pedro estava doente, com uma febre. Na Palestina havia três classes de febre muito comuns. Havia a febre de Malta, acompanhada por grande fraqueza, anemia e um declínio geral das energias que, depois de muitos anos de sofrimento, podia terminar com a morte do doente. Havia o que poderia denominar-se "febre intermitente", algo muito similar ao que hoje conhecemos como febre tifóide. Mas, sobretudo, havia a malária. Nas regiões em que o rio Jordão entrava e saía do mar da Galiléia, havia zonas pantanosas onde se criavam e multiplicavam os mosquitos da malária. Cafarnaum e Tiberíades eram cidades onde abundavam os casos desta enfermidade. Em geral era acompanhada de icterícia e o doente experimentava acessos de febre com calafrios que o faziam sentir-se muito mal. O mais provável é que a sogra do Pedro sofresse de malária

Este milagre diz muito sobre Jesus, e não pouco sobre a mulher que ele curou.

(1) Jesus acabava de chegar da sinagoga. Ali Ele havia enfrentado o endemoninhado, e o tinha curado (Marcos 1:21-28). Se tomarmos a seqüência de Mateus, acabava de curar o escravo do centurião, enquanto se dirigia à casa. Jesus não fazia milagres sem esforço algum. Com cada milagre saía dele "virtude". Sem dúvida, a esta altura do dia, Jesus devia estar cansado. Ao chegar à casa do Pedro seu propósito era descansar,

mas não havia sequer transposto a soleira da porta quando novamente foi-lhe requerida sua ajuda frente à enfermidade. Aqui não havia publicidade alguma; não havia uma multidão que admirasse a cura e contasse o fato a outros. Só havia um lar humilde, onde uma pobre mulher do povo se agitava presa de uma febre muito comum. E entretanto, nessas circunstâncias, Jesus exerceu todo seu poder.

Jesus nunca estava muito cansado para ajudar. As demandas da necessidade humana nunca o incomodaram. Não foi uma dessas pessoas que mostram sua melhor cara em público, mas que em particular são insuportáveis. Nenhuma situação era muito humilde para que ele ajudasse. Não necessitava a presença de um público admirador para exercer sua compaixão. Tanto em meio à multidão como em um lar humilde, seu poder estava à disposição de todos os que pudessem requerer sua ajuda.

(2) Mas este milagre também nos diz algo a respeito da mulher a quem Jesus curou. Logo que foi curada ela se pôs a atender o Mestre e aqueles que estavam com Ele. Evidentemente se considerava "salva para servir". Ele a tinha curado, e seu único desejo, agora que se sentia bem, era ser de utilidade para ele e os outros. Que uso fazemos nós dos dons de Cristo?

Oscar Wilde escreveu o que ele mesmo denominava "o melhor e mais breve conto do mundo". W. B. Yeats o cita, em sua autobiografia, fazendo especial menção do que para ele é "sua terrível beleza". A versão de Yeats é a mais simples, e carece das ornamentações que depois lhe acrescentariam arruinando sua simplicidade original:

"Cristo desceu de uma planície branca a uma cidade púrpura, e ao atravessar a primeira rua estreita escutou gritos, e viu um homem jovem, bêbado, reclinado sobre uma janela. Perguntou-lhe: 'Por que você esbanja a sua alma embebedando-se?'. 'Senhor', respondeu o bêbado, 'eu era leproso e me curaste; que outra coisa posso fazer?' Tendo entrado mais na cidade, viu outro homem jovem, que seguia uma prostituta, e lhe disse: 'Por que você destrói sua alma em uma vida perdida?' E o jovem lhe respondeu:

‘Senhor, eu era cego, e me deste a visão; que outra coisa posso fazer?’ E por fim, já no centro da cidade, viu um ancião, deitado em um canto, que chorava amargamente. Quando Jesus lhe perguntou por que chorava, o ancião lhe disse: ‘Senhor, eu tinha morrido, e Tu me ressuscitaste; que outra coisa posso fazer a não ser chorar?’ ”

Esta é uma terrível parábola da forma em que os homens usam os dons de Cristo e a misericórdia de Deus. A sogra do Pedro usou o dom de sua saúde restabelecida para servir a Jesus e a outros. Essa é a forma em que deveríamos usar todos os dons de Deus.

MILAGRES NA MULTIDÃO

Mateus 8:16-17

Como já vimos, o relato que Marcos faz destes acontecimentos estabelece claramente que ocorreram na tarde de um sábado (Marcos 1:21-34). Isso nos explica por que esta cena tem lugar pela tarde, depois do pôr-do-sol. Segundo a lei do Sábado, que proibia todo trabalho, era ilegal curar no sábado. Nesse dia podia fazer-se o necessário para impedir que uma pessoa piorasse de sua enfermidade, mas não podia fazer-se nada para melhorá-la. A disposição geral era que durante o sábado só podiam ser atendidos aqueles doentes cujas vidas corressem perigo. Além disso, estava proibido levar cargas no sábado, e uma carga era algo que pesasse mais que dois figos secos. Portanto, estava proibido levar um doente de um lugar a outro, quer em uma maca, entre duas pessoas, ou carregando-o sobre as próprias costas, ou nos braços, porque isso era levar uma carga. O sábado terminava oficialmente quando podiam ver-se duas estrelas no céu, pois naqueles dias não havia relógios. É por isso que a multidão de Cafarnaum aguardou o entardecer para levar até Jesus os doentes necessitados da cura que ele podia lhes oferecer.

Mas devemos pensar no que Jesus tinha estado fazendo durante aquele sábado. Esteve na sinagoga e tinha curado o endemoninhado.

Tinha enviado a saúde ao escravo do centurião. Tinha curado a sogra de Pedro. Sem dúvida, tinha ensinado e pregado, e certamente se teria encontrado com seus acérrimos adversários. Agora tinha chegado a tarde. Deus deu aos homens o dia para trabalhar e a noite para o descanso. A tarde é o momento quando se deixa de lado o trabalho e começa o repouso. Mas não era assim para Jesus. No momento em que ele também necessitava o descanso, viu-se rodeado das clamorosas necessidades humanas e sem egoísmo, sem protestar, com uma generosidade divina, saiu ao encontro dos homens. Enquanto houvesse uma alma necessitada, não haveria descanso para Jesus.

Esta cena traz à mente de Mateus certas palavras de Isaías (Isaías 53:4) onde se diz que o Servo de Deus levou nossas enfermidades e sofreu nossas dores.

O discípulo de Cristo não pode procurar descanso quando ainda há quem necessita ajuda e saúde; e o mais estranho é que seu cansaço desaparecerá e sua fraqueza se fortalecerá quando usar suas energias para ajudar a outros. De algum modo, quando chegarem as demandas, também virá o poder. E sentirá que pode seguir adiante por amor dos outros quando por si mesmo não daria mais nenhum passo.

A EXORTAÇÃO A CALCULAR O CUSTO DO DISCIPULADO

Mateus 8:18-22

À primeira vista esta passagem parece estar fora de lugar neste capítulo. Ele inclui vários milagres e a primeira impressão é que esta passagem não encaixa bem em um capítulo onde se narram somente feitos milagrosos. Por que Mateus o inclui aqui?

Sugeriu-se que Mateus inclui esta passagem porque estava pensando em Jesus como o "Servo Sofredor". Acaba de citar Isaías 53:4: "Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças" (Mateus 8:17). De maneira muito natural, afirma-se, esta

imagem leva o pensamento de Mateus à imagem seguinte, a de alguém que não tem um lugar onde repousar sua cabeça.

Como diz Plummer: "A vida de Jesus começou em um estábulo emprestado, e terminou em uma tumba emprestada". Sugere-se, pois, que Mateus inseriu esta passagem aqui porque tanto esta como a anterior, mostram a Jesus como o Servo Sofredor de Deus.

É possível. Mas muito mais possível é que Mateus tenha incluído esta passagem em um capítulo sobre milagres porque entendia que nela se relatava um milagre. Deve-se levar em conta que quem queria seguir a Jesus era um escriba. Dirigiu-se a Jesus usando o título mais alto que conhecia: "Mestre". A palavra grega é *didaskalos*, que equivale ao hebreu *rabbi*. Para este escriba Jesus era o maior mestre que tinha ouvido ou visto em sua vida. Era verdadeiramente um milagre que um escriba outorgasse a Jesus esse título, e que queria segui-lo. Jesus propugnava a destruição e o fim do estreito legalismo sobre o qual estava construída a religião dos escribas. Era realmente um milagre que um escriba visse algo de atrativo e apetecível em Jesus. Trata-se do milagre do impacto da personalidade de Jesus Cristo sobre os homens.

O impacto de uma personalidade sobre outra pode certamente produzir os efeitos mais maravilhosos. Muitos grandes eruditos foram lançados à sua carreira de estudo pela personalidade de algum de seus professores ou mestres, durante os anos formativos. Muitos são cristãos e servem como cristãos a seus semelhantes graças ao impacto que alguma grande personalidade cristã fez sobre sua vida. A própria pregação foi definida e descrita por alguém como "a verdade através de uma pessoa".

W. H. Elliot, em sua autobiografia *Undiscovered Ends*, conta algo muito interessante com respeito à grande atriz Edith Evans: "Quando morreu seu marido, veio até nós, angustiada pela dor... Em nossa sala da casa em Chester Square derramou seus sentimentos e falou de sua perda durante mais ou menos uma hora. Eram sentimentos que surgiam das fontes mais profundas de sua alma. Sua personalidade enchia totalmente a habitação. Que devo dizer, a habitação não era o suficientemente

grande para contê-la!... Durante vários dias a sala de nossa casa ficou como 'eletrizada', segundo eu disse então. As potentes vibrações emitidas por aquela mulher ainda não tinham desaparecido."

Esta história é similar a do impacto que produziu a personalidade de Jesus sobre o escriba. Até nossos dias segue sendo verdade que o mais necessário não é tanto falar com os homens sobre Jesus, como confrontá-los com Ele, e deixar que sua personalidade se ocupe do resto.

Mas há muito mais que isto. Não termina o escriba de manifestar sua devoção quando Jesus lhe diz que as raposas têm covis, e as aves têm lugares para descansar nos ramos das árvores, mas o Filho do Homem não tem onde repousar sua cabeça. É como se Jesus dissesse: "Antes de me seguir, *pensa muito bem o que vais fazer*; antes de me seguir, *calcula o custo*." Jesus não queria seguidores arrastados por um momento de emoção que tão logo se acende como se apaga. Não queria homens que fossem arrastados por um mero sentimentalismo, que com a mesma facilidade que podia levá-los a ele, podia apartá-los.

Queria seguidores que soubessem o que estavam fazendo. Falou de carregar uma cruz (Mateus 10:38). Falou até de ficar acima das relações mais tenras e potentes da vida (Lucas 14:26). Falou de dar tudo aos pobres (Mateus 19:21). Sempre dizia aos homens: sim, já sei que seu coração corre para mim, e quer me seguir, mas, *ama-me o suficiente para isso?*"

Em qualquer esfera da vida os homens devem confrontar-se com a realidade. Se um jovem expressa o desejo de cultivar a erudição, devemos lhe dizer: "Muito bem, mas está preparado para deixar de lado os prazeres e viver dedicado ao trabalho intelectual?" Quando um explorador está formando sua equipe, muitas pessoas se oferecem para acompanhá-lo, mas deve separar os românticos dos realistas, dizendo: "Bem, mas está preparado para o gelo e a neve, para os pântanos e o calor tropical, para a fadiga e o esgotamento de dias e dias de marcha?" Quando um jovem quer chegar a ser um atleta, o treinador deve lhe dizer: "Muito bem, mas estás preparado para a abnegação e a auto-

disciplina que são as únicas coisas capazes de te dar a eminência a que aspiras?"

Não se trata de apagar o entusiasmo, mas sim de reconhecer que o entusiasmo que não enfrenta a realidade muito em breve se consome, e somente ficam cinzas no lugar da chama. Ninguém poderá jamais dizer que seguiu a Jesus enganado. Jesus é absolutamente franco.

Não estamos servindo a Jesus Cristo como ele quer que o façamos se levamos os homens a pensarem que o cristianismo é um caminho fácil de transitar. Não há coisa mais maravilhosa que seguir a Cristo, e não há glória como a que espera aos que chegam ao final do caminho; mas Jesus Cristo nunca disse que era um caminho fácil. O caminho para a glória sempre passa pela cruz.

A TRAGÉDIA DO MOMENTO DESPERDIÇADO

Mateus 8:18-22 (continuação)

Mas havia outro homem que também queria seguir a Jesus. Este disse que seguiria o Mestre se Ele lhe permitisse primeiro ir e enterrar a seu pai. A resposta de Jesus foi: "Segue-me, e deixa que os mortos enterrem a seus mortos." As palavras de Jesus, à primeira vista, parecem tremendamente duras. Para o judeu enterrar de maneira decente a seu progenitor era um dever dos mais sagrados.

Quando morreu Jacó, José pediu permissão a faraó para ir enterrar a seu pai. "Meu pai me fez jurar, declarando: Eis que eu morro; no meu sepulcro que abri para mim na terra de Canaã, ali me sepultarás. Agora, pois, desejo subir e sepultar meu pai, depois voltarei" (Gênesis 50:5). Devido ao caráter aparentemente severo e até ofensivo desta passagem, deram-se muitas interpretações de seu significado.

Sugeriu-se que na tradução do aramaico, que Jesus falava, ao grego do Novo Testamento, houve um engano de termos, e que Jesus em realidade lhe disse que bem podia deixar a tarefa de enterrar a seu pai aos coveiros profissionais.

Há um versículo muito estranho em Ezequiel 39:15, que diz: "Os que percorrem a terra, a percorrerão e quando algum deles vir um osso de homem, por-lhe-á ao pé um sinal, até que os enterradores o tenham enterrado no vale de Hamom-Gogue." (TB) Este texto sugere que haveria entre os judeus uma classe de funcionários chamados *enterradores*. Sugeriu-se que Jesus recomendou ao homem cujo pai tinha morrido, que deixasse em mãos desses coveiros a tarefa de enterrar o defunto. Esta é uma explicação muito pouco provável.

Sugeriu-se, por outro lado, que Jesus quis dizer exatamente o que vemos, acusando a sociedade de estar morta no pecado, e que recomenda a seu seguidor potencial abandoná-la logo que puder, embora fazê-lo signifique deixar sem enterro a seu pai; nada, nem sequer um dever tão sagrado, devia tardar a decisão de embarcar-se no seguimento de Cristo.

Mas a verdadeira explicação, reside indubitavelmente na forma em que os judeus usavam esta frase, que ainda segue sendo comum, com o mesmo significado, no Oriente Médio.

Wendt relata um incidente no qual teria participado um missionário sírio, M. Waldmeier. Este missionário era muito amigo de um turco jovem, inteligente e rico. Em uma conversação, recomendou-lhe que ao terminar seus estudos universitários fizesse uma viagem por distintos países da Europa, o que podia ajudá-lo a ampliar suas perspectivas. Mas o turco replicou: "Acima de tudo preciso enterrar o meu pai." O missionário, muito triste, deu seus pêsames ao jovem, desculpando-se por não ter-se informado da morte de seu pai. Mas o jovem turco sorriu e lhe explicou que seu pai estava bem vivo e gozava de boa saúde, e que sua expressão na linguagem local significava que estava obrigado a cumprir todos os seus deveres para com seus pais e parentes antes de poder fazer a viagem sugerida; que, em realidade não poderia abandonar seu lar até depois da morte de seu pai, que poderia não ocorrer até depois de passados muitos anos.

Isto, muito provavelmente, é o que quis dizer o homem que aparece no evangelho. Ao dirigir-se a Jesus disse: "Vou seguir-te algum dia,

depois que meu pai tenha morrido e esteja livre para dispor de mim mesmo." De fato, então, estava adiando sua decisão possivelmente por um lapso de muitos anos.

Jesus era sábio. Conhecia o coração humano e sabia perfeitamente que se esse homem não se decidia a segui-lo ali mesmo, jamais o faria. Uma e outra vez atravessamos por momentos de entusiasmo em que nos sentimos impulsionados às ações mais nobres; e uma e outra vez também, deixamos que esses momentos passem de lado, sem agir de acordo com sua inspiração suprema. A tragédia da vida com muita frequência é a do momento desperdiçado. Sentimo-nos movidos a uma determinada ação criativa, sentimo-nos movidos a abandonar uma fraqueza ou um hábito maligno, sentimo-nos movidos a dizer uma palavra a alguém, de simpatia, de advertência, de estímulo. Mas deixamos que passe o momento, que se desvaneça a inspiração, e nunca fazemos o que poderíamos ter feito, nunca dizemos essa palavra. Até nos melhores de entre nós há certa inércia e letargia, o hábito de adiar as coisas, de deixá-las para amanhã; e o momento nunca volta, e nunca passamos aos fatos.

Jesus recomendou àquele homem: "Neste momento você sente que deve sair da sociedade morta em que você se move. Você diz que a abandonará quando tiver passado alguns anos e seu pai tenha morrido. Saia agora, abandone tudo hoje, porque de outro modo jamais o fará."

Em sua autobiografia H. G. Wells conta um dos momentos cruciais de sua vida. Era aprendiz de lojista, com um comerciante que traficava com tecidos e a vida parecia carecer de toda perspectiva para ele. Então, um dia, sentiu o que ele denomina "uma voz interior e profética": "Saia imediatamente deste ofício, antes que seja muito tarde, abandone-o, deixe-o para trás." E não esperou voltar a ouvir outra vez a mesma voz. Imediatamente deixou o seu trabalho e começou a procurar outra coisa. A decisão desse instante fez com que houvesse um H. G. Wells. Que

Deus nos dê esse poder de decisão para nos salvar de arruinar nossas melhores oportunidades!

A PAZ DE SUA PRESENÇA

Mateus 8:23-27

Esta cena é muito freqüente no Mar da Galiléia. O Mar da Galiléia é pequeno; mede somente uns vinte e um quilômetros do norte ao sul, e treze do leste ao oeste, em sua parte mais larga. O vale do Jordão segue a linha de um profunda falha na crosta terrestre, e o Mar da Galiléia é parte dessa depressão. Está a 210 metros abaixo de nível do mar. Isto faz que seu clima seja quente e agradável, mas também tem seus perigos. Sobre o oeste, há montanhas com quebradas e vales; quando sopram os ventos frios do oeste, estes vales e quebradas atuam como gigantescos ventiladores. Neles o vento se comprime, por assim dizer, e baixa sobre o lago com uma violência inusitada, selvagem, fazendo-o, além disso, repentinamente. Em um instante a calma pode converter-se em pavorosa tempestade. As tormentas do Mar da Galiléia combinam, como em nenhum outro lugar, tanto a violência como o caráter repentino.

W. M. Thompson, em *Land and the Book*, descreve suas experiências à beira do Mar da Galiléia:

"Na ocasião a que me refiro, levantamos nossas carpas sobre a margem, e ficamos nesse lugar durante três dias e três noites, açoitado por esses terríveis vendavais. Tivemos que pôr dupla estaca em cada um dos ventos das carpas, e mais de uma vez, quando aumentava a tempestade, nos víamos obrigados a ajudar com todo nosso peso, nos apoiando sobre as sogas, para que o vento não levasse pelos ares nossas fracas moradas... O lago inteiro, ante nossos olhos, desatava-se em uma fúria incrível; as ondas chegavam às vezes até a porta de nossas carpas, batendo com tanta força contra as estacas, que nos infundia o temor de ser arrastados por sua força. Mais ainda, estes ventos não só são muito violentos, mas também sopram quando menos se espera, até com o céu claro e limpo. Em certa oportunidade tinha ido banhar-me nas águas termais e repentinamente

começou a soprar um desses vendavais, tão inusitado em seu furor que com muita dificuldade consegui retornar ao acampamento."

O Dr. W. M. Christie, que passou vários anos na Galiléia, descreve suas experiências. Diz que durante essas tormentas o vento parece soprar de todas as direções ao mesmo tempo, porque ao descer pelas estreitas gargantas das montanhas, tocam a superfície da água quase perpendicularmente. Conta de uma ocasião quando:

Um grupo de visitantes se encontrava na margem do mar, em Tiberíades, e vendo a tranqüillidade transparente das águas e as reduzidas dimensões do lago, alguns expressaram dúvidas em relação à fidelidade do relato evangélico em que se menciona uma tormenta. Quase imediatamente o vento começou a soprar. Em vinte minutos o mar se via branco pela espuma das ondas. Grandes massas de água rompiam contra os muros da cidade, e os visitantes precisaram buscar refúgio para que não os molhasse a garoa que vinha como resultado desses abrolhos, embora se encontravam a mais de duzentos metros da margem.

Em menos de meia hora a plácida superfície do lago se converteu em uma selvagem tormenta marinha.

Isso é o que aconteceu a Jesus e seus discípulos. As palavras do relato em grego são muito vívidas. A tormenta se denomina *seismós*, termo que usualmente designa um *terremoto*. As ondas eram tão altas que o navio ficava oculto entre elas. Jesus, por outro lado, estava dormindo. Se lermos a narração de Marcos 4:1, 35 veremos que antes de sair para essa travessia, tinham estado usando a mesma embarcação como púlpito, de onde Jesus tinha ensinado a uma enorme multidão. Sem dúvida deve ter ficado exausto. E então, no momento do terror, os discípulos despertam, e a tormenta se calma.

A CALMA EM MEIO À TORMENTA**Mateus 8:23-27 (continuação)**

Nesta história há muito mais que o simples aquietar do mar e a tormenta. Suponhamos que Jesus verdadeiramente tenha acalmado uma tempestade marinha ao redor do ano 28 de nossa era. Isto seria algo maravilhoso. Entretanto, teria muito pouco a ver conosco. Seria a história de um milagre isolado, sem relação alguma conosco, homens do século XX. Se este fosse o significado da história, estaríamos autorizados a nos perguntar, por que Ele não repete o milagre em nossos tempos? Por que permite que muitos, crentes nEle, a quem Ele ama, sejam tragados pelo mar em meio de similares cataclismos naturais? Por que não intervém hoje para salvá-los? Se interpretarmos esta história simplesmente como o apaziguamento de uma tormenta meteorológica, apresentam-se problemas que, para alguns de nós, podem chegar a significar uma profunda tristeza.

Mas o significado desta passagem vai muito além de tudo isto. O significado que devemos procurar nela não é que Jesus tenha sido capaz de acalmar uma tormenta na Galiléia, mas sim, quando Jesus está presente, todas as tormentas da vida se acalmam. Significa, em outras palavras, que quando Ele está presente há paz, seja qual for o tipo de tormenta que nos acosse. Quando sopra o vento frio, gélido da tristeza, podemos encontrar calma e consolo na presença de Jesus Cristo. Quando sopra o ardente vento da paixão, temos paz e segurança na presença de Jesus Cristo. Quando a tormenta da dúvida ameaça desarraigar os mais profundos fundamentos de nossa fé, há segurança e firmeza na presença de Jesus Cristo. Em todas as tormentas que sacodem o coração do homem, Jesus Cristo nos oferece a paz.

Margaret Avery conta uma história maravilhosa. Em uma pequena escola rural, em uma zona montanhosa, a professora tinha contado a seus alunos a história da sujeição da tempestade. Muito pouco tempo depois se desatou uma tremenda nevasca, acompanhada de fortes ventos. A

professora teve virtualmente que arrastar a seus alunos, no meio do vendaval, para deixá-los seguros em suas casas. O perigo que corria o grupo de meninos não era imaginário, mas muito real. Em meio de tudo isto, ouviu a voz de um dos meninos que dizia, como se estivesse falando consigo mesmo: "Esse Jesus poderia vir e nos dar uma mão agora."

Esse menino tinha entendido perfeitamente bem a história; a professora deve ter sido uma excelente docente. A lição desta história, o significado que podemos extrair dela, o que nos ensina, é que quando as tormentas da vida sacodem nossa alma, Jesus Cristo está ali conosco, e que graças à sua presença o furor da tormenta se transforma em uma paz que nenhum cataclismo poderá nos roubar.

UM UNIVERSO POSSUÍDO POR DEMÔNIOS

Mateus 8:28-34

Antes de começarmos o estudo detalhado desta passagem, possivelmente convenha que nos detenhamos para esclarecer uma dificuldade que o estudioso dos evangelhos enfrenta. Evidentemente os autores evangélicos tinham dúvidas sobre o lugar onde tinha acontecido este incidente. O desconhecimento exato deste dado se reflete nas diferenças que encontramos nos distintos evangelhos com respeito ao nome da região. Na Nova Versão Internacional lemos que Jesus chega à "região dos gadarenos". Mas há diferenças consideráveis entre os diversos manuscritos. A mesma versão, como também a Almeida Revista e Atualizada, que seguem os melhores manuscritos, dizem em Marcos e Lucas "gerasenos" (Marcos 5:1; Lucas 8:26).

A dificuldade está em que ninguém conseguiu identificar o lugar exato. *Gerasa* não pode ser, pois a única Gerasa de que se tem conhecimento estava a mais de cinquenta quilômetros da costa do mar, para o sudeste, em Gileade. E é evidente que Jesus não viajou, pelo menos naquela oportunidade, uma distância tão longa. *Gadara* pode ser a cidade de referência, porque está somente a uns dez quilômetros do

Mar da Galiléia, e é perfeitamente possível que o cemitério e as pastagens para o gado de Gadara estivessem a alguma distância do centro povoado.

Orígenes duvidava das duas possibilidades anteriores, e conhecendo a existência de uma aldeia chamada Gerasa; situada na margem a leste do lago, supôs que este fosse o lugar. As diferenças se devem ao fato de que os copistas dos manuscritos gregos não conheciam a Palestina o suficientemente bem para poder localizar exatamente o lugar real.

Este milagre expõe o conceito da posse demoníaca, que é tão comum nos evangelhos. Na antiguidade se acreditava firmemente e sem vacilação alguma na existência de demônios e espíritos malignos. O ar estava tão cheio destas criaturas que, conforme diziam alguns, era impossível mover um alfinete pelo vazio sem cravar algum. Outros opinavam que havia sete milhões e meio; ou que havia dez mil à direita e dez mil à esquerda de cada ser humano. E todos estes espíritos a única coisa que faziam era esperar para ver que mal podiam fazer ao homem. Viviam habitualmente em lugares impuros, como por exemplo nas tumbas ou nos lugares onde era impossível conseguir água para lavar-se, ou nos desertos onde se podia ouvir seus uivos. Eram especialmente perigosos para o viajante solitário, para a mulher no transe de dar à luz, os recém casados, para os meninos que ficavam fora de suas casas quando já era escuro, e para todos os que viajavam durante a noite. Eram especialmente perigosos na hora de mais calor, ao meio dia, e entre o pôr-do-sol e a alvorada. Os demônios masculinos se chamavam *shedim* e os femininos *lilin*. Os demônios femininos tinham cabelo comprido e atacavam preferentemente os meninos: por isso é que os meninos tinham anjos da guarda que os protegiam (cf. Mateus 18:10).

Com respeito à origem dos demônios, sustentavam-se diversos pontos de vista. Alguns afirmavam que existiam desde a criação do mundo; outros afirmavam que eram os espíritos das pessoas más, que depois da morte seguiam praticando suas más obras. A opinião mais corrente os relacionava com a estranha história que encontramos em

Gênesis 6:1-8. Nesta antiga passagem lemos como os anjos pecadores desceram à Terra e seduziram as filhas dos homens. Os demônios, sustentava-se, eram os descendentes dos filhos nascidos dessa maligna união.

Todas as enfermidades se atribuem à ação desses demônios. Não somente eram responsáveis por enfermidades como a epilepsia ou a loucura, mas também pelas enfermidades especificamente físicas. Os egípcios sustentavam que o corpo estava formado por trinta e seis partes, e que cada uma delas podia estar habitada por um demônio. Um dos métodos que usavam para introduzir-se no corpo era rondar a sua vítima enquanto comia, entrando com os mantimentos.

Tudo isto pode nos parecer fantástico; mas na antiguidade se acreditava nos demônios com convicção. Se alguém se convencera de que um demônio tinha penetrado em seu corpo, não era muito difícil que começassem a manifestar-se nele todos os sintomas da posse demoníaca. Estava genuinamente convencido que era habitado por um espírito maligno. Sabemos que qualquer um pode adoecer fisicamente se está convencido de que possui uma doença; isto era muito mais fácil em uma época quando havia muito do que hoje nós chamaríamos superstição, e os conhecimentos científicos eram muito mais primitivos que na atualidade. Embora não existam os demônios, só era possível curar agindo a partir do suposto do doente de que para ele os demônios eram a coisa mais real.

A DERROTA DOS DEMÔNIOS

Mateus 8:28-34 (continuação)

Quando Jesus chegou ao outro lado do lago, saíram a seu encontro dois endemoninhados que viviam nos sepulcros, porque os sepulcros eram um lugar muito adequado para a habitação dos demônios. Estes dois homens chegavam a enfurecer-se tanto que constituíam um perigo

para os transeuntes, e em geral ninguém se atrevia a aproximar-se muito deles.

W. M. Thompson, no *Land and the Book*, relata sua experiência de ter conhecido, em pleno século XIX, ao viajar pela Terra Santa, homens em similar condição à que se descreve no relato evangélico:

"Até hoje há casos muito similares – maníacos furiosos, de grande perigo, que vagam pelas montanhas e dormem em cavernas e em sepulcros. Em seus piores paroxismos é impossível controlá-los e têm uma força incrível... Uma das características destes doentes é que se negam a pôr roupa. Vi-os, absolutamente nus, nas ruas cheias de transeuntes de Beirute ou Sidom. Há casos em que se põem a correr desvairadamente pelo campo, assustando a todos os habitantes da região."

Além de tudo o mais que se pode fazer, Jesus começou demonstrando uma coragem fora do comum ao deter-se para falar com estes dois homens.

Se seriamente queremos conhecer os detalhes desta história, devemos nos remeter a Marcos (5:1-19), onde a narração é bem mais longa. O que Mateus nos oferece é um resumo da outra. Esta história milagrosa deu lugar a muitas discussões, e estas em geral se concentram em torno da destruição da manada de porcos. Muitos consideraram um tanto estranho e desumano que Jesus destruir assim uma piara de animais. Mas é caso seguro que Ele não destruiu deliberadamente os porcos. Devemos buscar visualizar o que aconteceu.

Os homens gritavam em alta voz (Mar. 5:7; Lucas 8:28). Devemos recordar que esses dois homens acreditavam firmemente que estavam possuídos por demônios. Uma das crenças ortodoxas do judaísmo era que com a vinda do Messias todos os demônios seriam aniquilados e destruídos. É por isso que os dois homens perguntam a Jesus por que tinha vindo a torturá-los antes de que fosse sua hora. Estes homens estavam tão convencidos de que os demônios habitavam em seus corpos, que nada teria podido "curá-los" a menos que vissem com seus próprios olhos como os demônios saíam deles e eram destruídos. Devia ocorrer algo que fosse para eles uma prova irrefutável de sua liberação. É

provável que seus gritos em alta voz tenham espantado os porcos, que se lançaram ao lago. A água era fatal para os demônios. Jesus aproveitou a oportunidade. "Olhem", disse-lhes, "seus demônios saíram de vocês e se colocaram nesses porcos, que agora se precipitam no lago, e ficam destruídos para sempre jamais."

Jesus sabia que não se poderia convencer a esses pobres miseráveis de que estavam curados sem que eles o vissem com seus próprios olhos. Se as coisas ocorreram deste modo, não se pode dizer que Jesus tenha destruído deliberadamente os porcos. Valeu-se dessa imagem como um recurso útil para convencer a esses dois pobres homens da realidade de sua cura.

Mas embora Jesus tivesse ocasionado deliberadamente a destruição dos porcos, não se pode culpá-lo de ter feito algo improcedente. É possível chegar a ser excessivamente melindroso.

T. R. Glover diz que muitas pessoas acreditam que são muito piedosas, quando em realidade o que fazem é ser melindrosas. Evidentemente não se pode comparar o valor de um montão de porcos com o de dois seres humanos, cujas almas são imortais. Bem poucos entre nós se negarão a comer presunto, ou costelas de porco. Nossa simpatia para com os porcos não nos impede de comer isso. Podemos então nos queixar de que Jesus tenha devolvido a saúde a dois seres humanos à custa de uma vara de porcos? Ninguém diria que esta ação significa estimular a crueldade para com os animais. Apenas significa que devemos manter certa proporção em nossa atitude diante da vida.

A suprema tragédia desta história está na forma como que termina. Os que cuidavam dos porcos correram à cidade e contaram o ocorrido aos habitantes desta. O resultado foi que os gadarenos acudiram a Jesus e lhe pediram que abandonasse essa região. Aqui vemos o egoísmo humano em sua expressão concreta. Não se importavam com o fato de que dois semelhantes tivessem recuperado a razão. Tudo o que lhes importava era que tinham perdido seus porcos.

Com muita freqüência encontramos quem opina: "Não me importa o resto do mundo enquanto conserve meus lucros e meus bens e minha comodidade." Possivelmente nos surpreenda a dureza do coração daqueles gadarenos, mas é necessário que mantenhamos uma atitude vigilante para não cairmos também na atitude dos muitos que se negam a ajudar a outros quando a ajuda implica renunciar a algum privilégio.

Mateus 9

O crescimento da oposição

Reconciliados com Deus - Mat. 9:1-8

O homem a quem todos odiavam - Mat. 9:9

Um desafio e sua aceitação - Mat. 9:9 (cont.)

Onde a necessidade é maior - Mat. 9:10-13

Alegria presente e tristeza futura - Mat. 9:14-15

O problema de uma idéia nova - Mat. 9:16-17

A fé imperfeita e o poder perfeito - Mat. 9:18-19, 23-26

O toque que desperta a vida - Mat. 9:18-19, 23-26 (cont.)

Todo o poder do céu em benefício de uma pessoa - Mat. 9:20-22

A fé posta à prova e recompensada - Mat. 9:27-31

As duas reações - Mat. 9:32-34

As três áreas de ação - Mat. 9:35

A compaixão divina - Mat. 9:36

A colheita aguarda os ceifeiros - Mat. 9:37-38

O CRESCIMENTO DA OPOSIÇÃO

Vimos em repetidas instâncias que no evangelho de Mateus não há nada que apareça por acaso. É um evangelho cuidadosamente planejado e desenhado. No capítulo 9 podemos comprovar outro exemplo deste cuidadoso planejamento, porque nele começamos a ver os primeiros sinais da tormenta que se vai preparando no horizonte. Aqui vemos como começa a crescer a oposição a Jesus. Aparecem os primeiros

indícios das acusações que finalmente levarão Jesus à morte. Neste capítulo se formulam quatro acusações contra Jesus.

(1) Jesus é acusado de *blasfêmia*. Em Mateus 9:1-8 vemos como Jesus cura o paraplégico ao perdoar os seus pecados. E escutamos como os escribas o acusam de blasfêmia, porque Jesus dizia ser capaz de fazer algo que só Deus pode fazer. Acusou-se a Jesus de blasfêmia por falar com a voz de Deus. Em grego *blasfêmia* significa literalmente calúnia ou maledicência, e os inimigos de Jesus o acusaram de insultar ou caluniar a Deus atribuindo-*Se a Si mesmo poderes que estritamente pertencem a Deus.*

(2) Jesus é acusado de *imoralidade*. Em Mateus 9:10-13 vemos Jesus em uma festa, sentado junto com coletores de impostos e outras pessoas reconhecidamente pecadoras. Os fariseus *lhe pedem que explique por que se juntava com tais pessoas. No fundo queriam dizer que se Jesus andava com eles provavelmente fosse como eles. Jesus foi acusado de ser imoral por relacionar-se com pessoas imorais. Quando não gostamos de alguém é muito fácil torcer, tergiversar e interpretar mal tudo o que faz, atribuindo-lhe motivações que nunca teve.*

Harold Nicholson conta uma conversação que sustentou em certa oportunidade com o veterano político inglês Stanley Baldwin. Nicholson, naquela época, logo começava sua própria carreira política, e o propósito de sua conversação com Baldwin era pedir-lhe conselho. E Baldwin *lhe disse: "Você quer começar a carreira de estadista, e dirigir os assuntos do país. Pois bem, há três conselhos que eu posso *lhe dar*, a partir de minha longa experiência nestas coisas. Em primeiro lugar, se tiver uma assinatura de uma agência de recortes de periódicos, cancele imediatamente sua assinatura. Em segundo lugar, nunca ria dos enganos de seus contrários. E em terceiro lugar, *endureça-se contra a atribuição de motivações espúrias.*"*

Uma das armas favoritas de qualquer inimigo de um homem público é a atribuição de motivações espúrias; e isso é o que os inimigos de Jesus fizeram com Ele.

(3) Jesus é acusado de ser *lasso na prática piedosa*. Em Mateus 9:14-17 vemos que os discípulos do João perguntam aos discípulos de Jesus por que seu Mestre não jejua. Jesus não seguia os esquemas ortodoxos da religiosidade e portanto os ortodoxos suspeitavam dele. Todo aquele que transgredisse convenções deveria sofrer as conseqüências; e especialmente o que transgredisse as convenções religiosas. Jesus transgrediu as convenções ortodoxas da piedade eclesiástica e foi criticado por isso.

(4) Jesus é acusado de estar *aliado ao diabo*. Em Mateus 9:31-34 vemos Jesus curando a um surdo, e seus inimigos atribuem a cura a um suposto pacto entre Jesus e o diabo. Sempre que se manifesta um poder desconhecido como ocorre, por exemplo, com a cura pela fé – há quem diz: "Devemos tomar cuidado, isto pode ser obra do demônio e não de Deus."

O estranho é que quando a pessoa vê algo de que não gosta, ou que não compreende bem, ou que contradiz seus preconceitos, com muita freqüência o atribui ao demônio, e não a Deus.

Aqui temos, pois, o começo da campanha contra Jesus. Os caluniadores iniciam seu trabalho. As línguas viperinas envenenam a verdade, Atribuem-se motivações espúrias a Jesus. Começou o movimento para eliminar a esse perturbador Jesus.

RECONCILIADOS COM DEUS

Mateus 9:1-8

Graças a Marcos 2:1 sabemos que este incidente teve lugar em Cafarnaum; e é interessante assinalar que a esta altura de seu ministério Jesus tinha chegado a estar tão identificado com Cafarnaum que poderia chamá-la de sua cidade". Cafarnaum era o centro de sua obra.

Levaram a Jesus um parálítico transportado em uma maca por uns amigos dele. Este é um belo quadro de alguém que se salva graças à fé de seus amigos. Se fosse por seus amigos, este homem jamais teria

chegado à presença curadora de Jesus. Possivelmente já estava totalmente resignado com seu destino, tinha perdido todas as esperanças, Bem pode ser que seus amigos o tenham levado até contra sua vontade. Mas aqui está, bem perto de Jesus. Seja como for, o certo é que este homem se salvou graças à fé de seus amigos.

W. B. Yeats, em sua peça teatral *O gato e a Lua* tem uma linha que diz: "Você quase pode conhecer o homem santo porque tem como camarada, como amigo íntimo e da alma, a algum homem mau." É realmente uma das características do homem santo esse aferrar-se a alguém verdadeiramente mau ou sem consciência, até conseguir finalmente, graças a seus esforços, levá-lo à presença de Jesus Cristo. Não podemos obrigar a ninguém a que aceite a Jesus Cristo contra sua vontade.

Coventry Patmore disse que não se pode ensinar a outro a verdade religiosa; no máximo podemos indicar-lhe o caminho pelo qual ele mesmo a encontrará. Não podemos converter a ninguém em cristão, mas podemos fazer todo o possível para levá-lo à presença de Jesus Cristo.

A forma como que Jesus encara a este homem é surpreendente. Começa lhe dizendo que seus pecados estão perdoados.

Havia uma dupla razão que justificava um enfoque que nos parece tão fora de lugar. Na Palestina, todo mundo acreditava que as enfermidades eram conseqüência do pecado, e que nenhuma enfermidade podia curar-se até que o pecado que a tinha ocasionado fosse perdoado por Deus.

O rabino Ami disse: "Não há morte que não provenha de algum pecado, nem enfermidade que não provenha de uma transgressão." O rabino Alexandre disse: "O doente não se levanta de sua enfermidade até que seus pecados lhe tenham sido perdoados." O rabino Chija Ben Abba disse: "Nenhum doente pode curar-se se não tiver encontrado o perdão de seus pecados."

Esta relação inquebrantável entre o pecado e a enfermidade era parte das crenças ortodoxas do judaísmo nos tempos de Jesus. Por isso,

não fica lugar a dúvidas no caso que estudamos: Esse homem não poderia aceitar que estava são até estar seguro de que seus pecados lhe foram perdoados. É muito provável que tivesse sido verdadeiramente um grande pecador, e que estivesse convencido de que sua paralisia era o resultado de seus pecados, o que não é de modo algum impossível; e sem a segurança do perdão jamais poderia ter sido curado.

De fato, a medicina moderna está perfeitamente de acordo em que a mente influi sobre o corpo, e que ninguém pode ter o corpo são se sua mente não goza de saúde.

Paul Tournier, no *Livro de Casos de um Médico*, relata precisamente um sucesso que exemplifica o que acabamos de dizer.

“Há, por exemplo, aquela moça que meu amigo esteve tratando de anemia durante vários meses, sem obter maiores resultados. Como um último recurso decidiu enviá-la ao escritório sanitário do distrito, para que obtivesse um certificado que lhe permitisse internar-se em um sanatório da alta montanha. Numa semana a moça voltou com uma mensagem do funcionário médico. Este era uma excelente pessoa e um médico muito hábil. Tinha estendido o certificado, mas em uma nota adicionada a este dizia: ‘Ao analisar o sangue da paciente, entretanto, não encontro sinais do diagnóstico que você sugere.’

“Meu amigo, incomodado pela discordância, tomou imediatamente uma amostra de sangue de seu paciente, e correu ao laboratório. A recontagem globular tinha mudado drasticamente, tal como o assinalava o outro médico. ‘Se eu não fosse uma dessas pessoas que controla meticulosamente todos os passados do processo de laboratório quando se trata de um doente meu, e se não tivesse tido o cuidado de controlar o sangue daquela doente em cada uma de suas visitas’, dizia meu amigo, ‘teria chegado à conclusão de que me tinha equivocado’ Mas teve que aceitar a diferença, e voltando para a paciente lhe perguntou: ‘Aconteceu algo importante em sua vida da última visita que me fez?’ ‘Sim’, replicou-lhe ela, ‘aconteceu algo. Fui capaz de perdoar a alguém contra quem experimentava um ressentimento atroz; e quando aconteceu isto comecei a sentir, repentinamente, que a partir desse momento podia dizer sim à vida.’”

Sua atitude mental tinha mudado, e junto com ela tinha mudado até o estado de seu sangue.

Este homem, na história do evangelho, sabia que era um pecador. Estava seguro de que Deus era seu inimigo. Deus o tinha paralisado e adoecido como castigo pelas maldades que ele tinha feito. Mas quando Jesus lhe trouxe o perdão de parte de Deus, soube que suas relações com Deus tinham sido restabelecidas em bons termos, soube que Deus já não era seu inimigo, mas seu amigo, e portanto se curou.

Mas a forma desta cura, precisamente, é o que scandalizou aos escribas. Jesus se tinha atrevido a perdoar pecados; o perdoar pecados é prerrogativa de Deus; portanto, Jesus tinha ofendido a Deus. Jesus lhes responde colocando-se no mesmo plano em que eles o atacam. “Pois qual é mais fácil? Dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda?” Recordemos que estes escribas acreditavam firmemente que ninguém podia levantar-se e andar a menos que seus pecados tivessem sido perdoados previamente. Se Jesus podia fazer com que este homem se levantasse e andasse, estava oferecendo uma prova irrefutável de que seus pecados *tinham* sido perdoados, e portanto que Jesus era capaz de perdoar pecados. De maneira que Jesus demonstrou que era capaz de trazer o perdão à alma daquele homem, e a saúde a seu corpo. E segue sendo uma verdade universalmente válida, que ninguém pode estar fisicamente bem a menos que esteja bem espiritualmente, que a saúde do corpo e a paz com Deus vão sempre de mãos dadas.

O HOMEM A QUEM TODOS ODIAVAM

Mateus 9:9

Não havia ninguém que fosse um candidato tão improvável para o apostolado como Mateus. Mateus era o que nossa versão da Bíblia denomina um *publicano*. Os *publicanos* eram o que hoje chamaríamos coletores de impostos, e eram chamados publicanos porque tinham que ver com o dinheiro público e com os recursos públicos.

O problema do governo romano era desenhar um sistema mediante o qual cobrar os impostos do modo mais eficaz e barato possível.

Solucionaram-no vendendo ao melhor pastor o direito a cobrar os impostos em uma determinada área. Alguém comprava o direito a arrecadar os impostos em um determinado lugar; a partir desse momento era responsável, ante o governo romano, por uma soma anual. Tudo o que pudesse cobrar a mais, acima dessa soma, era sua comissão.

Evidentemente, este sistema se prestava a abusos. A pessoa não sabia quanto devia pagar, antes que existissem os periódicos e os serviços modernos de difusão de notícias; nem tinham o direito de apelar contra as exigências do publicano. O resultado era que a maioria dos publicanos chegavam a enriquecer-se grandemente, abusando de seu ofício em proveito de seus bolsos. Este sistema se prestou a tantos abusos que na Palestina, nos tempos de Jesus, tinha sido modificado substancialmente; mas ainda era necessário pagar impostos, e o novo sistema, ainda se prestava a abusos.

Havia três impostos principais que todos deviam pagar. O primeiro era o imposto sobre a terra, que obrigava a todo agricultor a pagar um décimo de sua colheita de cereais, e um quinto de sua fruta ou vinho, seja em dinheiro ou em espécie. Havia um imposto sobre os rendimentos, que obrigava a contribuir com um por cento dos ganhos. E havia um imposto de captação que consistia em uma soma fixa que deviam abonar anualmente os varões entre quatorze e sessenta e cinco anos, e as mulheres entre doze e sessenta e cinco anos de idade. Estes eram impostos estatais, fixos, que todos conheciam bem e mediante os quais o publicano dificilmente poderia tirar ganho pessoal.

Mas além destes três, havia vários outros impostos de distinto tipo. Os produtos importados ou exportados deviam pagar direitos que oscilavam entre 2,5% a 12,5%. Era preciso pagar um imposto ao viajar pelas estradas principais, ao cruzar pontes, ao entrar nos mercados, nas cidades e nos portos. Havia impostos pelos animais de trabalho e pelos veículos, segundo a quantidade de rodas ou de eixos que tivessem. Havia impostos às compras e às vendas.

Certos produtos e serviços eram monopólio do governo. Por exemplo, no Egito o governo controlava completamente o comércio de nitrato, cerveja e papiro.

Embora o antigo sistema de licitar os cargos de publicano tinha sido suspenso, muita gente seguia necessitando-se para arrecadar todos esses impostos. Em geral, as pessoas que cobravam os impostos eram naturais da região onde exerciam seu ofício. Com freqüência se ofereciam voluntariamente para esse trabalho. Em geral, em cada região havia uma pessoa encarregada de cada um dos impostos, e muito freqüentemente parte do dinheiro arrecadado ficava em seus bolsos.

Todo mundo odiava os publicanos. Estavam a serviço dos conquistadores de sua própria pátria e se enriqueciam às custas da desgraça de seus concidadãos. Na atualidade diríamos que eram "vende pátrias" ou "colaboracionistas". Eram pessoas reconhecidamente desonestas. Não somente exauriam a seus concidadãos, mas também, em geral, enganavam ao governo, e grande parte de seus lucros provinha do suborno ou o suborno de ricos que não queriam pagar os impostos a que estavam obrigados. Em todas partes os coletores de impostos são pessoas pouco gratas, mas entre os judeus eram duplamente odiados. Os judeus eram nacionalistas fanáticos. Mas sobretudo, o que provocava sua reação negativa era a convicção de que o único rei era Deus, e que portanto pagar impostos a um governante humano era infringir os direitos de Deus e insultar a Sua majestade.

A lei judia proibia a entrada dos publicanos na sinagoga. Eram incluídos na mesma categoria das coisas e dos animais impuros, e lhes eram aplicadas todas as disposições de Levítico 20:5; não podiam ser testemunhas ante a justiça; quando se enumeravam as pessoas indignas, sempre estavam juntos "ladrões, assassinos e publicanos".

Quando Jesus chamou Mateus, chamou a alguém a quem todos odiavam. Aqui temos um dos grandes exemplos do Novo Testamento de como Jesus era capaz de ver em um homem não o que era, mas o que

podia chegar a ser. Ninguém jamais teve tal fé nas possibilidades da natureza humana como Jesus.

UM DESAFIO E SUA ACEITAÇÃO

Mateus 9:9 (continuação)

Cafarnaum pertencia ao território de Herodes Antipas, e muito provavelmente Mateus não era empregado diretamente dos romanos. Estava a serviço de Herodes. Cafarnaum era uma grande encruzilhada de rotas importantes. Em particular, atravessava por ela o grande caminho que unia o Egito e Damasco, a Rota do Mar. Por Cafarnaum ingressavam ou saíam do território de Herodes todas as mercadorias provenientes ou destinadas ao exterior. É muito provável que Mateus tenha sido oficial de alfândega, encarregado de sobrecarregar com os impostos locais todo o comércio de exportação e importação.

Não temos que pensar que esta fosse a primeira vez que Mateus se encontra com Jesus. Sem dúvida teria ouvido falar do jovem galileo que andava pregando uma mensagem maravilhosamente nova, que falava com uma autoridade tal como nunca se viu anteriormente, e que incluía entre seus amigos pessoas de quem qualquer religioso ortodoxo se apartou com repugnância. Sem dúvida Mateus o tivesse ouvido falar em alguma oportunidade, misturado entre a multidão, e as palavras de Jesus faziam estremecer seu coração. Possivelmente Mateus se perguntou interiormente se ainda era muito tarde para levantar vôo em busca de um mundo novo, deixar atrás sua velha vida e sua vergonha, e começar de novo. E agora Jesus está frente a ele; Jesus o desafia. Mateus aceita o desafio de Jesus, levanta-se, deixa-o tudo, e o segue.

Devemos nos fixar *no que Mateus perde e no que acha*. Perde um bom emprego, mas encontra um destino glorioso. Perde independência econômica, mas ganha honra. Perde uma sólida segurança, mas ganha uma aventura tal como jamais se atreveu sequer a sonhar. É possível que se aceitamos o desafio de Jesus nos encontremos mais pobres em coisas

materiais. Pode ser que devamos abandonar nossas ambições mundanas. Mas sem lugar a dúvida encontraremos uma paz, uma alegria e uma vida cheia de novos interesses, tal como nunca tínhamos conhecido antes. Em Jesus Cristo se encontra uma riqueza muito maior que qualquer riqueza deste mundo que se deva abandonar por amor a Ele.

Devemos nos fixar *no que Mateus deixou e no que levou*. Deixou os bancos de coletor de impostos; mas levou pelo menos uma coisa – sua pena. Aqui há um exemplo glorioso da maneira em que Jesus pode utilizar os dons de quem vai a Ele. É muito pouco provável que os outros onze apóstolos fossem muito hábeis no uso da pena. Os pescadores galileus não eram em geral pessoas instruídas, capazes de escrever ou sequer organizar um discurso. Mas Mateus possuía esta habilidade; e este homem, que por seu ofício costumava usar a pena, agora a usaria para compor o primeiro manual dos ditos de Jesus, indubitavelmente um dos livros mais importantes que o mundo já leu.

Quando Mateus abandonou os bancos de coletor de impostos, abandonou muito relativo ao material, mas espiritualmente se transformou em herdeiro de uma fortuna imensa.

ONDE A NECESSIDADE É MAIOR

Mateus 9:10-13

Jesus não somente chamou Mateus para ser seu seguidor, mas sim chegou até sentar-se à mesa junto com homens e mulheres que eram como Mateus, publicanos e pecadores notórios. Aqui se expõe uma pergunta muito interessante: Onde teve lugar esta refeição de Jesus com os publicanos e pecadores? Somente Lucas diz, de maneira explícita, que a refeição teve lugar na casa de Mateus, ou Levi (cf. Mateus 9:10-13; Marcos 2:14-17; Lucas 5:27-32). Segundo o relato de Mateus e Marcos a refeição poderia ter sido na casa de Jesus, ou onde se alojava nesse momento. De ser assim, suas palavras são muito mais agudas. Jesus disse: "Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento."

A palavra grega utilizada é *kaláin*, o termo técnico que aparece nos convites cursados para participar de uma festa ou em uma refeição. Na parábola do Grande Banquete (Mat. 22:1-10; Luc. 14:15-24), conforme recordaremos, os hóspedes convidados rechaçaram seu convite, e então se chamou os pobres, os aleijados e os cegos, tirando-os das ruas e caminhos onde mendigavam, e foram assentados à mesa do Rei. Pode ser que Jesus esteja dizendo: "Quando vocês fazem uma festa, convidam os ortodoxos mais estritos, piedosos, que se orgulham de sua virtude; quando eu faço uma festa, ao contrário, convido os que têm maior consciência de seu pecado e mais necessitam de Deus."

Seja como for, tendo ocorrido esta refeição na casa de Mateus ou na casa onde Jesus se hospedava, para os fariseus e os escribas ortodoxos a situação foi chocante em extremo. Em termos gerais o povo na Palestina se dividia em duas categorias: os ortodoxos, que observavam a Lei em seus mais mínimos detalhes e estipulações; e o povo em geral, que não prestava atenção às minúcias da Lei. Estes eram chamados *o povo da terra* e os ortodoxos foram proibido viajar junto com eles, comercializar com eles, dar algo ou receber algo deles, recebê-los como convidados ou ser convidados a suas casas. Ao juntar-se com estas pessoas, Jesus estava fazendo algo que nenhum religioso ortodoxo de sua época teria feito.

A defesa de Jesus foi de uma simplicidade exemplar. Disse apenas que ia onde a necessidade era maior. Não seria bom médico o que só visitasse as casas dos sãos; o lugar de um médico é junto aos doentes. Sua tarefa e sua glória é estar onde é necessário. Diógenes foi um dos grandes mestres da antiguidade grega. Nunca se cansou de comparar a vida decadente de Atenas, cidade em que passou a maior parte de sua vida, com a simplicidade e austeridade de Esparta. Alguém o interpelou um dia e lhe disse: "Se pensar que Esparta é tão maravilhosa e Atenas tão desprezível, por que não deixa Atenas e vai a Esparta?" A resposta do filósofo foi: "Não importa o que eu possa preferir, minha obrigação é ficar no lugar onde os homens mais me necessitam." Eram os pecadores que necessitavam de Jesus, e entre eles viveu Sua vida.

Quando Jesus disse: "Não vim chamar os justos, e sim pecadores", pronunciou palavras que devem entender-se corretamente. Não significam que haja pessoas tão boas e perfeitas que não necessitam nada do que Ele possa lhes oferecer, Menos ainda significam que Jesus não tenha estado interessado nas pessoas boas. Este dito de Jesus é algo assim como um epigrama, quer dizer, uma locução verbal altamente comprimida. O que Jesus quis dizer foi: "Não vim para convidar a pessoas tão satisfeitas consigo mesmas que estão convencidas de sua bondade e que acreditam não necessitar a ajuda de ninguém; vim para convidar aos que são conscientes de seus pecados e sabem desesperadamente que necessitam um salvador." Quis dizer: "Somente os que sabem até que ponto precisam de Mim são capazes de aceitar o Meu convite."

Os escribas e os fariseus dos tempos de Jesus interpretavam a religião de uma maneira que ainda continua sendo comum entre muitas pessoas.

(1) Estavam mais preocupados com a preservação de sua própria santidade que por ajudar a outros em seu pecado. Eram como médicos que se negam a visitar os doentes por temor ao contágio. Apartavam-se asquerosos do pecador; não queriam ter nada a ver com gente de tal categoria. Sua religião era essencialmente egoísta; procuravam mais sua própria salvação que a salvação de outros, e tinham esquecido que essa era a maneira mais segura de .perder-se eles.

(2) Ocupavam-se mais em criticar que em estimular a outros. Estavam mais dispostos a condenar as faltas de outros que a ajudá-los a superá-las. Quando um médico deve examinar um doente afetado de algum mal asqueroso, capaz de transtornar o estômago de qualquer um, se for um bom profissional não experimentará asco, e sim o desejo de ajudar. Nosso primeiro instinto não deve ser jamais condenar o pecador, mas procurar a melhor maneira de ajudá-lo.

(3) Praticavam uma forma de bondade cujo resultado era a condenação em vez do perdão ou da simpatia. Eram capazes de deixar a

um homem na sarjeta em vez de estirar a mão para ajudá-lo a sair dela. Eram como médicos muito interessados em reconhecer e diagnosticar a enfermidade de seus pacientes, mas sem o menor interesse em curá-la. Ocupavam-se mais em olhar depreciativamente a outros, em vez de fazê-lo com simpatia e amor.

(4) Praticavam uma religião que consistia mais em uma ortodoxia exterior que na ajuda prática ao próximo. Jesus estimava muito a afirmação de Oséias 6:6 de que Deus prefere a misericórdia antes que o sacrifício. Citou esta passagem mais de uma vez (veja-se Mateus 12:7). O homem "religioso" pode realizar todos os ritos da piedade ortodoxa, mas se nunca estirou a mão para ajudar ao pecador ou ao que tinha necessidade, não é autenticamente religioso.

ALEGRIA PRESENTE E TRISTEZA FUTURA

Mateus 9:14-15

Para o judeu as três grandes obrigações da vida religiosa eram a oração, o jejum e a esmola. Já descrevemos em detalhe as formas do jejum judeu, ao nos ocupar de Mateus 6:16-18.

A. H. McNeile sugere que este incidente deve ter ocorrido quando, ao não ter chegado as esperadas chuvas de outono, ordenou-se um jejum público.

Quando se perguntou a Jesus por que Ele e seus discípulos não jejuavam, respondeu com uma vívida imagem. Nossas versões falam de "os convidados para o casamento" (RA) ou "os filhos das bodas" (RC).

Entre os judeus a celebração de um casamento era uma ocasião de festejos muito especiais. Uma característica que a diferenciava de nossas bodas era que o casal de recém casados não saía em viagem de "lua de mel". Durante uma semana inteira depois da cerimônia a casa dos recém casados ficava aberta aos seus amigos e parentes, que participavam com eles de ininterruptas celebrações. O noivo e a noiva, durante estes dias, eram tratados, e até eram chamados, como rei e rainha. Seus amigos

mais íntimos, particularmente, não se separavam deles, e participavam da alegria e da celebração. Estes amigos mais íntimos eram chamados "os filhos da quarto nupcial", que é literalmente o que diz o original. Estas ocasiões eram motivo de prazer, celebração e alegria tais como muito dificilmente o judeu comum vivesse em todo o resto de sua vida.

Jesus se compara ao noivo, e seus discípulos aos amigos íntimos do casal. Como poderia um grupo tal mostrar-se triste ou de luto? Não era o momento mais apropriado para jejuar, mas sim correspondia alegrar-se como nunca se alegraria na vida.

Há três coisas muito importantes nesta passagem.

(1) Diz-nos que estar com Jesus é uma experiência prazerosa; diz-nos que na presença de Jesus se descobre toda a excitante efervescência da vida; que um cristianismo arrasado pela tristeza é uma impossibilidade. O homem que anda com Cristo fica radiante de alegria.

(2) Mas também nos diz que nenhuma alegria dura para sempre. Para os discípulos do João tinha chegado, já, o momento da tristeza, porque João já estava preso. Para os discípulos de Jesus também chegaria o momento de tristeza. Um dos fatos inevitáveis da vida é que toda alegria chega a seu fim.

Epicteto costumava dizer, com toda a seriedade que o caracterizava: "Quando você estiver beijando a seu filho deve dizer a si mesmo: 'Algum dia ele morrerá'."

É por isso que devemos conhecer a Deus e a Jesus Cristo. Somente Jesus é o mesmo hoje, ontem e pelos séculos. Só Deus permanece, em meio das distintas alternativas e circunstâncias da vida. Até as relações humanas mais tenras algum dia chegam a seu fim; somente a alegria celestial dura por sempre jamais, e se o temos em nossos corações, nada nem ninguém nos poderá tirar isso

(3) Mas aqui também há um desafio. É possível que naquele momento os discípulos não o percebessem, mas Jesus lhes estava dizendo: "Vocês experimentaram a alegria que significa seguir-me; podem vocês passar também pelos problemas, vicissitudes e sofrimentos

da cruz?" O caminho cristão oferece alegria; mas também traz sangue, suor e lágrimas, que não podem eliminar a alegria, mas, não obstante, são tremendamente reais e devem ser enfrentados. Jesus diz, pois: "Estão dispostos para ambas as coisas – a alegria cristão e a cruz cristã?"

(4) Nesta afirmação está encerrada a coragem de Jesus. Ele nunca se fez ilusões; sabia que ao final de seu caminho O aguardava a cruz. Nesta passagem se levanta o véu e temos uma visão dos pensamentos mais íntimos de Jesus. Sabia que, para Ele, o caminho da vida era um caminho para a cruz, e entretanto não se apartou nem um passo da senda que tinha assinalado. Presenciamos o espetáculo da coragem de um homem que conhecia o custo da obediência a Deus e que, entretanto, segue adiante com seu propósito de lhe ser obediente.

O PROBLEMA DE UMA IDÉIA NOVA

Mateus 9:16-17

Jesus tinha perfeita consciência de que vinha aos homens com idéias novas, com uma nova concepção da verdade, e sabia quão difícil é introduzir uma idéia nova na mente dos homens. Por isso usou duas imagens que qualquer judeu de seu tempo podia compreender.

(1) "Ninguém", diz, "toma uma parte de pano novo, que ainda não se encolheu, para remendar um vestido velho. Se o fizer, quando o vestido se molha o pano novo encolhe, puxa o tecido velho e o rasga, e a ruptura é, então, maior do que era antes."

Os judeus aderiam apaixonadamente às coisas tal qual eram. A Lei era para eles a palavra de Deus última e definitiva. Acrescentar ou tirar uma só palavra, seria considerado um pecado mortal. O objetivo reconhecido dos escribas era "construir uma cerca ao redor da Lei". Para eles uma idéia nova não era tanto um engano como um pecado. Esse espírito não desapareceu totalmente.

Com freqüência se em uma Igreja se sugere uma nova idéia, uma inovação no método de trabalho ou alguma mudança, surge em seguida a objeção: "Isso nunca foi feito".

Em certa oportunidade ouvi uma conversação entre dois teólogos. Um deles era um homem jovem, intensamente interessado nas contribuições dos novos pensadores. O outro era velho e professava uma ortodoxia rígida e convencional. O teólogo de mais idade ouvia o jovem com certo sotaque de tolerante desprezo, até que finalmente fechou a conversação dizendo: "Mas o velho sempre é o melhor."

Ao longo de toda sua história a Igreja sempre se apegou ao velho. O que Jesus diz nesta passagem é que chegam momentos em que é uma tolice remendar o velho, porque a única solução adequada é eliminá-lo e começar de novo. Há formas de governo eclesiástico, formas de culto ou liturgia, palavras mediante as que se expressa a fé, que muito amiúde procuramos remendar e adaptar às novas realidades, para atualizá-las. Queremos pôr emplastos nelas. Ninguém acredita que se possa abandonar sem grande cuidado, consideração e até saudade, o que durante séculos serviu, por ter demonstrado com o correr dos anos seu valor intrínseco e ter servido como alimento e consolo para as muitas gerações que puseram sua confiança nisso; mas o certo é que vivemos em um universo que cresce e se expande, e sempre chega um momento em que os remendos são inúteis, e quando um homem, ou uma igreja, devem aceitar a aventura do novo ou retirar-se ao remanso do tempo onde se adora não a Deus, e sim ao próprio passado.

(2) Ninguém, diz Jesus, põe vinho novo em odres velhos. Na antiguidade o vinho se guardava em odres de couro e não em garrafas ou barris de madeira, como o fazemos agora. Quando o vinho ficava no couro, ainda não tinha terminado de fermentar. Os gases que produz o processo da fermentação exerciam pressão sobre o couro. Se este possuía certa elasticidade não acontecia nada, porque cedia à pressão. Mas se o couro era velho e tinha perdido sua elasticidade natural, e se guardava

nele vinho novo, o couro velho ao não ceder à pressão dos gases, inevitavelmente arrebentava.

Para expressá-lo em termos mais modernos: Nossas mentes devem ser suficientemente elásticas para poder receber e conter novas idéias. A história do progresso é a história da superação dos preconceitos e da abertura das mentes fechadas. Todas as idéias novas tiveram que lutar contra a oposição instintiva da mente humana. O automóvel, o trem e a aviação foram vistos com suspeita no princípio.

Simpson teve que lutar para introduzir o clorofórmio, e Lister teve que lutar para introduzir os anti-sépticos na prática médica e cirúrgica. Copérnico foi obrigado a retratar-se de sua afirmação que a Terra dava volta ao redor do Sol e não o Sol ao redor da Terra. Até Jonas Hanway, o homem que introduziu o guarda-chuva na Inglaterra, teve que sofrer a hostilidade dos transeuntes quando saiu pela primeira vez à rua com esse artefato, recebendo insultos e até objetos que jogavam nele. Em nossos dias, a automatização é considerada com suspicácia e resistência por muitas pessoas, porque é algo novo.

Este desagrado ante o novo penetra todas as esferas da vida.

Norman Marlow é um especialista em ferrovias que realizou muitas viagens nas locomotivas de distintas ferrovias. Em seu livro *Footplate and Signal Cabin* conta-nos de uma viagem que fez muito pouco tempo depois da fusão das ferrovias da Inglaterra. Como resultado da fusão as locomotivas que foram usadas apenas em algumas linhas passaram a usar-se em outras, e os maquinistas tiveram que acostumar-se a dirigir distintos tipos de marcas de locomotivas. Nessa oportunidade viajava entre Manchester e Penzance. A locomotiva era da classe "Jubilee 4-6-0". O maquinista costumava dirigir locomotivas da classe "Castle", ao ter sido empregado durante muitos anos pela Great Western Railway.

"Todo o tempo não fez mais que falar com uma eloquência rigorosa dos defeitos da máquina que estava dirigindo, comparando-a com as locomotivas que costumava dirigir. Negava-se a usar a técnica necessária para a nova máquina, embora tinha recebido toda a instrução necessária e a conhecia perfeitamente bem. Dirigia a Jubilee como se tivesse sido a Castle

e se queixava todo o tempo porque não conseguia levantar o trem acima dos oitenta quilômetros por hora. Estava habituada com a Castle, e nenhuma outra locomotiva o servia. Quando o relevou um maquinista que estava perfeitamente preparado para utilizar a técnica que essa nova máquina requeria, imediatamente estávamos viajando a 120 quilômetros por hora. Até no manejo das máquinas os homens experimentam resistências diante do novo."

Dentro da Igreja essa resistência frente o novo é crônica, e o intento de esvaziar as coisas novas em moldes velhos é virtualmente universal. Procuramos esvaziar as atividades de uma congregação moderna em um edifício velho que nunca teve como objetivo servir a tais propósitos. Procuramos esvaziar a verdade dos novos descobrimentos em moldes dogmáticos que respondem à metafísica grega. Queremos esvaziar a nova instrução em uma linguagem caduca que não pode expressá-la. Lemos a Palavra de Deus aos homens e mulheres do século XX em uma linguagem clássica, e procuramos apresentar perante Deus, em oração, nossas necessidades e de nossos contemporâneos em uma linguagem devocional que tem mais de quatrocentos anos de idade.

Provavelmente nos faria muito bem recordar que todo ser vivo que deixa de crescer e desenvolver-se começou a morrer. Possivelmente devamos implorar a Deus que nos livre de nossas mentes fechadas e nos dê mentes abertas. Vivemos em uma era de mudanças rápidas e tremendas.

O Visconde Samuel, da Inglaterra, que nasceu em 1870, começa sua autobiografia descrevendo o Londres de sua infância: "Não tínhamos automóveis, nem ônibus, nem táxis, nem trens subterrâneos ou metrô; não havia bicicletas, exceto aquelas com uma roda grande e outra pequena; não havia luz elétrica, nem telefone, nem cinema, nem rádio."

Isso foi há apenas noventa anos. Vivemos em um mundo que muda, expande-se e cresce. A advertência de Jesus vale para a Igreja, que não pode permitir-se ser a única instituição que siga vivendo no passado.

A FÉ IMPERFEITA E O PODER PERFEITO**Mateus 9:18-19, 23-26**

Antes de nos ocupar com esta passagem em seus detalhes, devemos revisá-la em sua totalidade; porque aqui há algo maravilhoso.

Esta passagem contém três histórias de milagres, a cura da filha de Jairo (vs. 18, 19, 23-26, a cura da mulher que tinha um fluxo de sangue (vs. 20-22) e a cura de dois cegos (vs. 27-31). Estas três histórias têm algo em comum. Vejamos uma por uma.

(1) Sem dúvida o presidente da sinagoga acudiu a Jesus depois de ter provado todos os outros recursos a seu alcance. Como presidente da sinagoga que era, deve ser considerado um dos pilares humanos da ortodoxia judia. Era um daqueles que desprezavam a Jesus e sem dúvida teria estado contente se o tivesse eliminado. Antes de acudir a Jesus deve ter provado toda classe de médicos e tratamentos; somente como um último recurso, depois que tudo tinha falhado, foi a Jesus. Quer dizer, este *homem principal acudiu a Jesus movido por uma motivação espúria*. Não foi porque seu coração estivesse inflamado de amor para com Ele; foi porque já tinha provado tudo e não ficava outro a quem ir.

O poeta Faber põe nos lábios de Deus as seguintes palavras com respeito a um filho extraviado:

"Se a bondade não o trouxer,
ao menos a fadiga pode jogá-lo a meu peito."

Este homem acudiu a Jesus simplesmente porque o desespero o impulsionou a fazê-lo.

(2) A mulher com a hemorragia se aproximou de Jesus por trás dEle, e tocou na barra da túnica. Suponhamos que estivéssemos lendo esta história com uma mente crítica e imparcial, o que diríamos que manifestou esta mulher? Indubitavelmente em seu coração não havia outra coisa que terminante superstição. Tocar na fímbria do manto de Jesus é como procurar a saúde no contato com as relíquias ou os lenços que usaram os santos. *Esta mulher acudiu a Jesus com o que*

chamaríamos uma fé muito inadequada. Se virmos toda a história com olhos críticos, não encontraríamos muito mais que uma simples superstição, e muito pouco de autêntica fé.

(3) Os dois cegos se aproximaram de Jesus gritando com grande voz: "Tem compaixão de nós, Filho de Davi!". Filho do Davi não era um título que Jesus desejasse. Era a classe de título que teria usado um judeu nacionalista. Havia uma boa quantidade de judeus que esperavam o advento de um grande líder e general, descendente direto de Davi, que os conduzisse a conquistar um triunfo político e militar contra os romanos, seus senhores no momento. Esta é a idéia que respalda o título de Filho de Davi. De modo que *estes cegos acudiram a Jesus com uma idéia muito inadequada de quem era o Mestre.* Não viam nEle mais que o herói conquistador da linha de Davi.

Estes três relatos nos confrontam com algo muito inesperado. Jairo foi a Jesus movido por *uma motivação espúria*; a mulher foi a Jesus com *uma fé inadequada*; os cegos foram a Jesus com *uma idéia equivocada* de quem era ele, ou, se queremos dizê-lo deste modo, com *uma teologia inadequada*. E entretanto, nos três casos, acharam seu poder e seu amor aguardando para ajudá-los. Aqui se nos revela algo extraordinário. Não importa como vamos a Jesus, basta chegarmos até Ele. Não importa que nossa aproximação seja inadequada ou imperfeita. Seu amor e seus braços estão abertos para nos receber.

Esta é uma dupla lição. Significa, por um lado, que não esperemos, para pedir a ajuda de Jesus, até que nossas motivações, nossa fé ou nossa teologia sejam perfeitas; podemos ir a Ele tais quais somos. E significa, em segundo lugar, que não temos direito de criticar aqueles cujas motivações nos sejam suspeitas, cuja fé pomos em tela de juízo, ou cuja teologia, em nossa opinião, é incorreta. O que importa não é como vamos a Jesus; o importante é que vamos, de uma ou outra maneira, porque Ele está disposto a nos aceitar tal como somos e a nos converter no que deveríamos ser.

O TOQUE QUE DESPERTA A VIDA**Mateus 9:18-19, 23-26 (continuação)**

Mateus narra esta história com muita mais economia de palavras que os outros evangelistas. Se desejamos obter alguns dos detalhes que faltam aqui, devemos buscá-los em Marcos 5:21-43 e Lucas 8:40-56. É ali onde descobrimos que o nome do "chefe" era Jairo, e que era presidente da sinagoga (Mar. 5:22; Luc. 8:41).

O presidente da sinagoga era uma pessoa muito importante. Era eleito entre os anciões de cada congregação judia. Sua responsabilidade não era ensinar, nem dirigir durante as reuniões; tinha a seu cargo "vigiar a ordem durante as reuniões da sinagoga, e fiscalizar os interesses da sinagoga em geral". Ele designava aos que deviam encarregar-se das leituras durante as reuniões e aos que dirigiriam a oração. Também convidava os pregadores. Sua obrigação era vigiar que não acontecesse nada fora de lugar na sinagoga e a seu cargo estava o cuidado dos edifícios da mesma. Toda a administração dos assuntos práticos da sinagoga estava em suas mãos.

É evidente que um homem assim somente acudiria a Jesus como último recurso. O mais provável é que fosse um judeu ortodoxo estrito, dos que consideravam que o novo profeta era um herege perigoso; e somente quando todo o resto tinha fracassado se volta, desesperado, a Jesus. Jesus bem poderia lhe dizer: "Quando tudo ia bem, a única coisa que você queria era me matar; agora que você tem problemas, você precisa buscar minha ajuda." Poderia ter-se negado a ajudar a alguém que ia a Ele dessa maneira. Mas Jesus não experimentava ressentimento algum; havia alguém que o necessitava, e a única coisa que Jesus queria nesse momento era ajudar. Na mente de Jesus não havia lugar para o orgulho ofendido ou o espírito de desforra e vingança.

Então, Jesus vai, com este presidente da sinagoga, para sua casa. Ali encontrou um pandemônio. Para os judeus a obrigação de chorar os mortos era muito importante, "quem não chora a morte de um homem

prudente", dizia um provérbio, "merece ser enterrado vivo". Havia três costumes de luto que caracterizavam a casa judia em que tinha morrido algum de seus membros.

Em primeiro lugar, *os parentes rasgavam sua roupa*. Trinta e nove regras estabeleciam tradicionalmente como devia efetuar o rasgo. Devia fazê-lo estando de pé. Os rasgões deviam ser profundos, de tal maneira que pudesse ver-se a pele. O pai e a mãe do morto deviam rasgar a roupa exatamente no lugar que cobria o coração; os outros deviam fazê-lo sobre o lado direito. O rasgão devia ser o suficientemente grande como para que coubesse o punho. Durante sete dias a roupa devia ser usada rasgada; durante mais trinta dias podia ser alinhavada mas não remendada cuidadosamente, para que se pudesse ver o rasgão, embora abafado. Teria sido impudico que as mulheres rasgassem sua roupa de tal maneira que seus seios ficassem descobertos, e por isso se estabelecia que as mulheres deviam rasgar a túnica interior quando estavam em particular. Depois de fazê-lo, deviam tirá-la e pô-la ao avesso, a parte da frente para trás. Em público só podia ver-se, desse modo o rasgão da túnica exterior.

Além disso vinha *a lamentação pelo morto*. Na casa de luto se mantinha um pranto contínuo. Esses lamentos estavam a cargo de "carpideiras" profissionais. Ainda existem no Oriente.

E em seu livro *The Land and the Book*, W. M. Thomson as descreve:

"Em toda cidade, e até nos pequenos povoados há mulheres extremamente hábeis neste tipo de mister. Quando se precisa delas se manda chamá-las urgentemente. A cada novo grupo de pessoas que devem dar os pêsames, estas mulheres ficam lamentando, chorando e gritando, de maneira tal que fica fácil aos recém chegados unir suas lágrimas e lamentos aos dos parentes. Conhecem a fundo a história pessoal de todo o mundo, e a cada pessoa que entra começam a chorar, recordando os nomes dos parentes defuntos do visitante, com grande quantidade de lamentações improvisadas, e tocando desse modo as cordas mais sensíveis de cada um deles. Desse modo cada um chora os seus próprios mortos, e as lágrimas,

que de outro modo seriam difíceis, ou até impossíveis, produzem-se de modo natural e espontâneo."

Naquele dia os alaridos e prantos das choradeiras profissionais devem ter cheio a casa do Jairo.

E, por último, vinham os *flautistas*. A música de flauta se relacionava de maneira especial com a morte. O *Talmud* diz:

"O marido está obrigado a enterrar a sua esposa, quando morre, e a fazer lamentação e luto por ela, segundo o costume de todos os países. Até o mais pobre dos judeus não pode menos que contratar dois flautistas e uma carpideira; mas, se for rico, tudo se fará segundo suas possibilidades."

Até em Roma os flautistas eram parte dos funerais. Estiveram presentes, por exemplo, durante os funerais do imperador Cláudio, e Sêneca, diz que tal era a estridência do ruído que o próprio Cláudio, embora estando morto, deve tê-los escutado. Tão insistente e tão sentimental era o som das flautas fúnebres, que a lei romana tinha limitado a dez o número dos flautistas que se podiam contratar para um funeral.

Podemos imaginar, pois, a cena que se esteve desenvolvendo na base do chefe da sinagoga. Os parentes tinham suas roupas rasgadas, as choradeiras profissionais enchiam o lugar com seus lamentos e uivos pré-fabricados, as flautas produziam seu agudo gemido. A casa deve ter sido um verdadeiro pandemônio de luto oriental.

Nessa atmosfera excitada e histérica penetrou Jesus. Com autoridade, mandou todos saírem. Sua voz tranqüila disse que a moça não estava morta, mas que dormia, e todos riram dele. Este é um toque estranhamente humano. Aqueles homens e mulheres estavam desfrutando tanto de seu luto que rechaçavam até a Palavra de esperança. É muito provável que quando Jesus disse que a moça estava dormindo, tenha querido dizer exatamente isso. Em grego, como em português, era costume dizer que os mortos "dormiam".

De fato, a palavra cemitério provém do grego *koimenterion*, que significa *lugar onde se dorme*.

Há duas palavras gregas que querem dizer *dormir*. Uma delas, *kolmaszái* significa tanto dormir como estar morto. A outra, *kazóidain*, em geral significa dormir, e somente em algumas citações muito excepcionais aparece com o significado de "dormir o sono da morte". É esta segunda palavra a que se utiliza aqui. No Oriente o coma cataléptico não é pouco comum. O enterro, em general, se efetua muito pouco tempo depois da morte, por razões climáticas. Tristram escreve: "O enterro em geral se celebra no mesmo dia da morte, ao anoitecer, ou durante a noite, se o defunto tiver vivido até depois do pôr-do-sol."

Dada a freqüência da catalepsia, e a rapidez com que se enterrava os mortos, com muita freqüência, em realidade se enterravam pessoas vivas, como o demonstra a evidência das tumbas. É bem possível que aqui não tenhamos tanto um exemplo de cura divina como de diagnóstico divino; neste caso Jesus salvou essa pobre menina de uma morte terrível. O certo é que, sem dúvida alguma, nesse dia, Jesus salvou a uma menina judia das garras da morte.

TODO O PODER DO CÉU EM BENEFÍCIO DE UMA PESSOA

Mateus 9:20-22

Do ponto de vista judeu, esta mulher não podia sofrer de enfermidade mais humilhante e terrível que uma hemorragia. Era um mal bastante comum na Palestina. O *Talmude* recomenda não menos de onze formas de curá-la. Algumas destas formas eram tônicos e adstringentes que provavelmente sortissem efeito. Outras eram simples superstições. Uma das curas que o *Talmude* recomenda, por exemplo, era levar as cinzas de um ovo de avestruz em uma bolsa de linho durante o verão, e em uma bolsa de algodão no inverno; outra consistia em conseguir e levar sempre com um grão de milho branco o que se encontrou nos excrementos de uma burra. Quando Marcos conta esta história, diz que esta mulher tinha provado todas as curas, que tinha consultado a todos os

médicos que estavam a seu alcance, e que cada vez estava pior, em vez de melhorar (Marcos 5:26).

O horror desta enfermidade era que quem a sofria devia ser considerado ritualmente impuro. Conforme o estabelecia a Lei no Levítico 15:25-27, toda mulher que tivesse "fluxo de sangue" (incluindo o fluxo menstrual) era impura e não somente ela, mas também todas as coisas ou pessoas que tocasse enquanto durasse a hemorragia. Ficava totalmente marginalizada da sociedade humana normal, e também do culto divino. A mulher que se aproximou de Jesus não poderia sequer mesclar-se com a multidão, porque, ao assim fazer e eles soubessem, ela teria tornado impuros a todos os que tocasse. Não é de maravilhar-se, portanto, que esta mulher estivesse desesperadamente ansiosa por provar algo que pudesse libertá-la de sua humilhante enfermidade e com ela de sua vida de isolamento e humilhação.

De modo que se aproximou até Jesus, sem ser vista, e tocou o bordo de sua túnica. Este bordo, no caso da túnica de Jesus, deve ter sido o *zizith*, quatro borlas de linho azul que todo varão judeu devia levar em sua túnica, segundo a disposição da Lei em Números 15:37-41 e Deuteronômio 22:12.

Mateus volta a referir-se a esta parte do vestido em 14:36 e 23:5. Consistiam em quatro fios de linho azul que sucediam as pontas do manto, e ao encontrar-se entreteciam em uma borla. Um destes fios devia ser mais longo que os demais; fazia-se com que desse sete voltas ao redor dos outros fios e depois era atado com um nó duplo; o procedimento voltava a repetir-se depois de ter dado outras oito voltas, outras onze voltas e outras treze voltas. Os fios e os nós simbolizavam os cinco livros da lei. Esta franja tinha um duplo propósito. Por um lado, identificava os membros do povo judeu. Por outro lado, cada vez que um judeu tirava ou colocava a roupa, a borla e as franjas o lembravam que pertencia a Deus. Muito tempo depois, quando em todos os lugares do mundo os judeus eram perseguidos, este adorno se usava na roupa interior. Hoje aparecem no manto de oração que os judeus ortodoxos

põem sobre os ombros e na cabeça toda vez que vão orar. O que esta mulher tocou, pois, foram as franjas do manto de Jesus.

Quando tocou essa parte da vestimenta de Jesus foi como se o tempo se detivesse. Devemos imaginar como se estivéssemos vendo um filme e repentinamente este se detém e ficamos olhando uma única fotografia, fixa. O mais extraordinário e referente desta cena, é que instantaneamente Jesus se deteve em meio da multidão, e foi como se nesse momento a única coisa que houvesse no mundo fosse essa mulher e sua necessidade. Não se tratava de uma pobre mulher perdida na multidão. Era alguém a quem Jesus se entrega por inteiro. Para Jesus nunca estamos perdidos entre a multidão, porque Jesus é como Deus.

W. B. Yeats escreveu em certa oportunidade, em um de seus momentos de beleza mística: "O amor de Deus é infinito para cada alma humana porque cada alma humana é única e nenhum outro pode satisfazer essa mesma necessidade divina."

Deus se entrega por inteiro a cada ser humano individual. O mundo não é assim. No mundo se divide as pessoas entre as que são importantes e as que não o são.

Em *Night to Remember*, Walter Lord conta com luxo de detalhes a história do afundamento do *Titanic* numa noite de abril de 1912. Quando aquele transatlântico recém saído dos estaleiros, que se tinha anunciado como "o navio insubmersível", chocou-se contra um *iceberg* no Atlântico Norte, morreram muitas pessoas.

Depois da tragédia e quando se conheceram as listas das vítimas, um periódico americano, *The American*, dedicou um de seus artigos de primeira página a destacar a morte, no afundamento, de John Jacob Astor, o milionário. Quase no final desse artigo, como por acaso, dizia-se que junto com ele tinham morrido outras mil e oitocentas pessoas. A única coisa que importava, a única coisa que tinha valor como notícia, era o milionário. Os outros 1.800 não importavam.

Os homens podem ser assim, mas não ocorre o mesmo com Deus.

Bain, o psicólogo, descreve a pessoa sensível como alguém dotado de "uma ternura volumosa" No sentido mais alto e melhor possível, Deus tem essa "ternura volumosa".

James Agathe disse, referindo-se ao G. K. Chesterton: "Diferente de outros pensadores, Chesterton compreendia a seus semelhantes: conhecia de perto tanto as tristezas de um corredor de cavalos, como as preocupações de um juiz. Chesterton, muito mais que qualquer outro homem que eu tenha conhecido, tinha o dom da compreensão. Era capaz de oferecer toda sua atenção a um engraxate. Possuía essa generosidade que os homens denominam bondade, e que converte a todos os homens em próximos" Este é o reflexo desse amor de Deus graças ao qual ninguém está perdido na multidão.

É muito importante que recordemos tudo isto em uma época e um dia em que o indivíduo tende a perder-se na massa popular. Os seres humanos tendem a converter-se em números de um serviço de assistência médica social; tendem a converter-se em membros de grupos, associações, sindicatos e uniões onde até perdem o direito de agir como indivíduos.

W. B. Yeats disse com respeito ao Augustus John, o famoso retratista: "Interessava-se sobremaneira pela rebelião contra tudo o que faz com que um homem seja igual a outro."

Para Deus um homem nunca é igual a outro: cada um é um de seus filhos a quem conhece pessoalmente e todo o amor e o poder do pai estão ao seu dispor. Para Jesus esta mulher não era um rosto a mais na multidão, quando ela necessitou dEle. Ela foi a única coisa que lhe interessou. Jesus age da mesma maneira com cada um de nós.

A FÉ POSTA À PROVA E RECOMPENSADA

Mateus 9:27-31

A cegueira era uma doença tragicamente comum na Palestina. Em parte se devia ao extraordinário brilho do sol naquela região, que

danificava os olhos expostos a seu resplendor sem proteção alguma, e em parte porque não se conhecia, naquele tempo, a importância da limpeza e a higiene. Verdadeiras nuvens de moscas transmitiam infecções que produziam a perda da vista.

O nome com que estes dois cegos se dirigiram a Jesus foi *Filho de Davi*. Quando estudamos comparativamente as circunstâncias em que Jesus é chamado deste modo, damos-nos conta de que quase sempre o usam pessoas que conheciam Jesus como se fosse de longe, vale dizer, que não eram íntimos deles nem membros do grupo de seus seguidores (Mateus 15:22, 20:30, 31; Marcos 10:47, 12:35, 36, 37).

O termo *Filho do Davi* descreve a concepção popular do Messias. Durante gerações e séculos os judeus tinham esperado um descendente de Davi, um caudilho e comandante que não somente restaurasse a sua liberdade, mas sim os levasse, como povo, ao poder e à glória, e à conquista do mundo inteiro. Era deste modo que os cegos concebiam a Jesus; viam nele o operador de maravilhas que conduziria a seu povo à vitória, à liberação e à conquista. Acudiram a Jesus com uma idéia muito errada de quem e o que era, e assim mesmo Ele os curou. A forma como Jesus trata a estes dois homens é muito ilustrativa.

(1) Evidentemente, não respondeu em seguida a seus gritos. Jesus queria estar seguro de que eram sinceros e ansiavam realmente o que Ele podia lhes dar. Era possível que só estivessem repetindo o que tinham ouvido outros dizerem, e que logo que Jesus tivesse passado se esquecessem totalmente do incidente. Queria estar seguro de que seu pedido era genuíno e de que tinham uma profunda consciência de sua necessidade. Depois de tudo, a condição de mendigo tinha suas vantagens; o mendigo estava livre de todas as responsabilidades do trabalho e de ter que ganhar a vida; há vantagens das quais só desfruta o inválido. De fato, há pessoas que não desejam que suas cadeias sejam quebradas.

W. B. Yeats, referindo-se a Lionel Johnson, o grande poeta e erudito, que era alcoólico, diz que ele mesmo dizia experimentar "um

anseio que fazia clamar a cada átomo de seu corpo". Mas quando lhe sugeriam que se deixasse curar, para que essa ânsia o abandonasse, dizia, terminantemente: "Não quero me curar." Não são poucas as pessoas que no mais íntimo estão muito satisfeitas com suas fraquezas; e há muitos que, se fossem honestos, deveriam reconhecer que não querem deixar seus pecados. Jesus devia assegurar-se, em primeiro lugar, de que esses dois homens estavam verdadeiramente desejosos de receber a cura que Ele podia lhes dar.

(2) É muito interessante notar que Jesus de fato, obriga a estes dois homens que o vejam em particular. Ao Jesus não responder a seus gritos na rua, eles se vêem forçados a buscá-lo quando já tinha entrado em sua casa. Uma das leis do mundo espiritual é que, mais cedo ou mais tarde, todo ser humano deve confrontar-se com Jesus a sós. É fácil decidir-se a favor de Jesus na avassaladora emoção de uma grande reunião pública, ou como parte de um grupo pequeno carregado de energia espiritual. Mas depois da reunião multitudinária o indivíduo deve voltar para sua casa e estar a sós. Depois da união fraternal o indivíduo deve retornar à solidão essencial de cada alma humana. E o que verdadeiramente importa não é o que se faz em meio da multidão, apoiado por outros, e sim na solidão total da alma confrontada com Cristo. Jesus obrigou a estes homens a confrontar-se com Ele a sós.

(3) Jesus fez apenas uma pergunta a estes dois cegos: "Acreditam vocês que eu sou capaz de fazer isto?" A única coisa essencial para que aconteça um milagre é a fé. Não há nada de misterioso ou de teológico nesta afirmação.

Nenhum médico pode curar um doente que vai a Ele tendo perdido toda esperança. Nenhum remédio poderá produzir melhoria alguma se quem o deve tomar pensa que daria o mesmo se tomasse água. O caminho para o milagre é colocar a própria vida totalmente nas mãos de Jesus Cristo e dizer a Ele: "Eu sei que podes me transformar no que eu deveria ser."

AS DUAS REAÇÕES**Mateus 9:32-34**

Poucas passagens mostram de maneira tão clara como esta a impossibilidade de uma atitude neutra para com Jesus Cristo. Temos aqui o quadro de duas formas de reagir frente a Jesus. A atitude da multidão era de surpresa e admiração. A atitude dos fariseus era de violento ódio. Segue sendo certo que o que o olho vê depende do que o coração sente. Os sentimentos que se aninham no coração humano podem colorir tudo o que seus olhos vêem.

A multidão via a Jesus maravilhada porque estava composta por pessoas muito simples, com um urgente sentido de sua necessidade; e também viam que em Jesus sua necessidade podia ser satisfeita da maneira mais extraordinária. Jesus sempre parecerá um ser extraordinário ao homem que é consciente de sua necessidade; e quanto mais profunda for essa consciência da própria necessidade, mais maravilhoso parecerá Jesus.

Os fariseus viam a Jesus como um aliado de todos os poderes do mal. Não negavam seus poderes maravilhosos, mas os atribuíam ao fato de que, segundo eles, estava em aliança com o príncipe dos demônios. E este veredicto dos fariseus se devia a certas atitudes mentais próprias dos homens de seu tipo.

(1) Estavam muito empedernidos em sua maneira de ser para aceitar a mudança. Como já vimos, para eles não se podia acrescentar nem tirar uma só palavra da Lei. Para eles tudo o que tinha importância pertencia ao passado. Para eles, mudar uma tradição, ou uma convenção, era um pecado mortal. Tudo o que era novo estava mal. E quando apareceu Jesus com uma nova interpretação do significado da fé, odiaram-no como tinham odiado aos profetas, no passado.

(2) Estavam muito satisfeitos consigo mesmos, e muito orgulhosos do que eram para render-se ante Jesus. Se Jesus tinha razão, eles estavam equivocados. Jesus não pode fazer nada com um homem até que este não

lhe renda sua vontade e sua vida inteira. Os fariseus estavam tão contentes consigo mesmos, que não viam a necessidade de mudar, e odiavam a qualquer um que se propunha mudá-los. O arrependimento é a porta de entrada do Reino, e arrepender-se significa reconhecer o engano em que alguém viveu e dar-se conta de que somente em Jesus Cristo há vida, render-se a Ele, à sua vontade e ao seu poder, as únicas coisas capazes de nos transformar.

(3) Tinham muitos preconceitos para poder ver. Seus olhos estavam tão cegados com suas próprias idéias e preconceitos que não podiam ver em Jesus Cristo a operação da verdade e o poder de Deus.

O homem que é consciente de sua necessidade sempre verá maravilhas em Jesus Cristo. O homem que se fez teimoso em seu modo de ser e viver, e não está disposto a aceitar mudança alguma, o homem tão orgulhoso de sua própria justiça para poder submeter-se à vontade de outro, o homem tão cegado por seus preconceitos que já não é capaz de ver, sempre experimentará ódio frente a Jesus e procurará a forma de eliminá-lo.

AS TRÊS ÁREAS DE AÇÃO

Mateus 9:35

Aqui, em uma só oração, encontramos uma descrição das três áreas em que consistia a essência da vida de Jesus.

(1) Jesus era um *arauto*. O arauto é o homem que leva uma mensagem de parte do rei. Jesus trazia uma mensagem de parte de Deus. O dever do arauto é proclamar certezas. A pregação sempre deve ser a proclamação de certezas. Nenhuma igreja pode estar composta de pessoas que acreditam, por assim dizer, por poder. Não apenas o pregador deve estar seguro do que crê a igreja, mas também deve está-lo a congregação. Nunca houve um momento em que esta certeza tenha sido tão necessária como hoje em dia.

Geoffrey Heawood, diretor de uma grande escola pública inglesa, escreveu que a grande tragédia e o problema de nosso tempo é que nos encontramos em uma encruzilhada da qual desapareceram os letreiros indicadores.

Beverly Nichols escreveu um livro composto integralmente com entrevistas com pessoas famosas. Um dos entrevistados foi Hillaire Belloc, um famoso intelectual católico inglês. Depois da entrevista Nichols escreveu: "Senti lástima pelo senhor Belloc, porque me pareceu que pelo menos uma parte de sua lealdade estava dedicada a uma causa que não valia a pena; mas mais lástima senti por mim mesmo e por minha geração, porque sabia que não "tínhamos lealdade alguma que dedicar a qualquer causa que fosse."

Vivemos em uma época de incertezas, uma época em que não se está seguro de nada. Jesus era o arauto de Deus, que deveu proclamar certezas às quais os homens podem consagrar sua lealdade; e nós também devemos estar em condições de ir: "Eu sei em quem tenho crido."

(2) Jesus era *mestre*. Não basta proclamar as certezas da fé cristã e dar por concluída nossa tarefa. Também devemos ser capazes de demonstrar o significado que essas certezas têm na vida diária e isso o ensino podia fazê-lo. A importância disto, e o problema que expõe, é que não se ensina o cristianismo falando dele, antes é preciso vivê-lo. O dever do cristão não é tanto falar de sua fé com outros, como lhes demonstrar, mediante sua vida, o que significa a fé cristã.

Um escritor que viveu na Índia escreveu o seguinte:

"Lembro um batalhão britânico que, como a maioria dos batalhões, assistia às reuniões religiosas que celebrava o capelão porque era sua obrigação fazê-lo, cantavam alguns hinos que gostavam e ouviam a pregação como se estivessem interessados. Depois disso não se lembravam da Igreja durante o resto da semana. Mas o trabalho de auxílio que desenvolveram durante o terremoto de Quetta impressionou tanto a um brahmin que imediatamente solicitou ser batizado, porque, segundo ele,

somente a religião cristã era capaz de fazer com que os homens agissem do modo que esses soldados o tinham feito."

O que ensinou a esse brahmin o significado da fé cristã foi o cristianismo em ação. Para dizê-lo em sua forma suprema: Nosso dever não é falar de Jesus Cristo aos homens, e sim mostrar-lhes a Jesus Cristo vivo em nós. Tem-se dito que santo é o homem em quem Cristo volta a viver na Terra. Cada cristão deve ser um professor, e ensinar a outros o que é o cristianismo, não mediante suas palavras, mas sim mediante sua vida.

(3) Jesus *curava*. O evangelho que Jesus trouxe não se limitava ao anúncio de uma mensagem determinada. Traduzia-se em ações. Se lermos cuidadosamente os evangelhos poderemos dar-nos conta de que Jesus passou mais tempo curando os doentes, dando de comer aos famintos e consolando os tristes do que falando sobre Deus. Transformou as palavras da verdade cristã nos fatos do amor cristão.

Não somos verdadeiramente cristãos até que nossa crença em Cristo não conduza a uma ação cristã. Os sacerdotes, nos tempos de Jesus, teriam dito que o mais importante da religião eram os sacrifícios; os escribas teriam dito que a religião consistia essencialmente na Lei. Mas Jesus Cristo disse que a religião é amor.

A COMPAIXÃO DIVINA

Mateus 9:36

Quando Jesus viu a multidão de pessoas teve compaixão delas. A palavra que se usa no original grego para descrever o sentimento de Jesus (*splagchniszais*) é a palavra mais forte que o grego possui para expressar a piedade que se pode experimentar por outro ser humano. Deriva-se do substantivo *splagchna* que significa vísceras, é uma compaixão íntima, o que descreve esse tipo de piedade que nos comove até o mais profundo de nosso ser. Nos evangelhos esta palavra só se

utiliza, com exceção de algumas parábolas, com referência a Jesus (Mat. 9:36; 14:14; 15:32; 20:34; Mar. 1:41; Luc. 7:13). Quando estudamos estas passagens podemos nos dar conta de quais eram as coisas que mais comoviam a Jesus.

(1) Experimentava uma compaixão íntima pela dor, pelo sofrimento dos homens. Experimentava piedade pelos doentes (Mateus 14:14); pelos cegos (Mateus 20:34); pelos que eram vítimas da posse demoníaca (Marcos 9:22). Ele se afligia por todas as nossas aflições. Não podia ver alguém sofrendo sem desejar aliviar seu sofrimento.

(2) Experimentava compaixão pela *tristeza* do mundo. A visão da viúva de Naim, que seguia o cortejo fúnebre de seu filho, comoveu seu coração (Lucas 7:13). Estavam plenamente cheio do desejo de secar os lágrimas de todos os olhos.

(3) A *fome* do mundo o comovia. A presença ao seu redor de uma multidão faminta e cansada constituía, por si mesma, um chamado a empregar seu poder (Mateus 15:32). Nenhum cristão pode estar satisfeito tendo muito enquanto há a seu redor quem tenha pouco.

(4) O espetáculo da *solidão* dos homens lhe inspirava piedade. O leproso que tinha a companhia proibida de seus semelhantes e que vivia na mais absoluta solidão e abandono, evocava tanto sua compaixão como seu poder (Marcos 1:41).

(5) Comovia-o a *confusão* das multidões. É isto, precisamente, o que inspirou piedade em Jesus nesta ocasião. Os escribas e os fariseus, os sacerdotes e os saduceus, pilares da religião ortodoxa de seu tempo, não tinham nada para oferecer-lhes. Os mestres da religião tradicional não eram capazes de dar orientação nem consolo nem força para viver.

As palavras que se utilizam nesta passagem para descrever a condição do povo são de caráter vívido. A palavra que em nossas Bíblias se traduz *desamparadas* é *eskulmenvi*. Em grego pode designar um cadáver que é vítima das aves de rapina. Significa que o povo é *exaurido* por homens rapaces, vexado por quem carece de piedade, tratada com *insolência gratuita*. Também pode usar-se de quem está totalmente

esgotado por uma viagem que parece não ter fim. A palavra que se traduz *dispersas* é no original grego *errimenvi*, que significa estar *prostrado*. Pode descrever tanto ao que está prostrado por ter bebido muito como ao que está prostrado, depois de uma briga, por ter recebido feridas mortais.

Os dirigentes religiosos do judaísmo daqueles dias, em lugar de dar força para viver às massas do povo, desorientavam-nas com suas sutilezas interpretativas da Lei, que não serviam nem para ajudar a viver nem para reconfortar o sofrimento. Quando deviam proporcionar aos homens uma fé que os ajudasse a manter-se erguidos, carregavam-nos e os dobravam sob o jugo insuportável da Lei, tal como a interpretavam os escribas. Ofereciam aos homens uma religião que era uma carga em vez de um apoio. Sempre devemos lembrar que a religião cristã não existe para desanimar, mas para estimular; não para esmagar aos homens com cargas, mas para elevá-los, como com asas.

A COLHEITA AGUARDA OS CEIFEIROS

Mateus 9:37-38

Aqui temos um dos ditos mais característicos que Jesus jamais tenha pronunciado. Quando Ele e os dirigentes religiosos ortodoxos de sua época olhavam as multidões dos homens e mulheres comuns, tinham duas maneiras completamente distintas de vê-los. Os fariseus viam o povo como palha que devia ser queimada. Jesus os via como uma boa colheita, que devia ser colhida e entesourada. Os fariseus, em seu orgulho, esperavam a destruição dos pecadores; Jesus, em seu amor morreu pela salvação dos pecadores.

Mas aqui também encontramos uma das maiores verdades cristãs, e um dos supremos desafios do cristianismo. A colheita nunca será efetuada a menos que haja ceifeiros que façam o trabalho. Uma das resplandecentes verdades fundamentais da fé cristã é que *Jesus Cristo necessita homens e mulheres*. Quando estava na Terra sua voz apenas

podia alcançar a uns poucos. Nunca saiu da Palestina, e todo um mundo estava aguardando. Ainda quer que os homens escutem as boas novas do Evangelho, mas ninguém ouvirá nada a menos que haja homens e mulheres que o comuniquem. Jesus quer que os meninos sejam instruídos na fé, mas nenhum menino o será a menos que surjam os mestres que os ensinem; Jesus Cristo quer que todos os homens escutem as boas novas, mas ninguém jamais ouvirá a menos que haja quem esteja disposto a cruzar os mares e as cordilheiras, levando a mensagem.

A oração não basta. Alguém poderia dizer: "Orarei pela vinda do Reino de Cristo todos os dias de minha vida." Mas neste caso, como em tantos outros, a oração que não vai acompanhada pela ação carece de valor algum.

Martinho Lutero tinha um amigo que compartilhava com ele seus pontos de vista sobre a fé cristã. Esse amigo seu também era monge e os dois fizeram um acordo. Lutero desceria ao pó e ao calor da batalha pela Reforma da Igreja no mundo; o amigo ficaria no monastério e o sustentaria com suas orações. E começaram a agir de acordo com este plano. Então, uma noite o amigo de Lutero teve um sonho. Viu um enorme campo de trigo, tão vasto como o mundo inteiro; nele havia um homem solitário que estava fazendo o trabalho da colheita – uma tarefa evidentemente muito superior a suas forças. Então chegou a ver o rosto do ceifeiro solitário – Martinho Lutero. E como um relâmpago viu a verdade que seu sonho lhe revelava. "Devo deixar minhas orações", disse a si mesmo, "e me pôr a trabalhar." E abandonando o refúgio piedoso de suas orações, desceu ao mundo para trabalhar na colheita.

O sonho de Jesus Cristo é que cada cristão seja um missionário e um ceifeiro. Alguns, possivelmente, não poderão fazer outra coisa que oferecer suas orações, porque a vida os impossibilitou, e suas orações, por certo, serão a fortaleza dos obreiros. Mas esse não é o caminho da maioria de nós, os que temos um corpo forte e uma mente sã. Se é preciso ser feita alguma vez a colheita humana "branca para a ceifa",

todos nós devemos ser ceifeiros, porque há alguém que cada um de nós pode – e deve – levar a Deus.

Mateus 10

Os mensageiros do Rei - Mat. 10:1-4

A formação dos mensageiros - Mat. 10:1-4 (cont.)

A comissão dos mensageiros do Rei - Mat. 10:5-8a

As palavras e as obras dos mensageiros do Rei - Mat. 10:5-8a (cont.)

O time dos mensageiros do Rei - Mat. 10:8b-10

O comportamento dos mensageiros do Rei - Mat. 10:11-15

O desafio do Rei a seus mensageiros - Mat. 10:16-22

A honestidade do Rei para com seus mensageiros - Mat. 10:16-22 (cont.)

As razões da perseguição contra os mensageiros
do Rei - Mat. 10:16-22 (cont.)

A prudência dos mensageiros do Rei - Mat. 10:23

A vinda do Rei - Mat. 10:23 (cont.)

Os mensageiros do Rei e os sofrimentos do Rei - Mat. 10:24-25

A liberdade do temor dos mensageiros do Rei - Mat. 10:26-31

A liberdade do temor dos mensageiros do Rei – a coragem dos que
têm razão - Mat. 10:26-31 (cont.)

A liberdade do temor dos mensageiros do Rei – Deus cuida
de nós - Mat. 10:26-31 (cont.)

A lealdade dos mensageiros do Rei e sua recompensa - Mat. 10:32-33

A luta dos mensageiros do Rei - Mat. 10:34-39

O custo de ser um mensageiro do Rei - Mat. 10:34-39 (cont.)

A recompensa dos que recebem o mensageiro do Rei - Mat. 10:40-42

OS MENSAGEIROS DO REI

Mateus 10:1-4

Mateus desenvolve sua história de Jesus com certo método, que não exclui o dramático. Na história do batismo vemos como Jesus aceita sua tarefa. Na história das tentações Mateus mostra a Jesus decidindo qual será o método que utilizará para cumprir sua tarefa. No Sermão da

Montanha ouvimos as sábias palavras de Jesus. Em Mateus 8 somos espectadores dos fatos poderosos de Jesus. Em Mateus 9 vemos como se arma ao seu redor a ameaça de uma crescente oposição. E agora vemos Jesus escolhendo a seus seguidores. Se um líder estiver a ponto de embarcar numa empresa de grandes dimensões, a primeira coisa que deve fazer é escolher seus colaboradores. Deles depende o efeito presente e o êxito futuro da obra que se propôs realizar. Aqui temos a Jesus escolhendo seus colaboradores, os homens que serão sua mão direita, os que O ajudarão enquanto estiver na Terra e continuarão sua obra depois que Ele houver retornado a sua glória.

Há duas circunstâncias, com relação a estes homens, que nos surpreenderão imediatamente:

(1) Eram homens comuns. Não possuíam riquezas, nem formação acadêmica, nem posição social. Escolheu-os dentre o povo comum. Eram homens cujas atividades se desenvolviam no mundo cotidiano, homens sem uma educação especial, homens sem vantagem social alguma. Tem-se dito que Jesus não procura tanto homens extraordinários que sejam capazes de fazer coisas extraordinárias, como homens comuns que possam fazer as coisas comuns extraordinariamente bem. Jesus vê em cada homem não somente o que esse homem é, mas também o que Ele pode fazer dele. Jesus escolheu a estes homens não a partir do que eram mas sim pelo que chegariam a ser ao colocar-se debaixo de sua influência e seu poder. Ninguém deve pensar jamais que não tem nada a oferecer a Jesus Cristo. Jesus pode tomar em suas mãos até o que o mais comum dos homens pode lhe oferecer e usá-lo com grandeza. .

(2) Constituíam a mais extraordinária mixórdia. Havia, por exemplo, Mateus, o coletor de impostos. Todos veriam em Mateus o traidor, que se tinha vendido aos senhores de sua pátria, justamente o contrário do que faria um bom patriota que amasse a sua terra natal. E junto com Mateus estava Simão, a quem se designa como *o cananita* (AV; NKJV; Reina-Valera; na RA está Simão Zelote). Em Lucas 6:15 está "Simão, chamado Zelote".

O historiador Josefo fala destes zelotes (*Antiguidades*, 8.1.6.), denominando-os "o quarto partido político entre os judeus palestinos". Os outros três partidos eram os fariseus, os saduceus e os essênios. Diz que "experimentavam uma paixão inviolável pela liberdade" e que para eles "Deus era seu único soberano e rei". Estavam preparados para confrontar qualquer classe de sofrimento na luta pela liberação de sua pátria, e não vacilavam ante a morte até de seus seres mais queridos se se tratava de uma morte necessária pela liberdade de sua nação. Recusavam-se a conceder o título de rei a nenhum homem sobre a Terra. Sua decisão era tão firme que nenhuma dor podia fazê-los apartar-se de seus objetivos. Estavam dispostos ao assassinato e a guerra de guerrilhas para liberar Israel do domínio estrangeiro. Eram os patriotas por excelência entre os judeus, os mais radicais de todos os nacionalistas.

A realidade terminante é que se Simão o Zelote se encontrasse com Mateus em qualquer outro lugar que não fosse o grupo dos que seguiam a Jesus, provavelmente lhe teria cravado uma adaga. Aqui temos a tremenda verdade de que até homens que se odeiam podem aprender a amar-se, quando ambos amam a Jesus Cristo. Com muita frequência a religião tem sido um elemento de divisão entre os homens. Mas seu propósito é – e o era na presença de Jesus – um meio de reunir entre si a quem sem Ele teriam permanecido separados.

Podemos nos perguntar por que Jesus *escolheu* doze "apóstolos" especiais. É bem possível que tenha sido porque em Israel havia doze tribos; da mesma maneira que na antiga dispensação as tribos de Israel eram doze, na nova dispensação são doze os apóstolos do Novo Israel. A informação que o Novo Testamento nos oferece sobre estes homens é muito escassa. Tal como Plummer sugere: "No Novo Testamento não são os obreiros, e sim a obra o que se exalta."

Mas mesmo que o Novo Testamento não nos diga muito sobre estes homens, é evidente que os concebe como figuras principais da igreja. No Apocalipse lemos que nas doze pedras fundamentais da Santa Cidade estavam inscritos os nomes de cada um dos doze apóstolos (Apocalipse

21:14). Estes homens, simples, sem um pano de fundo ou origem social destacada, provenientes de distintas esferas da fé, eram as pedras fundamentais sobre as quais se construiria a Igreja. Homens e mulheres comuns constituem o material sobre o qual está fundada a Igreja de Cristo.

A FORMAÇÃO DOS MENSAGEIROS

Mateus 10:1-4 (continuação)

Quando colocamos lado a lado os três relatos da chamada dos doze (Mateus 10:1-4; Marcos 3:13-19; Lucas 6:13-16) surgem certos fatos ilustrativos.

(1) Jesus os *escolheu*. Lucas 6:13 diz que Jesus mandou chamar a seus discípulos, e que dentre eles escolheu a doze. É como se o olhar de Jesus tivesse estado percorrendo as multidões que o seguiam, e no pequeno grupo que sempre ficava com Ele depois que a multidão se dispersava, procurasse todo o tempo aqueles a quem pudesse confiar sua tarefa. Como se tem dito: "Deus sempre está procurando mãos para utilizar." Deus sempre se pergunta: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" (Isaías 6:8).

No Reino há muitas tarefas. Há a do que deve abandonar sua pátria e lar e a do que deve ficar onde está; a tarefa que requer o uso das mãos e a que requer o uso da mente; a tarefa que concentrará os olhares dos homens sobre o obreiro, e a tarefa que passará totalmente inadvertida. Mas Jesus está procurando todo o tempo, entre os homens, aqueles que devem realizar sua missão.

(2) Jesus os *chamou*. Jesus não obriga a ninguém a cumprir uma responsabilidade no Reino, limita-se a oferecer as responsabilidades, para que quem esteja dispostos a aceitá-las as tornem suas. Jesus não obriga, convida. Não quer "recrutas", mas voluntários. Tem-se dito que todo ser humano é livre para crer ou não crer. Mas todo ser humano recebe o chamado, que pode aceitar ou rechaçar.

(3) Jesus lhes *atribuiu* uma tarefa. Em Marcos 3:14 diz que Jesus estabeleceu os doze. No original grego a palavra é *poiáin*, que significa literalmente *fazer* ou fabricar. Frequentemente era usada com o significado de atribuir uma tarefa ou designar para uma função pública. Jesus age aqui como um rei que designa a seus ministros; ou como um general que atribui as ordens a cada um de seus comandantes de tropa. Não se tratava de entrar ao serviço de Jesus por uma derivação inconsciente; tratava-se de uma designação definida para Ele. Qualquer um se orgulharia de ser nomeado por um rei para desempenhar algum cargo público, quanto mais deverá orgulhar-se se quem o designa é o Rei de reis?

(4) Estes homens foram designados *dentre os discípulos*. Um discípulo é alguém que aprende. Os homens que Jesus deseja e precisa devem estar dispostos a aprender. A mente fechada não pode servir a Jesus Cristo. O servo de Cristo deve estar disposto a aprender algo novo cada dia de sua vida. Cada dia deve estar um passo mais perto de seu Mestre e mais perto de Deus. .

(5) Igualmente significativas foram as razões pelas quais Jesus escolheu estes homens. Escolheu-os *para que estivessem com Ele* (Marcos 3:14). Se tiverem que ser os encarregados de seu trabalho no mundo, devem viver em sua presença antes de sair ao mundo; devem passar da presença de Jesus Cristo à presença dos homens.

Alexander Whyte pregou, em certa oportunidade, um sermão notavelmente poderoso e comovedor. Depois do culto um amigo seu lhe disse: "Hoje pregou como se viesse diretamente da presença de Jesus Cristo." Whyte lhe respondeu: "Possivelmente tenha sido assim."

Nenhuma obra no nome de Cristo pode ser efetuada por quem não provenha diretamente da presença de Cristo. Hoje, na complexidade da vida e organização da Igreja contemporânea, muitas vezes, em tantas comissões e comitês, juntas e grupos de trabalho, estamos tão ocupados em fazer funcionar a maquinaria eclesiástica, que corremos o perigo de esquecer que nada de tudo isto tem importância alguma se os atores

forem homens que não estiveram com Cristo antes de estar com os homens.

(6) São chamados para ser *apóstolos* (Marcos 3:14; Lucas 6:13). A palavra "apóstolo" significa literalmente o que é enviado; é a palavra que se utilizaria para designar um enviado especial ou um embaixador. O cristão é um embaixador de Jesus Cristo diante dos homens. Chega perante a presença de Cristo para poder ir, desde essa presença, a representar a Cristo entre os homens, levando consigo a palavra e a beleza de Jesus Cristo.

(7) Foram chamados para ser *arautos* de Cristo. No Mateus 10:7 lhes encarrega de pregar. A palavra é *kerússain*, que provém de *kérux*, cujo significado em português é arauto.

O cristão é um arauto de Jesus Cristo. Traz para os homens o anúncio de Jesus Cristo. É por isso que deve começar estando na presença de Jesus Cristo. O cristão não foi chamado para levar aos homens seus próprios pontos de vista ou opiniões. Traz de parte de Jesus Cristo uma mensagem de certezas divinas e não pode levar essa mensagem a menos que primeiro a tenha recebido na presença divina.

A COMISSÃO DOS MENSAGEIROS DO REI

Mateus 10:5-8a

Encontramos aqui o começo da comissão que recebem os mensageiros do Rei. A palavra que o texto original usa para descrever a ação de Jesus ao ordenar a seus apóstolos o que devem fazer é extremamente interessante e ilustrativa. Trata-se de *parangélain*, vocábulo que em grego possui pelo menos quatro usos diferentes.

(1) É o termo que designa uma ordem militar: Jesus age como o general de um exército quando reparte as ordens a seus oficiais ao começar uma campanha.

(2) É a palavra que se usa quando se chama a seus amigos para que o ajudem. Jesus age como alguém animado por um grande ideal que

chama a seus amigos para que o ajudem a fazer com que esse ideal se converta em realidade.

(3) É a palavra que se usa quando um filósofo ou mestre dá normas e preceitos a seus discípulos. Jesus age como o Mestre que envia os Seus discípulos ao mundo, equipados com Seu ensino e mensagem.

(4) É a palavra empregada normalmente para uma ordem imperial. Jesus age como um rei que envia seus embaixadores ao mundo inteiro, para executar suas ordens e falar em seu nome.

Esta passagem começa com uma recomendação que para todos deve parecer muito difícil. Começa proibindo os doze de ir aos gentios ou aos samaritanos. Muitos duvidam de que Jesus tenha dito isto; este aparente exclusivismo está totalmente em desacordo com seu caráter, e se sugeriu, que este dito deve atribuir-se à intromissão de quem posteriormente quis limitar o evangelho aos judeus, os mesmos que foram os acérrimos adversários de Paulo quando este quis levar a mensagem aos gentios. Mas é preciso lembrar certas coisas. Em primeiro lugar, era tão pouco provável que Jesus tivesse dito estas palavras que ninguém as teria inventado; Ele deve tê-las dito, e deve haver alguma explicação de seu significado. Podemos estar seguros de que não se tratava de uma ordem *permanente*. No mesmo evangelho vemos Jesus conversando íntima e meigamente com a mulher samaritana, a quem revela sua autêntica natureza (João 4:4-42); uma de suas imortais parábolas tem como protagonista precisamente a um samaritano (Lucas 10:30); cura a filha de uma mulher cananéia (Mateus 15:28); e o mesmo Mateus nos fala da ordem final do Mestre, quando manda os seus discípulos irem a todas as nações e trazê-las para o evangelho (Mat. 28:19, 20). Qual será, então, a explicação destas palavras?

Proíbe-se aos doze de irem para os gentios. Isto significa concretamente que não podiam ir para Síria, ao norte, nem para Decápolis, que ficava ao leste, nem para Samaria, ao sul. A consequência prática concreta desta ordem é limitar as primeiras viagens dos doze à região da Galiléia.

Há três boas razões para esta limitação inicial.

(1) Os judeus ocupavam um lugar muito especial nos planos de Deus. Com toda justiça, mereciam ser os primeiros em receber o oferecimento do Evangelho. É certo que o rejeitaram, mas toda a história obrigava a dar-lhes a primeira oportunidade.

(2) Os doze não estavam capacitados a pregar aos gentios. Não possuíam nem o pano de fundo, nem os conhecimentos, nem a técnica necessários para isso. Antes que o Evangelho pudesse chegar de maneira efetiva aos gentios, devia surgir entre os discípulos alguém com a formação e a vida de um Paulo. A mensagem tem poucas possibilidades de êxito se o mensageiro estiver mal equipado para transmiti-la. Se um pregador ou mestre é sábio, terá consciência de suas próprias limitações e saberá que coisas estão dentro e quais fora de sua possibilidade.

(3) Mas a mais importante das razões desta restrição é simplesmente esta – qualquer comandante sábio sabe que deve limitar seus objetivos. Deve escolher um ponto e direcionar a ele o ataque. Se diluir suas forças aqui e ali e mais à frente, dissipa sua potência de ataque e se arrisca ao fracasso. Quanto menores sejam suas forças, maior deverá ser a limitação de seus objetivos imediatos. Tentar o ataque sobre uma frente muito ampla seria, simplesmente, convidar ao fracasso. Jesus sabia disto, e seu objetivo era concentrar o primeiro movimento de sua campanha expansiva na região da Galiléia, porque esta, tal como o vimos, era a região da Palestina que mais aberta estava à recepção de um novo evangelho, uma nova mensagem (cf. comentário de Mat. 4:12-17).

Mas esta ordem de Jesus era *transitiva*. Atuou como o general sábio, que se nega a dissipar e dispersar suas forças. Com toda habilidade, concentrou o ataque em um objetivo limitado, a fim de obter, ao final da campanha, uma vitória total e universal.

AS PALAVRAS E AS OBRAS DOS MENSAGEIROS DO REI**Mateus 10:5-8a (continuação)**

Os mensageiros do rei tinham coisas a dizer e coisas a fazer.

(1) Tinham que anunciar a iminência do Reino. Como vimos (comp. Mateus 6:10, 11) o Reino de Deus é uma sociedade terrena na qual se executa a vontade de Deus de maneira tão perfeita como no céu. Entre todas as pessoas que viveram no mundo, Jesus é o único que sempre obedeceu, fez e cumpriu perfeitamente a vontade de Deus. Portanto nEle tinha vindo o Reino. É como se os mensageiros do Reino devessem dizer: "Olhem! Vocês sonhastes com o Reino e o desejaram. Aqui, na vida de Jesus está o Reino. Olhem para Ele, e vejam o que significa estar no Reino." Em Jesus veio aos homens o Reino de Deus.

(2) Mas a tarefa dos doze não se reduzia a dizer certas coisas. Tinham que curar doentes, ressuscitar mortos, purificar leprosos, expulsar demônios. Todas estas ordens devem interpretar-se em um duplo sentido. Devem interpretar-se *fisicamente*, porque Jesus devia trazer saúde e cura para os corpos dos homens. Mas também devem interpretar-se *espiritualmente*. Descrevem a mudança operada por Jesus Cristo nas almas dos homens.

(a) Devem *curar enfermos*. A palavra que se usa com o significado de enfermos é extremamente sugestiva. É parte do verbo grego *aszénain*, cujo significado primário é ser fraco. Quando Jesus Cristo entra na vida de um homem robustece sua vontade fraca, fortalece a resistência fraca frente às tentações, dá força ao braço debilitado, para que prossiga a luta, confirma ao de resolução fraca. Jesus Cristo enche nossa fraqueza humana com seu poder divino.

(b) Devem *ressuscitar mortos*. A pessoa pode estar morta em seus pecados; quebrada sua vontade de resistir; sua visão do bem pode estar tão obscurecida que deixou que existir; pode estar desesperadamente nas garras de pecados que dominam sua vida; pode estar cega e surda à bondade e à voz de Deus. Quando Jesus Cristo entra na vida de um

homem, ressuscita-o para a virtude. Jesus Cristo revitaliza em nós a bondade e a virtude que o pecado matou.

(c) Devem *purificar leprosos*. Como vimos anteriormente, o leproso era considerado uma pessoa imunda. Levítico 13:46 diz: "Será imundo durante os dias em que a praga estiver nele; é imundo, habitará só; a sua habitação será fora do arraial."

O texto de 2 Reis 7:3, 4 mostra uns leprosos que somente durante uma fome ousaram entrar na cidade. Em 2 Reis 15:5 nos conta a história de Azarias, o rei atacado pela lepra, e até o dia de sua morte estava obrigado a habitar em um lazareto, separado do resto dos homens.

É interessante recordar que até na Pérsia se acreditava na impureza dos leprosos. Heródoto (1:138, 1), diz que "quando alguém na Pérsia tem lepra, não lhe é permitido entrar em cidade alguma, nem ter relação alguma com outros persas; segundo eles dizem, deve ter pecado contra o sol". Os doze, pois, devem levar purificação aos impuros. Todo ser humano pode manchar sua vida com o pecado. Pode sujar sua mente, seu coração, seu corpo com as conseqüências de seu pecado. Suas palavras, suas ações, sua influência podem até tal ponto estar corrompidas por seu pecado, que sejam uma influência impura sobre todos os que entrem em contato com ele. Jesus Cristo pode limpar a alma que se manchou com o pecado. Pode oferecer aos homens o anti-séptico divino contra o pecado. Jesus Cristo limpa o pecado humano com a pureza divina.

(d) Deviam *expulsar demônios*. O possesso pelo demônio era o homem que estava nas garras de um poder maligno; tinha deixado de ser dono de si e de seus atos; o poder maligno que o habitava tinha feito dele seu escravo. Todo ser humano pode ser dominado pelo mal, escravo de hábitos malignos; o mal pode nos atrair de maneira hipnótica e nos fascinar. Jesus vem não somente para eliminar e cancelar o pecado, mas também para quebrantar o poder do mesmo. Jesus Cristo traz aos homens escravizados pelo pecado o poder libertador de Deus. Emancipa os escravos do pecado.

O TIME DOS MENSAGEIROS DO REI**Mateus 10:8b-10**

Cada uma das frases e palavras desta passagem, sem lugar a dúvidas, era familiar ao ouvido dos contemporâneos de Jesus. Nela Jesus dá a seus discípulos as instruções e ordens que davam a seus discípulos os melhores rabinos e no mais elevado dos espíritos do judaísmo daquela época.

"Vocês receberam gratuitamente", diz Jesus, "dêem gratuitamente." A Lei exigia que os rabinos ensinassem gratuitamente; estava-lhes absolutamente proibido receber dinheiro pelo ensino da Lei, visto que Moisés a tinha recebido gratuitamente de Deus. Somente em um caso podia o rabino receber algum pagamento: quando seu discípulo fosse um menino; porque ensinar ao menino era uma responsabilidade dos pais, e nenhum outro podia esperar-se que gastasse seu tempo e sabedoria naquilo que era dever do pai e da mãe. Mas o ensino superior devia repartir-se gratuitamente, sem dinheiro e sem preço. Na Mishná a Lei estabelece que se alguém cobrar por agir como juiz, seus julgamentos não são válidos, e se receber alguma retribuição por dar testemunho, seu testemunho é nulo.

O rabino Zadok disse: "Não faça da Lei uma coroa para se engrandecer nenhuma pá com a qual cavar.". Hillel afirmou: "Quem faz uso mundano da coroa da Lei perecerá. Você pode inferir disto que quem quiser obter benefícios ou lucros de qualquer tipo com as palavras da Lei está contribuindo para sua própria destruição." Outro mestre disse: "Assim como Deus ensinou a Moisés de graça, faça você o mesmo."

Há uma história que se refere a um tal rabino Tarfón. Ao finalizar a colheita dos figos, ele estava caminhando por um horta e comeu alguns dos figos que tinham sido deixados nas árvores pelos ceifeiros. Os guardiões do campo vieram e lhe deram uma surra, mas ele lhes disse quem era, e ao reconhecê-lo como um famoso rabino o deixaram ir. Toda sua vida o rabino Tarfón se lamentou de ter-se valido de sua

condição de rabino para ajudar-se em uma situação difícil. “Todos os dias de sua vida se lamentou dizendo: ‘Miserável de mim, porque usei a coroa da Lei para meu próprio benefício’.”

Ao dizer Jesus a seus discípulos que tinham recebido gratuitamente o que tinham e deviam dar gratuitamente, estava repetindo as mesmas palavras que os mestres de religião de seu povo tinham vindo ensinando a seus próprios discípulos desde longa data. Se alguém possuir um segredo precioso, seu dever, evidentemente, não é guardá-lo para si mesmo até que o paguem, mas deve comunicá-lo de boa vontade. É um privilégio compartilhar com outros as riquezas que recebemos de Deus.

Jesus diz aos doze que não procurem ouro, prata ou cobre para levar em seus *cintos*. Os cintos com que os judeus atam a roupa na cintura eram bem largos, e em suas extremidades possuíam um duplo fundo no qual era costume levar o dinheiro. O cinto era a carteira dos judeus. Além disso, os discípulos não deviam levar *alforjes*. Estes alforjes podem ser a espécie de mochila em que comumente se levavam as provisões. Mas há outra possibilidade. A mesma palavra designava naquela época a bolsa que os mendigos usavam para mendigar. Às vezes os filósofos ambulantes depois de ter ensinado recolhiam uma esmola entre os que tinham recebido seu ensino.

Com todas estas disposições, Jesus não procurava criar uma situação difícil para seus discípulos. Outra vez, pode dizer-se neste caso, que estava repetindo ensinamentos que todos os judeus conheciam muito bem desde há muito tempo. O Talmud diz que ninguém deve ir ao Monte do Templo "com cajado, sapatos, cinturão de dinheiro ou pés sujos de pó". A idéia era que ao entrar no templo tudo o que estivesse relacionado com os negócios, com os trabalhos ou as preocupações deste mundo ficasse para trás. Aqui Jesus está dizendo a seus discípulos que devem considerar o mundo inteiro como templo de Deus. O homem de Deus, não deve dar a impressão de ser um homem de negócios, atento ao que pode obter.

As instruções que Jesus dá a seus discípulos indicam que o homem de Deus deve demonstrar por sua atitude para com as coisas materiais que é um homem de Deus, e que seu primeiro interesse é Deus e não as coisas materiais.

Por último, Jesus diz que *digno é o trabalhador do seu alimento*. Isto também qualquer judeu o teria reconhecido. É certo que o rabino não estava autorizado a receber pagamento por seu ensino. Mas ao mesmo tempo se considerava um privilégio e um dever dar de comer aos mestres religiosos, se estes eram verdadeiramente homens de Deus.

O rabino Eliézer Ben Jacob disse: "Quem recebe a um rabino em sua casa, ou como seu hóspede, e lhe permite desfrutar de suas posses, a escritura o reconhece como se tivesse feito uma oferenda contínua.

O rabino Jocanáan estabeleceu que toda comunidade judia tinha a obrigação de manter um rabino, quanto mais porque o rabino descuida seus próprios assuntos para concentrar-se nos de Deus.

Aqui temos a dupla verdade: o homem de Deus nunca deve preocupar-se muito pelas coisas materiais; mas o povo de Deus nunca deve esquecer seu dever de que o homem de Deus receba tudo o que razoavelmente pode necessitar para seu sustento. Esta passagem estabelece uma obrigação tanto sobre o ministro como sobre o povo.

O COMPORTAMENTO DOS MENSAGEIROS DO REI

Mateus 10:11-15

Eis aqui uma passagem cheia de conselhos práticos para os mensageiros do Rei.

Quando entrarem em uma cidade ou aldeia deverão procurar para hospedar uma casa que seja digna. A idéia é que se escolhiam como lugar de residência uma casa de má reputação, esta circunstância podia agir como impedimento em sua tarefa. Não deviam identificar-se com ninguém que pudesse dificultar sua tarefa. Isto não quer dizer que não deviam tratar de ganhar nessas pessoas para Cristo, mas sim o

mensageiro de Cristo deve ser cuidadoso na escolha de seus amigos íntimos.

Quando chegavam a uma casa, deviam ficar nela até que viajem para outra cidade. Esta recomendação tem a ver com a mais elementar cortesia. É bem possível que depois de ter chegado a um lugar e procurado alojamento nele, o mensageiro, tendo ganho alguns discípulos, se visse tentado a mudar-se a outra casa que pudesse lhe oferecer maior luxo ou comodidade ou melhor companhia. O mensageiro de Cristo nunca deve dar a impressão de que corteja as pessoas por sua posição material, ou de que age guiado pelas exigências de sua comodidade.

A recomendação sobre a *saudação*, que se não for recebido deve recolher-se, é tipicamente oriental. No Oriente a palavra falada é concebida de maneira tal que pode atribuir-se a ela uma sorte de existência independente e ativa. Saía da boca do que fala com a mesma realidade que uma bala sai da boca de um revólver. Esta idéia aparece em repetidas oportunidades no Antigo Testamento, especialmente quando se trata das palavras que Deus fala. Isaías ouviu que Deus dizia: "Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua" (Isaías 45:23). "Assim será minha palavra que sai de minha boca; não voltará para minha vazia mas sim fará o que eu quero, e será prosperada naquilo para que a enviei" (Isaías 55:11). Zacarias vê um rolo voador e ouve uma voz que lhe diz: "Esta é a maldição que sai sobre a face de toda a terra" (Zacarias 5:3).

Até nossos dias, no Oriente, se alguém saudar outro pela rua com uma bênção e depois descobre que o outro professa uma fé diferente à sua, voltará para recolher de volta sua bênção. A idéia nesta passagem é que o mensageiro do Rei pode pronunciar sua bênção sobre uma casa, e se esta é indigna de recebê-la pode, por assim dizer, recolher sua bênção e levá-la de volta.

Se em algum lugar a mensagem é rechaçada, os mensageiros do Rei devem sacudir o pó desse lugar que tiver ficado preso em suas sandálias

e ir para outra parte. Para o Judeu o pó de um caminho ou lugar de gentios tinha a qualidade negativa de torná-los impuros; portanto, cada vez que um judeu cruzava o limite da Palestina, depois de ter viajado por terra de gentios, sacudia de suas sandálias o pó dos caminhos gentios, para eliminar deste modo, até a mais insignificante partícula de impureza. Jesus diz a seus discípulos: "Se alguma cidade ou vila não receber a mensagem, devem tratá-la como se fosse um lugar gentio." Devemos procurar entender claramente qual é a idéia que Jesus está tratando de comunicar.

Nesta passagem há duas verdades, uma transitiva e a outra eterna.

(1) A verdade transitiva é a seguinte. Jesus não está dizendo que certas pessoas deviam ser abandonadas como se estivessem fora do alcance da mensagem do evangelho e da graça. Esta instrução é similar a de que no momento não devem dirigir-se aos gentios ou aos samaritanos. Seu significado depende da situação em que a reparte. Deve-se principalmente ao fator tempo. Os discípulos dispunham de pouco tempo; era necessário que a maior quantidade possível de pessoas ouvisse a proclamação do Reino; nesse momento não havia tempo para discutir com os discutidores ou tratar de ganhar os teimosos. Isso viria mais tarde. Naquele momento os discípulos deviam percorrer toda a região, o mais rapidamente possível, e portanto deviam prosseguir seu caminho quando sua mensagem não tinha uma acolhida imediata.

(2) A verdade permanente é a seguinte: Um dos fatos mais importantes da vida é que em geral as grandes oportunidades nos são apresentadas uma só vez, e se não formos capazes das aproveitar, perdemos definitivamente a possibilidade de fazer uso delas. Os habitantes da Palestina tinham a grande oportunidade de conhecer e aceitar o evangelho. Se não a recebiam, muito provavelmente nunca mais se lhes voltaria a oferecer. Como diz um provérbio tradicional inglês: "Há três coisas que não voltam: A palavra falada, a flecha que se arrojou e a oportunidade perdida." Isto ocorre em todas as esferas da vida.

Em sua autobiografia, *Chiaroscuro*, Augustus John, o famoso artista inglês, relata um incidente de sua vida e o comenta de maneira lacônica, dizendo:

"Estava em Barcelona, Espanha e tinha chegado o momento de viajar a Marselha, na França. Tinha enviado antecipadamente minha bagagem e me dirigia caminhando para a estação quando encontrei três ciganas que compravam flores em um quiosque. Tanto me impressionou a beleza dessas mulheres e sua fulgurante elegância, que quase perco o trem. Quando cheguei a Marselha a visão daquelas mulheres ainda seguia me perseguindo. Senti que tinha que voltar para Barcelona para buscá-las. E o fiz. Mas nunca voltei a encontrar a aquelas três ciganas. *Nunca encontramos o que perdemos uma vez.*"

O artista estava sempre procurando brilhos de beleza que transferir ao tecido mas sabia que se não a pintava quando a achava, provavelmente nunca voltaria a ter essa visão. Muito freqüentemente a tragédia de muitas vidas é a tragédia de uma grande oportunidade perdida.

Por último ouvimos que no dia do juízo será menos grave o destino da Sodoma e Gomorra que o do povo ou a aldeia que tenha rechaçado a mensagem de Cristo e do Reino. Sodoma e Gomorra, no Novo Testamento, são exemplos clássicos de maldade (Mateus 11:23-24; Lucas 10:12-13; 17:29; Romanos 9:29; 2 Pedro 2:6; Judas 7).

É interessante e pertinente com relação a esta passagem assinalar que justamente antes de sua destruição Sodoma e Gomorra foram culpados de uma grave violação das leis da hospitalidade (Gênesis 19:1-11). Eles também tinham rechaçado aos mensageiros de Deus. Mas Sodoma e Gomorra não tiveram a oportunidade de rechaçar a mensagem do Cristo e seu Reino. É por isso que seu destino o dia do julgamento será menos trágico que o das cidades e aldeias da Palestina. A maior privilégio, maior responsabilidade.

O DESAFIO DO REI A SEUS MENSAGEIROS**Mateus 10:16-22**

Antes de começar o estudo detalhado desta passagem, devemos tomar nota de dois importantes aspectos gerais.

Quando estudávamos o Sermão da Montanha, vimos que uma das características de Mateus era seu afã por apresentar os materiais de que dispunha segundo uma meticulosa organização. Vimos que seu costume era reunir em um mesmo lugar todas as passagens que tivessem que ver com um mesmo tema, embora Jesus houvesse dito ou feito essas coisas em diferentes ocasiões. Mateus sistematizou os ensinamentos de Jesus ao preparar para escrever seu evangelho.

Esta passagem é um dos exemplos de como Mateus reúne em um mesmo lugar materiais que provêm de diferentes oportunidades. Aqui encontramos reunidos vários ensinamentos de Jesus sobre a perseguição. Não cabe dúvida de que até a primeira vez que Jesus enviou a seus discípulos, deve ter-lhes dito algo com respeito à sorte que os esperava. Mas, por exemplo, enquanto que na passagem anterior Jesus ordena a seus discípulos não pisar em território de gentios ou samaritanos, aqui ouvimos antecipando o destino dos mensageiros que seriam levados perante governadores e reis, algo que só podia ocorrer muito longe da Palestina. A explicação é que Mateus reúne aqui coisas que Jesus disse sobre o tema das perseguições em diferentes oportunidades. De maneira que temos palavras reunidas que Jesus deve ter pronunciado quando enviou a seus discípulos a pregar pela primeira vez e palavras que lhes comunicou depois da ressurreição, quando os enviou a pregar o evangelho a todo o mundo. Aqui temos, pois, não só palavras de Jesus da Galiléia, mas também do Cristo Ressuscitado.

Por outro lado, deve destacar-se que nestas palavras Jesus faz uso de idéias e imagens que formam parte da tradição do pensamento judeu. Já vimos como era o costume judeu, quando se tratava de representar o futuro, dividir o tempo em duas idades ou eras. Havia a era presente,

totalmente má e pecaminosa, e havia a era vindoura ou futura, que seria a idade áurea de Deus. Entre ambas, como evento separador, estava o Dia do Senhor, um momento de transição entre ambas, um dia de terrível caos e destruição e juízo.

Um dos conceitos recorrentes no judaísmo com respeito ao dia do juízo, era que os parentes e os amigos seriam separados entre si irreparavelmente. Os laços humanos mais tenros se transformariam, então, em acérrimas inimizades.

"Todos os amigos se destruirão entre se" (2 Esdras 5:9). "Naquele dia os amigos farão guerra entre si como inimigos" (2 Esdras 6:24). "E lutarão entre si, o jovem contra o velho, o pobre contra o rico, o inferior contra o superior, e o mendigo contra o príncipe" (Jubileus 23:19). "E se odiarão entre si, e se provocarão à luta, e os indignos governarão sobre os dignos, e os de baixa condição serão exaltados sobre os que são famosos" (Apocalipse de Baruque 70:3). "E começarão a lutar entre si, e sua mão direita se fortalecerá contra eles mesmos; e não se conhecerão entre os irmãos, nem entre filhos e pais, ou mães, até que o número dos cadáveres que sobrarão da luta não poderá contar-se" (Enoc 56:7). "Naquele dia os carentes irão embora levando seus filhos, e os abandonarão, e seus filhos perecerão por culpa deles mesmos; abandonarão a seus filhos de peito e não voltarão a recolhê-los; não terão piedade de seus seres amados" (Enoque 99:5). "E naqueles dias os pais e os filhos lutarão, e os irmãos entre si, até que se formem correntes de sangue como rios. Porque ninguém deterá sua mão para não matar a seus próprios filhos e os filhos de seus filhos, e o pecador não deterá sua mão para não matar a seu irmão justo; da saída do sol até o crepúsculo se matarão entre si" (Enoque 100:1-2).

Todas estas citações aparecem em livros que foram escritos pelos judeus, e que estes conheciam muito bem, respeitavam e amavam, e com os quais alimentavam a esperança de seus corações nos dias entre o Antigo e o Novo Testamento. Jesus conhecia estes livros assim como seus discípulos; e quando falava dos horrores do juízo final, e das lutas

fratricidas que romperiam até os laços humanos mais tenros, estava dizendo, em realidade: "*O dia do Senhor já chegou.*" E seus homens sabiam que isto era o que Jesus queria dizer, e saíram a pregar sabendo que estavam vivendo nos dias supremos de toda a história.

A HONESTIDADE DO REI PARA COM SEUS MENSAGEIROS

Mateus 10:16-22 (continuação)

Ninguém poderia ler esta passagem sem ficar profundamente impressionado pela honestidade de Jesus. Nunca vacilou em dizer a seus discípulos qual era a sorte que podiam esperar se o seguiam. É como se houvesse dito: "Esta é a tarefa que tenho para encomendar-lhes; não é fácil nem está livre de perigos. Vocês são capazes de aceitá-la?"

Plummer comenta: "Esta não é a maneira que o mundo tem de ganhar partidários." O mundo sempre oferece rosas, um caminho de rosas, comodidade e seguranças, junto com o cumprimento de todas as ambições mundanas. Jesus oferece dificuldades, e até a morte. E entretanto, a história demonstrou que Jesus tinha razão. No mais íntimo, os seres humanos apreciam mais o chamado à aventura; no coração de cada um de nós há escondido um aventureiro.

Depois do sítio de Roma, em 1849, Garibaldi dirigiu a seguinte proclama a seus partidários: "Soldados: Todos os nossos esforços contra forças superiores foram inúteis. Não tenho nada a lhes oferecer a não ser fome e sede, dificuldades e morte; mas chamo a todos os que amem a pátria a unir-se comigo" – e foram por centenas. Depois da derrota de Dunquerque, Churchill ofereceu aos ingleses, "sangue, suor e lágrimas".

Pizarro confrontou o seu bando de seguidores com uma escolha tremenda. A opção era entre a segurança conhecida do Panamá e o ainda ignorado esplendor do Peru. Tirou sua espada e riscou uma linha na areia, do leste a oeste: "Amigos e camaradas!", disse, "desse lado da linha encontrarão trabalhos, fome e nudez, a tormenta, a deserção e a morte; do outro lado, comodidade e prazeres. Lá fica o Peru, com suas

riquezas; aqui, Panamá e sua pobreza. Que cada homem escolha agora qual é o destino mais adequado para um valente castelhano. Quanto a mim, eu escolho o Peru." Treze de seus homens, cujos nomes são imortais, escolheram aventurar-se com ele.

Quando Shackleton propôs sua marcha para o Pólo Sul, pediu voluntários para que o seguissem por esse caminho no qual os esperava a tormenta branca dos gelos polares. Não esperava que muitos respondessem a seu chamado, mas recebeu uma avalanche de cartas provenientes de jovens e anciãos, ricos e pobres, nobres e plebeus, todos animados pelo mesmo desejo de participar da grande aventura.

Talvez a Igreja deva voltar a aprender que não deve convidar os homens a percorrer veredas suaves; é o chamado ao heróico o que, finalmente, toca de maneira mais direta o coração dos homens.

Jesus ofereceu a seus seguidores três classes de provas:

(1) O *Estado* os perseguiria; seriam levados aos tribunais, ante reis e governadores. Muito antes Aristóteles se perguntou se um homem verdadeiramente bom podia ser um bom cidadão, porque, dizia, o dever do cidadão consiste em obedecer sempre ao Estado, e apoiá-lo em seus esforços, e às vezes o homem bom verá que isto lhe é impossível.

Quando fossem levados ante os juízes e submetidos a julgamento, não deviam preocupar-se com as palavras com que se defenderiam; porque Deus poria tais palavras em sua boca. "Agora, pois, vê, que eu estarei em sua boca", disse Deus a Moisés, "e te ensinarei o que deves falar." (Êxodo 4:12). Os primeiros cristãos não temiam a humilhação, nem mesmo a dor e a agonia; muitos deles, em troca, temiam que sua incapacidade para expressar-se de maneira eloqüente prejudicasse à fé em vez de beneficiá-la. A promessa de Deus é que quando o crente é julgado por sua fé, encontrará as palavras.

(2) A *Igreja* os perseguiria. Seriam expulsos e perseguidos pelas sinagogas. A Igreja não quer ser perturbada e tem seus próprios métodos para enfrentar e eliminar os que alteram a paz. Os cristãos foram e são os que "transtornam ao mundo" (Atos 17:6). Tem ocorrido com muita

freqüência que o crente possuidor de uma mensagem de parte de Deus tenha que suportar o ódio e a inimizade de uma ortodoxia fossilizada.

(3) A *família* os perseguiria. As pessoas mais próximas e queridas de seus discípulos os veriam como loucos, e lhes fechariam as portas de seus próprios lares. Às vezes o cristão deve enfrentar a opção mais difícil de todas – entre obedecer a Cristo ou obedecer a seus parentes e amigos.

Jesus advertiu a seus discípulos que no futuro muito possivelmente deveriam confrontar-se com a aliança opositora do Estado, a Igreja e a família, aliados contra eles.

AS RAZÕES DA PERSEGUIÇÃO CONTRA OS MENSAGEIROS DO REI

Mateus 10:16-22 (continuação)

Olhando de nosso ponto de vista, é-nos difícil entender por que governo algum pode ter querido jamais perseguir os cristãos, cujo único objetivo sempre foi viver na pureza, no amor e respeito para com os outros. Mas o governo de Roma, anos depois, teve o que ele acreditou ser boas razões para perseguir os cristãos (veja-se sobre este tema às págs. 126-129).

(1) Circulavam certas calúnias sobre os cristãos. Eram acusados de canibalismo, pelas palavras da comunhão, nas quais se falava de comer a carne de Cristo e beber o seu sangue. Eram acusados de imoralidade, devido a que o nome de sua reunião semanal era ágape, ou seja "festa de amor". Eram acusados de incendiários, pelas vívidas imagens que os pregadores usavam para descrever o fim do mundo. Eram acusados de ser cidadãos rebeldes e desleais, por negar-se insistentemente a reconhecer o imperador como uma divindade.

(2) É duvidoso que até os pagãos tenham acreditado verdadeiramente nestas acusações. Mas havia outras acusações, de outra ordem, que eram mais sérias. Os cristãos eram acusados de "perturbar as relações familiares". Era certo que a fé cristã com muita freqüência

dividia em dois bandos as famílias, como já o vimos. Para muitos pagãos o cristianismo era um elemento de divisão que separava os filhos de seus pais e os maridos de suas esposas.

(3) Uma dificuldade muito real era a posição dos escravos dentro da Igreja. No Império Romano havia sessenta milhões de escravos. Um dos maiores temores dos romanos era que esses escravos se levantassem em rebeldia. Para que a estrutura imperial seguisse em pé era necessário que esses escravos fossem mantidos em seu lugar. Ninguém devia fazer nada para estimular o espírito de rebelião entre os milhões de escravos de Roma, porque as conseqüências teriam sido terríveis, além do imaginável. A Igreja cristã não fez intentos por liberar os escravos nem condenou a escravidão; mas, pelo menos dentro da Igreja, os escravos eram tratados como iguais.

Clemente da Alexandria afirmou que "os escravos são como nós", e que a regra áurea, o mandamento do amor, aplicava-se também a eles. Lactânio escreveu: "Os escravos para nós não são tais, são irmãos no Espírito, conservos conosco na religião." É notável que mesmo que a Igreja contava em suas filas milhares de membros que eram escravos, nunca se encontra a palavra "escravo" nas lápides das tumbas cristãs. Mais ainda, era perfeitamente possível que os escravos ocupassem cargos de dirigentes na Igreja.

A princípio do século II, dois dos bispos de Roma, Pio e Calixto, tinham sido escravos. Não era incomum que os presbíteros ou os diáconos fossem escravos. No ano 220 Calixto, que como acabamos de ver tinha sido escravo, declarou que a Igreja aceitaria desse momento em adiante, os casamentos entre livres e libertos, algo que a lei romana declarava como carente de valor legal e que, portanto, não era um casamento como deve ser. Pelo trato que concedia os escravos, a Igreja deve ter parecido, às autoridades romanas, uma força que ameaçava destruir o próprio fundamento de sua civilização e a existência do Império, visto que considerava em um mesmo nível os escravos e os

cidadãos livres, outorgando aos primeiros uma posição que a lei romana jamais lhes teria concedido.

(4) Não há dúvida de que o cristianismo deve ter afetado seriamente importantes interesses criados com relação ao culto pagão. Quando o cristianismo entrou em Éfeso, por exemplo, a profissão dos ourives sofreu um golpe mortal, ao diminuir o mercado dos que compravam as imagens da deusa Diana, que eles fabricavam (Atos 19:24-27).

Plínio era governador da Bitínia durante o império do Trajano, e em uma carta que escreveu ao imperador (Plínio, Cartas, 10:96) conta como precisou tomar medidas para controlar o rápido crescimento das comunidades cristãs, de tal maneira "que os templos, abandonados pelo povo, agora voltam a ser freqüentados; depois de um compulsivo recesso, as festividades religiosas voltam a celebrar-se, e há uma demanda geral de animais para sacrificar nos templos, que tinha diminuído durante um tempo". É evidente que a expansão do cristianismo deve ter significado a abolição de certos artesanatos, profissões e mercados. Os que perdiam seus empregos ou seu dinheiro, como é muito natural, sentiam-se ressentidos contra a fé cristã.

O cristianismo prega um conceito do homem que nenhum Estado totalitário pode aceitar. Deliberadamente tende a eliminar certos comércios e profissões e maneiras de fazer dinheiro. E isto segue sendo tão real hoje como no princípio, o que significa que o cristão ainda hoje pode ser açoitado por sua fé.

A PRUDÊNCIA DOS MENSAGEIROS DO REI

Mateus 10:23

Esta passagem recomenda uma prudência que ao mesmo tempo é sábia e cristã. Nas épocas de perseguição as testemunhas cristãs devem enfrentar alguns perigos. Houve quem diretamente cortejou o martírio; tinham sido levados a tal ponto de entusiasmo fanático e histérico que procuravam converter-se em mártires por causa da fé. Jesus era sábio.

Disse a seus seguidores que não devia haver um inútil desperdício de vidas cristãs; que não deviam entregar sua vida ao martírio assim desnecessariamente. Como alguém disse, a vida de cada testemunha cristã é suficientemente preciosa como para que não ser dilapidada irrefletidamente. "A bravata não é martírio." Muitos cristãos tiveram que morrer por sua fé, mas nenhum devia entregar-se ao martírio de maneira que não ajudasse realmente à causa. Como se disse posteriormente, o cristão deve lutar por sua fé *legalmente*.

Quando Jesus falava deste modo, os judeus podiam compreender perfeitamente o que lhes queria dizer, Nenhum povo tinha sido tão açoitado como os judeus, e nenhum tinha compreendido melhor no que consistem os deveres do mártir.

O ensino dos grandes rabinos era bem clara. Quando se tratava da *santificação pública* ou da *aberta profanação* do nome de Deus, o dever do bom judeu era bem evidente. Devia estar preparado a entregar sua vida. Mas quando não se tratava de fazer declaração pública de apostasia com respeito à santidade do nome divino, qualquer judeu podia salvar sua vida, mesmo que significasse quebrantar a lei; mas por nenhuma razão devia submeter-se a práticas idolátricas ou cometer pecados contra a castidade ou homicídios.

Um caso que os rabinos citavam era o seguinte: "Suponhamos que um judeu é tomado por um soldado romano, com o propósito de zombar dele, e sem outra intenção que divertir-se um momento humilhando a um judeu e lhe ordena: 'Come esta carne de porco, quem é judeu pode comê-la, porque as leis de Deus foram ditadas para vida e não para morte. Mas suponhamos que o soldado romano lhe diz: 'Come esta carne de porco como sinal de que renuncia ao judaísmo; come esta carne de porco como sinal de que está disposto a adorar a Júpiter e ao Imperador, então a obrigação do judeu é morrer antes que comer.'"

Em toda época de perseguição por parte das autoridades o judeu devia morrer antes que renunciar à sua fé, como o afirmavam os rabinos: "As palavras da Lei são firmes somente naqueles que estão dispostos a

morrer por elas." Era proibido ao judeu desperdiçar sua vida em uma ação desnecessária de martírio sem sentido; mas quando se tratava de oferecer um autêntico testemunho de sua fé, devia estar disposto a morrer.

Convém-nos recordar que embora nós devemos estar sempre preparados a aceitar o martírio por nossa fé, não devemos cortejar o martírio. Se devemos sofrer por nossa fé pelo cumprimento do dever de cristãos, devemos aceitar esse sofrimento. Mas não devemos procurar o sofrimento em si; pois convidar o sofrimento faz mais mal que bem à fé que professamos. O mártir por vocação própria é um personagem muito comum em diversas esferas da vida humana.

Afirmou-se que às vezes há mais heroísmo em atrever-se a fugir do perigo que em enfrentá-lo. Dar-se conta do momento em que podemos escapar é verdadeira sabedoria.

André Maurois, em *Por que Caiu a França*, narra uma conversação que teve com Winston Churchill. Houve um momento, no princípio da Segunda Guerra Mundial, quando a Inglaterra parecia muito pouco disposta a encarar a ação direta contra Alemanha. Churchill disse ao Maurois: "Observou você o costume das lagostas marinhas?" Maurois respondeu que não a esta estranha pergunta.

"Se alguma vez tiver oportunidade, estude-as. Em certos períodos de sua vida a lagosta perde o carapaça que a protege. Nesse momento de transição até o crustáceo mais valente se esconde em alguma greta entre as rochas e aguarda com paciência, até que lhe cresce uma nova carapaça. Uma vez que essa nova armadura adquiriu a suficiente rigidez, sai de sua greta e volta a ser o mesmo lutador de antes, senhor dos mares. Inglaterra, por culpa de ministros irresponsáveis, perdeu sua carapaça; por ora devemos esperar em nossa greta entre as rochas, até que a nova carapaça seja o suficientemente forte."

Há momentos em que a passividade é mais sábia que a ação; e quando fugir é mais sábio que atacar. Se alguém possui uma fé débil, convém-lhe evitar as discussões e disputas sobre questões duvidosas, e não lançar-se irresponsavelmente a tais confrontações. Se alguém souber

que é suscetível ante certa tentação, fará bem em evitar aqueles lugares onde essa tentação pode atacá-lo, e não freqüentá-los. Se alguém souber que há pessoas que o fazem zangar e irritar, e que conseguirão sempre tirar à lume o pior que existe nele, será sábio evitar sua companhia e não sair à procurá-la. Coragem não é temeridade; não há virtude alguma em correr riscos desnecessários. A graça de Deus não está destinada a amparar os irresponsáveis, mas sim os prudentes.

A VINDA DO REI

Mateus 10:23 (continuação)

Esta passagem contém um estranho dito que não podemos, em honra à honestidade, passar por cima. Mateus descreve o modo em que Jesus envia a seus discípulos, e como parte de suas instruções, como lhes diz: "Vocês não acabarão de percorrer todas as cidades do Israel antes que venha o Filho do Homem." Aparentemente, o significado destas palavras é que Jesus voltará em glória e em poder antes que os apóstolos terminassem sua excursão de pregação. A dificuldade com esta passagem é que simplesmente as coisas não ocorreram do modo em que foi anunciado. Se nesse momento Jesus tinha tal expectativa, estava equivocado. Se disse estas palavras com o sentido que interpretamos à primeira vista, anunciou algo que não aconteceu. Mas há uma explicação perfeitamente boa e suficiente que salva esta aparente dificuldade.

Os crentes da Igreja primitiva acreditavam ardentemente na Segunda Vinda de Cristo, e acreditavam que ocorreria muito em breve, sem dúvida antes que terminasse o lapso normal de suas vidas. Não havia nada mais natural que isto, porque viviam em uma época de selvagens perseguições, e desejavam ansiosamente o dia de sua liberação e glória. O resultado era que se aferravam a qualquer dito de Jesus que parecesse profetizar seu retorno glorioso e triunfal; e às vezes, simplesmente, interpretavam alguns ditos de Jesus, fazendo-os dizer muito mais e de maneira muito mais definida que sua intenção original.

Podemos ver este processo em algumas passagens que aparecem no próprio Novo Testamento. Encontramos, por exemplo, três versões de um mesmo dito de Jesus. Vamos vê-las uma junto à outra:

“Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino.” (Mateus 16:28).

“Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.” (Marcos 9:1).

“Verdadeiramente, vos digo: alguns há dos que aqui se encontram que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam o reino de Deus.” (Lucas 9:27).

É evidente que estas são três versões de um mesmo dito. O evangelho de Marcos é o mais antigo, e o mais provável é que sua versão seja a mais fiel ao dito original. Marcos diz que alguns dos que estavam ouvindo a Jesus não morreriam até ter visto o Reino de Deus vindo com poder. Esta afirmação é gloriosamente verídica, porque trinta anos depois da crucificação a mensagem da cruz se expandiu por todo mundo conhecido de então, chegando até Roma, a capital do mundo. Os homens estavam sendo arrastados ao Reino; o Reino se estava manifestando em poder. Lucas transmite a declaração de Jesus aproximadamente do mesmo modo que Marcos.

Vejamos agora a versão de Mateus. Aqui ele nos apresenta de maneira ligeiramente diferente. Diz que alguns não morrerão sem ter visto a vinda em poder do Filho do Homem. Isto, de fato, não ocorreu. A explicação é que Mateus escreveu entre os anos 80 e 90, em dias em que aumentava a perseguição. Os crentes se aferravam a tudo o que pudesse lhes prometer uma pronta liberação de sua agonia; tomaram um dito que anunciava a expansão do Reino e o transformaram em uma profecia da Volta de Cristo antes que eles morreram. Quem poderia culpá-los?

Isso é o que Mateus fez aqui. Partindo da versão que temos em Mateus, procuremos imaginar como o teriam apresentado Marcos ou

Lucas. Provavelmente o original disse: "Vocês não contemplarão sua excursão pelas cidades do Israel sem ter visto como vem o Reino de Deus." E isto era uma verdade bendita, porque quando os apóstolos saíram, os corações se abriam a Jesus Cristo, e o aceitavam universalmente como Senhor e Salvador.

Em uma passagem como esta não devemos pensar que Jesus estava errado; devemos interpretar que Mateus, autor do evangelho, entendeu equivocadamente um dito de Jesus, cujo significado original era o anúncio da vinda do Reino de Deus, como uma profecia da Segunda Vinda de Cristo. E o fez deste modo, porque nos momentos de terror os crentes se aferravam à esperança de Cristo; e Cristo vinha a eles em seu Espírito, pois ninguém jamais sofreu sozinho por sua fé no Salvador.

OS MENSAGEIROS DO REI E OS SOFRIMENTOS DO REI

Mateus 10:24-25

Aqui se trata da advertência de Jesus a seus discípulos de que deviam esperar que lhes acontecesse o mesmo que acontecia a ele. Os judeus conheciam muito bem a frase que dizia: "O escravo deve contentar-se sendo como seu senhor." Em uma época posterior, estas palavras adquiririam para eles um significado especial. No ano 70 a cidade de Jerusalém foi destruída por completo, até o ponto de que sobre suas ruínas foi passado o arado. O templo e a Cidade Santa estavam totalmente em ruínas. Os judeus foram dispersos por todo o mundo, e muitos lamentavam, e choravam, e amaldiçoavam pelo destino que lhes cabia sofrer pessoalmente. Foi então quando os rabinos ensinaram a suas congregações que nenhum judeu tinha direito de lamentar-se por suas desgraças pessoais, quando o Templo de Deus tinha sido destruído.

Nesta declaração de Jesus há duas coisas importantes:

(1) Há uma *advertência*. É a advertência de que, assim como Cristo teve que levar uma cruz, cada cristão individualmente deverá carregar com sua própria cruz. A palavra traduzida *os de sua casa é oikiakoi*, que

possui em grego um significado técnico que vale a pena recordar. Significa *os membros da servidão de um funcionário do governo*; quer dizer, seu séquito ou o pessoal que colaborava com ele. É como se Jesus dissesse: "Se eu, que sou o dirigente, o líder, devo sofrer, vocês, que são membros de meu séquito, não poderão escapar às perseguições."

Jesus nos chama a compartilhar sua glória, mas também sua luta e sua agonia; e ninguém merece usufruir dos frutos da vitória se negar-se a participar da luta que produzirá tais frutos.

(2) Jesus estabelece um *privilégio*. Sofrer por Cristo significa participar da obra de Cristo; ter que sacrificar-se pela fé é participar do sacrifício de Cristo. Quando se torna difícil ser cristão não só podemos dizer: "Irmãos, estamos transitando pelo mesmo caminho dos santos", mas também: "Irmãos, estamos caminhando nas pegadas de Jesus Cristo." Sempre é emocionante pertencer a uma nobre companhia.

Eric Linklater, em sua autobiografia, conta suas experiências durante a desastrosa retirada de março, na Primeira Guerra Mundial. Pertencia ao regimento do Guarda Negro, e tinham saído do combate com um só oficial sobrevivente, trinta soldados e um gaiteiro. Isso era tudo o que restava do regimento.

"No dia seguinte, enquanto partíamos pacificamente sob o glorioso sol da campina francesa, encontramos-nos com os fragmentos dispersos de um batalhão dos Guardas de Infantaria. Nosso gaiteiro soprou em sua gaita de fole e saudou nossos camaradas como se os saudasse com tal energia que o ar pareceu encher-se com o som de toda uma banda de divisão. Eles, que ainda conservavam um ou dois dos tambores, e alguns instrumentos de vento, responderam a saudação garbosamente. Assim cruzamos, rígidos, com os peitos inchados, as cabeças voltadas para a direita, partindo como em um desfile. O pompom vermelho de nossas boinas era como a demonstração de uma fé possivelmente ferida, mas jamais morta. Nós estávamos barbudos e nossos uniformes estavam manchados de barro. Os Guardas, por sua vez, tinham lustrado os botões de suas jaquetas, e estavam recém barbeados. Nós fomos os moços sujos das minas de carvão de Escócia e das ruas escuras dos subúrbios industriais do norte, mas ao

partir o mais marcialmente possível, ao som de uma melodia tradicional escocesa, repentinamente me vi chorando com o deleite dos tolos e com a simples alegria de estar em semelhante companhia."

Uma das experiências mais extraordinárias da vida é ter a sensação de formar parte de uma companhia e fraternidade de homens dignos e honoráveis. Quando a fé cristã nos custa algo, estamos um pouco mais perto de Jesus Cristo do que estávamos antes e se conhecemos a comunhão de seus sofrimentos, também conheceremos o poder de sua ressurreição.

A LIBERDADE DO TEMOR DOS MENSAGEIROS DO REI

Mateus 10:26-31

Nesta passagem Jesus recomenda a seus discípulos três vezes que não tenham medo. No mensageiro do Rei deve manifestar-se certa intrepidez cheia de coragem que o distingue dos outros homens.

(1) A primeira ordem está nos versículos 26-27 e se refere a uma dupla liberdade do temor.

(a) Não devem temer que haja coisas tampadas que não vão ser destampadas, ou coisas ocultas que não se venham a manifestar. O significado destas palavras é que a verdade *finalmente há de triunfar*. "Grande é a verdade", dizia um provérbio latino, "e a verdade triunfará".

Quando o rei Jaime VI ameaçou mandar pendurar Andrew Melville ou enviá-lo ao exílio, este lhe replicou: "Não podes pendurar nem exilar a verdade." Mesmo que o cristão deva sofrer privações e necessidades por sua fé, até no momento do martírio, deve lembrar que chegará o dia quando todas as coisas serão vistas tal como são, e então se poderá avaliar com seu justo valor tanto o poder do perseguidor como o testemunho do cristão, e a cada um corresponderá seu respectivo pagamento.

(b) Não devem ter temor de apresentar com ousadia a mensagem que receberam. Devemos comunicar a todos os homens o que Jesus lhes comunicou.

Aqui, neste versículo (v. 27) temos um resumo perfeito da função do pregador. Em primeiro lugar, o pregador deve ouvir; deve acompanhar a Cristo no segredo de sua presença oculta, para que nas horas mais escuras Cristo lhe faça chegar sua palavra de consolo, e na solidão lhe sussurre ao ouvido palavras de estímulo. Ninguém pode falar no nome de Cristo a menos que Cristo tenha falado a ele; ninguém pode proclamar a verdade a menos que tenha ouvido falar a verdade; porque ninguém pode falar do que não conhece.

Nos grandes dias quando estava a ponto de produzir-se Reforma, Colet convidou a Erasmo para que visitasse Oxford e pronunciasse uma série de conferências sobre Moisés e Isaías; mas Erasmo sabia que não estava em condições. E respondeu por escrito:

"Eu, que aprendi a viver comigo mesmo, e sei até que ponto é pobre minha equipe, não posso pretender ter à minha disposição nem a sabedoria que esta tarefa requer, nem acredito ter a fortaleza mental para suportar o ciúme de tantos homens, que estarão dispostos a sustentar seus pontos de vista com insistência. A campanha não exige um principiante e sim um general experiente. Não me acusará você de falta de modéstia ao me negar a aceitar uma posição que seria muito imodesto de minha parte assumir. Não está você atuando com prudência, Colet, ao querer espremer água de uma pedra-pome, como disse Plauto. Com que cara poderia ensinar eu coisas que jamais aprendi? Como faria para esquentar o frio de outros, quando eu mesmo estou tremendo?"

Aquele que tem a responsabilidade de pregar e ensinar deve começar ouvindo, no segredo da comunhão, para aprender.

Em segundo lugar, o pregador deve dizer o que recebeu de Cristo, e deve dizê-lo embora desse modo a única coisa que consiga seja o ódio dos homens, embora ao dizê-lo arrisque sua vida. Os homens se desagradam de ouvir a verdade, como disse Diógenes, porque a verdade para os homens é como a luz para os olhos fatigados.

Em certa oportunidade Latimer pregava estando presente o rei Henrique. Sabia que ia dizer coisas que não agradariam ao rei. Então,

antes de entrar nessa parte de seu sermão, deteve-se e disse em voz alta como falando consigo mesmo: "Latimer, Latimer, tome cuidado com o que vais dizer, porque o rei está presente!" E depois de um instante acrescentou: "Latimer, Latimer, tome cuidado com o que vais dizer, porque o Rei dos reis está presente!"

O homem que tem uma mensagem fala com outros homens, mas o faz na presença de Deus. Quando enterraram John Knox, foi dito com respeito a ele: "Aqui jaz um homem que temeu tanto a Deus que jamais temeu os homens." A testemunha cristã é um homem que não conhece temor algum, porque sabe que os julgamentos da eternidade corrigirão os julgamentos do tempo. O pregador e mestre cristão, é alguém que ouve com reverência e fala com intrepidez, porque sabe que, seja ouvindo ou falando, sempre está na presença de Deus.

A LIBERDADE DO TEMOR DOS MENSAGEIROS DO REI - A CORAGEM DOS QUE TÊM RAZÃO

Mateus 10:26-31 (continuação)

(2) O segundo mandamento está no versículo 28. Para dizê-lo de maneira muito simples, Jesus quer que seus discípulos entendam que seja qual for o castigo que os homens possam administrar, não é nada em comparação com a sorte final de quem é achado culpado de infidelidade e desobediência a Deus. É verdade que os homens podem até tirar a vida física de outro homem, mas Deus pode condenar o homem à morte de sua alma. Há três coisas que devem notar-se nesta passagem:

(a) Há uma forma de acreditar na imortalidade que se denomina tecnicamente *imortalidade condicional*. Segundo este ponto de vista a alma dos justos ascende e sobe até identificar-se com a imortalidade, a bem-aventurança e a eterna alegria de Deus, e que o castigo do pecador contumaz que não corrige seus caminhos apesar de todas as reclamações que recebe de Deus, é que sua alma, depois da morte, desce mais e mais até ser finalmente obliterada, extinguindo-se e cessando de existir. Não

se pode construir uma doutrina sobre a base de um único texto, mas os que sustenta esta interpretação afirmam algo muito similar ao que Jesus está dizendo aqui. Os judeus sabiam muito bem até que ponto pode ser terrível o castigo de Deus.

Porque você tem poder sobre a vida e a morte,
E conduz até as portas do Hades, e desde elas
pode levar de novo até o céu.

Mas mesmo que um homem em sua maldade pode até matar,
Não pode trazer de volta o espírito que se foi,
Nem pode liberar o alma que o Hades recebeu.

(Salmos de Salomão 16:13-14)

Durante as épocas das matanças, na rebelião dos Macabeus, os sete irmãos martirizados se estimulavam entre si, dizendo: "Não temamos ao que pensa que pode matar; porque enormes são as torturas e o sofrimento da alma que esperam na eternidade ao que transgride as ordenanças de Deus" (4 Macabeus 13:14-15). Convém-nos sempre recordar que os castigos que pode administrar o ser humano não são nada, comparados com os castigos da eternidade, ou com os prêmios que Deus pode dar.

(b) A segunda coisa que esta passagem nos ensina, é que há lugar na vida cristã para o que se poderia denominar um santo temor. Os judeus conheciam muito bem este "temor de Deus".

Uma das histórias rabínicas conta de uma época quando o Rabino Jocanan estava doente.

"Seus discípulos foram visitá-lo. Ao vê-los, Jocanan começou a chorar. Seus discípulos lhe disseram: 'Ó lâmpada de Israel, pilar da mão direita, poderoso martelo, por que choras?' E ele lhes respondeu: 'Se fosse levado à presença de um rei terrestre, que hoje está aqui e amanhã na tumba, e que se ficasse zangado comigo, sua ira jamais poderia ser eterna, que se me pusesse no cárcere, minha prisão jamais seria eterna, e que se me matasse, sua morte para mim não seria para sempre, e a quem poderia aplacar com palavras ou subornar com dinheiro – até então choraria. Mas agora, quando estou a ponto de ser conduzido à presença do Rei dos reis, o Santo Bendito, louvado seja o seu nome, que vive e permanece por toda a eternidade, que

se estivesse zangado comigo sua ira eu jamais conseguiria aplacar, que se me pusesse na prisão, eu jamais voltaria a ser livre, que me condenasse a morte, minha morte seria eterna, e a quem não posso aplacar com palavras nem subornar com dinheiro... mais ainda, agora que frente a mim são apresentados dois lugares, um o Jardim do Éden e o outro o Geena, e não sei qual me corresponde pela eternidade, como não deveria chorar?' ”

Não é que os pensadores judeus se esqueceram de que há amor, e que o amor é a maior de todas as coisas. "A recompensa de quem age por amor", costumava dizer-se "é dupla ou quádrupla. Age por amor, porque não há amor onde há temor, nem há temor onde há amor, exceto com respeito a Deus." Os judeus estavam seguros de que na relação com Deus sempre estão presentes, unidos, o amor e o temor. "Ama e teme a Deus; a Lei diz ambas as coisas; age a partir tanto do amor como do temor; a partir do amor, porque se odiasse, ninguém que ame é capaz de odiar; e com temor, porque se te rebelasses, ninguém temente se rebela." Mas o judeu nunca esquecia a absoluta santidade divina – e tampouco nós devemos esquecê-la.

Para o cristão a santidade divina é ainda mais digna de santo temor, porque não tememos o castigo divino, e sim ofender seu amor. O judeu não corria o perigo de cair em sentimentalismos do amor de Deus, nem Jesus corria esse perigo. Deus é amor, mas também é santidade, porque Deus é Deus; e em nossos corações e em nossos pensamentos deve haver lugar tanto para o amor que é resposta ao amor de Deus, como para o respeito e o temor que são respostas ante a santidade divina.

(c) Além disso, nesta passagem somos lembrados de que há coisas piores que a morte; e a deslealdade é pior que a morte. Se um cristão incorrer em deslealdade; se compra sua tranqüilidade às custas da honra, a vida deixa de ser tolerável. Não pode encarar os homens nem pode enfrentar-se a si mesmo, e finalmente, não pode enfrentar a Deus. Há momentos em que o conforto, a segurança, o lazer, e até a própria vida podem custar muito caro.

**A LIBERDADE DO TEMOR DOS MENSAGEIROS
DO REI – DEUS CUIDA DE NÓS**

Mateus 10:26-31 (continuação)

(3) A terceira ordem de não temer está no versículo 31; e se baseia na certeza do minucioso cuidado que Deus tem de cada um de nós. Se Deus cuida dos pardais, não podemos duvidar de que também cuidará de nós.

Mateus diz que dois pardais se vendem por uma poucas moedas e que, entretanto, nenhum morre sem que Deus saiba. Lucas nos transmite este mesmo dito de Jesus em uma versão ligeiramente diferente: "Não se vendem cinco passarinhos por dois quartos? Contudo, nenhum deles está esquecido diante de Deus" (Lucas 12:6).

A idéia é que embora se vendiam dois pardais por um quarto, segundo Mateus, se o comprador estava disposto a pagar dois quartos, em vez de quatro pardais podia adquirir cinco. O quinto pardal era um acréscimo que, como fazia parte do acordo, não possuía valor algum. Deus cuida até do passarinho que se recebe grátis, que, segundo as contas que os homens fazem, não tem valor algum. Até o passarinho que se dá de presente ao comprador tem valor para Deus.

A imagem é ainda mais vívida se lançamos mão do original grego. Porque em grego a palavra que nossas versões traduzem *cair em terra* (o qual nos faz pensar na morte do pardal) provavelmente represente um termo aramaico que significa "pousar" sobre a terra. Não se diz, então, que Deus tem em conta o pardal quando morre, e sim mesmo cada vez que a ave pousa suas patas sobre a terra. A argumentação de Jesus é que se Deus tem tal cuidado com os pardais quanto mais cuidado terá de nós.

Uma vez mais podemos dizer que os judeus sabiam perfeitamente bem sobre o que estava falando Jesus. Nenhuma nação teve jamais uma noção tal do minucioso cuidado de Deus por suas criaturas.

O rabino Chanina disse: "Ninguém machuca um dedo nesta terra, se assim não está disposto por Deus para ele." Havia um dito rabínico

segundo o qual, "Deus está sentado no alto e alimenta o mundo, desde os chifres do búfalo até a semente do camundongo."

Hillel interpretava de maneira realmente maravilhosa o Salmo 136. Este salmo começa falando de maneira poética sobre o Deus que é Senhor da criação, o Deus que criou os céus e a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas (versículos 1-9); depois, segue fazendo referência ao Deus que é Deus da História, que resgatou a Israel do Egito e lutou por Israel as batalhas contra seus inimigos (versículos 11-24); por último, conclui referindo-se ao Deus que "alimenta toda carne" (versículo 25). O Deus que criou o universo, o Deus que controla a História, é o Deus que dá alimento aos homens. A recepção cotidiana dos mantimentos com que nos nutrimos é um ato divino, tal como o são a criação ou a liberação do Egito. O amor de Deus para com os homens fica manifesto não somente na criação e nos grandes acontecimentos da história, mas também na alimentação dia a dia de cada ser humano.

A coragem do mensageiro do Rei se baseia na convicção de que, seja o que for que lhe aconteça, jamais estará mais à frente do amor e o cuidado divinos. Sabe que seus dias estão pela eternidade nas mãos de Deus; que Deus não o abandonará nem se esquecerá dele; que está para sempre rodeado pelo amoroso cuidado divino. E sendo assim, a que ou a quem haveremos de temer?

A LEALDADE DOS MENSAGEIROS DO REI E SUA RECOMPENSA

Mateus 10:32-33

Aqui se estabelece qual tem que ser a dupla lealdade da vida cristã. Se alguém é leal a Jesus Cristo nesta vida, Jesus Cristo lhe será leal na vida vindoura. Se alguém reconhece com orgulho que Jesus Cristo é seu Senhor, Jesus Cristo se orgulhará de reconhecê-lo como seu servo. É um fato histórico que se na Igreja primitiva não tivesse havido homens e mulheres que enfrentaram o sofrimento e a agonia e a morte sem negar a Jesus Cristo, hoje não haveria Igreja cristã.

A Igreja de nossos dias está fundada na lealdade inquebrantável de quem se aferrou a sua lealdade e sua fé. Plínio, o governador da Bitínia, escreveu uma carta a Trajano, imperador de Roma, sobre como tratava os cristãos em sua província. Informantes anônimos denunciavam a certas pessoas como cristãos. Plínio diz que dava aos tais a oportunidade de invocar os deuses romanos, oferecer um pingote de incenso como sacrifício ante uma imagem do imperador e, à maneira de prova limite, amaldiçoar o nome de Cristo. E acrescenta: "Conforme se diz, os que verdadeiramente são cristãos jamais podem ser obrigados a realizar nenhum destes atos."

O próprio governador romano reconhece sua impotência frente à inquebrantável lealdade de quem era verdadeiramente cristãos.

Ainda segue sendo possível negar a Jesus Cristo.

(1) Negamo-lo mediante nossas *palavras*. diz-se de J. P. Mahaffy, o famoso erudito e homem de mundo irlandês, do Trinity College, de Dublin, que quando alguém lhe perguntou se era cristão, respondeu: "Sim, mas não em forma ofensiva." O que quis dizer é que embora se considerasse cristão, não estava disposto a permitir que sua religião interferisse com as amizades e a classe de vida que o tornaram famoso.

Às vezes nós também dizemos a quem pergunta que sim, somos membros da Igreja, mas isso em realidade não é importante, que não temos a intenção de ser diferentes dos outros; que estamos dispostos a participar da medida que nos corresponde nos prazeres do mundo; e que não esperamos que nossos amigos respeitem os vagos princípios espirituais e religiosos que possamos ter. O verdadeiro cristão não pode escapar jamais ao dever de ser diferente com relação ao mundo. Não é nossa obrigação nos adaptar ao mundo; nosso dever é ser transformados e feitos diferentes com respeito ao mundo.

(2) Podemos negar a Cristo mediante nosso *silêncio*. Um novelista francês muito famoso relata a história de como uma jovem entra, mediante o casamento, em uma família muito antiga e tradicionalista. A família não estava de acordo com o casamento, embora eram muito bem

educados para formular suas objeções e críticas de maneira direta. Mas a jovem esposa confessa, depois de muitos anos, que toda sua vida tinha sido um tortura, "pela ameaça das coisas que jamais se diziam". Na vida cristã, pode existir a ameaça de coisas que jamais se dizem. Uma e outra vez a vida nos dará a oportunidade de dizer algumas palavras em favor de Cristo, de pronunciar nosso protesto contra o mal de adotar alguma posição, de demonstrar de que lado estamos. Vez após vez em tais ocasiões é muito mais fácil guardar silêncio que falar. Mas esse silêncio é em si uma negação de Jesus Cristo. É muito provável que bem mais pessoas neguem a Jesus Cristo com seu silêncio covarde, que expressando-se deliberadamente contra Ele.

(3) Podemos negar a Cristo mediante nossas *ações*. Podemos viver de tal modo que nossas ações sejam uma contínua negação da fé que professamos com nossas palavras. Aquele que se consagrou a um evangelho de pureza, pode ser culpado de inumeráveis faltas aparentemente pequenas, de brechas em uma conduta que deveria ser estritamente honrada. Aquele que aceitou seguir a um Senhor que o convida a tomar sua cruz, pode, entretanto, viver uma vida dominada pela atenção ao seu próprio luxo e satisfação. Aquele que entrou ao serviço de um Mestre que viveu perdoando e recomendou a seus discípulos perdoar até a seus inimigos, e amá-los deste modo, pode, entretanto, viver uma vida cheia de amargos ressentimentos e de hostilidade contra seus próximos. Aquele que se comprometeu a viver tendo como meta a um Cristo que amou, até morrer por esse amor, a todos os homens, pode, entretanto, viver uma vida na qual o serviço, a caridade e a generosidade cristãs estejam claramente ausentes.

Para a conferência de Lambeth (onde se reúnem periodicamente todos os dirigentes da Igreja Anglicana) de 1948 se escreveu uma oração especial que dizia:

Deus Todo-poderoso, dá-nos tua graça para que não sejamos apenas ouvintes mas também praticantes de tua Santa Palavra, para que não apenas admiremos mas também obedeçamos tua doutrina, para que não

apenas professemos mas também pratiquemos tua religião, e para que não apenas amemos mas também vivamos teu evangelho. Concede-nos, pois, que recebamos em nossos corações tudo o que possamos aprender de tua glória e o ponhamos de manifesto em nossas ações. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Esta é uma oração que, em suas palavras ou em seu espírito, todos nós deveríamos lembrar e usar constantemente.

A LUTA DOS MENSAGEIROS DO REI

Mateus 10:34-39

Em nenhum outro lugar se manifesta como aqui a extraordinária honestidade de Jesus Cristo. Aqui nos fala da exigência da fé cristã da maneira menos equivocada e mais comprometedora possível. Diz aos seus exatamente o que podem esperar se aceitarem a ordem de sair como mensageiros do Rei. Nesta passagem Jesus oferece quatro coisas.

(1) Oferece uma *luta*; luta na qual até os próprios parentes e amigos do cristão serão seus inimigos. Jesus usa uma linguagem que os judeus conheciam perfeitamente bem. Os judeus acreditavam que uma das características do Dia do Senhor, o dia em que Deus irromperia na história, seria a divisão das famílias. Os rabinos diziam: "Quando vier o Filho de Davi, a filha se levantará contra sua mãe, a nora se rebelará contra sua sogra." "O filho desprezará a seu pai, a filha se rebelará contra sua mãe, a nora contra sua sogra e os inimigos de cada homem serão os de sua própria casa." É como se Jesus estivesse dizendo: "O fim que todos vocês esperavam chegou; a intervenção de Deus na história está já dividindo os lares, os grupos, as famílias."

Toda causa de certa magnitude inevitavelmente divide os homens; sempre haverá quem responda ao desafio e quem se negue a fazê-lo. Ao ser confrontados por Jesus inevitavelmente somos também confrontados pela decisão de aceitá-lo ou rejeitá-lo; enquanto o mundo existir está e

estará sempre dividido entre os que aceitaram e os que não aceitaram a Cristo.

A amargura maior desta luta era que os inimigos do homem seriam os de sua própria casa. É possível que um homem ame tanto a sua esposa e a seus filhos, que se negue a aceitar o desafio de uma grande aventura, de uma forma de serviço, de um chamado ao sacrifício, seja porque não quer abandoná-los, seja porque acredita que se aceitar, os que ama se veriam envoltos em riscos e perigos.

T. R. Glover cita uma carta que Oliver Cromwell, um puritano que chegou a governar a Inglaterra, escrevera a Lorde Wharton. A carta está datada de 19 de janeiro de 1649. A idéia de Cromwell era que muito provavelmente Wharton estivesse tão afeiçoado com sua esposa e tão apegado a seu lar que pudesse rechaçar o chamado à aventura e à batalha que lhe dirigia, e que escolhesse ficar em sua casa: "Dê minhas saudações a sua muito apreciada esposa. Gostaria que você não a transformasse em uma tentação maior do que já é. E o mesmo com todas as outras relações humanas. As misericórdias jamais deveriam ser transformadas em tentações; e entretanto com muito freqüência é precisamente isso que fazemos."

Tem sucedido muitas vezes que os homens rejeitem o chamado de Deus a uma vida de serviço, aventura ou luta por permitir que suas amizades ou família os imobilizassem.

Muito poucas vezes nos encontraremos de frente com esta terrível opção; possivelmente a maioria passe toda sua vida sem ter que decidir desta maneira; mas subsiste o fato de que é possível que os seres mais amados se transformem em nossos inimigos, ao nos impedir de fazer o que sabemos que Deus quer de nós e espera que nós façamos.

(2) Jesus nos oferece uma *escolha*. Nela às vezes será necessário escolher entre os laços mais tenros que pode haver sobre a Terra e nossa lealdade a Jesus Cristo.

Bunyan, o autor de *O Peregrino*, conhecia muito bem a severidade desta opção. O que mais lhe preocupava de seu confinamento no cárcere

era o efeito que a separação podia ter em sua esposa e seus filhos. O que lhes aconteceria quando ele não estivesse para ajudá-los e defendê-los? Escreveu no cárcere:

"A separação de minha esposa e meus pobres filhos esteve presente mais de uma vez, comigo, nesta cela, como ganchos de ferro que me arrancassem a carne dos ossos; e não somente porque possivelmente aprecie muito estas misericórdias de Deus, mas sim porque pensava que tivesse tido que refletir, antes, nas muitas dificuldades, misérias e carências que minha família teria que suportar no caso que eu lhes faltasse, especialmente meu pobre filho cego, que está mais perto de meu coração que todo o resto. Quando pensava na miséria de meu pobre ceguinho, meu coração parecia que ia romper-se em pedaços. Entretanto, recuperando o controle de meus pensamentos, penso que não poderia ter agido de outro modo, e que se hoje pudesse voltar a decidir, arriscaria tudo de novo, em nome de Deus, embora abandoná-los me desgarrasse. Bem via que nessa situação era eu um homem que estava derrubando sua casa sobre a cabeça de sua esposa e filhos; e no entanto, pensava, isso, precisamente, era o que estou obrigado a fazer."

Repetimos, decisões de tão extrema magnitude nos imporão muito de vez em quando; graças à misericórdia de Deus a maioria de nós jamais será confrontada por elas; mas o fato é que todas as lealdades devem ceder diante da exigência da lealdade a Deus.

O CUSTO DE SER UM MENSAGEIRO DO REI

Mateus 10:34-39 (continuação)

(3) Jesus lhes ofereceu uma *cruz*. Os galileus sabiam muito bem o que era uma cruz. Quando o general romano Varus conseguiu subjugar a revolta de Judas da Galiléia, crucificou a dois mil judeus, colocando as cruzes ao longo de todo os caminhos da Galiléia. Na antiguidade os criminosos eram obrigados a levar a sua cruz até o lugar da execução. Os homens a quem Jesus se dirigia tinham visto mais de uma vez a seus compatriotas vergando sob o peso de suas cruzes, e morrendo na mais terrível agonia sobre elas.

Os grandes crentes, cujos nomes estão inscritos na lista de honra da fé, sabiam perfeitamente bem o que estavam fazendo.

Depois de seu julgamento no castelo do Scarborough, George Fox escreveu: "E os magistrados me ameaçavam, dizendo que me pendurariam dos muros do castelo... falavam todo o tempo de me pendurar. Mas eu lhes disse que se isso era o que desejavam, e se lhes fosse permitido fazê-lo, eu estava disposto."

Quando Bunyan foi levado perante o magistrado, disse: "Senhor, a lei de Cristo oferece duas formas de obediência; a primeira é fazer o que em minha consciência acredito que é minha obrigação, e esta é a forma ativa da obediência; a segunda, quando a obediência ativa não é possível, é estar disposto a sofrer tudo o que queiram me fazer."

O cristão pode ser chamado a sacrificar suas ambições pessoais, o conforto e o lazer de que poderia ter desfrutado, a carreira que poderia levá-lo a triunfo pessoal; pode ter que deixar de lado seus sonhos, compreender que coisas brilhantes das que percebeu um brilho não são para ele. Certamente deverá sacrificar sua vontade, porque nenhum cristão pode jamais voltar a fazer o que gostaria muito; deve fazer o que Cristo quer que faça. No cristianismo sempre há alguma cruz, porque o cristianismo é a religião da cruz.

(4) Jesus lhes ofereceu uma *aventura*. Disse-lhes que o homem que encontrava sua vida, em realidade a perdia; e que o homem que perdia sua vida, a achava. Uma e outra vez esta afirmação aparentemente contraditória foi demonstrada nos fatos como verdadeira até em um sentido literal. Sempre foi certo que mais de um cristão poderia ter salvo sua vida; mas ao fazê-lo, a teria tivesse em realidade perdido, porque ninguém jamais teria ouvido falar dele, e o que ele fez na história jamais teria sido feito, e teria perdido o lugar que ocupa na galeria dos homens que deram forma ao presente em que vivemos.

Epicteto diz de Sócrates: "Ao morrer salvou sua vida, porque não fugiu." Sócrates poderia ter salvo sua vida com facilidade, mas se o

fizesse, o verdadeiro Sócrates teria morrido, e ninguém jamais teria ouvido falar dele.

Quando Bunyan foi acusado de recusar-se a assistir os serviços religiosos oficiais e celebrar reuniões espirituais proibidas em sua casa, pensou seriamente se seu dever era procurar a segurança na fuga ou sustentar a posição que acreditava correta. E como todo mundo sabe, escolheu defender suas convicções.

T. R. Glover conclui seu ensaio sobre Bunyan dizendo:

"Suponhamos que se conseguisse convencê-lo de seu erro, e que tivesse aceito participar do culto divino oficial, abandonando suas reuniões ilegais que subvertiam a paz do reino e serviam como oportunidade de manifestar sua rebeldia a muitos súditos da coroa, contra os leis do rei... A cidade de Bedford teria tido um funileiro a mais (porque esse era seu ofício), possivelmente não dos melhores, pois nada indica que os renegados sejam bons funileiros – e Inglaterra teria perdido uma de suas glórias nacionais."

Na vida cristã não há lugar para a política da segurança a qualquer custo. O homem que busca o conforto, a tranqüilidade e o cumprimento de suas ambições pessoais possivelmente as obtenha – mas não será feliz, porque sua razão de ser no mundo era servir a Deus e a seu próximo. A pessoa pode entesourar a vida, se deseja fazê-lo. Mas deste modo a única coisa que conseguirá é perder todas as coisas que fazem da vida um bem valioso, tanto para outros como para ele mesmo. O caminho do serviço a outros, o caminho do serviço a Deus, o caminho da verdadeira felicidade é empregar nossa vida até o final no serviço e o testemunho, porque somente deste modo encontraremos a verdadeira vida, aqui e no além.

A RECOMPENSA DOS QUE RECEBEM O MENSAGEIRO DO REI

Mateus 10:40-42

Quando Jesus disse isto, estava fazendo uso de um modo de expressar-se muito comum entre os judeus. Os judeus acreditavam que

receber o enviado ou mensageiro de uma pessoa era como receber a essa mesma pessoa. Render honras a um embaixador era o mesmo que render honras ao rei que o tinha enviado. Receber com amor o mensageiro de um amigo, era como receber o amigo em pessoa. Assumia-se esta atitude especialmente com respeito aos sábios e os homens que tinham sido instrutores na verdade de Deus. Os rabinos diziam: "Quem oferece sua hospitalidade ao sábio é como se levasse a Deus a oferenda de seus primeiros frutos." "Quem recebe o estudioso é como se recebesse a Deus." Se um homem de Deus é verdadeiramente um homem de Deus, recebê-lo é como receber ao Deus que o enviou.

Nesta passagem podemos nos dar conta de quais são os elos da cadeia da salvação. É uma cadeia que tem quatro elos.

(1) Em primeiro lugar vem Deus, que por Seu amor inicia todo o processo da salvação.

(2) Em segundo lugar vem Jesus, que trouxe a mensagem aos homens.

(3) Em terceiro lugar vem o mensageiro humano, o profeta de Deus. O crente sincero que é um bom exemplo para outros, o discípulo que aprende os ensinamentos do Mestre, e então ele transmite a outros as boas novas que ele mesmo recebeu.

(4) Em quarto lugar vem o crente que recebe os homens de Deus e sua mensagem, que é a mensagem de Deus, e assim, fazendo isso encontra a vida para sua alma.

Nesta passagem há algo muito precioso para todas as almas simples e humildes.

(1) Nem todos podemos ser profetas, ou proclamar e pregar a Palavra de Deus. Mas o que oferece ao mensageiro de Deus o simples dom da hospitalidade receberá a mesma recompensa que o profeta mais exaltado. Há muitos homens que chegaram a ser figuras reconhecidas na história; há muitos homens cujas vozes conseguiram incendiar de entusiasmo e amor os corações de seus ouvintes; há muitos homens que tiveram que suportar tremendas cargas de responsabilidade em seu

serviço ao próximo, à nação e ao mundo, todos os quais teriam dado alegremente testemunho de que não teriam suportado as exigências de seu ofício sem o apoio do amor, do cuidado e da simpatia e do serviço de alguém no lar, que nunca figurou em público. Quando se medir a verdadeira grandeza de cada ser humano, segundo as pautas com que julga Deus, descobrir-se-á que todos os homens que comoveram o mundo por sua grandeza dependiam de outros que, desconhecidos para o mundo, fizeram possível sua obra. O profeta também necessita que se prepare para ele o café da manhã, e que se cuide de sua roupa; até ele necessita de um lar.

Que todos os que têm a ingrata tarefa de cuidar da casa, preparar as refeições, lavar a roupa, fazer as compras, cuidar dos meninos, não mais pensem que suas tarefas carecem de importância e de mérito; provavelmente seja, aos olhos de Deus, o serviço mais importante de todos. Quando chegar o momento de receber a recompensa, a sua não será menor do que do profeta, e certamente será maior que a daqueles que não souberam cuidar de um lar por ocupar-se muito em comissões e tarefas várias na igreja.

(2) Nem todos podemos ser exemplos brilhantes de bondade e santidade. Nem todos podemos ser aclamados pelo mundo como homens justos. Mas aquele que ajuda o santo a ser santo recebe a recompensa do santo.

H. L. Gee escreveu uma bela história. Havia um moço de um povo de campanha que depois de muitas lutas conseguiu chegar a ser pastor da igreja. Um amigo dele, que era sapateiro em seu próprio povo, tinha-o ajudado para que pudesse seguir seus estudos. No dia que o jovem pregador foi ordenado, o sapateiro, que como muitos dos membros de seu ofício era um homem capaz de profundas reflexões, disse-lhe:

"Sempre foi meu desejo ser um ministro do evangelho, mas as circunstâncias de minha vida o fizeram impossível. Mas você obteve o que para mim foi um caminho fechado. E quero que me prometa uma coisa: Quero que sempre me permita remendar de graça os seus sapatos. Quando você subir ao púlpito levará postos os sapatos que eu remendei, e então eu

sentirei que você está pregando o evangelho que eu sempre quis pregar... em meus sapatos."

E sem lugar a dúvidas o sapateiro estava servindo a Deus tanto quanto o pregador, e a recompensa dos dois seria, algum dia, a mesma.

(3) Nem todos nós podemos ensinar aos meninos; mas em um sentido muito real todos podemos fazer algo para ajudar no crescimento dos meninos. Possivelmente não tenhamos os conhecimentos ou o domínio das técnicas do ensino que requer a profissão docente, mas há outras tarefas, possivelmente mais humildes, que são necessárias para que os meninos vivam e cresçam felizes e sãos.

É possível que nesta passagem Jesus não fale tanto de meninos pequenos no sentido cronológico, como de meninos na fé. Os rabinos costumavam chamar "filhos" e "pequenos" a seus discípulos. É possível que não sejamos capazes de "ensinar" no sentido técnico da palavra mas há um ensino que se transmite pelo exemplo, que até a pessoa mais humilde e singela pode oferecer a todos os que estão a seu redor.

A grande beleza desta passagem é o acento que põe nas coisas mais simples e humildes. A Igreja e Jesus Cristo sempre necessitarão seus grandes oradores, seus brilhantes exemplos de santidade, seus grandes mestres e teólogos, aqueles cujos nomes serão conhecidos em sua época, e muito tempo depois, por todo mundo. Mas a Igreja e Cristo, necessitarão também sempre a aqueles em cujos lares há hospitalidade, em cujas mãos está a virtude do serviço humilde que mantém em funcionamento o lar, e em cujos corações há essa preocupação pelo bem-estar dos outros, cujo verdadeiro nome é "caridade cristã". Podemos estar seguros de que todo serviço é de idêntico valor aos olhos de Deus.

Mateus 11

[Os seis acentos da voz de Jesus](#)

[O acento de confiança - Mat. 11:1-6](#)

[O acento de admiração - Mat. 11:7-11](#)

A violência e o reino - Mat. 11:12-15

O acento de triste repreensão - Mat. 11:16-19

O acento de desesperada condenação - Mat. 11:20-24

O acento de autoridade - Mat. 11:25-27

O acento de compaixão - Mat. 11:28-40

OS SEIS ACENTOS DA VOZ DE JESUS

Mateus 11 é um capítulo em que Jesus fala todo o tempo; vendo-o falar com diferentes pessoas sobre temas diferentes, damos-nos conta de como o acento de sua voz vai mudando. Será extremamente interessante repassar um por um os seis acentos da voz de Jesus.

O ACENTO DE CONFIANÇA

Mateus 11:1-6

A carreira de João tinha concluído desastrosamente. Não era seu hábito suavizar a verdade, fosse quem fosse seu interlocutor; e não podia ver o mal sem condená-la. João tinha falado de maneira muito direta e muito valente para sua segurança pessoal. Herodes Antipas, da Galiléia, tinha visitado seu irmão em Roma. Durante essa visita tinha seduzido a esposa de seu irmão. De volta à Palestina, divorciou-se de sua esposa e se casou com sua cunhada, a quem tinha levado a abandonar seu marido. De maneira pública e bem firme João condenou Herodes. Nunca foi prudente condenar as atitudes de um déspota oriental; Herodes se vingou; João foi lançado às masmorras da fortaleza Macaero, na região montanhosa que rodeia o Mar Morto.

Este teria sido um destino atroz para qualquer homem. Mas, tratando-se de João Batista, a coisa era muito pior. Ele era um filho do deserto. Durante toda sua vida tinha vivido nos espaços abertos, a céu descoberto, com o vento fresco batendo em seu rosto e a abóbada azul do céu como único teto sobre sua cabeça. Agora, estava confinado em um calabouço subterrâneo de reduzidas dimensões. Para um homem como

João, que provavelmente nunca viveu em uma casa, a prisão deve ter sido uma tortura. No castelo de Carsilile há uma cela muito pequena. Nessa cela há uma abertura, muito alta para que qualquer homem possa ver através dela mesmo estando de pé. Faz muito tempo, um chefe de montanhese foi posto prisioneiro nessa cela, durante vários anos. Sobre o marco da janela, na pedra, ainda podem ver-se duas depressões, feitas pelo roçar e o desgaste. São os dois lugares onde o chefe montanhês se agarrava, com suas duas mãos, para levantar seu corpo e poder ver os prados que rodeiam o castelo, pelos que ele já não poderia cavalgar jamais. João deve ter-se sentido tão encerrado como aquele homem. E não pode nos maravilhar, nem temos o direito de julgá-lo criticável, que em sua mente tenham começado a surgirem perguntas. Tinha estado perfeitamente seguro de que Jesus era o que havia de vir. Este era um dos títulos mais comuns do Messias que os judeus esperavam com grande expectativa (Marcos 11:9; Lucas 13:35, 19:38; Hebreus 10:37; Salmo 118:26). Aquele que está condenado à morte não se pode dar ao luxo de ter dúvidas; deve estar seguro. Assim é como João envia os seus discípulos a Jesus para perguntar-lhe: "É você o que havia de vir, ou devemos seguir esperando a outro?" Há muitas coisas importantes que ficam evidentes nesta pergunta.

(1) Alguns pensam que a pergunta não foi feita tanto porque João necessitava uma resposta, mas sim *pensando em seus discípulos*. É possível que enquanto João e seus discípulos conversavam sobre o cárcere, estes lhe perguntassem se Jesus realmente era o que esperavam. E a resposta do João pode ter sido: "Se vocês têm dúvidas, se não estão seguros de quem é Jesus, vão e vejam o que está fazendo, e o que pode fazer; e então não terão mais dúvidas." Se tal foi o caso, a resposta de João foi perfeita. Se alguém discutir conosco sobre a pessoa de Jesus, se puser em tela de juízo sua supremacia, a melhor de todas as respostas não é contrapor nossos raciocínios aos seus, mas dizer-lhe: "Entregue a Ele sua vida, e verá o que Ele pode fazer por você." O supremo

raciocínio a favor de Cristo não é um debate intelectual, antes a experiência de seu poder transformador.

(2) É possível que a pergunta do João tenha sido ditada pela *impaciência*. A mensagem de João tinha sido uma mensagem de catástrofe e destruição (Mateus 3:7-12). O machado estava colocada à raiz da árvore, o fogo divino do juízo purificador tinha começado a acender-se. É possível que João pensasse: "Quando Jesus vai começar a agir? Quando destruirá a seus inimigos? Quando começará a incineração dos maus? Quando começará o dia da santa destruição divina?" É possível que se impacientou com Jesus, que isto não era o que ele esperava. Uma coisa é certa, que o homem que espere de Jesus uma atitude de ira desenfreada, tardará para desiludir-se, mas quem procure o amor jamais verá frustradas suas esperanças.

(3) Alguns pensaram que esta pergunta de João não era a pergunta de alguém que começa a experimentar *fé* e *esperança*. Tinha visto a Jesus no batismo e agora, tinha estado pensando cada vez mais nEle: e enquanto pensava, mais se dava conta de que Jesus era Aquele que havia de vir; e põe à prova toda sua esperança em uma pergunta. Possivelmente não se trate da pergunta de um homem impaciente que se desespera, mas sim da de alguém ante cujos olhos raiou um brilho de esperança, e que pergunta para que lhe seja confirmada sua fé nascente.

Então chega a resposta de Jesus; e nesta resposta escutamos o acento da *confiança*. A resposta de Jesus aos discípulos do João foi: "Voltem e não digam a João o que eu digo; contem o que estou fazendo. Não lhe digam quem pretendo ser, contem o que está acontecendo." Jesus exige que lhe seja aplicada a mais ácida de todas as provas, a dos fatos e dos resultados. Jesus é o único que pode pedir, sem atenuantes nem condições, que O julguem não segundo suas palavras, mas segundo suas ações. O desafio, hoje segue sendo o mesmo. Não diz aos homens: "Ouçam o que tenho a lhes dizer", mas: "Vejam o que posso fazer por vocês; e vejam o que tenho feito por outros."

As coisas que Jesus fazia na Galiléia Ele ainda continua fazendo. NEle os que eram cegos com respeito à verdade sobre si mesmos, sobre seus próximos e sobre Deus, recebem a capacidade de voltar a ver; nEle se robustecem os pés de quem nunca foi o suficientemente forte para seguir transitando pela vereda da justiça; nEle os surdos à voz de sua consciência e à voz de Deus começam a ouvir; nEle os que estavam mortos em seus pecados, e jaziam impotentes frente à tentação, são ressuscitados à novidade de vida, a uma vida maravilhosamente renovada: nEle o homem mais pobre herda e possui as riquezas do amor de Deus.

E finalmente ouvimos a advertência: "Bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço." Isto Jesus disse referindo-se a João, e o disse porque João tinha captado somente a metade da verdade. João pregava o evangelho da santidade divina, que tem como correlativa a divina destruição do mal. Jesus pregava o evangelho da santidade e o amor divinos. Por isso os envia a dizer a João: "Possivelmente não esteja fazendo as coisas que você esperava que fizesse. Mas os poderes do mal estão sendo derrotados. Não são derrotados pelo poder incontrolável, e sim pelo amor que não admite réplica." É possível escandalizar-se com Jesus, porque Jesus não se acomoda às idéias que nós temos do que a religião deve ser. Sempre nos escandalizará se cremos que nosso ponto de vista é a única coisa aceitável.

O ACENTO DE ADMIRAÇÃO

Mateus 11:7-11

Há poucos homens a quem Jesus tenha rendido honra tão grande como a João Batista. Começa perguntando às pessoas que tinham ido ver o deserto, em tão consideráveis multidões, quando foram ver João.

(1) Foram ver uma cana açoitada pelo vento? Isto pode significar duas coisas. (a) Sobre as margens do Jordão cresciam grandes canaviais; a expressão "uma cana açoitada pelo vento" significava, naquela época,

algo assim como a coisa mais comum que se podia ver. Quando as pessoas foram ver a João, foram ver algo comum, tão comum como as canas às margens do Jordão e são agitadas pelo vento? (b) Uma cana agitado pelo vento também pode significar um homem débil que cede ante a menor pressão ou perigo, como os galho que se dobram sob a força do vento. Fosse o que fosse que as multidões iam ver no deserto, indubitavelmente não se tratava de alguém comum. O próprio fato de que fossem, e que o fizessem amplamente, demonstra até que ponto João era um personagem extraordinário, porque ninguém cruzaria sequer a rua, e menos ainda viajaria ao deserto, para ver alguém que não se separasse do comum, alguém com quem podiam encontrar-se sem abandonar sua vida corrente. Tampouco foram ver um homem débil e vacilante. Os tais nunca terminam sendo mártires da verdade. João não era nem tão comum como as canas nem um fantoche invertebrado que como as canas se dobra ante a menor brisa.

(2) Foram ver um homem vestido com roupas luxuosas e elegantes? Tal homem, naquela época, teria sido um cortesão, e João, fosse o que fosse, certamente não era um cortesão. João não conhecia a arte cortesã de adular aos reis; seguia o perigoso caminho de dizer a verdade, até aos reis. Era embaixador de Deus, não cortesão de Herodes.

(3) Saíram para ver um profeta? O profeta é o anunciador da verdade de Deus. O profeta é o homem a quem Deus revela seus segredos. “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas.” (Amós 43:7). O profeta é duas coisas – é o homem que recebeu uma mensagem de Deus, e é o homem que possui a coragem suficiente para comunicá-lo. O profeta é o homem que tem em sua mente a sabedoria de Deus, em seus lábios as palavras de Deus, e em seu coração a coragem que somente Deus pode dar. E tudo isto, certamente, João possuía.

(4) Mas João era muito mais que um profeta. Os judeus tinham, e ainda têm, uma crença fixa. Acreditavam que antes da vinda do Messias. Elias voltaria à Terra para anunciar seu advento. Até hoje, quando os

judeus celebram a festa da Páscoa, deixa-se um lugar vazio na mesa para que possa ser ocupado por Elias, no caso de vir. “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR” (Malaquias 4:5). De modo que Jesus declarou que João era nada menos que o arauto divino, o precursor divino cujo dever e privilégio era anunciar e saudar a vinda do Messias. João não era senão o arauto de Deus, e ninguém pode ter uma tarefa maior.

(5) Este foi o tributo a João, que Jesus pronunciou com um acento de admiração por um homem semelhante. Em toda a história não tinha havido um personagem tão grandioso, entre os "nascidos de mulher". Entretanto agora vem uma oração surpreendente. "O menor no Reino dos Céus é maior do que ele." Temos aqui uma verdade muito geral. Com Jesus veio ao mundo algo totalmente, absolutamente novo. Os profetas eram grandes homens, sua mensagem foi preciosa; mas com Jesus se inaugura uma mensagem ainda mais extraordinária, e chega aos homens uma mensagem ainda mais maravilhosa. C. G. Montefiore, que é judeu e não cristão, escreve: "O cristianismo marca uma nova era na história da religião e na civilização humana. O que o mundo deve a Jesus e a Paulo é imenso; as coisas não podem ser iguais, nem os homens seguir pensando o mesmo depois destes dois grandes homens." Até um não cristão admite espontaneamente que nada poderia ser igual agora, depois que Jesus Cristo viveu na Terra.

Mas o que era que faltava a João? O que tem o cristão que João jamais poderia chegar a ter? A resposta é muito simples e muito fundamental. *João não tinha visto, nem veria, a cruz.* E portanto havia uma coisa que João nunca conheceria – a revelação plena do amor de Deus. Poderia conhecer a santidade de Deus; poderia declarar a justiça de Deus; mas jamais poderia conhecer o amor de Deus em toda a plenitude de sua manifestação. Basta-nos ouvir as mensagens que pregavam, respectivamente, Jesus e João. Ninguém diria que a mensagem de João era um *evangelho*, boas novas. Era fundamentalmente uma ameaça de destruição. Foi necessário Jesus e sua

cruz para mostrar aos homens a longitude, a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus. É assombroso que o mais humilde dos cristãos possa saber mais com respeito ao coração de Deus que os maiores dos profetas do Antigo Testamento. Nós podemos conhecer melhor o coração de Deus que Isaías, Jeremias, ou qualquer dos outros integrantes dessa formidável galeria de santos. O homem que viu a cruz, contemplou o coração de Deus em uma forma que ninguém que viveu antes da cruz jamais pôde vê-lo; somente na cruz de Cristo recebemos a revelação plena do coração de Deus. E isto faz que, certamente, o mais pequeno no Reino de Deus do Céu seja maior que qualquer dos que o antecederam.

João teve que suportar o destino que às vezes cabe a muitos homens: sua tarefa foi assinalar aos homens uma grandeza que ele jamais alcançaria. Alguns homens recebem a missão de ser sinais divinos. Apontam para um novo ideal, ou uma nova grandeza, que eles não chegarão a possuir, embora poderá ser dos que lhes aconteçam. Muito poucas vezes ocorre que os grandes reformadores sejam os primeiros em trabalhar e lutar pela reforma com que seus nomes estão relacionados na história. Antes deles aparecerem no cenário da História houve outros, que vieram antes deles, que viram a glória, que possivelmente sofreram e até morreram por ela.

Alguém contou uma história que presenciava todas as noites da janela de sua casa. Todas as noites, depois de escurecer, via passar o faroleiro, cuja tarefa era acender os faróis que iluminavam as ruas. Mas esse faroleiro era cego. Levava aos outros uma luz que ele jamais poderia ver. Que ninguém perca seu entusiasmo, na Igreja ou em qualquer outro lugar da vida, se o sonho pelo qual lutou não chega a realizar-se antes do fim de seus dias. Deus precisava de João; e segue necessitando sinais que marquem seu caminho na História, mesmo que os homens que cumpram tal propósito nunca cheguem, eles mesmos, à meta. Não é uma função menor na vida assinalar a outros o caminho, mesmo que a própria pessoa não possa chegar a alcançar a meta.

A VIOLÊNCIA E O REINO**Mateus 11:12-15**

No versículo 12 há uma declaração de Jesus que é muito difícil. "O Reino dos Céus é tomado por assalto, e os violentos se apoderam dele mediante a força." Lucas tem esta mesma declaração em outra forma (Lucas 16:16): "Desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele." Evidentemente em algum momento de seu ministério Jesus deve haver dito algo no que as palavras *Reino* e *violência* apareciam relacionadas entre si. E este dito deve ter sido obscuro, muito difícil de interpretar, até o ponto de que ninguém naquele momento, compreendeu muito bem qual era seu significado. É evidente que Mateus e Lucas o entenderam de maneiras distintas.

Lucas diz que todos se esforçam por entrar no Reino; e quer dizer com isto, que o Reino de Deus não é para os satisfeitos, e sim para os desesperados, tal como o assinalou Denney. Ninguém cai no Reino por acaso, o Reino abre suas portas somente aos que estão preparados para fazer um esforço comparável ao que se exerce quando se toma de assalto uma cidade.

Mateus diz que do tempo de João até agora o Reino de Deus sofre violência, e que os violentos o tomam pela força. A própria forma deste dito tem toda a aparência de uma data muito antiga: avança, para trás, a um considerável curso de tempo. Soa muito mais como um comentário de Mateus que como um dito de Jesus. É como se Mateus dissesse: "Desde a época de João, que foi posto na prisão e justicado, até nossos dias, o Reino dos Céus foi objeto de violências e perseguições à mãos de homens violentos."

De fato, para conseguir recuperar o significado original deste dito tão obscuro, o mais conveniente será reunir as duas versões que possuímos, a de Mateus e a de Lucas. É bem possível que Jesus haja dito: "Meu Reino sempre sofrerá violência; sempre haverá homens

selvagens que tratarão de quebrantá-lo, arrebata-lo e destruí-lo, e portanto somente o homem que experimenta uma necessidade violenta e desesperada de Deus, somente aquele em quem a força da devoção contrapese a força das perseguições e as vença, conseguirá entrar no Reino." É possível que este dito de Jesus tenha tido um duplo propósito, simultaneamente, advertir a seus seguidores da violência que deveriam suportar e desafiá-los a cultivar uma piedade corajosa, que fosse muito mais poderosa que essa violência.

É muito curioso encontrar, no versículo 13, a referência à "lei" que, junto com os profetas, "profetizou"; mas na Lei encontramos a afirmação confiável de que a profecia jamais haveria de morrer. "O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás." "Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Deut. 18:15,18). Os judeus ortodoxos odiavam a Jesus porque Ele não obedecia a Lei, tal como eles a interpretavam. Mas, se tivessem tido olhos para ver, se dariam conta de que tanto a Lei como os profetas apontavam a Ele.

Mais uma vez Jesus diz às pessoas que João é o arauto e o precursor que Israel tinha estado esperando durante tanto tempo – *se querem recebê-lo*. Nesta última oração se resume toda a tragédia da situação humana. Há um antigo provérbio segundo o qual se pode levar o cavalo até onde há água; mas não se pode obrigá-lo a beber. Deus pode enviar seu mensageiro, mas os homens podem negar-se a reconhecê-lo. Deus pode revelar sua verdade, mas os homens podem rechaçá-la e negar-se a vê-la. A revelação de Deus é impotente sem a resposta humana. É por isso que Jesus termina recomendando aos que têm ouvidos que os usem para ouvir.

O ACENTO DE TRISTE REPREENSÃO**Mateus 11:16-19**

Jesus se entristecia ao contemplar a perversidade empedernida da natureza humana. Via os homens como meninos que brincam na praça do povo. Um grupo diz ao outro: "Vamos brincar de celebrar um casamento." O outro grupo lhes respondia: "Não, hoje não queremos brincar de estar contentes." Então o primeiro grupo voltava a lhes dizer: "Bem, então brinquemos de celebrar os funerais de alguém." E os outros lhes respondem: "Não, tampouco queremos brincar de estar tristes." Eram o que em muitos lugares se chama "o vento contrário". Não importa o que se sugira a eles, não importa o que se ofereça, eles sempre se manifestarão contra.

João viveu como um ermitão e desprezou o luxo; isolou-se e separou-se da companhia dos homens. Diziam dele: "Este homem está louco, separando-se assim da companhia e os prazeres dos homens." Veio Jesus, que se misturava com todo tipo de pessoas, compartilhava suas tristezas e alegrias, acompanhava-os durante seus momentos mais gratos, e diziam dele: "É um frívolo, só vai às festas, é amigo de estranhos com quem nenhuma pessoa decente se relacionaria." Ao ascetismo de João chamavam loucura; à sociabilidade de Jesus chamavam falta de moralidade. Em uma ou outra forma, sempre tinham algo para criticar.

O fato concreto é que quando a pessoa não quer ouvir a verdade, encontrará com muita facilidade alguma desculpa para não ouvi-la. Nem sequer se preocupam em ser coerentes em suas críticas. Criticam à mesma pessoa e à mesma instituição de pontos de vista e por razões opostos entre si. Se a pessoa está decidida a não dar nenhuma resposta, permanecerá em uma posição teimosamente obstinada qualquer que seja o convite que lhe seja feito. Os homens e mulheres adultos podem ser muito parecidos com os meninos malcriados que se negam a brincar qualquer brincadeira que lhes seja proposta.

Depois vem a frase final de Jesus nesta seção: "Mas a sabedoria é justificada por seus filhos." O veredicto final não está em mãos dos críticos briguentos e perversos, e sim nos fatos. Os judeus podiam criticar a João por seu isolamento total, mas João tinha comovido os corações dos homens e os tinha dirigido a Deus em uma forma em que não os tinha comovido durante séculos. Podiam criticar a Jesus porque se mesclava muito na vida cotidiana de gente comum, mas nEle a pessoa estava encontrando uma vida nova, uma nova bondade e uma nova força para viver como deviam fazê-lo e para aproximar-se de Deus.

Conviria que deixássemos de julgar as pessoas e as Igrejas segundo nossos próprios preconceitos e defeitos. E que começássemos a dar graças por qualquer pessoa e qualquer igreja que possa aproximar as pessoas a Deus, mesmo que seus méritos não nos satisfaçam.

O ACENTO DE DESESPERADA CONDENAÇÃO

Mateus 11:20-24

Quando João chegou ao final de seu evangelho escreveu uma frase na qual indicava quão impossível era escrever um relato completo da vida de Jesus: "Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos."(João 21:25). Esta passagem de João recebe na passagem de Mateus uma das provas de sua veracidade. É provável que Corazim estivesse em um lugar situado a uma hora de viagem para o norte de Cafarnaum. Betsaida era uma aldeia de pescadores sobre a margem oeste do Jordão, onde o rio entrava no extremo norte do lago. É evidente que nestas cidades aconteciam coisas tremendas, mas não temos nenhuma informação a respeito. Os evangelhos não nos dizem nada a respeito das obras de Jesus nem dos milagres que tivesse feito nesses lugares, e entretanto, devem ter sido alguns dos mais importantes. Uma passagem como esta nos mostra quão pouco sabemos a respeito de Jesus. Assinala-nos, e sempre o devemos

ter presente, que nos evangelhos não temos mais que uma seleção das obras de Jesus. As coisas que não sabemos sobre Jesus são muito mais que as que conhecemos.

Devemos prestar atenção para perceber o acento na voz de Jesus quando pronunciou as palavras: "Ai de ti!" A palavra grega que se traduz por *ai!* é *ouai*; e devemos recordar que *ouai* expressa tanto *piedade* triste como irritação. Não se trata da inflexão da voz de alguém que se sente indignado porque tocaram seu amor próprio. Não é a inflexão de alguém que está muito zangado porque o insultaram. Não é a inflexão de alguém que experimenta ódio para com os homens. É a inflexão da dor, a inflexão de alguém que ofereceu aos homens a coisa mais preciosa do mundo e que vê que não lhe dão a menor importância. A voz de alguém que vê o desenvolvimento de uma tragédia e que não tem poder para impedir que os homens vão à ruína. Sempre devemos ter presente que Jesus condena o pecado com ira santa; mas a ira não surge do orgulho ferido, mas sim de um coração destroçado. Qual era então o pecado de Corazim, de Betsaida, de Cafarnaum, o pecado que era pior que o de Sodoma e Gomorra? Deve ter sido grave, pois em muitas oportunidades se denuncia a Tiro e Sidom por sua maldade (Isaías 23; Jeremias 25:22; 47:4; Ezequiel 26:3-7; 28:12-22) e Sodoma e Gomorra eram e são sinônimos de iniquidade.

(1) Tratava-se do pecado da pessoa que esquece as responsabilidades que implica o privilégio. As cidades da Galiléia receberam um privilégio, uma oportunidade que jamais tinham tido Tiro e Sidom, ou Sodoma e Gomorra, porque as cidades da Galiléia tinham visto e ouvido a Cristo em pessoa. Não podemos condenar um homem que tenha feito alguma coisa má por ignorância e porque jamais teve a oportunidade de aprender outra coisa. Mas se alguém que teve todas as oportunidades possíveis para distinguir o bem do mal, faz alguma coisa má, esse homem é condenado. Não condenamos a um menino por coisas que condenaríamos em um adulto. Não condenaríamos a um selvagem por uma conduta e sim o faríamos em um homem civilizado. Não

pretendemos que alguém que se criou em meio das desvantagens de um bairro miserável viva a mesma vida que levaria uma pessoa que foi criada em um lugar adequado e confortável. Julga-se a cada um segundo as coisas que pôde aprender. Devemos recordar que quanto maiores sejam nossos privilégios, maior será nossa condenação se não cumprimos as responsabilidades e se não aceitamos as obrigações que implicam esses privilégios.

(2) Era o pecado da indiferença. Estas cidades não atacavam a Jesus Cristo; não o expulsavam de suas portas, não buscavam crucificá-lo; limitavam-se a não levá-lo a sério. A indiferença pode matar tanto quanto a perseguição. Um autor escreve um livro, o distribui para que se façam comentários, alguns podem elogiá-lo, outros podem condená-lo, isso não importa com tanto que lhe preste atenção; a única coisa que pode aniquilar a um livro é que jamais seja levado em conta, seja para elogiá-lo ou para censurá-lo.

Um artista desenhou um quadro de Cristo de pé em uma das famosas pontes de Londres. Com as mãos estendidas chama a multidão e esta passa sem lhe dirigir o olhar; só uma jovem, uma enfermeira, responde. Esta é a situação atual em muitos países. Não existe hostilidade contra o cristianismo, não há um desejo de destruí-lo, a única coisa que existe é simples indiferença. Cristo é relegado às filas dos que dão importância. Devemos lembrar que a indiferença é um pecado e o pior de todos, porque a indiferença mata. A indiferença não queima a religião, congela-a até que morra. Não a decapita, sufoca-a lentamente até que sua vida se apaga.

(3) E assim nos deparamos com uma grande verdade aterradora: não fazer nada também é um pecado. Há pecados de ação, pecados de comissão; mas também existe um pecado da inacción, de omissão. O pecado de Corazim, de Betsaida e de Cafarnaum era o pecado de não fazer nada. Mais de uma pessoa se defende dizendo: "Mas eu nunca fiz nada." De fato, essa defesa pode ser sua condenação.

O ACENTO DE AUTORIDADE**Mateus 11:25-27**

Aqui Jesus fala por experiência. A experiência que tinha era que os rabinos e os sábios o rechaçavam e a pessoa simples o aceitava. Os intelectuais não se preocupavam com Ele, e os humildes lhe davam as boas-vindas. Devemos prestar atenção para ver com clareza o que Jesus quis dizer com estas palavras. Está muito longe de condenar a capacidade intelectual; o que condena é o *orgulho intelectual*. Como diz Plummer: "O coração, não a cabeça, é a morada do evangelho." Não é a inteligência quem lhe fecha a porta, e sim o orgulho. Não é a insensatez que o admite, e sim a humildade. Jesus não relaciona a ignorância com a fé, relaciona a modéstia com a fé. Um homem pode ser tão sábio como Salomão, mas se carecer da simplicidade, da confiança, da inocência do coração de um menino, ele mesmo fechou a porta.

Os mesmos rabinos viam o perigo deste orgulho intelectual; reconheciam que com muita frequência a pessoa simples estava mais perto de Deus que o mais sábio deles. Tinham uma parábola a respeito. Uma vez o rabino Beroka de Chuza estava no mercado de Lapet, e lhe apareceu Elias. O rabino lhe perguntou: "Há alguém entre as pessoas deste mercado que esteja destinado a compartilhar a vida do mundo por vir?" Primeiro Elias disse não haver nenhum. Logo assinalou a um homem e disse que ele compartilharia a vida do mundo por vir. O rabino Beroka foi ao homem e lhe perguntou o que fazia. "Sou um carcereiro", respondeu, "e mantenho os homens separados das mulheres. De noite ponho minha cama entre os homens e as mulheres para que não se cometa nenhum mal." Elias assinalou a outros dois homens e disse que eles também compartilhariam a vida do mundo futuro. O rabino Beroka lhes perguntou o que faziam. "Somos palhaços", responderam. "Quando vemos que um homem está triste, consolamo-lo. E quando vemos que pessoas brigaram buscamos torná-las amigas." Os homens que faziam as

coisas simples, o carcereiro que cumpria com suas obrigações, os homens que levavam o sorriso e a paz estavam no reino.

Os rabinos tinham outra história: "Uma vez houve uma epidemia no Sul, mas não se manifestou nos arredores da residência de Rab (um rabino famoso). O povo acreditou que se devia aos méritos de Rab, mas em um sonho lhes foi manifesto... que se devia aos méritos de um homem que de bom grado emprestava um picareta e uma pá a qualquer um que quisesse cavar uma tumba. Uma vez houve um incêndio em Drokeret, mas os arredores da casa do rabino Huna ficaram ilesos. O povo pensou que se devia aos méritos do rabino Huna... mas lhes foi manifesto em um sonho que se devia aos méritos de uma mulher que costumava acender seu forno e pô-lo à disposição de seus vizinhos." O homem que emprestava suas ferramentas a quem as necessitava, a mulher que ajudava a seus vizinhos como podia, não tinham conhecimentos intelectuais, mas suas singelas ações de amor humano tinham obtido a aprovação de Deus. As distinções acadêmicas nem sempre são distinções aos olhos de Deus.

Esta passagem conclui com a maior afirmação que Jesus fez, a afirmação que está no coração da fé cristã. Jesus afirma que ele é o único que pode revelar Deus aos homens. Outros homens podem ser filhos de Deus, Ele é O Filho. João o expressou de outra maneira quando nos diz que Jesus afirmou: "Quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9).

O que diz Jesus é o seguinte: "Se querem ver como é Deus, se querem ver a mente de Deus, o coração de Deus, a natureza de Deus, se querem ver a atitude de Deus para com os homens olhem para Mim".

O cristão está convencido de que só em Jesus Cristo vemos como é Deus; e também está convencido de que Cristo pode dar esse conhecimento a qualquer pessoa que é o suficientemente humilde e tem a suficiente confiança para recebê-Lo.

O ACENTO DE COMPAIXÃO**Mateus 11:28-30**

Jesus falava com homens que buscavam desesperadamente encontrar a Deus, e que se empenhavam com todas as suas forças em ser bons, e que achavam a tarefa um tanto impossível e caíam no desespero e o cansaço.

Diz: "Vinde a mim, todos os que estais cansados." Seu convite aos homens vai dirigido àqueles que estão cansados na busca da verdade. Os gregos haviam dito: "É muito difícil encontrar a Deus, e quando alguém o encontra é impossível falar dEle a outros." Zofar perguntou a respeito do Jó: "Descobrirás tu os segredos de Deus?" (Jó 11:7). Jesus afirma que a extenuante busca de Deus termina nEle mesmo.

W. B. Yeats, o grande poeta e místico irlandês, escreveu: "Pode-se chegar a Deus com o esforço? Ele Se dá aos puros de coração. Não exige mais que nossa atenção."

A forma de conhecer Deus não é pela busca intelectual, e sim por prestar atenção a Jesus Cristo. A busca de Deus pode culminar na contemplação de Jesus Cristo, porque nEle vemos como é Deus.

Diz: "Venham a mim todos os que estão afligidos sob suas cargas." Para o judeu ortodoxo a religião era algo que consistia em cargas. Jesus disse a respeito dos escribas e fariseus: "Atam cargas pesadas e difíceis de levar, e as põem sobre os ombros dos homens" (Mateus 23:4). Para o judeu a religião era algo composto por regras e normas intermináveis que devia observar. O homem vivia em um bosque de regras e normas que ditavam cada movimento de sua vida. Devia ouvir eternamente a voz que repetia: "Não farás ..."

Até os rabinos o percebiam. Há uma espécie de parábola sagaz que fica na boca de Korah, e demonstra quão pesadas, estritas e impossíveis podiam ser as exigências da Lei. "Fala uma pobre viúva perto de minha casa que tinha duas filhas e um campo. Quando começou a arar, Moisés (quer dizer, a Lei do Moisés) disse-lhe: "Não lavrarás com junta de boi e

jumento" (Deuteronômio 22:10). Quando começou a semear, disse-lhe: "Não semearás a tua vinha com duas espécies de semente" (Deut. 22:9). Quando começou a colher e a fazer feixes com o trigo, disse-lhe: "Quando, no teu campo, segares a messe e, nele, esqueceres um feixe de espigas, não voltarás a tomá-lo" (Deut. 24:19), nem segará até o último canto (Levítico 19:9). Começou a debulhar e lhe disse: "Dê-me uma 'oferenda elevada' e o primeiro e o segundo dízimos." Aceitou a ordem e os deu. O que fez a pobre mulher? Vendeu o campo e comprou duas ovelhas para vestir-se com sua lã, e obter dinheiro da cria. Quando tiveram cria, Arão (quer dizer, as exigências dos sacerdotes) veio e lhe disse: "Dê-me os primogênitos." Aceitou a decisão e os deu. Quando chegou o momento da tosquia, veio Arão e lhe disse: "Dê-me as primícias da lã de suas ovelhas" (Deuteronômio 18:4). Então a mulher pensou: "Não posso me rebelar contra este homem; matarei as ovelhas e as comerei." Então veio Arão e lhe disse: "Dê-me a espádua, e as queixadas, e o bucho." (Deuteronômio 18:3). Então a mulher disse: "Até depois de tê-las matado não me livro de ti. Consagrarei-as." E Arão disse: "Nesse caso me pertences por completo" (Números 18:14). Tomou os animais e foi embora, deixando a mulher chorando com suas duas filhas. A história é uma parábola sobre as exigências permanentes que a Lei impunha aos homens em cada ação e atividade da vida. Em realidade, as exigências da Lei eram uma carga.

Jesus nos convida a carregar seu jugo sobre nossos ombros. Os judeus empregavam a frase *o jugo* para *entrar em submissão*. Falavam do jugo da Lei, do jugo dos mandamentos, o jugo do Reino, o jugo de Deus. Mas pode dar-se o caso de Jesus ter dado a seu convite um significado muito mais cotidiano: Diz: "Meu jugo é fácil." Em grego a palavra fácil é *chrestos*, que pode significar *adequado*. Na Palestina, os jugos dos bois eram feitos de madeira. Levava-se o boi e se tomavam medidas. Logo se trabalhava o jugo e se voltava a levar o boi para prová-lo. Então se ajustava bem o jugo, para que se adaptasse ao pescoço do paciente animal e não a machucasse. Se fazia o jugo à medida do boi.

Uma lenda conta que Jesus fazia os melhores jugos da Galiléia, e que gente de toda Galiléia ia à sua oficina de carpinteiro para comprar as melhores juntas de bois que se podiam obter de um artesão. Naqueles dias, tal como agora, as lojas tinham pôsteres em cima das portas. Sugeriu-se que o pôster que estava em cima da porta da oficina de carpinteiro do Nazaré poderia ter sido: "Meus jugos se adaptam bem." Pode ser que nesta passagem Jesus empregue uma imagem da carpintaria de Nazaré em que tinha trabalhado durante muitos anos.

De maneira que Jesus afirma: "Meu jugo se adapta bem." O que diz é o seguinte: "A vida que lhes dou para que vivam não é uma carga para machucar vocês; sua tarefa, sua vida, é feita sob medida para adequar-se a vocês." Envie-nos Deus o que nos envie estará feito para adaptar-se com precisão a nossas necessidades e a nossa capacidade. Deus tem uma tarefa para cada um de nós, que está feita sob nossa própria medida. Jesus diz: "Meu jugo é suave." Como disse um rabino: "Minha carga se converteu em minha canção." Não é que a carga seja fácil de levar, mas sim nos entrega com amor, e se supõe que se deve levá-la com amor, e o amor faz que até a carga mais pesada fique leve. Quando lembramos do amor de Deus, quando sabemos que nossa carga consiste em amar a Deus e aos homens, a carga se transforma em uma canção.

Há uma velha lenda sobre um homem que encontrou um menino pequeno carregando a um menino ainda menor, que era coxo: "Essa é uma carga muito pesada para você", disse o homem. "Não é nenhuma carga", respondeu o menino, "é meu irmãozinho." A carga que se dá com amor e se leva com amor sempre fica leve.

Crise

Em Mateus 12 lemos de acontecimentos cruciais na vida de Jesus. Na vida de todos os homens há momentos decisivos, tempos e acontecimentos ao redor dos quais gira toda sua vida. Este capítulo nos oferece a história de um desses períodos na vida de Jesus. Neste capítulo

vemos os líderes religiosos que pertencem à ortodoxia judaica, tomando uma decisão final a respeito de Jesus – e essa decisão foi o rechaço. Não só um rechaço no sentido de que não teriam nada mais a ver com Ele. Era um rechaço no sentido de que chegaram à conclusão que nada a não ser sua eliminação definitiva seria suficiente para eles. Neste capítulo vemos os primeiros passos decisivos, cuja última conseqüência seria nada menos que a cruz. São-nos apresentados os personagens com toda clareza. Por um lado estão os escribas e fariseus, os representantes da religião ortodoxa. Podemos destacar quatro etapas em sua crescente atitude de perversa hostilidade para Jesus,

(1) Nos versículos 1-8, o relato a respeito da forma em que os discípulos arrancaram as espigas de trigo no sábado, indica-nos uma *perspicácia* crescente. Os escribas e fariseus olhavam com perspicácia a qualquer mestre que estivesse disposto a permitir que seus seguidores desobedecessem as minúcias da Lei do sábado. Era um tipo de coisas que não se podia permitir que se desenvolvesse e expandisse sem restrições.

(2) Nos versículos 9-14, no relato da cura do homem que tinha a mão paralisada, na sinagoga, o dia sábado, vemos uma *investigação* ativa e hostil. Não era por acaso que os escribas e fariseus estavam na sinagoga nesse sábado. Lucas diz que estavam ali para observar a Jesus (Lucas 6:7). A partir desse momento Jesus haveria de agir sempre sob o olho maligno dos líderes ortodoxos. Seguiriam seus passos, como detetives privados, em busca de alguma evidência que lhes permitisse levantar alguma acusação contra Ele.

(3) Nos versículos 22-32, o relato a respeito da acusação dos líderes ortodoxos de que Jesus curava pelo poder do demônio, e a forma em que Jesus lhes falou do pecado que não tem perdão, vemos a *cegueira* preconceituosa e deliberada. A partir desse momento nada do que Jesus fizesse seria correto aos olhos desses homens. Tinham fechado seus olhos a Deus de tal maneira que eram completamente incapazes de ver alguma vez sua beleza e sua verdade. Sua cegueira carregada de

preconceitos os tinha lançado sobre um caminho do qual eram incapazes de voltar atrás alguma vez.

(4) No versículo 14 vemos a *determinação* cheia de maldade. Os ortodoxos já não estavam dispostos a limitar-se a observar e criticar; preparavam-se a *agir*. Reuniram-se em conselho para encontrar algum modo de pôr fim a esse galileo que os incomodava. A perspicácia, a investigação, a cegueira se preparavam para a ação aberta e hostil.

Diante de tudo isto a resposta de Jesus se perfila claramente. Vemos cinco formas em que Jesus enfrentou essa crescente oposição.

(1) Enfrentou-a com o *desafio* valente. No relato da cura do homem que tinha a mão seca (versículos 9:14) vemo-lo desafiar os escribas e fariseus de maneira aberta e deliberada. Isto não aconteceu em um canto, mas em uma sinagoga cheia de gente. Não aconteceu em sua ausência, levou-se a cabo quando eles estavam presentes com a intenção manifesta de formular uma acusação contra Jesus. De maneira que, longe de evitar ou esquivar-se ao desafio, Jesus está disposto a enfrentá-lo com decisão.

(2) Enfrentou-a com uma *advertência*. Nos versículos 22-32 ouvimos a mais terrível das advertências de boca de Jesus. Adverte a esses homens que se insistirem em fechar os olhos à verdade e à revelação de Deus, se encaminham para uma situação na qual, por sua própria ação se excluíram a si mesmos da graça de Deus. Aqui Jesus não está tanto em uma atitude defensiva como de ataque. Expressa de maneira bem clara para onde se encaminham por meio de sua atitude.

(3) Enfrentou-a com uma série esmagadora de *afirmações* sobre Si mesmo. É maior que o templo (versículo 6), e o templo era o lugar mais sagrado do mundo. É maior que Jonas, e nenhum pregador conseguiu levar tantas pessoas ao arrependimento como Jonas (versículo 41). É maior que Salomão, e Salomão era a encarnação e o epítome da sabedoria (versículo 42). Afirma que não há nada na história espiritual que seja maior que Ele. Não há nenhuma desculpa, trata-se da expressão suprema das afirmações de Jesus a respeito de Si mesmo.

(4) Enfrentou-a com a afirmação de que seu ensino é algo *essencial*. O significado da curiosa parábola da casa desocupada (versículos 43-45) é que a lei pode esvaziar a alguém do mal negativamente, mas só o evangelho pode enchê-lo de bem. De maneira que a Lei se limita a deixar o homem vazio, como um convite para que todo o mal se introduza em seu coração. O evangelho o enche de uma bondade positiva a tal ponto que o mal não pode entrar nele. Temos aqui a afirmação de Jesus de que o evangelho pode fazer pelos homens algo que a Lei jamais pode obter.

(5) Por último, enfrenta-os com um *convite*. Em sua essência, os versículos 46-50 são um convite. São o convite a entrar em afinidade com Ele mediante a obediência à vontade de Deus. Estes versículos não são tanto um rechaço dos parentes de Jesus como um convite a todos os homens a entrar em parentesco com Ele mediante a aceitação da vontade de Deus, tal como essa vontade chegou aos homens em seu convite e em seu mandamento. Estes versículos são um convite a abandonar nossos próprios preconceitos e egoísmos e a aceitar a Jesus Cristo como Mestre e Senhor. Se O rejeitamos afastamo-nos cada vez mais de Deus; se O aceitamos entramos na família e no coração de Deus.

Mateus 12

[A desobediência à lei do sábado - Mat. 12:1-8](#)

[O clamor da necessidade humana - Mat. 12:1-8 \(cont.\)](#)

[Senhor do sábado - Mat. 12:1-8 \(cont.\)](#)

[Amor e lei - Mat. 12:9-14](#)

[A aceitação do desafio - Mat. 12:9-14 \(cont.\)](#)

[As características do servo do Senhor - Mat. 12:15-21](#)

[As defesas de Satanás são quebradas - Mat. 12:22-29](#)

[Os exorcistas judeus - Mat. 12:22-29 \(cont.\)](#)

[A impossibilidade de ser neutro - Mat. 12:30](#)

[O pecado que está além do perdão - Mat. 12:31-33](#)

[A compreensão perdida - Mat. 12:31-33 \(cont.\)](#)

[Corações e palavras - Mat. 12:34-37](#)

O único sinal - Mat. 12:38-42

O perigo do coração vazio - Mat. 12:43-45

O verdadeiro parentesco - Mat. 12:46-50

A DESOBEDIÊNCIA À LEI DO SÁBADO

Mateus 12:1-8

Na época de Jesus, os campos de trigo e as terras cultivadas da Palestina eram faixas longas e estreitas. A terra entre cada franja, onde estavam os caminhos, era um lugar pelo qual se qualquer podia transitar. Por um desses caminhos entre os campos de trigo era por onde caminhavam Jesus e seus discípulos no dia em que aconteceu este incidente. Não há nenhuma sugestão que indique que os discípulos estavam cometendo um roubo. A Lei estabelecia de maneira clara que o viajante faminto tinha direito a fazer o que fizeram os discípulos, sempre que se usasse as mãos para arrancar as espigas de trigo, e não uma foice: “Quando entrares na seara do teu próximo, com as mãos arrancarás as espigas; porém na seara não meterás a foice.” (Deut. 23:25).

Em seu livro *The Land and the Book*, W. M. Thomson nos relata que quando ele viajava pela Palestina existia o mesmo costume. Um dos pratos favoritos para o jantar de qualquer viajante é o trigo assado.

"Quando viajávamos de tempo de colheita", escreve Thomson, "meus ajudantes costumavam preparar com muita freqüência pelos tardes, trigo assado, depois de ter armado as tendas. Jamais se considera que cortar essas espigas verdes para assar signifique roubar... Também vi a meus ajudantes arrancar espigas quando passávamos perto dos campos de trigo, debulhar com as mãos e comer os grãos crus, tal como se conta que faziam os apóstolos."

Segundo os escribas e fariseus, a falta dos apóstolos não era que tinham arrancado espigas e tinham comido os grãos de trigo, mas sim o tinham feito *no sábado*. A lei do sábado era algo muito complicado e cheio de detalhes. O mandamento proíbe trabalhar no sábado, mas os que interpretavam a lei não se sentiam satisfeitos com esta simples proibição.

Era preciso definir o que era trabalho. De maneira que se estabeleceram trinta e nove ações básicas que estavam proibidas no sábado; entre elas estavam *colher*, *esfregar*, e *debulhar*, e preparar uma refeição. Mas com isto não provavam conforme os intérpretes. Era preciso definir em detalhe cada um dos pontos que apareciam na lista dos trabalhos proibidos. Por exemplo, estava proibido levar uma *carga*. Mas o que é uma carga? Uma carga é algo que pesa mais que duas passas de figo. Proibia-se até a sugestão de fazer algum trabalho; tudo o que simbolicamente se pudesse considerar como trabalho estava proibido. Mais adiante Maimonides diria: "Arrancar espigas é uma sorte de colheita." Mediante sua conduta os discípulos se tornaram culpados de mais de um mandamento em desobediência à Lei. Por ter arrancado o trigo eram culpados de *colher*; por esfregá-lo entre as mãos eram culpados de *debulhar*; por ter separado os grãos do caule eram culpados de *debulhar*. E por todo o processo eram culpados de preparar uma refeição no sábado, porque tudo o que se comeria no sábado devia preparar-se no dia anterior.

Os judeus ortodoxos tomavam esta Lei do sábado ao pé da letra. O Livro de Jubileus tem todo um capítulo (capítulo 50) dedicado à observância do sábado. Qualquer pessoa que se deita com sua mulher ou projeta fazer algo na sábado, ou pense em sair de viagem (até o pensar sobre o trabalho estava proibido), ou pense em comprar ou vender algo, qualquer que tire água de um poço, qualquer que levante um peso, está condenado. Qualquer pessoa que no sábado faça algum tipo de trabalho, que vá viajar, que are um campo, quer faça o trabalho em sua casa ou em qualquer outro lado, qualquer pessoa que acenda um fogo ou monte algum animal ou viagem de navio no mar, qualquer que golpeie ou mate algo, qualquer pessoa que apanhe um animal, um pássaro ou um peixe, qualquer pessoa que jejue ou faça a guerra no sábado – qualquer pessoa que faça alguma destas coisas morrerá. Guardar estes mandamentos era guardar a Lei de Deus; desobedecê-los era quebrantar a Lei de Deus.

Não resta a menor dúvida de que, do seu ponto de vista, os escribas e fariseus estavam plenamente justificados em culpar aos discípulos de desobediência à Lei, e a Jesus por permitir e possivelmente estimulá-los a fazê-lo.

O CLAMOR DA NECESSIDADE HUMANA

Mateus 12:1-8 (continuação)

Para confrontar-se com a crítica dos escribas e fariseus Jesus usou três argumentos.

(1) Citou a atitude de Davi (1 Samuel 21:1-6) quando ele e seus homens, estando famintos, entraram no tabernáculo – não no templo, porque isto aconteceu antes da construção do templo e – comeram os pães da proposição que só os sacerdotes podiam comer. Em Levítico 24:5-9 se descreve o pão da proposição. Consistia em doze pães que se colocavam todas as semanas em duas filas de seis no tabernáculo. Sem dúvida se tratava de uma oferenda simbólica a Deus mediante a qual se agradecia pelo dom dos mantimentos fortalecedores. Esses pães eram mudados todas as semanas e os pães velhos passavam a ser posse dos sacerdotes que eram os únicos que podiam comer esses pães. Nesta oportunidade, e devido à fome que experimentavam, Davi e seus homens voltaram e comessem esses pães benditos e ninguém os acusou de nada. A necessidade e a fome humanas tinham prioridade sobre qualquer costume ou prática ritual.

(2) Citou o trabalho que se fazia no templo no dia de sábado. O ritual do templo sempre implicava trabalho – acender fogos, matar e preparar animais, levantá-los até o altar, e outra quantidade de tarefas. De fato, este trabalho era dobrado no dia de sábado, porque nesse dia se duplicavam as oferendas (ver, por exemplo, Números 28:9). Qualquer destas ações teria sido ilegal se fossem praticadas por uma pessoa comum. Acender um fogo, matar um animal, levantá-lo até o altar teria significado quebrantar a Lei, e portanto, profanar o sábado. Mas era

perfeitamente legal que os sacerdotes desempenhassem estas tarefas, porque a adoração no templo não devia cessar. Quer dizer que a adoração que se oferecia a Deus superava todas as regras e normas do sábado.

(3) Citou as palavras de Deus ao profeta Oséias: "Misericórdia quero e não sacrifício" (Oséias 6:6). O que Deus deseja mais que o sacrifício ritual é a bondade, o espírito que não conhece outra lei fora da que lhe diz que deve responder ao chamado da necessidade humana.

Neste incidente Jesus afirma que o chamado da necessidade humana deve preceder a qualquer outra obrigação. As obrigações da adoração, do ritual, da liturgia, são importantes e têm seu lugar, mas antes que todas elas vem a obrigação imposta pela necessidade humana.

Um dos modernos Santos de Deus é o Pai George Potter que transformou a igreja abandonada de São Crisóstomo, em Peckham, em uma luz brilhante de adoração e serviço cristãos. Para completar a obra fundou a Irmandade da Ordem de Santa Cruz, cuja insígnia é a toalha que usou Jesus quando lavou os pés de seus discípulos. Não havia nenhum trabalho inferior para estes irmãos; sua obra entre os abandonados e os meninos sem lar com prontuários criminais ou com potencial criminoso está além de todo louvor. O Pai Potter tem a devoção na mais alta estima, entretanto, quando explica o trabalho da Irmandade e se refere a qualquer que quer fazer o triplo voto de pobreza, castidade e obediência, diz: "Não deve sentir-se amargurado se não puder chegar a tempo ao ofício vespertino da festa de São Termógeno. Pode estar sentado numa delegacia de polícia esperando a um 'cliente'... Não deve ser o tipo de pessoa que vai à cozinha e chora porque ficamos sem incenso... Pomos a oração e os sacramentos em primeiro lugar. Sabemos que de outro modo não poderíamos fazer tudo o que somos capazes de fazer, mas o fato concreto é que devemos passar mais tempo aos pés do Monte da Transfiguração que em seu topo."

Conta sobre um candidato que chegou à casa justo quando estava para lhes dar uma taça de cocoa a seus moços e mandá-los para cama.

"De maneira que lhe disse: 'Podes limpar o banheiro, por favor, enquanto está úmido?' Ficou surpreso e balbuciou: 'Não pensava que teria que limpar o que tinham sujado uns moços sujos!' Enfim, sua vida de serviço durou uns sete minutos. Não desfez as valises." Florence Allshorn, a magnífica superiora de uma escola de missionárias, relata os problemas que apresenta a aspirante que sempre descobre que chegou seu momento para a oração silenciosa e tranqüila justo quando terá que lavar pratos engordurados com uma água que não está muito quente.

Jesus insistiu em que o serviço ritual mais excelso é o serviço à necessidade humana. É curioso pensar que com a possível exceção do dia da sinagoga de Nazaré, não temos nenhum testemunho de que Jesus tenha dirigido um serviço de culto durante sua vida na Terra, e entretanto temos uma grande abundância de testemunhos de que deu de comer aos famintos, consolou os afligidos, e cuidou dos doentes. O serviço cristão não é o serviço de nenhuma liturgia ou ritual, é o serviço à necessidade humana. O serviço cristão não é o retiro monástico; é o compromisso com todas as tragédias, problemas e exigências da situação humana.

Isso é o que queremos dizer – deveríamos querer dizer quando pronunciamos estas palavras: "Adoremos a Deus!"

SENHOR DO SÁBADO

Mateus 12:1-8 (continuação)

Resta uma dificuldade nesta passagem que não se pode resolver com absoluta certeza. A dificuldade está na última frase: "Porque o Filho do Homem é senhor do sábado." Esta frase pode ter dois sentidos.

(1) Pode significar que Jesus afirma ser Senhor do sábado no sentido de que tem direito de usar o dia de repouso como lhe parece melhor. Já vimos que a santidade do trabalho do templo superava e ignorava as regras e normas do sábado. Jesus acaba de afirmar que nele há algo maior que o templo. Sendo assim, ele tem muito mais direito de ignorar as regras do sábado e de fazer o que lhe pareça mais conveniente

esse dia. Essa pode considerar-se como a interpretação tradicional desta cláusula, nela há sérias dificuldades.

(2) É necessário destacar que nesta ocasião Jesus não se defende a *si mesmo* por algo que tenha feito no sábado; está defendendo a seus *discípulos*. E terá que assinalar que a autoridade que recalca neste incidente não é tanto sua própria autoridade como a da necessidade humana. E também terá que assinalar que quando Marcos relata o incidente introduz outra afirmação de Jesus como parte de seu momento culminante: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27).

A isto devemos acrescentar que em hebraico e aramaico a frase *filho do homem* não é um título, e sim uma forma de dizer *um homem*. Quando os rabinos começavam a relatar uma parábola costumavam começar assim: "Havia um filho de homem que..."; onde nos limitaríamos a dizer: "Havia um homem que..." O salmista escreve: "O que é o homem para que dele te lembres, e o filho do homem, para que o visites?" (Salmo 8:4). Uma e outra vez o Deus de Ezequiel se dirige a ele chamando-o filho do homem. “Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo.” (Ezequiel 2:1; também em 2:6; 2:8; 3:1, 4, 17, 25). Em todos estes casos, *filho de homem*, escrito com minúscula, significa *homem*. Nos manuscritos gregos do Novo Testamento pertencentes às primeiras épocas todas as palavras eram escritas com maiúscula. Estes manuscritos são chamados *unciais*, o que significa que estão escritos em maiúsculas; nesse tipo de manuscritos seria impossível dizer onde se deve pôr maiúsculas. Portanto, pode ser que em Mateus 12:8 deveria escrever-se *filho do homem* com minúscula e que a frase não se refere a Jesus mas simplesmente ao *homem*.

Se levarmos em conta que o que Jesus destaca nesta pesagem são os direitos da necessidade humana, se lembrarmos que não se defende a si mesmo e sim a seus discípulos, se lembrarmos que Marcos nos conta que Jesus disse que o sábado tinha sido feito para o homem e não o homem para o sábado, então podemos chegar à conclusão de que o que Jesus diz

aqui é: "O homem não é escravo do sábado, é seu senhor para usá-lo em seu próprio proveito." Pode ser que Jesus esteja criticando os escribas e fariseus por escravizar-se e escravizar a outros a uma quantidade de regras tirânicas. E possivelmente não faça mais que afirmar o princípio supremo da liberdade cristã, que se aplica tanto ao sábado como a todas as outras coisas da vida.

AMOR E LEI

Mateus 12:9-14

Este incidente representa um momento crucial na vida de Jesus. Aqui Jesus desobedeceu em público e de maneira deliberada a lei do sábado, e o resultado foi uma reunião dos líderes ortodoxos convocada com o único objetivo de procurar uma forma de eliminá-lo. Não poderemos compreender a atitude dos ortodoxos a menos que entendamos a seriedade surpreendente com que observavam a lei do sábado. A lei do sábado proibia todo trabalho nesse dia, e os judeus ortodoxos tomavam tão a sério essa lei que preferiam morrer, literalmente, antes que desobedecê-la.

Na época da rebelião de Judas Macabeu alguns judeus se refugiaram nas cavernas do deserto. Antíoco mandou uma legião de homens para atacá-los. O ataque se levou a cabo no dia de sábado, e esses judeus insurgentes morreram sem um só gesto de desafio ou defesa porque lutar teria significado quebrantar o sábado. 1 Macabeus nos relata como "assaltados imediatamente (pelas forças do Antíoco), não replicaram nem arrojando pedras nem entrincheirando suas covas. Disseram: 'Morrámos todos em nossa retidão. O céu e a terra nos são testemunhas de que nos matam injustamente.' Atacaram-nos, pois, em sábado e morreram eles, suas mulheres, filhos e gados: umas mil pessoas em total" (1 Macabeus 2:35-38). Nem em uma crise nacional, nem para salvar suas vidas, nem para proteger a seus seres mais queridos e próximos, os judeus estavam dispostos a lutar no sábado.

Porque os judeus insistiram em guardar a lei do sábado foi que Pompeu pôde tomar Jerusalém. Na antiga técnica de guerrear o atacante costumava erigir um elevado montículo frente à fortaleza da cidade sitiada desde cujo topo se bombardeavam as defesas. Pompeu, pois, construiu seu montículo, e o fez durante os dias de sábado, quando os judeus se limitavam a observar e se negavam a levantar um dedo para detoná-lo. Josefo diz:

"E se não fosse pelo costume, da época de nossos antepassados, de descansar no sétimo dia, jamais poderia aperfeiçoar este montículo em razão da oposição que os judeus teriam exercido. Porque embora a lei nos permite defender-nos dos que começam a luta e nos atacam (isto era uma concessão), não nos permite interferir com nossos inimigos quando estão fazendo qualquer outra coisa" (Josefo, *Antiguidades*, 14. 4. 2).

Josefo lembra o assombro do historiador grego Agatarquides ao ver a forma em que se permitiu a Ptolomeu Lagos capturar Jerusalém. Agatarquides escreveu:

"Há um povo chamado judeu, que vive na mais forte de todas as cidades, cujos habitantes a denominam Jerusalém, e têm o costume de descansar no sétimo dia. Nesse dia não fazem uso de suas armas, não trabalham na agricultura, nem prestam atenção a nenhuma outra ocupação da vida, mas sim elevam suas mãos em seus templos e oram até o entardecer. Quando Ptolomeu, filho de Lagos, entrou nesta cidade com seu exército, esses homens, em observância deste ridículo costume, em lugar de defender a cidade, permitiram que se submetesse a um senhor cruel; e ficou comprovado com toda clareza que a Lei tinha ordenado uma ação insensata. Este incidente ensinou a todos, exceto aos judeus, a não tomar em consideração esse classe de sonhos e a não obedecer sugestões absurdas que se apresentam como uma Lei, quando em tal incerteza da mente humana não sabem o que fazer" (Josefo, *Contra Apion*, 1:22).

Para as outras nações a estrita observação do sábado por parte dos judeus era simplesmente uma loucura, visto que podia conduzir a semelhantes derrota e desastres nacionais.

Esta mentalidade inamovível era a que Jesus tinha que enfrentar. A Lei proibía de maneira definitiva e precisa curar em sábado. É certo que estabelecia com clareza que "qualquer caso em que está em perigo a vida é mais importante que a Lei do sábado." Isto se aplicava de maneira especial às enfermidades de os olhos, ouvido, nariz e garganta. Mas até então se especificava que se podia fazer algo para impedir que o paciente piorasse, mas não para melhorar sua situação. Assim, podia-se pôr uma atadura comum sobre uma ferida, mas não uma atadura com algum remédio, e coisas pelo estilo. Neste caso, não se tratava de que estivesse em perigo a vida do paralítico. No que se referia ao perigo, não estaria pior ao dia seguinte. Jesus conhecia a Lei; sabia o que fazia; sabia o que os fariseus esperavam e observavam; e entretanto curou o homem. Jesus não estava disposto a aceitar nenhuma lei que insistisse em que um homem devia sofrer um minuto mais que do necessário, embora sua vida não estivesse em perigo. Seu amor à humanidade ultrapassava em muito seu respeito pela Lei ritual.

A ACEITAÇÃO DO DESAFIO

Mateus 12:9-14 (continuação)

Jesus entrou na sinagoga e se encontrou um homem com uma das mãos ressequida. Nossos evangelhos não nos dizem nada mais sobre este homem, mas o *Evangelho Segundo os Hebreus*, que é um dos primeiros evangelhos – mas que não conseguiu ser incorporado ao Novo Testamento – nos diz algo mais a respeito dele. Diz-nos que este homem se aproximou de Jesus com a seguinte petição: "Eu era pedreiro; ganhava a vida com as mãos. Rogo-te, Jesus, que me devolvas a saúde para que não precise mendigar a comida com vergonha."

Mas os escribas e fariseus também estavam na sinagoga. Não se preocupavam com o homem com a mão paralítica; só se importavam com as minúcias de suas normas e regras. De maneira que fizeram uma pergunta a Jesus: "É lícito curar no sábado?" Jesus conhecia à perfeição

a resposta a essa pergunta. Sabia que, como vimos, a menos que estivesse em perigo a vida, estava proibido curar, porque era considerado um trabalho. Mas Jesus era sábio. Se se propunham discutir sobre a Lei, tinha a habilidade necessária para enfrentá-los em seu próprio terreno. "Digam-me", disse-lhes, "suponham que um homem tenha uma ovelha, e essa ovelha cai em um poço no sábado, não irá e a tirará do poço?" De fato, tratava-se de um caso mencionado na Lei. Se um animal se impregnar em um poço no sábado, era lícito levar-lhe comida – que em qualquer outro caso seria considerado uma carga – e ajudá-lo em todo sentido. "Ou seja", disse Jesus, "se está permitido fazer uma obra boa no dia de sábado, e se está permitido fazer algo bom por uma ovelha, quanto mais lícito deve ser fazê-lo por um homem, que é de muito mais valor que um animal." Jesus inverteu o argumento. "Se é lícito fazer o bem no sábado, negar-se a fazê-lo é ilícito."

O princípio fundamental de Jesus era que não existe um tempo tão sagrado que não se possa usar para ajudar o próximo necessitado. Não seremos julgados pela quantidade de cultos a que tenhamos assistido, nem pelo número de capítulos da Bíblia que tenhamos lido, nem pela quantidade de horas que tenhamos passado orando, mas sim pela quantidade de gente a que tenhamos ajudado quando sua necessidade chamou à nossa porta. Nesse momento os escribas e fariseus não puderam responder nada, porque seu próprio argumento se tornou contra eles. De maneira que Jesus curou o homem e ao fazê-lo deu-lhe três coisas.

(1) Devolveu-lhe a *saúde*. Jesus está muitíssimo interessado nos corpos dos homens. Paul Tournier, em seu livro *A Doctor's Case Book*, menciona coisas muito imponentes a respeito da cura e Deus. O professor Courvoisier escreve que a vocação médica é "um serviço ao qual são chamados aqueles que, mediante seus estudos e os dons naturais que lhes entregou Deus, ... estão capacitados de maneira especial a atender aos doentes e curá-los. Sejam ou não conscientes disso, sejam crentes ou não, do ponto de vista cristão há algo que é fundamental: que,

por sua profissão, os médicos são colaboradores de Deus." "A enfermidade e a cura", disse o doutor Pouyanne, "são atos da graça." "O médico é um instrumento da paciência de Deus", escreve o pastor Alain Perrot. "A medicina é um ato da graça de Deus que em sua bondade se compadece dos homens e lhes brinda remédios para as conseqüências terríveis de seu pecado." Calvino descreveu a medicina como um dom de Deus. Quem cura os homens ajuda a Deus. A cura dos corpos dos homens é uma tarefa outorgada por Deus do mesmo modo que o é a cura de suas almas. E, no exercício de sua profissão, o médico é tão servo de Deus como o ministro em sua paróquia.

(2) Ao devolver a este homem sua saúde, Jesus lhe devolveu também seu *trabalho*. Sem trabalho para fazer, um homem só o é pela metade; é em seu trabalho onde se encontra a si mesmo e encontra sua realização. O não fazer nada durante anos é mais difícil de suportar que a própria dor; e quando se pode fazer algum trabalho, até a tristeza perde algo de seu amargor. Uma das melhores ações que pode fazer um ser humano por outro é dar-lhe trabalho.

(3) Ao devolver a este homem sua saúde e seu trabalho, Jesus lhe devolveu sua *auto-estima*. Poderíamos acrescentar uma nova bem-aventurança: "Bem-aventurados os que nos devolvem o respeito por nós mesmos." Um homem volta a ser homem quando pode enfrentar a vida mais uma vez sobre seus dois pés e com suas próprias mãos; quando pode satisfazer com independência suas necessidades e as de quem está sob seu cuidado.

Já dissemos que este incidente foi uma crise. Quando terminou, os escribas e fariseus saíram e começaram a planejar a morte de Jesus. Este era um homem perigoso. Em certo sentido, o maior louvor que lhe pode fazer a um homem é persegui-lo. Demonstra que não somente se pode ver esse homem como perigoso, mas sim como uma força efetiva. O atitude dos fariseus e escribas é a medida do poder de Jesus Cristo. Pode-se odiar ao autêntico cristianismo, mas não o pode ignorar como força efetiva.

AS CARACTERÍSTICAS DO SERVO DO SENHOR**Mateus 12:15-21**

Devemos começar assinalando duas coisas a respeito de Jesus; ambas demonstram que Jesus nunca confundiu a temeridade com a coragem. Em primeiro lugar, no momento afastou-se. Ainda não tinha chegado o momento do choque frontal. Tinha coisas a fazer antes que a cruz o tomasse entre seus braços. Em segundo lugar, proibiu aos homens que o rodeassem de publicidade. Sabia muito bem quantos falsos Messias tinham surgido. Sabia muito bem quão inflamável era o coração das pessoas. Se se tivesse estendido a idéia de que tinha surgido alguém que tinha poderes maravilhosos, não cabe dúvida de que teria havido uma rebelião política e se perderiam vidas desnecessária e cruelmente. Devia lhes ensinar o que significava o Messias; não uma força poderosa, mas um serviço sacrificial; não um trono, mas uma cruz. E devia ensinar isto antes que os homens pudessem difundir sua verdadeira história.

A citação que Mateus emprega para resumir a obra de Jesus pertence a **Isaías 42:1-4**. Em certo sentido, é uma citação curiosa porque em primeiro lugar – e quando foi proferida pela primeira vez – se referia a **Ciro**, o rei da Pérsia (ver **Isaías 45:1**). O sentido original da citação é o seguinte. **Ciro** destruíra tudo em seu avanço conquistador, sem que nada o detivesse, e o profeta via essas conquistas como parte do plano deliberado e definitivo de Deus. Embora ele não soubesse, **Ciro**, o persa, era um instrumento de Deus. Além disso, o profeta via **Ciro** como o generoso conquistador que era. Mas embora as palavras originais se referiam a **Ciro**, o cumprimento total da profecia só se deu, sem dúvida alguma, em **Jesus Cristo**. Em sua época, o rei da Pérsia dominou o mundo oriental, mas o verdadeiro Senhor de todo o mundo é **Jesus Cristo**. Vejamos em que forma maravilhosa **Jesus** cumpriu a profecia de **Isaías**.

(1) A versão Revista e Corrigida diz que trará o *juízo* aos gentios. Esta versão costuma empregar com freqüência a palavra *juízo* onde seria mais natural falar de *justiça*. Seria mais correto, por exemplo, traduzir

Amós 5:24 deste modo: "Corra a *justiça* como as águas, e a virtude como impetuoso arroio." De maneira que Jesus veio para trazer a *justiça* aos homens. Os gregos definiam a *justiça* como *dar a Deus e aos homens o que lhes corresponde*. Jesus mostrou aos homens como viver de maneira tal que tanto Deus como os homens recebam seu próprio lugar em nossas vidas. Mostrou-nos como nos comportar, tanto com os homens como com Deus.

(2) *Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça*. A palavra que se emprega para dizer *gritará* é a mesma que se usa para o latido de um cão, ou as exclamações de um bêbado, o tumulto de um público descontente no teatro. Quer dizer que Jesus não discutiria com os homens. Todos conhecemos as brigas de dois bandos que discutem, onde cada um trata de gritar mais que o outro para vencê-lo. O ódio dos teólogos, *odium theologicum*, é uma das tragédias da Igreja cristã. Todos conhecemos a oposição dos políticos e das ideologias. Em Jesus encontramos a serenidade calada, forte, de alguém que trata de conquistar por meio do amor, e não pela luta de palavras.

(3) *Não quebrará a cana trilhada, nem apagará o pavio que fumeja*. A cana pode estar quebrada e apenas ser capaz de manter-se em pé; o pavio pode ser débil e a luz não passar de uma penumbra. O testemunho de um homem pode ser débil e temeroso; a luz de sua vida pode ser só uma penumbra e não uma chama, mas Jesus não veio para desanimá-la e sim para infundir coragem. Não veio para tratar os fracos com orgulho, mas com compreensão. Não veio para apagar a chama débil, e sim para ajudá-la a tornar-se uma luz mais clara e potente. O mais precioso a respeito de Jesus é que não é o grande desalentador e sim o grande alentador.

(4) *Os gentios confiarão nele*. Com Jesus chegou ao mundo o convite, não para uma nação, e sim para todos os homens, a compartilhar e aceitar o amor de Deus. NEle Deus se aproximou de todos os homens de todas as nações com o oferecimento de seu amor.

AS DEFESAS DE SATANÁS SÃO QUEBRADAS**Mateus 12: 22-29**

No mundo oriental se imputava à influência dos demônios não só a enfermidade mental e psicológica: todas as enfermidades se atribuíam a seu poder maligno. De maneira que era algo muito comum praticar o exorcismo; e, de fato, com muito freqüência surtia efeito. Não há nada que deva nos surpreender nisso. Quando a pessoa acredita na posse do demônio, é-lhe fácil convencer-se de que está possuída por ele. Quando chega a esse engano, em seguida surgem os sintomas da posse. Inclusive entre nós, qualquer um pode auto-induzir uma dor de cabeça, ou convencer-se de que tem os sintomas de uma determinada enfermidade. Quando uma pessoa que vivia sob esse engano se confrontava com um exorcista em quem depositava sua fé e sua confiança, desaparecia o engano e ficava curada. Em tais casos, se alguém estava convencido de que se curou, curava-se.

Neste caso, Jesus curou a um homem que era cego e surdo cuja enfermidade se atribuía a uma posse demoníaca. As pessoas ficaram assombradas. Começaram a perguntar-se se esse homem não seria o filho do Davi que lhes foi prometido tanto tempo atrás, e a quem esperavam desde então; o grande Salvador e Libertador que havia de vir. Sua vacilação se devia ao fato de que Jesus era muito diferente da imagem do filho de Davi em quem foram ensinados a acreditar. Não era um príncipe glorioso rodeado de pompa e cerimônias; não havia nenhum tumulto de espadas e exércitos com estandartes; nenhuma cruz ondulante que chamasse os homens ao combate: não era mais que um simples carpinteiro da Galiléia, em cujas palavras havia uma sabedoria serena e amável, em cujos olhos se lia a compaixão, e cujas mãos tinham um poder misterioso. As multidões não podiam compreender a Jesus porque sua generosidade compassiva era tão diferente da pompa, da exaltação e do poder que estavam esperando.

Durante todo este tempo os escribas e fariseus observavam com olhares ásperos. Eles tinham sua própria solução para o problema: Jesus expulsava demônios porque tinha ligação com o príncipe dos demônios. Para esta acusação Jesus tinha três respostas que não admitiam discussão alguma.

(1) Se expulsava demônios com a ajuda do príncipe dos demônios, só se fosse devido ao fato de que no reino demoníaco havia um desacordo, um quebrantamento, uma divisão. Se em realidade o príncipe dos demônios prestava sua ajuda para a destruição de seus próprios agentes demoníacos, devia haver uma guerra civil no reino do mal e nesse caso tal reino estava condenado à destruição. Nenhuma casa, nenhuma cidade, nenhuma zona pode ser forte quando está dividida em seu interior. A dissensão interna é o fim do poder. Embora os escribas e fariseus não tivessem razão, segundo este argumento os dias de Satanás estavam contados.

(2) Tomaremos a terceira resposta de Jesus em segundo lugar, porque há tanto que dizer sobre a segunda que preferimos tratá-la separadamente. Jesus disse: "Se expulso demônios – e isso não podem negá-lo, e não o fizeram – é evidente que invadi o território de Satanás, e que em realidade sou como um salteador que estou saqueando sua casa. Agora, não resta dúvida de que ninguém pode entrar na casa de um homem forte até que não tenha amarrado esse homem e o tenha deixado indefeso. De maneira, que o fato de que eu tenha sido capaz de invadir com tanto êxito o território de Satanás é a prova de que ele está atado e que não pode resistir." A imagem do homem forte a quem se ata pertence a Isaías 49:24-26.

Toda esta discussão nos leva a fazer uma pergunta; não se trata de uma pergunta que tenha uma resposta unívoca, mas entretanto, expomola de maneira quase instintiva. Quando se atou o homem forte? Quando se prendeu o príncipe dos demônios de tal maneira que assim Jesus pôde quebrar suas defesas? Possivelmente não haja uma resposta a esta pergunta. Mas se existe, a resposta é que Satanás ficou atado durante as

tentações de Jesus no deserto. Às vezes acontece que, embora um exército não seja eliminado completamente, sofre uma derrota de tal magnitude que sua potência bélica nunca volta a ser a mesma. Suas baixas são tão grandes, a confiança em si mesmo fica tão debilitada, que nunca volta a ser a força que já foi. Quando Jesus enfrentou o Tentador no deserto e o derrotou, aconteceu algo. Pela primeira vez Satanás encontrou alguém a quem não pôde seduzir com toda a sua astúcia, alguém a quem não pôde conquistar com todos os seus ataques. A partir daquele momento, o poder de Satanás nunca tornou a ser o mesmo. Já não é o poder todo-poderoso das trevas; é o poder vencido do pecado. As defesas se quebraram; o inimigo ainda não está derrotado, mas seu poder nunca pode voltar a ser o mesmo, porque Jesus pode ajudar a outros a obter a vitória que ele mesmo obteve.

OS EXORCISTAS JUDEUS

Mateus 12: 22-29 (continuação)

(3) A segunda resposta de Jesus, que trataremos agora, foi que os próprios judeus praticavam o exorcismo. Havia judeus que expulsavam demônios e faziam curas. Se Jesus praticava o exorcismo pelo poder do príncipe dos demônios, eles deviam fazer o mesmo, visto que tratavam as mesmas enfermidades e, pelo menos às vezes, tinham o mesmo efeito. Vejamos então os costumes e métodos dos exorcistas judeus, porque em realidade estabeleciam um contraste surpreendente com os métodos de Jesus.

Josefo, que foi um historiador de ampla e justificada reputação, diz que o poder de expulsar demônios fazia parte da sabedoria de Salomão, e descreve um caso que viu com seus próprios olhos (Josefo, *Antiguidades* 8. 2. 5.): "Deus também permitiu a Salomão aprender a habilidade de expulsar demônios, que é uma ciência útil e que traz saúde aos homens. Também compunha encantamentos mediante os quais se aliviam os males. E também deixou atrás de si a maneira de empregar o exorcismo

com o qual expulsam demônios de maneira que não voltam jamais, e este método de cura é muito poderoso até na atualidade. Eu vi um homem de meu país, chamado Eleazar, que libertava pessoas endemoninhadas na presença de Vespasiano e seus filhos, seus capitães e toda a multidão de seus soldados. A forma de curar era a seguinte. Punha no nariz do endemoninhado um anel que tinha uma raiz, que era um dos métodos mencionados por Salomão, depois do qual, tirava o demônio pelo nariz do possuído. E quando o homem caía, instantaneamente ameaçava o demônio a não voltar a ele, mencionando a Salomão e recitando os encantamentos que ele tinha composto. E quando Eleazar se propunha convencer e demonstrar aos espectadores que tinha esse poder, punha a certa distância uma taça ou um recipiente cheio de água e ordenava ao demônio, depois de ter abandonado o homem, que o derrubasse, e demonstrava desse modo aos espectadores que tinha abandonado o homem, e quando acontecia isto ficava demonstrada de forma evidente a habilidade e a sabedoria de Salomão." Esse era o método judeu, com todos os aparatos da magia. Quão diferente era a palavra poderosa, calma e serena, que Jesus pronunciava!

Josefo tem ainda mais informação a respeito da forma de agir dos exorcistas judeus. Usava-se muito uma determinada raiz no exorcismo. Josefo nos fala dela:

"No vale de Maquero há uma raiz que leva o mesmo nome. Tem a cor da chama e ao entardecer emite uma luz semelhante a um raio. Os que querem arrancá-la não podem fazê-lo com facilidade, pois lhes escapa das mãos, não se deixa arrancar a menos que se entorne sobre ela a urina de uma mulher ou seu sangue menstrual; e ainda assim, se alguém a tocar morre, a menos que tome e a pendure de sua mão e a leve nessa forma. Também se pode tomá-la em outra forma, sem correr perigo: cava-se uma fossa a seu redor até que só fique enterrada uma parte muito pequena da raiz; logo atam um cão à raiz e quando o cão se esforça para seguir a pessoa que o atou, a raiz sai com facilidade, mas o cão morre imediatamente, como se o fizesse em lugar do homem que quis tirar a planta. Depois disto ninguém deve temer o tomar a planta em suas mãos.

Entretanto, depois de todos estes esforços por tirá-la, só tem valor por uma virtude que possui: se a leva a pessoas doentes expulsa os demônios" (Josefo, *As Guerras dos Judeus* 7. 6. 3.).

Que diferença entre a palavra poderosa de Jesus e esta medicina de bruxos que o exorcismo judeu praticava!

Podemos acrescentar mais um exemplo deste exorcismo judeu. Pertence ao livro apócrifo de Tobias. O anjo diz a Tobias que deve casar-se com Sara, a filha de Raquel. É uma bela moça com um bom dote, e é boa. Esteve casada sucessivamente com sete homens que morreram na noite de bodas porque um demônio maligno amava a Sara e não permitia que ninguém se aproximasse dela. Tobias sente medo, mas o anjo lhe diz: "Quando entrares na câmara nupcial, toma o coração do peixe e parte do fígado e ponha-o põe sobre as brasas dos perfumes. Difundir-se-á o aroma e quando o demônio o cheirar, fugirá e nunca mais aparecerá a seu lado" (Tobias 6:17). Tobias fez o que se ordenou e o demônio desapareceu para sempre (Tobias 8:1-4).

Estas eram as coisas que os exorcistas judeus faziam e, como tão freqüentemente, estas coisas eram uma parábola e um símbolo. Os homens procuravam liberar-se dos males e as dores da humanidade por meio da magia, os encantamentos e os feitiços. Pode ser que estas coisas, pela misericórdia de Deus, aliviassem-nos durante algum tempo. Mas com Jesus tinha vindo a palavra de Deus com seu sereno poder para trazer aos homens a liberação perfeita que tinham procurado com ardor e até com desespero e que, até que ele veio, nunca tinham sido capazes de encontrar.

Uma das coisas mais interessantes de toda a passagem é o dito de Jesus: "Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (versículo 28). É muito significativo destacar que o sinal da chegada do Reino não eram Igrejas cheias e grandes reuniões de avivamento, e sim o triunfo sobre a dor.

A IMPOSSIBILIDADE DE SER NEUTRO**Mateus 12:30**

A figura de *ajuntar e espalhar* que Jesus emprega nesta frase pode provir de dois panos de fundo. Pode referir-se à *colheita*, que não participa da coleta do grão, o espalha e deixa que o leve o vento. Pode fazer referência aos *pastores*; quem não ajuda a proteger o rebanho, o expõe ao perigo; quem não o reúne o conduz às montanhas perigosas e inóspitas.

Nesta frase penetrante Jesus estabelece a impossibilidade de alguém permanecer neutro. W. C. Allen escreve: "Nesta luta contra as fortalezas de Satanás só há dois lados, com Jesus ou contra ele, recolher com Jesus ou esparramar com Satanás." Podemos tomar uma analogia muito simples. Podemos tomar esta frase e aplicar a nós mesmos e à Igreja. *Se nossa presença não fortalecer a Igreja, nossa ausência a debilita*. Não há um ponto intermediário. Se um país estiver em guerra, a nação que permanece neutra está ajudando o inimigo ao negar a ajuda que poderia ter brindado. Em todas as coisas deste mundo o homem deve escolher um lado. Abster-se de decidir a ação suspensa, não é uma saída porque a mera negação de ajuda a um lado significa ajuda ao outro.

Há três coisas que impulsionam um homem a procurar esta neutralidade impossível.

(1) *A inércia da natureza humana*. Há muitos a respeito de quem se pode dizer que seu único desejo é não se incomodarem. Afastam-se automaticamente de tudo o que os perturba, e até escolher os incomoda.

(2) *A covardia natural da natureza humana*. Mais de uma pessoa rejeita o caminho de Cristo porque no fundo de seu coração teme assumir a posição que o cristianismo exige. O que está na base de sua rejeição é a consideração do que pensará e dirá o resto das pessoas. Em seus ouvidos, a voz de seus vizinhos é mais forte que a voz de Deus.

(3) *A mera debilidade da natureza humana*. A maior parte das pessoas prefere a segurança à aventura, e quanto mais crescem em idade

mais se aferram à segurança. Um desafio sempre implica uma aventura. Cristo se aproxima de nós com um desafio, e com muita frequência preferimos o conforto da inação egoísta à aventura da ação para Cristo.

Esta frase de Cristo – "Quem não é comigo, é contra mim" – apresenta-nos um problema, pois tanto Lucas como Marcos têm uma declaração que é o oposto desta: "Quem não é contra nós, é por nós" (Marcos 9:40; Lucas 9:50). Mas estas duas frases não são tão contraditórias como parecem. Devemos assinalar que Jesus pronunciou a segunda frase quando seus discípulos se aproximaram para lhe dizer que tinham buscado deter um homem que expulsava demônios em nome de Cristo, e tinham tentado impedir-lo, porque não era um de seus discípulos. De maneira que se tem feito uma sugestão muito sábia. "Quem não é comigo, é contra mim" é uma prova que devemos nos aplicar a *nós mesmos*. Estou em realidade do lado do Senhor, ou trato de passar pela vida em um estado de covarde neutralidade? "Quem não é contra nós, é por nós", é uma prova que devemos aplicar a outros. Sou intolerante? Inclino-me a condenar a qualquer um que não fala com minha teologia, que não adora segundo minha liturgia e que não compartilha minhas idéias? Limito o Reino de Deus àqueles que pensam como eu? A afirmação desta passagem é um desafio e uma prova que devemos nos aplicar a nós mesmos; a declaração de Marcos e Lucas é uma afirmação que devemos aplicar a outros. Porque sempre devemos nos julgar a nós mesmos de maneira estrita e a outros com tolerância.

O PECADO QUE ESTÁ ALÉM DO PERDÃO

Mateus 12: 31-33

É surpreendente achar na boca de Jesus, o Salvador dos homens, palavras sobre um pecado imperdoável. É tão surpreendente que houve quem quis tirar o agudo caráter definitivo da expressão. Alguns sustentam que se trata de outro exemplo dessa forma vívida que têm os orientais de dizer as coisas. Seria o mesmo caso, por exemplo, que

quando Jesus disse que alguém deve *odiar* a seu pai e a sua mãe para ser um autêntico discípulo de Cristo. Portanto, não terei que entendê-la em toda sua terrível acepção literal, antes ver nela a afirmação de que o pecado contra o Espírito Santo é algo sobremaneira espantoso. Citam-se algumas passagens do Antigo Testamento para apoiar essa hipótese: “Mas a pessoa que fizer alguma coisa *atrevidamente*, quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injúria ao SENHOR; tal pessoa será *eliminada do meio do seu povo*, pois desprezou a palavra do SENHOR e violou o seu mandamento; será *eliminada essa pessoa*.” (Núm. 15:30-31). “Portanto, jurei à casa de Eli que *nunca lhe será expiada* a iniquidade, nem com sacrifício, nem com oferta de manjares” (1 Samuel 3:14). “Mas o SENHOR dos Exércitos se declara aos meus ouvidos, dizendo: Certamente, esta maldade *não será perdoada, até que morrais*, diz o Senhor, o SENHOR dos Exércitos” (Isaías 22:14). Afirma-se que estes textos dizem algo muito semelhante ao que disse Jesus e que não fazem mais que insistir sobre a natureza grave e terrível do pecado em questão. A única coisa que podemos dizer é que estes textos do Antigo Testamento não têm o mesmo peso, nem produzem a mesma impressão. Há algo muito mais alarmante em ouvir palavras a respeito de um pecado que não tem perdão da boca dAquele que era o amor encarnado de Deus,

Há uma parte da frase de Jesus que nos é intrigante. São as palavras de Jesus a respeito de que se pode perdoar um pecado contra o Filho do Homem, enquanto que um pecado contra o Espírito Santo é imperdoável. Mateus já havia dito que Jesus é a pedra de toque de toda verdade (Mateus 10:32-33); e é difícil perceber a diferença entre estes dois pecados. Mas pode ser que no fundo o que acontece é que se entendeu mal o que Jesus disse. Já vimos (ver os comentários sobre Mateus 12:1-8) que a frase hebraica *filho de homem* só significa *um homem*, e que os judeus empregavam esta frase quando queriam falar de *qualquer homem*. Onde nós diríamos: "Havia um homem..." o rabino judeu diria: "Havia um filho de homem..." Pode ser que o que disse Jesus fosse o seguinte:

"Se algum homem disser algo contra um homem, ser-lhe-á perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado." Pode ser que confundamos a um mero mensageiro terrestre com Deus. Mas não podemos nos confundir – a menos que o façamos a propósito – quando Deus nos fala por meio de seu Espírito Santo. Um mensageiro humano sempre corre o risco de equivocar-se, mas o mensageiro divino sempre fala em forma tão clara que só pode ser mal-interpretado de propósito. Alguém pode desobedecer ou ignorar o profeta na praça ou ao pregador que está no púlpito, mas jamais pode desobedecer ou ter em pouco ao Espírito Santo que fala em seu coração.

Sem dúvida fica mais fácil compreender esta passagem se virmos a diferença entre os dois pecados como um pecado contra o mensageiro humano de Deus, o qual é sério, mas não imperdoável, e um pecado contra o mensageiro divino de Deus, que se faz a propósito e que, como veremos mais adiante, pode terminar sendo imperdoável.

A COMPREENSÃO PERDIDA

Mateus 12:31-33 (continuação)

Busquemos, então, entender o que Jesus quis dizer ao falar do pecado contra o Espírito Santo. Para compreender o que Jesus dizia há algo indispensável. Devemos tomar consciência de que Jesus não falava sobre o Espírito Santo *em todo o sentido cristão da palavra*. Não poderia havê-lo feito, visto que estava falando com escribas e rabinos judeus que não sabiam nada a respeito da doutrina do Espírito Santo. Por outro lado, tinha que vir o Pentecostes para que o Espírito Santo descesse sobre os homens em todo seu poder, luz e plenitude. É necessário interpretar esta passagem segundo a concepção judia do Espírito Santo. Qual era, então, a concepção *judaica* do Espírito Santo?

Segundo o ensino dos judeus, o Espírito Santo tinha duas funções supremas. Em primeiro lugar, o Espírito Santo trazia a luz aos homens; o Espírito Santo era o instrumento de Deus na revelação. Em segundo

lugar, o Espírito Santo permitia aos homens reconhecer e entender a verdade quando a viam; o Espírito Santo era o iluminador das mentes dos homens. De maneira que, do ponto de vista dos judeus, o homem precisava do Espírito Santo, tanto para receber para reconhecer a verdade de Deus. Tendo presente esta concepção judaica do Espírito Santo, podemos expressar isto de outro modo. *Existe no homem uma faculdade outorgada pelo Espírito que lhe permite reconhecer a bondade e a verdade quando está diante delas.*

Agora devemos dar outro passo em nosso intento de compreender o significado das palavras de Jesus. *O homem pode perder qualquer faculdade se se negar a usá-la.* Isto é certo em qualquer esfera da vida. É certo no plano físico; se alguém deixar de usar e exercitar alguns músculos, atrofiam-se e se fazem inúteis. Isto é certo no plano intelectual; são muitas as pessoas que no colégio em sua juventude aprenderam um pouco de latim ou de francês, mas qualquer conhecimento que tiveram desapareceu faz muito tempo porque não o usaram nem se exercitaram nele. É certo a respeito de qualquer tipo de percepções ou compreensões. Pode-se perder sua avaliação pela boa música se sempre se ouvir música de baixa qualidade. Pode-se perder a capacidade de ler bons livros se só se lerem produtos efêmeros. Pode-se perder a faculdade de desfrutar do prazer limpo, são e puro se durante muito tempo se encontra prazer em coisas baixas e impuras. *De maneira que o homem pode perder a capacidade de reconhecer a bondade e a verdade quando está diante delas.* Se durante o tempo suficiente fecha seus olhos e ouvidos ao caminho de Deus e segue seu próprio caminho; se durante muito tempo se nega a prestar atenção à guia que Deus lhe oferece, se durante muito tempo dá as costas aos mensageiros que Deus lhe envia, se durante muito tempo prefere suas próprias idéias humanas às idéias que Deus trata de lhe inculcar, por último chega a um ponto no qual não é capaz de reconhecer a verdade, a beleza e a bondade de Deus quando se depara com elas. Chega um momento em que seu próprio mal lhe aparece como algo bom, e o bem de Deus lhe apresenta como algo

mau. Esse era o estado ao que tinham chegado estes escribas e fariseus. Tinham permanecido cegos e surdos à guia da mão de Deus e aos impulsos de seu Espírito durante tanto tempo, obstinado-se a seu próprio caminho durante tanto tempo, que tinham chegado a um ponto em que não podiam reconhecer a verdade e a bondade de Deus quando a tinham diante dos olhos. Eram capazes de olhar o bem encarnado e considerá-lo como a encarnação do mal. Eram capazes de olhar ao Filho de Deus e dizer que era o aliado do demônio. O pecado contra o Espírito Santo é o pecado de rechaçar a vontade de Deus tão freqüentemente e com tanta insistência que por último não se pode reconhecê-la quando se apresenta com toda clareza.

Mas por que deve ser *imperdoável* esse pecado? O que é o que o diferencia tanto de todos os outros pecados? A resposta é simples. *Quando o homem chega a esse estado, é-lhe impossível arrepender-se.* Se a gente não pode reconhecer o bem quando o vê, não pode desejar o bem. Se a gente não pode reconhecer que o mal é mal, não pode arrepender-se dele, aborrecê-lo e desejar afastar-se dele. E se não pode, apesar dos fracassos, amar o bem e odiar o mal, não pode arrepender-se. E se não se pode arrepender não pode ser perdoado, porque o arrependimento é a única condição necessária para o perdão. Muitas tristezas seriam evitadas se as pessoas se dessem conta de que a única pessoa que não pode ter cometido o pecado contra o Espírito Santo é aquela que teme tê-lo feito porque o pecado contra o Espírito Santo se pode descrever com exatidão como a perda de todo o senso do pecado.

A esse estado tinham chegado os escribas e fariseus. Durante tanto tempo tinham permanecido deliberadamente cegos e surdos a Deus, que tinham perdido a capacidade de reconhecer a Deus quando se viram enfrentados com ele. Não era Deus quem os tinha rechaçado ou quem os tinha excluído de toda possibilidade de perdão. excluíram-se por si mesmos, porque anos e anos de resistência contra Deus os tinham convertido no que eram.

Há nestas palavras uma advertência. Devemos ouvir a Deus todos os dias de maneira tal que nunca desapareça nossa sensibilidade, que nunca deixemos de estar alerta, que nosso ouvido espiritual não se converta em surdez espiritual. É uma virtude o não ouvir mais que o que se ouve, e o ouvir só aquilo para o qual alguém se preparou.

Há um conto sobre um homem de campo que foi ao escritório de um amigo da cidade. Pelas janelas entrava todo o barulho do trânsito. De repente o camponês disse: "Escuta!" "O que acontece?", perguntou o amigo da cidade. "Um grilo", respondeu o camponês. Por ter ouvido durante anos os sons do campo seus ouvidos se acostumaram a eles, enquanto que o habitante da cidade jamais podia ouvi-los. Entretanto, se tivesse caído uma moeda de prata, o som da prata teria chegado imediatamente aos ouvidos do homem que se dedicava a fazer dinheiro, enquanto que possivelmente o homem de campo jamais o tivesse ouvido. Só o especialista, o homem que se capacitou a ouvi-lo, poderá reconhecer o canto de cada pássaro individual no conjunto deles. Só o especialista, o homem que se treinou nisso, distinguirá cada um dos instrumentos da orquestra e reconhecerá uma solitária nota equivocada dos segundos violinos. É uma lei da vida o ouvirmos só aquilo para o qual nos treinamos. Devemos ouvir a Deus cada dia para que sua voz não se faça cada vez mais fraca até que já não podemos ouvi-la, e sim cada vez mais clara até que se transforme no som para o qual nossos ouvidos estão mais dispostos.

Jesus termina, pois, com o desafio: "Se fiz uma boa ação, devem reconhecer que sou um homem bom; se fiz uma má ação podem pensar que sou um homem mau. Só se pode conhecer a qualidade de uma árvore por seus frutos, e o caráter de um homem por seus atos."

Mas o que sucede se alguém se tornou tão cego no que respeita a Deus que é incapaz de reconhecer a bondade quando a tem diante dos olhos?

CORAÇÕES E PALAVRAS**Mateus 12:34-37**

Não é surpreendente que Jesus tenha decidido falar aqui sobre a imensa responsabilidade das palavras. Os escribas e fariseus acabavam de pronunciar as palavras mais terríveis. Tinham visto o Filho de Deus e o tinham chamado aliado do demônio. Essas palavras eram sem dúvida algo espantoso. De maneira que Jesus estabeleceu duas leis.

(1) Pode-se ver o estado do coração de um homem mediante as palavras que pronuncia. Faz muito tempo, o dramaturgo grego Menandro, havia dito: "Pode-se conhecer o caráter de um homem por suas palavras." O que está no coração só pode sair à superfície por meio das palavras. O homem só pode tirar a lume por seus lábios aquilo que tem em seu coração. É algo evidente que não há nada tão revelador como as palavras. Não precisamos falar muito tempo com alguém para descobrir se sua mente é pura ou não. Não precisamos ouvi-lo durante muito tempo para descobrir se tem uma mentalidade generosa e amável ou uma mente cruel, indiferente, crítica. Não precisamos ouvir durante muito tempo a alguém que prega ou ensina para descobrir se sua mente é clara e lúcida ou confusa e complicada. Revelamos continuamente o que somos mediante o que dizemos.

(2) Jesus afirmou que o homem prestaria contas de maneira especial por suas palavras ociosas. A palavra que se emprega para significar ociosa é *aergos*; *ergon* é a palavra grega que quer dizer *um ato* ou *ação*. O prefixo *a* significa *sem*. *Aergos* descrevia aquilo que *não estava destinado a produzir nada*. Emprega-se ao referir-se a uma árvore estéril, à terra que não está semeada, ao dia de sábado em que não se podia fazer nada, a um homem preguiçoso. Jesus disse algo que é profundamente certo: De fato, há duas grandes verdades nesta passagem.

(a) As palavras que alguém pronuncia em seus momentos de descuido, as que diz sem pensar, as que emite quando desaparecem as barreiras das convenções sociais, essas palavras são as que mostram o

que realmente é. Como diz Plummer: "A palavra que se diz com muito cuidado pode ser uma hipocrisia calculada." Quando alguém está em guarda de maneira consciente, terá muito cuidado com o que diz e como o diz. Mas quando não se cuida, quando não se preocupa com o que diz, suas palavras revelam sua personalidade. É muito possível que as palavras que um homem pronuncia em público sejam finas e nobres, e que suas conversações particulares sejam grosseiras e injuriosas. Em público escolhe com cuidado o que diz, em particular deixa cair todas as barreiras e de seus lábios pode sair qualquer tipo de palavras. O mesmo acontece com a ira: os homens dizem o que pensam realmente quando sentarem ira, dizem o que gostariam de dizer durante muito tempo mas o frio controle da prudência o impediu. Mais de uma pessoa é um modelo de cortesia e encanto em público, quando sabe que o observam e se cuida com esmero do que diz. Enquanto que em sua casa é um horrível exemplo de irritabilidade, sarcasmo, mau humor, protesto, e tudo porque considera que não precisa cuidar-se porque não há ninguém que o observa. É algo humilhante, e ao mesmo tempo é uma advertência, recordar que as palavras que mostram o que somos são as que pronunciamos quando baixamos a guarda.

(b) Frequentemente estas palavras são as que provocam o maior mal. Quando um homem experimenta ira pode dizer coisas que jamais teria dito se tivesse exercido o controle. Logo pode afirmar que não quis dizer o que disse, mas isso não o exime da responsabilidade de tê-lo dito. Por outro lado, o fato de tê-lo dito costuma deixar uma ferida que nada pode curar e levanta uma barreira que nada poderá derrubar. Alguém pode dizer em um momento de distensão algo grosseiro e questionável que jamais teria dito em público, e isso pode permanecer na memória de alguém que jamais o esquecerá . Pitágoras, o filósofo grego, disse: "Deves preferir atirar uma pedra por equívoco antes que pronunciares uma palavra por equívoco." Uma vez proferida a palavra que fere ou suja, não há nada que a faça voltar atrás, e segue um caminho de destruição, em qualquer lugar que for.

Cada homem deve analisar-se a si mesmo. Deve examinar suas palavras para poder descobrir o estado de seu coração. E deve recordar que Deus não o julga pelas palavras que pronuncia com cuidado e premeditação, mas sim pelas que pronuncia quando desapareceram todas as barreiras convencionais e os verdadeiros sentimentos de seu coração aparecem na superfície.

O ÚNICO SINAL

Mateus 12:38-42

"Os judeus", disse Paulo, "pedem sinais" (1 Coríntios 1:22). Era típico dos judeus exigir sinais e prodígios aos que se proclamavam mensageiros de Deus. Era como se dissessem: "Prove suas afirmações, e mostre seus créditos, fazendo algo extraordinário."

Edersheim cita uma passagem das histórias rabínicas para ilustrar a classe de coisas que a opinião popular esperava do Messias: "Quando perguntaram a certo rabino sobre o momento da vinda do Messias, este disse: 'Temo que também me pedirão um sinal.' Quando seus discípulos lhe prometeram que não fariam tal coisa, o rabino lhes disse que cairia a porta de Roma e seria reconstruída, e voltaria a cair, e não haveria tempo de restaurá-la antes da chegada do Filho de Davi. Quando acabou de pronunciar estas palavras pediram-lhe um sinal, apesar de seus protestos. Deu-lhes um sinal: as águas que brotavam da caverna de Banías se converteram em sangue. Quando se desafiou o ensino do rabino Eliézer, este apelou a certos sinais. Em primeiro lugar, uma planta se moveu quando ele ordenou que o fizesse; segundo alguns foram quarenta e cinco metros, segundo outros, cento e oitenta. Depois obrigou aos canais de água a retroceder. As paredes da academia se inclinaram para adiante, e só se detiveram quando o ordenou outro rabino. Por último, Eliézer exclamou: 'Se a Lei for como eu a ensino, que o céu o demonstre.' Chegou uma voz do céu que disse: 'O que vocês têm a dizer do rabino Eliézer, visto que a instrução é como ele a ensina?' "

Este era o tipo de sinal que os judeus esperavam. E o esperavam porque eram culpados de um pecado fundamental e básico. Queriam ver Deus no *incomum*. Esqueciam que nunca estamos mais perto de Deus e Deus nunca se manifesta tão perto de nós de modo tão contínuo como nas coisas mais simples de todos os dias.

Jesus os chama geração má e adúltera. Não se deve tomar a palavra *adúltera* ao pé da letra: significa apóstata. Atrás dela há uma imagem profética do Antigo Testamento que era muito conhecida naquela época. O relação entre o Israel e Deus se concebia como um vínculo matrimonial. Deus era o marido de Israel e Israel era a esposa de Deus. Quando Israel era infiel e dava seu amor a outro deus se dizia que a nação era adúltera e que se oferecia a deuses estranhos. Jeremias 3:6-11 é uma passagem típica. Nele se diz que a nação foi acima de todo monte alto e debaixo de toda árvore frondosa e ali fornicou, inclusive quando Israel apostatou e Deus se divorciou dela por sua infidelidade, Judá não fez caso da advertência e seguiu fornicando. Suas fornicções poluíram a terra e adulterou com as pedras e os lenhos. A palavra descreve algo pior que o adultério físico, descreve a infidelidade a Deus da qual surge todo pecado, físico e espiritual.

Jesus diz que o único sinal que se dará a esta nação será o *de Jonas, o profeta*. Ora, aqui nos encontramos com um problema. Mateus diz que o sinal é que, assim como Jonas esteve no ventre do grande peixe durante três dias e três noites, o Filho do Homem estará no coração da Terra durante três dias e três noites. Devemos assinalar que estas não são as palavras de Jesus, e sim a explicação de Mateus. Quando Lucas fala do incidente (Lucas 11:29-32) não menciona o fato de que Jonas esteve no ventre do grande peixe. Limita-se a afirmar que Jesus disse: "Porque assim como Jonas foi sinal aos ninivitas, também o será o Filho do Homem a esta geração" (Lucas 11:30). O fato é que Mateus compreendeu mal o que Jesus disse. Ao fazê-lo cometeu um engano estranho, porque Jesus não esteve no coração da Terra durante três noites mas apenas dois. Foi enterrado durante a noite da primeira Sexta-feira

Santa e ressuscitou à manhã do primeiro Domingo de Páscoa. O que acontece é que para os ninivitas o *próprio Jonas* era o sinal de Deus, e as palavras do Jonas eram a mensagem de Deus.

O que diz Jesus é o seguinte: "Pedem um sinal – *eu sou o sinal de Deus*. Vocês não me reconheceram. Os ninivitas reconheceram a advertência de Deus em Jonas, a rainha de Sabá reconheceu a sabedoria de Deus em Salomão. Em mim chegou a vocês uma sabedoria superior a que Salomão jamais teve, e uma mensagem maior que a que jamais trouxe Jonas – mas vocês são tão cegos que não podem ver a verdade e tão surdos que não podem escutar a advertência. E por essa mesma razão chegará o dia em que estas pessoas da antiguidade que reconheceram a Deus quando o tiveram frente a elas atestarão contra vocês, que tiveram uma oportunidade muito maior e não puderam reconhecer a Deus, porque se negaram a fazê-lo."

Aqui há uma verdade tremenda – *Jesus é o sinal de Deus*. Assim como Jonas foi a mensagem de Deus aos ninivitas e Salomão foi a sabedoria de Deus para a rainha do Sabá. Em Jesus nos confrontamos com Deus; e a única pergunta autêntica que podemos nos fazer na vida é a seguinte: "Qual é nossa reação quando nos confrontamos com Deus em Jesus Cristo?" Acaso é uma aberta hostilidade, como foi com os escribas e fariseus? Ou é uma aceitação humilde da advertência de Deus e sua verdade, como no caso do povo de Nínive e da rainha de Sabá? A pergunta fundamental da vida é: "O que você pensa de Cristo?"

O PERIGO DO CORAÇÃO VAZIO

Mateus 12:43-45

Nesta pequena e compacta parábola a respeito da casa invadida encontramos todo um mundo da verdade mais prática.

(1) Devemos notar que o espírito imundo é expulso do homem, não destruído. Isso quer dizer que no momento atual se pode vencer o mal, pode-se rechaçá-lo, expulsá-lo; mas não se pode destruí-lo. O mal

sempre está à espreita da oportunidade para contra-atacar e para reconquistar o terreno que perdeu. O mal é uma força que foi afastada mas não eliminada.

(2) Isso significa que uma religião negativa nunca é suficiente. Uma religião que consiste em *Não farás...* está condenada ao fracasso. O problema com uma religião desse tipo é que pode limpar a um homem, mediante proibições sobre todos os maus hábitos e atitudes, mas *não pode mantê-lo limpo*.

Apliquemos isto à prática cotidiana. Pode-se reformar a um bêbado, ele pode decidir que não voltará a passar o dia no bar, mas deve encontrar outra coisa para fazer, deve encontrar algo em que ocupar o tempo livre, do contrário voltará a cair em seus maus hábitos. Um homem cuja preocupação constante foi o prazer pode decidir terminar com esse tipo de vida. Mas deve encontrar algo com o que ocupar sua vida e seu tempo, do contrário, devido ao vazio que encontra em sua vida, voltará a suas aventuras. A vida do homem não só se deve esterilizar do mal, deve frutificar no bem. Sempre será certo que "Satanás sempre encontra alguma coisa má para que as mãos ociosas o façam". E se se faz desaparecer um tipo de atitude, é preciso substituí-la por outro, porque a vida não pode permanecer vazia.

(3) De maneira que de tudo isto se conclui que a única cura real e permanente para a ação má é a ação cristã. Qualquer ensino que se limita a dizer ao homem o que não deve fazer está condenado ao fracasso; deve continuar dizendo a ele o que deve fazer. A enfermidade fatal é o tempo livre; até o tempo livre esterilizado em pouco tempo se infectará. A forma mais fácil de dominar as coisas ruins que crescem no jardim é enchê-lo com coisas úteis, embora sejam só batatas. A forma mais fácil de manter uma vida livre de pecado é enchendo-a com uma ação sã.

Para dizê-lo de uma maneira simples: a Igreja manterá com maior facilidade ao que se convertem se lhes dá um trabalho cristão para fazer. Nosso objetivo não é a mera ausência negativa de ações más; é a presença positiva de vida e obras para Cristo. Se sentimos que as

tentações do mal são muito poderosas, uma das melhores maneiras de vencê-las é esquecendo-as e envolvendo-nos em alguma atividade para Deus e para nosso próximo.

O VERDADEIRO PARENTESCO

Mateus 12:46-50

Uma das maiores tragédias humanas da vida de Jesus foi que, durante a mesma, seus seres mais queridos não o compreenderam. "Nem mesmo seus irmãos", diz João, "criam nele" (João 7:5). Marcos nos diz que quando Jesus começou sua missão pública seus amigos buscaram detê-lo porque diziam que estava louco (Marcos 3:21). Parecia-lhes que estava empenhado em gastar sua vida em uma espécie de loucura.

Com muita freqüência tem acontecido que quando alguém embarcou no caminho de Jesus, aqueles que estavam mais perto dele e que mais o amavam não o compreenderam e inclusive o trataram com hostilidade. "Os únicos parentes de um cristão" disse um dos primeiros mártires, "são os santos." Muitos dos primeiros quakers sofreram esta amarga experiência. Quando Edward Burroughs começou a viver a nova vida, "seus pais, que se sentiam incomodados por seu 'espírito fanático' expulsaram-no de sua casa." Rogou com humildade a seu pai: "Permita ficar e ser seu servo. Farei o trabalho do moço a quem emprega. Permita ficar!" Mas, como diz seu biógrafo, "Seu pai permanecia impassível, e por muito que o moço amava sua casa e sua vizinhança, não deveria tornar a vê-los."

A verdadeira amizade e o amor autêntico se apóiam sobre certas coisas sem as quais não podem existir.

(1) A amizade se fundamenta sobre um ideal comum. Pessoas que provêm de ambientes muito diferentes, com estruturas mentais e métodos muito distintos podem ser muito amigos se tiverem diante de si um ideal comum para o qual trabalham e para o qual se inclinam. O ideal é o laço que os une.

(2) A amizade se apóia sobre uma experiência comum, e sobre as lembranças que traz essa experiência. A verdadeira amizade começa quando duas pessoas passaram juntos por uma experiência profunda e podem voltar seu olhar para ela.

(3) O verdadeiro amor se apóia sobre a obediência e nada mais. "Vós sois meus amigos", disse Jesus, "*se fazeis o que eu vos mando*" (João 15:14). Não há outra forma de demonstrar a realidade do amor a não ser pelo espírito de obediência.

Por todas estas razões é que nem sempre o parentesco autêntico é uma questão de relação de carne e sangue. É certo que o sangue é um laço que nada pode quebrar, e é certo que são muitos os homens que encontram sua alegria e sua paz no círculo de suas famílias. Mas também é certo que às vezes aqueles que estão mais perto de alguém e que mais o querem são os que menos o compreendem, e que essa pessoa encontra sua verdadeira comunhão com quem trabalha por um mesmo ideal e compartilham uma mesma experiência. Sobre isto não cabe nenhuma dúvida – embora um cristão descubra que aqueles que deveriam estar mais perto dele são os que menos simpatizam com ele, sempre pode estar seguro da companhia de Jesus Cristo e daqueles que amam ao Senhor.

Mateus 13

Muitas coisas em parábolas

O semeador saiu a semear - Mat. 13:1-9, 18-23

A palavra e aquele que a ouve - Mat. 13:1-9, 18-23 (cont.)

Não desesperar - Mat. 13:1-9, 18-23 (cont.)

A verdade e o ouvinte - Mat. 13:10-17, 34,35

A rigorosa lei da vida - Mat. 13:10-17, 34,35 (cont.)

A cegueira do homem e o propósito de Deus - Mat. 13:10-17, 34,35 (cont.)

A ação de um inimigo - Mat. 13:24-30, 36-43

O momento do juízo - Mat. 13:24-30, 36-43 (cont.)

O pequeno começo - Mat. 13:31-32

O poder transformador de Cristo - Mat. 13:33

A ação da levedura - Mat. 13:33

Tudo no trabalho do dia - Mat. 13:44

A pérola preciosa - Mat. 13:45-46

A pesca e a separação - Mat. 13:47-50

Tesouros velhos usados de modo novo - Mat. 13:51-52

A barreira da incredulidade - Mat. 13:53-58

MUITAS COISAS EM PARÁBOLAS

Mateus 13 é um capítulo muito importante dentro da estrutura geral do evangelho.

(1) Assinala uma mudança definitiva no ministério de Jesus. No começo de seu ministério o vemos ensinando nas *sinagogas*; mas agora o vemos ensinando à *beira-mar*. A mudança é muito significativa. Não se trata de que a porta da sinagoga finalmente lhe foi fechada, mas que lhe está sendo fechada. Na sinagoga poderia ainda ser bem recebido pelas pessoas comuns; mas os líderes oficiais da ortodoxia judia já estavam em aberta oposição contra Ele. Se agora entrava na sinagoga não seria só para encontrar uma multidão que estava ansiosa por ouvi-lo; também encontraria um grupo desconfiado de escribas, fariseus e anciãos que pesariam e analisariam detalhadamente cada uma de suas palavras para achar alguma acusação contra Ele, e observariam cada um de seus atos para transformá-lo em uma condenação. Uma das tragédias mais graves é que Jesus foi expulso da igreja da época. Mas isso não foi um obstáculo para que Ele seguisse formulando seu convite aos homens, porque quando lhe fecharam as portas das sinagogas, foi ao templo do ar livre e ensinou nas ruas das cidades, nos caminhos, junto ao lago e até nas casas de seus discípulos. O homem que tem uma mensagem autêntica e um autêntico desejo de transmiti-la, sempre encontrará uma forma de dá-la aos homens.

(2) O grande interesse deste capítulo é que nele vemos a Jesus empregando o método de ensino que o caracteriza: seu método de *ensinar por parábolas*. Já antes deste capítulo tinha empregado um método de ensino que tinha o germe das parábolas. A comparação do sal e da luz (5:13-16), a figura dos pássaros e dos lírios (6:26-30), o relato

do construtor sábio e o néscio (7:24-27), a ilustração das vestimentas e dos odres de vinho (9:16-17), a figura dos meninos que brincam na praça do mercado (11:16-17) são todas parábolas em embrião. São a verdade em imagens, mas neste capítulo é onde achamos plenamente desenvolvida e em toda sua vivacidade o ensino de Jesus por parábolas. Como disse alguém: "Qualquer outra coisa que tenha sido Jesus, não há a menor dúvida de que foi um dos mestres mais excelsos da narração." Antes de começar a estudar estas parábolas em detalhe, nos perguntemos por que Jesus empregou este método e quais são as vantagens didáticas que oferece.

(a) A parábola sempre transforma a *verdade em algo concreto*. São muito poucos os que podem perceber e entender as idéias abstratas; a maior parte das pessoas pensa em imagens. Poderíamos nos empenhar durante um longo tempo expressando em palavras o que é a *beleza* e no final das contas ninguém saberia muito mais do que sabia antes de começar. Mas se podemos apontar a alguém e dizer: "Essa pessoa é bonita", não se precisa seguir com a descrição. Poderíamos nos empenhar em definir a *bondade*, e não deixaríamos uma idéia clara dela nas mentes de nossos interlocutores. Mas qualquer um reconhece uma boa pessoa e uma boa ação quando estão diante de seus olhos. Para que seja compreendida, toda palavra importante deve fazer-se carne. Toda idéia fundamental deve adquirir uma forma e uma imagem em uma pessoa; e a primeira grande qualidade da parábola é que transforma a verdade em uma imagem que todos podem ver e compreender.

(b) Tem-se dito que todo grande ensino *começa pelo aqui e agora para chegar ao além e então*. Se alguém quer ensinar as pessoas algo que esta não entende, deve começar pelo que entende. A parábola começa com o material que está perto e que todos entendem porque pertence à sua própria experiência, e a partir dali os conduz a coisas que não entendem e lhes abre os olhos a coisas que não tinham visto antes. A parábola abre a mente e os olhos do homem a partir do lugar onde se encontra este homem, conduzindo-o ao ponto onde deveria estar.

(c) A grande virtude didática da parábola é que *despertava o interesse*. A forma mais segura de interessar as pessoas é contando histórias. A pessoa que relata contos sempre obtém a atenção das pessoas simples. A parábola põe a verdade sob o aspecto de um conto. De fato, a definição mais simples da parábola quer dizer que é "uma história terrestre com um significado celestial". As pessoas não escutam, e não se pode obter sua atenção, se não se interessarem pelo que lhes for dito. O que desperta e mantém o interesse das pessoas simples são os relatos, e a parábola é um relato.

(d) A parábola tem a grande virtude de permitir e obrigar o homem a *descobrir a verdade por si mesmo*. Não pensa por ele; diz-lhe: "Eis aqui uma história. Qual é a verdade que contém? O que significa *para você*? Descubra-a você mesmo." Há certas coisas que não se podem dizer a um homem, deve descobri-las por si mesmo. Walter Pater disse em uma oportunidade que não se pode dizer a verdade ao homem; só se pode pôr na posição de descobri-la por si mesmo. A menos que nós mesmos descubramos a verdade, esta é algo de segunda mão e exterior a nós. E mais: a menos que descubramos a verdade por nós mesmos, nós a esqueceremos com muita facilidade. Ao obrigar o homem a pensar por si mesmo e a tirar suas próprias conclusões, a parábola converte a verdade em algo real para ele e ao mesmo tempo a fixa na memória.

(e) O outro lado da moeda é que a parábola *esconde a verdade àqueles que são muito preguiçosos para pensar ou, pelo preconceito, estão muito cegos para poder ver*. A parábola põe a responsabilidade de maneira clara nas mãos do indivíduo. A parábola revela a verdade àquele que a deseja; esconde a verdade àquele que não quer vê-la.

(f) Devemos recordar um último elemento. Tal como Jesus a empregou, a parábola era *falada*, não lida. Seu impacto devia ser imediato, não o resultado de um estudo intenso com comentários e dicionários. Fazia com que a verdade iluminasse o homem de repente, tal como um raio ilumina a noite escura.

Isso significa duas coisas para nós em nosso estudo das parábolas. Em primeiro lugar, significa que devemos reunir todos os detalhes possíveis a respeito da vida na Palestina para que a parábola produza em nós a mesma impressão que produziu em quem a ouviu pela primeira vez. Devemos pensar, estudar e imaginar na mentalidade daqueles que a ouviram de lábios de Jesus. Em segundo lugar, significa que, em termos gerais, *a parábola tem um só significado*. A parábola não é uma alegoria; uma alegoria é uma história na qual cada detalhe possível tem um sentido intrínseco, mas uma alegoria é preciso *lê-la e estudá-la*; a parábola deve ser ouvida. Devemos nos cuidar muito bem de não transformar as parábolas em alegorias, e sim lembrar que sua intenção era fazer com que uma verdade penetrante entrasse na mente dos homens no exato momento em que a ouviam.

O SEMEADOR SAIU A SEMEAR

Mateus 13:1-9, 18-23

Aqui temos uma imagem que qualquer pessoa da Palestina era capaz de compreender. Aqui vemos Jesus empregando o aqui e agora para chegar ao lá e então. É muito provável que Jesus tenha empregado a barco como púlpito e que em algum dos campos vizinhos houvesse um semeador semeando. E nesse mesmo momento Jesus tomou como texto a esse semeador, que todos podiam ver, e começou: "Olhem a esse semeador que vai semeando suas sementes no campo!" Jesus partiu de algo que podiam ver nesse momento para abrir suas mentes a uma verdade que ainda não tinham visto jamais.

Na Palestina havia duas maneiras de semear. Podia-se semear lançando as sementes ao acaso, enquanto o semeador caminhava de um extremo ao outro do sulco. É claro que se nesse momento havia vento, parte da semente voaria a toda classe de terras e às vezes cairia fora do campo de quem semeava. O segundo método era mais confortável, e era comum empregá-lo na maioria das vezes. Colocava-se uma bolsa cheia

de semente no lombo de um burro, cortava-se uma ponta da bolsa e logo punha-se a andar o animal de um extremo a outro do terreno enquanto caía a semente. Nesse caso parte da semente podia cair quando o animal cruzava o caminho e desse modo não chegava ao campo.

Na Palestina os campos se dividiam em franjas largas e estreitas. A terra entre uma franja e outra se podia transitar com liberdade. Era usada como caminho e portanto estava tão dura como cimento pelo constante uso que os transeuntes faziam. A esta se referia Jesus quando mencionou o *caminho* [RA: “à beira do caminho”] Se alguma semente caía ali, e sem dúvida cairia, qualquer que fosse o método que se empregasse para semear, não tinha mais oportunidade de penetrar na terra do que se tivesse caído sobre a estrada.

Os *pedregais* [RA: “solo rochoso”] não eram terrenos que estavam cobertos de pedras. Tratava-se de algo que é muito comum na Palestina, uma fina capa de terra sobre uma base de rocha calcária: a terra podia ter só alguns centímetros antes de chegar à rocha. Sem dúvida a semente germinaria nessa terra; e o fazia com rapidez, porque esse terreno logo era aquecido pelo sol. Mas a terra não era profunda e quando deitasse suas raízes para baixo em busca de alimento e umidade, não encontraria mais que rocha e morreria de fome, e ao mesmo tempo seria incapaz de tolerar o calor do sol.

O *solo cheio de espinhos* [RA: “entre os espinhos”] era enganoso. Quando o semeador pulverizasse a semente, o solo pareceria estar muito limpo. É fácil fazer que um jardim pareça limpo, limitando-se a revolver a terra; mas ficam as sementes dos cardos e os espinhos, prontos para voltar a sair. Todos os jardineiros sabem que os espinhos crescem a um ritmo e com um vigor que poucas plantas conseguem igualar. O resultado foi que a boa semente e o joio que estavam adormecidos cresceram juntos. Mas os espinhos eram tão fortes que afogaram a vida da semente e esta morreu, enquanto que aqueles floresceram.

A *boa terra* era profunda, limpa e suave. A semente podia penetrar, podia encontrar alimento, podia crescer sem obstáculos e a boa terra produziu uma colheita abundante.

A PALAVRA E AQUELE QUE A OUVI

Mateus 13:1-9, 18-13 (continuação)

Em realidade, esta parábola tem um impacto; dirige-se a dois grupos de pessoas.

(a) Dirige-se a *quem ouve a palavra*. Com freqüência os estudiosos sustentam que a interpretação da parábola que aparece nos versos 18-23 não pertence a Jesus, e sim aos pregadores da Igreja primitiva. Afirmam, além disso, que não é uma interpretação correta. Diz-se que transgride a lei segundo a qual uma parábola não é uma alegoria, e que é muito detalhada para que os ouvintes a compreendam ao ouvi-la pela primeira vez. Se Jesus apontou a um semeador que estava pulverizando sua semente nesse momento, a objeção não parece válida. E, de todos os modos, a interpretação que identifica os diferentes tipos de solo com os distintos ouvintes sempre ocupou um lugar de preferência dentro da Igreja, e deve proceder de uma fonte autorizada, e se for assim, por que não do próprio Jesus?

Se tomarmos esta parábola como um advertência aos ouvintes, significa que há diferentes maneiras de aceitar a palavra de Deus, e o fruto que produz depende do coração daquele que a aceita. O destino de qualquer palavra falada depende do ouvinte. Alguém disse: "A sorte de uma piada não reside na língua de quem o conta, e sim no ouvido de quem o escuta." Uma piada terá êxito quando é contada a alguém que tem senso de humor e que está disposto a rir. Fracassará quando quem a ouve careça do senso de humor ou decide que nada o divertirá. Quais são então os ouvintes que recebem uma advertência nesta parábola?

(1) O ouvinte *de mente fechada*. Existem aqueles em cuja mente a palavra tem tão poucas possibilidades de penetrar como a semente que

cai sobre um terreno pisado por muita gente. São muitas as coisas que podem fechar a mente de uma pessoa. O preconceito pode fazer que um homem fique cego para tudo o que não quer ver. A pessoa a quem não se pode ensinar nada pode construir uma barreira que não se pode derrubar facilmente. Pode provir de duas coisas. Pode ser o resultado do orgulho que não sabe que precisa conhecer. E pode ser o resultado do temor a novas verdades e a negativa a embarcar-se em novas formas de pensar. Às vezes, um caráter imoral e a forma de vida de um homem podem fechar sua mente. Pode tratar-se de uma verdade que condena aquilo que ele ama, sua forma de vida e as coisas que faz. E mais de uma pessoa se nega a ouvir ou reconhecer a verdade que o condena, porque não há melhor surdo que quem não quer ouvir.

(2) O ouvinte cuja *mente é semelhante aos pedregais*. É o homem que se nega a pensar nas coisas e pensá-las a fundo. Há pessoas que estão à mercê de todas as modas. Adotam rapidamente algo e com a mesma rapidez o abandonam. Sempre devem estar à última palavra. Começam com entusiasmo um novo passatempo, ou a adquirir uma nova habilidade, logo as coisas se tornam difíceis e abandonam, ou o entusiasmo decresce e o deixam de lado. A vida de algumas pessoas está abarrotada de coisas que começaram e jamais terminaram. As pessoas podem ser assim com a Palavra. Quando a ouvem podem sentir que lhe tremem até os pés com uma reação emotiva; mas ninguém pode viver de uma emoção. O homem tem uma mente e é uma obrigação moral possuir uma fé inteligente. O cristianismo tem suas exigências e precisa confrontar-se com elas antes de poder aceitá-lo. O oferecimento de Cristo não é só um privilégio, também é uma responsabilidade. Um entusiasmo repentino sempre pode transformar-se com a mesma rapidez em um fogo moribundo.

(3) O ouvinte que tem *tantos interesses na vida que algumas coisas, e freqüentemente as mais importantes, ficam afogadas*. O que caracteriza a vida moderna é que cada vez está mais cheia de coisas e cada vez se acelera mais. O homem está muito ocupado para ter tempo de orar.

Preocupa-se com tantas coisas que se esquece de estudar a Palavra de Deus. Pode-se realizar tantas comissões, obras de beneficência e trabalhos de caridade que não sobra quase tempo para dedicar Àquele de quem procede todo amor e todo serviço. Seu trabalho pode absorvê-lo de maneira tal que se sente muito cansado para pensar em qualquer outra coisa. As coisas perigosas não são aquelas que evidentemente são más. São as coisas boas, porque "o bom é o pior inimigo do melhor." Nem sequer se trata de que o homem faça desaparecer de sua vida a oração, a Bíblia e a Igreja, mas sim pensa nelas com freqüência e desejaria poder dedicar-lhes algum momento, mas, de algum modo, nunca chega a fazê-lo porque sua vida está muito ocupada. Sempre devemos tomar cuidado em não fazer desaparecer a Jesus do lugar mais alto na vida.

(4) O homem que é *como a boa terra*. Em sua recepção da Palavra se dão quatro estágios. Como a boa terra, *sua mente está aberta*. Sempre está desejando aprender. Está disposto a ouvir. Nunca é muito orgulhoso nem está muito ocupado para ouvir. Mais de uma pessoa se teria poupado de muitos dissabores se tivesse parado para ouvir a voz de um amigo prudente, ou a voz de Deus. *Compreende*. Pensou todo o assunto e sabe o que significa para ele, e está disposto a aceitá-lo. *Traduz em ação o que ouve*. Produz o bom fruto da boa semente. O ouvinte autêntico é aquele que ouve, que compreende e que obedece.

NÃO DESESPERAR

Mateus 13:1-9, 18-23 (continuação)

(b) Ao começar nosso estudo desta parábola dissemos que tinha um duplo impacto. Analisamos o efeito que devia ter sobre *aqueles que ouvem a palavra*. Mas também devia exercer impacto sobre *aqueles que pregam a palavra*. Não só devia dizer algo às multidões que ouviam como também devia dizer algo ao círculo íntimo dos discípulos.

Não é difícil perceber que, em alguns momentos, os discípulos deviam experimentar certo desengano em seus espíritos. Para eles Jesus

era tudo; o mais sábio e mais maravilhoso de todos os homens. Mas, do ponto de vista humano, não tinha muito êxito. As portas da sinagoga estavam fechando para Ele. Os líderes da religião ortodoxa eram seus críticos mais acérrimos e não cabia a menor dúvida de que projetavam sua ruína. Era certo que as multidões saíam a ouvi-lo, mas eram tão poucos os que realmente mudavam, e eram tantos os que se aproximavam dEle com o único propósito de tirar alguma vantagem de seu poder de cura e que, uma vez que o tinham recebido, afastavam-se e o esqueciam. Havia tantos que se aproximavam de Jesus só pelo que podiam tirar dEle. Os discípulos se encontravam ante uma situação na qual Jesus parecia limitar-se a provocar hostilidade entre os líderes religiosos e nada mais que uma efêmera resposta na multidão. Não deve nos surpreender que em certos momentos os discípulos sentissem certa frustração e desalento. O que, então, diz a parábola ao pregador que se sente desanimado?

A lição da parábola para os desalentados é muito clara – o ensino é que *a colheita é certa*. Para eles a lição está no momento culminante da parábola, na imagem da semente da palavra que produziu fruto abundante. Parte da semente pode cair no caminho e ser comida pelos pássaros. Parte dela pode cair em terreno pouco profundo e não chegar nunca à maturidade. Uma porção da semente pode cair entre espinheiros e morrer afogada. Mas apesar de tudo isso vem a colheita, a colheita é segura. Nenhum agricultor pretende jamais que cada uma das sementes que germine e dê fruto. Sabe muito que a algumas serão levadas pelo vento e outras cairão em terreno onde não possa crescer. Mas isso não o impede de semear, nem o leva a abandonar toda esperança de colher. O agricultor semeia com esperança de que, embora parte da semente se perca, chegará a colheita.

De maneira que esta parábola estimula aqueles que semeiam a semente da Palavra.

(1) Quando alguém semeia a semente da Palavra não sabe o que faz e que efeito tem a semente.

H. L. Gee relata uma história em um de seus livros. Na igreja a que assistia havia um ancião solitário, o velho Tomam. Tomam tinha vivido mais que todos os seus amigos e quase ninguém o conhecia. Tomam morreu, H. L. Gee teve o pressentimento de que ninguém iria a seu funeral e decidiu assistir para que pelo menos uma pessoa o acompanhasse até a última morada. Não havia ninguém. Era um dia rude e úmido. Chegaram ao cemitério. Isto sucedeu durante a guerra e na porta do cemitério havia um soldado esperando. Era um oficial mas não tinha nenhuma insígnia sobre o impermeável. O soldado se aproximou da tumba para assistir à cerimônia. Quando terminou deu um passo adiante, parou diante da tumba e fez uma saudação digna de um rei. H. L. Gee se afastou do lugar junto ao soldado. Enquanto caminhavam o vento fez com que o impermeável se abrisse e Gee pôde ver suas insígnias. Era nada menos que um brigadeiro. O soldado disse a Gee: "Possivelmente você se pergunte o que faço aqui. Faz muitos anos Tomam foi meu professor na escola dominical. Eu era um menino muito peralta e o torturava. Nunca soube o que fez por mim, mas ao velho Tomam devo tudo o que sou e o que possivelmente chegue a ser, e hoje tinha que vir para saudá-lo." Tomás não sabia o que fazia. Nenhum professor ou pregador jamais sabe. Nossa tarefa é semear a semente e, sem nos desalentar, deixar o resto em mãos de Deus.

(2) Quando alguém semeia a semente não pode e não deve esperar resultados imediatos. Na natureza o crescimento nunca tem pressa. Passa muito, muito tempo antes que uma bolota se converta em um carvalho; e pode passar muito, muito tempo antes que a semente germine no coração de um homem. Mas com muita freqüência uma palavra que caiu no coração de um homem quando era menino permanece dormida até que um dia desperta e o liberta de uma grande tentação e salva a sua alma da morte. Vivemos em uma época que espera resultados imediatos, mas ao semear a semente devemos fazê-lo com paciência e esperança, e às vezes devemos esperar a colheita durante anos.

A VERDADE E O OUVINTE**Mateus 13:10-17, 34, 35**

Esta passagem está cheia de coisas difíceis. Devemos tomar tempo para descobrir seu significado. Em primeiro lugar, há duas coisas gerais no começo e se as compreendermos nos ajudarão a iluminar toda a passagem.

No versículo 11 diz: “a vós outros é dado conhecer os *mistérios* do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido”. Nos tempos do Novo Testamento se empregava a palavra *mistério* (*musterion*) em uma forma especial e técnica. Para nós, mistério designa algo que é difícil, obscuro e impossível de entender, algo *misterioso*. Mas na época do Novo Testamento *mistério* era o nome técnico que designava algo obscuro e ininteligível para o estranho mas que era claro como a água para o iniciado que tinha aprendido a compreender seu significado. Nos tempos de Jesus, tanto na Grécia como em Roma a religião mais intensa e autêntica devia ser procurada nas *religiões de mistério*. Todas estas religiões tinham algo em comum. Em essência eram autos de fé nos quais se relatava em forma de drama a história de algum deus ou deusa que tinha vivido, sofrido, trabalhado e morto e que havia tornado a ressuscitar para a bem-aventurança.

O iniciado recebia uma longa instrução que lhe explicava o significado oculto do drama. O curso durava meses e até anos. Antes de que receber a permissão para presenciar o drama devia passar por um período de jejum e abstinência. Fazia-se todo o possível para suscitar nele um estado de emoção, excitação e expectativa. Logo era levado a presenciar o auto de fé. Preparava-se a atmosfera com muito cuidado: a iluminação era cautelosa, havia incenso e perfumes, música sensual, em muitos casos havia uma liturgia muito nobre. Logo se representava o drama; sua intenção era produzir no adorador uma identificação total com o deus ou a deusa cuja história se relatava no cenário. pretendia-se que o iniciado compartilhasse, literalmente, a vida, sofrimentos, morte e

ressurreição da divindade. Supunha-se que devia viver com o deus, morrer com o deus e ressuscitar com ele. A intenção era que se identificasse com o deus de tal maneira que compartilhasse sua morte e ressurreição e, portanto, sua vida depois da ressurreição e sua imortalidade. O iniciado exclamava no fim da representação: "Eu sou você e você é eu."

Tomemos um exemplo do tipo de relato que se representava e oferecia como drama. Um dos mistérios mais famosos era o de Isis. Osíris era um deus sábio e bom. Set, seu malvado irmão, odiava-o, e com setenta e dois conspiradores o convenceu de que assistisse a um banquete. Uma vez ali o persuadiu para que entrasse em um ataúde muito bem lavrado que estava feito à sua medida. Quando Osíris estava no ataúde se fechou a tampa e o jogaram no Nilo. Depois de uma busca longa e cansativa, Isis, a esposa do Osíris, encontrou o ataúde e o levou a sua casa. Mas em um momento em que Isis saiu de sua casa, voltou o malvado Set, roubou o corpo do Osíris, cortou-o em quatorze pedaços e o espalhou por todo o Egito. Uma vez mais Isis saiu a procurá-lo extenuante e dolorosa. Depois de uma longa viagem, encontrou todas as partes, as quais, por um poder misterioso voltaram a unir-se e Osíris ressuscitou dos mortos. A partir desse momento se converteu no rei imortal dos vivos e os mortos.

É fácil imaginar quão comovedora poderia ser uma história deste tipo para alguém que tinha passado por um longa instrução e que a observava em um ambiente cuidadosamente preparado. Nela se encontra a história do rei bom, o ataque do pecado, a dolorosa busca do amor, a ressurreição a uma vida que venceu a morte. O fiel devia identificar-se com esta experiência e se esperava que devia emergir dela, segundo a famosa frase das religiões de mistério, "renascido para a eternidade".

Isso é um mistério. Um mistério era algo que carecia de sentido para o estranho, mas era sobremaneira precioso para o iniciado. De fato, a Ceia do Senhor é algo assim. Para alguém que vem de fora e que nunca viu algo semelhante, pode parecer como um grupo de homens que

comem pedaços de pão e bebem cálices de vinho; até pode parecer-lhe ridículo. Mas para o homem que sabe o que está fazendo e que sabe o que representam estes elementos, para o homem que está iniciado no sentido desta cerimônia, é o culto mais precioso e comovedor da Igreja.

De maneira que Jesus diz a seus discípulos: "Os de fora não podem entender o que eu digo, mas vocês me conheceis, vocês são meus discípulos, vocês podem entender." O fato supremo do cristianismo é que só se pode entender de dentro. O homem só pode entendê-lo depois de seu encontro pessoal com Jesus. Ninguém pode entender o cristianismo até tornar-se cristão. Criticar de fora é criticar em ignorância. Só aquele que está disposto a converter-se em discípulo pode entrar nas coisas mais preciosas da fé cristã.

A RIGOROSA LEI DA VIDA

Mateus 13:10-17, 34, 35 (continuação)

O segundo elemento geral que podemos analisar é a afirmação do versículo 12 de que ao que tem lhe será dado ainda mais e ao que não tem lhe será tirado inclusive o que possui. À primeira vista esta afirmação aparece como algo simplesmente cruel. Mas longe de ser cruel, não faz mais que afirmar uma verdade que é uma lei inevitável e inegável da vida.

Em todas as esferas da vida, dá-se mais ao homem que tem, e ao que não tem é tirado o pouco que possui. No mundo do estudo, a pessoa que trabalha, preocupa-se e se empenha em adquirir conhecimentos, é capaz de adquirir mais conhecimentos. É-lhe dada a investigação, os cursos avançados, as coisas mais profundas; e é assim porque se preparou para recebê-los mediante sua diligência e fidelidade. Por outro lado, o estudante folgazão que se nega a trabalhar perde até o conhecimento que já adquiriu. Há mais de uma pessoa que em seus dias de estudante dominava o latim ou o francês ou algum outro idioma e logo o perdeu por completo porque jamais fez o menor intento de

desenvolvê-los ou usá-los. Muita gente teve alguma vez certa habilidade em um artesanato, algum jogo ou outra coisa, mas a perdeu porque a ignorou e não fez uso dela. A pessoa diligente, fiel, trabalhadora e estudiosa está em condições de receber mais e mais; o ocioso não está em condições de receber mais e até pode perder o que já tem. Qualquer dom pode ser desenvolvido, e como não há nada nesta vida que permaneça imutável, se não se desenvolver um dom, ele é perdido.

O mesmo acontece com a bondade. Cada tentação que vencemos nos torna mais capazes de vencer a próxima. E cada tentação em que caímos nos faz menos capazes de superar a seguinte. Cada boa ação que fazemos, cada ato de auto-disciplina e de serviço, faz-nos mais capazes para efetuar o seguinte. E cada vez que não aproveitamos uma oportunidade de fazer o bem nos tornamos menos capazes de aproveitar a seguinte. A vida sempre é um processo de ganhar mais ou perder mais. Jesus afirmou a grande verdade de que quanto mais perto dEle se vive, mais perto se pode viver do ideal cristão; recebe-se uma maior medida de fortaleza. E quanto mais alguém se afasta de Cristo, menos capaz é de alcançar a bondade, porque a debilidade, tanto como a fortaleza, é algo que cresce.

A CEGUEIRA DO HOMEM E O PROPÓSITO DE DEUS

Mateus 13:10-17, 34, 35 (continuação)

Os versículos 13-17 desta passagem estão entre os mais difíceis de todo o evangelho. E o fato de aparecerem sob distintos aspectos nos diferentes evangelhos demonstra até que ponto a Igreja primitiva percebia sua dificuldade. Marcos é o primeiro evangelho e portanto poderíamos supor que é o que mais se aproxima das palavras que Jesus pronunciou. Marcos (4:11,12) diz:

Aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles.

Se se tomarem estes versículos de maneira superficial, e sem fazer nenhum esforço para entender seu sentido profundo, chega-se à incrível conclusão de que Jesus falava por parábolas aos homens para que não entendessem e para evitar que se aproximassem de Deus e fossem perdoados.

Mateus é posterior a Marcos, e Mateus introduz uma mudança significativa:

Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem.

Segundo a versão de Mateus, Jesus falava por parábolas porque os homens eram muito cegos e tardios para perceber a verdade de qualquer outra maneira.

Agora, devemos notar que esta afirmação de Jesus leva à citação de Isaías 6:9-10. Essa citação de Isaías era outra passagem que causava confusão em quem meditava sobre ela.

Diz literalmente:

"Vai e dize a este povo: 'Podeis ouvir certamente, mas não haveis de entender, podeis ver certamente, mas não haveis de compreender.' Embora o coração deste povo, torna pesados os seus ouvidos, tapa-lhes os olhos, para que não veja com os olhos, e não ouça com os ouvidos, e não suceda que o seu coração venha a compreender, que ele se converta e consiga a cura." (*Bíblia de Jerusalém*).

Aqui também pareceria como se Deus deliberadamente tivesse cegado os olhos, ensurdecido os ouvidos e endurecido os corações do povo para que não fossem capazes de entender. A falta de entendimento do povo aparece nada menos que como um ato deliberado de Deus.

Assim como Mateus suavizou a Marcos, a *Septuaginta*, a tradução grega das escrituras hebraicas, e a que mais liam os judeus na época de Jesus, suavizou o original hebraico:

Vai e dize a este povo: "Ouvireis, certamente, mas não entendereis; e vendo vereis mas não percebereis. Porque o coração deste povo se engrossou, e com seus ouvidos escutam mal, e seus olhos estão fechados, para que não aconteça que vejam com seus olhos, e ouçam com seus ouvidos, e entendam com seus corações, e se convertam, e eu os cure."

A *Septuaginta* tira a responsabilidade das mãos de Deus e a põe com toda clareza e justiça nas mãos do povo.

Qual é então a explicação de tudo isto? Podemos estar seguros de uma coisa – seja lá o que signifique esta passagem, não pode querer dizer que Jesus transmitiu sua mensagem com o propósito de que o povo necessariamente não o compreendesse. Jesus não veio esconder a verdade dos homens; veio para revelá-la. E não cabe a menor dúvida de que houve momentos em que os homens compreenderam essa verdade. Quando os líderes ortodoxos judeus ouviram a parábola dos lavradores maus, entenderam-na perfeitamente e sua reação foi uma manifestação de terror que lhes fez dizer: "Tal não aconteça!" (Lucas 20:16). Nos versículos 34 e 35 desta passagem Jesus citou uma frase do salmista:

Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais.

Trata-se de uma citação do Salmo 78:1-3. O salmista sabe que o que diz será entendido e que está lembrando aos homens a verdade que conheceram tanto eles como seus pais.

O certo é que as palavras de Isaías e o uso que Jesus faz delas, devem ler-se em profundidade e buscando situar-nos no lugar tanto de Isaías como de Jesus. Estas palavras se referem a três coisas.

(1) Falamos do sentimento de *surpresa* experimentado pelo profeta. O profeta trazia uma mensagem ao povo que para ele era tão claro como a água, e se sentia surpreso ao comprovar que outros não o compreendiam. Essa é a experiência que vivem uma e outra vez o pregador e o professor. Com muita frequência pregamos, ensinamos e discutimos coisas com as pessoas que para nós são pertinentes, fundamentais, evidentes, de um interesse absorvente e da maior importância, e eles o escutam com uma absoluta falta de interesse, compreensão e urgência. E então nos sentimos surpreendidos e esmagados ao comprovar que aquilo que significa tanto para nós parece não ter a menor importância para eles, que aquilo que acende um fogo em nossos ossos os deixa gelados, que o

que entusiasmo e move nossos corações os deixa absolutamente indiferentes. É uma experiência que todo pregador, professor ou evangelizador conhece muito bem.

(2) Falamos do *desespero* do profeta. Isaías sentia que sua pregação fazia mais mal que bem; que era o mesmo que falar com uma parede, que não havia forma de penetrar na mente e no coração desse povo cego e surdo; que, se devia guiar-se pelos fatos, o povo piorava em vez de melhorar. Esta também é uma experiência que todo pregador ou professor conhece. Há momentos em que vemos que aqueles a quem tratamos de conquistar parecem afastar-se do ideal cristão em lugar de aproximar-se dele, apesar de todos os nossos esforços. Nossas palavras se vão com o vento; nossa mensagem se choca com a barreira impenetrável da indiferença dos homens; o resultado de todo o nosso trabalho se apresenta como menos que nada, porque no final de nossa tarefa os homens parecem estar mais longe de Deus que no princípio.

(3) Mas estas palavras se referem a algo mais que a surpresa e o desespero do profeta; também nos falam de sua *fé última*. Aqui nos deparamos com uma convicção judaica sem a qual não se pode compreender totalmente as palavras do profeta, de Jesus, nem da Igreja primitiva. Para expressá-lo em forma simples, um artigo fundamental da crença judaica era que *neste mundo não acontece nada que não seja pela vontade de Deus*; e quando diziam *nada* significava literalmente nada. A vontade de Deus estava tão presente quando os homens escutavam como quando não escutavam. A vontade de Deus se manifestava quando os homens se negavam a entender a verdade como quando a recebiam com alegria. O judeu se aferrava com vigor à convicção de que tudo ocupava seu lugar no objetivo e no plano de Deus, que de algum modo Deus entretencia o êxito e o fracasso, o bem e o mal, em uma trama sua própria. O propósito final de tudo era bom. Trata-se da mesma idéia sobre a qual trabalha Paulo em Romanos 9-11. São estes os capítulos que narram de que maneira os judeus, o povo eleito de Deus, rechaçaram a verdade de Deus e crucificaram a seu Filho quando veio a eles. Esta parece

inexplicável. Mas qual foi o resultado? O resultado foi que o evangelho se expandiu entre os gentios; e o resultado final será que algum dia os gentios reunirão aos judeus. O mal aparente se reúne em um bem maior; porque tudo está dentro do plano e do esquema de Deus.

Isso era o que sentia Isaías. A princípio se sentiu surpreso e desesperado; logo chega à luz, e, em efeito, diz: "Não posso entender a conduta deste povo, mas sei que este fracasso está, de algum modo, no plano último de Deus, e que Ele o usará para a glória e o bem dos homens." Jesus, pois, tomou estas palavras de Isaías e as empregou para alentar a seus discípulos. O que diz é: "Eu sei que isto parece desalentador. Sei como vocês se sentem quando as mentes e os corações dos homens se negam a receber a verdade e quando seus olhos se negam a reconhecê-la; mas isso também cumpre um propósito – e algum dia vocês o verão."

Nisto achamos um estímulo. Às vezes vemos nossa colheita e nos sentimos contentes. Às vezes não parece haver mais que um chão estéril, nada mais que uma absoluta falta de resposta, nada mais que fracassos. Pode ser assim aos olhos dos homens, mas por trás de tudo isto há um Deus que situa inclusive esse fracasso no plano divino de sua mente onisciente e de seu poder onipotente. No plano final de Deus não há fracassos nem cabos soltos.

A AÇÃO DE UM INIMIGO

Mateus 13:24-30, 36-43

As imagens que aparecem nesta parábola eram muito claras e conhecidas para os ouvintes da Palestina. O joio era uma das maldições contra as quais o agricultor devia lutar. O joio era uma planta chamada *lolium temulentum*. No começo era tão semelhante ao trigo que era muito difícil distingui-los. Quando ambos tinham crescido bastante era fácil diferenciá-los, mas a essa altura as raízes do trigo e do joio se misturaram de tal maneira que não se podia arrancar uma sem arrancar

também o outro. Em *The Land and the Book* Thomson relata que viu joios no Wady Hamam: "O grão está no momento exato do desenvolvimento para ilustrar a parábola. Nos lugares onde o grão cresceu também o fez o joio e nem sequer um menino tomaria por trigo ou cevada. Mas onde estão menos desenvolvidos até o exame mais detalhado fracassaria. Eu não posso diferenciá-las com precisão. Até os granjeiros que capinam seus campos, não tentam separá-los. Não só confundiriam o joio com o bom grão, mas também em geral as raízes de ambos estão tão entrelaçadas que fica impossível separá-los sem arrancar a ambos. De maneira que devem deixá-los crescer juntos até o momento da colheita."

O joio e o trigo são tão semelhantes que os judeus chamavam à primeira trigo bastardo. A palavra hebraica para denominar o joio é *zunim*, de onde vem a palavra grega *zizanion*. afirma-se que *zunim* está relacionada com a palavra *zanah*, que significa *fornicar*. A lenda popular diz que o joio se originou na época de iniquidade que precedeu o dilúvio, porque nesse momento toda a criação: os homens, os animais e as plantas tomaram o caminho do mal e fornicaram e se reproduziram de modo contrário à natureza. Em seus começos o trigo e o joio se assemelhavam tanto que as pessoas acreditavam que o joio era uma espécie de trigo degenerado que se havia desenvolvido mal.

Quando estavam crescendo não se podia separar um do outro, mas por fim era preciso separá-los. Era preciso fazê-lo porque o grão do joio é algo tóxico. Produz enjoos e náuseas e tem um efeito narcótico; até uma dose muito pequena tem um gosto amargo e desagradável. No final se costuma separá-lo com as mãos. Levison descreve o procedimento:

"É preciso contratar mulheres para separar o grão do joio da semente que se deve enviar ao moinho... Em geral a separação se faz depois que foi debulhado. Estendem o grão em uma bandeja grande que põem diante das mulheres e estas separam o joio cuja semente é semelhante em tamanho e forma à do trigo, mas é de cor cinza cascalho."

Assim, pois, em suas primeiras etapas o joio se confunde com o trigo, mas no final será preciso separá-lo com cuidado, porque do contrário as conseqüências podem ser graves.

A imagem de alguém que semeia joio a propósito no campo de outro não é de nenhum ponto de vista um mero produto da imaginação. Acontecia de fato em algumas ocasiões. Hoje mesmo na Índia, uma das piores ameaças que um homem pode fazer a outro é: "Semearei má semente em seu campo." E no código da lei romana se menciona este crime, se proíbe e se estabelece seu castigo.

Toda a série de figuras que aparecem nesta parábola eram conhecidas pelo povo da Galiléia que as escutou pela primeira vez.

O MOMENTO DO JUÍZO

Mateus 13:24-30, 36-43 (continuação)

Pode-se afirmar que, no que respeita a seus ensinamentos, esta é uma das parábolas mais práticas que Jesus ensinou.

(1) Ensina-nos que sempre há um poder hostil no mundo, que está à espreita, tratando de destruir a boa semente. Nossa experiência nos diz que ambas as influências agem sobre nossas vidas: a influência que ajuda a semente da palavra a crescer e dar fruto e a influência que trata de destruir a boa semente antes de poder produzir algum fruto. A lição que nos dá a vida é que sempre devemos estar atentos.

(2) Ensina-nos quão difícil é estabelecer quem está no Reino e quem não. Um homem pode parecer bom mas ser mau. E outro pode nos parecer mau quando em realidade é bom. Pode ser – e de fato o é – que nos apressemos muito em classificar as pessoas e pôr nelas uma etiqueta que diz "bom" ou "mau", sem contar com todos os fatos e carecendo do conhecimento necessário.

(3) Ensina-nos a não ser tão apressados em nossos julgamentos. Se os colhedores tivessem agido por sua conta teriam arrancado o joio e o único resultado teria sido arrancarem o trigo junto. O julgamento devia

esperar até que chegasse a colheita. No final, a pessoa não será julgado por um ato ou um estágio em particular de sua vida, mas sim por sua vida inteira. O julgamento não pode vir até o final. As pessoas podem cometer um engano grave e redimir-se e, pela graça de Deus, expiar o pecado convertendo todo o resto de sua vida em algo bonito. As pessoas podem viver uma vida honorável e no final arruiná-la com uma queda repentina no pecado. Ninguém que veja sozinho uma parte de algo pode julgar a totalidade; e ninguém que só conheça uma parte da vida de alguém pode julgar a todo o homem.

(4) Ensina-nos que o julgamento chega no final. O julgamento não se apressa, mas chega. No final chega a separação de maus e bons. Pode ser que, do ponto de vista humano, pareça que um homem determinado escapa às conseqüências de seus atos mas há uma vida por vir. Pode ser que, do ponto de vista humano, pareça que a bondade nunca recebe sua recompensa, mas há um mundo novo que corrige a justiça do velho.

(5) Ensina-nos que a única pessoa que tem direito de julgar é Deus. Deus é o único que pode discernir entre o bem e o mal, Deus é o único que vê todo o homem e toda sua vida. Deus é o único que pode julgar. De maneira que, em última instância, nesta parábola há dois elementos: uma advertência para que não julguemos absolutamente a outros, e a segurança de que, ao final, chega o julgamento de Deus.

O PEQUENO COMEÇO

Mateus 13:31-32

A planta de mostarda da Palestina é muito diferente da que nós conhecemos. Se queremos ser exatos, a semente de mostarda não é a mais pequena das sementes. A semente do cipreste, por exemplo, é mais pequena. Mas no Oriente a pequenez da semente de mostarda era algo proverbial. Os judeus falavam, por exemplo, de uma gota de sangue tão pequena como um grão de mostarda. Se falavam sobre uma pequena violação da lei cerimonial, referiam-se a uma violação tão pequena como

uma semente de mostarda. O próprio Jesus empregou a frase nesse sentido quando comparou a fé a um grão de mostarda (Mateus 17:20).

Na Palestina, esta pequenina semente de mostarda crescia até transformar-se em algo muito semelhante a uma árvore. Em *The Land and the Book* Thomson escreve: "Na rica pradaria do Akkar vi esta planta alcançar o tamanho do cavalo e seu cavaleiro." "Com a ajuda de meu guia", "arranquei uma verdadeira árvore de mostarda que tinha mais de três metros."

Nesta parábola não há nenhum exagero. Além disso, era muito comum ver estes arbustos ou árvores de mostarda rodeados por uma nuvem de pássaros, visto que gostam muito das pequenas sementes negras da árvore e posam nela para comê-las. Assim, pois, Jesus disse que seu Reino era como a semente de mostarda, que se transforma em uma árvore. O sentido da parábola é tão claro como a água. O Reino dos céus começa desde o princípio mais ínfimo, mas ninguém sabe onde terminará. Na linguagem do Oriente e no próprio Antigo Testamento, uma das representações mais comuns de um grande império era a imagem de uma árvore muito grande com as nações submetidas simbolizadas por pássaros que procuram repouso e refúgio em seus ramos (Ezequiel 31:6). De maneira que esta parábola nos diz que o Reino dos céus começa do menor dos começos mas que, no final, muitas nações se reunirão nele. É uma realidade histórica que as maiores coisas começam a partir das coisas menores.

(1) Uma idéia que pode chegar a mudar a civilização pode começar com um homem. No Império Britânico, William Wilberforce foi o responsável pela libertação dos escravos. A idéia da libertação lhe ocorreu quando leu uma exposição sobre o tráfico de escravos escrita pelo Thomas Clarkson. Era íntimo amigo do Pitt, o primeiro-ministro. Um dia estava sentado com o Pitt e George Greenville no jardim de Pitt, em Hollywood. Era uma cena muito bonita, com o Vale de Keston que se abria frente a eles, mas os pensamentos do Wilberforce não estavam nas belezas do mundo mas em suas manchas. De repente Pitt se voltou

para ele e lhe disse: "Wilberforce, por que não apresenta um relatório sobre uma moção sobre o tráfico de escravos?" A idéia ficou semeada na mente de um homem, e essa idéia mudou a vida de milhares e milhares de pessoas. A idéia deve encontrar um homem para poder possuí-lo. Mas quando uma idéia encontra um homem começa uma corrente que não se pode deter com nada.

(2) Um testemunho deve começar com um homem. Cecil Northcott, relata em um de seus livros a forma em que um grupo de jovens discutia sobre o modo em que devia propagar o evangelho. Falavam sobre a propaganda, a literatura, e todos os métodos que se podiam empregar para disseminar o evangelho no século vinte. Então falou a moça que vinha da África: "Quando queremos enviar o cristianismo a uma de nossas aldeias não lhes enviamos livros", disse. "Levamos uma família cristã para viver na aldeia e convertem a aldeia ao cristianismo pelo mero fato de viver nela." Em qualquer grupo ou sociedade, em qualquer escola ou fábrica, loja ou escritório mais de uma vez aconteceu que o que fez chegar o cristianismo ao grupo foi o testemunho de um indivíduo. O homem ou a mulher que está inflamado de amor por Cristo é quem acende a faísca em outros.

(3) Uma reforma começa com uma pessoa. Uma das grandes histórias da Igreja cristã é a de Telêmaco. Telêmaco era um ermitão no deserto mas algo lhe disse – o chamado de Deus – que devia ir a Roma. Foi a Roma. Em teoria esta cidade era cristã mas continuavam celebrando-as lutas entre gladiadores nas quais os homens lutavam entre si e as multidões desfrutavam ao ver o sangue correr. Telêmaco se encaminhou para as lutas. Havia oitenta mil pessoas presentes. Sentiu-se horrorizado. Acaso estes homens que se matavam entre eles não eram também filhos de Deus? Saltou de seu assento na arena e ficou de pé em meio dos gladiadores. Empurraram-no para um lado. Voltou. A multidão ficou irada e começou a lhe lançar pedras. Voltou a ficar entre os gladiadores com dificuldade. Ouviu-se a ordem do prefeito; brilhou o aço de uma espada e Telêmaco morreu. E de repente se fez silêncio; de

repente a multidão percebeu o que tinha acontecido, um homem santo jazia morto. Algo aconteceu em Roma nesse dia, porque não houve mais luta entre gladiadores. Um homem só tinha produzido algo por meio de sua morte que limpou o pecado do império. Alguém deve começar uma reforma; não é necessário que comece em uma nação, pode começá-la em sua casa ou em seu lugar de trabalho. Começada essa reforma, ninguém sabe onde pode terminar.

(4) Mas esta foi uma das parábolas mais pessoais que Jesus proferiu. Em algumas ocasiões seus discípulos devem ter-se sentido desesperados. Seu grupo era tão pequeno e o mundo era tão imenso. Como poderiam chegar a triunfar e transformar o mundo? Entretanto, algo entrou neste mundo junto com Jesus. Hugh Martin cita H. G. Wells: "Sem dúvida é a figura dominante na história... Um historiador sem nenhuma inclinação teológica precisa descobrir, forçosamente, que não pode mostrar o progresso da humanidade de modo honesto se não der um lugar de destaque ao mestre sem um centavo de Nazaré."

Nesta parábola, Jesus diz a seus discípulos, assim como a seus seguidores de todos os tempos, que não devem desiludir-se, que cada um deve servir e dar testemunho em seu lugar, que cada um deve ser o pequeno começo a partir do qual cresce o Reino até que todos os reinos da Terra se transformem afinal no Reino de Deus.

O PODER TRANSFORMADOR DE CRISTO

Mateus 13:33

Neste capítulo não há nada mais significativo que as fontes de onde Jesus extraía suas parábolas. Em cada ocasião extraiu-as das cenas e atividades da vida cotidiana. Começava com coisas muito conhecidas de seus ouvintes, para conduzi-los a outras que jamais tinham passado por suas mentes. Do campo do lavrador toma a parábola do semeador; e do jardim a parábola da árvore de mostarda. O eterno problema da luta do lavrador contra os cardos lhe inspira a parábola do trigo e o joio. E à

margem do mar da Galiléia pronuncia a parábola da rede. Toma a parábola do tesouro escondido da tarefa cotidiana de cavar no campo, e a parábola da pérola de grande preço do mundo do comércio e os negócios. Mas nesta parábola da levedura Jesus se aproxima mais de seus interlocutores que em qualquer outra, porque a extrai da cozinha de qualquer lar.

Na Palestina, o pão era assado nas casas. Três medidas é, como assinala Levinson, justo a quantidade normal que se necessitaria para fazer pão para uma família um tanto numerosa, tal como a família do Nazaré. Jesus tomou sua parábola do Reino de algo que tinha visto sua mãe, Maria fazer com freqüência. A levedura era uma pequena parte de massa que se guardou da última fornada; ao guardá-la tinha fermentado, e a levedura não era mais que uma parte de massa em fermentação. É certo que na linguagem e o pensamento judeu quase sempre se relaciona a levedura com uma *má* influência. Os judeus relacionavam a fermentação com a putrefação e a podridão, e a levedura representava o mal (ver Mateus 16:6; 1 Coríntios 5:6-8; Gálatas 5:9). Uma das cerimônias de preparação para a Festa da Páscoa consistia em procurar cada parte de levedura que pudesse haver na casa para queimá-la e destruí-la. Pode ser que Jesus tenha escolhido esta ilustração do Reino de maneira deliberada. Sem dúvida se experimentaria certa surpresa ao ouvir que o Reino de Deus é comparado com a levedura e a surpresa despertaria interesse e exigiria atenção, coisa que sempre acontece com um exemplo tirado de uma fonte insólita e inesperada.

Todo o sentido da parábola gira em torno de um elemento – *o poder transformador da levedura*. A levedura mudava as características da fornada. O pão sem levedura, o pão que se cozinhou sem havê-lo feito levedar antes, é como um biscoitinho de água: duro, seco, sem gosto. O pão que se assou com levedura é suave, poroso e esponjoso, tem bom sabor e é agradável de comer. A introdução da levedura produz uma transformação na massa; e a chegada do Reino produz uma transformação na vida. Em nosso estudo do Novo Testamento vimos

freqüentemente esta transformação tanto em detalhe como de passagem. À maneira de repetir o que já dissemos, reunamos as características desta transformação.

(1) O cristianismo transforma a vida do indivíduo. Em 1 Coríntios 6:9-10, Paulo reúne uma lista do tipo mais terrível, desagradável e odioso de pecadores e no versículo seguinte faz uma afirmação aterradora: "Tais fostes alguns de vós." Como dizia Denney, nunca devemos esquecer que a função e o poder de Cristo é converter os homens maus em bons. A transformação do cristianismo começa na vida individual, porque por meio de Cristo, a vítima da tentação pode vencê-la.

(2) Há quatro grandes aspectos sociais nos quais o cristianismo transformou a vida. O cristianismo transformou a vida para as *mulheres*. Em sua oração pela manhã o judeu agradecia a Deus por não tê-lo feito nascer gentio, escravo ou mulher. Na civilização grega, a mulher levava uma vida de reclusão total, na qual não tinha nada a fazer além das tarefas da casa. Referindo-se ao menino ou jovem grego, J. K. Freeman escreve sobre Atenas, até em sua época melhor; "Quando o moço voltava para sua casa, não havia nenhum tipo de vida de lar. Seu pai quase nunca estava em casa. Sua mãe era um ser sem importância que vivia nos quartos das mulheres. É muito provável que a visse muito pouco." Nas terras orientais com freqüência era possível encontrar uma família que estava viajando. O pai montado sobre um burro, a mãe andando a seu lado, freqüentemente com uma pesada carga sobre os ombros. Uma verdade histórica demonstrável é que o cristianismo transformou a vida da mulher.

(3) O cristianismo transformou a vida dos *fracos e doentes*. Na vida pagã, os fracos e os doentes eram considerados como algo incômodo. Em Esparta, quando nascia um menino ele era examinado, se era sadio tinha permissão de viver, se era fraco ou tinha algum defeito era deixado para morrer na ladeira de uma montanha. O Dr. A. Rendle Short assinala que o primeiro asilo para cegos foi fundado por Talasio, um monge

cristão. O primeiro dispensário gratuito foi fundado por Apolônio, um comerciante cristão. O primeiro hospital do que se têm notícias foi fundado por Fabíola, uma dama cristã. O cristianismo foi a primeira religião que se interessou pelas coisas defeituosas que há na vida.

(4) O cristianismo transformou a vida dos *anciãos*. Assim como os fracos, os anciãos eram um estorvo. Catão, o autor romano que escrevia sobre agricultura, dá conselhos a qualquer um que pense ocupar-se de uma granja: "Revisem seus pertences e celebrem uma venda. Vendam seu azeite, se o preço for conveniente, e vendam o vinho e o grão que sobrarem. Vendam os bois cansados, a fazenda com defeitos, as ovelhas que não são perfeitas, a lã, as peles defeituosas, um carro velho, as ferramentas velhas, *um escravo velho, um escravo doente*, e qualquer outra coisa que seja supérflua." Os anciãos, cujos dias de trabalho tinham terminado, só serviam para ser descartados como trastes velhos. O cristianismo foi a primeira religião que tomou os homens como pessoas e não como instrumentos com uma determinada capacidade de trabalho.

(5) O cristianismo transformou a vida para o *menino*. No contexto imediato do cristianismo, a relação matrimonial tinha degenerado e o lar estava em perigo. O divórcio era algo tão comum que não era estranho nem imperdoável que uma mulher tivesse a cada ano um marido novo. Em semelhantes circunstâncias os meninos eram um desastre, e o costume de limitar-se a deixar morrer os meninos era tragicamente comum. Existe uma carta muito famosa que um tal Hilário, que tinha viajado a Alexandria, enviou a sua mulher, Alis, que tinha ficado em casa. Escreve-lhe: "Se, com sorte, tens um filho, se for varão deixa-o viver, se for uma mulher, atira-a." Na civilização moderna, a vida se constrói quase ao redor do menino. Na antiguidade, o menino tinha muitas probabilidades de morrer antes de começar sua existência.

Qualquer pessoa que formula a pergunta: "O que tem feito o cristianismo pelo mundo?" irá perder em um debate com um cristão. Não há na história nada que se possa demonstrar em forma tão indiscutível

como o poder transformador do cristianismo e de Cristo na vida individual e na da sociedade.

A AÇÃO DA LEVEDURA

Mateus 13:33 (continuação)

(1) Às vezes se afirma que a lição desta parábola é que o Reino atua sem ser visto. Diz-se que não podemos ver como trabalha a levedura na massa, assim como tampouco podemos ver o crescimento de uma flor, mas que a obra da levedura se desenvolve em forma contínua. Do mesmo modo, afirma-se, não podemos ver a obra do Reino, mas o Reino age sempre na história e na vida e conduz os homens e o mundo para Deus. Tratar-se-ia, então, de uma mensagem de fôlego. Significaria que sempre devemos ver as coisas a longo prazo, que não devemos comparar as coisas do momento atual com as que aconteceram na semana passada, ou no mês passado, ou inclusive no ano passado, mas sim devemos tomar em conta os séculos de história e então veremos o progresso contínuo do Reino.

Segundo este ponto de vista, a parábola nos ensina que com Jesus Cristo e seu evangelho foi disponibilizada uma nova força no mundo e que, silenciosa mas inevitavelmente, essa força trabalha em pró da justiça neste mundo, que Deus leva a cabo seu propósito ano após ano.

(2) Mas às vezes se tem dito – por exemplo – C. H. Dodd disse que o ensino desta parábola é o contrário do que acabamos de dizer, e que, longe de ser invisível, a tarefa do Reino se vê com toda clareza. Afirma-se que qualquer um pode ver a obra da levedura. Fica a levedura na massa e converte a esta de uma parte passiva em uma massa que cresce, ferve. Do mesmo modo a influência e a obra do Reino é um força violenta e perturbadora que qualquer um pode ver. Quando o cristianismo chegou a Tessalônica, a exclamação foi: "Estes que transtornam o mundo inteiro também vieram para cá" (Atos 17:6). A ação do cristianismo é trastornadora, violenta e perturbadora em seus

efeitos. Há nisto uma verdade inegável. É certo que os homens crucificaram a Jesus Cristo porque transtornava todos os seus hábitos e convenções ortodoxas. Uma e outra vez aconteceu que o cristianismo foi açoitado porque queria tomar tanto os homens como à sociedade e mudá-los completamente. Não cabe a menor dúvida de que não há nada tão perturbador no mundo como o cristianismo. De fato, essa é a razão pela qual tanta gente o odeia, o rechaça e gostaria de eliminá-lo.

Mas quando pensamos na questão, vemos que não há necessidade de optar entre estas duas interpretações da parábola, já que ambas são verdadeiras. Há um sentido no qual o Reino, o poder de Cristo, o Espírito de Deus, sempre trabalham, vejamo-lo ou não. E há um sentido em que o poder do Reino e a obra de Cristo se manifestam com clareza. Mais de uma vida individual muda de maneira evidente e violenta pela intervenção de Cristo. E ao mesmo tempo ocorre a tarefa silenciosa dos propósitos de Deus ao longo da história. Podemos expressá-lo assim: O Reino, o poder de Cristo, o propósito de Deus são como um grande rio: uma boa parte de seu curso desliza debaixo a terra sem ser visto, mas de vez em quando sai à superfície em toda sua força e magnitude, e todos podem ver sua ação. Esta parábola ensina que o Reino trabalha sempre sem ser visto e, ao mesmo tempo, que há momentos em cada vida individual e na história, em que a obra do Reino é tão evidente e tão claramente poderosa que todos podem vê-la.

TUDO NO TRABALHO DO DIA

Mateus 13:44

Embora esta parábola nos pareça estranha e insólita, para o povo da Palestina era algo muito natural, na época de Jesus e até hoje, refletia uma imagem que o povo que vive no Oriente conhece muito bem.

No mundo antigo havia bancos, mas não bancos que o povo comum podia usar. Em sua vida cotidiana as pessoas empregavam a terra como o lugar mais seguro para guardar seus tesouros mais apreciados. Na

parábola dos talentos o servo inútil escondeu seu talento na terra para não perdê-lo (Mat. 25:25). Havia um dito rabínico que afirmava que havia apenas um lugar seguro para o dinheiro – a terra. Isto era ainda mais certo em um país no qual em qualquer momento o jardim de alguém podia transformar-se num campo de batalha. Palestina deve ser a terra onde tem havido mais lutas. E quando a maré da guerra ameaçava avançar sobre eles e cobri-los era muito comum que as pessoas escondessem todas as suas coisas de valor na terra antes de escapar, com a esperança de que chegaria o dia em que poderiam retornar e recuperar seu tesouro. Josefo fala de "o ouro e a prata e o resto desse mobiliário precioso que tinham os judeus e que seus donos entesouraram clandestinamente contra as incertezas da guerra."

Em *The Land and the Book*, que se publicou pela primeira vez em 1876, Thomson refere o caso do descobrimento de um tesouro de que ele mesmo foi testemunha em Sidom. Nessa cidade há uma famosa avenida de acácias. Alguns trabalhadores que estavam cavando um jardim, desenterraram várias vasilhas de cobre cheias de moedas de ouro. Tinham toda a intenção de não falar sobre seu descobrimento; mas eram tantos e estavam tão entusiasmados com a façanha, que foi descoberto seu achado e o governo local o reclamou para si. As moedas eram do Alexandre, o grande e seu pai Felipe. Thomson sugere que quando chegou a Sidom a notícia da morte inesperada de Alexandre em Babilônia, algum oficial macedônio ou algum membro do governo escondeu essas moedas com a intenção de apropriar-lhe no caos que certamente produziria a morte do Alexandre. Thomson continua dizendo que há gente que dedica toda sua vida à busca de tesouros escondidos e que experimentam tal emoção que até se deprimem quando encontram uma só moeda. Há gente que gasta seu último centavo nesta busca de tesouros. Quando Jesus relatou esta história, falava de algo com o qual todos estavam familiarizados na Palestina e no Oriente em geral.

Pode-se pensar que nesta parábola Jesus elogia o homem culpado de uma ação muito ardilosa que consistia em esconder o tesouro e logo

tomar medidas necessárias para apropriar-se dele. Devemos dizer duas coisas sobre isto. Em primeiro lugar: embora na época de Jesus a Palestina estava sob o domínio dos romanos e de sua lei, nas coisas cotidianas, comuns, o que regia era a lei judia tradicional. E no referente a um tesouro escondido a lei rabínica judaica é muito clara: "Que achados pertencem a quem os descobre e quais devem fazer-se públicos? Estes achados pertencem a quem os encontre: se alguém encontrar fruta solta, dinheiro solto.... pertencem a quem os encontrou." De fato, este homem tinha mais direito que qualquer outro sobre a que tinha encontrado. Em segundo lugar, além disto, quando tratamos com uma parábola não devemos acentuar os detalhes. A parábola tem um sentido principal, e todo o resto é secundário e de importância menor. Nesta parábola os dois sentidos principais são a alegria do descobrimento e a disposição do homem a abandonar tudo para apropriar do tesouro. Todo o resto está fora de discussão.

(1) O ensino desta parábola é, em primeiro lugar, que o homem encontrou o tesouro, nem tanto por acaso, como *em seu trabalho diário*. É verdade que tropeçou com ele inesperadamente, mas o fez *enquanto se ocupava de seus afazeres quotidianos*. E é legítimo supor que deve ter estado ocupando-se de seus assuntos cotidianos porque deve ter estado cavando em profundidade em lugar de limitar-se a remover a superfície para encontrar o tesouro. Seria muito triste se só encontrássemos a Deus e nos sentíssemos perto dele nas igrejas, nos lugares considerados santos, e nas celebrações religiosas. Há um dito de Jesus que não está escrito. Nunca encontrou um lugar nos evangelhos; mas, apesar disto, aparece como uma grande verdade: "Levanta a pedra e me encontrará, fende o lenho e estou ali." Quando o pedreiro trabalha com a pedra, quando o carpinteiro trabalha com a madeira, Jesus está presente. A felicidade autêntica, a satisfação, o sentido de Deus, a presença autêntica de Cristo se encontram no trabalho diário, quando a pessoa desempenha esse trabalho de maneira consciente e honesta. O Irmão Lorenzo, o grande santo e místico, passou boa parte de sua vida de trabalho na cozinha do

monastério entre pratos sujos e pôde afirmar: "Sentia a Jesus Cristo tão perto de mim na cozinha como no Santíssimo Sacramento."

(2) Em segundo lugar, a lição que nos ensina esta parábola é que vale a pena fazer qualquer sacrifício para entrar no Reino. O que significa entrar no Reino? Recordemos que quando estudamos o Pai Nosso (Mateus 6:10) descobrimos que podíamos afirmar que o Reino de Deus é um estado de sociedade na Terra na qual a vontade de Deus se leva a cabo com a mesma perfeição com que se desenvolve no céu. Portanto, estar no Reino, entrar no Reino, significa aceitar e fazer a vontade de Deus. Quer dizer que vale a pena fazer algo para cumprir a vontade de Deus. De repente, tal como o homem encontrou o tesouro, pode apresentar-se a nós em um momento de iluminação a convicção do que significa a vontade de Deus para nós. Aceitá-la pode significar abandonar algumas ambições e objetivos que valorizávamos muito, abandonar certos hábitos e formas de vida difíceis de deixar de lado, aceitar uma disciplina e uma negação de si mesmo que não são nada fáceis; em uma palavra, tomar nossa cruz e seguir a Jesus. Mas não há outra forma de acessar a paz de espírito e de coração nesta vida e a glória na vida por vir. Em realidade, vale a pena abandonar tudo para aceitar e cumprir a vontade de Deus.

A PÉROLA PRECIOSA

Mateus 13:45-46

No mundo antigo, as pérolas ocupavam um lugar muito especial no coração dos homens. As pessoas desejavam possuir uma bela pérola, não só por seu valor monetário, mas também por sua beleza. Gozavam quando a tinham nas mãos e a podiam contemplar. Encontravam um prazer estético em possuir e olhar uma pérola. As fontes principais de pérolas naqueles tempos eram as costas do mar Vermelho e as da longínqua Grã-Bretanha. Mas um mercado estaria disposto a revisar

todos os mercados do mundo para encontrar uma pérola de singular beleza. Nesta parábola se escondem algumas verdades muito sugestivas.

(1) É sugestivo dizer que o Reino dos céus é comparado com uma pérola. Como vimos, para os povos da antiguidade uma pérola era a mais preciosa das posses, e um prazer o contemplar e admirar. Isso significa que o Reino dos céus é a coisa mais bela do mundo. Recordemos o que é o Reino. Estar no Reino significa aceitar e cumprir a vontade de Deus. Isso quer dizer que fazer a vontade de Deus não é algo triste, árduo, incômodo; é algo bonito. Além da disciplina, além do sacrifício, da negação de si mesmo, da cruz, existe a beleza suprema que não se encontra em nenhuma outra parte. Há uma só maneira de trazer paz ao coração, alegria à mente, beleza à vida e é aceitando e cumprindo a vontade de Deus.

(2) É sugestivo comprovar que há outras pérolas, mas uma só é de alto preço. Quer dizer que há muitas coisas boas no mundo, muitas coisas nas quais o homem pode encontrar beleza. Pode encontrá-la no conhecimento e nas possibilidades da mente humana, na arte, na música, na literatura e em todos os logros do espírito humano. Pode encontrar beleza no serviço ao próximo, mesmo que tal serviço surja de motivações humanitárias antes que cristãs; pode encontrar beleza nas relações humanas. Isto é belo mas é uma beleza menor. A beleza suprema se encontra na aceitação da vontade de Deus. Isto não significa minimizar as outras coisas; essas coisas também são pérolas, mas a pérola suprema é a obediência voluntária que nos transforma em amigos de Deus.

(3) Mais uma vez achamos nesta parábola o mesmo tema que na anterior. Mas há uma diferença. O homem que cavava a terra não procurava um tesouro; encontrou-o sem esperá-lo nem prevê-lo. O homem que procurava as pérolas dedicava sua vida a isso. Mas não importa se o descobrimento foi resultado de um momento ou da busca de toda uma vida, a reação foi a mesma – era preciso vendê-lo e sacrificar tudo para obter o tesouro. Mais uma vez ficamos com a mesma verdade

– que, seja como for que o homem descubra a vontade de Deus, quer na iluminação repentina de um momento, ou no fim de uma longa e consciente busca, não cabe a menor dúvida de que vale a pena aceitá-la sem hesitações.

A PESCA E A SEPARAÇÃO

Mateus 13:47-50

Era a coisa mais natural do mundo que Jesus empregasse exemplos da pesca ao falar com pescadores. Era como se lhes dissesse: "Olhem, seu trabalho de todos os dias lhes fala das coisas do céu."

Na Palestina havia duas formas principais de pescar. Uma era lançar uma rede [**tarrafa**] chamada *emfiblestron*. Era uma rede de mão que se lançava desde a costa. Thompson descreve o procedimento: "A forma da rede é semelhante à parte superior de uma carpa com forma de sino, com uma longa corda atada na extremidade. Esta corda se ata ao braço e se dobra a rede de maneira tal que, ao lançá-la, abre-se em toda a amplitude de sua circunferência, ao redor da qual se atam partes de chumbo para fazê-la cair imediatamente até o fundo.

Agora, vejamos o ator; agachado e semi nu, observa com atenção o movimento brincahão e logo espia como sua presa se desliza para ele sem planejar. Dá um salto para frente para ir a seu encontro. Afasta-se a rede, desdobrando-se ao mover-se e sua circunferência carregada com chumbos toca o fundo antes que o pobre peixe se dê conta de que suas malhas se fecharam a seu redor. Com a ajuda da corda, o pescador levanta tranqüilamente a rede, com os peixes dentro. Isto requer um olho atento, um corpo ativo e muita habilidade para lançar a rede. Também deve ser paciente, atento, desperto e rápido para escolher o momento exato em que deve lançá-la."

A segunda forma de pescar era com a rede **arrastão**, *sagene*, ou rede de reboque. Este é o método a que faz referência a parábola. A rede arrastão era um quadrado grande com cordas nos quatro lados e com

pesos distribuídos de maneira tal que, em posição de descanso, mantinha-se paralela à superfície. Quando o bote começava a mover a rede adquiria a forma de um tubo em que entrava todo tipo de peixes.

Levava-se a rede à terra e se separava a pesca sobre a costa. O material inútil se descartava, o bom ficava em recipientes. É interessante assinalar que às vezes ficavam os peixes vivos em recipientes cheios de água. Não havia outra forma de transportá-los frescos durante algum tempo e percorrendo longas distâncias.

Esta parábola contém duas grandes lições.

(1) Está na natureza da rede arrastão o não poder selecionar e discriminar. Não tem mais remédio que conduzir todo tipo de coisas ao mover-se na água. Seu conteúdo sempre é uma mescla. Se aplicarmos isso à Igreja, que é o instrumento do Reino de Deus sobre a Terra, significa que a Igreja não pode ser seletiva e discriminatória, que a Igreja terrestre tem que ser uma mescla, que incluirá todo tipo de gente, boa e má, útil e inútil, e que não somos nós os que devemos julgar. Sempre houve dois pontos de vista sobre a Igreja – o exclusivo e o inclusivo. O ponto de vista exclusivo sustenta que a Igreja é para gente boa; gente que está real e totalmente consagrada, gente que é muito diferente do resto do mundo. Este ponto de vista é atrativo, mas não é do Novo Testamento porque, além do mais, *quem há de emitir julgamento*, quando somos aconselhados que não devemos julgar? (Mateus 7:1). Não compete ao homem julgar a outros nem pode dizer quem está consagrado a Cristo e quem não está. O conceito inclusivo defende em forma instintiva que a Igreja deve estar aberta a todos, e que, assim como a rede, enquanto seja uma instituição humana não tem mais remédio senão ser uma mescla. E isso é exatamente o que ensina esta parábola.

(2) Mas a parábola também afirma que chegará o momento da separação, que chegará o momento em que se enviará os bons e os maus a seus respectivos destinos. Mas essa separação, por mais segura que seja, não é tarefa do homem mas sim de Deus. De maneira que nosso dever consiste em aceitar a todos os que desejem vir, e não julgar nem

separar, antes deixar o julgamento final a Deus que é o único que pode fazê-lo.

TESOUROS VELHOS USADOS DE MODO NOVO

Mateus 13:51-52

Quando Jesus terminou de falar sobre o Reino perguntou a seus discípulos se tinham entendido. E tinham compreendido, ao menos em parte. Logo Jesus passa a falar sobre o escriba, instruído no Reino de Deus, que tira de seu tesouro coisas novas e velhas. O que diz Jesus em realidade, é o seguinte:

Vós podeis entender porque vos aproximastes de mim com uma herança importante. Viestes com todo o ensino da lei e os profetas. Um escriba aproxima-se com toda uma vida dedicada ao estudo da lei e todos os seus mandamentos. Esse pano de fundo vos permite compreender. Mas depois que eu vos instruí conheceis, não só as coisas que sabíeis antes, mas também coisas que jamais ouvistes, e até o conhecimento que tínheis antes está iluminado e esclarecido pelo que eu vos tenho dito.

Há algo muito sugestivo nisto. Porque isto significa que Jesus jamais desejou nem teve a intenção de que quando alguém se aproximasse dEle esquecesse o que sabia. O que planejava era que visse esse conhecimento sob uma nova luz, e que o empregasse em um serviço novo, e quando faz isso, o que sabia antes se transforma em um tesouro maior do que jamais foi.

Todo homem se aproxima de Jesus Cristo com algum dom e alguma capacidade. Jesus não pretende que abandone esse tesouro. Há muita gente que acredita que quando alguém se une a Cristo deve abandonar tudo e concentrar-se sobre o que se considera religioso. Mas um estudante não abandona seus estudos ao converter-se em cristão; antes, emprega-os para Cristo. Um homem de negócios não tem por que abandonar suas ocupações; antes, deve administrá-las como o faria um

cristão. Alguém que canta, dança, atua (como ator) ou pinta não tem por que abandonar sua arte, antes empregá-la de maneira cristã. O desportista não tem que abandonar o esporte, antes conduzir-se nele como um cristão. Jesus não veio esvaziar a vida, e sim enchê-la, não veio a empobrecê-la, e sim enriquecê-la. Aqui vemos Jesus dizendo aos homens que não abandonem seus tesouros, e sim que os empreguem de maneira mais maravilhosa porque o fazem à luz do conhecimento que Ele lhes deu.

A BARREIRA DA INCREDELIDADE

Mateus 13:53-58

Era natural que em algum momento Jesus visitasse Nazaré, o lugar onde se criou. E entretanto, era um pouco arriscado fazê-lo. O lugar onde seria mais difícil a qualquer pregador pregar é a igreja onde passou sua infância. O lugar onde um médico sente mais dificuldade de praticar sua arte é onde passou sua juventude. Mas Jesus se dirigiu a Nazaré. Na sinagoga não havia uma pessoa determinada a pregar. O presidente da sinagoga podia pedir a qualquer estrangeiro ilustre que pregasse e qualquer um que tivesse alguma mensagem a transmitir podia animar-se a falar. Não havia nenhum perigo de que não se concedesse a Jesus o direito de falar. Mas quando o fez, só se encontrou com hostilidade e incredulidade. Não queriam ouvi-lo porque conheciam seu pai, sua mãe, seus irmãos e irmãs. Não podiam crer que alguém que tinha vivido entre eles e a quem eles tinham conhecido pudesse ter o direito de falar na forma em que o fazia Jesus. Como acontece com muita freqüência, o profeta não recebia nenhuma honra em sua própria terra, e sua atitude para com Ele ergueu uma barreira que fez impossível que Jesus exercesse alguma influência sobre eles.

Há um grande ensino nisto. Em qualquer culto onde se reúne um grupo de pessoas, a congregação prega mais da metade do sermão. A congregação traz consigo uma atmosfera. Essa atmosfera pode ser uma

barreira que o pregador não pode vencer ou uma expectativa tal que até o sermão mais pobre se converte em uma chama acesa.

Mais uma vez, não devemos julgar a alguém segundo seus antecedentes e suas relações familiares, devemos julgar as pessoas pelo que são. Mais de uma mensagem foi aniquilada, não porque fosse má, mas porque a mentalidade das pessoas estava tão cheia de preconceitos contra o mensageiro, que a mensagem não teve nenhuma oportunidade de prosperar.

Quando nos reunimos para adorar a Deus e ouvir sua palavra devemos fazê-lo com ansiosa espera e não devemos pensar no homem que fala, mas sim no Espírito que fala por meio dele.

Mateus 14

O trágico drama de João Batista - Mat. 14:1-12

A queda de Herodes - Mat. 14:1-12 (cont.)

Compaixão e poder - Mat. 14:13-21

O lugar do discípulo na obra de Cristo - Mat. 14:13-21 (cont.)

A operação de um milagre - Mat. 14:13-21 (cont.)

No momento da tribulação - Mat. 14:22-27

Desfalecimento e recuperação - Mat. 14:28-33

O ministério de Cristo - Mat. 14:34-36

O TRÁGICO DRAMA DE JOÃO BATISTA

Mateus 14:1-12

Este é o relato do trágico drama da morte de João Batista. E, tal como o relata Mateus, os personagens do drama se perfilam com clareza.

(1) Ali está o próprio João. No que respeita a Herodes, João tinha dois defeitos. (a) Era muito popular entre o povo. Josefo também relata a história da morte de João e o faz deste ponto de vista. Josefo escreve (*Antiguidades dos judeus*, 18.5.2): "Quando foram muitos os que se congregaram a seu redor, porque se sentiam muito comovidos por suas palavras, Herodes, que temia que a enorme influência que João exercia

sobre o povo o fizesse pensar e inclinar-se à rebelião (porque o povo parecia disposto a fazer algo que ele os aconselhasse), pensou que, ao matá-lo, evitaria qualquer mal que pudesse causar e não procuraria dificuldades ao perdoar a um homem que poderia induzi-lo a arrepende-se quando já era muito tarde. Por isso o enviaram prisioneiro, pelo temperamento suspeito de Herodes, a Macaero... e ali o mataram." Do ponto de vista do Josefo o que provocou a morte do João foi a inveja suspeita do Herodes. Como qualquer outro tirano débil, suspeito e atemorizado, Herodes não podia pensar em outra maneira de tratar com um possível rival senão a morte. (b) Mas os autores dos evangelhos vêem a história de outra perspectiva. Não é uma história diferente, é a mesma história relatada de outro ponto de vista. Tal como eles o viam, Herodes matou a João porque este dizia a verdade. Sempre é perigoso contradizer a um tirano e isso foi justamente o que João fez. Os fatos eram muito simples. Herodes Antipas estava casado com uma filha do rei dos árabes nabateos. Tinha um irmão em Roma que também se chamava Herodes. Os evangelistas chamam Herodes Felipe ao segundo Herodes. Pode ser que seu nome completo fosse Herodes Felipe ou possivelmente se confundiram devido às complicadas relações matrimoniais dos Herodes. Este Herodes que residia em Roma era um indivíduo rico que não tinha nenhum reino próprio. Em uma visita que fez a Roma Herodes Antipas seduziu à mulher de seu irmão e a convenceu de que abandonasse a seu marido e se casasse com ele. Para poder fazê-lo, teve que abandonar a sua própria mulher coisa que acarretou, como veremos mais adiante, conseqüências desastrosas. Além do aspecto moral do assunto, Herodes tinha quebrado duas leis mediante sua conduta. Divorciou-se de sua mulher sem nenhuma razão e se casou com sua cunhada coisa que, segundo a lei judia, era uma das relações proibidas. João o acusou sem titubear. No Oriente sempre é perigoso acusar a um tirano e, com sua atitude, João assinou sua própria sentença de morte. João era um homem que assinalava o mal em qualquer lugar que o visse.

Quando John Knox defendia seus princípios contra a rainha Maria da Inglaterra, esta lhe perguntou se considerava correto resistir a autoridade dos governantes. Sua resposta foi: "Se os príncipes ultrapassarem seus limites, senhora, podem ser resistidos e inclusive destronados." O mundo deve muito aos homens que expuseram suas vidas e tiveram a coragem de dizer até a reis e rainhas, que há uma lei moral que não podiam quebrantar impunemente.

(2) Ali estava Herodias. Como veremos mais adiante esta mulher foi a ruína de Herodes em todo sentido embora não carecia de um certo sentido de grandeza. No momento nos limitaremos a assinalar o seguinte: Herodias carregava uma culpa tripla. Era uma mulher de moral dissipada e infiel. Era uma mulher vingativa que alimentava sua ira para mantê-la viva e que estava disposta a vingar-se, inclusive quando a acusava com justiça. E, o que possivelmente seja o pior aspecto, era uma mulher que não duvidava em rebaixar-se a usar a sua própria filha para levar a cabo seus projetos de vingança. Já teria sido bastante mau que tivesse procurado formas de vingar-se do representante de Deus que a enfrentava com sua culpa. Mas foi muito pior que usasse a sua filha para seus propósitos nefastos e a convertesse em um pecador semelhante a ela mesma. Pouco se pode dizer em favor de uma mãe que suja a sua filha com uma culpa para obter um fim pessoal pecaminoso.

(3) Ali estava Salomé, a filha de Herodias. Salomé deve ter sido jovem, possivelmente teria dezesseis ou dezessete anos. Não importa no que se converteu mais adiante, neste caso a moça pecou mais porque deixou-se induzir a fazê-lo que por sua própria vontade. Deve ter experimentado um pouco de vergonha. Encontramo-nos frente a uma princesa real que atuava como bailarina. Os bailes destas moças eram sugestivos e imorais. O fato de uma princesa real dançar em público já é surpreendente. Herodias não se importava em pecar contra a modéstia e rebaixar sua filha, se com isto podia vingar-se de um homem que a tinha acusado com toda justiça.

A QUEDA DE HERODES**Mateus 14:1-12 (continuação)**

(4) No quarto lugar da lista de personagens aparece o próprio Herodes. Ele é chamado de *tetrarca*. Literalmente *tetrarca* significa *governador da quarta parte*; mas chegou a empregar-se a palavra para designar, como aqui, a qualquer governante subordinado de uma parte de um país. Herodes o Grande tinha tido muitos filhos. Ao morrer, dividiu o território em três partes e, com o consentimento dos romanos, deixou-o em mãos de três de seus filhos. Deixou a Arquelaú a Judéia e Samaria, a Felipe ficou o território setentrional de Traconites e Ituréia. Ao Herodes Antipas, o personagem desta história, tocou-lhe Galiléia e Peréia. Herodes Antipas não era, de nenhum ponto de vista, um rei excepcionalmente mau. Mas nesta oportunidade Herodes entrou em um caminho que o levaria à ruína total. Podemos assinalar três coisas sobre Herodes.

(a) Tinha uma consciência culpada. Quando Jesus adquiriu certa proeminência Herodes chegou à conclusão imediata de que se tratava do João que havia ressuscitado. Orígenes faz uma sugestão muito interessante sobre isto. Assinala que, de fato, havia uma relação estreita entre Maria, mãe de Jesus, e Isabel, mãe de João (Lucas 1:36). Quer dizer que Jesus e João eram parentes carnais. E menciona uma tradição segundo a qual João e Jesus se pareciam muito, coisa que é muito provável. Se isto era verdade, a consciência culpada de Herodes deve lhe ter feito sentir que tinha mais fundamentos para experimentar temor. Herodes é a grande prova de que ninguém pode livrar-se de um pecado eliminando o homem que o confrontou com tal pecado. Há algo que se chama consciência que, mesmo que se elimine o acusador humano, não se pode silenciar o divino.

(b) A ação de Herodes é típica de um homem fraco. Herodes cumpriu uma promessa tola e desobedeceu uma lei fundamental. Tinha prometido a Salomé dar-lhe qualquer coisa que lhe pedisse, sem

imaginar o que estava por lhe pedir. Sabia muito bem que conceder seu pedido e manter essa promessa significava quebrantar uma lei muito mais importante. E entretanto, preferiu manter a promessa porque era muito fraco para reconhecer seu engano. Herodes sentia mais temor diante dos caprichos de uma mulher que diante duma lei moral. Temia a mais crítica e possivelmente a zombaria de seus convidados, que a voz da consciência. Herodes era um homem que podia manter uma posição firme nas coisas más, embora soubesse muito bem o que era o correto. E essa firmeza é sinal, não de poder, mas de fraqueza.

(c) Já dissemos que neste caso a atitude de Herodes foi o princípio de sua ruína, e é certo. O resultado de sua sedução de Herodias e seu divórcio de sua própria mulher, foi que Aretas, o pai de sua mulher, e governador dos nabateos, sentiu-se profundamente ofendido pela ofensa que Herodes tinha feito à sua filha. Atacou a Herodes e o venceu. O comentário do Josefo é o seguinte: "Alguns judeus sentiram que a destruição do exército de Herodes provinha de Deus e que era algo muito justo, como castigo pelo que Herodes fazia a João, a quem chamavam o Batista" (*Antiguidades dos Judeus*, 18.5.2). Em realidade, Herodes só se salvou indo ao poder romano, para que lhe ajustassem os problemas.

Desde o começo a aliança ilegal e imoral de Herodes com Herodias não lhe trouxe mais que complicações. Mas a influência de Herodias não parou aí. Passaram os altos e chegou Calígula ao trono romano. Felipe, que fora tetrarca de Traconites e Ituréia, morreu e Calígula deu a província a outro membro da família Herodes, Agripa. Junto com a província lhe deu o título de rei. O fato de Agripa ser chamado rei causou uma amarga inveja a Herodias. Josefo diz: "Não foi capaz de dissimular o profundo mal-estar provocado pela inveja que sentia" (*Antiguidades dos judeus*, 18.7.1).

A conseqüência de sua inveja foi que incitou a Herodes a ir a Roma e pedir a Calígula que concedesse a ele também o título de rei, porque Herodias propôs-se converter-se em rainha. "Vamos a Roma", disse, "e não pouparemos desvelos nem gastos, nem de prata nem de ouro, visto

que não se pode guardar para nada mais proveitoso que a obtenção de um reino." Herodes não sentia desejos de agir, era naturalmente preguiçoso e também previa problemas sérios. Mas esta mulher persistente fez sua própria vontade. Herodes se preparou para partir para Roma, mas Agripa enviou mensageiros que se adiantaram com a acusação de que Herodes se preparava para rebelar-se contra Roma. O resultado foi que Calígula acreditou na acusação de Agripa e tirou de Herodes sua província junto com todo o dinheiro e a deu a Agripa. Também exilou Herodes na longínqua Gália onde adoeceu até sua morte. De maneira que foi por culpa de Herodias que Herodes perdeu sua fortuna e seu reino, e arrastou uma penosa existência nas lonjura da Gália.

Aqui foi onde Herodias mostrou seu único rasgo de grandeza e magnanimidade. De fato, era irmã de Agripa, e Calígula lhe disse que não tinha intenções de lhe tirar sua fortuna pessoal e que, por consideração a Agripa pensava perdoá-la e portanto não precisava acompanhar seu marido ao exílio. Herodias respondeu: "Vós, Imperador, atuais de maneira magnífica e digna de vós no que me oferecis, mas o amor que professo a meu marido impede de fazer uso do favor que me outorgais, porque não é justo que eu, que o acompanhei na prosperidade, não compartilhe sua desgraça" (*Antiguidades dos Judeus*, 18.7.2). E Herodias acompanhou Herodes ao exílio.

Se alguma vez houve uma prova clara de que o pecado traz seu próprio castigo, essa prova é Herodes. Foi um dia desgraçado aquele em que Herodes seduziu ao Herodias pela primeira vez. Esse ato de infidelidade provocou o assassinato do João e ao final chegou o desastre no qual o perdeu tudo, exceto a mulher que o amava e que o tinha arruinado.

COMPAIXÃO E PODER**Mateus 14:13-21**

Galiléia deve ter sido um lugar onde era difícil estar sozinho e afastar-se da multidão. É uma região pequena; não tem mais de oitenta quilômetros de norte a sul e quarenta de leste a oeste. Josefo nos diz que nessa época havia 204 cidades e aldeias, nenhuma das quais tinha uma população de menos de 15.000 habitantes. Em um lugar tão densamente povoado não era fácil apartar-se das pessoas por um período muito longo. Mas do outro lado do lago era muito tranqüilo e em sua parte mais larga este não tinha mais que doze quilômetros. Os amigos de Jesus eram pescadores e não era difícil embarcar em um de seus barcos e procurar tranqüilidade na margem oriental do lago. Isso foi o que Jesus fez ao tomar conhecimento da morte do João.

Havia três razões muito simples e naturais pelas quais Jesus podia desejar estar sozinho. Era humano e precisava descansar. Nunca se lançava temerariamente ao perigo, e era conveniente afastar-se para não correr a mesma sorte de João prematuramente. E, o mais importante, ao aproximar-se cada vez mais à cruz sabia que devia encontrar-se com Deus antes de encontrar-se com os homens. Jesus procurava descanso para seu corpo e vigor para sua alma em lugares apartados. Mas não podia consegui-lo. Seria fácil ver o bote que se afastava e deduzir para onde se dirigia. E as multidões se reuniram à margem, dando a volta ao lago, e o esperavam do outro lado quando chegou. De maneira que Jesus os curou e quando chegou a tarde lhes deu de comer antes que emprendessem o longo caminho a suas casas. São poucos os milagres de Jesus tão reveladores como este.

(1) Fala-nos da compaixão de Jesus. Quando Jesus viu a multidão experimentou compaixão até o mais profundo de seu ser. Isso é algo muito maravilhoso. Jesus tinha ido em busca de paz, silêncio e quietude e em lugar disto encontrou uma vasta multidão pedindo com ardor o que pudesse lhes dar. Facilmente poderia ter-se sentido contrariado pela

presença da multidão; poderia sentir que eram um estorvo, e poderia tê-lo demonstrado com toda facilidade. Que direito tinham de invadir sua vida particular com suas constantes exigências? Acaso não podia ele ter silêncio, descanso e tranquilidade? Mas Jesus não era assim. De maneira que, longe de senti-los como um incômodo, compadeceu-se deles.

Premanand, o grande cristão que tinha sido um rico hindu e pertencente à casta mais alta, diz em sua autobiografia: "Como na antiguidade, nossa mensagem atual ao mundo não cristão é a mesma, que *Deus se importa.*" Se for assim, nunca devemos estar muito ocupados em receber as pessoas e nunca devemos aparentar senti-lo como uma carga e um estorvo.

"Minha própria experiência", diz Premanand, "ensinou-me que quando eu ou algum missionário ou sacerdote hindu demonstramos impaciência ou pressa ante algum visitante educado e inteligente, fosse cristão ou não, e deixávamos transparecer que tínhamos pressa ou que era nossa hora de almoçar ou de tomar o chá, e que não podíamos nos atrasar, suas perguntas se perdiam e não os voltávamos a ver."

Jamais devemos tratar as pessoas com um olho no relógio como se estivéssemos desejando nos livrar deles o mais rápido possível. Premanand passa a relatar um incidente que, sem exagerar, pode ter mudado todo o curso da propagação do cristianismo em Bengala.

"Em alguma parte se relata como o primeiro bispo metropolitano da Índia não recebeu o desaparecido Pandit Iswar Chandar Vidyasagar de Bengala, devido a formalidades oficiais. Pandit foi enviado como representante oficial da comunidade hindu de Calcutá para estabelecer relações diplomáticas com o bispo e com a Igreja. Vidyasagar, que era o fundador de um colégio hindu em Calcutá e um reformador social, autor e educador de renome, voltou desiludido por não ter podido manter a entrevista e formou um poderoso partido de cidadãos cultos e abastados de Calcutá para opor-se à Igreja e ao bispo e para evitar a propagação do

cristianismo... A formalidade não observada por quem se reconhecia funcionária da igreja cristã, transformou um amigo em um inimigo."

Que oportunidade se perdeu para Cristo porque a vida particular de uma pessoa não podia ser interrompida exceto através dos canais oficiais! Jesus jamais considerou que uma pessoa fosse algo incômodo, nem sequer quando todo seu corpo pedia descanso e tranqüilidade e seus seguidores tampouco devem fazê-lo,

(2) Neste relato vemos que Jesus dá testemunho de que todos os dons são de Deus. Tomou a refeição e pronunciou uma bênção. A oração que diziam os judeus antes das refeições era muito simples: "Bendito és tu, Jeová nosso Deus, Rei do universo, que faz brotar o pão da terra." Essa deve ter sido a oração que Jesus pronunciou porque era a que diziam todas as famílias judias. Aqui vemos Jesus mostrando que o que ele traz para os homens são os dons de Deus. A graça da gratidão para com os homens é algo incomum; é menos comum ainda para com Deus.

O LUGAR DO DISCÍPULO NA OBRA DE CRISTO

Mateus 14:13-21 (continuação)

(3) Este milagre nos fala com toda clareza sobre o lugar do discípulo na obra de Cristo. O relato diz que Jesus deu aos discípulos e os discípulos deram à multidão. Nesse dia Jesus operou por meio de seus discípulos e o segue fazendo até agora. Uma e outra vez nos confrontamos com a verdade que está no coração da Igreja. É certo que o discípulo fica desamparado sem o Senhor, mas também é certo que o Senhor fica desamparado sem o discípulo. Se Jesus quer levar algo a cabo, se quiser que se instrua a um menino ou que se ajude a uma pessoa, deve conseguir alguém que o faça.

Jesus necessita pessoas por meio das quais possa agir e falar. Na primeira época de suas averiguações, Premanand entrou em contato com o bispo Whitley em Ranchi. Escreve:

"O bispo lia a Bíblia comigo todos os dias, e às vezes eu lia bengali com ele e falávamos em bengali. Quanto mais tempo vivia com o bispo mais me aproximava dele, e descobri que sua vida revelava a Cristo, e seus atos e palavras me facilitavam a compreensão dos fatos e as palavras de Cristo que lia todos os dias na Bíblia. Tive uma nova visão de Cristo quando vi sua vida de amor, de sacrifício e de negação de si mesmo na vida cotidiana do bispo. De fato, converteu-se na epístola de Cristo para mim."

Jesus Cristo necessita discípulos por meio dos quais possa agir, e mediante quem sua verdade e seu amor possam entrar na vida de outros. Necessita homens a quem possa dar para que eles possam dar a outros. Sem esses homens não pode operar e nossa tarefa é virmos a ser esses homens.

Seria fácil sentir-se desalentado e afligido por uma tarefa de semelhante magnitude e envergadura. Mas há outro elemento neste relato que nos alenta. Quando Jesus disse a seus discípulos que alimentassem a multidão responderam que tudo o que tinham eram cinco pães e dois peixes. E entretanto, com o que lhe ofereceram, Jesus fez um milagre. Jesus impõe a cada um de nós a tarefa tremenda de comunicá-la aos homens, mas não nos exige esplendores, qualidades e magnificências que não possuímos. Diz-nos: "Venha a mim como você está, por pouco que você tenha; traga-me o que você tem, por pouco que seja, e o usarei em grande medida em meu serviço." Um pouco sempre é muito nas mãos de Cristo.

(4) No final do milagre está esse estranho pequeno toque a respeito de que se recolheram os pedaços. Inclusive quando com um milagre se alimentava suntuosamente as pessoas, não se desperdiçava nada. Aqui devemos assinalar algo. Deus dá aos homens com magnificência, mas nunca é correto desperdiçar os dons de Deus. Deus dá generosamente mas uma extravagância dilapidadora nunca está certo. O dom generoso de Deus e nosso emprego inteligente desse dom devem ir de mãos dadas.

A OPERAÇÃO DE UM MILAGRE**Mateus 14:13-21 (continuação)**

Há pessoas que lêem os milagres de Jesus e não experimentam nenhuma necessidade de entender. Deixemo-los imperturbáveis na doce simplicidade de sua fé. Há outros que lêem e suas mentes se fazem perguntas e sentem que devem compreender. Não se envergonhem os tais porque Deus se aproxima para defrontar-se com o espírito que se faz perguntas. Mas qualquer que seja a forma em que nos aproximemos dos milagres de Jesus, há uma coisa indubitável. Jamais devemos tomá-los como algo que *aconteceu*; sempre devemos vê-los como algo que *acontece*. Não são acontecimentos isolados na história: são demonstrações do poder sempre atuante e contínuo de Jesus Cristo.

Há três maneiras de ver este milagre.

(1) Podemos vê-lo como uma simples multiplicação de pães e peixes. Isso seria muito difícil de entender e seria algo que aconteceu uma vez e que nunca voltou a repetir-se neste mundo; se o virmos deste modo, fiquemos tranqüilos mas tampouco sejamos críticos nem condenemos a qualquer pessoa que sinta que deve compreendê-lo de outra forma.

(2) Muita gente viu um sacramento neste milagre. Sentem que os que estiveram presentes só receberam uma minúscula partícula de comida, porém com essa quantidade se sentiram fortalecidos e satisfeitos para a viagem. Sentem que não se tratou de uma refeição na qual a multidão se sentou e satisfez seu apetite físico, mas sim foi uma refeição na qual ingeriram o alimento espiritual de Cristo. Se for assim, trata-se de um milagre que se torna a repetir cada vez que nos sentamos à Mesa do Senhor. Nesse momento recebemos o alimento espiritual que nos leva a empreender com passo mais firme e com maior vigor o caminho da vida que conduz a Deus.

(3) Há aqueles que viram neste milagre algo que em um sentido é perfeitamente natural e que, entretanto, de outro ponto de vista é um

verdadeiro milagre e algo muito precioso. Imaginemos a cena. Ali está a multidão, é tarde, sentem fome. Mas é provável, em realidade, que a grande maioria da multidão tenha empreendido uma viagem através do lago sem levar nada de comer? Não levariam algo consigo, embora fosse muito pouco? Tinha chegado a tarde e sentiam fome. Mas também eram egoístas. E ninguém queria mostrar o que tinha por temor a ter que compartilhá-lo e ficar com pouca comida para si. Antes de compartilhar suas escassas provisões as guardavam em suas bolsas. Então Jesus e seus discípulos deram o exemplo. Começou a compartilhar o que eles tinham com uma bênção, um convite e um sorriso. E nesse momento todos começaram a compartilhar o que tinham levado e antes de que se dessem conta do que acontecia havia comida suficiente para todos.

Se isso foi o que aconteceu, não se trata de um milagre de multiplicação de pães e peixes. Foi o milagre da conversão de gente egoísta em gente generosa pela intervenção de Cristo. Foi o milagre do nascimento do amor em corações mesquinhos. Foi o milagre de homens e mulheres que mudaram pela operação de um pouco de Cristo neles que fez desaparecer o egoísmo de seus corações. Se sucedeu assim, então Cristo os alimentou consigo mesmo no sentido mais real, e enviou a seu Espírito a habitar em seus corações.

Não importa como entendamos este milagre. Uma coisa é indubitável – quando Cristo está presente, os que estão cansados encontram descanso e as almas famintas encontram alimento.

NO MOMENTO DA TRIBULAÇÃO

Mateus 14:22-27

A lição desta parábola é abundante e preciosamente clara; o que aconteceu em realidade está muito longe de ser claro. Em primeiro lugar, situemo-nos no incidente em seu cenário.

Depois de alimentar a multidão Jesus se despediu de seus discípulos. Mateus diz que os *fez* embarcarem no bote e irem na frente

dEle. À primeira vista parece estranha a palavra fez ou obrigou, mas se nos referimos ao relato que João dá do incidente é provável que encontremos a explicação. João diz que depois de alimentar a multidão, a multidão quis aproximar-se e fazê-lo rei à força (João 6:15). Houve uma erupção de clamor popular e no estado excitado em que se encontrava a Palestina não teria sido difícil produzir-se uma revolução ali mesmo. Era uma situação perigosa, e é muito provável que os discípulos a tenham complicado ainda mais porque eles também seguiam pensando em Jesus em termos de poder terrestre. Jesus despediu os seus discípulos porque se produziu uma situação que podia resolver melhor sozinho e na qual não desejava que eles se vissem comprometidos.

Quando ficou sozinho foi ao monte a orar e já era de noite. Os discípulos tinham empreendido a volta através do lago. Levantou-se uma tempestade repentina das que costumavam ocorrer no lago e lutavam contra o vento e as ondas mas não adiantou muito. Já entrada a noite, Jesus começou a caminhar pela margem do lago para chegar ao outro lado. Mateus já nos disse que quando alimentou a multidão Jesus se assegurou que se sentassem sobre a *relva*. Isso nos diz que deve ter sido primavera. É muito provável que tenha acontecido perto do tempo da Páscoa, em meados de abril. Se for assim, deve ter havido Lua cheia. Nos tempos antigos a noite se dividia em quatro vigílias – de seis da tarde a nove da noite, de nove a doze da noite, de doze a três da manhã, e de três a seis da manhã. De maneira que às três da manhã, enquanto Jesus caminhava por uma elevação de terreno ao norte do lago viu com toda clareza o barco que lutava com as ondas e desceu à margem para ajudar os discípulos.

É neste momento quando fica difícil saber o que foi que aconteceu. Nos versículos 25 e 26 lemos duas vezes que Jesus caminhou *sobre o mar*, e o curioso é que as duas frases que expressam *sobre o mar* em grego são diferentes. No versículo 25 é *epi ten thaiassan*, que pode significar tanto *sobre* a água como *para* a água. No versículo 26 é *epi thes thaiasses*, que pode significar *em cima* da água e é, em realidade, a

mesma frase que se emprega no João 21:1 para dizer *junto ao mar*, quer dizer na margem do mar, de Tiberíades. Mais ainda, a palavra que se emprega para expressar andar em ambos os versículos, 25 e 26, é *peripatein*, que significa *caminhar de um lado a outro*. O certo é que, no que respeita à versão grega, há duas interpretações possíveis desta passagem. Pode descrever um milagre em que Jesus de fato caminhou sobre as águas. Mas também pode assinalar que o barco dos discípulos foi arrastado pelo vento à margem norte do lago, que Jesus desceu do monte para ajudá-los quando os viu lutar contra a tempestade à luz da lua, e que foi caminhando através das ondas procelosas para a barco e se aproximou deles em forma tão repentina que se sentiram aterrados ao vê-lo. Ambas as interpretações são igualmente válidas. Alguns preferirão uma delas, outros a outra.

Mas não importa qual das duas interpretações do grego escolhamos. O sentido e o significado são evidentes. *Na hora da necessidade dos discípulos Jesus foi até eles*. Quando o vento era-lhes contrário sua força e a vida era uma luta, Jesus estava ali para ajudá-los. Logo que tinha surgido a necessidade, Jesus já estava ali para ajudar e salvar.

Na vida freqüentemente o vento nos é contrário. Há momentos em que estamos contra ele e a vida se converte em uma luta desesperada conosco mesmos, com nossas circunstâncias, nossas tentações, nossas tristezas, nossas decisões. Em seus momentos, nenhum homem deve lutar sozinho, porque Jesus chega a ele através das tormentas da vida, com a mão estendida para salvar, e com sua voz clara e tranqüila que nos incita a ter coragem e não temer.

Não importa como interpretemos este incidente, de qualquer modo é muito mais que a simples história do que Jesus fez uma vez durante uma tempestade na Palestina. É o sinal e o símbolo do que Ele sempre faz pelos seus, quando o vento sopra contrário, e quando corremos perigo de nos sentir afligidos pelas tormentas da vida.

DESFALCIMENTO E RECUPERAÇÃO**Mateus 14:28-33**

Nenhuma outra passagem do Novo Testamento nos revela de maneira mais completa o caráter do Pedro. Diz-nos três coisas sobre ele.

(1) Pedro se inclinava a agir por impulsos e sem pensar o que fazia. O erro de Pedro era que uma e outra vez agia sem enfrentar a situação em sua totalidade e sem calcular os riscos. Faria exatamente o mesmo mais adiante quando assegurou uma lealdade eterna, inamovível, sem hesitações a Jesus (Mateus 26:33-35), e logo negou o nome de seu Senhor. E entretanto, há pecados mais graves que esse, porque todo o problema de Pedro consistia em que obedecia a seu coração. E embora fracassando às vezes, seu coração sempre estava certo e o instinto de seu coração sempre era o amor.

(2) Como vimos, devido ao fato de que agia por impulsos, Pedro com frequência cometia erros e sofria. Jesus sempre insistia em que o homem devia enfrentar a situação em toda sua crueldade antes de agir (Lucas 9:57-58; Mateus 16:24-25). Jesus era completamente honesto com os homens, sempre os fazia ver quão difícil era segui-lo antes de que empreendessem o caminho cristão. Uma boa medida dos fracassos cristãos se deve a que se age movido por um impulso emocional sem calcular os riscos.

(2) Mas, em última instância, Pedro nunca fracassava, porque no momento de seu fracasso se aferrava a Cristo. O maravilhoso nele é que cada vez que fracassava voltava a levantar-se, e deve ter sido certo que seus fracassos o aproximavam cada vez mais de Jesus Cristo. Como se tem dito com muita certeza, um santo não é um homem que nunca cai, um santo é um homem que se levanta e segue para frente cada vez que cai. Os fracassos do Pedro o incitavam a amar cada vez mais a Jesus Cristo.

Estes versículos terminam com outra grande verdade eterna. Quando Jesus entrou no barco o vento amainou. A grande verdade é que,

em qualquer lugar que está Cristo, a tempestade mais violenta se torna em calmaria.

Em seu livro *Consider Him*, Olive Wyon cita algo da correspondência de São Francisco de Sales. São Francisco tinha notado um costume nos distritos rurais onde vivia. Havia visto com muita freqüência uma faxineira das granjas que ia tirar água de um poço. Também tinha notado que antes de levantar o cubo cheio de água sempre punha uma parte de madeira dentro. Um dia se aproximou da moça e perguntou: "Por que você faz isso?". Ela o olhou com surpresa e lhe respondeu como se se tratasse de algo que se dava por subentendido: "Por que? Para evitar que se derrame a água... para mantê-la quieta..." Quando escrevia a um amigo mais adiante o bispo contou esta história e acrescentou: "Do mesmo modo, quando seu coração se sinta desassossegado e inquieto ponha a cruz no centro para mantê-lo tranqüilo." Em todos os momentos de tormenta e tribulação a presença de Cristo e o amor que emana da cruz trazem serenidade, paz e calma.

O MINISTÉRIO DE CRISTO

Mateus 14:34-36

Esta é só uma das passagens quase descoloradas do evangelho de Mateus que sirvam de relação entre outras duas mais importantes. Trata-se de uma ou duas orações no relato evangélico que alguém pode passar por alto com facilidade sem lhe dar importância. Entretanto, é muito revelador.

(1) Nesta passagem há certa beleza. Apenas Jesus aparecia em algum lugar os homens se amontoavam a seu redor e clamavam por sua ajuda; e Ele jamais a negava. Curava a todos. Não somos informados que ensinasse ou pregasse; só se relata que curou os doentes. O mais tremendo a respeito de Jesus é que ensinava aos homens como era Deus *mostrando-lhes* como era. Não *dizia* aos homens que Deus se preocupava com eles, Ele o *mostrava*. Serve de muito pouco pregar o

amor de Deus com palavras se não se mostrar o amor de Deus por meio de atos.

(2) Mas também há um elemento trágico nesta passagem. Ninguém pode ler esta passagem sem notar nela o fato cru de que havia centenas de milhares de pessoas que só desejavam a Jesus pelo que podiam extrair dEle. Uma vez que tinham recebido a cura que procuravam não estavam dispostos a ir mais longe. Sempre aconteceu que as pessoas querem os privilégios do cristianismo sem suas responsabilidades. Sempre aconteceu que muitos de nós só lembramos de Deus quando precisamos dEle. A ingratidão é o mais horrível dos pecados; e não há outro pecado de que sejam culpados os homens com mais freqüência e com maior insistência que o pecado de ingratidão para com Deus e Jesus Cristo.

Mateus 15

Puros e impuros - Mat. 15:1-9

A comida que entra no homem - Mat. 15:1-9 (cont.)

As formas de purificação - Mat. 15:1-9 (cont.)

Desobedecer a lei de Deus para obedecer a lei do homem - 15:1-9 (cont.)

O verdadeiro bem e o verdadeiro mal - Mat. 15:10-20

A fé posta à prova e a fé que responde - Mat. 15:21-28

A fé que ganhou a bênção - Mat. 15:21-28 (cont.)

O pão da vida - Mat. 15:29-39

A generosidade de Jesus - Mat. 15:29-39 (cont.)

PUROS E IMPUROS

Mateus 15:1-9

Não é exagerado afirmar que por mais difícil e obscuro que nos resulte esta passagem, é uma dos mais importantes de todo o evangelho. Representa um choque frontal entre Jesus e os líderes da ortodoxia judia. Seu começo torna evidente que os escribas e fariseus tinham feito todo o trajeto de Jerusalém a Galiléia para formular suas perguntas a Jesus. Nessa ocasião, não há por que pensar que as perguntas são maliciosas.

Nesta oportunidade os escribas e fariseus não estão tratando de enredar a Jesus com má intenção. Sentiam-se verdadeiramente surpreendidos. E em muito pouco tempo se sentiriam verdadeiramente indignados e escandalizados. Porque o mais fundamental desta passagem é que não se trata tanto de um choque frontal entre Jesus e os fariseus; é muito mais que isso: trata-se do choque entre duas interpretações da religião, e dois conceitos das exigências de Deus. Tampouco existia a menor possibilidade de chegar a um acordo ou a algum acordo entre estas duas interpretações da religião. Era inevitável que alguém destruísse a outra se não queria perecer. De maneira que, nesta passagem, encontramos com uma das lutas religiosas mais importantes da história. Para compreendê-lo devemos tratar de entender o pano de fundo da religião judia dos fariseus e os escribas.

Nesta passagem nos encontramos com toda a concepção do *puro* e o *impuro*. Devemos ter bem presente que esta idéia de pureza e impureza não tem nada a ver com a limpeza física nem com a higiene, exceto de maneira muito remota. Trata-se de uma questão puramente cerimonial. Estar limpo ou puro significava estar em um estado em que se podia adorar e aproximar-se de Deus. Ser impuro significava encontrar-se em um estado em que tal adoração e aproximação eram impossíveis. Esta impureza se contraía ao tocar certas pessoas ou ao tocar ou comer certas coisas. Uma mulher era impura, por exemplo, se tinha um fluxo de sangue, embora tal fluxo fosse o seu período menstrual normal. Era impura durante um tempo determinado depois de ter dado à luz um filho. Todo corpo morto era impuro, e tocar um cadáver significava converter-se em impuro. Tudo gentio era impuro.

Esta impureza era transmissível, quer dizer, era algo assim como infecciosa. Se um camundongo tocava uma vasilha de barro, por exemplo, essa vasilha se convertia em algo impuro. Se não fosse lavada e limpada, seguindo um ritual determinado, tudo o que se introduzia nela era impuro. Como resultado disto, qualquer um que tocasse na vasilha ou que comesse ou bebesse seu conteúdo se tornava impuro. Por sua vez,

qualquer um que tocasse a pessoa que se tinha feito impura, também se convertia em impuro. Esta idéia não pertence aos judeus com exclusividade. Também é encontrada em outras religiões. Para um hindu de uma casta superior qualquer um que não pertence à mesma casta é impuro; se essa pessoa se fizer cristã, é ainda mais impura.

Premanand, o grande hindu que se converteu ao cristianismo, relata-nos em sua autobiografia o que aconteceu a ele. Converteu-se em cristão, sua família o expulsou. Às vezes costumava voltar para ver sua mãe que se sentia desesperada pelo que considerava a apostasia de seu filho, mas que o seguia amando. Premanand nos conta: "Apenas meu pai se inteirava que eu ia visitar minha mãe durante o dia quando ele estava em seu escritório, ordenava ao porteiro, um homem forte do campo, Ram Rup... que não me deixasse entrar na casa." Convenceu-se a Ram Rup que não exercesse uma vigilância tão estrita. "Por último minha mãe persuadiu a Ram Rup, o porteiro, e me permitiu entrar para vê-la. O preconceito era tão grande que até os serventes hindus da casa se negavam a lavar os pratos em que minha mãe me dava de comer. Às vezes minha tia purificava o lugar onde eu tinha estado e o assento que tinha usado, salpicando-o com água do Ganges ou com água mesclada com estrume de vaca." Premanand era impuro e tudo o que tocava se convertia em impuro.

Devemos assinalar que não há nada moral nisto. O fato de tocar certas coisas produzia essa impureza, e tal impureza excluía quem a sofria da sociedade dos homens e da presença de Deus. Era como se certa virtude especial ou infecção rodeasse como um halo ou algumas coisas e pessoas. Possivelmente possamos compreender isto melhor se lembramos que a idéia não desapareceu completamente na civilização ocidental, embora, neste caso, funciona em geral no sentido oposto. Ainda existe gente que acredita que coisas como um trevo de quatro folhas, ou um amuleto metálico ou de madeira, ou um gato preto, trazem boa ou má sorte.

De maneira que aqui nos deparamos com uma idéia da religião que vê nela algo que consiste em evitar o contato com certas coisas e pessoas porque são impuras. E, se se tinha tido contato, era preciso levar a cabo a purificação ritual necessária para livrar-se da impureza contraída. Mas devemos seguir um pouco mais com este tema.

A COMIDA QUE ENTRA NO HOMEM

Mateus 15:1-9 (continuação)

Estas leis de pureza e impureza tinham implicações ainda mais amplas. Estabeleciam o que uma pessoa podia comer assim como o que não podia comer. Em termos gerais, toda a comida e os vegetais eram impuros. Mas, no referente a criaturas viventes, as leis eram estritas. Estas leis aparecem em Levítico 11. Podemos resumi-las em poucas palavras. Dos animais só se podiam comer aqueles que tinham unhas fendidas e ruminavam. Essa é a razão pela qual nenhum judeu pode comer carne de porco, coelho ou lebre. Em nenhum caso se podia comer a carne de um animal que tivesse morrido por morte natural (Deut. 14:21). Em todos os casos era preciso escorrer o sangue do cadáver. Mesmo na atualidade, um judeu ortodoxo compra sua carne em um açougue *kosher* onde somente se vende carne que recebeu este tratamento. Podia-se comer a gordura comum mas não a gordura dos rins ou das vísceras que nós denominamos tripas. No que respeita aos animais marinhos, só se podia comer aqueles que tivessem barbatanas e escamas. Isso quer dizer que os frutos do mar, tais como as lagostas, são impuros. Todos os insetos são impuros com uma exceção: podia-se comer lagostas, e no Oriente ainda se comem. Como já vimos há uma prova para saber que animais e que peixes se podem comer. Mas no caso das aves não existe tal prova. A lista das aves impuras e proibidas aparece em Levítico 11:13-21. Tinha determinadas razões muito identificáveis para tudo isto.

(1) O não tocar corpos mortos ou comer a carne de um animal que tinha morrido por causas naturais pode ter tido alguma relação com a crença nos espíritos malignos. Seria fácil pensar que um demônio tinha vindo habitar em um cadáver e que desse modo entrava no corpo de quem o comia.

(2) Alguns animais eram sagrados em outras religiões. O gato e o crocodilo, por exemplo, eram sagrados na religião egípcia, e seria muito natural que o judeu considerasse impuro a qualquer animal que outras religiões veneravam. Vê-lo-ia como uma espécie de ídolo, sagrado para um deus pagão, e portanto perigosamente impuro.

(3) Como assinala o doutor Rendle Short em seu muito útil livro, *The Bible and Modern Medicine*, algumas das normas eram muito sábias do ponto de vista da saúde e a higiene. O doutor Short escreve:

"É certo que nós comemos porco, coelhos e lebres mas estes animais são propensos a infestações parasitárias e só estão fora de perigo quando são muito bem cozidos. O porco é um animal sujo em sua alimentação e cria dois parasitas, a triquina e a tênia, que podem transmitir-se ao homem. Nas condições atuais de nossas cidades o perigo é mínimo, mas não devia sê-lo na Palestina da antiguidade e era melhor evitar tal alimento."

A proibição de comer algo que contivera sangue provém do fato de que, no pensamento judeu, o sangue é a vida. Este pensamento é natural visto que assim como flui o sangue, também o faz a vida. E a vida pertence a Deus e nada mais que a Ele. A mesma idéia explica a proibição de comer gordura. A gordura é a parte mais saborosa do cadáver e a parte mais saborosa deve entregar-se a Deus. Em alguns casos, embora não em muitos, as proibições e as leis sobre comidas eram muito sensatas.

(4) Mas ficam uma quantidade de casos nos quais as coisas, as bestas e os animais eram impuros sem que houvesse nenhuma razão oferecida para isso. Os tabus sempre são inexplicáveis, não são mais que superstições sem razão de ser, mediante as quais se relacionam certas coisas vivas com a boa ou a má sorte, com a pureza ou a impureza.

Estas coisas não seriam muito importantes por si mesmas, mas o problema e a tragédia era que para os escribas e fariseus se converteram em uma questão de vida ou morte. Observar estas leis boas era servir a Deus, ser religioso. Se o expusermos do modo seguinte, veremos o resultado disto. Para a mente farisaica a proibição de comer carne de coelho ou de porco era um mandamento de Deus da mesma envergadura que a proibição do adultério. De maneira que era tão pecaminoso comer porco ou coelho como seduzir a uma mulher ou desfrutar de relações sexuais ilícitas. A religião se mesclou com todo tipo de regras e normas externas. E como é muito mais fácil observar regras e normas e controlar a quem não o faz, estas regras e normas tinham chegado a ser a religião do judeu ortodoxo.

AS FORMAS DE PURIFICAÇÃO

Mateus 15:1-9 (continuação)

Agora chegamos ao impacto especial que tudo isto tinha sobre a passagem que estamos estudando. Era evidente que era impossível evitar todos os tipos de impureza cerimonial. A pessoa podia evitá-la mas como podia estar seguro de que não havia tocado alguém impuro pela rua? O fato de tocá-lo o convertia em impuro, porque, como vimos, a impureza era contagiosa. Esta se complicava mais ainda pelo fato de que na Palestina havia gentios e até a terra que tocava o pé de um gentio se convertia em impura.

A fim de combater esta impureza se elaborou um complicado sistema de lavacros. Esses lavacros foram complicando-se cada vez mais. A princípio houve uma lavagem de mãos ao levantar-se pela manhã. Logo se desenvolveu um complexo sistema de lavagens que no começo só concernia aos sacerdotes no templo. Antes de comer a parte do sacrifício que lhes correspondia, devia passar por estes lavados. Logo os mais estritos entre os judeus ortodoxos empregaram e exigiram para si

estas lavagens complicadas; também as empregaram todos os que afirmavam ser realmente religiosos.

Em *The Life and Time of Jesus the Messiah* Edersheim resume as lavagens mais complicadas. Mantinham-se jarros com água para serem usados antes da comida. A quantidade mínima de água que se devia empregar era um quarto de log (um log equivale a meio litro), que se define como suficiente para encher uma casca e meia de ovo. Primeiro jogava a água sobre ambas as mãos que se mantinham com os dedos para acima, e devia correr até o punho. Devia cair de volta de fora do punho porque agora a água mesma era impura já que havia tocado as mãos impuras, e se voltava a correr pelos dedos voltaria a convertê-los em impuros. O procedimento se repetia com as mãos na posição contrária, com os dedos para abaixo. Por último se lavava cada mão esfregando cada uma delas com a palma da outra. Um judeu realmente estrito repetia isto não só antes de cada refeição mas também entre um prato e outro.

De maneira que a pergunta dos líderes ortodoxos judeus a Jesus é: "Por que não observam seus discípulos as leis sobre lavar as mãos que estabelece nossa tradição?"

Fala da *tradição dos anciãos*. Para o judeu a Lei havia duas seções. Havia a *Lei escrita* que se encontrava nas próprias Escrituras. E havia a *Lei oral* que constava dos desenvolvimentos, tal como as da lavagem das mãos, que os escribas e especialistas tinham elaborado através das gerações. E todos estes desenvolvimentos eram a tradição dos anciãos que se considerava tão obrigatória, se não mais, como a Lei escrita. Mais uma vez devemos parar para lembrar o elemento principal – para o judeu ortodoxo todo este ritual era a religião, isto era o que eles entendiam que Deus exigia. Fazer estas coisas significava agradar a Deus e ser um homem bom. Para expressá-lo de outra forma, todo este assunto da lavagem ritual se considerava tão importante e tão obrigatório quanto os mesmos Dez Mandamentos. Chegou-se a identificar a religião com uma

quantidade de regras externas. Era mais importante lavar as mãos de um modo determinado que obedecer o mandamento: "Não cobiçarás."

DESOBEDECER A LEI DE DEUS PARA OBEDECER A LEI DO HOMEM

Mateus 15:1-9 (continuação)

Jesus não respondeu de maneira direta à pergunta dos fariseus. O que fez foi tomar um exemplo da obediência à lei oral e cerimonial para demonstrar que a observância dessa lei, longe de ser uma obediência à lei de Deus, podia converter-se em uma contradição a tal lei.

Jesus diz que a lei de Deus ordena honrar pai e mãe; logo passa a afirmar que se um homem disser: "É uma oferenda", fica livre do dever de honrar a seu pai e sua mãe. Se buscarmos a passagem paralela em Marcos vemos que a frase é: "É *Corbã*." O que significa para nós esta passagem obscura? De fato pode ter dois sentidos, porque *Corbã* tem dois significados.

(1) *Corbã* pode significar *aquilo que se oferece ou dedica a Deus*. Agora, suponhamos que alguém tenha um pai ou mãe que vivia na pobreza e necessidade, e suponhamos que esse pai pobre e ancião chegasse a seu filho em busca de ajuda. Havia uma forma na qual o homem podia evitar ajudar a seus pais. Podia dedicar *oficialmente* todo seu dinheiro e propriedades a Deus e ao templo. Nesse caso sua propriedade seria *Corbã*, oferecida a Deus, dedicada a Deus, então diria a seu pai ou mãe: "Sinto muito, não posso lhe dar nada, todos os meus pertences estão dedicados a Deus." Qualquer um podia fazer uso de uma prática e regra ritual e cerimonial para fugir da obrigação básica de ajudar e honrar a seu pai e a sua mãe. Podia aferrar-se a uma regra dos escribas para apagar um dos Dez Mandamentos.

(2) Mas *Corbã* tem outro sentido, e pode ser que nesta passagem se trate desse segundo significado. *Corbã* se usava como juramento. Qualquer um podia dizer a seu pai ou mãe: "*Corbã*, se qualquer coisa

que possuo é empregada alguma vez para ajudá-los." Agora, suponhamos que este homem tivesse dor de consciência; suponhamos que tinha preferido seu rechaço em um momento de ira, de mau humor ou de irritação, suponhamos que ao voltar a pensar sobre isto experimentava um sentimento mais generoso e filial e que sentia que, depois de tudo, existia o dever e a obrigação de ajudar a seus pais. Em tal caso qualquer pessoa razoável diria que o homem tinha experimentado um arrependimento genuíno, que sua mudança de idéia era algo bom, e que agora estava disposto a fazer o correto e obedecer a lei de Deus. "Não", diria o escriba, "nossa lei diz que nunca se pode romper um juramento." Citaria Números 30:2: "Quando um homem fizer voto ao SENHOR ou juramento para obrigar-se a alguma abstinência, não violará a sua palavra; segundo tudo o que prometeu, fará." O escriba argüiria em forma legalista: "Fez um juramento, não pode quebrá-lo por motivo algum."

Isso quer dizer que o escriba ataria a pessoa a um juramento apressado, feito em um momento de irritação, um juramento que de fato obrigava essa pessoa a desobedecer a lei suprema da humanidade e de Deus. Isso é o que Jesus quis dizer. Significava o seguinte: "Vocês estão empregando suas interpretações de escribas, suas tradições, para obrigar o homem a desonrar a seu pai e sua mãe, inclusive quando ele mesmo se arrependeu e viu qual é o seu dever."

O que parece estranho e trágico ao mesmo tempo é que os escribas e fariseus da época de Jesus foram contra o que diziam os maiores mestres judeus. O rabino Eliézer havia dito: "A porta se abre para o homem graças a seu pai e sua mãe." Isto significava que se alguém fez um juramento pelo qual desonrava a seu pai e sua mãe, e se tinha arrependido disto, a porta se lhe abria para mudar de idéia e agir em outra forma, mesmo apesar de seu juramento. Como acontecia com muita freqüência, Jesus não apresentava aos homens uma verdade desconhecida. Recordava-lhes coisas que Deus já lhes havia dito, e que eles conheciam mas que haviam esquecido, porque tinham chegado a

preferir os frutos de seu engenho humano às grandes coisas simples da lei de Deus.

Aqui é onde encontramos o choque e o enfrentamento. Aqui vemos a luta entre dois tipos de religião e duas classes de culto. Para os escribas e fariseus a religião era a observância de certas regras, normas e rituais externos, tais como a forma correta de lavar as mãos antes das comidas. Era a observância estrita de uma visão legalista da vida. Para Jesus a religião era algo centralizado no coração, era algo que se manifestava em compaixão e generosidade, que estão acima da lei.

Para os escribas e fariseus o culto era um ritual, uma lei cerimonial. Para Jesus o culto era o coração puro e a vida de amor. Nisto está o choque. E esse choque ainda existe.

O que é a adoração? Ainda hoje há muitos que afirmam que o culto não é tal a menos que o leve a cabo um sacerdote ordenado, segundo certas normas, em um edifício consagrado em uma forma determinada e seguindo uma liturgia estabelecida por uma igreja determinada. E todas estas coisas são elementos externos. Uma das maiores definições do culto é a que expressou William Temple: "Adorar é aliviar a consciência com a santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, enriquecer a imaginação com a beleza de Deus, abrir o coração ao amor de Deus, submeter a vontade ao propósito de Deus." Devemos nos cuidar muito bem de nos escandalizar pela aparente cegueira dos escribas e fariseus, de nos surpreender por sua insistência nas cerimônias externas e de ser culpados nós mesmos da mesma falta. A religião jamais pode fundamentar-se em nenhuma cerimônia ou ritual, a religião deve fundamentar-se sempre sobre as relações pessoais entre os homens.

O VERDADEIRO BEM E O VERDADEIRO MAL

Mateus 15:10-20

Pode-se afirmar sem cair no exagero que, para o judeu, estas eram as palavras mais surpreendentes que Jesus podia pronunciar. Porque ao

dizer isto não se limita a condenar o ritual e a religião cerimonial dos escribas e fariseus; de fato, varre com muitas partes do livro de Levítico. Não é somente uma contradição da tradição dos anciãos. É uma contradição da própria Escritura. Estas palavras de Jesus invalidam todas as leis sobre mantimentos que aparecem no Antigo Testamento. É muito possível que essas leis pudessem subsistir como questões de saúde, higiene, sentido comum e sabedoria médica, porém nunca mais poderiam invocar-se como questões de religião. De modo definitivo Jesus estabelece que o que importa não é o estado da observância ritual de alguém, e sim o estado de seu coração.

Não é surpreendente que os escribas e fariseus se escandalizaram. Estava-lhes tirando a base de sustentação de sua religião. Esta afirmação não era apenas alarmante, era revolucionária. Se Jesus estava certo, toda sua teoria da religião estava equivocada. Eles identificavam a religião e o agradar a Deus com a observância de regras e normas que se referiam à pureza e impureza, ao que alguém comia, à forma em que se lavava as mãos antes de comer. Jesus identificava a religião com o estado do coração do homem e dizia com toda crueldade que as regras dos escribas e fariseus não tinham nada a ver com a religião. Jesus dizia que os fariseus eram guias cegos que não conheciam absolutamente o caminho que conduzia a Deus, e que se o povo os seguia tudo o que podiam esperar era sair do caminho e cair na fossa. E Jesus tinha razão.

(1) Se a religião consistir em regras e observâncias externas, é duas coisas. É *muito fácil*. É muito mais fácil se abster de certas comidas e lavar as mãos de uma maneira determinada que amar e perdoar o que não é amável e o imperdoável, e ajudar aos necessitados às custas do tempo, do dinheiro, do conforto e do prazer de si mesmo. Ainda não aprendemos esta lição em toda a sua plenitude. Assistir à igreja com regularidade, dar dinheiro em forma generosa, ser membro de um grupo de estudo bíblico, são coisas externas. São meios para chegar à religião, mas não são a religião; porque nunca poderemos lembrar com suficiente freqüência que a religião consiste em relações pessoais e em uma atitude

para com Deus e para com nosso próximo. Além disso, se a religião consistir em observâncias externas é algo *equivocado*. Mais de uma pessoa tem uma vida irrepreensível nas coisas exteriores, mas dentro de seu coração alimenta os pensamentos mais amargos e maus, e o ensino de Jesus é que toda a obediência externa do mundo não pode expiar a amargura, o orgulho e a luxúria que reinam no coração.

(2) Jesus ensina que a parte do homem que importa é seu coração. "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8). O que importa a Deus não é tanto *como* agimos mas sim *por que* o fazemos; nem tanto *o que de fato fazemos*, mas sim *o que no fundo de nossos corações desejamos fazer*. Como dizia Tomás de Aquino: "O homem vê a ação, mas Deus vê a intenção."

O que Jesus ensina, e é um ensino que condena a cada um de nós, é que nenhum homem pode considerar-se bom simplesmente porque observa regras e normas externas; só pode chamar-se a si mesmo um homem bom quando seu coração for puro. E apenas esse fato põe fim ao orgulho, e é a razão pela qual cada um de nós só podemos dizer: "Deus, tem misericórdia de mim, pecador."

A FÉ POSTA À PROVA E A FÉ QUE RESPONDE

Mateus 15:21-28

Esta passagem tem implicações muito sérias. Além de qualquer outra coisa, tem um interesse único: descreve a única oportunidade em que Jesus saiu da Palestina e do território judeu. O sentido supremo desta passagem é que preanuncia a propagação do evangelho a todo mundo; mostra-nos o princípio do fim de todas as barreiras.

Para Jesus se tratava de uma ocasião de retiro deliberado. O fim se aproximava, e antes do fim Jesus queria dispor de uns momentos de tranqüilidade para preparar-se. Não era tanto que se queria preparar a si mesmo, embora também tinha esse propósito, mas sim desejava dispor de algum tempo para ensinar e preparar a seus discípulos para o

momento da cruz. Havia coisas que lhes devia dizer e que eles deviam entender. Na Palestina não havia nenhum lugar onde pudesse estar a sós; a qualquer lugar que fosse, as multidões iam a seu encontro. De maneira que se dirigiu ao norte através da Galiléia até chegar à terra de Tiro e Sidom, habitada pelos fenícios. Aí, ao menos durante algum tempo, estaria a salvo da perversa hostilidade dos escribas e fariseus, e da perigosa popularidade entre o povo, porque nenhum judeu estaria disposto a segui-lo em território de gentios. Esta passagem mostra a Jesus procurando um período de tranqüilidade antes do alvoreço do fim. Não se trata em nenhum sentido de uma fuga de Jesus; é uma imagem de Jesus adquirindo forças e preparando-se, Ele e seus discípulos, para a luta final e decisiva que tinha pela frente.

Porém até nesse território estrangeiro Jesus não se veria livre do clamor da necessidade humana. Havia uma mulher que tinha uma filha gravemente doente. De algum modo esta mulher tinha ouvido a respeito das coisas maravilhosas que Jesus podia fazer, e seguiu a Jesus e a seus discípulos, rogando desesperadamente que a ajudassem. A princípio, Jesus parecia não lhe prestar atenção. Os discípulos estavam confundidos. "Dá-lhe o que pede", diziam, "e livre-se dela." A reação dos discípulos não era um sentimento de compaixão. Pelo contrário, para eles a mulher era um estorvo e queriam livrar-se dela o mais rápido possível. Aceder a um pedido para livrar-se de alguém que é, ou pode converter-se em um estorvo, é uma reação muito comum, mas é muito diferente do amor, da compaixão e da piedade cristãos.

Mas se apresentava um problema a Jesus. Não podemos duvidar por um instante de que sentia compaixão pela mulher. Mas era uma gentia. Não só era gentia, mas também pertencia aos cananeus e os cananeus eram inimigos ancestrais dos judeus. Nessa mesma época, ou não muito depois, Josefo podia escrever: "Dos fenícios, os de Tiro são os que têm os piores sentimentos contra nós." Já vimos que se Jesus queria ter algum efeito devia limitar seus objetivos, como um general prudente. Tinha que começar pelos judeus; e aqui se encontrava com uma mulher

gentia que clamava por misericórdia. Jesus só podia fazer uma coisa: devia despertar uma fé autêntica no coração dessa mulher.

De maneira que Jesus por fim se voltou para ela: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.” Chamar cão a alguém era um insulto mortal e pejorativo. O judeu falava com uma arrogante insolência de "os cães gentios", os "cães infiéis" e, mais adiante, dos "cães cristãos". Naqueles dias os cães eram os sujos habitantes das ruas – animais fracos, selvagens, freqüentemente doentes. Mas devemos lembrar duas coisas. O tom e o olhar que se empregam para dizer algo fazem uma grande diferença. Inclusive algo duro pode dizer-se com um sorriso que desarma. Podemos chamar um amigo "vilão" ou "vadio" com um sorriso e um tom que lhe tira toda maldade e o enche de afeto. Podemos estar seguros de que o sorriso no rosto de Jesus e o tom de sua voz tirou toda a amargura e o insulto de suas palavras. Em segundo lugar, emprega o diminutivo de *cães* (*kunaria*) e os *kunaria* não eram os cães vagabundos mas os cães de madame, muito distintos dos vira-latas que assolavam as ruas e revolviam os montões de lixo. A mulher era grega, de rápida percepção e com o engenho dos gregos. "Sim", respondeu, "porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos". E os olhos de Jesus se iluminaram de alegria ao perceber uma fé tão indomável; e lhe outorgou a bênção e a saúde que tanto desejava.

A FÉ QUE GANHOU A BÊNÇÃO

Mateus 15:21-28 (continuação)

Devemos assinalar certas coisas a respeito desta mulher.

(1) Primeiro e sobretudo, experimenta *amor*. Como dissera Bengel a respeito dela: "Fez sua a miséria de sua filha." Podia ser pagã, mas em seu coração estava esse amor por sua filha que sempre é o reflexo do amor de Deus por suas criaturas. Foi o amor o que a fez aproximar-se desse estrangeiro; foi o amor o que a fez aceitar seu silêncio e continuar

sua súplica. O amor foi o que a fez suportar seus aparentes rechaços. Foi o amor o que a fez capaz de ver a compaixão por trás das palavras de Jesus. A força impulsionadora do coração desta mulher era o amor; e não há nada mais forte e mais perto de Deus que o amor.

(2) Esta mulher tinha *fé*. (a) Era uma *fé que cresceu* em contato com Jesus. Começa chamando-o *Filho de Davi*; tratava-se de um título popular, político. Era um título que considerava Jesus como uma pessoa que fazia milagres grandes e poderosos, mas o via em termos de poder e glória *terrenos*. Aproximou-se para pedir um dom de alguém a quem considerava um *homem* grande e poderoso. Aproximou-se com uma espécie de superstição, como poderia ter-se aproximado de algum mago. Termina chamando Jesus de *Senhor*. É como se Jesus a tivesse obrigado a olhá-lo e a mulher tivesse visto nele algo que não se podia expressar em termos terrenos, mas sim era nada menos que divino. Isso era justamente o que Jesus queria suscitar nela antes de conceder seu pedido. Queria que ela compreendesse que *um pedido a um grande homem* devia converter-se em *uma oração a um Deus vivo*. Podemos ver como cresce a fé desta mulher enquanto se depara com Cristo até que o vê, embora em forma distante, como o que é. (b) Era uma fé que *adorava*. Começou seguindo-o, terminou ajoelhada. Começou com uma petição, terminou com uma oração. Cada vez que nos aproximamos de Jesus devemos fazê-lo em primeiro lugar em adoração de sua majestade, e só depois devemos expressar nossa necessidade.

(3) Esta mulher tinha uma *persistência inquebrantável*. Não se deixava desalentar. Como já dissemos, há muita gente que ora porque não quer perder a oportunidade. Não acreditam na oração em forma autêntica; só sentem que pode ser que aconteça algo e não querem perder a oportunidade. Esta mulher se aproximou não só porque Jesus era o único que podia ajudá-la, mas sim porque era sua única esperança. Aproximou-se com uma esperança apaixonada, com um claro sentimento de necessidade e disposta a não sentir-se desalentada. Esta mulher tinha a qualidade supremamente efetiva da oração – estava *absolutamente*

empenhada em obter o que queria. Para ela a oração não era uma forma ritual, era a expressão do desejo apaixonado de sua alma que de algum modo sentia que não podia, não devia e não tinha por que receber um não como resposta.

(4) Esta mulher tinha *o dom da alegria.* Estava em meio da aflição; apaixonadamente ansiosa; e entretanto, podia sorrir. Havia nela uma espécie de alegria cheia de luz. Deus ama a fé alegre, a fé em cujas almas sempre brilha a luz da esperança, a fé com um sorriso que pode iluminar a tristeza.

A mulher se aproximou de Cristo com um amor audaz, com uma fé que cresceu até adorar aos pés do divino, com uma insistência inquebrantável que brotava de uma esperança invencível, com uma alegria que não aceitava o desalento. Essa é a fé que não pode deixar de receber uma resposta a suas orações.

O PÃO DA VIDA

Mateus 15:29-39

Vimos que ao Jesus empreender sua viagem para o território dos fenícios, estava entrando em um período de afastamento e isolamento deliberados para poder preparar-se a si mesmo e a seus discípulos para os últimos dias que tinha pela frente. Uma das dificuldades dos evangelhos é que não nos proporcionam nenhuma indicação precisa de datas e épocas, temos que descobri-las por nossa conta fazendo uso das insinuações que o relato pode nos dar. Quando analisamos estas insinuações, descobrimos que o período de isolamento de Jesus e seus discípulos foi muito mais prolongado do que poderíamos pensar se fizéssemos uma leitura superficial do relato,

Quando Jesus alimentou os cinco mil (Mateus 14:15-21; Marcos 6:31-44) lemos que se sentaram sobre a *relva verde* (Mateus 14:19; Marcos 6:39). De maneira que era a primavera, porque nessa terra cálida o pasto não estava verde em nenhuma outra época. Depois de suas

discussões com os escribas e fariseus se retirou aos distritos de Tiro e Sidom (Marcos 7:24; Mateus 15:21). Essa não era uma viagem muito curta se fosse feita a pé. A próxima indicação de tempo e lugar a temos em Marcos. Em Marcos 7:31 a tradução correta do grego é: "Saindo de Tiro, voltou através de Sidom até o mar da Galiléia, passando pelas costas de Decápolis." Era uma forma muito estranha de viajar. Sidom está ao *norte* de Tiro, o mar da Galiléia está ao *sul* de Tiro e Decápolis era uma confederação de dez cidades gregas ao *leste* do mar da Galiléia. Isso significa que Jesus foi para o *Norte* a fim de dirigir-se ao *sul*. É como se para chegar de um ponto da base de um triângulo até o outro passasse pelo vértice. É evidente que Jesus prolongou a viagem a propósito, a fim de permanecer o maior tempo possível com seus discípulos antes de sua última viagem a Jerusalém. Por último chegou a Decápolis onde, conforme vemos em Marcos (Marcos 7:31; 8:9), aconteceram os incidentes que se relatam em nossa passagem. Aqui encontramos nossa próxima alusão. Nesta oportunidade, quando se ordena à multidão que se sente, ela o faz sobre a terra (*epi tenha gen*), no chão. Estão no meio do verão e o pasto se queimou deixando a terra nua. Isso significa que esta viagem de Jesus por volta do Norte lhe tomou *quase seis meses*. Não sabemos nada a respeito do que aconteceu durante esses seis meses, mas podemos estar bem seguros de que foram os meses mais importantes na vida dos discípulos. Durante esse tempo Jesus lhes ensinou e os instruiu e abriu suas mentes à verdade. Devemos ter em mente que os discípulos passaram seis meses com Jesus, a sós, antes do momento crucial.

Muitos estudiosos consideram que a alimentação dos cinco mil e a dos quatro mil são versões diferentes de um mesmo incidente, mas não é assim. Como vimos a época é distinta; a primeira aconteceu na primavera, a segunda no verão. A multidão e o lugar são diferentes. A alimentação dos cinco mil nesta passagem aconteceu em Decápolis. O significado literal de Decápolis é dez cidades, e Decápolis era uma federação de dez cidades gregas livres. Nesta oportunidade haveria

muitos gentios presentes, possivelmente mais gentios que judeus. Isso é o que explica a estranha frase do versículo 31: "Glorificavam ao *Deus de Israel*." Para as multidões gentílicas tratava-se de uma demonstração do poder do Deus de Israel.

Também há outro elemento curioso que estabelece uma diferença. Na alimentação dos cinco mil as cestas que se empregaram para recolher as sobras se denominam *kophinos*; na dos quatro mil são chamadas *sphurides*. O *kophinos* era uma cesta de gargalo longo, em forma de garrafa que os judeus costumavam levar consigo para não ver-se obrigados a comer algo que haviam tocado mãos gentios e que portanto era impuro. O *sphurides* era algo muito mais parecido com uma cesta; podia chegar a entrar um homem nela e era o tipo de cesta que usavam os gentios.

O maravilhoso deste relato é que nestas curas e na alimentação dos famintos vemos que a misericórdia e a compaixão de Jesus se estendem aos gentios. Aqui nos encontramos com uma espécie de símbolo e premonição de que o plano de Deus não se limita aos judeus; os gentios também receberiam sua parte daquele que é o pão da vida.

A GENEROSIDADE DE JESUS

Mateus 15: 29-39 (continuação)

Nesta passagem vemos com toda clareza a bondade e a absoluta generosidade de Jesus Cristo. Vemo-lo satisfazendo toda sorte de necessidades humanas.

(1) Vemo-lo curar a *enfermidade* física. Os coxos, os entrevados, os cegos e os surdos se prostram a seus pés e são curados. Jesus se preocupa em forma profunda pela dor corporal que existe no mundo; e aqueles que levam saúde e cura aos homens seguem cumprindo a obra de Jesus Cristo.

(2) Vemo-lo preocupado pelos que estão *cansados*. A multidão se sentia cansada e Jesus queria fortalecer suas pernas para um caminho

longo e árduo. Jesus está profundamente preocupado pelos caminhantes do mundo, pelos que trabalham, por aqueles cujos olhos ou mãos estão cansados.

(3) Vemo-lo alimentando aos *famintos*. Vemo-lo dando tudo o que tinha para satisfazer a fome e a necessidade física. Jesus se preocupava tanto pelos corpos dos homens como por suas almas.

Aqui vemos o poder e a compaixão de Deus que se preocupa em sair ao encontro das muitas necessidades da situação humana.

Ao escrever sobre esta passagem Edersheim expressa uma idéia muito bonita: assinala que nas três etapas sucessivas de seu ministério Jesus pôs fim a cada etapa com uma refeição que ofereceu a seu povo. A primeira foi a alimentação dos cinco mil. Esta se dá ao final de seu ministério na Galiléia, porque depois disso Jesus não voltaria a ensinar, pregar ou curar na Galiléia. Em segundo lugar, encontramos com esta alimentação dos quatro mil. Esta se dá ao final de seu breve ministério entre os gentios, para além dos limites da Palestina – primeiro nos distritos de Tiro e Sidom e logo em Decápolis. E a terceira e última foi a Santa Ceia em Jerusalém, quando Jesus chegou à última etapa dos dias de sua carne entre os homens.

Trata-se sem dúvida de uma noção muito bonita. Jesus sempre deixava os homens com forças para o caminho. Sempre reunia os homens a seu redor para alimentá-los com o pão da vida. Sempre se entregava a si mesmo antes de continuar. E mesmo agora se aproxima de nós, oferecendo o pão que satisfaz a fome imortal da alma humana, com cuja força poderemos nos manter todos os dias de nossa vida.

Mateus 16

Cegos aos sinais - Mat. 16:1-4

A levedura perigosa - Mat. 16:5-12

O cenário do grande descobrimento - Mat. 16:13-16

O caráter inadequado das categorias humanas - Mat. 16:13-16 (cont.)

A grande promessa - Mat. 16:17-19

- [As portas do inferno - Mat. 16:17-19 \(cont.\)](#)
- [O lugar de Pedro - Mat. 16:17-19 \(cont.\)](#)
- [A grande repreensão - Mat. 16:20-23](#)
- [O desafio por trás da repulsa - Mat. 16:20-23 \(cont.\)](#)
- [O grande desafio - Mat. 16:24-26](#)
- [Perder e achar a vida - Mat. 16:24-26 \(cont.\)](#)
- [A advertência e a promessa - Mat. 16:27-28](#)

CEGOS AOS SINAIS

Mateus 16:1-4

A hostilidade, assim como a necessidade, faz com que as pessoas mais estranhas se unam. É um fenômeno fora do comum encontrar uma união de saduceus e fariseus. Eles sustentavam crenças e políticas diametralmente opostas. Os fariseus viviam segundo as minúcias e os detalhes da lei oral e a dos escribas. Os saduceus rechaçavam imediatamente tal lei, e só aceitavam a palavra escrita da Bíblia como sua norma de vida.

Os fariseus acreditavam em anjos e na ressurreição da carne e os saduceus não. Paulo fez uso desta oposição quando enfrentou o julgamento do Sinédrio (Atos 23:6-10). E – o que neste caso é o mais importante – os fariseus não eram um partido político. Estavam dispostos a viver sob qualquer governo que lhes permitisse observar seus princípios religiosos. Os saduceus eram a pequena aristocracia enriquecida, o partido colaboracionista e estavam muito dispostos a servir e ajudar ao governo romano a fim de manter sua riqueza e privilégios. Além disso, os fariseus esperavam e desejavam a chegada do Messias, os saduceus não. Teria sido impossível encontrar duas seitas e partidos mais diferentes; e entretanto, uniram-se em seu malvado desejo de eliminar a Jesus. Todo engano tem uma coisa em comum: é hostil a Cristo.

O que fariseus e saduceus exigiam era um sinal. Como já vimos, os judeus tinham o costume de esperar que um profeta ou líder legitimasse

sua mensagem mediante algum sinal extraordinário (Mateus 12:34-40). A resposta de Jesus é que o sinal está aí, pode ser visto. Os judeus conheciam muito bem os fenômenos climáticos. Sabiam que o céu vermelho ao entardecer anunciava bom tempo; e que um céu vermelho pela manhã indicava que se aproximava uma tormenta. Mas eram cegos aos sinais dos tempos.

De maneira que Jesus lhes disse que o único sinal que receberiam seria *o sinal de Jonas*. Já vimos o que era o sinal de Jonas (Mateus 12:38-40). Jonas foi o profeta que converteu o povo do Nínive e que o desviou de seus maus costumes para Deus. O sinal que fez com que o povo de Nínive se voltasse para com Deus não foi o fato de que um monstro marinho tragasse a Jonas. Não sabiam nada sobre isso, e Jonas jamais o usou como isca de peixe. O sinal de Jonas foi *o próprio Jonas e sua mensagem de Deus*. Foi o surgimento do profeta e a mensagem que trazia o que mudou a vida do povo de Nínive.

Assim, o que diz Jesus é que o sinal de Deus é *o próprio Jesus e sua mensagem*. É como se lhes dissesse: "Em Mim vocês se confrontam com Deus e com a verdade de Deus. Que mais podem necessitar? Mas são tão cegos que não podem vê-lo." Aqui há uma verdade e uma advertência. Jesus Cristo é a última palavra de Deus. A revelação de Deus não pode ir além de Jesus Cristo. Aqui está Deus de maneira evidente, para que todos o vejamos. Aqui está a mensagem de Deus, bem clara, para que todos a escutemos. Aqui está o sinal de Deus para os homens. A verdade que também é uma advertência é que se Jesus não pode chegar aos homens, não há nada que possa obtê-lo. Se Jesus não pode convencer os homens, ninguém pode fazê-lo. Se os homens não podem ver a Deus em Jesus, não podem vê-lo em nada nem em ninguém. Quando nos confrontamos com Jesus Cristo, encontramos-nos frente à última palavra de Deus, e frente a seu último chamado. E sendo assim, o que pode esperar o homem que rechaça essa última oportunidade, que chega a ouvir essa última palavra, que não aceita esse último chamado?

A LEVEDURA PERIGOSA**Mateus 16:5-12**

Aqui nos encontramos com uma passagem muito difícil. De fato, podemos afirmar que só podemos conjecturar seu significado. Jesus e seus discípulos tinham empreendido a viagem para a outra margem do lago e os discípulos tinham esquecido de levar pão. Por alguma razão, sentiam-se muito preocupados e molestos por seu descuido. Jesus lhes disse: "Olhem, guardem-se da levedura dos fariseus e dos saduceus." Ora, a palavra levedura tem dois sentidos. Tem um sentido físico e literal. A levedura era uma pequena parte de massa fermentada, e sem levedura nos ingredientes não se podia cozinhar o pão. Esse foi o sentido em que os discípulos compreenderam a Jesus quando este falou de levedura. Tendo seus pensamentos concentrados no pão que tinham esquecido, só podiam imaginar que Jesus os advertia contra certo tipo de levedura perigosa.

É bem possível que pensassem o seguinte: esqueceram-se de trazer pão, isso significava que se queriam obter pão deviam comprá-lo dos gentios do outro lado do lago. Ora, nenhum judeu que fosse estritamente ortodoxo podia comer pão que tinha sido cozinhado, tocado ou amassado por um gentio. De maneira que o problema de obter pão do outro lado do lago era algo insolúvel. Os discípulos se esqueceram de levar pão, e podem ter pensado que Jesus dizia: "Vocês esqueceram o pão que é puro porque é judeu, cuidem-se de não se sujarem quando chegarem ao outro lado do lago ao comprar pão que contém levedura impura."

Seja como for, os discípulos só pensavam no pão. De maneira que Jesus lhes pediu que lembrassem. "Lembrem-se", disse-lhes Jesus, "da alimentação dos cinco mil, e dos quatro mil; e lembrem quanto houve para comer e tudo o que sobrou. E quando vocês relembrares estas coisas, sem dúvida deixarão de se preocuparem e se alterarem por insignificâncias. Vocês já viram que, estando Eu presente, essas

insignificâncias se solucionaram, e se podem voltar a solucionar. Não se preocupem mais e tenham confiança em mim."

Expressou-o de maneira tão clara que os discípulos não puderam deixar de entender. Então Jesus repetiu sua advertência: "Cuidem-se da levedura dos fariseus e saduceus!" Agora, levedura tem outro sentido que não é físico e literal, mas metafórico. Levedura era a expressão metafórica que empregavam os judeus para referir-se a uma má influência. Para a mentalidade judia, a levedura sempre simbolizava o mal. Fermentava a massa. O judeu identificava fermentação com putrefação: a levedura representava tudo o que é mau, corrupto, podre. A levedura tem o poder de penetrar qualquer parte de massa em que for posta. De maneira que a levedura simbolizava uma má influência capaz de penetrar na vida e corrompê-la. Agora os discípulos compreenderam. Deram-se conta de que Jesus não se referia ao pão, mas sim lhes formulava uma advertência contra a má influência do ensino e as crenças dos fariseus e saduceus.

Qual seria essa má influência? No que Jesus poderia estar pensando ao falar contra a má influência do ensino dos fariseus e saduceus? Isso é algo sobre o qual só podemos fazer conjecturas; mas conhecemos as características da mentalidade dos fariseus e saduceus.

(1) Os fariseus viam a religião em termos de leis, mandamentos, normas e regras. Viam a religião em termos de ritual externo e pureza exterior. De maneira que Jesus diz: "Cuidem-se de converter sua religião em uma série de 'não debes' como faziam os fariseus. Cuidem-se de identificar a religião com uma série de ações externas e esquecer que o que importa é o estado do coração do homem." Esta é uma advertência contra o viver no legalismo e denominá-lo religião. É uma advertência contra uma religião de coisas exteriores. Para expressá-lo em termos modernos é uma advertência contra uma religião de respeitabilidade exterior, que se interessa pelas ações externas da pessoa e esquece o estado de seu coração.

(2) Os saduceus tinham duas características, intimamente relacionadas entre si. Eram ricos e aristocráticos, e estavam muito comprometidos com política. De maneira que o que Jesus dizia podia ser o seguinte: "Cuidem-se para jamais identificar o reino do céu com bens externos e de fixar suas esperanças em convertê-lo em uma atividade política." Esta pode ser uma advertência contra a tendência a dar muita importância às coisas materiais em nossa escala de valores e contra o fato de pensar que se pode reformar os homens por meio da ação política. Pode ser que Jesus estivesse relembrando aos homens que a prosperidade material não é, por certo, o bem supremo. As verdadeiras bênçãos são as do coração e a mudança autêntica não é a das circunstâncias externas, mas a mudança que se produz no coração dos homens.

O CENÁRIO DO GRANDE DESCOBRIMENTO

Mateus 16:13-16

Aqui temos o relato de outro dos retiros de Jesus. Aproximava-se o fim e necessitava todo o tempo que pudesse para estar a sós com seus discípulos. Tinha tantas coisas a lhes dizer e tantas coisas a lhes ensinar, embora houvesse muitas coisas que eles não podiam tolerar nem compreender. Com esse fim se retirou aos distritos da Cesaréia de Filipe. Cesaréia de Filipe se encontra a uns quarenta e seis quilômetros ao nordeste do mar da Galiléia. Estava fora do território pertencente a Herodes Antipas, governador da Galiléia, e dentro da região pertencente a Felipe o tetrarca. A maior parte da população não era judia e ali Jesus estaria tranqüilo e poderia ensinar aos Doze.

Enfrentar a Jesus neste momento era um problema muito delicado. Seu tempo era breve, seus dias na carne estavam contados. O problema era: Havia alguém que podia entendê-lo? Havia alguém que o tinha reconhecido pelo que era e por quem era? Havia alguém que, uma vez que ele se fosse da carne, continuaria sua obra e trabalharia para seu

Reino? Não cabe a menor dúvida de que se tratava de um problema crucial. Para expressá-lo com toda crueldade, afetava a própria sobrevivência da fé cristã. Se não havia ninguém que tivesse compreendido a verdade, ou ao menos a tivesse vislumbrado, todo seu trabalho desapareceria; se havia alguns, embora fossem poucos, que tivessem entendido a verdade, sua obra estava a salvo. De maneira que Jesus se propôs a pôr tudo isto à prova e perguntar a seus seguidores quem eles criam que Ele era.

O lugar *onde* Jesus fez a pergunta reveste-se de um profundo interesse. Pode haver poucos lugares que suscitassem mais associações religiosas que Cesaréia de Filipe.

(1) O território estava coberto de templos do antigo culto ao Baal sírio. Em *The Land and the Book*, Thomson menciona não menos de quatorze desses templos nas proximidades. Tratava-se de um território cujo próprio ar e atmosfera exalavam o fôlego da antiga religião. Era um lugar à sombra dos deuses da antiguidade.

(2) Os deuses sírios não eram os únicos venerados no lugar. Perto de Cesaréia de Filipe se erguia uma grande colina, e nela havia uma caverna profunda. Dizia-se que nessa caverna tinha nascido Pão, o grande deus da natureza. Cesaréia de Filipe estava tão identificada com esse deus que seu nome original era Panias, e, até o momento atual recebe o nome do Banias. As lendas dos deuses gregos se reuniam ao redor de Cesaréia de Filipe.

(3) Além disso, afirmava-se que nessa caverna era onde surgiam as fontes do Jordão. Josefo escreve: "Trata-se de uma cova muito espaçosa na montanha debaixo da qual há uma grande cavidade na terra. A caverna é abrupta e prodigiosamente profunda e cheia de águas tranqüilas. Por cima se eleva uma montanha muito alta e por baixo da caverna brotam as fontes do rio Jordão." A mera idéia de que este fosse o lugar de onde surgia o rio Jordão o acalmaria de toda a história e a lembrança de todo o passado judeu, qualquer judeu devoto e piedoso respiraria ali o ar da antiga fé do judaísmo.

(4) Mas havia algo mais. Em Cesaréia de Filipe havia um grande templo de mármore branco construído à divindade de César. Foi construído por Herodes o Grande. Josefo diz: "Herodes adornou mais ainda o lugar, que já era muito notável, com a construção deste templo, que dedico a César." Em outra passagem Josefo descreve a caverna e o templo: "E quando César entregou a Herodes outra região mais, também construiu nela um templo de mármore branco, junto às fontes do Jordão. O lugar se chama Panio, onde se encontra o topo de uma montanha imensa e junto a ela, abaixo ou a seus pés, abre-se uma caverna. Dentro dela há um precipício espantoso que desce de maneira abrupta a uma profundidade imensa. Contém uma enorme quantidade de água que está parada, e quando alguém faz baixar algo para medir a profundidade, não há corda que alcance."

Assim, pois, Herodes construiu o templo à divindade de César. Mais adiante, Felipe, o filho de Herodes, embelezou e enriqueceu o templo mais ainda e mudou o nome de Panias por Cesaréia – a cidade de César – e acrescentou seu próprio nome – *Filipo* que significa *de Felipe* – para diferenciá-la da cidade da Cesaréia que estava sobre as costas do Mediterrâneo. Mais tarde Herodes Agripa chamaria Neronea ao lugar, em honra do imperador Nero. Ninguém podia olhar à Cesaréia de Filipe, embora à distância, sem ver esse montão de mármore brilhante e sem pensar no poderio e a divindade de Roma.

De maneira que nos encontramos ante uma imagem dramática. Vemos um carpinteiro da Galiléia, sem um centavo, sem lar, com doze homens muito simples a seu lado. Nesse momento a elite ortodoxa de sua época está elaborando um plano mediante o qual pensa eliminá-lo e destruí-lo como um herege perigoso. Encontra-se em uma região cheia de templos dos deuses sírios; em um lugar que contemplavam os deuses gregos; em um lugar onde a história do Israel enchia as mentes dos homens, onde o esplendor de mármore branco da casa em que se rendia culto a César dominava a paisagem e obrigava à vista a posar-se nele. E ali – entre todos os lugares possíveis – se ergue este surpreendente

carpinteiro e pergunta aos homens quem acreditam que Ele é, e espera a resposta: o Filho de Deus. É como se Jesus se levantasse a propósito contra o pano de fundo das religiões do mundo em toda sua história e seu esplendor e exigisse que o comparassem com elas e que se decidissem em favor dEle. Há poucas cenas em que a consciência de sua própria divindade brilha com uma luz mais maravilhosa em Jesus.

O CARÁTER INADEQUADO DAS CATEGORIAS HUMANAS

Mateus 16:13-16 (continuação)

Assim, pois, em Cesaréia de Filipe Jesus planejou exigir uma decisão de seus discípulos. Antes de partir para Jerusalém e para a cruz deve saber se algum deles vislumbrou embora de maneira remota quem e o que Ele é. Não formulou a pergunta em forma direta, conduziu-os para ela. Começou perguntando o que diziam as pessoas sobre Ele, e quem acreditavam que era.

Alguns diziam que era *João Batista*. Herodes Antipas não era o único que sentia que João Batista era uma figura de tanta importância que podia ser que tivesse ressuscitado dentre os mortos.

Outros diziam que era *Elias*. Ao fazê-lo afirmavam duas coisas sobre Jesus. Diziam que era tão grande como o maior dos profetas, porque sempre se considerou Elias como a cúspide, o topo e o príncipe da linha profética. Também diziam que Jesus era o precursor do Messias. Como Malaquias expressou, a promessa de Deus era: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR” (Malaquias 4:5). Até o dia de hoje os judeus esperam a vinda de Elias antes da chegada do Messias, e até o dia de hoje deixam uma cadeira vazia para Elias quando celebram a Páscoa, porque quando chegar Elias, o Messias não demorará. De maneira que o povo via Jesus como o arauto do Messias e o precursor da intervenção direta de Deus.

Alguns diziam que Jesus era *Jeremias*. Jeremias ocupava um lugar estranho nas expectativas do povo de Israel. Acreditavam que antes que

o povo partisse para o exílio Jeremias tinha tirado o arca e o altar do incenso do templo e os tinha oculto em um lugar solitário no Monte Nebo e que, antes da chegada do Messias, Jeremias voltaria e os devolveria e a glória de Deus voltaria para o povo (2 Macabeus 2:1-12). Em 2 Esdras 2:18 a promessa de Deus é: "Para sua ajuda enviarei a meus servos Isaías e Jeremias."

Há uma lenda muito curiosa dos tempos das guerras macabéias. Antes da batalha com Nicanor, na qual o comandante judeu era o grande Judas Macabeu, Onias, o bom homem que tinha sido sumo sacerdote, teve uma visão. Orou pelo triunfo na batalha. "Logo se apareceu também um homem que se distinguia por sua idade e sua dignidade, rodeado de admirável e majestosa soberania. Onias havia dito: 'Este é o que ama a seus irmãos, que ora muito por seu povo e pela cidade santa, Jeremias, o profeta de Deus.' Jeremias, tendendo sua mão direita entregou a Judas uma espada de ouro, e ao dá-la, pronunciou estas palavras: 'Recebe, como presente de parte de Deus esta espada sagrada com a qual destroçarás aos inimigos.'" (2 Macabeus 15:13-16). Jeremias também era o precursor da chegada do Messias e a ajuda para seu povo em tempos de perigo. Segundo sua própria opinião, quando as pessoas identificavam a Jesus com Elias ou com Jeremias, elas o estavam elogiando e lhe dando um lugar muito alto, porque Jeremias e Elias eram nada menos que os precursores esperados do Ungido de Deus. Quando eles chegassem o Reino estaria muito perto.

De maneira que, uma vez que Jesus ouviu o veredicto da multidão, formula a pergunta fundamental: "E vós, quem dizeis que sou eu?" Ante essa pergunta pode ser que se produziu um instante de silêncio, enquanto que na mente dos discípulos se amontoavam idéias que quase temiam expressar com palavras. E logo Pedro faz seu grande descobrimento e sua grande confissão, e Jesus sabe que sua obra está a salvo porque pelo menos há uma pessoa que o compreende.

É interessante assinalar que cada um dos três evangelhos tem sua própria versão das palavras do Pedro. Mateus diz: "Tu és o Cristo, o

Filho do Deus vivo." Marcos é o mais sucinto de todos (Marcos 8:19): "Tu és o Cristo." Lucas é o mais claro (Lucas 9:20): "O Cristo de Deus."

Agora Jesus sabia que pelo menos uma pessoa o tinha reconhecido como o Messias, o Ungido de Deus, o Filho do Deus vivo. A palavra *Messias* e a palavra *Jesus* são idênticas; uma é a versão hebraica e a outra a versão grega da expressão *O Ungido de Deus*. Naquela época, e também em nossos dias, ungiu-se aos reis quando iniciavam suas funções. O Messias, o Cristo, o Ungido de Deus é o Rei divino de Deus sobre os homens.

Nesta passagem há duas grandes verdades.

(1) Em essência, o descobrimento do Pedro expressa que as categorias humanas, inclusive as mais excelsas eram inadequadas para descrever a Jesus Cristo. Quando as pessoas descreviam a Jesus como Elias ou Jeremias ou um dos profetas, acreditavam que estavam pondo a Jesus na maior categoria que podiam encontrar. Elias era o precursor que todos os homens esperavam; Jeremias também ocupava um lugar no reino divino e era o auxiliar do povo de Deus nos dias de perigo. Os judeus acreditavam que a voz dos profetas tinham permanecido em silêncio durante quatrocentos anos, e o que agora afirmavam era que, em Jesus, os homens voltavam a ouvir a voz direta e autêntica de Deus. Estas são alegrias muito importantes, porém não são suficientes, porque não há categorias, descrições ou classificações cristãs adequadas para descrever a Jesus. Em uma ocasião Napoleão deu seu veredicto sobre Jesus. "Eu conheço os homens", disse, "e Jesus Cristo é mais que um homem." Não há a menor dúvida de que Pedro não poderia ter dado uma explicação teológica nem uma explicação filosófica melhor do que quis dizer ao afirmar que Jesus era o Filho do Deus vivente. Pelo que se estava muito seguro era de que nenhuma descrição meramente humana era adequada para referir-se a Jesus Cristo.

(2) Esta passagem nos indica que nossa descoberta de Jesus Cristo deve ser uma *descoberta pessoal*. A pergunta de Jesus é: "Você, o que pensa você de mim?" Quando Pilatos perguntou a Jesus se era o rei dos

judeus, a resposta de Jesus foi: "Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?" (João 18:33-34). Nosso conhecimento de Jesus jamais pode ser de segunda mão. Alguém pode conhecer tudo o que se tem dito a respeito de Jesus; pode conhecer todas as cristologias concebidas pela mente do homem; pode ser capaz de brindar um resumo competente do ensino sobre Jesus que fizesse cada pensador e teólogo do mundo – e, entretanto, não ser cristão. O cristianismo nunca consiste em conhecer *algo sobre Jesus*; sempre consiste em *conhecer a Jesus*. Jesus Cristo exige um veredicto pessoal. Não só perguntou a Pedro; pergunta a cada homem: "*Você, o que pensa a meu respeito?*"

A GRANDE PROMESSA

Mateus 16:17-19

Esta passagem é uma das que provocam tormentas nas interpretações do Novo Testamento. Sempre foi difícil enfocá-la com tranqüilidade e sem preconceito, porque é o fundamento sobre o qual os católicos romanos apóiam a posição do Papa e da Igreja. A Igreja Católica Romana a entende no sentido de que a Pedro foram entregues as chaves que admitem ou excluem aos homens do céu, e que lhe foi dado o poder de absolver ou não a qualquer pessoa de seus pecados. Além disso, a Igreja Católica Romana sustenta que, com esses enormes poderes Pedro se tornou o bispo de Roma, e que seu poder se transmitiu a todos os bispos de Roma e existe na atualidade no Papa que é a cabeça da Igreja e o bispo de Roma. É fácil comprovar quão impossível é tal doutrina para qualquer crente protestante Também é fácil entender que tanto protestantes como católicos enfoquem esta passagem, não com o desejo sincero de interpretar seu significado, e sim com o firme propósito de não ceder um milímetro em sua posição e, se for possível, destruir a do outro. Busquemos, pois, achar o significado desta passagem.

Encontramos nela um trocadilho. Em grego *Pedro* se diz *Petros* e *rocha* se diz *petra*. O nome de Pedro em aramaico é *Cephas*, e tal é o nome aramaico para *rocha*. Em ambos os idiomas nos achamos diante de um trocadilho. Tendo Pedro feito a sua grande descoberta e confissão, Jesus lhe diz: "Tu és *Petros* e sobre esta *petra* edificarei a minha igreja."

Devemos começar por assinalar que, além de qualquer outra coisa, a palavra implica um enorme louvor. E não é uma metáfora estranha ou insólita no pensamento judeu. Os rabinos aplicavam a palavra *rocha* a Abraão. Tinham um dito: "Quando o Santo viu a Abraão que estava por erguer-se, disse: 'Descobri uma rocha (*petra*) sobre a qual posso fundar o mundo'. De maneira que chamou a Abraão *rocha* (sul), e por isso se diz: 'Olhe a rocha da qual saíste.'" Abraão era a rocha sobre a qual se fundou a nação e o propósito de Deus. Mais ainda, a palavra *rocha* (sul) aplica-se uma e outra vez ao próprio Deus. "Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita" (Deuteronômio 32:4). "Porque a rocha deles não é como a nossa Rocha" (Deuteronômio 32:31). "Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus" (1 Samuel 2:2). "O SENHOR é minha rocha e minha fortaleza, e meu libertador" (2 Samuel 22:2). A mesma frase aparece no Salmo 18:2. "Que rocha há fora de nosso Deus?" (Salmo 18:31). A mesma frase se encontra em 2 Samuel 22:32.

Há uma coisa que é muito clara. Chamar a alguém rocha é o maior dos louvores; e também é evidente que nenhum judeu que conhecesse o Antigo Testamento, podia empregar a frase sem que sua mente se voltasse para Deus que era a única rocha autêntica que o defenderia e procuraria sua salvação. O que quis dizer Jesus, então, quando empregou a palavra *rocha* nesta passagem? Foram dados pelo menos quatro respostas a essa pergunta.

(1) Agostinho interpretou que a rocha significava *o próprio Jesus*. É como se Jesus tivesse dito: "Você é Pedro, e sobre mim mesmo como rocha fundarei minha igreja, e chegará o dia em que, como recompensa por sua fé, você será grande dentro da igreja."

(2) A segunda explicação é que a rocha é a verdade que afirma que Jesus Cristo é o Filho do Deus vivo. A Pedro foi divinamente revelada essa grande verdade. Deus mesmo foi quem abriu os olhos de Pedro a esse grande descobrimento. Com efeito, o fato de que Jesus Cristo é o Filho de Deus é a pedra basal da fé e a crença da Igreja. Sobre essa grande verdade se funda a Igreja pelos séculos dos séculos. Esta explicação sustenta que a verdade divinamente revelada de que Jesus é o Filho de Deus é o único fundamento sobre o qual se apóia a Igreja. Não há dúvida de que isto é certo, porém não parece destacar o trocadilho que aparece na passagem.

(3) A terceira explicação é que a rocha é a fé de Pedro. A Igreja se funda sobre a fé de Pedro. Essa fé de Pedro foi a faísca que acenderia a fé da Igreja em todo o mundo. A fé de Pedro foi o ímpeto inicial que algum dia faria surgir a Igreja universal.

(4) Chegamos à última interpretação, que é a melhor. Consiste em que Pedro mesmo é a rocha, mas em um sentido especial. Não é a rocha sobre a qual se funda a Igreja; essa rocha é Deus. É a primeira pedra basal de toda a Igreja. Pedro foi o primeiro homem da Terra que descobriu quem era Jesus. Foi o primeiro homem que efetuou o salto de fé que via em Jesus Cristo o Filho do Deus vivo. Em outras palavras, Pedro foi o primeiro membro da Igreja e, nesse sentido, a Igreja está fundada sobre ele. Este é o significado. É como se Jesus tivesse dito a Pedro: "Pedro, você é o primeiro em compreender quem sou eu; portanto, é a primeira pedra, a pedra fundamental, o princípio mesmo da Igreja que fundo." E nos séculos por vir, qualquer um que faz o mesmo descobrimento que Pedro fez é outra pedra que se acrescenta ao edifício da Igreja de Cristo.

Assinalemos duas coisas que ajudam a esclarecer isto.

(1) Com muita freqüência, a Bíblia emprega figuras com um propósito definido. Não é preciso acentuar os detalhes da imagem, o que importa é o objetivo central. Agora, com relação à Igreja o Novo Testamento emprega com muita freqüência a imagem de *edificar*, mas a

utiliza com muitos propósitos e de diversos pontos de vista. Aqui Pedro é o fundamento, no sentido de que é a pessoa sobre a qual se edifica toda a Igreja, porque foi o primeiro em descobrir quem foi Jesus. Em Efésios 2:20 se afirma que os profetas e os apóstolos são o fundamento da Igreja. A Igreja terrestre, falando da perspectiva humana, depende de sua obra, de seu testemunho e de sua fidelidade. Na mesma passagem Jesus Cristo é a principal pedra angular; é o poder e a força que mantém unida a Igreja. Sem Ele todo o edifício se desintegraria e viria abaixo. Em 1 Pedro 2:4-8 todos os cristãos são pedras vivas que devem ser edificadas dentro da Igreja. Em 1 Coríntios 3:11 Jesus é o único fundamento e ninguém pode estabelecer outro.

É evidente que os escritores do Novo Testamento tomaram a imagem da edificação e a empregaram de diferentes maneiras. Mas por trás de todas essas imagens sempre está a noção de que Jesus Cristo é o verdadeiro fundamento da Igreja e o único poder que mantém unida a Igreja. Quando Jesus disse ao Pedro que sobre ele edificaria sua igreja, não quis dizer que a igreja dependeria de Pedro, visto que dependia de Cristo e de Deus, a Rocha, e de ninguém mais. O que quis dizer foi que a igreja começava com Pedro. Nesse sentido Pedro é o fundamento da igreja e essa é uma honra que nenhum homem pode tirar.

(2) O segundo elemento que se deve destacar é que a palavra *igreja* (*ekklesia*) empregada nesta passagem transmite uma impressão um tanto errônea. Quando ouvimos a palavra igreja tendemos a pensar em nossa própria igreja. Ou pelo menos tendemos a pensar na igreja como uma instituição e organização com edifícios, escritórios, cultos, reuniões, entidades várias e todo tipo de atividades. O mais provável é que Jesus tenha empregado a palavra *quahal*, que é o termo que emprega o Antigo Testamento para referir-se à congregação de Israel, a reunião do povo do Senhor. O que Jesus a disse a Pedro foi: "Pedro, você é o começo do novo Israel, do novo povo do Senhor, da nova comunhão dos que crerem em meu nome. Pedro foi o primeiro do grupo de pessoas que creram em Jesus. O que começou com Pedro não foi uma igreja, no sentido humano,

muito menos no sentido denominacional. O que começou com Pedro foi a união de todos os que crêem em Jesus Cristo, que não se identifica com nenhuma igreja e que não se limita a nenhuma delas em particular, mas sim abraça a todos aqueles que, em todas as Igrejas, amam ao Senhor.

De maneira que podemos afirmar que a primeira parte desta controvertida passagem significa que Pedro é a pedra fundamental da igreja no sentido de que é o primeiro desse imenso grupo que declara com alegria seu próprio descobrimento de que Jesus Cristo é Senhor; mas que em última instância, Deus mesmo é a Rocha sobre a qual se edifica a igreja.

AS PORTAS DO INFERNO

Mateus 16:17-19 (continuação)

Jesus prossegue dizendo que as portas do inferno não prevalecerão contra sua igreja, o que significam essas palavras? A idéia de portas que prevalecem não é, de qualquer ponto de vista, uma imagem natural e facilmente compreensível.

Esta também tem mais de uma explicação.

(1) Pode ser que seja a imagem de uma fortaleza. Esta figura poderia apoiar-se no fato de que no topo da montanha que flanqueava a Cesaréia de Filipe se encontram na atualidade as ruínas de um grande castelo que pode ter sido levantado em todo seu esplendor na época de Jesus. Pode ser que Jesus tenha estado pensando em sua igreja como uma fortaleza e nas forças do mal como uma fortaleza inimiga. E o que diz, então, é que o poderio do mal jamais prevalecerá contra a igreja.

(2) Richard Glover tem uma explicação muito interessante desta frase. No antigo Oriente, especialmente nas pequenas cidades e aldeias, a *Porta* sempre era o lugar onde se reuniam os anciãos e os governantes e onde pronunciavam seus conselhos e emitiam seus julgamentos. Por exemplo, a lei estabelece que se um homem tiver um filho rebelde e desobediente deve levá-lo "aos anciãos da cidade, à sua porta"

(Deuteronômio 21:19), e ali se emitia o julgamento e se fazia justiça. Em Deuteronômio 25:7, a mulher que tem um determinado problema é aconselhada a ir "à porta, aos anciãos". A porta era o tribunal popular porque ali se reuniam os anciãos. De maneira que a expressão *a porta* pode ter chegado a significar *o lugar de governo*. Durante muito tempo, por exemplo, denominou-se o governo da Turquia de a *Sublime Porta*. De maneira que o sentido da frase seria: Os poderes, o governo do Hades jamais prevalecerão contra a igreja.

(3) Há uma terceira possibilidade. Suponhamos que voltamos para a idéia de que a rocha sobre a qual se funda a igreja é a crença, a fé e a convicção de que Jesus não é outro senão o Filho do Deus vivo. Ora, esta frase não fala das portas do *inferno*, mas sim das portas do *Hades*. E o Hades não era o lugar de castigo e sim o lugar onde, segundo a crença judia primitiva, iam todos os mortos. Como é evidente, a função das portas é *manter as coisas dentro*, confiná-las, encerrá-las, controlá-las.

Havia uma só pessoa a quem as portas do Hades não podiam encerrar em seu interior; e essa única pessoa era Jesus Cristo. Ele rompeu os laços da morte. Como diz o autor de Atos: "Era impossível que fosse retido pela morte... Não deixará minha alma no Hades, nem permitirá que seu Santo veja corrupção" (Atos 2:24, 27). De maneira que isto pode ser nada menos que uma referência triunfante à próxima Ressurreição. Pode ser que Jesus estivesse dizendo: "Vocês descobriram que sou o Filho do Deus vivo. Logo virá o momento em que serei crucificado, e as portas do Hades se fecharão detrás de Mim. Mas não têm poder para me manter dentro delas. As portas do Hades carecem de poder contra mim, o Filho do Deus vivo."

Seja qual for a interpretação, esta frase expressa de maneira triunfante o caráter indestrutível de Cristo e sua igreja.

O LUGAR DE PEDRO**Mateus 16:17-19 (continuação)**

Agora chegamos a duas frases nas quais Jesus descreve certos privilégios que foram concedidos a Pedro assim como certas obrigações que lhe atribuíram.

(1) Jesus diz que dará a Pedro *as chaves do Reino*. Esta é uma frase obviamente difícil. E o melhor que podemos fazer é começar estabelecendo aquelas coisas a respeito desta frase sobre as quais podemos estar seguros.

(a) A frase sempre fez referência a uma espécie muito especial de poder. Os rabinos, por exemplo, tinham um dito: "As chaves do nascimento, da chuva, e da ressurreição dos mortos pertencem a Deus." Quer dizer, que Deus é o único que tem o poder de criar vida, de enviar a chuva, e de ressuscitar os mortos. A frase sempre indica um poder único e especial.

(b) No Novo Testamento sempre se aplica esta frase a Jesus. As chaves estão em suas mãos e nas de nenhum outro. Em Apoc. 1:18 o Cristo ressuscitado diz: "Eu sou o que vivo e fui morto; mas eis aqui que vivo pelos séculos dos séculos, amém. E tenho as chaves da morte e do Hades." Em Apocalipse 3:7 se descreve ao Cristo ressuscitado como: "O Santo, o Verdadeiro, que tem *a chave de Davi*, que abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre." Está claro que esta frase deve interpretar-se como indicação de um direito divino determinado e seja qual for a promessa que fez a Pedro não se deve interpretar que anula ou infringe um direito que só pertence a Deus e ao Filho de Deus.

(c) Todas estas imagens e usos do Novo Testamento se remontam a uma imagem de Isaías (Isaías 22:22). Ali Isaías descreve a Eliaquim que terá a chave da casa do Davi sobre seu ombro e que será o único que abrirá e fechará. Ora, o dever do Eliaquim era ser *o zeloso guardião da casa*. O guardião é quem tem as chaves da casa, quem abre a porta pela manhã e a fecha pela tarde, e através dele os visitantes têm acesso à

presença real. De maneira que o que Jesus diz a Pedro é que nos dias por vir Pedro será o guardião do Reino. E no caso do Pedro trata-se de abrir, não de fechar, a porta do Reino. E, de fato, foi isso que aconteceu. No Pentecostes, Pedro, o guardião do Reino, abriu a porta a três mil almas (Atos 2:41). Abriu a porta ao centurião gentio, Cornélio, de maneira que a porta do Reino girou sobre seus gonzos para dar entrada ao mundo gentio (Atos 10). Atos 15 relata em que forma o Conselho de Jerusalém abriu as portas de par em par aos gentios e como foi o testemunho de Pedro o que o fez possível (Atos 15:14; *Simão é Pedro*). A promessa de que Pedro teria as chaves do Reino significava que Pedro seria o meio para abrir a porta que conduz milhares de pessoas a Deus nos dias por vir. O fato concreto é que Pedro não é o único que tem as chaves do Reino. Todo cristão as tem porque cada um de nós pode abrir a porta do Reino a alguém e participar da grande promessa de Jesus Cristo.

(2) Além disso, Jesus prometeu a Pedro que o que ele *atar* permaneceria *atado*, e o que *desatar* permaneceria *desatado*.

Richard Glover interpreta que Pedro exporia os pecados dos homens, os ataria às consciências dos homens, e logo libertaria a estes de seus pecados, falando do amor e do divino perdão de Deus. Trata-se de uma idéia muito bonita e não há dúvida que é verdadeira, porque tal é o dever de todo pregador e professor cristão, mas tem um significado ainda mais rico. *Atar* e *desatar* eram expressões judias muito comuns. Eram empregadas especialmente ao referir-se às decisões dos grandes mestres e dos grandes rabinos. Seu sentido mais corrente, que qualquer judeu poderia reconhecer, era *permitir* e *proibir*. *Atar algo* era *declará-lo proibido*; *desatar algo* era *declará-lo permitido*. Estas eram as frases usuais quando se tratava de tomar decisões sobre a lei. De fato, esta era a única coisa que significariam essas frases em um contexto como este. De maneira que o que diz Jesus a Pedro é o seguinte: "Pedro, a você serão atribuídas sérias e pesadas responsabilidades. Você terá que tomar decisões que afetarão o destino de toda a igreja. Nos dias futuros a administração da igreja cairá sobre suas costas. Você será o guia e o

diretor da igreja nascente. E as decisões que você fizer serão tão importantes que afetarão as almas dos homens no tempo e na eternidade."

O privilégio das chaves significava que Pedro seria o encarregado da casa de Deus, seria quem abriria as portas aos homens para que entrassem no Reino. A obrigação de atar e desatar significava que Pedro teria que tomar decisões a respeito da vida e a prática da igreja, que teriam conseqüências do mais longo alcance. E de fato, quando lemos os primeiros capítulos dos Atos vemos que isso foi exatamente o que Pedro fez em Jerusalém, porque cumpriu o dever, a tarefa e o privilégio que recebeu.

Assim, pois, resumiremos agora esta passagem, que provocou tantas discussões e controvérsias, e ao fazê-lo veremos que não se ocupa de formas eclesiais e dos assuntos das Igrejas, mas sim das coisas que se referem à salvação. Jesus disse ao Pedro:

"Pedro, seu nome significa rocha e seu destino é ser rocha. Você é o primeiro em reconhecer o que sou, e portanto você é a primeira pedra no edifício da comunidade daqueles que me pertencem. Contra essa comunidade não prevalecerão as fortificações do inimigo, assim como tampouco poderão me manter cativo na morte. E no futuro, você será o encarregado de abrir as portas do Reino para que possam entrar judeus e gentios. E você deverá ser o administrador sábio e o guia que resolverá os problemas e dirigirá a tarefa da comunidade nascente e em processo de crescimento."

Pedro fazia o grande descobrimento, e foi concedido a Pedro o grande privilégio e a grande responsabilidade. É um descobrimento que cada um deve fazer por si mesmo, e uma vez que o tenha feito, recebe o mesmo privilégio e a mesma responsabilidade.

A GRANDE REPREENSÃO**Mateus 16:20-23**

A pesar de os discípulos terem captado o fato de que Jesus era o Messias de Deus, ainda não tinha chegado a compreender seu significado. Para eles queria dizer algo completamente diferente do que queria dizer para Jesus. Seguiam pensando em termos de um Messias conquistador, um rei guerreiro, que expulsaria os romanos da Palestina e conduziria Israel ao poder. Foi por isso que Jesus os obrigou a manter silêncio. Se eles se dirigissem às pessoas e pregassem suas idéias, tudo o que conseguiriam seria provocar uma rebelião e um levante trágicos. Só teriam provocado outro estalo de violência, condenado ao fracasso. Antes de pregar que Jesus era o Messias deviam aprender o significado dessas palavras. De fato, a reação de Pedro demonstra o longe que estavam os discípulos de compreender com exatidão o que queria dizer Jesus quando afirmava que era o Messias e o Filho de Deus.

Assim, pois, Jesus começou a tratar de abrir os olhos deles para que entendessem que para Ele não havia outro caminho senão o da cruz. Disse que devia ir a Jerusalém e sofrer "muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas". Estes eram os três grupos que compunham o Sinédrio. Os *anciãos* eram as pessoas respeitáveis e respeitadas, os *principais sacerdotes* eram em sua maioria, saduceus, e os *escribas* eram fariseus. O que diz Jesus é que deve padecer sob o Sinédrio e sob os líderes religiosos ortodoxos do país. Assim que Jesus pronunciou essas palavras, Pedro reagiu de maneira violenta. Pedro tinha sido criado e sido alimentado com a idéia de um Messias de poder, glória e conquista. Para ele era inacreditável a idéia de um Messias sofredor, relacionar uma cruz com a obra do Messias. "Pedro, chamando-o [a Jesus] à parte" O mais provável é que o rodeasse com um braço protetor para detê-lo em seu intento suicida "Isso", disse Pedro, "não deve nem pode te acontecer." E então veio a grande reprimenda que nos corta a respiração quando a ouvi: "Sai de diante de mim, Satanás" (Trad. Br.)

Devemos compreender algumas coisas para entender esta trágica e dramática cena.

Devemos tratar de perceber o tom de voz com que Jesus pronunciou estas palavras. Não há dúvida de que não as disse com ira na voz e apaixonada indignação no olhar. Disse-as como um homem a quem se feriu até o coração, com uma dor profunda, com uma espécie de horror que o fez tremer. Por que Jesus reagiu assim?

Teve essa reação porque nesse momento lhe veio com uma força cruel a lembrança das tentações que tinha suportado no deserto no começo de seu ministério. Desde o começo tinha sido tentado a tomar o caminho do poder. O tentador disse: "Dê-lhes pão, dê-lhes coisas materiais, e vão segui-lo." "Dê-lhes sensações, dê-lhes coisas maravilhosas", disse o tentador, "e o seguirão." "Faça um acordo com o mundo", disse o tentador. "Reduza suas normas e saia ao encontro do mundo, e o seguirão." Eram exatamente as mesmas tentações com as quais Pedro voltava a confrontá-lo. E estas tentações tampouco tinham estado totalmente ausentes da mente de Jesus. Lucas vê até o fundo do coração do Mestre. No final do relato das tentações, Lucas escreve: "E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo" (Lucas 4:13). Uma e outra vez o diabo repetia seus ataques. Ninguém deseja uma cruz, ninguém deseja morrer em uma agonia; até no Getsêmani se repetiu a mesma tentação, a tentação de seguir outro caminho. E aqui foi Pedro quem a apresenta. A dureza e o rigor da resposta de Jesus se deve a que Pedro lhe estava propondo exatamente as mesmas coisas que o diabo lhe sussurrava todo o tempo, as mesmas coisas frente às quais tinha que fazer-se forte. Pedro enfrentava a Jesus com a forma de fugir da cruz que o tentou até o fim.

É por isso que Pedro era Satanás. O significado literal de Satanás é *O Adversário*. É por isso que as idéias de Pedro não eram idéias de Deus mas sim do homem. Satanás é qualquer força que trata de nos afastar do caminho de Deus, Satanás é qualquer influência que nos faz retroceder no árduo caminho que Deus põe diante de nós. Satanás é qualquer poder

que trata de conseguir que os desejos humanos ocupem o lugar do imperativo divino.

E o que converteu à tentação em algo mais grave e doloroso foi que procedia de alguém que O amava. Pedro falou desse modo só porque amava a Jesus em tal forma que não podia suportar a idéia de vê-lo nesse caminho terrível e morrendo essa morte espantosa. A tentação mais dura é a que procede do amor protetor. Em algumas ocasiões o amor trata de nos afastar dos perigos que apresenta o caminho de Deus; mas o verdadeiro amor não é o que retém o cavalheiro na casa quando deveria ir lutar, mas o que o envia a cumprir as obrigações de sua honra que não a impõem para converter a vida em algo fácil, mas em algo grande. O amor pode ser tão protetor que trate de evitar a quem ama, a aventura da luta do soldado de Cristo, e a fadiga e a dor do caminho do peregrino de Deus. O que realmente feriu o coração de Jesus e o que fez com que falasse como falou, foi que nesse dia o tentador lhe falou por meio do amor ardente mas equivocado do apaixonado coração de Pedro.

O DESAFIO POR TRÁS DA REPULSA

Mateus 16:20-23 (continuação).

Antes de deixar esta passagem é interessante dar uma olhada a duas interpretações muito antigas da frase: “Para trás de mim, Satanás” (RC). Orígenes sugeriu que quando Jesus pronunciou estas palavras Ele quis dizer a Pedro: "Pedro, seu lugar é *atrás* de mim, não *adiante*. Seu lugar consiste em *me seguir* no caminho que eu escolho, não em me conduzir pelo caminho que você gostaria que eu seguisse." Se se pode interpretar a frase desse modo, é-lhe tirada parte de sua dureza, porque não faz desaparecer a Pedro da presença de Cristo. Antes, lembra a Pedro qual é o seu lugar como um seguidor que caminha nos passos de Jesus. O mesmo se aplica a todos nós. Sempre devemos seguir o caminho de Cristo, jamais devemos tentar obrigar a Cristo a tomar nosso próprio caminho.

Encontramos um maior desenvolvimento deste tema quando analisamos esta frase de Jesus à luz das palavras que dirigiu a Satanás no final das tentações, tal como Mateus o apresenta em Mateus 4:10. Apesar de que nas traduções as passagens parecem diferentes são quase idênticas, embora não totalmente. Em Mateus 4:10 diz: "Vai-te, Satanás", que em grego se diz: "*Hupage Satana.*" Neste caso diz a Pedro: "Para trás de mim, Satanás", que em grego se expressa assim: "*Hupage opiso mou, Satana.*" Agora, o fato concreto é que a ordem de Jesus a Satanás é diretamente: "Vai-te!", enquanto que sua ordem a Pedro é: "Para trás de mim", quer dizer: "Volta a te converter em meu discípulo." A Satanás Cristo o expulsa de sua presença; a Pedro é-lhe lembrado que deve seguir a Cristo. Se havia algo em que Satanás jamais poderia converter-se, era em seguidor de Cristo; em seu orgulho diabólico jamais podia submeter-se a isso, por isso é Satanás. Pelo contrário, Pedro poderia estar errado, poderia cair e pecar mas para ele sempre restava a possibilidade do desafio e a oportunidade de voltar a converter-se em um discípulo. É como se Jesus lhe tivesse dito: "Neste momento você falou como teria feito Satanás. Mas quem fala não é o verdadeiro Pedro. Você pode se redimir. Venha atrás de mim e volta a ser meu discípulo e tudo voltará a andar bem." A diferença básica entre o Pedro e Satanás radica justamente no fato de que Satanás jamais ficaria atrás de Jesus. Sempre que o homem esteja disposto a seguir, inclusive depois de ter caído, resta a esperança de obter a glória aqui e no mais além.

O GRANDE DESAFIO

Mateus 16:24-26

Aqui temos um dos temas que dominam e se reiteram no ensino de Jesus. Trata-se de coisas que Jesus repetiu uma e outra vez (Mat. 10:37-39; Mar. 8:64-37; Luc. 9:23-27; 14:25-27; 17:33; João 12:25). Uma e outra vez Jesus confrontou os homens com o desafio da vida cristã. Há três

coisas que o homem deve estar disposto a fazer se há de viver a vida cristã.

(1) Deve *negar-se a si mesmo*. Em geral empregamos o termo *negação de si mesmo* em um sentido restringido. Utilizamo-lo para significar prescindir de algo, ou renunciar a algo. Uma semana de abnegação, por exemplo, é uma semana na qual prescindimos de certos prazeres ou luxos, em geral com o propósito de contribuir a alguma boa causa. Mas isso não é mais que uma parte muito pequena do que Jesus quis dizer ao falar da negação de si mesmo. Negar-se a si mesmo significa dizer não a si mesmo em todos os momentos da vida e dizer sim a Deus. Negar-se a si mesmo significa destronar-se a si mesmo de uma vez e para sempre e entronizar a Deus. Negar-se a si mesmo significa apagar-se a si mesmo como princípio dominante na vida e fazer de Deus o princípio diretor, mais ainda, a paixão dominante da vida. A vida de uma auto-negação constante é uma vida de assentimento constante a Deus.

(2) Deve *tomar sua cruz*. Quer dizer, deve carregar o peso do sacrifício. A vida cristã é uma vida de serviço sacrificial. O cristão pode ter que abandonar a ambição pessoal para servir a Cristo. Pode ser que descubra que o lugar onde pode oferecer o maior serviço a Jesus Cristo é um lugar onde a recompensa será pequena e o prestígio será nulo. Sem dúvida terá que sacrificar tempo e prazer a fim de servir a Deus mediante o serviço a seu próximo. Para expressá-lo em forma muito simples: pode ser que terei que sacrificar o conforto do lar, o prazer de uma visita a um lugar de recreio, pelas obrigações impostas pelo fato de ser o maior dentro de um grupo, pelas exigências do clube de jovens, a visita à casa de alguma alma triste ou sozinha. Pode ser que tenha que sacrificar certas coisas que poderia possuir a fim de poder dar mais. A vida cristã é a vida de sacrifício.

Lucas, em um rasgo de aguda percepção, acrescenta uma palavra a esta ordem de Jesus: "Tome cada dia sua cruz." O verdadeiramente importante não são os grandes momentos de sacrifício, mas uma vida de

compreensão constante e minuto a minuto das exigências de Deus e as necessidades dos homens. A vida cristã é uma vida que sempre está mais preocupada com os outros que por si mesmo.

(3) Deve *seguir a Jesus Cristo*. Quer dizer, deve manifestar uma obediência perfeita a Jesus Cristo. Quando éramos jovens estávamos acostumadas a brincar um jogo chamado "seguir o líder". Era preciso copiar tudo o que fazia o líder por mais difícil e, no caso do jogo, por mais ridículo que fosse. A vida cristã é um constante seguir o líder, uma constante obediência em pensamento, palavra e ação a Jesus Cristo. O cristão segue nos passos de Jesus Cristo, em qualquer lugar que Ele o levar.

PERDER E ACHAR A VIDA

Mateus 16:24-26 (continuação)

Neste mundo existe uma diferença profunda entre *existir* e *viver*. Existir é simplesmente deixar que os pulmões respirem e o coração pulse. Viver significa viver em um mundo onde tudo vale a pena, onde há paz na alma, alegria no coração e alegria em cada instante. Aqui Jesus nos dá as indicações para a *vida* como algo diferente da *existência*.

1) O homem que vai atrás da segunda perde a vida. Mateus escrevia entre os anos 80 e 90 d. C. De maneira que escrevia nos dias mais amargos das perseguições. O que dizia era o seguinte: "É muito possível que chegue o momento em que vocês possam salvar sua vida abandonando a fé, mas se o fizerem, longe de salvar a vida no verdadeiro sentido, perdê-la-ão." O homem fiel pode morrer, mas morre para viver; quem abandona sua fé indo atrás da segurança, pode viver, mas vive para morrer. Em nossa época e em nossa geração não se trata de martírio, mas segue vigente o fato de que se enfrentarmos a vida como uma busca constante de segurança, conforto, carência de dificuldades, se cada decisão que tomamos está apoiada em motivações de prudência e de reputação mundana, estamos perdendo tudo o que faz com que a vida

mereça ser vivida. A vida se converte em algo oco e brando quando poderia ter sido uma aventura. A vida se converte em algo egoísta, quando poderia ter sido algo radiante pela atitude de serviço. A vida se converte em algo condenado à dimensão terrestre quando poderia ter sido algo que apontava sempre às estrelas.

Em uma oportunidade alguém escreveu um epitáfio muito amargo a respeito de uma pessoa: "Nasceu homem e morreu comerciante." Poderia-se substituir a palavra comerciante por qualquer ofício ou profissão. O homem que busca a segurança deixa de ser homem, porque o homem é feito à imagem de Deus.

(2) O homem que arrisca tudo por Cristo – e possivelmente pareça que perdeu tudo – encontra a vida. A história nos ensina que sempre foram as almas aventureiras que disseram adeus à segurança as que escreveram seu nome na história e ajudaram em grande medida o mundo dos homens. Se não tivessem existido quem estava dispostos a correr riscos, mais de uma medicina não existiria. Se não tivessem existido os que estiveram dispostos a arriscar-se, muitas das máquinas que facilitam a vida não seriam inventadas. Se não existissem mães dispostas a correr o risco, não nasceria nenhum menino. O homem que está disposto "a arriscar a vida pela verdade de que Deus existe" é quem, em última instância, encontra a vida.

(3) Logo Jesus fala com advertência: "Suponham que alguém busca a segurança, suponham que obtém o mundo inteiro, e suponham que mais tarde descobre que essa vida não vale a pena; o que pode dar para voltar a ganhar sua vida?" E a triste verdade é que não podemos voltar a obter a vida. Em cada decisão da vida nos convertemos em algo. Convertemo-nos em um determinado tipo de pessoa, construímos em forma constante e iniludível certo tipo de personalidade e de caráter, fazemo-nos capazes de fazer certas coisas e totalmente incapazes de fazer outras. É perfeitamente possível que alguém obtenha tudo o que se propôs e que uma manhã desperte e descubra que perdeu as coisas mais importantes. O *mundo* representa as coisas materiais por oposição a

Deus. E se podem dizer três opiniões a respeito das coisas materiais: (a) Ninguém as pode levar consigo no final de seus dias. Só pode levar a si mesmo e se se degradou para obtê-las, seu arrependimento será algo amargo. (b) Não podem ajudar o homem nos dias difíceis. As coisas materiais jamais comporão um coração destroçado ou consolarão a uma alma solitária. (c) Se por acaso alguém obteve suas posses materiais em forma desonesta, chegará o momento em que ouvirá a voz da consciência e conhecerá seu inferno deste lado da tumba.

O mundo está cheio de vozes que proclamam que o homem que vende a vida autêntica em troca de coisas materiais é um tolo.

(4) Por último, Jesus pergunta: "Que recompensa dará o homem por sua alma?" A versão grega diz: "Que *antallagma* dará o homem por sua alma?" Esta palavra é interessante. No livro de Eclesiástico lemos: "O amigo fiel não tem preço." e "Não tem preço a [mulher] bem educada" (Eclesiástico 6:15; 26:14). Significa que não há preço com o qual se possa comprar um amigo fiel ou uma alma bem educada. De maneira que esta frase final de Jesus pode significar duas coisas.

(a) Pode querer dizer: Uma vez que o homem perdeu sua vida autêntica devido a seu desejo de segurança e de coisas materiais, não poderá recuperá-la por nenhum preço. Fez-se a si mesmo algo que jamais pode ser completamente apagado.

(b) Pode significar: O homem deve ele próprio e tudo o que tem a Cristo, e não há nada que possa entregar a Cristo em lugar de sua vida. É muito possível que alguém trate de dar seu dinheiro a Cristo e que entretanto não lhe entregue sua vida. É mais provável ainda que alguém renda um serviço aparente a Cristo e que não lhe entregue sua vida. Mais de uma pessoa dá sua oferenda voluntária semanal à igreja mas não vai à igreja; é evidente que isto não satisfaz as exigências impostas aos membros da igreja. O único dom que podemos fazer à igreja é dar-nos a nós mesmos, e o único dom que podemos fazer a Cristo é nossa vida inteira. Não há nada que possa substituir e isso é a única coisa válida.

A ADVERTÊNCIA E A PROMESSA**Mateus 16:27-28**

Esta passagem inclui duas frases diferentes.

(1) A primeira frase é uma advertência. É uma advertência sobre o juízo iniludível. A vida vai para alguma parte e esse lugar é o juízo. Em qualquer esfera da vida chega o momento do balanço. Não se pode passar por cima do fato de que depois da vida chega o juízo; e quando tomamos esta passagem junto com a anterior nos damos conta imediatamente de qual é o nível do juízo. O homem que entesoura a vida para si de maneira egoísta, o homem cuja primeira preocupação é sua própria segurança e conforto é um fracasso segundo o ponto de vista do céu, por mais rico, próspero e triunfante que pareça. O homem que ocupa sua vida com outros e que vive a vida como uma aventura heróica é quem recebe o louvor do céu e a recompensa de Deus.

(2) A segunda frase é uma promessa. Tal como o relata Mateus, pareceria que Jesus falou como se esperasse sua própria vinda visível durante a vida de alguns daqueles que o ouviam. Se Jesus disse isso errou. Mas vemos o verdadeiro sentido das palavras de Jesus quando nos dirigimos ao relato que faz Marcos do incidente. Marcos diz: “Dizia-lhes ainda: Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.” (Marcos 9:1). Jesus faz referência à poderosa obra de seu Reino e o que disse se fez realidade. Alguns dos presentes viram a vinda de Cristo na vinda do Espírito no dia do Pentecostes. Havia quem veria como entrariam no Reino tanto gentios como judeus. Veriam como a maré da mensagem cristã cruzaria a Ásia Menor e a Europa até chegar a Roma. Durante a vida daqueles que ouviam a Jesus o Reino chegou em todo o seu poder.

É necessário interpretar esta frase em relação direta com o que vem antes. Jesus advertiu a seus discípulos que devia ir a Jerusalém e que ali devia sofrer muito e morrer. Essa era a vergonha mas a vergonha não era

o fim, depois da cruz veio a ressurreição. A cruz não seria o fim, seria o princípio da liberação desse poder que surgiria através do mundo inteiro. A promessa feita aos discípulos de Jesus Cristo estabelece que nada que os homens façam pode obstaculizar a expansão do Reino de Deus.

Mateus 17

O monte da Transfiguração - Mat. 17:1-8

A bênção do passado - Mat. 17:1-8 (cont.)

A indicação de Pedro - Mat. 17:1-8 (cont.)

Ensinando o caminho da cruz - Mat. 17:9-13, 22-23

A fé essencial - Mat. 17:14-20

O imposto do templo - Mat. 17:24-27

Como pagar nossas dívidas - Mat. 17:24-27 (cont.)

O MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO

Mateus 17:1-8

Depois do grande momento de Cesaréia de Filipe seguiu a grande hora do monte da Transfiguração. Observemos primeiro o cenário onde se produziu este momento de glória para Jesus e seus discípulos escolhidos. Há uma tradição que relaciona a transfiguração com o monte Tabor mas é muito pouco provável. O topo do monte Tabor era uma fortaleza armada e um grande castelo. Parece quase impossível que a Transfiguração se produziu em uma montanha que era uma fortaleza. É muito mais provável que o cenário da transfiguração tenha sido o monte Hermom. Hermom estava a vinte e dois quilômetros de Cesaréia de Filipe. É uma montanha muito alta, tanto que pode ser vista desde o Mar Morto, no outro extremo da Palestina, a mais de cento e sessenta quilômetros de distância. Hermom tem 2.820 m de altura e está a 3.300 m acima do nível do vale do Jordão. Não pode ter acontecido no próprio topo da montanha visto que é muito alta.

Canon Tristão relata como a escalou com seus companheiros. Puderam cavalgar quase até o final e a cavalgada durou oito horas. Não é

fácil desdobrar muita atividade em um pico tão elevado. Tristão diz: "Passamos boa parte do dia no topo mas em pouco tempo nos sentimos afetados por dores devido à atmosfera rarefeita."

A Transfiguração aconteceu em algum lugar das ladeiras do majestoso e agradável monte Hermom. Deve ter sucedido de noite. Lucas nos diz que os discípulos estavam rendidos de sono (Lucas 9:32). No dia seguinte, Jesus e seus discípulos voltaram para o vale para encontrar-se com quem os estavam esperando o pai do menino epilético (Lucas 9:37). Esta surpreendente visão teve lugar em algum momento do entardecer, perto da noite ou durante a própria noite.

Devemos nos perguntar: Por que Jesus foi ali? Por que fez esta expedição a essas solitárias ladeiras da montanha? Lucas é quem nos dá a chave. Porque nos diz que Jesus estava orando (Lucas 9:29). Devemos nos colocar, na medida do possível, no lugar de Jesus. A esta altura dos acontecimentos, estava no caminho que o conduziria à cruz. Disso estava bem seguro, e uma e outra vez o disse a seus discípulos. Em Cesaréia de Filipe o vimos enfrentando um problema, preocupando-se com uma pergunta. Vimo-lo tratando de descobrir se havia alguém que o tinha reconhecido, por quem e o que era. Vimos que essa pergunta recebeu uma resposta triunfante porque Pedro tinha percebido o fato fundamental de que Jesus só podia ser descrito como o Filho de Deus. Mas havia uma questão ainda mais grave que Jesus devia resolver antes de empreender sua última viagem. Devia assegurar-se, além de toda dúvida, de que estava fazendo o que Deus desejava que fizesse. Tinha que certificar-se de que a vontade de Deus era, em realidade, que fosse a Jerusalém à cruz. Jesus foi ao monte Hermom para fazer a pergunta a Deus: "Estou fazendo Tua vontade ao me dirigir para Jerusalém?" Jesus foi ao monte Hermom para ouvi a voz de Deus e suas ordens. Não queria dar um só passo sem consultar a Deus. Como haveria de dar o maior passo que jamais deu, ou que jamais poderia dar, sem consultá-lo? Acima de tudo, o fato é que Jesus formulava uma pergunta e uma só: "É a vontade de

Deus para mim?" E essa era a pergunta que formulou nas solitárias ladeiras do monte Hermom.

Uma das diferenças supremas entre Jesus e nós, um dos fatos que fazia de Jesus o que era, era que sempre perguntava: "O que Deus quer que Eu faça?"; nós quase sempre perguntamos: "O que quero fazer?" Costumamos a dizer que a característica que diferenciava a Jesus de todos outros era que *carecia de pecado*. O que queremos dizer com isso? Queremos dizer o seguinte: que Jesus não tinha vontade fora da vontade de Deus.

Quando Jesus tinha algum problema não tratava de solucioná-lo pela mera força de seu próprio pensamento. Não o levava a outros para obter um conselho humano, levava-o a lugar solitário e a Deus.

A BÊNÇÃO DO PASSADO

Mateus 17:1-8 (continuação)

Sobre as ladeiras da montanha apareceram diante de Jesus duas grandes figuras: Moisés e Elias. É fascinante comprovar em quantos aspectos a experiência destes dois grandes líderes do povo e servos de Deus se assemelhavam à experiência de Jesus. Quando Moisés desceu do monte Sinai não sabia que a pele de seu rosto resplandecia (Êxodo 34:29). Tanto Moisés como Elias tiveram suas experiências mais íntimas de Deus sobre uma montanha. Foi no monte Sinai onde subiu Moisés para receber as tábuas da Lei (Êxodo 31:18). Foi no monte Horebe onde Elias encontrou a Deus, não no vento nem no terremoto, e sim na voz suave e delicada (1 Reis 19:9-12). É estranho que tenha havido algo maravilhoso a respeito da morte de Moisés e de Elias. Deuteronômio 34:5-6 relata a morte solitária de Moisés sobre o monte Nebo. Parece como se Deus mesmo tivesse sido quem enterrou o grande líder do povo: "Assim, morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de Moabe, segundo a palavra do SENHOR. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua

sepultura”. Quanto a Elias, tal como o relata a velha história, despediu-se de Eliseu em um carro de fogo com cavalos de fogo (2 Reis 2:11). As duas figuras que apareceram a Jesus quando estava por empreender o caminho para Jerusalém eram homens que pareciam muito grandes para morrer.

Além disso, como já vimos, os judeus estavam convencidos de que Elias seria o precursor e o arauto do Messias e pelo menos alguns mestres judeus criam também que quando chegasse o Messias viria acompanhado por Moisés. É fácil ver quão apropriada e adequada era esta visão de Moisés e Elias. Mas nenhuma destas razões é o motivo real pelo qual Jesus recebeu a visão de Moisés e Elias.

Mais uma vez devemos nos remeter ao relato que faz Lucas da Transfiguração. Lucas nos diz que Moisés e Elias falaram com Jesus "de sua partida que ia Jesus a cumprir em Jerusalém" (Lucas 9:31). A palavra que se emprega em grego para expressar a *partida* é muito significativa. Trata-se da palavra *êxodos* que é a mesma palavra que se emprega em português como *êxodo*. Estas duas figuras conspícuas do passado falaram com Jesus sobre seus *êxodos*. Agora, a palavra *êxodos* tem uma conotação muito especial. É o termo que sempre se emprega para referir-se à partida do povo de Israel da terra do Egito para o caminho desconhecido do deserto que deveria de levá-los finalmente à Terra Prometida. A palavra *êxodo* é a que descreve o que poderíamos denominar a viagem mais arriscada da história, uma viagem no qual um povo inteiro, apoiando-se em uma total confiança em Deus, lançou-se para o desconhecido. *Isso era exatamente o que Jesus estava a ponto de fazer*. Com uma total confiança em Deus estava por empreender a aventura tremenda dessa viagem a Jerusalém; uma viagem rodeada de perigos, uma viagem que implicava um cruz mas que culminaria na glória. Ora, dentro do pensamento judeu estas duas figuras, Moisés e Elias, sempre representavam inevitavelmente determinadas coisas. Moisés era o maior de todos os *legisladores*; era, em forma suprema e única, o homem que tinha levado a Lei de Deus aos homens. Elias era o

maior de todos os *profetas*; nele a voz de Deus falava com os homens de maneira direta. Estes dois homens eram os pontos culminantes da história e os logros religiosos do Israel. É como se as maiores figuras da história de Israel se aproximassem de Jesus quando se preparava para sair em sua única e maior aventura rumo ao desconhecido e lhe tivessem dito que continuasse sua viagem. Neles, toda a história reconhecia a Jesus como sua própria consumação. O maior dos legisladores e o profeta supremo reconheciam a Jesus como Aquele a quem tinham anunciado. De maneira que as maiores figuras humanas testemunhavam a Jesus que estava em bom caminho e o insistiam com ele a seguir em seu *êxodo* arriscado para Jerusalém e o Calvário.

Mas havia algo mais que isso; não só o maior dos profetas e o legislador de maior envergadura asseguraram a Jesus que estava certo; a própria voz de Deus veio lhe dizer que estava em bom caminho, que estava no caminho de Deus, que devia continuar.

Todos os evangelistas fazem referência à nuvem luminosa que os cobriu. Essa nuvem era parte da história do Israel. Ao longo de toda a história a nuvem luminosa representava o *shekinah*, que não era outra coisa senão a glória de Deus Todo-poderoso. Vejamos essa nuvem na história de Israel. Em Êxodo lemos sobre a coluna de nuvens que guiaria o povo em seu caminho (Êxodo 13:21-22). Também em Êxodo lemos a respeito da construção e término do tabernáculo e ao final do relato nos deparamos com estas palavras: “Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo” (Êxodo 40:34). Em uma nuvem o Senhor desceu para dar as tábuas da Lei a Moisés (Êxodo 34:5). Voltamo-nos a encontrar com esta nuvem misteriosa e cheia de luz na dedicação do templo do Salomão; “Tendo os sacerdotes saído do santuário, uma nuvem encheu a Casa do SENHOR” (1 Reis 8:10-11; ver também 2 Crônicas 5:13-14; 7:2). Ao longo de todo o Antigo Testamento aparece esta imagem da nuvem na qual estava a glória misteriosa de Deus.

Acontece que podemos acrescentar a tudo isso outro fato muito eloqüente. Os viajantes nos relatam um fenômeno muito estranho que caracteriza o monte Hermom. Edersheim escreve: “Notou-se uma estranha peculiaridade a respeito de Hermom na ‘extrema rapidez com que se formam as nuvens em seu topo. Em poucos minutos se forma uma capa grossa sobre o topo da montanha, e com a mesma rapidez se dispersa e desaparece por completo’.” Não cabe dúvida que nesta oportunidade se aproximou uma nuvem às ladeiras de Hermom, e tampouco se pode duvidar que em um princípio os discípulos lhe deram pouca importância porque Hermom era famoso pelas nuvens que chegavam e desapareciam. Mas aconteceu algo; não somos nós os que devemos adivinhar o que aconteceu, mas a nuvem se iluminou e se converteu em algo misterioso e saiu dela a voz da majestade divina que impôs o selo de aprovação de Deus sobre seu Filho Jesus. E nesse momento foi respondida a oração de Jesus; soube, sem lugar a dúvidas, que tinha razão ao seguir seu caminho.

O monte da Transfiguração foi para Jesus um topo espiritual. Tinha diante de Si o seu êxodo. Estava no bom caminho? Estava certo ao aventurar-se indo para Jerusalém e aos braços torturantes da cruz? Em primeiro lugar, chegou-lhe o veredicto da história, o maior dos legisladores e o maior dos profetas, para lhe dizer que continuasse. E logo, muito maior ainda que essa grandeza, chegou uma voz que lhe deu nada menos que a aprovação de Deus. Foi a experiência do monte da Transfiguração o que permitiu a Jesus dirigir-se inflexivelmente para a cruz.

A INDICAÇÃO DE PEDRO

Mateus 17:1-8 (continuação)

Mas o episódio da Transfiguração sofreu um determinado efeito não só sobre Jesus, mas também sobre seus discípulos.

(1) As mentes dos discípulos deviam estar ainda feridas e afligidas pela insistência de Jesus sobre o fato de que devia ir a Jerusalém para ser humilhado, tratado como um criminoso, para sofrer, para ser crucificado e morrer. Devem ter pensado que a única coisa que os aguardava era uma negra vergonha. Mas toda a atmosfera do monte da Transfiguração está impregnada de *glória*. Desde o começo até o final a chave de todo este incidente é a glória. O rosto de Jesus brilhava como o Sol e suas vestimentas refulgiam e deslumbravam como a luz. Os judeus conheciam muito bem a promessa de Deus aos justos triunfantes: "Seu rosto brilhará como o Sol" (2 Esdras 7:97). Nenhum judeu poderia ter visto essa nuvem luminosa sem pensar na *shekinah*, a glória de Deus sobre seu povo.

Há um detalhe muito revelador nesta passagem. Não menos de duas vezes em seus oito breves versículos aparece o pequeno advérbio: "eis que". É como se Mateus não pudesse sequer relatar a história sem reter o fôlego ante sua assombrosa maravilha. Sem dúvida se tratava de algo que elevaria os corações dos discípulos; permitiria que vissem a glória através da vergonha; o triunfo através da humilhação; a coroa além da cruz. É evidente que nem sequer então entenderam; mas sem dúvida deve ter-lhes dado uma remota percepção de que a cruz não era todo humilhação, que de algum modo implicava certa glória, que de algum modo a glória era o mesmo ar e a atmosfera do êxodo para Jerusalém e para a morte.

(2) Além disso Pedro deve ter aprendido duas lições nessa noite. Quando Pedro despertou para o que acontecia, sua primeira reação foi construir três tabernáculos; um para Jesus, um para Moisés e um para Elias. Pedro sempre estava disposto à ação, era o tipo de pessoa que precisa fazer algo todo tempo. Mas há um momento em que é necessária a tranqüilidade, um momento para a contemplação, a maravilha, a adoração, o assombro reverencial ante a presença da glória suprema. "Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus" (Salmo 46:10). Pode acontecer que às vezes estamos muito ocupados fazendo algo, quando seria melhor

que permanecêssemos em silêncio, escutando, experimentando um sentimento de maravilha, adorando na presença de Deus. Antes de poder lutar e aventurar-se sobre seus pés, o homem deve orar sobre seus joelhos.

(3) Mas há também o reverso disto. É evidente que a intenção do Pedro era esperar sobre a ladeira da montanha. Queria que se prolongasse esse grande momento. Não queria descer mais uma vez às coisas cotidianas e simples; queria permanecer para sempre sob a luz da glória. É um sentimento que todos devemos conhecer. Há momentos de intimidade, de serenidade, de paz, de proximidade com Deus, que todos conheceram e que todos desejariam prolongar. Como diz A. H. McNeile: "O monte da Transfiguração sempre é um lugar mais agradável que o ministério diário ou o caminho da cruz." Mas o monte da Transfiguração só nos é dado dá a fim nos proporcionar forças para o ministério de todos os dias e para nos fazer capazes de andar no caminho da cruz. Susana Wesley costumava pronunciar uma oração: "Ajuda-me, Senhor, a lembrar que a religião não deve confinar-se à igreja ou à cela, nem exercer-se apenas na oração e na meditação, mas sim em todas as partes estou em Tua presença." O momento de glória não existe por si mesmo, existe para recobrir as coisas comuns com uma luminosidade e um brilho que nunca antes tiveram.

ENSINANDO O CAMINHO DA CRUZ

Mateus 17:9-13, 22-23

Aqui nos deparamos mais uma vez com a ordem de Jesus de manter o segredo; e era necessário que assim o fizessem. O grande perigo era que os homens proclamassem a Jesus como o Messias sem saber quem e o que era o Messias. Era necessário mudar de maneira radical e fundamental toda a concepção que tinham tanto do precursor como do Messias.

Levaria muito tempo fazê-los esquecer a idéia de um Messias conquistador. Tão enraizada estava na mente judia que era difícil – quase impossível – alterá-la. Os versículos 9-13 são muito difíceis. Por trás nos encontramos com a seguinte idéia. Os judeus estavam de acordo em que antes da vinda do Messias voltaria Elias para ser seu arauto e precursor. “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR.” Assim escreve Malaquias e continua: “Ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição.” (Malaquias 4:5-6). Pouco a pouco foram sendo elaborados detalhes quanto a esta idéia da vinda de Elias até que os judeus chegaram a acreditar que Elias não só viria, mas também restauraria todas as coisas antes da chegada do Messias; que converteria o mundo em lugar adequado para a entrada do Messias. A idéia era que Elias seria um reformador terrível e radical, que caminharia por todo o mundo, destruindo o mal e solucionando todas as injustiças. O resultado foi que se pensava tanto no precursor como no Messias em termos de *poder*.

De maneira que Jesus corrige esta idéia. "Os escribas", disse, "dizem que Elias virá como um raio de fogo purificador e vingador. *Ele veio*; mas seu caminho foi o caminho do sofrimento e do sacrifício, como deve ser também o caminho do Filho do Homem." Jesus estabeleceu que o caminho do serviço de Deus nunca é o caminho que destrói a existência dos homens, mas o que lhes infunde um amor sacrificial.

Isso era o que os discípulos deviam aprender e por isso deviam permanecer em silêncio até que o aprendessem. Se tivessem saído a pregar sobre um Messias conquistador a única coisa que teriam conseguido teria sido provocar uma tragédia. Estabeleceu-se que no século anterior à crucificação não menos de 200.000 judeus perderam a vida em revoluções e levantamentos inúteis e estéreis. Antes que os homens pudessem pregar sobre Cristo deviam saber quem e o que era Cristo. E até que Jesus tivesse ensinado a seus servidores a necessidade da cruz deviam permanecer em silêncio e aprender. O que devemos levar

aos homens não são nossas idéias, e sim a mensagem de Cristo, e nenhum homem pode ensinar a outros até que Cristo não o tenha ensinado.

A FÉ ESSENCIAL

Mateus 17:14-20

Assim que Jesus desceu da glória celestial deparou-se com o problema terreno e a exigência prática. Durante a ausência de Jesus um homem tinha levado aos discípulos seu filho epilético. Mateus descreve o moço com o verbo *seleniazesthai*, cujo significado literal é *lunático*. Como era inevitável nessa época, o pai atribuía a condição do menino à influência de espíritos malignos. O estado do moço era tão sério que era um perigo para ele mesmo e para todos os outros. Quase podemos escutar o suspiro de alívio quando apareceu Jesus, e podemos vê-lo tomando conta na hora de uma situação que estava totalmente fora de controle. Com uma palavra severa e forte ordenou ao demônio que se retirasse e o menino ficou curado.

Este relato está cheio de coisas significativas.

(1) Não podemos deixar de nos comover com a fé do pai do menino. Embora fosse dado aos discípulos o poder de expulsar demônios (Mateus 10:1), encontramos-nos com um caso em que tinham fracassado em forma pública e notória. E entretanto, apesar do fracasso dos discípulos o pai nunca duvidou do poder do próprio Jesus. É como se tivesse dito: "Permitam-me aproximar de Jesus em pessoa e todos os meus problemas ficarão resolvidos e minhas necessidades satisfeitas." Há nisto algo muito sério; algo que é universal e muito atual. Há muitos que sentem que a igreja, os discípulos declarados de Jesus em sua própria época e geração, fracassaram e são incapazes de enfrentar os males da situação humana; e entretanto, no fundo de seu coração sentem: "Se pudéssemos ir além destes discípulos humanos, se pudéssemos transpor a fachada eclesiástica e o fracasso da igreja, se pudéssemos nos

aproximar do próprio Jesus, receberíamos o que necessitamos." É tanto uma condenação como um desafio comprovar que, apesar de que os homens perderam a fé na igreja, jamais perderam uma ofegante fé no próprio Jesus Cristo.

(2) Aqui vemos as constantes exigências a que estava submetido. Diretamente da glória do topo da montanha, desceu para encontrar-se com as exigências da necessidade e o sofrimento humanos. Diretamente depois de ouvir a voz de Deus, teve que ouvir o clamor da necessidade humana. A pessoa mais valiosa e a mais semelhante a Cristo é aquela que jamais considera que seu próximo é um estorvo. É fácil sentir-se cristão no momento da oração e da meditação; é fácil sentir-se perto de Deus quando se fecharam as portas ao mundo e quando o céu está muito perto. Mas isso não é religião, é escapismo. A verdadeira religião consiste em nos levantarmos dos joelhos diante de Deus para nos enfrentarmos com os homens e a situação humana. A verdadeira religião consiste em tirar forças de Deus *a fim de dá-las a outros*. A verdadeira religião implica tanto em encontrar-se com Deus no lugar secreto como com os homens no mercado. A verdadeira religião consiste em levar nossas necessidades a Deus, não para ter paz, quietude e conforto sem moléstias, antes para poder satisfazer as necessidades de outros com generosidade, força e eficácia. As asas da pomba não são para o cristão, quem deve seguir a seu Mestre fazendo o bem.

(3) Aqui vemos a dor de Jesus. Não é que Jesus diga que quer desfazer-se para sempre de seus discípulos. O que diz é o seguinte: "Quanto tempo devo estar convosco até que me compreendam?" Não há nada mais próprio de Cristo que a paciência. Quando estamos a ponto de perder a paciência com as loucuras e tolices dos homens, recordemos a paciência infinita de Deus com os extravios, as deslealdades e a impossibilidade de ensinar a nossas próprias almas.

(4) Vemos aqui a necessidade central da fé, sem a qual não pode acontecer nada. Quando Jesus falou de *mover montanhas* estava empregando uma frase que os judeus conheciam muito bem. Era comum

denominar *arrancador* ou *pulverizador* de montanhas a um grande mestre que podia expor e interpretar as Escrituras, que podia explicar e resolver dificuldades. Destroçar, arrancar, pulverizar montanhas eram frases que se empregavam com frequência para expressar a solução de dificuldades. Jesus jamais teve a intenção de que se tomassem suas palavras em sentido literal. Depois de tudo, o homem comum quase nunca sente a necessidade de arrancar uma montanha física. O que quis dizer foi o seguinte: "Se tiverem a suficiente medida de fé, podem resolver todas as dificuldades, e se pode cumprir até a tarefa mais árdua"

A fé em Deus é o instrumento que permite aos homens tirar as montanhas de dificuldades que obstruem seu caminho.

O IMPOSTO DO TEMPLO

Mateus 17:24-27

O templo de Jerusalém era um lugar cuja manutenção e administração consumia grandes somas. Todas as manhãs e todas as tardes se fazia o sacrifício de um cordeiro de um ano. Junto com o sacrifício do cordeiro se ofereciam, também, o vinho, o azeite e a farinha correspondentes. O incenso, que se queimava todos os dias devia ser comprado e preparado. As custosas tapeçarias e as vestes talares se gastavam; e a toga e outros trajes do Sumo Sacerdote custavam um siclo. Tudo isto exigia que houvesse dinheiro para pagar os gastos. Por isso, apoiando-se em Êxodo 30:13 se estabeleceu que todo varão judeu que tivesse mais de vinte anos devia pagar ao templo um imposto anual do meio siclo. Na época de Neemias, quando a pessoa era pobre, tinha que pagar um terço de siclo. Meio siclo equivalia a dois *dracmas gregas*; costumava denominar-se *c'idrachma* a tal imposto: esse é o nome que recebe nesta passagem. O valor do imposto era ao redor de 13 centavos de dólar; deve avaliar-se essa cifra tendo em conta que o salário de um trabalhador, na Palestina do tempo de Jesus não excedia os quatro centavos de dólar. De maneira que o imposto equivalia ao pagamento de

três dias. O tesouro do templo recebia não menos de 178.300 dólares por ano. Teoricamente o imposto era obrigatório, e as autoridades do templo tinham poder para dispor dos bens de qualquer pessoa que não fizesse o pagamento.

O método de arrecadação estava cuidadosamente organizado. No primeiro dia do mês do Adar, que é nosso mês de março, anunciava-se em todas as cidades e povos da Palestina que tinha chegado o momento de pagar o imposto. No dia quinze do mês se erigiam em cada cidade e povo postos nos quais se cobrava o imposto. Se até o dia vinte e cinco de Adar não se pagou o imposto, era preciso fazê-lo diretamente no templo de Jerusalém.

Nesta passagem vemos que Jesus paga seu imposto ao templo. As autoridades encarregadas de sua cobrança se aproximaram de Pedro e lhe perguntaram se seu Mestre pagava o imposto. Não há a menor dúvida de que a pergunta foi feita com má intenção e que esperavam que Jesus se negasse a pagar o imposto, pois em tal caso, os líderes ortodoxos teriam alguma razão para acusá-lo. A resposta imediata de Pedro foi que Jesus pagava seu imposto. Assim, pois, Pedro foi informar a Jesus sobre o incidente e Jesus usou uma espécie de parábola nos versículos 25 e 26. A imagem pode referir-se a duas coisas, mas em qualquer dos dois casos o significado é o mesmo.

(1) No mundo antigo as nações que conquistavam e colonizavam não pensavam em governar em benefício dos povos subjugados. Antes consideravam que os povos subjugados existiam para tornar as coisas fáceis aos conquistadores. O resultado deste ponto de vista era que o próprio país de um rei nunca lhe pagava tributo, se tinha países subjugados. Eram as nações conquistadas as que carregavam o peso e pagavam o imposto, enquanto que a nação do rei estava isenta dele. De maneira que o sentido das palavras de Jesus pode ser: "Deus é o rei de Israel, mas nós somos o verdadeiro Israel, porque somos os cidadãos do Reino de Deus, os de fora possivelmente tenham que pagar, mas nós estamos isentos de impostos."

(2) É provável que a imagem seja muito mais simples. Se qualquer rei impunha impostos em um país, sem dúvida não os impunha à sua própria família e a quem vivia em sua casa. De fato, os impostos se cobravam para manter sua própria casa. Agora, o imposto em questão se cobrava para o templo, que era a casa de Deus. Jesus era o Filho de Deus. Acaso não diz quando seus pais o buscavam em Jerusalém, e assim é como deve ser traduzido: "Não sabiam que devia estar na casa de meu Pai?" (Lucas 2:49). Como podia ser que o Filho tivesse a obrigação de pagar o imposto destinado à casa de seu próprio Pai? Entretanto, Jesus disse que deviam pagar, não pela obrigação imposta pela lei, mas sim por um dever supremo. Jesus disse que deviam pagar "para não ofendê-los".

O Novo Testamento sempre emprega o verbo ofender (*skandalizein*) e o substantivo ofensa (*skandalon*) de maneira especial. O verbo nunca significa insultar, zangar ou ferir o orgulho de alguém. Sempre quer dizer pôr um obstáculo no caminho de alguém para fazê-lo tropeçar ou cair. A palavra *skandalon* em grego não tem o mesmo sentido que nosso termo escândalo; sempre é algo que faz alguém cair, leva alguém a tropeçar. De maneira que o que Jesus diz é o seguinte: "Devemos pagar para não dar mau exemplo a outros. Não só sabemos cumprir o nosso dever, mas também devemos ir além de nosso dever para mostrar a outros o que devem fazer. Jesus não se permitia fazer nada que promovesse que outros subtraíssem importância às obrigações mais simples. Na vida pode acontecer que tenhamos oportunidade de reclamar isenções e permissões especiais. Pode ser que possamos nos permitir fazer certas coisas com relativa impunidade. Mas não podemos reclamar nem nos permitir nada que poderia ser um mau exemplo para outra pessoa.

Mas, podemos nos perguntar: Por que chegou a transmitir-se este relato? Como é evidente, os evangelistas deviam selecionar seu material por razões de espaço, por que escolheram este incidente? Lembremos quando se escreveu o Evangelho do Mateus: entre os anos 80 e 90 d.C.

Justo antes desses anos os judeus e os cristãos judeus se enfrentaram com um problema muito real e perturbador. Vimos que cada varão judeu de mais de vinte anos devia pagar o imposto do templo; mas o templo foi totalmente destruído no ano 70 d. C. e nunca foi reconstruído. Depois da destruição do templo, o imperador romano Vespasiano decretou que agora era preciso pagar o imposto ao templo de meio siclo ao tesouro do templo de Júpiter Capitolino em Roma. Isto realmente constituía um problema. Muitos judeus e cristãos judeus se sentiram inclinados a rebelar-se com violência contra este decreto. Qualquer rebelião desse tipo e envergadura teria tido conseqüências desastrosas porque teria sido totalmente esmagada e judeus e cristãos ficariam com uma reputação de maus cidadãos, desleais, rebeldes e desinteressados em seu país. Este relato se incluiu nos evangelhos para dizer aos cristãos, especialmente aos judeus, que por mais desagradáveis que fossem, era preciso aceitar e cumprir os deveres da cidadania. Esta história está relatada para nos assinalar que o cristianismo e a virtude de ser um bom cidadão vão de mãos dadas. O cristão que não cumpre com os deveres de bom cidadão não só falha como cidadão, mas também como cristão.

COMO PAGAR NOSSAS DÍVIDAS

Mateus 17:24-27 (continuação)

Vamos agora ao relato em si. Se tomarmos em seu sentido cru e literal significa que Jesus ordenou a Pedro que fosse pescar um peixe, em cuja boca acharia um *estáter* com o qual bastaria para pagar o imposto de ambos. Não deixa de ser pertinente assinalar que o evangelho não diz que Pedro tenha completado a ordem. O relato termina com essa frase. Antes de começar a analisar a história devemos lembrar que todos os povos orientais costumam dizer as coisas na forma mais gráfica e expressiva possível, e que costumavam dizê-lo com um sorriso.

Este milagre é difícil; analisemos três pontos de vista.

(1) Em primeiro lugar, é um fato concreto que Deus nunca envia um milagre para nos permitir fazer algo que nós mesmos podemos fazer. Se o fizesse nos faria um mal e não nos proporcionaria nenhuma ajuda. Por mais pobres que fossem os discípulos, não necessitavam um milagre para poder ganhar dois meios ciclos. Não estava fora de suas possibilidades o obter essa soma com seu trabalho.

(2) Este milagre transgride a grande decisão feita por Jesus no sentido de não empregar jamais seu poder de fazer milagres para seus fins pessoais e em benefício próprio. Essa foi a decisão que tomou, de fato, durante as tentações no deserto. Poderia ter transformado as pedras em pães para satisfazer sua fome; mas se recusou fazê-lo. Poderia ter empregado seu poder para aumentar seu prestígio como operador de maravilhas, mas recusou fazê-lo. No deserto Jesus decidiu de uma vez e para sempre que não usaria nem podia usar seu poder em forma egoísta. Não há dúvida que se se tomar este relato de maneira literal demonstra que Jesus usou seu poder divino para satisfazer suas necessidades pessoais, e isso era algo que Jesus jamais faria.

(3) Se se tomar este milagre em seu sentido literal, é até imoral em certo sentido. A vida se transformaria em algo caótico se o homem pudesse pagar suas dívidas encontrando moedas na boca dos peixes. A vida jamais se organizou de maneira que os homens pudessem cumprir suas obrigações de maneira tão fácil e sem fazer o menor esforço. "Os deuses", disse um dos gregos, "ordenaram que o suor fosse o preço de todas as coisas." Isso é tão válido para o pensador cristão como o era para o grego.

Sendo assim, o que diremos sobre esta passagem? Devemos dizer que não é mais que uma lenda, uma ficção imaginada carente de toda verdade que a sustente? Por certo que não. Não resta a menor dúvida de que algo aconteceu. Lembremos mais uma vez o gosto que sentiam os judeus pelas cenas vívidas. Sem dúvida isto foi o que aconteceu: Jesus disse a Pedro: "Sim, Pedro. Você tem razão. Nós também devemos pagar nossas dívidas justas e legais. Bem, já sabe como terá que fazê-lo, volta

para a pesca durante um dia. Você obterá bastante dinheiro da boca dos peixes para pagar o que devemos!" O que dizia Jesus era o seguinte: "Volta para o seu trabalho, Pedro; essa é a maneira como se pagam as dívidas." Assim a digitadora encontrará um casaco novo no uso de seu computador. O mecânico encontrará comida para ele e sua família no cilindro do automóvel. O professor encontrará o dinheiro para viver no quadro-negro e nos gizos. O contador encontrará o dinheiro necessário para manter a seus seres queridos nos livros.

Quando Jesus pronunciou estas palavras o fez com esse sorriso suave que o caracterizava e com seus dotes para a linguagem expressiva. Não disse a Pedro que procurasse moedas na boca dos peixes em um sentido literal. O que lhe disse foi que em seu dia de trabalho obteria o que necessitava para poder cumprir as suas obrigações.

Mateus 18

As relações pessoais

A mente de um menino - Mat. 18:1-4

Cristo e o menino - Mat. 18:5-7, 10

A tremenda responsabilidade - Mat. 18:5-7, 10 (cont.)

A extirpação cirúrgica - Mat. 18:8-9

O pastor e a ovelha extraviada - Mat. 18:12-14

Em busca do empedernido - Mat. 18:15-18

O poder da presença - Mat. 18:19-20

Como perdoar - Mat. 18:21-35

AS RELAÇÕES PESSOAIS

Mateus 18 é um capítulo de grande importância para a ética cristã porque trata das qualidades que deveriam caracterizar (a) relações pessoais dos cristãos. Trataremos essas relações em detalhe à medida que estudemos o capítulo seção por seção. Mas antes de embarcar nessa tarefa será necessário analisar o capítulo em sua totalidade. Destacam-se

nele sete qualidades que deveriam estar presentes nas relações pessoais dos cristãos. .

(1) Primeiro e sobretudo, está a qualidade da *humildade* (vs. 1-4). Só a pessoa que possui a humildade própria de um menino é um cidadão do Reino dos céus. A ambição pessoal, o prestígio, a publicidade, o benefício individual são motivos que não têm nenhum lugar na vida do cristão. O cristão é a pessoa que se esqueceu de si mesmo em sua devoção a Cristo e em seu serviço ao seu próximo.

(2) Em segundo lugar, temos a qualidade da *responsabilidade* (versículos 5-7). O maior dos pecados é ensinar outro a pecar, em especial se se tratar de um irmão mais fraco, mais jovem e com menos experiência. O juízo mais severo de Deus cai sobre aqueles que põem um obstáculo que fará outros caírem. O cristão é um homem que sempre tem presente o fato de que é responsável pelo efeito que sua vida, suas ações, suas palavras, seu exemplo têm sobre os "demais.

(3) Logo vem a qualidade da *renúncia* (versículos 8-10). O cristão é como um atleta para quem não há treinamento que seja muito severo se com ele pode obter o prêmio desejado. É como o estudante que está disposto a sacrificar o prazer e o tempo livre para obter os louros. O cristão é o homem que está disposto a extirpar de sua vida, como se se tratasse de um cirurgião, tudo o que o impeça de praticar uma perfeita obediência a Deus.

(4) Temos a *preocupação individual* (versículos 11-14). O cristão é o homem que percebe que Deus se preocupa com ele de forma individual, e que deve refletir essa preocupação individual de Deus em sua preocupação por outros. O cristão nunca pensa em termos de multidões, pensa em termos de pessoas. Para Deus nenhum homem carece de importância e ninguém se perde no meio da multidão. Para o cristão todo homem é importante e todo homem é uma criatura de Deus que, se se perder, deve ser achada. De fato, a preocupação individual do cristão é o motivo central e a dinâmica do evangelho.

(5) Temos a qualidade da *disciplina* (versículos 15-20). A bondade e o perdão cristãos não significam que se deva permitir fazer o que quiser a alguém que está errado. É necessário guiar e corrigir a essa pessoa e, se for necessário, é preciso lhe impor uma disciplina para que volte ao bom caminho. Mas sempre é preciso aplicar essa disciplina com amante humildade e não em um tom condenatório próprio de quem se crê perfeito; é preciso sempre dá-la movidos pelo desejo de reconciliação e nunca por um desejo de vingança.

(6) Temos a qualidade da *comunhão* (versículos 19-20). Poderia até dizer-se que os cristãos são as pessoas que oram juntas. Os cristãos são seres que procuram juntos a vontade de Deus, que juntos O escutam e lhe rendem culto. O individualismo é o contrário do cristianismo.

(7) Temos o *espírito de perdão* (versículos 23-35). O sentido do perdão do cristão se apóia no fato de que ele mesmo foi perdoado. Perdoa a outros assim como Deus, graças a Cristo, o perdoou.

A MENTE DE UM MENINO

Mateus 18:1-4

Aqui nos deparamos com uma pergunta muito reveladora seguida por uma resposta igualmente reveladora. Os discípulos perguntaram quem era o maior no reino dos céus. Jesus tomou um menino e disse que a menos que se fizessem como um menino, não entrariam no reino dos céus. A pergunta dos discípulos é a seguinte: "Quem será o maior no reino dos céus?" e o mesmo fato de ter formulado essa pergunta demonstra que não tinham a menor idéia do que era o reino dos céus. Jesus disse: "Se não vos tornardes." Ao empregar esta forma de dirigir-se a eles, implicava que lhes estava fazendo uma advertência: a direção que levavam era errada e a menos que dessem uma volta completa em seu caminho se afastavam do Reino em vez de aproximar-se dele. Na vida o importante é aquilo para o qual o homem se dirige; e se se dirige para o cumprimento de sua ambição pessoal, a aquisição de poder pessoal, o

prazer de prestígio pessoal, a exaltação de si mesmo, significa que aponta exatamente na direção oposta à do reino dos céus porque ser cidadão do Reino significa esquecer-se por completo de si mesmo, apagar e fazer desaparecer o eu, ocupar o eu em uma vida que tende para o serviço e não para o poder. Enquanto o homem considera seu próprio eu como o mais importante do mundo, está dando as costas ao Reino e se alguma vez quiser alcançá-lo terá que dar-se volta e olhar na direção contrária.

De maneira que Jesus tomou um menino. Segundo uma tradição, esse menino chegou a ser Ignácio de Antioquia, que em tempos posteriores foi um grande servo da igreja, um escritor importante e por último um mártir para Cristo. A lenda surge do fato de que Ignácio recebesse o apelido de Teophoros que significa *levado por Deus* ou *carregado por Deus*, e, segundo conta a tradição, recebeu esse nome porque Jesus o carregou sobre seus joelhos. Pode ser que foi assim. Talvez seja mais provável que tenha sido Pedro quem fez a pergunta e que Jesus tenha tomado um filho do próprio Pedro e o tenha posto no meio, porque sabemos que Pedro era casado (Mateus 8:14; 1 Coríntios 9:5).

De maneira que Jesus disse que no menino vemos as características que deveriam assinalar a quem pertence ao Reino. Há muitas características belas em um menino: o poder de maravilhar-se, antes de que se acostume à maravilha do mundo e lhe seja indiferente; o poder de perdoar e esquecer, inclusive quando os adultos e os pais o tratam de maneira injusta, coisa que fazem freqüentemente; a inocência, que, como diz Richard Glover em um frase muito bonita, faz com que o menino só tenha que aprender, não desaprender; tenha que fazer, não desfazer. Não há dúvida que Jesus estava pensando nestas coisas; mas por mais maravilhosas que sejam, não eram as únicas a ocuparem sua mente. O menino tem três grandes qualidades que o convertem no símbolo daqueles que são cidadãos do Reino.

(1) Primeiro e sobretudo, está a qualidade que é a chave de toda a passagem: sua *humildade*. O menino não sente vontade de fazer-se notar; antes quer desaparecer no anonimato. Não procura a preeminência, prefere permanecer na escuridão. Só abandona sua modéstia instintiva quando cresce e começa a penetrar no mundo competitivo, com sua luta feroz pelas recompensas e os postos importantes.

(2) Temos a *dependência* do menino. Para o menino, o estado de dependência é um estado perfeitamente natural. Nunca pensa que deve enfrentar a vida sozinho e em seu próprio benefício. Sente-se muito satisfeito em sua dependência absoluta daqueles que o querem e se preocupam com ele. Se os homens aceitassem o fato de sua dependência de Deus sua vida se veria enriquecida por um novo poder e uma nova paz.

(3) Vemos a *confiança* do menino. O menino é instintivamente dependente, e na mesma forma confia em que seus pais satisfarão suas necessidades. Quando somos meninos não podemos comprar nossa própria comida ou manter nosso lar, ou comprar a roupa; mas jamais duvidamos de que seremos alimentados e vestidos, de que sempre teremos refúgio, calor e conforto quando voltarmos para casa. Quando somos meninos empreendemos uma viagem sem nos passar pela cabeça pagar a passagem e sem ter idéia a respeito de como chegar à meta, mas jamais imaginamos duvidar de que nossos pais nos farão chegar aonde queremos.

A humildade do menino é o modelo da conduta do cristão para o próximo, e a dependência e confiança do menino são o modelo da atitude do cristão para com Deus, o Pai de todos nós.

CRISTO E O MENINO

Mateus 18:5-7, 10

Devemos ter presente ao ler esta passagem certa dificuldade que se apresenta em sua interpretação. Como já vimos com freqüência, Mateus

costuma reunir os ensinamentos de Jesus sob certos grandes títulos. Organiza de forma sistemática os ensinamentos de Jesus. Na primeira parte deste capítulo, como acontece aqui, reúne o ensinamento de Jesus sobre os *meninos*, e o que devemos lembrar é que os judeus empregavam a palavra *menino* em dois sentidos. Empregavam-na em sentido literal para referir-se a um *menino pequeno*; mas em geral se denominava *filhos* ou *meninos* os discípulos de um professor. De maneira que a palavra *menino* também se refere a alguém que recém se inicia na fé, alguém que logo começou a crer, alguém que ainda não está amadurecido e não se estabeleceu na fé, alguém que logo entrou no bom caminho e a quem se pode desviar com facilidade. E nesta passagem o menino significa freqüentemente tanto a *criatura jovem* como o *principiante no caminho cristão*.

Jesus diz que qualquer que receba a um desses meninos em seu nome, recebe a Ele.

A palavra *em meu nome* pode significar uma destas duas coisas.

(1) Pode querer dizer *por amor a mim, por minha causa*. O cuidado dos meninos é algo que se leva a cabo nada menos que por Jesus Cristo. Ensinar um menino, educá-lo no caminho em que deve andar, é algo que se faz não só pelo menino, mas também pelo próprio Jesus Cristo.

(2) Pode significar *com uma bênção*. Pode querer dizer receber o menino e invocar sobre ele o nome de Jesus. Aquele que leva a Jesus e sua bênção a um menino, leva a cabo uma tarefa digna de Cristo.

Receber o menino também é uma frase que pode ter mais de um sentido.

(1) Pode significar nem tanto receber a um menino como receber a uma pessoa que tem essa qualidade da humildade que caracteriza o menino. Neste mundo tão competitivo é muito fácil prestar mais atenção à pessoa que é belicosa, agressiva, auto-suficiente e confiante em si mesma. É fácil dar mais importância à pessoa que, no sentido mundano da palavra, triunfou na vida. Pode ser que Jesus diga nesta passagem, que a pessoa mais importante não é a que escala posições, e a que subiu à copa da árvore empurrando a qualquer um que se tenha posto no

caminho, e sim a pessoa calada, humilde, singela, que tem o coração de um menino.

(2) Pode significar dar as boas-vindas ao menino, proporcionar a ele o cuidado, o amor e os ensinamentos que requer para converter-se em um homem bom. Ajudar a um menino a viver bem e conhecer a Deus é ajudar a Jesus Cristo.

(3) Mas esta frase pode ter um sentido maravilhoso. Pode significar que se deve ir a Cristo em um menino. Ensinar a meninos desobedientes, inquietos, pode ser uma tarefa cansativa. Satisfazer as necessidades físicas do menino, lavar sua roupa, curar suas feridas e consolar suas tristezas, guisar suas comidas pode parecer, com muito freqüência, como uma tarefa muito pouco romântica. A cozinha, a pia de lavar e a mesa de costura não são elementos muito bonitos, mas não há ninguém neste mundo que ajude mais a Jesus Cristo que a professora do menino e que a mãe atarefada e ocupada em sua casa. Os tais descobrirão uma glória no cotidiano se no menino às vezes têm uma visão de Jesus Cristo.

A TREMENDA RESPONSABILIDADE

Mateus 18:5-7, 10 (continuação)

Mas a chave desta passagem é o terrível peso da responsabilidade que impõe sobre cada um de nós.

(1) Sublinha o horror de conduzir outro ao pecado. Pode-se com verdade afirmar que ninguém peca sem um convite e quem o convida costuma ser outro homem. A pessoa sempre deve enfrentar sua primeira tentação ao pecado; o homem sempre deve receber o primeiro estímulo para fazer o incorreto, sempre deve experimentar seu primeiro empurrão para o caminho que leva ao proibido. Os judeus consideravam que o pecado mais imperdoável era ensinar outro a pecar. E seu ponto de vista se apoiava no seguinte: os pecados de uma pessoa se podem perdoar, porque em certo sentido suas conseqüências são limitadas, mas se ensinarmos alguém a pecar, ele por sua vez pode ensinar a outro, e fica

em movimento uma série de pecados sem um fim previsível. Não há nada mais terrível neste mundo que destroçar a inocência de alguém. E se o homem tem um resto de consciência, não haverá nada que o torture mais.

Alguém relata a história de um ancião moribundo. Não havia dúvida que estava profundamente preocupado. Por fim obtiveram que dissesse qual era seu problema. "Quando éramos meninos", disse, "um dia viramos os cartazes em um cruzamento de caminhos de maneira que indicavam a direção contrária, e jamais pude deixar de pensar quanta gente terá tomado o caminho errado por nossa ação." O maior dos pecados é induzir outra pessoa a pecar.

(2) Esta passagem sublinha o terror do castigo daqueles que ensinam outros a pecar. Quando compreendemos seu significado, vemos que se preocupa em apontá-lo. Se alguém ensinar outra pessoa a pecar, seria melhor que se pendurasse uma pedra de moinho ao redor do pescoço e que se afogasse nas profundezas do mar. O termo que se emprega para dizer pedra de moinho neste caso é *mulos onikos*. Os judeus moíam o trigo apertando-o entre duas pedras circulares. Isto se fazia nas casas, e estes moinhos se podiam ver em qualquer choça. A pedra superior, que girava sobre a inferior, tinha um cabo e geralmente era de um tamanho adequado para ser movida sem dificuldade pela mulher da casa porque em geral era ela quem moía o trigo para o uso cotidiano.

Mas um *mulos onikos* era uma pedra de moer de um tamanho tal que se necessitava um asno para movê-la (*onos* é a palavra grega que significa asno e *mulos* moinho) e fazê-la girar. O próprio tamanho da pedra do moinho dá uma idéia do caráter tremendo da condenação. Além disso, no texto grego diz, nem tanto que seria melhor que o homem se afogasse nas profundidades do mar, como que se afogasse em alto mar. O judeu sentia temor do mar; para ele o céu era um lugar onde não haveria mais mar (Apoc. 21:1). O homem que fazia outro pecar convinha que se afogasse longe, no lugar mais solitário e deserto que se pudesse

imaginar. Ainda mais, a mesma figura de afogar-se implicava algo horrível para o judeu. Às vezes os romanos castigavam uma pessoa afogando-a, mas os judeus jamais. Para o judeu era um sinal de destruição total. Quando os rabinos ensinavam que era preciso destruir por completo objetos pagãos e gentios diziam que era preciso "jogá-los ao mar".

Josefo (*Antiguidades dos Judeus* 14.15.10) relata uma história terrível a respeito de uma rebelião na Galiléia durante a qual os galileus tomaram prisioneiros a quem apoiava a Herodes e os afogaram nas profundezas do mar da Galiléia. A mesma frase seria para o judeu uma imagem de destruição e aniquilação total. As palavras de Jesus estão escolhidas com cuidado e premeditação para assinalar o destino que espera ao homem que ensina outro a pecar.

(3) Esta passagem contém uma advertência para calar qualquer evasão possível. O nosso é um mundo manchado pelo pecado e cheio de tentações, ninguém pode entrar no mundo sem experimentar tentações e sem enfrentar ocasiões de pecar. Isto é particularmente válido no caso de alguém que sai de uma casa muito protegida na qual nunca experimentou más influências.

Jesus diz: "Isso é verdade, este mundo está cheio de tentações, é certo que isso é inevitável em um mundo onde que entrou o pecado, mas isso não diminui no mais mínimo a responsabilidade do homem que é causa de tropeço para uma pessoa mais jovem ou alguém que recém se inicia na fé." Sabemos que este é um mundo cheio de tentações, de maneira que o dever do cristão consiste em tirar os obstáculos, nunca em ser quem os ponha no caminho de outros. Isso significa que não só é um pecado pôr um obstáculo no caminho de outro, mas também é um pecado pôr essa pessoa em uma situação, circunstância ou ambiente em que possa encontrar tal obstáculo. Nenhum cristão pode sentir-se satisfeito vivendo entorpecido em sua complacência em uma civilização onde existem condições de vida e de alojamento nas quais uma pessoa jovem não tem nenhuma possibilidade de escapar às seduções do pecado.

(4) Por último, esta passagem sublinha a importância suprema da criatura. "Seus anjos", disse Jesus, "vêm sempre o rosto de meu pai que está nos céus." Na época de Jesus os judeus acreditavam em uma angelologia muito desenvolvida. Cada país tinha seu anjo; cada uma das forças naturais, como o vento, o raio, o trovão e a chuva tinham seu anjo; inclusive foram tão longe, afirmando com singular beleza que cada fibra de pasto tinha seu anjo. De maneira que também acreditavam que cada menino tinha seu anjo da guarda. Mais ainda, dizer que estes anjos contemplam o rosto de Deus no céu significa que os anjos sempre têm acesso direto a Deus. Trata-se da imagem de uma grande corte real onde só os cortesãos, ministros e oficiais favoritos têm acesso direto ao rei. Aos olhos de Deus os meninos são tão importantes que seus anjos custódios sempre têm acesso à íntima presença de Deus.

Para nós, o grande valor que tem o menino sempre deve residir nas possibilidades que encerra. Tudo depende de como se acostume e eduque essa criatura. Pode acontecer que as possibilidades nunca se realizem; podem afogar-se e perder-se, o que se poderia ter empregado com um fim bom pode desviar-se para maus propósitos, ou podem liberar-se de maneira tal que uma nova onda de poder invada a Terra.

No século XI o Duque Roberto da Borgonha era um dos grandes cavaleiros e guerreiros. Estava por sair em uma campanha. Tinha um bebê que era seu herdeiro, e antes de partir foi a todos os barões e nobres a corte para que jurassem fidelidade ao pequeno em caso de algo acontecer a ele. Chegaram com suas plumas ao vento e as armaduras reluzentes e se ajoelharam diante do menino. Um dos barões sorriu ao aproximar-se. O duque Roberto lhe perguntou qual era a razão de seu sorriso. O nobre respondeu: "O menino é tão pequeno." "Sim", disse o duque, "é pequeno – *mas crescerá.*" Com efeito, foi isso que aconteceu, porque esse menino se converteu no Guilherme, o Conquistador da Inglaterra.

Em cada menino há possibilidades infinitas para o bem e para o mal. A responsabilidade suprema do pai, do professor, da igreja consiste

em velar para que essas possibilidades para o bem se cumpram. Afogá-las, deixá-las dormir, torcê-las para o mal, é pecado.

A EXTIRPAÇÃO CIRÚRGICA

Mateus 18:8-9

Esta passagem pode ser interpretada em dois sentidos. Pode-se tomá-la em um sentido puramente *pessoal*. Pode significar que para escapar ao castigo de Deus vale a pena qualquer sacrifício e renúncia.

Devemos ter bem claro o que significa esse castigo. Aqui é chamado castigo *eterno*. Esta palavra, *eterno*, aparece com freqüência nas idéias judaicas de castigo. O termo é *aionios*. O *livro de Enoque* fala do juízo *eterno*, do juízo *para sempre*, do castigo e a tortura *para sempre*, do fogo que queima *para sempre*. Josefo denomina prisão *eterna* no inferno. O *Livro de Jubileus* menciona uma maldição *eterna*. O *Livro de Baruque* diz que "não haverá oportunidade de retornar, *nem um limite no tempo*."

Existe um relato rabínico sobre o rabino Jocanan Ben Zaccai que chorava amargamente ante a perspectiva da morte. Quando lhe perguntaram por que, respondeu: "Agora choro sobretudo porque estão por me conduzir perante o Rei dos reis, ao Santo, bendito seja Ele que vive e permanece para sempre jamais, cuja ira, se a experimentar, é uma ira eterna; e se me ata, sua atadura é eterna, e se me mata, é uma morte eterna; a quem não posso aplacar com palavras nem abrandar com riquezas."

Todas estas passagens empregam o termo *eterno*. Mas devemos cuidar de ter em mente o significado desta palavra. O significado literal de *aionios* é *pertencente às eras*; há uma só pessoa a quem se pode aplicar esta palavra corretamente, e essa pessoa é Deus. Na palavra *aionios* há muito mais que uma mera descrição do que não tem fim. O castigo que é *aionios* é um castigo que corresponde a Deus infligir, e que só Deus pode dar. Quando pensamos em um castigo só podemos dizer:

"Acaso o juiz de toda a Terra não fará justiça?" Nossas imagens humanas e nosso esquema temporário falham, estão nas mãos de Deus.

Mas temos uma chave. Esta passagem fala do *inferno de fogo*, que no original é o *Geena de fogo*. Geena é o vale do Hinom. Tratava-se de um vale que estava ao pé da montanha de Jerusalém. Era um lugar maldito porque, na época do reino, os judeus renegados tinham sacrificado ali seus filhos no fogo ao deus pagão Moloque. Josias o tinha convertido em um lugar maldito. Mais tarde se converteu no depósito de lixo de Jerusalém; era uma espécie de incinerador gigante. Nele havia sempre lixo ardendo e estava rodeado permanentemente por fumaça e mau cheiro. Agora, o que era este Geena, este vale do Hinom? Era o lugar onde se atirava tudo o que era inútil e ali era destroçado. Quer dizer que o castigo de Deus se dirige aos inúteis, a aqueles que não fazem nenhuma contribuição à vida, os que freiam a vida em lugar de fazê-la avançar, os que fazem que a vida se arraste em lugar de elevá-la, os que se convertem em cargas e obstáculos para outros em lugar de ser motivos de inspiração. O Novo Testamento assinala uma e outra vez que a inutilidade evoca o desastre. O homem inútil, aquele que é uma má influência para outros, o homem que não pode justificar o mero fato de sua existência, está em perigo de receber o castigo de Deus se não extirpar de sua vida, como se se tratasse de uma intervenção cirúrgica, todas aquelas coisas que o convertem em uma pessoa inútil e em um obstáculo para outros.

Mas também pode acontecer que não se deva tomar esta passagem tanto em um sentido pessoal e sim *com relação à Igreja*. Mateus já empregou esta frase de Jesus em outro contexto, em Mateus 5:30. Pode haver uma diferença aqui. Toda a passagem trata sobre meninos, e possivelmente em forma especial sobre meninos na fé. Pode ser que esta passagem diga o seguinte: "Se em sua Igreja há alguém que é uma má influência, alguém que é um mau exemplo para os que são jovens na fé, se houver alguém cuja vida e cuja conduta fazem mal ao corpo da Igreja, é preciso extirpá-lo, extraí-lo e jogá-lo fora." A Igreja é o Corpo de

Cristo; portanto, se esse corpo tiver que ser são e proporcionar saúde, deve extirpar-se o que tenha germes de uma infecção cancerosa e venenosa.

Há uma coisa sobre a qual não há dúvida: em qualquer pessoa e em qualquer igreja aquilo que é ocasião de pecado deve extirpar-se, por mais dolorosa que seja a operação, porque se lhe permitimos crescer o castigo será mais grave. Pode ser que nesta passagem se sublinhe tanto a necessidade da auto-renúncia para o indivíduo cristão como a necessidade de disciplina para a Igreja cristã.

O PASTOR E A OVELHA EXTRAVIADA

Mateus 18:12-14

Sem dúvida esta é a mais simples das parábolas de Jesus visto que é o simples relato da ovelha perdida e do pastor que a busca. Na Judéia era tragicamente fácil as ovelhas se extraviarem. A terra para o pastoreio se encontra na região montanhosa que se estende como uma espinho dorsal pelo centro do país. Esta planície montanhosa é estreita, só tem alguns quilômetros de largura. Não há paredes que formem algum tipo de cerco ou borda. No melhor dos casos, o pasto é escasso. De maneira que é muito possível que as ovelhas se dispersem, e se se separam do pasto da planície para os terrenos baixos e gargantas a ambos os lados é mais que provável que terminem em algum penhasco do qual não podem sair para nenhum lado e que fiquem abandonadas ali até que morram.

Os pastores da Palestina eram especialistas em encontrar suas ovelhas. Eram capazes de seguir a pista da ovelha perdida durante vários quilômetros, e desafiavam precipícios e escarpados para devolvê-la ao redil.

Na Palestina, na época de Jesus, era costume os rebanhos pertencerem a uma comunidade; seu dono não era um indivíduo, mas sim uma aldeia. De maneira que em geral havia dois ou três pastores com as ovelhas. É por isso que o pastor podia deixar as noventa e nove.

Se as tivesse abandonado, sem um guardião ou um vigilante, à volta teria encontrado muito mais extraviadas, mas podia deixá-las a cargo de seus companheiros enquanto procurava a que se perdeu. Os pastores sempre faziam os esforços mais árduos e sacrificados para achar uma ovelha perdida. A norma estabelecia que, na medida do possível, se não se podia trazer a ovelha viva pelo menos era preciso levar a lã ou os ossos para demonstrar como havia morrido e que de fato tinha morrido.

Podemos imaginar que outros pastores retornariam à aldeia ao entardecer com seus rebanhos e anunciariam que um deles ainda estava na montanha procurando a que se extraviou. Podemos imaginar que os olhos dos habitantes dessa aldeia se dirigiriam uma e outra vez para as montanhas em busca do pastor que não tinha retornado a sua casa. E também podemos imaginar a exclamação de alegria quando o viam avançar pelo caminho principal da aldeia com o animal perdido sobre os ombros. E podemos imaginar que toda a aldeia se congregaria a seu redor com a maior alegria para ouvir o relato da ovelha perdida e achada. Neste pastor temos a imagem preferida de Jesus para referir-se a Deus e a seu amor.

Esta parábola nos ensina muitas coisas sobre o amor de Deus.

(1) O amor de Deus é um *amor individual*. As noventa e nove não eram suficientes; uma ovelha estava na montanha e o pastor não podia descansar até que a houvesse devolvido ao redil. Por mais numerosa que seja a família, o pai não pode desfazer-se de um só; não há um por quem ele não se importe. Deus é assim; não pode sentir-se feliz até que não reuniu até a última ovelha perdida.

(2) O amor de Deus é um *amor paciente*. As ovelhas são criaturas proverbialmente tolas. A ovelha não podia culpar a ninguém mais que a si mesma pelo perigo em que se colocou. Os homens têm certa tendência a ser impaciente com os insensatos. Quando estão em dificuldades tendemos a afirmar: "É culpa deles; eles o buscaram; não tenha lástima de nenhum tolo." Graças a Deus, Ele não é assim. A ovelha podia ter

sido tola, mas de qualquer modo o pastor estava disposto a arriscar sua vida por ela. Os homens podem ser tolos, mas Deus ama até ao homem tolo que é o único culpado da dificuldade em que se encontra, de seu pecado e de sua tristeza.

(3) O amor de Deus é um *amor que busca*. O pastor não se contentou esperando que a ovelha voltasse; saiu a procurá-la. Isso é o que os judeus não podiam entender, nem podem entender até agora, a respeito da idéia cristã de Deus. O judeu estava disposto a reconhecer que se o pecador voltava, arrastando-se em forma miserável a sua casa, Deus o perdoaria. Mas nós sabemos que Deus é muito mais maravilhoso que isso, porque em Jesus Cristo Deus veio buscar aqueles que se separam do redil. Deus não se contenta esperando até que os homens voltem para lar, sai para buscá-los, custe o que custar.

(4) O amor de Deus é um *amor que se alegra*. Aqui não há nada mais que alegria. Não há recriminações; não se trata de receber com ressentimento e com ar de superioridade. Com freqüência aceitamos a um homem penitente, mas o fazemos com um sermão sobre moral e com uma indicação muito clara de que deve ver-se a si mesmo como um ser detestável. Também o confrontamos com a afirmação de que já não temos nada a ver com ele e que não temos a menor intenção de voltar a depositar nossa confiança nele. É humano não esquecer nunca o passado de alguém e lembrar sempre seus pecados. Deus põe nossos pecados a suas costas e quando voltamos para ele tudo é alegria.

(5) O amor de Deus é um *amor protetor*. É o amor que busca e salva. Pode haver um amor que arruína; pode haver um amor que abranda, mas o amor de Deus é um amor protetor que salva os homens para que possam servir a seu próximo, um amor que converte o extraviado em alguém sábio, o fraco em uma pessoa forte, o pecador em alguém puro, o cativo do pecado no homem livre da santidade, o vencido pela tentação em vencedor do pecado.

EM BUSCA DO EMPEDESNADO**Mateus 18:15-18**

Esta é uma das passagens mais difíceis de interpretar de todo o evangelho de Mateus. Sua dificuldade radica no fato indubitável de que não parece certo, não soa como tendo saído de boca de Jesus. É muito mais parecida com as regulamentações de uma comissão eclesiástica do que com as palavras de Jesus Cristo.

Podemos ir mais longe. Não é possível que Jesus o haja dito na forma em que o lemos na atualidade. É muito legalista para tratar-se de um frase de Jesus; poderiam ser as palavras de qualquer rabino judeu. Jesus não pôde haver dito a seus discípulos que levassem o assunto à Igreja, porque esta não existia, e todo o tom da passagem implica uma igreja muito desenvolvida e organizada com um sistema de disciplina eclesiástica. A passagem se refere aos coletores de impostos e aos gentios como estranhos irredimíveis. Jesus era acusado pelo fato de ser amigo dos coletores de impostos e dos pecadores, e jamais falou deles como estranhos sem esperanças. Sempre falou deles com amor e compreensão, e inclusive os elogiou (veja-se Mateus 9:10ss.; 11:19; Lucas 18:10ss.; e em especial Mateus 21:31 ss.). Ali se diz textualmente que os publicanos e as prostitutas entrarão no Reino adiante das pessoas religiosas ortodoxas da época. E, por último, todo o tom da passagem indica que há um limite para o perdão, que chaga um momento em que outros podem abandonar a um companheiro como se se perderam as esperanças de salvá-lo; trata-se de um conselho inimaginável nos lábios de Jesus. E o último versículo, onde se fala de atar e desatar, parece dar à Igreja o poder de reter e perdoar os pecados. Há muitas razões que nos fazem pensar que, *tal como está*, esta não pode ser uma repetição das palavras de Jesus e que se deve tratar de uma adaptação de algo que Jesus disse, adaptação feita pela Igreja nos anos posteriores quando a disciplina da Igreja se apoiava mais em normas e regulamentações que na caridade e no perdão.

Mas embora seja indubitável que a passagem não é um resumo exato do que Jesus disse, tampouco se pode duvidar de que se remonta a algo que Jesus disse. Podemos então nos remontar mais à frente do relato e chegar ao mandamento que Jesus pronunciou? Em seu sentido mais amplo o que Jesus dizia era o seguinte: "Se alguém pecar contra vocês não poupem nenhum esforço para solucionar os problemas entre vocês e ele." Em essência, a passagem significa que jamais devemos tolerar nenhuma situação em que haja uma ruptura das relações pessoais entre nós e outro membro da comunidade cristã. Suponhamos que algo anda mal, o que devemos fazer para solucioná-lo? Esta passagem nos apresenta todo um esquema de ação para solucionar as relações interrompidas dentro da comunidade cristã.

(1) Se sentirmos que alguém nos ofendeu, devemos expressar nossa queixa imediatamente. O pior que podemos fazer a respeito de uma ofensa é alimentá-la dentro de nós. Isso é fatal. Pode envenenar a vida e o pensamento até que cheguemos ao ponto de não pensar mais que em nosso sentimento de ofensa pessoal. Qualquer sentimento desse tipo deve manifestar-se em forma aberta, enfrentá-lo e expressá-lo, e mais de uma vez o próprio fato de pô-lo em palavras nos demonstrará a futilidade e trivialidade de todo o assunto. Há momentos em que sofrer em um silêncio carregado de rancor é o pior que se pode fazer.

(2) Em segundo lugar, se sentirmos que alguém nos ofendeu devemos ir vê-lo pessoalmente. O escrever cartas provocou mais problemas que quase qualquer outra coisa. Uma carta se pode ler e interpretar mal, pode transmitir inconscientemente um tom que jamais esteve no espírito de seu autor. Se tivermos alguma diferença de opinião com alguém, há uma só forma de solucioná-lo: cara a cara. A palavra falada freqüentemente pode solucionar uma disputa que a palavra escrita só teria exacerbado.

(3) Se uma reunião particular e pessoal não obtém seu objetivo, devemos ir acompanhados de alguma pessoa prudente. Deuteronômio 19:15 o expressa assim: "Não se tomará em conta a uma só testemunha

contra nenhum em qualquer delito nem em qualquer pecado, em relação com qualquer ofensa cometida. Só pelo testemunho de duas ou três testemunhas se manterá a acusação." Essa é a frase em que pensa Mateus. Mas neste caso o fato de levar uma testemunha não significa que se trata de demonstrar a alguém que pecou. O objetivo que se persegue ao levar duas ou três pessoas prudentes é ajudar no processo de reconciliação. Pode acontecer que nós sejamos, e não o outro, aqueles que estamos errados. Os homens costumam odiar mais àquelas pessoas a quem feriram, e pode acontecer que nada do que digamos chegue a convencer ao outro. Mas ao falar sobre o problema em presença de pessoas prudentes, amáveis e pormenorizadas criamos um clima novo no qual pelo menos se dá a possibilidade de que nos vejamos "como outros nos vêem". Os rabinos tinham uma frase muito sábia: "Não julgue sozinho, porque ninguém pode julgar sozinho, exceto Um (Deus)."

(4) Se isso também fracassar, devemos levar nosso problema pessoal à comunidade cristã. Por que? Porque os problemas nunca se resolvem indo à justiça ou por meio de discussões não cristãs. O legalismo não soluciona nada, não faz mais que criar mais dificuldades. As relações pessoais só podem resolver-se em uma atmosfera de oração cristã, de amor e companheirismo cristãos. É evidente que isso supõe que a comunidade cristã seja cristã e que trata de julgar as coisas, não à luz de um manual de práticas e procedimentos, mas à luz do amor.

(5) Agora é que chegamos à parte difícil da passagem. Mateus diz que se isso tampouco dá resultado devemos considerar o homem que nos ofendeu como um pagão e um publicano. Já vimos que a primeira impressão dessa frase é que se deve abandonar essa pessoa como alguém irrecoverável e sem esperanças. Isso é exatamente o que Jesus não quis e não pôde querer dizer. Jamais poderia ter estabelecido limites ao perdão humano. O que quis dizer então? Vimos que quando fala de coletores de impostos e pecadores sempre o faz com simpatia e generosidade e mostrando avaliação por suas qualidades positivas. Pode ser que o que disse Jesus fosse algo parecido com o seguinte: "Uma vez que tenham

feito tudo isto, quando tiverem dado todas as oportunidades possíveis ao pecador e quando permanece contumaz e teimoso, podem pensar que não é melhor que um publicano renegado ou até que um gentio sem deus. Bem, possivelmente tenham razão. Mas eu não descobri que os coletores de impostos, os gentios e os pecadores sejam pessoas sem esperanças. Minha experiência me demonstra que eles também têm um coração ao que se pode chegar, como Mateus e Zaqueu que se converteram em meus melhores amigos. Embora o pecador contumaz se pareça com um publicano e com um gentio, vocês ainda podem ganhá-lo assim como o fiz eu." Não se trata, de fato, de uma ordem de abandonar a um homem; é um desafio para ganhá-lo com o amor que pode chegar até ao coração mais duro. Não se trata de uma afirmação no sentido de que alguns homens são irrecuperáveis; pelo contrário, afirma que Jesus Cristo não encontrou nenhum homem irrecuperável – e nós tampouco devemos fazê-lo.

(6) Por último nos encontramos com a afirmação a respeito de atar e desatar. Trata-se de uma frase difícil. Não pode significar que a Igreja pode reter e perdoar pecados e estabelecer nessa forma o destino das pessoas no tempo ou na eternidade. O que pode significar é que as relações que estabelecemos com nosso próximo duram, não só no tempo, mas também continuam na eternidade; por isso, devemos solucioná-las.

O PODER DA PRESENÇA

Mateus 18:19-20

Aqui nos deparamos com uma das frases de Jesus cujo significado devemos aprofundar e compreender, ou não restará mais que dor no coração e uma grande desilusão. Jesus diz que se duas pessoas chegarem a um acordo sobre qualquer assunto sobre o qual orar, eles o receberão das mãos de Deus. Se se deve tomar a frase em sentido literal e sem condições nem qualificações, fica falsa. São inúmeras as ocasiões em que duas pessoas concordaram em orar pelo bem-estar físico ou

espiritual de um ser querido e sua oração não recebeu resposta no sentido literal do termo. Em inúmeras oportunidades o povo de Deus decidiu orar pela conversão de seu país, ou pela dos pagãos e pela vinda do Reino e sua oração ainda está muito longe de ter recebido algum tipo de resposta. As pessoas chegam a um acordo a respeito de uma oração comum, e oram com desespero, e não recebem o que pedem. Não tem sentido recusar enfrentar os fatos, e só se pode fazer um mal se se acostumar as pessoas a esperar algo que não acontece. Mas quando chegamos a compreender o sentido das palavras de Jesus, encontramos com uma profundidade preciosa.

(1) Primeiro e sobretudo, significa que a oração nunca deve ser egoísta, e que a oração egoísta não pode receber resposta alguma. Não se espera que oremos por nossas necessidades, com nossos pensamentos enfocados sobre nós mesmos e ninguém mais; temos que orar como membros de uma comunidade, apoiados sobre um acordo, recordando que a vida e o mundo não estão organizados para nós como indivíduos, e sim para a comunidade como um todo. Aconteceria com muita frequência que, se nossa oração recebesse uma resposta, defraudaria a oração de outra pessoa. Mais de uma vez nossa oração para obter algum êxito implicaria inevitavelmente no fracasso de outro. A oração efetiva deve ser a oração apoiada num acordo do que se tirou por completo toda concentração egoísta sobre nossas necessidades e desejos.

(2) Quando a oração não é egoísta, sempre recebe uma resposta. Mas aqui, como em todas as partes, devemos lembrar a lei essencial da oração. Essa lei estabelece que na oração recebemos, não a resposta que desejamos, mas a resposta que em sua sabedoria e em seu amor Deus considera como a mais positiva para nós. Pelo simples fato de sermos seres humanos com corações, temores, e esperanças e desejos humanos, a maior parte de nossas orações são escapistas. Oramos para nos salvar de alguma prova, de alguma dor, de alguma frustração, ou de alguma situação difícil e dolorosa. E a resposta de Deus nunca consiste em nos oferecer uma escapatória, mas uma vitória. Deus não nos proporciona a

oportunidade de escapar a uma situação humana; permite-nos aceitar o que não podemos compreender. Permite-nos suportar o que seria insuportável sem sua ajuda; permite-nos enfrentar o que não poderíamos enfrentar sem Ele, dá-nos sabedoria para tratar as coisas que não poderíamos dominar sem Ele. O exemplo perfeito de tudo isto é Jesus no Getsêmani. Jesus orou para ser livrado da espantosa situação que enfrentava; não foi liberto dela, mas recebeu o poder de enfrentá-la, de suportá-la e de vencê-la. Quando oramos sem egoísmo, Deus envia sua resposta, mas sempre se trata da resposta de Deus, não necessariamente a nossa.

(3) Jesus passa a afirmar que quando dois ou três estão reunidos em seu nome, Ele está em meio deles. Os judeus estavam acostumados a repetir: "Onde dois se sintam e se ocupam com o estudo da Lei, a glória de Deus está com eles." Podemos aplicar esta grande promessa de Jesus em dois campos.

(a) Podemos trasladá-la à esfera da *Igreja*. Jesus está tão presente na pequena congregação como na reunião multitudinária. Está tão presente na reunião de oração ou no círculo de estudo bíblico com seu punhado de pessoas como no estádio repleto de gente. Jesus Cristo não é escravo do número. Está presente em qualquer lugar onde se reúnam corações fiéis, por poucos que sejam, porque se dá por inteiro a cada indivíduo.

(b) Podemos trasladar a à esfera do *lar*. Uma das primeiras interpretações desta passagem assinalava que *os dois ou três eram o pai, a mãe e o filho* e que Jesus estava presente, hóspede invisível de cada lar.

Há pessoas que nunca entregam o melhor que têm exceto nas assim chamadas grandes ocasiões; mas para Jesus Cristo cada oportunidade em que dois ou três estão reunidos em seu nome é uma grande ocasião.

COMO PERDOAR**Mateus 18:21-35**

É muito o que devemos ao fato de que Pedro não tivesse freio na língua. Uma e outra vez Pedro soltava a fala e sua impetuosidade extraiu ensinamentos imortais de boca de Jesus. Nesta oportunidade Pedro pensava que era muito generoso e que agia bem. Perguntou a Jesus quantas vezes devia perdoar a seu irmão e logo respondeu a sua própria pergunta, sugerindo que devia perdoar sete vezes. Pedro tinha suas razões para fazer esta afirmação. Os rabinos ensinavam que um homem deve perdoar três vezes a seu irmão.

O rabino José Ben Hanina dizia: "Aquele que roga a seu vizinho que o perdoe não deve fazê-lo mais de três vezes." O rabino José Ben Jehuda dizia: "Se alguém cometer uma ofensa uma vez, perdoam-no, se cometer uma ofensa pela segunda vez, perdoam-no, se cometer uma ofensa pela terceira vez, perdoam-no, se a cometer pela quarta vez, não o perdoam." Encontravam a prova bíblica da correção desta medida em Amós. Nos primeiros capítulos de Amós se estabelece uma série de condenações para diferentes nações: *Por três transgressões e por quatro* (Amós 1:3, 6, 9, 11, 13; 2:1, 4, 6). Disto se deduziu que o perdão de Deus se estende a três ofensas e que se aproxima do pecador com algum castigo na quarta. Não se podia pensar que um homem fosse mais piedoso que Deus de maneira que se limitava o perdão a três ofensas. Pedro pensava que estava indo muito longe porque toma as três vezes rabínicas, multiplica-as por dois, adiciona uma e sugere, muito satisfeito consigo mesmo, que bastará perdoar sete vezes. Pedro esperava receber uma felicitação, mas a resposta de Jesus é que o cristão deve perdoar setenta vezes sete, que, de fato, não há limite para o perdão.

Depois Jesus relatou a história do servo a quem se perdoou uma grande dívida e saiu e tratou sem misericórdia a outro servo que lhe devia uma soma que era uma fração infinitesimal da que ele mesmo

devia: por esta falta de misericórdia recebeu uma condenação total. Esta parábola ensina algumas lições que Jesus nunca se cansava de repetir.

(1) Ensina a lição que percorre todo o Novo Testamento – o homem deve perdoar para ser perdoado. Quem não perdoa a seu próximo, não pode pretender que Deus o perdoe. "Bem-aventurados os misericordiosos", disse Jesus, "porque eles alcançarão misericórdia" (Mateus 5:7). Depois de ensinar sua oração aos homens, Jesus ampliou uma das petições contidas nela: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas" (Mat. 6:14-15). Como o expressa Tiago: "O juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia" (Tiago 2:13). O perdão humano e o divino devem ir de mãos dadas.

(2) E por que deve ser assim? Um dos pontos centrais desta parábola é a comparação entre as duas dívidas. O primeiro servo devia 10.000 talentos a seu senhor; um talento equivaleria a 560 dólares, portanto 10.000 talentos eram 5.600.000 dólares. É uma dívida incrível. Era superior ao orçamento total da província inteira. Este orçamento, que correspondia a Iduméia, Judéia e Samaria somava só 600 talentos; o ingresso total de uma província rica como Galiléia, só chegava a 300 talentos. Encontramo-nos com uma dívida que superava o resgate de um rei. Esta foi a dívida que foi perdoada ao servo. A dívida que seu companheiro lhe devia era ínfima: 100 denários; um denário equivalia a menos de um centavo de dólar, portanto a dívida não chegava a somar 10 dólares. Era quase um para 500.000 de sua própria dívida.

A. R. S. Kennedy elaborou esta imagem muito vívida para estabelecer o contraste entre as duas dívidas. Se as dívidas fossem pagas em moedas de meio centavo de dólar, a dívida de 100 denários se podia levar no bolso. A dívida de dez mil talentos precisaria ser levada por um exército de umas 8.600 pessoas, cada um com um saco de moedas de meio centavo, de uns trinta quilos de peso; e partindo a um metro de distância formaria uma fila de quase nove quilômetros. O contraste entre

as dívidas é esmagador. E o que se deve destacar é que nada do que os homens nos façam pode comparar-se com o que nós fazemos a Deus, e se Deus nos perdoou nossas dívidas, nós devemos perdoar as dívidas de nosso próximo. Nada do que nós temos que perdoar se pode comparar em forma vaga ou remota com o que nos perdoou .

Fomos perdoados de uma dívida que está além de todo pagamento – porque o pecado do mundo provocou a morte do próprio Filho de Deus – e, sendo assim, devemos perdoar a outros como Deus nos perdoou, ou não podemos esperar encontrar misericórdia alguma.

Mateus 19

O casamento e o divórcio judaicos - Mat. 19:1-9

Razões dos judeus para o divórcio - Mat. 19:1-9 (cont.)

A resposta de Jesus - Mat. 19:1-9 (cont.)

O ideal supremo - Mat. 19:1-9 (cont.)

A realização do ideal - Mat. 19:10-12

Casamento e divórcio - Mat. 19:10-12 (cont.)

Jesus acolhe os meninos - Mat. 19:13-15

A grande rejeição - Mat. 19:16-22

O perigo das riquezas - Mat. 19:23-26

Uma resposta sábia a uma pergunta errada - Mat. 19:27-30

O CASAMENTO E O DIVÓRCIO JUDAICOS

Mateus 19:1-9

Aqui Jesus trata um assunto que em sua época, assim como na nossa, era uma questão candente e polêmica. O divórcio era algo a respeito do qual os judeus não tinham chegado a uma opinião unânime. E o único objetivo da pergunta dos fariseus era comprometer a Jesus em uma discussão.

Nenhuma nação jamais teve um sentido mais elevado sobre o casamento que os judeus. O casamento era um dever sagrado. Permanecer solteiro depois dos vinte. anos, a menos que fosse com o

propósito de concentrar-se no estudo da Lei, significava desobedecer um mandamento, o de "frutificar e multiplicar-se". Quem não tinha filhos, "destroçava sua própria posteridade" e "diminuía a imagem de Deus sobre a Terra." "Quando marido e mulher são dignos, a glória de Deus está com eles."

Não era preciso contrair casamento em forma ligeira e frívola. Josefo esboça o enfoque dos judeus para com o casamento, apoiando-se no ensino mosaico (*Antiguidades dos judeus* 4.8.23). O homem devia casar-se com uma virgem de boa família. Nunca devia corromper a mulher de outro, e não devia casar-se com uma mulher que fosse escrava ou prostituta. Se algum homem acusava a sua mulher de não ser virgem quando se casou com ele, devia apresentar provas que fundamentassem sua acusação. O pai ou o irmão da mulher deviam defendê-la. Se a mulher era considerada inocente, devia casar-se com ela e jamais podia voltar a abandoná-la exceto pelo pecado mais flagrante. Se fosse comprovado que a acusação tinha sido maliciosa, infundada e falsa era preciso castigar o homem com quarenta açoites menos um e devia pagar cinquenta siclos ao pai da mulher. Mas se fosse demonstrado que a acusação era verdadeira e que a mulher era culpada, se era uma pessoa comum, teria que matá-la a pedradas; se era filha de um sacerdote, teria que queimá-la viva.

Se um homem seduzia uma mulher que estava comprometida para casar-se, se a sedução contava com o consentimento de ambos, tanto a mulher como o homem eram condenados à morte. Se em um lugar solitário, ou onde não havia auxílio, o homem forçava a mulher a pecar, só morria o homem. Se um homem seduzia a uma mulher que não estava comprometida devia casar-se com ela ou, se o pai da mulher não desejava que se casasse com ele, devia lhe pagar cinquenta siclos.

As leis de casamento e de pureza apontavam muito alto. De um ponto de vista ideal, odiava-se o divórcio. Deus havia dito: "Eu odeio o divórcio" (Malaquias 2:16, NVI). Dizia-se que até o altar derramava

lágrimas no dia que um homem se divorciava da mulher de sua juventude.

Mas o ideal e a realidade não andavam de mãos dadas. Na situação havia dois elementos perigosos e negativos.

Em primeiro lugar, para a lei judaica a mulher era uma coisa. Pertencia a seu pai ou a seu marido, segundo o caso. Portanto, do ponto de vista técnico, carecia de todo direito legal. A maioria dos casamentos judeus eram arranjados pelos pais ou casamenteiros profissionais. Uma menina podia estar comprometida a casar-se desde a infância e em geral estava comprometida com um homem a quem jamais tinha visto. Tinha uma oportunidade: quando chegava aos doze anos podia repudiar o marido escolhido por seu pai. Mas quando se tratava de divórcios, toda a iniciativa devia ficar em mãos do marido. A lei estabelecia: "O homem pode divorciar-se de sua mulher com ou sem seu consentimento, mas a mulher só pode divorciar-se de seu marido com o consentimento dele." A mulher nunca podia iniciar o processo de divórcio, não podia divorciar-se, tinha que seu marido divorciar-se dela. Havia algumas novidades. Se um homem se divorciava de sua mulher com qualquer pretexto, exceto o de imoralidade flagrante, devia lhe devolver o dote, e isto deve ter sido uma barreira para o divórcio irresponsável. O tribunal podia pressionar um homem para que se divorciasse de sua mulher em caso de ele não querer consumir o casamento, por exemplo, ou de impotência ou de incapacidade comprovada para mantê-la em forma adequada. A mulher podia obrigar a seu marido a divorciar-se dela se este adquiria uma enfermidade detestável, como a lepra, ou se era curtidor, o que implicava recolher esterco de cão, ou se ele planejava obrigá-la a abandonar a Terra Santa. Mas, na maioria dos casos, a lei estabelecia que a mulher não tinha nenhum direito legal e que o direito ao divórcio cabia totalmente a seu marido.

Em segundo lugar, a facilidade do processo do divórcio era fatal. Tal processo se apoiava na passagem da lei mosaica que citaram ao expor a pergunta a Jesus: "Se um homem tomar uma mulher e se casar

com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir de casa” (Deuteronômio 24:1). A sanção de divórcio era uma simples afirmação, composta de uma só cláusula na qual o marido expressava que expulsava a sua mulher. Josefo escreve: "Aquele que quiser divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo (e há muitas dessas causas entre os homens), que manifeste por escrito que não tornará a usá-la como esposa, porque assim ela é livre para casar-se com outro homem." A facilidade do processo de divórcio era fatal. Como já dissemos, o único atenuante era que, a menos que a mulher fosse uma pecadora notória, o dote deveria ser-lhe devolvido.

RAZÕES DOS JUDEUS PARA O DIVÓRCIO

Mateus 19:1-9 (continuação)

Evidentemente um dos grandes problemas do divórcio judeu reside na sanção mosaica. Tal sanção estabelece que um homem pode despedir sua mulher “se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado *coisa indecente* nela” A pergunta, sem dúvida alguma, é como se deve interpretar a frase *coisa indecente*? Sobre este assunto os rabinos judeus estavam violentamente divididos, e os que interrogavam a Jesus queriam envolvê-lo neste problema. A escola do Shammai estabelecia com toda clareza que *coisa indecente* significava fornicação e nada mais, e que não se podia repudiar uma mulher por nenhuma outra razão. Se uma mulher era má como Jezabel, enquanto não cometesse adultério, não se podia repudiá-la. Por outro lado, a escola de Hillel interpretava essa *coisa indecente* de forma mais ampla possível. Segundo ele queria dizer que o homem podia repudiar a sua mulher se lhe arruinava a comida, se não recolhia o cabelo, se falava com os homens na rua, se falava em forma desrespeitosa a respeito de seus sogros em presença de seu marido, se era uma mulher escandalosa cuja voz se podia ouvir da casa vizinha. O rabino Akiba ia mais longe e afirmava que a frase *se ela não*

for agradável aos seus olhos significava que um homem podia repudiar a sua mulher se encontrava outra de quem gostava mais e a considerava mais bonita.

A tragédia era que o resultado foi o mais óbvio: prevaleciam os ensinamentos da escola de Hillel. O vínculo matrimonial era considerado com leviandade, e o divórcio pelas razões mais fúteis era moeda corrente.

É necessário acrescentar mais alguns dados para completar esta imagem. É importante assinalar que segundo a lei rabínica o divórcio era *obrigatório* por duas razões. Era obrigatório em caso de adultério. "Uma mulher que cometeu adultério deve ser repudiada." Aqui não havia opção, o divórcio era inevitável. Em segundo lugar, o divórcio era obrigatório em caso de *esterilidade*. O objetivo do casamento era a procriação; se depois de dez anos um casal ainda não tinha filhos, devia divorciar-se. Neste caso a mulher podia voltar a casar-se, mas a mesma obrigação corria para o segundo casamento.

Devemos acrescentar duas normas judaicas sobre o divórcio. Em primeiro lugar, a *deserção* nunca era causa de divórcio. Se havia deserção, era preciso comprovar a morte. O único atenuante era que, enquanto em todos outros casos se necessitava a corroboração de duas testemunhas, a lei judaica só exigia uma testemunha para demonstrar a morte de um cônjuge que tinha desaparecido e não tinha retornado.

Em segundo lugar, e isto é estranho, a *loucura* não era causa de divórcio. Se uma mulher se tornava louca, o marido não podia repudiá-la porque se o fizesse a mulher não teria ninguém que a protegesse. Há um elemento de misericórdia nesta norma. Se o marido ficasse louco o divórcio era impossível, porque nesse caso não podia escrever a carta de divórcio e sem tal carta, iniciada por ele, não podia haver divórcio.

Quando formularam esta pergunta a Jesus, no fundo havia uma controvérsia, e por trás dela uma situação problemática e acidentada. Sua resposta caiu como uma surpresa esmagadora para ambos os lados, que sugeria uma mudança radical na situação imperante.

A RESPOSTA DE JESUS**Mateus 19:1-9 (continuação)**

Esta foi a situação que a Jesus enfrentou quando lhe perguntaram sua opinião sobre o divórcio. De fato, os fariseus lhe estavam perguntando se estava a favor da posição estrita de Shammai ou da mais liberal de Hillel, e desse modo procuravam implicá-lo em uma disputa.

A resposta de Jesus consistiu em remontar as coisas a seu princípio. Voltou ao ideal da criação. No princípio – disse – Deus criou Adão e Eva, homem e mulher. Agora nas circunstâncias da criação, Adão e Eva foram criados para o outro e para ninguém mais. Sua união era, necessariamente, completa e inseparável. Jesus diz que estes dois são o modelo e o símbolo dos que viriam depois. Como diz A. H. M'Neile: "Cada casal é uma cópia de Adão e Eva, e portanto, sua união não é menos indissolúvel." O argumento está bem claro. No caso de Adão e Eva o divórcio não era só pouco recomendável, não só era mau, era completamente impossível, pela simples razão de que não havia ninguém mais com quem qualquer dos dois pudesse casar. Assim, pois, Jesus estabelece o princípio de que todo divórcio é mau. Portanto, devemos destacar desde o começo que não é uma lei: é um *princípio*, o que é algo muito diferente.

Aqui os fariseus viram imediatamente um lugar por onde atacar. Moisés (Deuteronômio 24:1) disse que se um homem queria repudiar a sua mulher porque não era agradável aos seus olhos e por alguma coisa indecente que achou nela, podia dar-lhe carta de divórcio, e o casamento ficava dissolvido. Era a oportunidade que os fariseus procuravam. Agora podem dizer a Jesus: "Dizes que Moisés estava errado?" Tentas anular a lei divina que Moisés recebeu? Te colocas como legislador acima de Moisés?" A resposta de Jesus é que o que disse Moisés não era de fato uma *lei*, não era mais que uma *concessão*. Moisés não *ordenou* o divórcio, no melhor dos casos só o *permitiu* para regulamentar uma situação que do contrário se converteu em algo caoticamente promíscuo.

A regulamentação mosaica não é mais que uma concessão à natureza humana caída. Em Gênesis 2:23-24 temos o ideal que Deus planejou, o ideal de que duas pessoas casadas deveriam tornar-se numa só tão indissolúvelmente que sejam uma só carne. A resposta de Jesus é: "Está certo, Moisés *permitiu* o divórcio, mas isso não foi mais que uma *concessão* diante de um ideal perdido. O ideal do casamento deve ser buscado na união inseparável e perfeita de Adão e Eva. Este é o propósito de Deus para o casamento."

E agora nos encontramos com uma das dificuldades mais reais e agudas do Novo Testamento. O que Jesus quis dizer? Há uma pergunta que é anterior a esta: O que disse Jesus?

A dificuldade, e não há como evitá-la, estriba em que Mateus e Marcos dão distintas versões das palavras de Jesus.

Mateus diz: "Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério e o que casar com a repudiada comete adultério" (Mat. 19:9).

Marcos diz: "E ele lhes disse: Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério contra aquela. E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério." (Marcos 10:11-12).

Lucas tem uma versão diferente: "Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; e aquele que casa com a mulher repudiada pelo marido também comete adultério" (Lucas 16:18).

Há uma dificuldade relativamente menor em que segundo Marcos a mulher pode divorciar-se de seu marido coisa que, como vimos, era impossível segundo a lei judia. Mas a explicação desta dificuldade é que Jesus deve ter sabido muito bem que segundo a lei dos gentios a mulher podia divorciar-se de seu marido e que ao pronunciar esta frase seu objetivo estava mais à frente do mundo judeu. A grande dificuldade é que tanto Marcos como Lucas estabelecem a proibição do divórcio como algo *absoluto*. Não há exceções possíveis. Mas Mateus tem uma frase que serve de exceção: permite-se o divórcio em caso de adultério. Neste caso não se pode evitar uma decisão. A única escapatória consistiria em

afirmar que de fato, segundo a lei judia, como já vimos, o divórcio por adultério era *obrigatório* em todos os casos, e que por isso Marcos e Lucas não creram necessário mencioná-lo; mas também era obrigatório, como assinalamos, o divórcio por esterilidade.

Em última instância devemos escolher a versão de Mateus ou a de Marcos e Lucas. Cremos que não há dúvida alguma de que a versão do Marcos e Lucas é correta. Apoiamo-nos em duas coisas. Só a proibição absoluta de separação cumprirá o ideal da união simbólica total entre Adão e Eva. E as palavras de surpresa dos discípulos implicam esta proibição total porque de fato dizem (versículo 10) que se o casamento os ata nessa forma, é melhor não casar-se. Não há dúvida de que nesta oportunidade Jesus estabelece o *princípio* – repetamos que não se trata de uma lei – segundo o qual o ideal do casamento é uma união que não pode quebrar-se. Há muito mais para dizer sobre o tema, mas aqui se estabelece o ideal, tal como Deus planejou, e a frase atenuante de Mateus é uma interpretação posterior que se incluiu à luz da realidade da igreja na época em que escreveu seu evangelho.

O IDEAL SUPREMO

Mateus 19:1-9 (continuação)

Passamos agora a ver o alto ideal do estado matrimonial que Jesus propõe àqueles que estão dispostos a aceitar os seus mandamentos. Aqui veremos que o ideal judeu nos dá a base do ideal cristão. A palavra com que os judeus designavam o casamento era *Kiddushin*. *Kiddushin* significa *santificação* ou *consagração*. É usada para descrever algo que se dedica a Deus como sua posse exclusiva e particular. Algo que se entrega em forma total e completa a Deus é *Kiddushin*. Isto significa que no casamento o marido se consagra e se entrega à mulher, e esta ao marido. Um se converte em posse exclusiva do outro, tal como uma oferenda ou um sacrifício se convertem em propriedade exclusiva de Deus. Isso é o que Jesus quis dizer quando afirmou que pelo casamento o

homem abandonaria a seu pai e a sua mãe e se entregaria a sua mulher; e isso foi o que quis dizer ao afirmar que homem e mulher se convertem em um tão plenamente que são uma só carne. Esse era o ideal do casamento que Deus sustentava, segundo o antigo relato do Gênesis (Gênesis 2:24), e esse é o ideal que Jesus restabelece. Não há dúvida de que essa idéia tem algumas conseqüências.

(1) Esta unidade total significa que o casamento não ocorre para um ato da vida, por mais importante que seja, e sim para todas as ações da vida. Significa que embora a vida sexual tem uma importância suprema dentro do casamento, não constitui o princípio e o fim dele. Qualquer casamento que se constitui só porque não se pode satisfazer um imperioso desejo físico em nenhuma outra forma, está condenado ao fracasso. O casamento não se dá para que duas pessoas façam uma coisa juntos, mas sim para que façam todas as coisas juntos.

(2) Outra maneira de expressar isto é: O casamento é a união total de duas personalidades. Duas pessoas podem existir juntas em infinidade de formas. A pessoa pode ser o companheiro dominante até o ponto em que a única coisa que importa são seus desejos, sua conveniência e seus objetivos vitais, enquanto que o outro só existe para satisfazer os desejos e necessidades do primeiro. Duas pessoas podem existir em uma espécie de neutralidade armada; estão em tensão permanente, em oposição contínua e seus desejos e necessidades se chocam todo o tempo. A vida pode ser uma discussão contínua e, no melhor dos casos, a convivência se apóia sobre um acordo. Por outro lado, duas pessoas podem fundar sua relação em uma aceitação mútua, mais ou menos resignada. Em todas as coisas da vida, cada um segue seu caminho e vive sua vida a seu modo, embora vivam juntas. Compartilham a mesma casa mas seria exagerado afirmar que compartilham o mesmo lar. Não há dúvida de que nenhuma destas relações é a relação ideal. O ideal é que no estado matrimonial duas pessoas encontrem a realização de suas personalidades.

Platão sustentava uma idéia estranha. Relata uma espécie de lenda segundo a qual em suas origens os seres humanos eram o dobro do que

são agora. Como seu tamanho e sua força os fez arrogantes, os deuses os cortaram pela metade. A verdadeira felicidade surge quando duas metades se voltam a encontrar, casam-se e nessa forma se completam. O casamento não deveria restringir a vida, deveria completá-la. Deve dar a ambos os cônjuges uma nova plenitude, uma nova satisfação, uma nova alegria de viver. É a união de duas personalidades na qual ambas se completam uma à outra. Isto não quer dizer que não se devem fazer ajustes e inclusive sacrifícios, antes quer dizer que a relação que surge é mais completa, mais plena, mais alegre, mais satisfatória do que poderia ser qualquer das duas vidas na solidão e no isolamento.

(3) Podemos expressá-lo de maneira mais prática – o casamento deve ser um compartilhar de todas as circunstâncias da vida. Há certo perigo na época do deleite do noivado. Nesses momentos é natural que cada um veja o outro em seu melhor aspecto. Esta é a época do que se denomina aparência. Vêm-se em suas melhores roupas, em geral se dedicam a desfrutar de algum prazer juntos, com freqüência o dinheiro não se converteu ainda em um problema. Mas no casamento duas pessoas devem ver-se quando não estão em seus melhores momentos, quando estão cansados, quando os filhos trazem os problemas que sempre levam ao lar, quando o dinheiro é escasso, e a comida, a roupa, as contas, convertem-se em um problema; quando a luz da Lua e as rosas se convertem na pia da cozinha e em mimar a um menino que chora durante a noite. A menos que duas pessoas estejam dispostas a aceitar tanto a rotina da vida em comum como seus prazeres, seu casamento está condenado ao fracasso.

(4) Disso se deduz uma coisa que não se dá em todos os casos, mas que é mais que provável. O casamento tem mais possibilidades de ter êxito depois de um longo período de conhecimento mútuo e quando as duas pessoas conhecem muito bem o ambiente do qual procede seu companheiro. Quanto melhor o casal se conheça, e quanto maior seja o número de circunstâncias que compartilharam, mais possibilidades tem o casamento de lançar resultados positivos. O casamento significa viver

juntos em forma constante. É perfeitamente possível que haja choques entre hábitos arraigados, educação, manias inconscientes. Quanto maior for o conhecimento mútuo entre duas pessoas antes de tomar a decisão de unir suas vidas para sempre, melhor. Isto não significa negar que pode dar-se algo assim como o amor à primeira vista, e que o amor pode superar todas as coisas, mas significa que quanto maior for o conhecimento entre duas pessoas, mais possibilidades têm de converter seu casamento em algo próximo ao ideal.

(5) Tudo isto conduz a uma última conclusão prática: a base de todo casamento é a *união*, e a base da união não é outra senão a *consideração*. Para o casamento ter êxito, cada um de seus membros deve pensar mais no outro que em si mesmo. O egoísmo destroça qualquer relação pessoal com outros. E isto é mais válido ainda quando duas pessoas estão tão unidas entre si que não podem separar-se, estão atados um ao outro.

Somerset Maugham relata a história de sua própria mãe. Era bonita e agradável e todos a apreciavam. Seu pai não era bem apessoado de nenhum ponto de vista, e tinha poucas qualidades sociais e dotes superficiais. Alguém disse em uma ocasião a sua mãe: "Se todos estão apaixonados por você, e se você pode escolher a quem quiser, como você pode permanecer fiel a esse horrível homenzinho com quem você se casou?" Ela respondeu com simplicidade: "Ele jamais fere meus sentimentos." Não poderia ter-lhe prestado melhor tributo.

O verdadeiro fundamento do casamento não é complicado, sofisticado, nem recôndito, não é mais que o amor que pensa mais na felicidade de outros que na própria, o amor que se sente orgulhoso de poder servir, que é capaz de compreender e portanto sempre pode perdoar. Quer dizer, é o amor semelhante ao de Cristo, que sabe que esquecendo-se a si mesmo, se encontrará e que, perdendo-se, se completará.

A REALIZAÇÃO DO IDEAL**Mateus 19:10-12**

Aqui chegamos à ampliação necessária do que se disse antes. Quando os discípulos ouviram o ideal de casamento cristão que Jesus lhes apresentava se sentiram atemorizados. Terão lembrado muitas frases rabínicas. Os rabinos tinham muitas frases sobre os casamentos infelizes. "Entre aqueles que jamais verão o rosto do Ge-hinnom está o que teve uma má esposa." Um homem assim se salva do inferno porque expiou seus pecados em vida! "Entre aqueles cuja vida não é vida está o homem que é dominado por sua mulher." Uma má esposa é como a lepra para o marido. Qual é o remédio? Que se divorcie dela e se cure da lepra." Inclusive se estabelecia: "Se um homem tiver uma má esposa é um dever religioso divorciar-se dela." Para homens que se criaram ouvindo frases como estas, a exigência incondicional de Jesus era algo quase aterrorador. A reação dos discípulos foi que se o casamento for uma relação tão definitiva e exigente, e se o divórcio está proibido, é melhor não casar-se porque não há escapatória – tal como eles a entendiam – de uma situação má. Jesus dá duas respostas.

(1) Diz com toda clareza que, de fato, nem todos podem aceitar esta situação, que só aqueles a quem foi dado aceitá-la podem fazê-lo. O que Jesus diz, em realidade, é o seguinte: Só o cristão pode aceitar a ética cristã. Só o homem que conta com a ajuda contínua de Jesus Cristo e a guia permanente do Espírito Santo pode construir a relação pessoal que o ideal do casamento exige. Só por meio da ajuda de Jesus Cristo o homem pode desenvolver a simpatia, a compreensão, o espírito de perdão, o amor considerado que o casamento autêntico exige. Sem a ajuda de Jesus Cristo tudo isto é evidentemente impossível. O ideal cristão do casamento implica no requisito de que os membros do casal sejam cristãos. É esta uma verdade que vai muito além desta aplicação particular.

Com freqüência ouvimos as pessoas dizerem: "Aceitamos a ética do Sermão da Montanha; mas por que nos preocupar com a idéia da divindade de Jesus, de sua ressurreição, de sua presença ressuscitada, de seu Espírito Santo, e de todo esse tipo de coisas? Aceitamos o fato de que foi um homem bom, e seu ensino é o mais elevado que jamais se repartiu. Por que não se deixam as coisas assim e nos dedicamos a viver segundo esse ensino sem nos preocupar com a teologia?"

A resposta é muito simples. Ninguém pode viver o ensino de Jesus Cristo sem Jesus Cristo. É impossível. E se Jesus não foi mais que um grande e bom homem, mesmo que tenha sido o homem maior e melhor que existiu, então, no melhor dos casos, não é mais que um grande exemplo, não é uma grande potência. Se se estabelecer que Jesus viveu e morreu, seu ensino é impossível. Seu ensino só se converte em algo possível se se tiver a convicção que não está morto, mas que está presente aqui para nos ajudar a levar a cabo seu ensino. O ensino de Cristo exige a presença de Cristo, do contrário não é mais que um ideal impossível, e torturante. Temos que aceitar, pois, a realidade de que o matrimônio cristão só é possível entre cristãos.

(2) A passagem termina com um versículo muito intrigante sobre os eunucos. É muito provável que Jesus tenha dito isto em alguma outra ocasião e que Mateus o coloca aqui porque está reunindo os ensinamentos de Jesus sobre o casamento, porque era seu costume reunir todos os ensinamentos de Jesus sobre um mesmo tema.

Um eunuco é homem sem órgãos sexuais. Jesus distingue três tipos de pessoas. Há aqueles que, por alguma deformação ou impossibilidade física, não podem manter relações sexuais. Há os que foram feitos eunucos pelos homens. Esta frase alude a costumes que são estranhas à civilização ocidental. Com freqüência se castrava intencionalmente os servos dos palácios reais, em especial aos que tinham alguma vinculação com o harém real. E também se castrava freqüentemente os sacerdotes que serviam nos templos. Isto era o que acontecia, por exemplo, com os sacerdotes do templo de Diana em Éfeso.

Logo Jesus faz referência àqueles que se fizeram eunucos por causa do reino de Deus. Devemos deixar bem sentado que não deve tomar-se esta frase em um sentido literal. Uma das tragédias da Igreja primitiva foi o caso de Orígenes. Quando era jovem tomou esta passagem em seu sentido literal e se castrou, embora depois chegou a compreender que estava errado. Clemente de Alexandria se aproxima mais, dizendo: "O verdadeiro eunuco não é aquele que não pode, e sim o que rechaça os prazeres carnis." Com esta frase Jesus se referia àqueles que abandonavam a possibilidade de casar-se, de ser pais e de desfrutar do amor físico humano por causa do Reino.

Como pode ser isto? Pode acontecer que um homem tenha que optar entre algum chamado que o desafia e o amor humano. Tem-se dito: "Viaja mais longe quem viaja sozinho." Um homem pode sentir que só pode fazer o trabalho de uma paróquia que está em um bairro miserável vivendo em circunstâncias em que o casamento e o lar são impossíveis. Pode sentir que deve aceitar algum chamado missionário a um lugar onde não pode levar, em consciência, a sua mulher e ter filhos. Também pode descobrir que está apaixonado e que lhe é feito um chamado iniludível que a pessoa que ama não quer compartilhar. Nesse caso deve escolher entre o amor humano e a tarefa para a qual Cristo o chama.

Graças a Deus, essas opções não se nos apresentam com freqüência. Mas existem pessoas que assumiram os votos voluntários de castidade, celibato, pureza, pobreza, abstinência, continência. Esse não será o caminho para o homem comum, mas o mundo teria perdido muito se não tivessem existido pessoas que tivessem aceito o desafio de viajar sozinhos por causa da obra do Reino de Deus.

CASAMENTO E DIVÓRCIO

Mateus 19:10-12 (continuação)

Seria incorreto deixar este tema sem tratar de ver qual o significado com relação ao tema do divórcio no momento atual.

Podemos assinalar uma coisa de início. *O que Jesus estabeleceu foi um princípio e não uma lei.* Não lembrar deste elemento e converter esta frase de Jesus em uma lei, significa não compreender o seu significado. A Bíblia não nos dá leis, dá-nos princípios que devemos adaptar a uma situação determinada com a ajuda da oração e da inteligência. A Bíblia diz com respeito ao sábado: “Não farás nenhum trabalho” (Êxo. 20:10). Sabemos muito bem que em nenhuma civilização foi possível parar o trabalho completamente. Em uma civilização agrícola era preciso cuidar o gado e era necessário ordenhar as vacas todos os dias da semana. Em uma civilização desenvolvida há certos serviços públicos que devem seguir funcionando para evitar que parem os meios de transporte e que não se possa dispor de água, luz e calefação. Em qualquer lar, em especial naqueles onde há meninos, sempre há algum trabalho a fazer. Nunca se deve tomar um princípio como se fosse uma lei definitiva. Sempre é preciso aplicar o princípio a uma situação particular, tal como Deus quer. Por conseguinte, não se pode resolver o problema do divórcio, limitando-se a citar as palavras de Jesus. Isso significaria agir como legalistas; tomaremos as palavras de Jesus como um princípio que aplicaremos aos casos particulares à medida que estes se apresentem. Se cumprirmos isto, surgem certas conseqüências.

(1) Não há a menor dúvida de que o ideal é que o casamento seja uma união indissolúvel entre duas pessoas e que se estabeleça sobre a base de uma união total de duas personalidades, não com o objetivo de possibilitar uma ação, e sim para tornar a vida em um companheirismo satisfatório e no qual ambos os companheiros encontrem sua realização. Não se pode negar que essa é a base fundamental sobre a qual devemos elaborar nossa interpretação.

(2) Mas a vida não é, e não pode ser, um assunto completamente organizado e minucioso. Sempre entra na vida o elemento imprevisível e inesperado. Suponhamos, então, que duas pessoas estabelecem uma relação matrimonial. Suponhamos que o fazem com a maior das esperanças e os ideais mais elevados; e suponhamos que algo

imprevisível começa a andar mal, e que essa relação que deveria ser a maior alegria da vida se converte em um inferno sobre a Terra. Ninguém sabe que vai acontecer isso até duas pessoas embarcarem na experiência de compartilhar suas vidas. Suponhamos que recorrem a todos os meios possíveis para tentar solucionar essa situação desastrosa. Suponhamos que se chama o médico para tratar as questões físicas, ao psiquiatra para solucionar os problemas psicológicos, ao sacerdote ou ministro para ocupar-se do espiritual. Suponhamos que o problema subsiste; suponhamos que um dos membros do casal tem uma constituição física, mental ou espiritual que o converte em uma dessas estranhas pessoas para quem o casamento é uma impossibilidade, e suponhamos que não se podia descobrir essa realidade até que não se fizesse a experiência. Nesse caso, deve-se dizer a essas duas pessoas que elas estão ligadas para sempre em uma situação que não pode lhes proporcionar mais que uma vida miserável a ambas? É muito difícil ver o elemento cristão nesse raciocínio. É muito duro imaginar a Cristo condenando em forma legalista a duas pessoas a uma situação semelhante. Tudo isto não significa que se deva facilitar o divórcio, mas sim uma vez que se empregaram todos os recursos físicos, mentais e espirituais para solucionar a situação, e esta segue sem solução e inclusive se converte em algo perigoso, é preciso que se ponha um fim. E a Igreja, longe de considerar as pessoas que passaram por um caso como esse como gente indigna, deve fazer todo o possível por ajudá-las, fortalecendo-as e brindando-lhes carinho. Não parece haver outra forma pela qual se ponha em ação o verdadeiro espírito de Cristo.

(3) Mas neste assunto enfrentamos uma situação muito trágica. Com freqüência acontece que as causas que fazem fracassar num casamento são coisas nas quais a lei não pode intervir. Em um momento de paixão e falta de controle, um homem comete adultério e logo passa o resto de sua vida com um sentimento de vergonha e dor pelo que fez. O menos provável é que alguma vez volte a repetir seu pecado. Por outro lado, um homem pode ser um modelo de retidão em público, e

possivelmente a última coisa que pensaria fazer seria cometer adultério, e entretanto pode submeter quem vive com ele em um inferno cotidiano por meio de uma sádica crueldade que repete dia após dia, por seu egoísmo, sua crítica, seu sarcasmo, sua crueldade mental, e o pode fazer com toda premeditação. Seria bom lembrarmos que os pecados que aparecem nos jornais e aqueles cujas conseqüências são mais evidentes, podem não ser os piores pecados aos olhos de Deus. Muitos homens e muitas mulheres fazem naufragar a relação matrimonial e entretanto, diante do mundo, apresentam uma imagem de impecável retidão.

Tudo isto é algo que devemos abordar com mais simpatia e menos condenação. Entre todas as coisas que podem acontecer a uma pessoa, o fracasso no amor deve ser aquele para o qual se deve aplicar uma menor medida de legalismo e uma maior medida de amor. Nesse caso, o que é preciso conservar não é uma assim chamada lei, e sim um coração e uma alma humanas. O que se requer é que os casais se aproximem do casamento em atitude de precaução apoiada na oração; que se o casamento está a ponto de fracassar, trate-se de salvá-lo por todos os meios médicos, psicológicos e espirituais de que se disponha; mas se se trata de algo que está além de toda solução, deve-se encarar a situação com um amor pormenorizado e não com um legalismo rígido.

JESUS ACOLHE OS MENINOS

Mateus 19: 13-15

Bem se pode dizer que temos aqui a situação mais bela de todo o relato evangélico. Os personagens aparecem com clareza e sem rodeios, embora o relato só ocupa dois versículos.

(1) Ali estão os que levaram os meninos. Sem dúvida se devia tratar das mães das criaturas. Não deve nos surpreender, então, que desejassem que Jesus colocasse as suas mãos sobre eles. Tinham visto o que essas mãos podiam fazer, tinham visto desaparecer a dor e a enfermidade ao seu contato. Tinham visto que devolviam a vista aos cegos, e a paz à

mente atormentada; e queriam que mãos como essas tocassem a seus filhos. Há poucos relatos que mostrem tão claramente o amor que irradiava a vida de Jesus. Os que levavam os meninos não deviam saber quem era Jesus. Sem dúvida compreenderiam que Jesus não era por certo um personagem popular entre os escribas, os fariseus, os sacerdotes, os saduceus e os líderes da religião ortodoxa; mas viam nele amor.

Premanand, o hindu de elevada casta, conta em sua autobiografia algo que sua mãe lhe disse em uma oportunidade. Quando Premanand se converteu ao cristianismo sua família o expulsou e lhe fechou as portas, mas costumava entrar na casa para visitar sua mãe. Ela tinha o coração destrozado porque seu filho era cristão mas não cessou de amá-lo. Contou-lhe que quando o levava em seu ventre costumava vir um missionário que conversava com ela. O missionário lhe deu uma cópia de um dos evangelhos. Leu-o e o seguia conservando. Disse a seu filho que ela não sentia desejo de converter-se ao cristianismo, mas que às vezes, quando ainda ele não tinha nascido, costumava pensar que se agradaria de que seu filho chegasse a ser um homem semelhante a Jesus.

Há em Jesus Cristo um amor que qualquer um pode perceber. É fácil supor que aquelas mães da Palestina poderiam considerar que a mão de um homem como Aquele sobre as cabeças de seus meninos poderia trazer uma bênção embora não soubessem muito bem por quê.

(2) Ali estão os discípulos. Os discípulos pareceriam ser rudes e inflexíveis; mas se o eram, estavam impulsionados pelo amor. Seu único desejo era proteger a Jesus. Viam que estava muito cansado, viam quanto lhe custava curar, porque cada vez que curava se desprendia dele uma medida de virtude. Falava-lhes tão freqüentemente sobre uma cruz, e devem ter visto em seu olhar a tensão de seu coração e de seu espírito. Tudo o que queriam era assegurar-se de que ninguém incomodasse a Jesus. Só podiam pensar que num momento como esse os meninos eram um estorvo para o Mestre. Não devemos pensar nos discípulos como homens sérios, duros e ásperos, não devemos condená-los; só queriam

evitar a Jesus outra dessas insistentes demandas que sempre estavam expondo imperiosas exigências a seu poder.

(3) Ali está o próprio Jesus. Este relato nos diz muito sobre Ele. Era o tipo de pessoa a quem os meninos apreciam. George Macdonald costumava dizer que nenhum homem podia ser um discípulo de Jesus se os meninos sentiam temor de jogar em sua porta. Evidentemente, se os meninos gostavam dEle, Jesus não era um asceta carrancudo. Além disso, para Jesus ninguém carecia de importância. Alguém poderia dizer: "Não passa de um menino, não deixes que te incomode." Mas Jesus jamais teria dito algo assim. Ninguém foi jamais um incômodo para Jesus. Nunca estava muito cansado nem ocupado para entregar-se de cheio a quem dEle necessitasse.

Há uma estranha diferença entre Jesus e muitos pregadores ou evangelizadores famosos. Com muita freqüência é quase impossível aproximar-se de uma destas celebridades. Têm uma espécie de séquito e escolta que mantêm o público à distância para que o personagem não se fatigue ou se sinta alterado. Jesus era justamente o contrário. O caminho à presença de Jesus está aberto à pessoa mais humilde e ao menor dos meninos.

(4) Ali estão os meninos e ao referir-se a eles, Jesus disse que estavam mais perto de Deus que qualquer outro. A simplicidade do menino está mais perto de Deus que qualquer outra coisa. A tragédia da vida é que à medida que crescemos com muita freqüência nos afastamos de Deus em vez de nos aproximar dEle.

A GRANDE REJEIÇÃO

Mateus 19:16-22

Aqui deparamos com um dos relatos mais conhecidos e apreciados de todo o evangelho. Uma das coisas mais interessantes a respeito desta história é a forma em que a maioria de nós reúne, de maneira inconsciente, distintos detalhes sobre este relato que extraímos dos

diferentes evangelhos para obter uma imagem mais completa. Em geral costumamos denominá-la a história do jovem rico. Todos os evangelhos nos dizem que era *rico* porque este é o motivo central do relato. Mas Mateus é o único que diz que era *jovem* (Mateus 19:20), e Lucas é o único que diz que era *homem de posição* (Lucas 18:18). É interessante observar como, inconscientemente elaboramos uma imagem composta por elementos extraídos dos três evangelhos (Mateus 19:16-22; Marcos 10:17-22; Lucas 18:18-23).

Há outro elemento interessante a respeito deste relato. Mateus muda a pergunta que o homem faz a Jesus. Tanto Marcos como Lucas dizem que a pergunta foi a seguinte: "Por que me chamas bom? Nenhum há bom, senão só Deus" (Marcos 10:18; Lucas 18:19). Mateus diz que a pergunta foi assim: "Por que me perguntas sobre o que é bom? O Bom é um só." (Mateus 19:17, *Bíblia de Jerusalém*). Tal é a versão mais correta que aparece em qualquer tradução moderna. O evangelho de Mateus é o último da série de três evangelhos e seu respeito para com Jesus o impede de mostrar Jesus formulando a pergunta: "Por que me chamas bom?" Para ele semelhantes palavras pareceriam indicar um rechaço por parte de Jesus a que o chamem bom, de maneira que muda as palavras e escreve: "Por que me perguntas sobre o que é bom?" a fim de evitar o que considera uma irreverência.

Nesta história temos um dos ensinamentos mais profundos do evangelho. Contém todo o fundamento da diferença entre a idéia correta e a incorreta a respeito da religião.

O homem que se aproximou de Jesus procurava o que ele denominava a *vida eterna*. Procurava felicidade, satisfação, paz com Deus. Mas a forma em que expõe a pergunta o trai. Pergunta "Que bem farei?" Pensa em termos de *ações*. Ele se parece com os fariseus, pensa em termos de obedecer regras, leis e normas. Pensa em acumular um crédito com Deus mediante a observância das obras da lei. É evidente que não sabe nada a respeito da religião da graça; pensa em termos de

uma religião da lei e em obter a aprovação de Deus. De maneira que Jesus trata de conduzi-lo para um ponto de vista correto.

Jesus lhe responde em seus próprios termos. Diz-lhe que guarde os mandamentos. O jovem pergunta a que tipo de mandamentos se refere. Então Jesus cita cinco dos dez mandamentos. Agora, há duas coisas importantes a respeito dos mandamentos que Jesus escolhe. Em primeiro lugar, trata-se de mandamentos que se ocupam da obrigação do homem para com o homem. Todos pertencem à segunda parte do decálogo, a parte que não se ocupa de nossa obrigação para com Deus, mas sim de *nossa obrigação para com os homens*. São os mandamentos que regem nossas relações pessoais e nossa atitude para com nosso próximo. Em segundo lugar Jesus cita um mandamento que está fora de lugar, por assim dizer. Cita em último lugar o mandamento sobre a obrigação de honrar ao pai e à mãe quando em realidade deveria ocupar o primeiro lugar. Por que? É evidente que Jesus quer sublinhar esse mandamento em forma especial. Por que? Não será acaso porque este jovem se tornou rico e poderoso em sua carreira e tinha esquecido de seus pais que possivelmente eram pobres? É provável que tivesse escalado posições no mundo e se sentisse envergonhado de seus pais e de seu lar. E é provável que tivesse encontrado uma excelente justificação legal na lei do Corbã que Jesus tinha condenado sem receio (Mateus 15:1-6; Marcos 7:9-13). Estas passagens demonstram que pôde tê-lo feito e entretanto tinha direito de sustentar que tinha obedecido os mandamentos. Nos mandamentos que Jesus cita, ele está sendo perguntado qual era sua atitude para com seus pais e para com seu próximo, como eram suas relações pessoais.

A resposta que o jovem dá a Jesus é que tinha obedecido os mandamentos e que, entretanto, havia algo que sabia que devia ter e não tinha. De maneira que Jesus lhe deu outro mandamento: que vendesse tudo o que tinha, o desse aos pobres e seguisse a Jesus.

Agora, acontece que contamos com outra versão de todo este incidente no *Evangelho Segundo os Hebreus*. Trata-se de um dos

primeiros evangelhos que não foi incluído no Novo Testamento. Seu relato nos proporciona alguma informação acessória muito valiosa.

“O segundo dos jovens disse a Jesus: ‘Mestre, que coisa boa posso fazer para viver?’ Ele respondeu: ‘Amigo, cumpre a lei e os profetas.’ O jovem respondeu: ‘Eu os tenho cumprido.’ Jesus lhe disse: ‘Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e segue-me.’ Mas o jovem rico começou a coçar a cabeça e não se satisfez. E o Senhor lhe disse: ‘Como dizes, cumpri a lei e os profetas? Porque está escrito: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, e eis aqui que muitos de teus irmãos, filhos do Abraão, estão vestidos com farrapos, sofrem fome, e tua casa está cheia de coisas boas e eles não recebem nenhuma.’ ”

Aqui temos a chave de toda a passagem. O jovem afirmava que tinha cumprido a lei. No sentido legal podia ser verdade, mas do ponto de vista espiritual não o era, porque toda sua atitude com relação a seu próximo era incorreta. Em última instância, sua atitude era completamente egoísta. Foi por isso que Jesus o enfrentou com o desafio de vender tudo e dá-lo aos pobres. Este homem estava tão atado a suas posses que a única coisa que o separaria delas era uma espécie de extração cirúrgica. Se o homem vir suas posses como algo que lhe foi dado com o único fim de lhe proporcionar conforto e luxo, esses bens se transformam numa cadeia que precisa ser quebrada. Se o homem vir suas posses como um meio para ajudar a outros, seus bens se convertem em uma coroa.

A grande verdade desta história está na forma em que ilumina o significado da vida eterna. A vida eterna é a vida tal como a vive Deus. A palavra para designar o eterno é *aionios*, que não significa *algo que dura para sempre*. Significa algo que pertence a Deus, é característico ou digno de Deus. A grande característica de Deus é que amou e deu como o fez. De maneira que a essência da vida eterna não é uma observação cuidadosa e calculada dos mandamentos e das regras e normas. A vida eterna se apóia em uma atitude de generosidade amorosa e sacrificial para com nosso próximo. Se queremos encontrar a vida eterna, se queremos encontrar a felicidade, a alegria, a satisfação, a paz de espírito

e serenidade de coração, não a encontraremos tentando encher uma folha de crédito com Deus, obedecendo seus mandamentos, regras e normas. Nós a encontraremos se copiarmos a atitude de amor e preocupação por nosso próximo que caracteriza Deus. Porque seguir a Cristo e servir com graça e generosidade aos homens por quem morreu Cristo é o mesmo.

No final, o jovem se afastou com um sentimento de desespero. Rechaçou o desafio porque tinha muitas posses. E sua tragédia era que amava mais as coisas que as pessoas. E se amava mais a si mesmo que a outros. E qualquer que põe as coisas como mais importantes que as pessoas e a si mesmo antes que a outros, deve necessariamente dar as costas a Jesus Cristo.

O PERIGO DAS RIQUEZAS

Mateus 19:23-26

O caso do jovem rico iluminou em forma vívida e trágica o perigo das riquezas; aqui vemos um homem que tinha pronunciado um grande rechaço porque tinha muitas posses. Jesus passa a sublinhar esse perigo. "É difícil", disse, "que um homem rico entre no reino dos céus." Usou um símile muito eloqüente para ilustrar quão difícil seria. Disse que era tão difícil que um rico entrasse no reino dos céus quanto um camelo passar pelo fundo de uma agulha.

Deram-se diferentes interpretações destas palavras de Jesus. O camelo era o maior animal que os judeus conheciam. Afirma-se que nas cidades muradas costumava haver duas portas. A porta principal pela qual passava todo o comércio e o trânsito, junto a ela costumava haver uma porta baixa e estreita. Quando se fechava a porta principal, era fechada com ferrolhos e se montava guarda durante toda a noite, e a única forma de entrar na cidade era pela porta pequena pela qual nem sequer as pessoas podiam passar de pé. Diz-se que às vezes se chamava essa porta de "o olho da agulha". De maneira que nessa imagem Jesus diz que é tão difícil para um rico entrar no reino dos céus como para um

camelo passar por essa porta pequena, pela qual somente os homens podiam passar.

Há outra sugestão, que é muito atrativa. A palavra grega para *camelo* é *kamelos*; a palavra grega para o *cabo de um casco de navio* é *kamilos*. No grego posterior os sons vocálicos costumavam perder suas diferenças agudas e se aproximavam uns dos outros. Nesse grego haveria uma diferença apenas perceptível entre o som do *i* e o do *e*, ambos se pronunciariam como *i*. De maneira que Jesus pôde haver dito que seria tão difícil para um rico entrar no reino dos céus como tentar enfiar uma agulha com o cabo de um navio. Trata-se de uma imagem muito eloqüente.

Mas o mais provável é que Jesus tenha empregado a imagem em seu sentido literal, e que dissesse que era tão difícil um homem rico entrar no reino como um camelo passar pelo fundo de uma agulha. Onde está a dificuldade? As riquezas surtem três efeitos principais no ponto de vista e na atitude do homem.

(1) *Fomentam uma falsa independência*. Quem está excessivamente provido de bens deste mundo se sente inclinado a pensar que pode sair-se bem diante de qualquer situação que possa surgir.

Há uma imagem muito eloqüente desta realidade na carta à Igreja da Laodicea no Apocalipse. Laodicea era a cidade mais rica da Ásia Menor. Foi arrasada por um terremoto no ano 60 d. C. O governo romano ofereceu sua ajuda e uma soma importante de dinheiro para reconstruir os edifícios que ficaram destruídos. A cidade o rechaçou dizendo que era capaz de solucionar a situação por si mesma. Tácito, o historiador romano, diz: "Laodicea surgiu das ruínas por seus próprios meios e sem contar com nenhuma ajuda de nossa parte." O Cristo ressuscitado ouviu Laodiceia dizer: "Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma" (Apoc. 3:17).

Walpole foi quem sugeriu o cínico epígrafe que afirma que todo homem tem o seu preço. Se um homem for rico tende a pensar que todas as coisas têm um preço e que se quiser algo pode comprá-lo, e que se se

encontrar em alguma situação complicada pode pagar para sair dela. Possivelmente chegue a pensar que pode comprar o caminho à felicidade assim como o que o tirará da dor. De maneira que pode chegar a pensar que as resolverá sem Deus e que é capaz de solucionar sua vida por sua própria conta. Chega o momento em que o homem descobre que há coisas que não se podem comprar com dinheiro, e coisas das quais o dinheiro não o pode livrar. Mas sempre existe o perigo de que as posses muito numerosas fomentem uma falsa independência que crê – até ele comprovar o contrário – que eliminou a necessidade de Deus.

(2) *As riquezas prendem o homem a este mundo.* "Onde estiver o teu tesouro", disse Jesus, "ali estará também o teu coração" (Mat. 6:21). Se tudo o que o homem deseja pertence a este mundo, se todos seus interesses se centrarem aqui, nunca pensa em outro mundo e em um mais além. Se o homem estiver muito comprometido com a Terra, é muito propenso a esquecer que há um céu.

Depois de uma visita a um castelo e a umas terras muito ricas e bonitas, o doutor Johnson comentou com tristeza: "Estas são as coisas que fazem difícil morrer." É muito possível que um homem se interesse tanto nas coisas terrenas que se esqueça das celestiais, que esteja tão preso às coisas que se vêem, que se esqueça das que não se vêem: e isso é trágico, porque as coisas visíveis são temporais enquanto que as coisas invisíveis são eternas.

(3) *As riquezas tendem a tornar o homem egoísta.* Por mais que possua, é natural que o homem deseje um pouco mais; assim diz o epigrama: "O suficiente sempre é um pouquinho mais do que se tem." Além disso, uma vez que o homem chegou a desfrutar do luxo e o conforto, sempre tende a temer ficar sem eles. A vida se converte em uma luta laboriosa e cansativa para reter o que se possui. O resultado é que quando o homem enriquece, em vez de sentir um impulso de dar, costuma experimentar o desejo de apegar-se às coisas. Seu instinto o leva a possuir mais e mais em busca da segurança que acredita que lhe

darão as coisas. O perigo das riquezas é que tendem a levar ao homem a esquecer que perde o que retém, e ganha o que dá a outros.

Mas Jesus não disse que era impossível que um rico entrasse no reino dos céus. Zaqueu era um dos homens mais ricos de Jericó e entretanto, em forma inesperada, entrou no Reino (Lucas 19:9). José de Arimatéia era um homem rico (Mateus 27:57). Nicodemos deve ter sido muito rico porque trouxe especiarias para unguir o cadáver de Jesus e essas especiarias valiam uma fortuna (João 19:39). Não se trata de que os ricos tenham as portas fechadas. Tampouco se trata de que as riquezas sejam um pecado, mas são um perigo. A base de todo o cristianismo é um sentimento imperioso de necessidade; quando um homem tem muitas coisas sobre a Terra, corre o risco de considerar que não precisa de Deus. Quando um homem possui poucas coisas na Terra, costuma dirigir-se a Deus porque não tem nenhum outro lugar aonde ir.

UMA RESPOSTA SÁBIA A UMA PERGUNTA ERRADA

Mateus 19:27-30

Para Jesus teria sido fácil responder a pergunta de Pedro com uma recriminação impaciente. Em seu sentido decisivo a pergunta de Pedro era a seguinte: "O que ganhamos te seguindo?" Jesus bem pôde ter dito que qualquer um que o seguia com esse ânimo não tinha a menor idéia do que significava segui-lo. Contudo, era uma pergunta muito natural. É verdade que teria sua correção implícita na parábola que em seguida Jesus pronunciaria, mas Ele não repreendeu Pedro com dureza. Recebeu a pergunta e a partir dela estabeleceu três grandes leis da vida cristã.

(1) Sempre é certo que quem compartilha a campanha de Jesus compartilhará seu triunfo. Nas guerras entre os homens aconteceu muito freqüentemente que uma vez que terminou a luta, obteve-se o triunfo e os soldados já não eram necessários, foram esquecidos aqueles que tinham suportado o fragor da luta. Nas guerras entre os homens sucedeu com muita freqüência que quem lutou para formar um país onde os

heróis pudessem viver, acharam que esse país se converteu num lugar onde os heróis podiam morrer de fome. Isso não acontece com Jesus Cristo. Quem compartilha a luta de Cristo, compartilhará sua vitória; e quem carrega com a cruz, luzirá a coroa.

(2) Sempre é certo que o cristão receberá muito mais do que jamais tenha tido que abandonar. Mas o que recebe não é uma posse material, e sim uma nova companhia, humana e divina. Quando um homem se torna cristão entra em uma nova confraternidade humana. Enquanto exista uma igreja cristã, não deveria existir ninguém que esteja sozinho ou que não tenha amigos. Se sua decisão cristã significou que teve que abandonar certos amigos, também deveria significar que entrou em um círculo de amizades mais amplo do que jamais teve. Deveria ser uma realidade que não existisse quase nenhum povo ou cidade onde um cristão pudesse ser um estranho. Porque em toda cidade, aldeia ou povo há uma igreja e tem direito a unir-se a esse círculo de pessoas. Pode acontecer que o cristão que é um estranho seja muito tímido para entrar nesse círculo como deveria; pode acontecer que a igreja desse lugar se converteu em um círculo muito fechado para abrir seus braços e suas portas. Mas se se cumpre o ideal cristão, em nenhum lugar do mundo onde há uma igreja cristã deveria existir um indivíduo cristão que se sentisse sozinho, sem amigos. O fato de ser cristão deveria significar que se entrou em um grupo que estende seus braços até os limites da Terra.

Mas, mais ainda, quando um homem se torna cristão entra em uma nova companhia divina. Entra em posse da vida eterna. A vida eterna é a vida idêntica à vida de Deus. O cristão pode ser separado de outras coisas, mas jamais pode ser separado do amor de Deus em Cristo Jesus seu Senhor.

(3) Por último, Jesus adverte que haverá surpresas no juízo final. Os critérios que Deus emprega para julgar não são os mesmos que os homens empregam, embora só seja porque Deus vê o interior do coração dos homens. Existe um mundo novo para compensar o equilíbrio do velho; há uma eternidade para corrigir os julgamentos equivocados do

tempo. E pode ser que aqueles que foram humildes na Terra sejam grandes no céu, e que aqueles que foram grandes na Terra sejam humilhados no mundo por vir.

Mateus 20

O proprietário busca trabalhadores - Mat. 20:1-16

Trabalho e salário no reino de Deus - Mat. 20:1-16 (cont.)

Rumo à cruz - Mat. 20:17-19

A ambição falsa e a ambição autêntica - Mat. 20:20-28

A mente de Jesus - Mat. 20:20-28 (cont.)

A revolução cristã - Mat. 20:20-28 (cont.)

O senhorio da cruz - Mat. 20:20-28 (cont.)

A resposta do amor ao chamado da necessidade - Mat. 20:29-34

O PROPRIETÁRIO BUSCA TRABALHADORES

Mateus 20:1-16

Pode parecer que esta parábola descreve uma situação imaginária mas não é assim. Além do método de pagamento, a parábola descreve o tipo de coisas que aconteciam com muita freqüência na Palestina. Na Palestina a uva amadurecia em de fins de setembro, e imediatamente depois vêm as chuvas. Se não se fizer a colheita antes das chuvas, arruína-se; de maneira que a colheita de uvas é uma luta encarniçada contra o relógio. Recebe-se a qualquer operário, embora só possa dar uma hora de seu trabalho.

O pagamento era o normal: um *denário* ou um *dracma* era o pagamento corrente para um dia de trabalho. E ainda se se levar em conta a diferença que existe com respeito aos critérios modernos e no poder aquisitivo, menos de um centavo de dólar não era uma soma que deixasse muita margem.

Os homens que estavam parados na praça não eram folgazões desses que passam o dia nas esquinas vagando. Na Palestina a praça era uma espécie de bolsa de trabalho. Os homens foram à praça muito cedo

com suas ferramentas e esperavam até que viesse alguém a contratá-los. Os homens que estavam no mercado não eram ociosos que contavam intrigas; esperavam trabalho e o fato de alguns permanecerem nesse lugar até as cinco da tarde demonstra quão desesperados estavam por encontrar alguma ocupação.

Estes homens eram operários contratados; eram a classe mais baixa de trabalhadores e sua vida era de uma precariedade desesperadora. Os escravos e as sementes eram considerados ligados à família de algum modo; pertenciam ao grupo familiar, sua sorte mudava com a sorte da família, mas jamais experimentariam o iminente perigo de morrer de fome em tempos normais. Muito diferente era o que acontecia com os operários contratados. Não estavam ligados a nenhum grupo; estavam a total mercê do emprego casual; sempre viviam à margem da inanição. Como vimos, o pagamento era de menos de um centavo de dólar; e se não trabalhavam um dia, seus filhos ficavam sem comer, porque ninguém podia economizar muito desse salário. Para eles, não ser contratados um dia era um desastre.

As horas que aparecem na parábola são as horas normais dos judeus. O dia judeu começava com a saída do Sol, às seis da manhã, e as horas se contavam deste momento até as seis da tarde, quando começava, oficialmente, o próximo dia. Contando das seis da manhã, a terceira hora são as nove da manhã, a sexta são as doze do meio-dia e a décima primeira são as cinco da tarde.

A imagem que aparece nesta parábola é uma descrição exata do que podia acontecer na praça de qualquer povo ou aldeia judaica durante a época em que se colhia a uva com a maior rapidez possível antes que chegassem as chuvas.

TRABALHO E SALÁRIO NO REINO DE DEUS**Mateus 20:1-16 (continuação)**

C. G. Montefiore considera que esta é "uma das maiores e mais gloriosas parábolas de todas". De fato, pode ter tido uma aplicação relativamente limitada no momento em que foi relatada pela primeira vez; mas contém uma verdade que penetra no coração da religião cristã.

Começaremos com o significado aparentemente limitado que teve em sua origem.

(1) Em certo sentido é uma advertência aos discípulos. É como se Jesus lhes dissesse: "Vocês recebestes o grande privilégio de entrar na Igreja e na comunidade cristã muito cedo, desde seu próprio começo. Chegará o momento, em épocas posteriores, em que outros entrarão para fazer parte dela. Vocês não devem exigir uma honra e um lugar especiais porque foram cristãos antes que eles. Todos os homens, não importa quando cheguem, são igualmente valiosos para Deus."

Há quem acredite que porque pertenceu a uma determinada igreja durante muito tempo esta virtualmente lhes pertence e podem ditar suas ações. Essas pessoas se ofendem pelo que consideram uma intromissão de sangue novo em sua igreja ou o surgimento de uma nova geração que não tem seus mesmos planos e costumes. Na Igreja cristã, a antiguidade nem sempre implica honras.

(2) Também há uma clara advertência aos judeus. Os judeus sabiam que eram o povo eleito e nunca o esqueceriam por própria vontade. Por isso, desprezavam os gentios. Em geral os odiavam, desprezavam-nos, e não esperavam mais que sua destruição. Se se devia permitir a entrada de gentios na Igreja, teriam que ser aceitos em qualidade de seres inferiores.

Alguém disse certa vez: "Na economia de Deus, como alguém disse, não existe nada semelhante a uma cláusula de nação mais favorecida." O cristianismo desconhece por completo o conceito de uma raça superior. Pode ser que os que temos sido cristãos durante tanto

tempo tenhamos muito a aprender das Iglesias jovens que são os "recém-chegados" à comunidade da fé.

(3) Estes foram os ensinamentos originais da parábola, mas quando a vemos agora, muitos séculos depois de ter sido escrita, tem muitas mais coisas a nos ensinar.

Não há dúvida de que contém *o consolo de Deus*. Significa que não importa quando entre o homem ao reino, mais cedo ou mais tarde, no ardor da juventude, no vigor da maturidade ou quando as sombras se alargam, Deus o ama igualmente. Os rabinos costumavam dizer: "Alguns entram no reino em uma hora, outros só entram em toda uma vida." Na imagem da Cidade Santa do Apocalipse há doze portas. Há portas no lado Este que é a direção da aurora pela qual pode entrar o homem na alegre manhã de sua vida; e há portas no Oeste que é a direção do Sol poente pelas quais o homem pode entrar quando avançou em anos. Não importa em que momento o homem se aproxime de Cristo, é igualmente querido para Ele.

Não podemos ir ainda mais longe nesta idéia do consolo? Às vezes o homem morre com muitos anos e cheio de honras quando terminou sua tarefa, e cumpriu o seu trabalho. Às vezes se vai um jovem, quase antes de se abrirem as portas da vida e de sua realização pessoal. Ambos receberão as mesmas boas-vindas da parte de Deus. Cristo está esperando a ambos, e nenhum dos dois terminou sua vida muito cedo ou muito tarde, no sentido divino.

(4) Também encontramos a *compaixão* infinita de Deus. Há um elemento de ternura humana nesta parábola. Não há nada mais trágico neste mundo que um homem que está sem trabalho, um homem cujos talentos se enferrujam pelo desuso porque não tem nada a fazer. Hugh Martin nos lembra que um grande professor costumava dizer que as palavras mais tristes em toda a obra de Shakespeare são: "A ocupação de Otelo chegou ao fim."

Ali estavam aqueles homens esperando na praça da Palestina porque ninguém tinha ido contratá-los; em sua *compaixão* aquele senhor

lhes deu trabalho; não podia suportar vê-los sem fazer nada, porque seu coração sofria ao ver um homem sem trabalho. Além disso, em estrita justiça, quanto menos horas um homem trabalhasse, menor era seu pagamento. Mas o senhor sabia muito bem que um centavo de dólar por dia não era um salário muito alto, sabia muito bem que se o operário voltasse para sua casa com menos dinheiro se encontraria com uma mulher preocupada e meninos com fome; portanto foi além da justiça e lhes deu mais do que mereciam. Tal como aparece, esta parábola estabelece em forma implícita duas grandes verdades que são o próprio estatuto do operário: o direito de todo homem a trabalhar, e o direito a um salário que lhe permita viver.

(5) Também aparece a *generosidade* de Deus. Nem todos estes fizeram o mesmo trabalho mas todos receberam o pagamento. Aqui nos encontramos com dois ensinamentos:

Um ensinamento, como se tem dito, é: "Todo serviço tem o mesmo valor para Deus". O que importa não é a quantidade de serviço mas o amor com que se oferece. Um homem muito rico pode nos dar umas centenas de dólares em um gesto de generosidade e em realidade nos sentimos agradecidos; um menino nos pode dar um presente de aniversário ou de Natal que só lhe custou uns centavos mas os economizou com amor e esforço e esse presente, que não tem valor em si mesmo, comove-nos mais. Deus não olha a quantidade de serviço que oferecemos. Enquanto nosso serviço seja tudo o que temos, todo serviço tem o mesmo valor para Deus.

O segundo ensinamento é ainda mais importante: tudo o que Deus nos dá, no-lo dá de graça, Não podemos ganhar o que Deus nos dá, não podemos merecê-lo; não podemos converter a Deus em nosso devedor. O que Deus nos dá brota da bondade de seu coração, de sua graça; o que Deus nos dá não é pagamento, e sim um dom; não é uma recompensa, e sim uma graça.

(6) E sem dúvida alguma isto conduz ao ensinamento supremo desta parábola: *o mais importante do trabalho é o espírito com que é feito*. Os

servos desta parábola estão divididos em duas classes. Os primeiros chegaram a um acordo com o senhor; tinham um contrato; disseram: "Nós trabalhamos se nos pagas esta soma." Trabalhavam por um salário e, conforme o demonstra sua conduta, a única coisa com que se preocupavam era receber tudo o que pudessem por seu trabalho. Mas no caso dos que foram contratados mais tarde, não se menciona nenhum acordo ou compromisso; tudo o que procuravam era ter a oportunidade de trabalhar, e deixavam a recompensa nas mãos do senhor.

A diferença é fundamental. Não se pode dizer que um homem é cristão se sua primeira preocupação for o pagamento. Isso foi que Pedro perguntou: "Que vantagem tiramos disto?" O cristão trabalha pela alegria de trabalhar e de servir a Deus e a seu próximo. É por isso que os últimos serão primeiros e os primeiros serão últimos. Mais de um homem que neste mundo recebeu muitas recompensas, ocupará um lugar muito inferior no Reino, porque todo seu pensamento esteve posto nas recompensas. Muitos homens que, segundo o ponto de vista mundano, são pobres neste mundo, serão grandes no Reino, porque nunca pensaram em termos de recompensas, antes trabalharam pela alegria do trabalho em si e pela alegria de servir. O paradoxo da vida cristã é que aquele que busca a recompensa a perde, e o que se esquece dela a encontra.

RUMO À CRUZ

Mateus 20:17-19

Esta é a terceira vez que Jesus adverte a seus discípulos que Ele se dirige para a cruz (Mateus 16:21; 17:22-23). Tanto Marcos como Lucas acrescentam toques próprios a este relato para manifestar a tensão e a previsão da tragédia que imperava no grupo de apóstolos. Marcos diz que Jesus caminhava sozinho adiante e que os discípulos estavam maravilhados e assustados (Marcos 10:32-34). Não entendiam o que acontecia, mas em cada ponto do corpo de Jesus podiam perceber a luta

que sua alma experimentava. Lucas também diz que Jesus tomou os discípulos a sós para tentar obrigá-los a entender o que tinham pela frente (Lucas 18:31-34). Aqui nos encontramos diante do primeiro passo decisivo que conduz ao último ato da tragédia iniludível. Aqui Jesus parte deliberadamente e com os olhos abertos para Jerusalém e a cruz.

Há uma estranha totalidade no sofrimento para o qual Jesus se dirigia: tratava-se de um sofrimento que não careceria de nenhuma dor do corpo, da mente ou do espírito.

Seria *entregue* às mãos dos sumos sacerdotes e escribas; aí vemos o sofrimento do *coração destruído* pela deslealdade dos amigos. Seria condenado à *morte*. Vemos o sofrimento da *injustiça*, que é muito duro de suportar. Os romanos *zombariam* dEle. Aí vemos o sofrimento da indignidade, a humilhação e o *insulto deliberado*. Seria *açoitado*. Havia poucas torturas no mundo comparáveis ao açoite romano, e aí vemos a tortura da dor física. Por último, seria crucificado; aí vemos o sofrimento da *morte*. É como se Jesus se dirigisse para concentrar em si mesmo todo o tipo possível de sofrimento físico, emocional e mental que o mundo podia lhe infligir.

Mas nem sequer em um momento como esse suas palavras terminam ali, porque finaliza com a afirmação confiante da ressurreição. Além da cortina do sofrimento estava a revelação da glória. Além da cruz estava a coroa, além da derrota estava a vitória, e além da morte estava a vida.

A AMBIÇÃO FALSA E A AMBIÇÃO AUTÊNTICA

Mateus 20:20-28

Aqui vemos a ambição mundana dos discípulos. Há uma diferença muito reveladora entre a versão de Mateus e a de Marcos. Em Marcos 10:35-45 são os próprios Tiago e João que se aproximam de Jesus com esta solicitude. Em Mateus a que se aproxima é a mãe. A razão da diferença é a seguinte: Mateus escrevia vinte e cinco anos depois de

Marcos, nessa época se rodeou dos discípulos com um halo de santidade. Mateus não desejava mostrar Tiago e João incorrendo em uma ambição mundana, de maneira que põe o pedido na boca de sua mãe em vez de pô-lo na boca dos próprios discípulos.

Pode ter existido uma razão muito natural para este pedido. É muito provável que João e Tiago estivessem relacionados em forma íntima com Jesus. Mateus, Marcos e João dão listas das mulheres que estavam ao pé da cruz quando Jesus foi crucificado. Vejamos essas enumerações.

A de Mateus é a seguinte: “Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu” (Mateus 27:56).

A de Marcos, diz: “Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé” (Marcos 15:40).

A lista de João diz assim: “A mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena” (João 19:25).

Maria Madalena aparece em todas as listas; Maria, a mãe do Tiago e João deve ser a mesma pessoa que aparece com o nome da Maria, mulher de Cleopas, de maneira que a terceira mulher é descrita em três formas. Mateus a chama a mãe dos filhos de Zebedeu; Marcos a chama Salomé e João a chama a irmã da mãe de Jesus. De maneira que sabemos que a mãe de Tiago e João se chamava Salomé e que era irmã de Maria, a mãe de Jesus. Isso quer dizer que podemos estar quase certos de que Tiago e João eram primos irmãos de Jesus. Pode ser que tenham considerado que seu parentesco com Jesus os autorizava a ocupar um lugar especial em seu Reino.

Esta é uma das passagens mais reveladoras do Novo Testamento e especialmente do relato evangélico. Arroja luz sobre três elementos.

Em primeiro lugar, esclarece algo sobre os *discípulos*. Diz-nos três coisas a respeito deles. Fala-nos de sua ambição. Seguiam pensando em termos de proeminência, recompensa e distinção pessoais; e pensavam no êxito pessoal sem levar em conta o sacrifício pessoal. Queriam que Jesus, com uma ordem divina e com um gesto de sua mão, lhes assegurasse uma vida de príncipes. Todo homem deve aprender que a

verdadeira grandeza não se encontra na dominação e sim no serviço, e todo homem deve aprender que em todas as esferas é preciso pagar o preço da grandeza. Isto é o que aparece na coluna do débito dos discípulos; mas há muito na coluna do crédito. Não há nenhum outro incidente que demonstre com maior clareza sua *fé invencível em Jesus*.

Pensemos quando se formulou este pedido. Foi depois de uma série de anúncios por parte de Jesus a respeito de que tinha uma cruz pela frente; era um momento em que imperava um clima de tragédia e um sentimento peditivo. E, entretanto, apesar disso e em meio desse clima, os discípulos pensam em um Reino. É grandemente significativo que em um mundo sobre o qual baixavam as trevas, os discípulos foram incapazes de pensar em uma derrota final de Jesus. De algum modo quando tudo parecia negá-lo e demonstrar que era impossível, resistiam a abandonar a convicção de que a vitória estava do lado de Jesus.

No cristianismo sempre deve existir este otimismo invencível e eterno no momento em que todas as coisas conspiram para mergulhar o homem no desespero.

E mais ainda, aqui se demonstra a *lealdade invencível* dos discípulos. Mesmo quando lhes foi dito com toda crueldade que havia um cálice amargo pela frente, jamais pensaram em voltar atrás; estavam decididos a bebê-lo. Se triunfar com Cristo implicava sofrer com Ele, estavam perfeitamente decididos a enfrentar esse sofrimento.

É fácil condenar os discípulos, mas nunca se devem esquecer a fé e a lealdade que estão por trás da ambição.

A MENTE DE JESUS

Mateus 20:20-28 (continuação)

Em segundo lugar, esta passagem ilumina a vida cristã. Jesus disse que aqueles que queriam compartilhar sua vitória, deviam beber seu cálice. O que era o cálice? Jesus falava com Tiago e João. Agora, a vida tratou estes dois discípulos em forma muito diferente. Tiago foi o

primeiro dos apóstolos que morreu como mártir (Atos 12:2). Para ele o cálice foi o martírio. Por outro lado, o maior peso da tradição demonstra que João viveu até uma idade muito avançada na cidade de Éfeso e que morreu de morte natural quando estava perto dos cem anos. Para ele, o cálice foi a disciplina e a luta constantes da vida cristã através dos anos.

É muito errôneo acreditar que o cálice sempre significa para o cristão a luta brava, dura, amarga e agônica do martírio. Pode tratar-se da longa rotina da vida cristã com todos os seus sacrifícios diários, sua luta cotidiana, seus desalentos, desenganos e lágrimas.

Uma vez se encontrou uma moeda romana com a imagem de um boi. O animal enfrentava duas coisas: um altar e um arado. A inscrição dizia: "Disposto para ambos." O boi devia estar preparado para o momento supremo do sacrifício no altar ou para o longo trabalho do arado na granja.

Não há uma taça única para o cristão. Pode beber sua taça em um só momento sublime, ou pode bebê-la ao longo de toda uma vida cristã. Beber o cálice significa seguir a Cristo, em qualquer lugar que Ele nos leve e ser como Ele em qualquer situação que se nos apresente na vida.

Em terceiro lugar, esta passagem arroja luz sobre *Jesus*. Mostra-nos a *bondade* de Jesus. O surpreendente sobre Jesus é que nunca perdia a paciência ou se zangava com os homens. Apesar de tudo o que havia dito, aqui estavam estes homens e sua mãe tagarelando a respeito de postos em um governo e um reino terrestres. Mas Jesus não estala diante de sua teimosia, nem se indigna por sua cegueira ou se desespera diante de sua incapacidade de aprender. Trata de dirigi-los para a verdade com generosidade, amor e compreensão, sem pronunciar uma só palavra impaciente. O mais surpreendente a respeito de Jesus é que nunca se desesperava com os homens.

Mostra-nos a *honestidade* de Jesus. Tinha muito claro que havia uma taça amarga para beber e não titubeou em dizê-lo. Ninguém pode dizer que começou a seguir a Jesus sob um engano. Jesus nunca deixou

de dizer aos homens que, mesmo que a vida termine com uma coroa, transcorre com uma cruz sobre as costas.

Mostra-nos *a confiança* de Jesus *nos homens*. Nunca duvidou de que Tiago e João manteriam sua lealdade. Tinham suas ambições equivocadas, sua cegueira, suas idéias errôneas, mas Jesus jamais pensou em apagá-los de seus livros como a devedores morosos. Acreditava que podiam e que de fato beberiam seu cálice e que ao final seguiriam a seu lado. Uma das coisas fundamentais às quais devemos nos apegar é que, inclusive quando nos aborrecemos, odiamos e desprezamos a nós mesmos, Jesus acredita em nós. O cristão é um homem de honra, e Jesus Cristo confia nessa honra.

A REVOLUÇÃO CRISTÃ

Mateus 20:20-28 (continuação)

Não é estranho que o pedido do Tiago e João tenha incomodado os outros discípulos. Não viam por que os dois irmãos deviam adiantar-se embora fossem primos de Jesus. Não viam por que deviam pretender as primeiras posições, com exclusão de outros. Jesus conhecia seus pensamentos, e lhes dirigiu as palavras que são a própria base e o fundamento da vida cristã. No mundo, disse Jesus, acontece, em realidade, que o grande homem é quem domina a outros, o homem que é patrão, diante de cuja ordem outros devem obedecer, que com um gesto pode ordenar um serviço e cujas necessidades mais mínimas são satisfeitas. No mundo havia o governador romano com seu séquito; o potentado oriental com seus escravos; o homem de negócios com seu grupo de escravos que o atendiam. O mundo os considera grandes. Mas segundo o ponto de vista cristão, o que confere grandeza é o serviço.

A grandeza não consiste em ordenar outros a fazerem coisas para nós, e sim em fazer coisas para outros, e quanto maior seja o serviço, maior será a honra. Jesus emprega uma espécie de gradação. "Se quereis ser *grandes*", diz, "sede servos; quem quiser ser *o primeiro*, seja *servo*."

Eis aqui uma revolução cristã; eis aqui uma total inversão dos valores mundanos. Surgiu uma escala de valores completamente nova.

O estranho é que o próprio mundo aceitou estes valores em forma instintiva. O mundo sabe muito bem que um grande homem é um homem que serve a seu próximo. O mundo respeita, admira e às vezes teme o homem que tem poder; mas ama ao homem que demonstra amor. O médico que está disposto a sair em qualquer momento do dia ou à noite para servir a seus pacientes, o pastor que sempre está no caminho em meio de seu povo, o empresário que sente um interesse ativo na vida e os problemas de seus empregados, a pessoa para quem podemos nos dirigir sem que jamais nos faça sentir que incomodamos – essa é a pessoa que todos amam e neles instintivamente vêm a Jesus Cristo.

Quando esse grande santo contemporâneo, Toyohiko Kagawa, teve seu primeiro contato com o cristianismo, experimentou sua fascinação até que um dia prorrompeu no grito: "Meu Deus, faze-me como Cristo." Para ser como Cristo foi viver em bairros miseráveis, sofrendo já de tuberculose. Foi o último lugar do mundo aonde deveria ter ido um homem nessas condições.

Em seu livro *Famous Life Decisions*, Cecil Northcott nos relata o que fez Kagawa. Foi viver em uma vila miserável de Tóquio em uma casinha de menos de dois metros quadrados. "A primeira noite lhe pediram que compartilhasse a cama com um homem que tinha uma sarna contagiosa. Isso foi uma prova para sua fé. Voltaria atrás em sua decisão? Não. Recebeu de bom grado seu companheiro de cama. Depois um mendigo lhe pediu a camisa e a recebeu. No dia seguinte voltou para pedir o casaco e as calças de Kagawa e também os obteve. Kagawa ficou com um quimono esfarrapado. Os habitantes do bairro de Tóquio riam dele, mas logo aprenderam a respeitá-lo. Ficava em pé em meio da chuva e do vento para pregar, tossindo todo o tempo. 'Deus é amor', exclamava. 'Deus é amor. Onde há amor, aí está Deus.' Costumava cair ao chão, exausto, e os homens rudes do bairro miserável o levavam com ternura à sua casinha."

O mesmo Kagawa escreveu: "Deus vive entre os mais baixos dos homens. Senta-se na pilha de lixo entre os prisioneiros. Está em meio dos delinqüentes juvenis. Está com os mendigos, entre os doentes, com os que não têm trabalho. De maneira que aquele que queira encontrar a Deus deve visitar a cela do cárcere antes de ir à igreja. Antes de ir ao templo, que visite hospital. Antes de ler a Bíblia, que ajude ao mendigo."

Aqui há grandeza. O mundo pode estimar a grandeza de alguém pela quantidade de pessoas que domina e que obedecem as suas ordens; ou por seu prestígio intelectual e sua eminência acadêmica; ou pelo número de comissões que integra; ou por sua conta bancária e as posses materiais que conseguiu reunir, mas para o julgamento de Jesus Cristo estas coisas carecem de importância. Sua vara de medir é muito simples – a quantas pessoas você ajudou?

O SENHORIO DA CRUZ

Mateus 20:20-28 (continuação)

Jesus fez, Ele próprio, o que pede a seus seguidores que façam. Não veio para ser servido, mas para servir. Não veio ocupar um trono e sim uma cruz. Foi por isso que as pessoas ortodoxas de seu tempo não o puderam entender. Ao longo de toda sua história os judeus tinham sonhado com o Messias, mas o Messias com que sonhavam era sempre um rei conquistador, um líder poderoso, alguém que esmagaria os inimigos de Israel e que reinaria com poder sobre todos os reinos da Terra. Esperavam um conquistador, mas receberam a alguém quebrantado em uma cruz. Esperavam o leão feroz de Judá, mas receberam o manso cordeiro de Deus.

Rudolf Bultmann escreve: "Na cruz de Cristo se derrubam os critérios de julgamento judaicos e as idéias humanas de esplendor do Messias." Aqui fica demonstrado, melhor que em qualquer outra parte, a nova glória e a nova grandeza do amor sofredor e do serviço sacrificial. Aqui se restabelece e se refaz a realza.

Jesus resumiu toda sua vida em uma frase muito aguda: "O Filho do Homem veio para dar sua vida em resgate de muitos." Vale a pena deter-se para ver o que as frias mãos da teologia têm feito com essa bela frase. "Jesus deu sua vida em resgate de muitos. Muito bem, então, a quem se pagou esse resgate?"

Para Orígenes não resta nenhuma dúvida de que esse resgate foi pago ao diabo. "Não se pôde pagar o resgate a Deus; de maneira que se pagou ao diabo que nos mantinha atados até que se entregasse o resgate, que era nada menos que a vida de Jesus." Gregório de Nisã viu o defeito flagrante dessa teoria. Põe o demônio no mesmo nível que Deus; significa que o demônio podia impor suas condições a Deus para libertar os homens. Como resultado disso Gregório de Nisã teve uma idéia estranha. Deus enganou o demônio. Enganou-o pela aparente impotência de Jesus; acreditou que Jesus não era mais que um homem, tratou de dominá-lo e, ao fazê-lo, perdeu seu poder e ficou destruído para sempre.

Gregório Magno levou a imagem mais longe e a um nível ainda mais grotesco e inclusive repugnante. Segundo ele, a encarnação foi um estratagema divino para caçar o grande leviatã. A deidade de Cristo foi o anzol; sua carne a isca de peixe; agitou-se a isca de peixe diante do leviatã e este a mordeu e ficou preso. O cúmulo do grotesco escandaloso e fantástico foi alcançado por Pedro Lombardo. Segundo ele, "A cruz foi uma armadilha para ratos (*muscipula*) para caçar o demônio, com o sangue de Cristo como isca."

É isto o que acontece quando os homens tomam a poesia do amor e tratam de convertê-la em teorias humanas. Jesus devia dar sua vida em resgate de muitos. O que significa isto? É muito simples. Os homens estavam encadeados pelo poder do mal com grilhões que não podiam romper; seus pecados os arrastavam para baixo, separavam-nos de Deus, faziam naufragar suas vidas para eles, para o mundo e para o próprio Deus. Agora, um resgate não é mais que algo que se entrega ou se paga para libertar a alguém de uma situação da qual não pode sair por seus próprios meios. De maneira que o significado desta frase é o seguinte:

Trazer Deus aos homens custou a vida e a morte de Jesus. Não há nenhuma razão para perguntar a quem se pagou o resgate. A única verdade, tremenda e poderosa, é que sem Jesus Cristo e sua vida de serviço e sua morte de amor, jamais teríamos encontrado o caminho que nos leva de volta ao amor de Deus. Jesus deu tudo para voltar a aproximar Deus dos homens, e nós também devemos seguir os passos daquele que amou ao máximo.

A RESPOSTA DO AMOR AO CHAMADO DA NECESSIDADE

Mateus 20:29-34

Aqui temos a história de dois homens que abriram caminho para um milagre. É por isso que é muito significativa porque descreve o espírito, a atitude mental e o coração ao qual são acessíveis os dons mais preciosos de Deus.

(1) Estes dois homens estavam esperando e quando chegou a oportunidade agarraram-na com as duas mãos. Sem dúvida tinham ouvido falar do poder maravilhoso de Jesus, e não resta dúvida que eles se perguntariam se esse poder poderia ser exercido sobre eles. Se o tivessem deixado passar, teriam perdido para sempre sua única oportunidade; mas quando esta lhes chegou a tomaram.

Há uma quantidade de coisas que se devem fazer em um momento determinado ou nunca serão feitas. Há uma quantidade de decisões que se devem tomar imediatamente, ou nunca serão tomadas. O momento de agir passa, o impulso para decidir se esfuma, há um momento para agir e um momento para decidir. Depois que Paulo terminou de pregar no Areópago, houve quem disse: “A respeito disso te ouviremos noutra ocasião” (Atos 17:32). Adiaram-na até uma ocasião mais propícia, mas freqüentemente acontece que a ocasião mais propícia nunca chegue.

(2) Estes dois homens não aceitavam ser defraudados. A multidão recebeu ordem para calar-se. Estavam fazendo um papel ridículo. Os rabinos da Palestina tinham o costume de ensinar enquanto caminhavam

pela estrada. Sem dúvida, quem estava ao redor de Jesus não podiam ouvir suas palavras pelo ruído que faziam estes dois homens, mas nada os deteria porque para eles era questão de ver ou não ver e não havia nada que pudesse impedi-los de obter seu objetivo. Acontece freqüentemente que nos sentimos facilmente desalentados quando tratamos de chegar à presença de Deus. O homem que não permite que nada o impeça de chegar a Cristo é quem por fim O encontra.

(3) Estes dois homens tinham uma fé imperfeita mas estavam dispostos a agir segundo a fé que tinham. Dirigiram-se a Jesus como o *Filho de Davi*. Isso queria dizer que acreditavam que era o Messias mas pensavam nEle em termos de poder real e terrestre. Era uma fé imperfeita, mas agiram de acordo com ela, e Jesus a aceitou. Por mais imperfeita que seja nossa fé, se houver fé, Jesus a aceita.

(4) Estes dois cegos não temeram apresentar um pedido muito importante. Eram mendigos, mas não pediam dinheiro; pediam nada menos que a visão. Nenhum pedido é demasiado grande para apresentá-lo a Jesus Cristo.

(5) Estes dois cegos eram homens agradecidos. Quando receberam o dom que tinham solicitado com ardor, não se afastaram jogando-o ao esquecimento; seguiram a Jesus. Há muitos que obtêm o que desejam, seja no material ou no espiritual, e logo se esquecem até de agradecer.

A ingratidão é o mais feio dos pecados. Estes cegos receberam de Jesus a visão e logo lhe entregaram sua lealdade agradecida. Jamais podemos devolver a Deus o que nos deu mas sempre podemos nos sentir agradecidos e lhe expressar nossa gratidão.

Mateus 21

[O começo do último ato do drama - Mat. 21:1-11](#)

[A intenção de Jesus - Mat. 21:1-11 \(cont.\)](#)

[A afirmação do Rei - Mat. 21:1-11 \(cont.\)](#)

[A cena no templo - Mat. 21:12-14](#)

[A ira e o amor - Mat. 21:12-14 \(cont.\)](#)

A sabedoria dos simples de coração - Mat. 21:15-17

O caminho da figueira - Mat. 21:18-22

Promessa sem cumprir - Mat. 21:18-22 (cont.)

A dinâmica da oração - Mat. 21:18-22 (cont.)

A ignorância conveniente - Mat. 21:23-27

O melhor dos filhos maus - Mat. 21:28-32

A vinha do Senhor - Mat. 21:33-46

Privilégio e responsabilidade - Mat. 21:33-46 (cont.)

O símbolo da pedra - Mat. 21:33-46 (cont.)

O COMEÇO DO ÚLTIMO ATO DO DRAMA

Mateus 21:1-11

Com esta passagem penetramos no último ato do drama da vida de Jesus; e é, em realidade, um momento trágico. Era a época da Páscoa, e tanto Jerusalém como seus arredores estariam lotados de peregrinos. Trinta anos depois um governador romano fez um censo dos cordeiros que se sacrificaram em Jerusalém e descobriu que a cifra se aproximava do quarto de milhão. Agora, a regulamentação de Páscoa exigia que devia haver um grupo mínimo de dez pessoas para cada cordeiro. Se as cifras forem exatas, significa que durante a Páscoa mais de dois milhões e meio de pessoas se dirigiam a Jerusalém. A lei estabelecia que todo varão adulto que vivesse dentro de um raio de trinta quilômetros de Jerusalém devia assistir a Páscoa. Mas não eram só os judeus da Palestina quem assistia a maior das celebrações nacionais. Acudiam judeus provenientes de todos os rincões do mundo. Jesus não pôde ter escolhido um momento mais dramático; entrou em uma cidade que era um enxame de pessoas, cheias de expectativas religiosas.

Tampouco se tratava de uma decisão repentina, tomada nesse momento. Era algo que Jesus tinha preparado de antemão. Todo o tom do relato demonstra que estava cumprindo planos que tinha preparado com antecedência. Enviou os discípulos à aldeia para buscar o jumento e seu jumentinho. Mateus só menciona a Betfagé. Mas Marcos menciona

também Betânia (Marcos 11:1). Sem dúvida a aldeia era Betânia. Jesus já teria conseguido que o jumento e o jumentinho o estivessem esperando, porque sem dúvida teria muitos amigos em Betânia. A frase "O Senhor precisa deles", era a contra-senha mediante a qual o dono sabia que tinha chegado a hora estabelecida por Jesus, certamente, com antecipação.

Assim, pois, Jesus cavalgou para Jerusalém. O fato que jamais ninguém tivesse montado o jumentinho o fazia particularmente propício para fins sagrados. A "vaca alazã" que se empregava nas cerimônias de purificação devia ser um animal "sobre a qual não se pôs jugo" (Números 19:2; Deut. 21:3); o carro sobre o qual se transportava o arca do Senhor devia ser um vínculo que nunca se usou antes (1 Samuel 6:7). O caráter sagrado e peculiar do momento ficava sublinhado pelo fato de que ninguém tivesse cavalgado antes sobre o jumentinho.

A multidão recebeu a Jesus como se fosse um rei. Tenderam seus mantos em seu caminho. Isso foi o que fizeram os amigos de Jeú quando foi proclamado rei (2 Reis 9:13). Cortaram e agitaram os ramos de palmeiras. Isso foi o que fizeram quando Simão Macabeu entrou em Jerusalém depois de uma de suas vitórias mais notáveis (1 Macabeus 13:51).

Deram-lhe as mesmas boas-vindas que a um peregrino porque a saudação "Bendito o que vem em nome do SENHOR" (Salmo 118:26) era a saudação que se dava aos peregrinos quando chegavam para a festa.

Exclamaram "Hosana!" Devemos estar seguros do que significa esta palavra. *Hosana* significa salve agora! E era o grito de desespero que usava o povo desamparado para dirigir-se a seu rei ou a seu deus. Em realidade, a exclamação do povo é uma espécie de citação do Salmo 118:25: "Oh! *Salva-nos*, SENHOR, nós te pedimos." A frase "Hosana nas maiores alturas!" deve significar "Que os anjos nas maiores alturas do céu exclamem a Deus, salva-nos agora!"

Pode ser que a palavra *hosana* tenha perdido parte de seu significado original, e que, em certo sentido, converteu-se em uma

exclamação de boas-vindas, como "Salve!" Mas originariamente é o clamor de um povo para obter sua liberação em momentos difíceis; é o clamor de um povo oprimido a seu salvador e a seu rei.

A INTENÇÃO DE JESUS

Mateus 21:1-11 (continuação)

Podemos, pois, dar por sentado que as atitudes de Jesus nesta passagem estavam planejadas e as levou a cabo com premeditação. Ao agir como o fez seguia um método para despertar as consciências das homens que estava muito relacionado com o método dos profetas. Uma e outra vez na história religiosa de Israel quando um profeta sentia que suas palavras não faziam greta contra uma barreira de indiferença ou incompreensão, expressava sua mensagem por meio de uma ação simbólica que os homens não podiam deixar de ver e compreender.

Dos numerosos exemplos que o Antigo Testamento oferece podemos escolher dois dos mais conspícuos. Quando ficou manifesto que o reino não toleraria os excessos e extravagâncias de Roboão, e que Jeroboão estava indicado como o poder nascente, o profeta Aías, o silonita escolheu uma forma muito dramática de predizer o futuro. Vestiu-se com uma capa nova, saiu da cidade e se encontrou a sós com Jeroboão, tomou a capa nova e a rompeu em doze pedaços. Deu dez pedaços a Jeroboão e guardou dois. Mediante esta atitude muito gráfica expressou com toda clareza que dez das doze tribos estavam preparando uma rebelião em favor de Jeroboão e que só duas delas permaneceriam leais a Roboão (1 Reis 11:29-32). Aqui vemos a mensagem profética pronunciada por meio de uma ação dramática.

Quando Jeremias se convenceu que Babilônia estava a ponto de conquistar a Palestina a pesar do otimismo do povo, fez correias e canzís e os enviou a Edom, a Moabe, a Amom, a Tiro e ao Sidom, e pôs uma canga de madeira sobre seu próprio pescoço para que todos pudessem vê-lo. Mediante esta atitude dramática deixou sentado em forma muito

eloqüente que, segundo sua interpretação, a única coisa que os aguardava era a escravidão (Jeremias 27:1-6). E quando Hananias, o falso profeta com seu otimismo equivocado, quis demonstrar que considerava equivocada a pessimista profecia de Jeremias, tomou a canga de madeira do pescoço de Jeremias e a partiu (Jeremias 28:10-11). Os profetas tinham o costume de transmitir sua mensagem por meio de uma ação dramática quando consideravam que as palavras não eram suficientes. E não há dúvida que isso foi o que Jesus fez ao entrar em Jerusalém.

Há duas imagens por trás da atitude de Jesus.

(1) A imagem de Zacarias 9:9 em que o profeta viu o rei entrando em Jerusalém, humilde e cavalgando sobre um jumento e o jumentinho. De maneira que, em primeiro lugar, a atitude de Jesus é uma afirmação messiânica deliberada. Aqui Jesus estava oferecendo-se ao povo em um momento em que Jerusalém estava cheia de judeus de todo o país e de todo o mundo, e se oferecia como o Ungido de Deus. Já veremos o significado que Jesus deu a essa afirmação, mas não há a menor dúvida de que a fez.

(2) Pode ter havido outra intenção na mente de Jesus. Esta intenção não nos é evidente, mas é quase certo que pareceria algo muito claro à mentalidade judaica e, tal como se apresentam os acontecimentos, é bem possível que tenha existido. Um dos maiores desastres da história judaica tinha sido a captura de Jerusalém por parte do Antíoco Epifanes ao redor do ano 175 A. C. Antíoco estava decidido a fazer desaparecer o judaísmo e a implantar a forma de vida e o culto dos gregos na Palestina. Profanou o templo com toda deliberação, oferecendo sangue de porco no altar, fazendo sacrifícios ao Zeus olímpico e até convertendo as câmaras do templo em bordéis públicos. Foi nesse momento quando os macabeus se rebelaram contra ele e por fim recuperaram sua terra natal. Depois de um tempo Jerusalém foi reconquistada, reivindicou-se o templo, foi restaurado, foi purificado e se voltou a oferecer a Deus.

Em 2 Macabeus 10:7 lemos sobre o júbilo que imperava nesse dia: “Eis por que, trazendo tirsos e ramos vistosos, bem como palmas,

entoavam hinos Àquele que de modo tão feliz os conduzira à purificação do seu Lugar.” Esse dia o povo levava palmas e entoava seus salmos; é uma descrição quase exata da atitude da multidão que deu as boas-vindas a Jesus. Pelo menos é possível que Jesus soubesse disso e que tenha entrado em Jerusalém com a intenção de purificar a casa de Deus, tal como o fizera Judas Macabeu duzentos anos antes. De fato, isso foi o que Jesus fez. Pode ser que esteja dizendo, por meio de um símbolo dramático, não só que era o Ungido de Deus, mas que Ele também tinha vindo para purificar a casa de Deus dos abusos que profanavam tanto o templo como seu culto. Acaso não havia dito Malaquias que o Senhor viria de repente a seu templo (Malaquias 3:1)? E, em sua visão do juízo, não tinha visto Ezequiel que o terrível juízo de Deus começava pelo santuário (Ezequiel 9:6)?

A AFIRMAÇÃO DO REI

Mateus 21:1-11 (continuação)

Para concluir nossa análise deste incidente, vejamos o que nos mostra de Jesus. Mostra-nos três coisas.

(1) Mostra-nos a *coragem* de Jesus. Jesus sabia muito bem que entrava em uma cidade hostil. Por mais entusiasta que fosse a multidão, as autoridades o odiavam e tinham jurado eliminá-lo, e elas tinham a última palavra. Qualquer outro homem em sua posição teria considerado que a discricão era o melhor elemento de valor e, se tivesse decidido entrar em Jerusalém, o teria feito amparado pelas trevas da noite, e se teria mantido com toda prudência por ruas apartadas até chegar a um refúgio seguro. Mas Jesus entrou em Jerusalém em uma forma que o situava com toda intenção no próprio centro do cenário, e que para que todos os olhos se voltassem para ele. Cada uma das atitudes dos últimos dias de Jesus transparecem uma espécie de desafio magnífico e sublime. Aqui começa o último ato, com um aberto desafio às autoridades para que fizessem o pior.

(2) Mostra-nos a *afirmação* de Jesus sobre si mesmo. Mostra-nos sem dúvida alguma sua afirmação de que é o Messias de Deus, o Ungido de Deus; e muito provavelmente nos apresenta a afirmação de que é o purificador do templo e da casa de Deus. Se Jesus tivesse aceito afirmar que era um profeta, é muito possível que nunca teria tido que morrer. Mas ele só se sente satisfeito com o lugar supremo, quer tudo ou nada. Os homens devem reconhecê-lo como rei ou não recebê-lo absolutamente.

(3) Mas também nos mostra o *chamado* de Jesus. O que pedia não era o reinado do trono, e sim o do coração. Chegou em forma humilde e cavalcando sobre um asno. Devemos nos assegurar de que compreendemos o verdadeiro significado dessa ação. No Ocidente o asno é um animal desprezível, mas no Oriente pode ser um animal nobre. Os reis estavam costumavam cavalgar sobre asnos, mas quando o faziam sempre significava que *chegavam em som de paz*. O cavalo era sinal de guerra, o asno de paz. De maneira que quando Jesus afirmou que era rei, afirmou que era o rei da paz. Demonstrou que não devia destroçar, e sim amar; não a condenar, e sim ajudar; não com o poder das armas, e sim com a força do amor.

De maneira que nesta mesma cena vemos a coragem de Jesus, sua afirmação sobre si mesmo e seu amor. Era o último chamado aos homens para que lhe abrissem, não seus palácios, e sim seus corações.

A CENA NO TEMPLO

Mateus 21:12-14

Se a entrada em Jerusalém tinha sido um desafio, aqui vemos outro desafio acrescentado ao anterior. Para ver como se desenvolve esta cena ante nossos olhos devemos visualizar a imagem do templo. No Novo Testamento há duas palavras que se traduzem como *templo*, e é uma tradução correta, mas há uma diferença clara entre ambas.

O templo mesmo se chama *naos*. Era um edifício relativamente pequeno e continha o lugar santo e o santíssimo ao qual só podia entrar o sumo sacerdote, e nada mais que no Dia da Expição. Mas a *naos* estava rodeada por um amplo espaço ocupado por pátios sucessivos e ascendentes. Em primeiro lugar estava o *Pátio dos gentios* onde podia entrar qualquer um e mais à frente do qual não podia ir nenhum gentio sem tornar-se réu de morte. Depois vinha o *Pátio das mulheres*, ao qual se penetrava pela porta Formosa; qualquer israelita podia entrar ali. Depois desse existia o *Pátio dos israelitas* ao qual se entrava pela Porta de Nicanor, uma porta grande de bronze de Corinto que necessitava vinte homens para abri-la e fechá-la. Neste pátio eram onde se reunia o povo para o culto. Por último vinha o *Pátio dos sacerdotes* onde só podiam entrar os sacerdotes. Ali estava o grande altar das oferendas, o altar do incenso, o candelabro de sete braços, a mesa do pão da proposição e a bacia de bronze; e atrás do qual estava a *naos*. Toda esta superfície, incluindo todos os pátios recebe o nome de *templo* em nossas traduções; a palavra grega é *hieron*. É melhor manter a distinção entre as duas palavras, usar a palavra *templo* para o templo em si, quer dizer, a *naos*, e designar a toda a superfície os *recintos* do templo, quer dizer, o *hieron*.

O cenário onde transcorre este incidente é o *Pátio dos gentios* ao qual podia entrar qualquer um. Sempre estava cheio de gente, mas na época da Páscoa, com peregrinos procedentes de todo o mundo, estaria lotado. Em qualquer momento se podiam ver gentios nesse lugar, porque o templo de Jerusalém era famoso no mundo inteiro até o ponto de que até escritores romanos o descreveram como um dos edifícios mais maravilhosos do mundo.

Neste pátio dos gentios se desenvolviam dois tipos de comércio. Por um lado, havia o câmbio de moedas. Todos os judeus deviam pagar ao templo um imposto do meio siclo e o pagamento devia fazer-se perto da Páscoa. Um mês antes se armavam casinhas em todas as cidades e aldeias onde se podia pagar o imposto, mas depois de uma data determinada, só o podia pagar no próprio templo. E ali era onde o pagava

a grande maioria dos peregrinos judeus do resto do mundo. Este imposto era preciso pagá-lo por um certo tipo de moedas, embora para qualquer outro fim todas as moedas eram aceitas na Palestina. Não se podia pagar em lingotes de prata, e sim em dinheiro selado; não se podia pagar com moedas de uma liga de qualidade inferior ou em moedas com defeitos, e sim em moedas de prata de alta qualidade. Podia-se pagar em siclos do santuário, nos meios siclos da Galiléia e, em especial em dinheiro de Tiro que tinha um valor muito alto. A tarefa dos cambistas era trocar o dinheiro que não servia como dinheiro apropriado para o pagamento do imposto.

Aparentemente, tratava-se de uma tarefa muito necessária. Mas o problema era que estes cambistas cobravam o equivalente de um vigésimo de centavo de dólar por cambiar qualquer tipo de moeda, e se a moeda que recebiam equivalia a mais do meio siclo, cobravam outro vigésimo por entregar o câmbio. Quer dizer que o peregrino não só devia pagar seu meio siclo – que valia ao redor de dois centavos e meio de dólar – e sim outros dois vigésimos de centavo pelo imposto ao câmbio. E tudo isto deve avaliar-se tendo em conta que o salário de um trabalhador era de ao redor de quatro vigésimos de centavo de dólar por dia. Esta tarifa extra se chamava *qolbon*. Nem tudo ia para os bolsos dos cambistas: uma parte se classificava como oferendas voluntárias; outra parte servia para consertar as estradas; outra parte se destinava a comprar as pranchas de ouro com que se pensava recobrir todo o templo, a *naos*, e outra parte chegava de algum modo ao tesouro do templo. O procedimento em si não era necessariamente um abuso, mas o problema era que se prestava ao abuso. Prestava-se para a exploração dos peregrinos que chegavam ao templo para adorar a seu Deus, e não há a menor dúvida de que os cambistas tiravam uma grande vantagem de sua função.

A venda de pombas era algo pior ainda. Para a maior parte das visitas ao templo se necessitava algum tipo de oferenda. As pombas, por exemplo, eram necessárias quando uma mulher ia purificar-se depois de

ter dado à luz, ou quando um leproso ia fazer comprovar e certificar sua cura (Levítico 12:8; 14:22; 15:14-29). Era muito fácil comprar animais para o sacrifício fora do templo, mas qualquer animal que se oferecesse não devia ter o menor defeito. Havia inspetores oficiais para os animais e com certeza que rechaçariam o animal adquirido fora do templo e indicariam ao fiel que fosse comprá-los nos postos e casinhas do templo. Não haveria nenhum problema se os preços fossem os mesmos dentro e fora do templo, mas um casa de campo de pombas podia custar menos de um centavo de dólar fora do templo e quase um dólar e meio dentro do templo. tratava-se de um abuso muito antigo.

Havia um rabino chamado Simon Ben Gamaliel a quem se recordava com gratidão porque "fazia com que se vendessem as pombas por moedas de prata e não de ouro." É evidente que atacou o abuso. Além disso, os postos em que se vendiam as vítimas para o sacrifício se chamavam Bazares de Anás, e pertenciam à família do sumo sacerdote Anás. Aqui tampouco se tratava de um abuso em si mesmo. Deve ter havido muitos comerciantes honestos e compreensivos. Mas o abuso surgia com facilidade e rapidez.

Burkitt pode dizer que "o templo se converteu em um lugar de reunião de patifes", o pior tipo de monopólio comercial e de interesses criados. Sir George Adam Smith pode escrever: "Nessa época todos os sacerdotes devem ter sido comerciantes." Apresentavam-se todas as facilidades para que se desenvolvesse uma exploração desavergonhada e inescrupulosa dos peregrinos pobres e humildes; e essa exploração foi a que provocou a ira de Jesus.

A IRA E O AMOR

Mateus 21:12-14 (continuação)

Para ser justos, há muito poucas passagens no relato evangélico em que devemos fazer um esforço mais consciente e deliberado do que nesta. É muito fácil esgrimir esta passagem para condenar em forma total

todo o culto do templo. Devemos esclarecer duas coisas. Havia muitos comerciantes e homens ruins nos pátios do templo, mas também havia muitas pessoas com o coração posto em Deus. Nunca é justo tomar um sistema em sua pior manifestação e julgá-lo mal; como disse Aristóteles faz já muito tempo, os homens e as instituições devem ser julgados em seu melhor aspecto e não no pior. E a outra coisa que devemos dizer é o seguinte: que a pessoa, e a igreja que não tenha pecado atire a primeira pedra. Tampouco todos os comerciantes eram exploradores, e até os que aproveitavam a oportunidade de tirar um benefício fácil não eram todos agiotas.

Aquele grande estudioso judeu, Israel Abraham, fez um comentário sobre o tratamento muito comum entre os cristãos desta passagem. Em tal comentário fala com dignidade sobre a fé de seu povo e menciona certas coisas que acontecem na atualidade na igreja *cristã* do Santo Sepulcro em Jerusalém. "Quando Jesus expulsou os cambistas e os vendedores de pombas do templo, fez um serviço ao judaísmo... Mas acaso eles eram os únicos que visitavam o templo? E todos os que compravam ou vendiam pombas eram meros formalistas? No ano passado visitei Jerusalém na Páscoa e ao longo da fachada da Igreja do Santo Sepulcro vi os quiosques dos vendedores de relíquias sagradas, de contas pintadas, cintas com inscrições, velas de cores, crucifixos decorados e garrafas com água do Jordão. Ali estes cristãos tagarelavam, gesticulavam e regateavam, uma multidão de compradores e comerciantes em frente da igreja consagrada à memória de Jesus. E eu pensei: Oxalá viesse Jesus para expulsar a estes falsos servos dEle como expulsou a seus falsos irmãos em Israel há muitos anos." Nestes assuntos, nem sequer a Igreja cristã está livre de culpa.

Mas este incidente nos mostra certas coisas a respeito de Jesus.

(1) Mostra-nos que uma das manifestações mais furiosas de sua ira se dirigiu contra aqueles que exploravam a seu próximo, e em especial contra quem o fazia em nome da religião. Foi Jeremias quem disse que os homens tinham convertido o templo em um covil de ladrões (Jeremias

7:11). Jesus não podia ver a exploração das pessoas humildes para tirar algum benefício. Mais de uma vez, a Igreja permaneceu em silêncio em uma situação semelhante. A Igreja tem a obrigação de proteger àqueles que não podem fazê-lo por si mesmos em uma situação econômica altamente competitiva.

(2) Mostra-nos que sua ira se dirige de maneira particular contra aqueles que **impedem as pessoas simples de adorar na casa de Deus.** Isaías foi quem disse que a casa de Deus era uma casa de oração para todas as povos (Isaías 56:7). Devemos assinalar que, de fato, o Pátio dos gentios era a única zona do templo onde podiam entrar os gentios. Não devemos pensar que todos eles foram olhar com ânimo de turistas. Alguns, pelo menos, devem ter ido com um desejo profundo em suas almas de adorar e orar para chegar a encontrar a Deus. Mas a oração era impossível nessa barafunda de compra, venda e regateio e público leilão. Aqueles que procuravam a presença de Jesus encontravam o caminho obstaculizado pelo próprio povo da casa de Deus. Deus jamais considerará inocentes os que não permitem que outros adorem a Deus.

E isso pode acontecer até agora. Um espírito de amargura, de discussão, de luta pode invadir uma igreja e fazer com que a oração seja impossível. Homens e dignitários podem chegar a preocupar-se tanto por seus enganos e acertos, sua dignidade, seu prestígio, suas práticas e procedimentos, que no final ninguém pode adorar a Deus na atmosfera que se cria. Inclusive os ministros de Deus podem chegar a preocupar-se mais por impor seu estilo e seus costumes a uma congregação do que por pregar o evangelho, e o resultado é um serviço com um clima no qual se torna impossível toda verdadeira adoração. A adoração de Deus e as disputas dos homens nunca podem ir junto. Lembremos da ira de Jesus contra aqueles que obstaculizaram a aproximação a Deus da parte de seu próximo.

(3) Resta uma coisa mais. Nossa passagem termina com a imagem de Jesus curando os cegos e coxos no Pátio do templo. Estando ainda ali, Jesus não expulsou a todos. Só aqueles que tinham uma consciência

culpada escaparam diante da ira de Jesus. Os que precisavam dEle ficaram. Jesus nunca despede de mãos vazias os necessitados. E notemos um detalhe: a ira de Jesus nunca era exclusivamente negativa, sempre passava a ajudar em forma positiva àqueles que O necessitavam. No homem realmente grande a ira e o amor vão de mãos dadas. Exerce-se a ira contra aqueles que exploram os humildes e obstaculizam a quem procura a Deus; mas manifesta-se amor para com os muito necessitados. A força destrutiva do amor sempre deve ir de mãos dadas com o poder curativo do amor.

A SABEDORIA DOS SIMPLES DE CORAÇÃO

Mateus 21:15-17

Alguns estudiosos encontraram dificuldades nesta passagem. Afirma-se que é pouco provável que tenha havido muitos meninos no pátio do templo e que se estavam ali, a polícia do templo se ocupou deles com rapidez e eficácia se tivessem ousado gritar como a passagem diz que o faziam. Agora, em um momento anterior deste relato Lucas fala de um incidente no qual aparecem os discípulos clamando com gritos alegres a Jesus e onde se diz que as autoridades tratam de fazê-los calar (Lucas 19:39-40). De fato, com frequência era hábito chamar-se de meninos os discípulos de um rabino. Vemos, por exemplo, que a frase filhinhos aparece nos escritos de João. De maneira que se sugere que Lucas e Mateus relatam a mesma história, em realidade, e que os *meninos* ou *jovens* são os *discípulos* de Jesus.

Mas essa explicação é desnecessária. O uso que Mateus faz da citação do Salmo 8:2 deixa bem claro que está pensando em meninos em sentido literal e, de qualquer modo, nesse dia estavam acontecendo coisas que jamais tinham acontecido antes no pátio do templo. Nem todos os dias os cambistas e comerciantes tinham que sair correndo; tampouco se curava aos cegos e coxos todos os dias. Talvez

normalmente fosse impossível que os meninos gritassem nessa forma, mas este não era um dia qualquer.

Quando tomamos esta história tal como está e voltamos a ouvir as vozes claras e frescas dos meninos gritando seu louvor, deparamo-nos com uma grande verdade. Há verdades que só os simples de coração podem ver e que estão escondidas dos sábios, dos instruídos e dos sofisticados. Em mais de uma ocasião o céu está mais perto do menino que do mais sábio dos homens.

Conta-se que em uma ocasião, o famoso escultor Thorwaldsen modelou uma estátua de Jesus. Querendo saber se sua obra provocaria a reação correta no coração de quem a visse, trouxe um garotinho, fê-lo contemplar a estátua e lhe perguntou: "Quem você crê que é?" O menino a olhou e disse: "É um grande homem." E Thorwaldsen soube que tinha fracassado. De maneira que desfez sua primeira estátua e voltou a começar. Quando terminou voltou a levar a menino, pediu-lhe que a olhasse e lhe fez a mesma pergunta: "Quem você crê que é?" E o menino sorriu e respondeu: "Esse é Jesus, que disse: 'Deixem que os meninos venham a mim'." E Thorwaldsen soube que desta vez tinha obtido seu objetivo. Submeteu a estátua ao juízo dos olhos de um menino.

Tendo sido considerados todos os elementos, não se trata de um mau juízo. George Macdonald disse em uma ocasião que não dava nenhum valor ao suposto cristianismo de um homem em cuja porta ou jardim os meninos temiam jogar. Se um menino pensar que determinada pessoa é boa, o mais provável é que essa pessoa seja boa, e se um menino se afasta de alguém com temor, pode tratar-se de um personagem importante, mas por certo não se parece com Cristo.

Em algum lugar Barrie desenha a uma mãe que faz dormir a seu pequeno e o contempla quando está quase adormecido com uma pergunta sem formular no olhar e no coração: "Meu filho, agi bem hoje?" A bondade que resiste ao olhar claro do menino e que passa na prova de sua simplicidade, é uma bondade autêntica. É muito natural que

os meninos pudessem reconhecer a Jesus quando os eruditos estavam cegos.

O CAMINHO DA FIGUEIRA

Mateus 21:18-22

Há poucos leitores honestos da Bíblia que se atreveriam a negar que esta é possivelmente a passagem mais incômoda e difícil do Novo Testamento. Se for tomada ao pé da letra, sem questioná-la, mostra a Jesus em uma atitude que se choca com toda a idéia que temos sobre Ele. Trata-se, pois, de uma passagem à qual devemos nos aproximar com um desejo autêntico de descobrir a verdade que há por trás e com autêntica coragem para elaborar nossa interpretação.

Em primeiro lugar, devemos assinalar que Marcos também relata esta história em Marcos 11:12-14, 20-21. Em seguida notamos que há uma diferença fundamental entre as duas versões do relato. Na versão de Mateus a figueira se seca imediatamente: “E a figueira secou imediatamente.” Esse *imediatamente* significa *em seguida*. Por outro lado, na versão do Marcos não ocorre nada com a figueira em seguida; só na manhã seguinte, quando voltam a passar pelo mesmo caminho, os discípulos se dão conta de que se secou. Visto que existem estas duas versões do relato, pode-se deduzir que houve algum desenvolvimento e como a versão de Marcos é a mais antiga, deve ser a mais fiel aos fatos.

A fim de compreender esta história, é necessário entender os hábitos de crescimento das figueiras e a forma em que dão fruto. Na Palestina, a figueira era a árvore favorita. A imagem da Terra Prometida era a de uma “terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras” (Deut. 8:8). Romeiras e figos faziam parte do tesouro que levaram os espiões para demonstrar a fertilidade da terra (Núm. 13:23). A imagem de paz e prosperidade que aparece a cada momento no Antigo Testamento é a imagem de uma época na qual cada homem se sentará debaixo de sua própria vinha e sua própria figueira (1 Reis 4:25;

Miquéias 4:4; Zacarias 3:10). A imagem da ira de Deus mostra o dia em que Deus queimará e destroçará as figueiras (Salmo 105:33; Jeremias 8:13; Oséias 2:12).

A figueira é o símbolo da prosperidade, da fertilidade e da paz. A árvore em si é bonita; o tronco pode alcançar um metro de diâmetro. Alcança uma altura de quatro metros e meio a seis; e os ramos se podem estender em um diâmetro de sete metros e meio a nove. De maneira que se apreciava muito sua sombra. No Chipre, as casas têm suas figueiras na frente da porta; e Tristão, o viajante, conta-nos que mais de uma vez se refugiou debaixo da sua sombra e desfrutou de sua frescura em um dia de calor. É muito comum que as figueiras cresçam num lado dum poço de maneira que no mesmo lugar há água e sombra. Com muita freqüência a sombra da figueira fazia as vezes de habitação particular para a meditação e a oração, e é por isso que Natanael se sentiu surpreso de que Jesus o tivesse visto debaixo da figueira (João 1:48).

Mas o importante para a análise deste incidente é a forma em que a figueira dá seus frutos. A figueira é a única árvore que dá frutos duas vezes ao ano. A primeira colheita se forma sobre a madeira velha. A princípio da temporada os pequenos botões verdes aparecem nos extremos dos ramos. São denominados brotos e algum dia se converterão em figos, mas não podem ser comidos. Pouco a pouco as folhas e as flores vão se abrindo e o que é peculiar desta árvore é que está cheia de fruta, folhas e flores ao mesmo tempo; na Palestina isso acontece no mês de junho. Nenhuma figueira deu jamais frutos no mês de abril, pois é muito cedo. O processo se repete com a figueira nova, e a nova colheita aparece no mês de setembro.

Neste relato há duas coisas muito estranhas. Em primeiro lugar fala de uma figueira que estava cheia de folhas em abril. Jesus estava em Jerusalém na páscoa; esta festa se celebra em 15 de abril e o incidente que relata o evangelho aconteceu uma semana antes. O segundo elemento também é muito claro: Jesus procurava figos em uma árvore

onde não era possível que os houvesse. Marcos percebeu isso, porque diz: "Não era tempo de figos" (Marcos 11:13).

A dificuldade que apresenta esta história não é seu grau de probabilidade, e sim uma dificuldade *moral*, e se dá em dois sentidos. Em primeiro lugar, apresenta-se a Jesus condenando uma figueira por não fazer algo que não era capaz de fazer. A árvore não podia dar frutos na segunda semana de abril e, não obstante, vemos que Jesus a destrói por não fazer algo que era impossível que fizesse. Em segundo lugar, vemos que Jesus usa seu poder milagroso para seus próprios fins. Isso é justamente o que se negou a fazer definitivamente nas tentações do deserto. Não aceitou converter as pedras em pães para satisfazer sua fome. Jamais usaria seu poder em forma egoísta. A verdade nua é a seguinte: se tivéssemos lido a respeito de qualquer outra pessoa que condena uma figueira por não dar frutos em abril, teríamos dito que se tratava de uma atitude de irada petulância provocada por um desengano pessoal. Em Jesus, isso é inconcebível e incrível. De modo que deve haver uma explicação. Qual é?

Alguns encontraram a seguinte explicação. Em Lucas achamos a parábola da figueira que não dava fruto. O jardineiro pediu misericórdia duas vezes, e as duas vezes lhe foi concedida; no fim a figueira continuou sem dar frutos e foi destruída (Lucas 13:6-9). Ora, o curioso é que Lucas tenha a parábola da figueira estéril e não mencione este incidente da figueira que se secou. Mateus e Marcos registram este, mas não mencionam a parábola da figueira estéril. Tudo pareceria indicar que os evangelistas sentiram que se incluíam uma parte não era necessário incluir a outra. Não resta dúvida de que Lucas conhecia a parte em que se fala da figueira que se secou porque conhecia o evangelho de Marcos e o usou como apoio do dele. Portanto, sugere-se a parábola da figueira seca foi mal compreendida e ela foi transformada em um incidente quando deveria ter ficado como uma parábola. Houve uma confusão na qual se converteu *uma história que Jesus contou em uma ação que fez*.

Isto não é de modo algum impossível, mas nos parece que se deve procurar a explicação em outro lado. E agora passaremos a procurá-la.

PROMESSA SEM CUMPRIR

Mateus 21:18-22 (continuação)

Relembremos um costume profético judaico que Jesus conhecia e empregava. Quando estudamos a entrada de Jesus em Jerusalém vimos que os profetas estavam acostumados a recorrer a ações simbólicas. Quando sentiam que algo não seria assimilado, faziam algo dramático para que os homens compreendessem o ensino.

Agora, suponhamos que há uma ação simbólica desse tipo por trás desta história. Suponhamos que Jesus ia a caminho de Jerusalém. De um lado do caminho viu uma figueira cheia de folhas. Era perfeitamente legítimo que arrancasse os figos, se houvesse. A lei judaica o permitia (Deut. 23:24-25); e Thomson em *The Land and the Book* nos diz que até na atualidade qualquer pessoa pode fazer uso das figueiras que estão à beira do caminho. Jesus se aproximou da figueira sabendo muito bem que não podia ter figos e que havia algo que andava mal com ela. Podiam ter acontecido duas coisas. A figueira podia ter voltado para seu estado selvagem, como acontece com as rosas. Essas coisas aconteciam. Ou a figueira pode ter tido alguma doença. Uma figueira que estava cheia de folhas nos primeiros dias de abril estava doente. De maneira que Jesus a olhou e disse: "Esta árvore nunca dará frutos, secar-se-á." Eram as palavras de alguém que conhecia a natureza porque tinha vivido com ela. E, de fato, no dia seguinte ficou demonstrado que seu diagnóstico era correto. Agora, se esta foi uma atitude simbólica, seu propósito era ensinar algo. O que era que queria ensinar? Propunha-se ensinar duas coisas ao povo judeu porque o choque frontal entre Jesus e esse povo era iminente.

(1) Esta atitude simbólica ensinava que *a inutilidade atrai o desastre*. Essa é a lei da vida. Algo inútil, está no caminho da

eliminação. Tanto as coisas como as pessoas só justificam sua existência quando cumprem o objetivo para o qual foram criadas. A figueira era inútil, portanto estava condenada. Ora, o povo de Israel tinha começado a existir por uma só e única razão: para que dele surgisse o Filho de Deus, o Ungido de Deus. Tinha chegado, o povo não o tinha reconhecido, mais ainda, estava a ponto de crucificá-lo. O povo tinha fracassado em sua missão que era dar as boas-vindas ao Filho de Deus, portanto estava condenado. O fato de não cumprir o propósito de Deus conduz ao desastre em forma inevitável. Cada ser humano deste mundo é julgado de acordo a sua utilidade. Mesmo que uma pessoa esteja imóvel na cama, pode ser da maior utilidade por seu paciente exemplo e oração. Ninguém tem por que ser inútil, e o que o é se dirige para o desastre.

(2) Este incidente ensina que *a profissão sem a prática está condenada*. A árvore tinha folhas, isso indicava que teria figos, mas não os tinha, sua pretensão era falsa, de maneira que estava condenado. O povo judeu professava fé em Deus – acaso não era o povo escolhido e não era Deus seu Deus? Mas apesar de sua profissão de fé estava em busca do sangue do Filho de Deus, portanto, merecia a condenação.

A profissão sem a prática não era a maldição só dos judeus. Durante séculos foi a maldição da Igreja. G. T. Bellhouse cita um exemplo surpreendente extraído da autobiografia de Gandhi. Durante a primeira época de sua estada na África do Sul, em Pretoria, Gandhi se interessou no cristianismo. Assistiu vários domingos a uma igreja cristã, mas escreve: "Não me pareceu que a congregação fosse particularmente religiosa, não era uma reunião de gente devota, antes parecia ser um grupo de pessoas frívolas que assistiam a igreja para distrair-se e para cumprir um costume." Portanto, chegou à conclusão de que não havia nada no cristianismo que ele não possuísse e a Igreja cristã perdeu de ganhar Gandhi com conseqüências incalculáveis para a Índia, o Império Britânico e o mundo.

A profissão sem prática é algo do qual todos nós somos culpados, em maior ou menor grau. Faz um dano incalculável à Igreja cristã e está

condenada ao desastre porque produz uma fé que não pode fazer mais que secar-se.

Podemos crer que Jesus empregou a lição da figueira doente e degenerada para dizer aos judeus, e a nós, que a inutilidade atrai o desastre e que a profissão sem a prática está condenada. Sem dúvida esse é o sentido deste relato porque não podemos imaginar Jesus condenando em sentido literal e físico a uma árvore por não dar frutos em uma estação em que era impossível que os desse.

A DINÂMICA DA ORAÇÃO

Mateus 21:18-22 (continuação)

Esta passagem conclui com algumas palavras de Jesus a respeito da dinâmica da oração. Trata-se de palavras que é imprescindível entender corretamente. Se não forem bem interpretadas, só podem provocar desgosto; se forem bem entendidas, não podem senão comunicar poder.

Com essas palavras Jesus diz duas coisas. Diz que a oração pode mover montanhas e diz que se pedirmos com fé, receberemos. É evidente que não é preciso tomar estas promessas em sentido físico e literal. Nem Jesus mesmo nem nenhum outro removeu jamais uma montanha física, geográfica, por meio da oração. São inumeráveis as pessoas que oraram com uma fé apaixonada para que aconteça ou não aconteça algo, para que lhes seja concedido algo ou para que alguém não morra, e, no sentido literal do termo, sua oração não recebeu resposta. O que é então o que nos promete Jesus por meio da oração?

(1) Jesus nos promete que a oração nos dá a *capacidade de fazer*. A oração nunca é a escapatória fácil, nunca significa passar as coisas a Deus para que Ele as faça por nós. *A oração é poder*. A oração não significa pedir a Deus que faça algo, e sim lhe pedir que, por meio de seu poder, nos faça capazes de fazê-lo. A oração não significa seguir o caminho fácil, mas sim é a forma de receber o poder para escolher o caminho mais difícil. A oração é o canal através do qual recebemos o

poder para enfrentar e tirar as montanhas de dificuldades por nossos próprios meios, com a ajuda de Deus. Se a oração não fosse mais que um método para fazer com que alguém nos faça as coisas, seria alguma coisa muito má para nós porque nos converteria em seres preguiçosos, folgazões e ineficientes. A oração é o meio pelo qual recebemos o poder de fazer as coisas por nós mesmos. Portanto, ninguém pode orar e depois sentar-se e esperar; deve orar e levantar-se e trabalhar. Mas descobrirá que, quando orou e depois se entregou ao trabalho, uma nova dinâmica entra em sua vida e que em realidade para Deus tudo é possível, e que com Ele o impossível se converteu em algo que se pode obter.

(2) A oração é a *capacidade de aceitar* e, ao aceitar, *de transformar*. O objetivo da oração não é libertar a alguém de uma determinada situação, e sim dar a capacidade de aceitar a situação e transformá-la. Há dois grandes exemplos no Novo Testamento. Um deles é o exemplo do *Paulo*. Orou com desespero para que Deus o libertasse do agulhão que tinha em seu corpo e da dor física que lhe provocava. Não foi libertado da situação, recebeu a capacidade de aceitá-la e nessa mesma situação encontrou a força que se aperfeiçoou em sua fraqueza e a graça suficiente para todas as coisas – e nessa força e nessa graça não só aceitou a situação, mas também a transformou em algo glorioso (2 Coríntios 12:1-10). O outro exemplo é o próprio *Jesus*. No Getsêmani rogou que dEle fosse passado o cálice, que fosse liberado da agonizante situação em que se encontrava. Esse desejo não se pôde satisfazer, mas nessa oração encontrou a capacidade de aceitar a situação e ao aceitá-la a transformou, porque a agonia da cruz o conduziu em forma direta à glória da ressurreição. Sempre devemos lembrar que a oração não nos liberta de uma determinada situação, mas sim a conquista. A oração não é um meio para escapar de uma situação, a não ser um meio para enfrentá-la com valentia.

(3) A oração dá *capacidade para suportar*. É muito natural e inevitável que, em nossa necessidade e com nosso coração e fraqueza humanos, haja coisas que sentimos que não podemos suportar. Vemos

que uma situação se desenvolve em uma determinada forma; vemos que algo trágico aproxima-se de maneira inevitável; vemos que se abate sobre nós uma tarefa que nos exigirá mais do que podemos dar. Em momentos assim, nosso sentimento inevitável é que não podemos suportar algo semelhante. A oração não faz desaparecer a tragédia, não nos dá uma escapatória, nem nos exime da tarefa, mas nos faz capazes de suportar o insuportável, de enfrentar o que nos é impossível, de passar o ponto de ruptura e não fracassar.

Enquanto consideremos a oração como uma forma de evadir problemas, a única coisa que obteremos será um amargo desengano. Mas quando vemos a oração como o caminho para a conquista e como a dinâmica divina, então começam a acontecer coisas.

A IGNORÂNCIA CONVENIENTE

Mateus 21:23-27

Quando pensamos nas coisas extraordinárias que Jesus esteve fazendo, não nos surpreende as autoridades judaicas lhe perguntarem que direito tinha de fazê-las. Perguntaram-lhe qual era sua autoridade e de onde a tinha recebido. Nesse momento, Jesus não estava disposto a lhes dar a resposta correta: que sua autoridade derivava do fato de que era o Filho de Deus. Se o tivesse feito, teria precipitado os acontecimentos. Havia coisas ainda por fazer e ensinamentos a repartir. Às vezes requer mais coragem medir o tempo e esperar o momento apropriado, que lançar-se sobre o inimigo e procurar o fim. Para Jesus, tudo devia ser feito no tempo de Deus; e o momento da crise final ainda não tinha chegado.

De maneira que enfrentou a pergunta das autoridades judaicas com outra pergunta que os punha em um dilema. Perguntou-lhes se todo o ministério do João vinha do céu ou dos homens, se sua origem era humana ou divina. Aqueles que foram batizar-se no Jordão respondiam a um impulso meramente humano ou a um desafio divino? O dilema das autoridades judaicas era o seguinte. Se diziam que o ministério de João

vinha de Deus, não tinham mais remédio que reconhecer que Jesus era o Messias, porque João tinha dado testemunho claro e inegável dessa realidade. Se Deus falava através de João, então não cabia a menor dúvida que Jesus era o Ungido de Deus. Por outro lado, se as autoridades negavam em forma clara que o ministério de João vinha de Deus, teriam que suportar a ira do povo, porque o povo estava convencido de que João era o mensageiro de Deus. Os sumos sacerdotes e anciãos judeus mantiveram silêncio por um momento. E depois deram a mais fraca das respostas. Disseram: "Não sabemos." Se alguma vez os homens se condenaram a si mesmos, foi nessa oportunidade. Deveriam ter sabido, tinham o dever de saber. Parte do dever do Sinédrio, do qual eram membros, era distinguir entre os falsos profetas e os verdadeiros, e nesse momento diziam que eram incapazes de estabelecer a diferença. Seu dilema os levou a uma humilhação vergonhosa.

Aqui enfrentamos uma advertência muito séria. Há algo que se chama a ignorância deliberada dos covardes. Se um homem consultar a *conveniência pessoal*, em lugar do *princípio*, sua primeira pergunta não será: "Qual é a verdade?", e sim: "O que convém dizer? E uma e outra vez sua veneração pela segurança o submeterá no silêncio covarde. Dirá com voz fraca: "Não sei a resposta", quando sabe muito bem, mas teme expressá-la. A verdadeira pergunta não é: "O que convém dizer?" e sim: "O que é o correto?"

A ignorância deliberada do medo, o silêncio covarde da conveniência, são coisas vergonhosas. Se a pessoa souber a verdade, tem a obrigação de dizê-la, embora caia o céu.

O MELHOR DOS FILHOS MAUS

Mateus 21:28-32

O significado desta parábola é tão claro como a água. Os líderes judeus são os que haviam dito que obedeceriam a Deus e então não o

fizeram. Os publicanos e as prostitutas são os que haviam dito que seguiriam seu próprio caminho e logo tomaram o caminho de Deus.

A chave para se compreender em forma correta esta parábola, é que não elogia a ninguém. Apresenta-nos a imagem de dois grupos humanos muito imperfeitos, nenhum dos quais era melhor que o outro. Nenhum dos dois filhos da parábola era o tipo de filho que alegraria a vida de seu pai. Ambos eram seres muito imperfeitos, mas o que no final obedeceu era mil vezes melhor que o outro. O filho ideal seria aquele que aceita as ordens de seu pai com obediência e respeito e as obedece ao pé da letra, sem questioná-las. Mas nesta parábola há verdades que vão muito além da situação em que foi relatada pela primeira vez.

Diz-nos que há duas classes de pessoas muito comuns neste mundo. Em primeiro lugar, está a pessoa cujas palavras são muito melhores que suas ações. São capazes de prometer algo, de fazer retumbantes afirmações de piedade e fidelidade, mas sua ação fica muito abaixo de suas palavras. Em segundo lugar estão aqueles cujas ações são muito superiores a suas palavras. Afirmam ser duros, severos e materialistas radicais, mas de algum modo são vistos fazer coisas amáveis e generosas, quase em segredo, como se sentissem vergonha. Afirmam não sentir nenhum interesse pela Igreja e a religião, e entretanto, quando eles são vistos de perto, têm visão mais cristãs que muitos cristãos militantes.

Todos nós conhecemos este tipo de pessoas, aqueles cuja ação está muito longe da piedade santarrona que expressam suas palavras, e aqueles cuja ação está muito acima das afirmações às vezes cínicas e às vezes quase irreligiosas que fazem. O verdadeiro objetivo da parábola é assinalar que, enquanto se deve preferir mil vezes a segunda classe de pessoas, nenhuma das duas se aproxima nem remotamente da perfeição. O homem bom, em todo o sentido da palavra, é aquele cujas palavras e cuja ação estão de acordo.

Mais ainda, esta parábola nos ensina que as promessas jamais podem ocupar o lugar da ação e que as palavras altissonantes nunca servem de substituto das ações corretas. O filho que disse que iria e não

foi tinha toda a aparência externa da cortesia. Em sua resposta se dirigiu a seu pai com o título de "Senhor", com o maior respeito. Mas a cortesia que nunca vai além das palavras não deixa de ser uma ilusão. A verdadeira cortesia é a obediência, expressa com gentileza e boa vontade. Por outro lado, a parábola nos assinala que qualquer um pode arruinar com muita facilidade algo bom pela maneira como o faz. Pode fazer uma coisa correta com uma falta de bondade e amabilidade que arruína toda a ação.

Aqui aprendemos que o caminho que o cristão deve seguir é a ação e não a promessa e que o que destaca o cristão é a obediência que se entrega com amabilidade e cortesia.

A VINHA DO SENHOR

Mateus 21:33-46

De modo geral o princípio que se segue ao interpretar uma parábola é que cada parábola tem um só ensino e que se deve captar esse ensino sem sublinhar os detalhes. Em geral, quando se tenta buscar um sentido para cada detalhe cai-se no engano de tomar a parábola como se fosse uma alegoria. Mas no caso desta parábola acontece algo diferente. É uma parábola tão clara e transparente que os detalhes têm significado, e os sumos sacerdotes e fariseus sabiam muito bem o que Jesus lhes queria dizer com ela.

Cada detalhe do relato se apóia em algo que era muito conhecido por quem o ouvia pela primeira vez. A imagem da nação judia como a vinha de Deus era algo que os profetas empregavam com freqüência. "A vinha do SENHOR dos Exércitos é a casa de Israel" (Isaías 5:7). A cerca era um cerco cheio de plantas espinhosas cujo objetivo era proteger a plantação dos animais selvagens que podiam destroçar as vinhas e dos ladrões que podiam roubar as uvas. Cada vinha tinha seu lagar. Este constava de dois locais que podiam ser escavados na rocha ou construídos com tijolos. Um era um pouco mais alto que o outro e estava

conectado com o mais baixo por meio de um canal. As uvas se pisavam no local superior e o suco corria para o inferior. A torre tinha dois propósitos. Servia como observatório para cuidar para que não entrassem ladrões quando as uvas estavam por maturar, e também se usava para moradia de quem trabalhava na vinha.

Todas as atitudes do dono da vinha eram muito normais. Na época de Jesus, a Palestina era um lugar convulsionado onde as pessoas podiam permitir-se poucos luxos. De maneira que era muito usual que houvesse senhores que não viviam nas vinhas mas sim arrendavam suas terras e só se interessavam em cobrar o arrendamento a tempo. A renda se podia pagar de três formas. Podia-se pagar com dinheiro, com uma quantidade determinada de frutos, qualquer que fosse a plantação; ou se podia estabelecer um tanto por cento da colheita como pagamento.

A atitude dos lavradores tampouco era nada fora do comum. Na época de Jesus a Palestina fervia pelo descontentamento econômico. Os trabalhadores estavam desconformes e assumiam uma atitude rebelde e a atitude dos lavradores em tentar eliminar o filho não era algo impossível.

Como já dissemos, aqueles que ouviam a parábola podiam fazer as identificações necessárias com toda facilidade. Antes de analisá-la em detalhe, estabeleçamos esses elementos. A vinha é o povo de Israel, e o proprietário é Deus. Os lavradores são os líderes religiosos de Israel que estavam a cargo, por assim dizer, do bem-estar da nação, tarefa imposta por Deus. Os mensageiros enviados são os profetas, enviados por Deus e que tantas vezes foram rechaçados e justificados. O filho que foi no final não é outro senão o próprio Jesus. Assim, em um relato muito real, Jesus manifesta tanto a história como a condenação de Israel.

PRIVILÉGIO E RESPONSABILIDADE

Mateus 21:33-46 (continuação)

Esta parábola tem muito que nos dizer em três aspectos.

(1) Diz muito a respeito de Deus.

- (a) Fala-nos da *confiança* de Deus nos homens. O dono da vinha a confiou aos lavradores. Nem sequer exerceu sobre eles um controle policial. Foi e os deixou responsável pela tarefa. Deus concede aos homens a honra de lhes confiar sua tarefa. Cada tarefa que recebemos é algo que Deus nos manda fazer.
- (b) Fala-nos da *paciência* de Deus. O senhor enviou um mensageiro após outro. Não chegou com uma vingança fulminante ao vexarem e maltratarem o primeiro mensageiro. Deu uma após outra oportunidade aos lavradores para responder a seu chamado. Deus tolera os homens em sua pecaminosidade e não os destrói.
- (c) Fala-nos do *juízo* de Deus. No final, o senhor da vinha a tirou desses lavradores e a deu a outros. O juízo mais severo de Deus se manifesta quando nos tira das mãos a tarefa que queria que fizéssemos. O homem caiu ao nível mais baixo quando se converteu num inútil para Deus.
- (2) Tem muito a nos dizer a respeito dos homens.
- (a) Fala-nos do *privilégio* humano. A vinha estava equipada com todo o necessário – a cerca, o lagar, a torre – para aliviar a tarefa dos cultivadores. Isto lhes permitiria cumprir bem a tarefa. Deus não só nos dá uma tarefa para cumprir, também nos dá os meios para levá-la a cabo.
- (b) Fala-nos da *liberdade* humana. O senhor deixou que os lavradores fizessem a tarefa como quisessem. Deus não é um senhor tirânico; é como um comandante sábio que encarrega uma tarefa e confia em que aquele a quem a encarregou a levará a cabo.
- (c) Fala-nos da *responsabilidade* humana. A todos os homens chega o momento do balanço. Devemos responder pela forma em que cumprimos a tarefa que Deus nos confiou.
- (d) Fala-nos sobre o *caráter intencional do pecado humano*. Na parábola, os lavradores praticam uma deliberada política de

rebeldia e desobediência contra o senhor. O pecado é a oposição intencional contra Deus. É seguir nosso caminho com deliberação quando sabemos muito bem qual é o caminho de Deus.

(3) Tem muito a nos dizer sobre Jesus.

(a) Fala-nos do *direito de Jesus*. Esta parábola nos mostra a forma como Jesus se eleva com toda clareza acima da sucessão dos profetas. Quem veio antes dEle eram mensageiros de Deus, ninguém podia lhes negar essa honra, mas eram servos, mas Ele era o Filho. Esta parábola contém uma das afirmações mais claras de Jesus a respeito de seu caráter único e diferente, até dos maiores homens que o tinham precedido.

(b) Fala-nos sobre o *sacrifício de Jesus*. Esta parábola mostra com toda clareza que Jesus sabia o que tinha pela frente. No relato o filho morreu às mãos de homens perversos. Jesus jamais teve a menor dúvida a respeito do que tinha pela frente. Não morreu porque O obrigaram, encaminhou-se para a morte em forma voluntária e com os olhos bem abertos.

O SÍMBOLO DA PEDRA

Mateus 21: 33-46 (continuação)

Esta parábola termina com a imagem da pedra. Aqui nos encontramos com duas imagens.

(1) A primeira é bem clara. Trata-se da imagem de uma pedra que os edificadores desprezaram e que se converteu na pedra mais importante de todo o edifício. A imagem pertence ao Salmo 118:22: “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular.” Em sua origem, o salmista usou esta imagem para representar o povo de Israel. Israel era o povo descartado e rechaçado. Foram servos e escravos de muitas nações; entretanto, a nação que todos rechaçavam era o povo escolhido por Deus. Pode ser que os homens rechacem a Cristo,

que tratem de eliminá-lo, mas, entretanto, verão que esse Cristo a quem desprezaram é a pessoa mais importante do mundo. O imperador romano Juliano quis fazer retroceder o relógio. Quis eliminar o cristianismo e voltar a trazer os antigos deuses pagãos. Fracassou em forma total e no final o dramaturgo lhe faz dizer: "Empurrar a Cristo fora do posto supremo não era algo que eu pudesse fazer." O homem, da cruz se converteu em Juiz e Rei do mundo inteiro.

(2) Mas também temos aqui uma imagem mais difícil: a imagem de uma pedra que esmiúça o homem, se cair sobre ele, e que o quebranta se tropeçar contra ela. Trata-se de uma imagem composta.

Há três imagens de uma pedra no Antigo Testamento com as quais se constrói esta passagem. A primeira está em Isaías 8:13-15: "Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto. Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém. Muitos dentre eles tropeçarão e cairão, serão quebrantados, enlaçados e presos" A segunda passagem pertence a Isaías 28:16: "Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular." A terceira passagem está em Daniel 2:34, 44, 45 onde há uma estranha imagem de uma pedra que não é cortada com mãos e que destroça os inimigos de Deus. A idéia que está por trás de tudo isto é que no Antigo Testamento estão estas imagens de uma pedra e que todas elas se resumem em Jesus Cristo. Jesus é a pedra basal sobre a que se constrói todo o resto e a pedra angular que mantém tudo em seu lugar. Rechaçar seu caminho significa bater a cabeça contra as paredes da lei de Deus. Desafiá-lo significa, em última instância, morrer esmagado. Por mais estranhas que nos sejam estas parábolas, tratava-se de figuras muito conhecidas para qualquer judeu que conhecesse os profetas.

Mateus 22

[Alegria e juízo - Mat. 22:1-10](#)

[O escrutínio do Rei - Mat. 22:11-14](#)

O direito divino e o direito humano - Mat. 22:15-22

O Deus vivo de homens vivos - Mat. 22:23-33

Obrigação para com Deus e para com o homem - Mat. 22:34-40

Novos horizontes - Mat. 22:41-46

ALEGRIA E JUÍZO

Mateus 22:1-10

Os versículos 1-4 desta passagem não constituem uma parábola mas duas. Compreenderemos seu significado com maior facilidade e de maneira mais total se tomarmos separadamente. Os sucessos desta parábola são muito coerentes com os costumes judaicos normais. Quando se enviavam os convites para uma festa importante, como um casamento, não lhes punham data. Quando tudo estava preparado e disposto, enviava-se os servos a dizer aos convidados que fossem à festa. De maneira que fazia tempo que o rei desta parábola tinha enviado os convites, mas só quando tudo esteve preparado mandou chamar os convidados, e estes rechaçaram o último convite em forma ofensiva. A parábola tem dois significados.

(1) Um dos sentidos é totalmente local. Tratava de sublinhar o que já se havia dito na parábola dos lavradores maus. Uma vez mais, era uma acusação aos judeus. Os convidados a quem se convidou e que quando chegou o momento se negaram a assistir, representam os judeus. Muitos anos antes Deus os tinha convidado a ser seu povo escolhido; entretanto, quando o Filho de Deus veio ao mundo e foram convidados a segui-lo e aceitá-lo, rechaçaram o convite com altivez. O resultado foi que Deus enviou seu convite aos caminhos importantes e aos laterais. As pessoas dos caminhos representa os pecadores e aos gentios, que jamais tinham esperado um convite para entrar no Reino de Deus.

Tal como o via o evangelista, as conseqüências do rechaço do convite foram terríveis. Há um versículo da parábola que parece estar fora de lugar. E está fora de lugar porque não pertence à parábola

original, tal como Jesus a pronunciou, mas sim se trata de um comentário e interpretação por parte do autor do evangelho. Trata-se do versículo 7 que diz que o rei enviou seus exércitos contra aqueles que rechaçaram seu convite e queimou sua cidade. Esta introdução de exércitos e o incêndio da cidade parece, à primeira vista, completamente fora de lugar ao relacionar isso com um convite a uma festa de bodas. Mas lembremos quando Mateus escreveu o evangelho: ao redor dos anos 80 a 90 d. C.

O que tinha acontecido durante o período entre a vida de Jesus e a redação do evangelho? A resposta é: *a destruição de Jerusalém por parte dos exércitos de Roma*. No ano 70 d. C. Jerusalém foi destruída. O templo foi saqueado e incendiado, a cidade ficou devastada como se tivesse passado um arado. Havia caído um desastre total sobre aqueles que se negaram a reconhecer o Filho de Deus quando Ele veio. O autor do evangelho acrescenta como comentário as coisas terríveis que caíram sobre o povo que não quis seguir o caminho de Cristo. E, de fato, é uma realidade histórica muito simples que se os judeus tivessem aceito o caminho de Cristo e o tivessem percorrido com amor, humildade e espírito de sacrifício, nunca se teriam convertido no povo rebelde e guerreiro que provocou a ira vingadora de Roma quando esta já não pôde suportar suas maquinações políticas.

(2) Mas esta parábola também diz muitas coisas em um nível mais amplo.

(a) Lembra-nos que o convite de Deus é um convite a uma festa tão alegre como uma festa de bodas. O convite de Deus é um convite à alegria. Pensar no cristianismo como um escuro abandono de tudo o que produz alegria, felicidade e companheirismo na vida significa interpretar mal sua natureza. O cristão é convidado à alegria e se rechaça o convite, perde essa alegria.

(b) Lembra-nos que as coisas que convertem um homem em surdo para o convite de Cristo não são necessariamente más em si mesmas. Um dos homens foi a seu campo, outro a seus negócios. Não foram desfrutar uma aventura imoral. Foram ocupar-se com eficiência de seus negócios,

coisa que em si mesma é uma tarefa louvável. É muito fácil que um homem esteja tão ocupado com as coisas da vida que se esqueça dos assuntos da eternidade; que esteja tão preocupado pelas coisas visíveis que se esqueça das coisas que não se vêem; que escute com tanta insistência os chamados do mundo que não escute o convite suave da voz de Cristo. A tragédia da vida é que com muita freqüência as coisas que ocupam o segundo lugar impedem de aceder as que ocupam o primeiro; são as coisas boas em si mesmas as que obstruem o acesso às coisas supremas. O homem pode estar tão ocupado ganhando a vida que se esquece de construir sua vida. Pode estar tão ocupado com a administração e organização da vida que se esquece da própria vida.

(c) Lembra-nos que Cristo não nos chama tanto para vermos como seremos castigados, como para vermos o que é o que perdemos se não seguirmos seu caminho. Aqueles que não quiseram ir receberam um castigo, mas a verdadeira tragédia foi que perderam a alegria da festa de bodas. Se rechaçarmos o convite de Cristo, algum dia nossa maior dor não estribará no que sofremos, e sim no fato de nos dar conta das coisas preciosas que nos perdemos e sobre as quais nos enganamos.

(d) Lembra-nos que, em última instância, o convite de Deus é o convite da graça. Aqueles que foram recolhidos nos caminhos não tinham nenhum direito sobre o rei, jamais teriam podido esperar um convite à festa de bodas e muito menos podiam havê-la merecido. Chegou-lhes só pela hospitalidade generosa, aberta e cálida do rei. Foi a graça quem ofereceu o convite e quem reuniu os homens.

O ESCRUTÍNIO DO REI

Mateus 22:11-14

Esta é segunda das duas parábolas entrelaçadas nesta passagem. Já veremos que esta é uma parábola diferente mas, ao mesmo tempo, intimamente relacionada com a anterior à qual serve de ampliação.

Trata-se da história de um convidado que assistiu às bodas sem as vestimentas correspondentes.

Um dos aspectos interessantes da parábola é que vemos que Jesus toma uma história que seus ouvintes já conheciam e a emprega a seu modo. Os rabinos tinham dois relatos nos quais se falava de reis e vestimentas. A primeira parábola se refere a um rei que convidou a seus convidados a uma festa sem especificar a data e a hora exatas. Mas foi-lhes dito que deviam lavar-se, ungi-se e vestir-se para estar preparados quando fossem chamados. Os prudentes se prepararam e se vestiram logo e foram esperar às portas do palácio porque pensaram que na casa de um rei era possível preparar uma festa tão rápido que não teriam que aguardar muito. Os néscios acreditaram que levaria muito tempo fazer os acertos necessários e que veriam quando começassem a fazê-los e assim teriam tempo de vestir-se e ungi-se. De maneira que cada um foi à sua ocupação; o pedreiro aos seus tijolos, o oleiro à sua argila, o ferreiro à sua forja e continuaram o seu trabalho. Nesse momento chegou o chamado para assistir à festa. Os prudentes estavam preparados para sentar-se e o rei se alegrou com eles, e comeram e beberam. Chegou o dia em que o rei pediu que lhe devolvessem as vestes; tiveram que ficar fora, tristes e famintos, olhando a alegria que perderam. Essa parábola rabínica fala da obrigação de estar preparados para o chamado de Deus, e as vestimentas representam os preparativos que se devem fazer.

A segunda parábola rabínica relata que um rei confiou vestimentas reais aos cuidados de seus servos. Os prudentes tomaram as vestimentas, guardaram-nas com cuidado e as mantiveram em toda sua beleza. Os néscios usaram as vestimentas para ir trabalhar e desse modo as sujaram e arruinaram. Chegou o dia em que o rei pediu que lhe devolvessem as vestimentas. Os sábios as entregaram limpas e novas, de modo que o rei pôs as vestimentas em seu tesouro e os deixou ir em paz. Os néscios as entregaram manchadas e sujas. O rei ordenou que as vestimentas fossem entregues ao lavandeiro para que as limpasse e enviou os servos néscios para a prisão.

Esta parábola ensina que o homem deve entregar sua alma a Deus em toda sua pureza original; mas o homem que só pode entregar uma alma manchada recebe sua condenação. Sem dúvida Jesus pensava nestas duas parábolas quando relatou sua história. O que queria ensinar Jesus por meio desta parábola? Tal como a anterior, esta parábola também contém uma lição transitiva e local e outra universal e permanente.

(1) A lição local é a seguinte. Jesus acaba de dizer que para ter convidados em sua festa o rei enviou a seus mensageiros aos caminhos para reunir a todos os homens que encontrassem. Trata-se da parábola das portas abertas. Referia-se à forma em que se reuniria a gentios e pecadores. Esta parábola estabelece o equilíbrio necessário. É certo que as portas estão abertas para todos os homens, mas quando acodem devem levar consigo uma vida que trate de adequar-se ao amor que lhes foi dado. A graça não é só um dom: é uma responsabilidade muito séria. O homem não pode seguir levando a vida que levava antes de encontrar-se com Jesus Cristo. Deve vestir-se com uma nova pureza, uma nova santidade e uma nova bondade. A porta está aberta, mas não para que chegue o pecador e continue sendo o que era antes, mas sim para que se converta em um santo.

(2) Mas esta parábola também contém uma lição permanente. A forma em que o homem se aproxima de algo, manifesta o espírito em que o faz. Se formos visitar um amigo, não levamos as mesmas roupas que usamos na oficina ou no jardim. Sabemos muito bem que nosso amigo não se interessa pela roupa. Não se trata de que queiramos aparentar algo que não somos. Não é mais que uma amostra de respeito o ato de apresentar-nos em casa de nosso amigo na forma mais apresentável possível. O fato de que nos preparemos com antecedência para ir a sua casa é a forma em que demonstramos nosso afeto e estima para com nosso amigo. O mesmo acontece com a casa de Deus.

Esta parábola não tem nada a ver com a roupa que pomos para ir à Igreja; seu tema central é o espírito com que assistimos a casa de Deus. É

uma verdade profunda que o assistir à Igreja não deve converter-se jamais em uma espécie de desfile de modas. Mas há vestes da mente, do coração e da alma: a veste da expectativa, da penitência humilde, da fé, do respeito, e jamais devemos nos aproximar de Deus sem estas vestes.

Acontece com muita freqüência que vamos à casa de Deus sem nenhuma preparação prévia. Se todos os homens e mulheres de nossas congregações se aproximassem do templo dispostos à adoração, esta seria uma adoração autêntica – a adoração na qual e mediante a qual algo acontece no coração dos homens, na vida da Igreja e nos problemas do mundo.

O DEREITO DIVINO E O DEREITO HUMANO

Mateus 22:15-22

Até este momento vimos a Jesus, por assim dizer, em posição de ataque. Pronunciou três parábolas nas quais condenou com toda clareza os líderes ortodoxos judeus. Na parábola dos dois filhos (Mat. 21:28-32) os líderes judeus se apresentam sob a aparência do filho que não cumpriu a vontade de seu pai. Na parábola dos lavradores maus eles (Mateus 21:33-46) são os lavradores. Na parábola da festa do rei (Mat. 22:1-14) são os convidados condenados por terem rechaçado o convite. Agora vemos como os líderes judeus preparam o contra-ataque, e o fazem dirigindo a Jesus perguntas formuladas com muito cuidado. Formulam as perguntas em público, enquanto a multidão observa e ouve. Seu objetivo é conseguir que Jesus perca o respeito da multidão, condenando-se por suas próprias palavras diante do povo. Aqui temos, pois, a pergunta dos fariseus. Trata-se de uma pergunta formulada em forma ardilosa e inteligente. Palestina era uma região ocupada e os judeus estavam sob o poder do Império Romano. A pergunta é a seguinte: “É lícito pagar tributo a César ou não?” De fato, havia três impostos correntes que se deviam pagar ao governo romano.

Havia um imposto sobre a terra: devia-se pagar um dízimo do grão, e um quinto do azeite e do vinho que cada um produzia. Este imposto se pagava em espécie e em dinheiro. Havia o imposto sobre os rendimentos que representava um por cento das entradas de cada habitante. E havia um imposto do recenseamento: todo cidadão varão dos quatorze até os sessenta e cinco anos devia pagá-lo, assim como todas as mulheres dos doze até os sessenta e cinco; subia a um denário – ao que Jesus se refere como a moeda do imposto – e equivalia a pouco menos de um centavo de dólar; esta soma deve avaliar-se recordando que o salário comum de um trabalhador era algo menos de um denário por dia. O imposto de que trata esta parábola é este último.

A pergunta que os fariseus formulam apresenta um verdadeiro dilema a Jesus. Se dissesse que era ilícito pagar o imposto, imediatamente o denunciariam aos representantes do governo de Roma como uma pessoa sediciosa e sem dúvida seria detido. Se dissesse que era lícito pagá-lo, muitos perderiam a confiança nEle. O povo não resistia a pagar os impostos pelas mesmas razões que o faz todo mundo; rechaçavam-no ainda mais por razões religiosas. Para o judeu o único rei era Deus, seu país era uma teocracia, o fato de pagar um imposto a um rei terrestre equivalia a reconhecer a validade de sua dignidade real e, portanto, insultar a Deus. De maneira que os mais fanáticos entre os judeus insistiam em que qualquer imposto que se pagasse a um rei estrangeiro era necessariamente injusto. Seja como for que Jesus respondesse, segundo a opinião de quem lhe formulava a pergunta, ficava exposto a algum problema.

A gravidade do ataque fica demonstrada pelo fato de que os fariseus e os herodianos se uniram para perpetrá-lo, pois normalmente estes dois partidos eram inimigos. Os fariseus eram os ortodoxos mais intransigentes, que rechaçavam o pagamento do imposto a um rei estrangeiro porque quebrantava o direito divino de Deus. Os herodianos eram o partido de Herodes, rei da Galiléia, que devia seu poder aos romanos e que trabalhava para eles. Em realidade, fariseus e herodianos

eram companheiros muito estranhos; esqueceram suas diferenças por um momento em um ódio comum para com Jesus e num desejo comum de eliminá-lo. Qualquer que se empenhe em fazer as coisas a seu modo, seja este quem for, odiará a Jesus.

Esta questão de pagar os impostos tampouco era algo que revestisse um interesse meramente histórico. Mateus escrevia entre os anos 80 e 90 d. C. O templo tinha sido destruído no ano 70 d. C. Enquanto o templo existiu todo judeu tinha tido a obrigação de pagar o imposto de meio siclo ao templo. Depois da destruição do templo, o governo romano exigiu que se seguisse pagando o imposto ao templo de Júpiter Capitolino, em Roma. É óbvio que semelhante regulamentação seria um gole muito amargo para qualquer judeu. Durante o ministério de Jesus o assunto dos impostos era um problema muito sério; e seguiu sendo-o durante a primeira época da Igreja.

Mas Jesus era sábio. Pediu um denário, onde estava estampada a efígie do imperador. Na antiguidade, a cunhagem de moeda era um sinal de realeza. Logo que subia um rei ao trono, mandava cunhar suas próprias moedas. Do mesmo modo, um pretendente ao trono fazia cunhar suas moedas para dar amostras da autenticidade de seu caráter real. Essas moedas se consideravam propriedade do rei cuja imagem levavam. Jesus perguntou de quem era a imagem que estava na moeda. A resposta foi que se tratava da cabeça de César. "Muito bem", disse Jesus, "devolvam a César, é dele. Dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."

Com sua sabedoria sem par, Jesus jamais dava leis ou normas; é por isso que seus ensinamentos são universais e válidos para todos os tempos; sempre estabelece princípios. Neste caso estabelece um princípio muito sério e importante.

Todo cristão tem uma dupla cidadania. É cidadão do país onde vive. A esse país deve muitas coisas. Deve-lhe a segurança diante das pessoas sem lei que só um governo bem constituído pode proporcionar; deve ao Estado todos os serviços públicos. Para não dar mais que um exemplo

muito simples, há muito poucas pessoas que possuem a suficiente quantidade de dinheiro para ter um sistema de iluminação ou limpeza próprios. Estes são serviços públicos. Num Estado bem organizado o cidadão deve muito mais coisas ao governo: educação, serviços sociais, serviços de previdência no caso de desemprego ou velhice. Isto o faz estar em dívida. Visto que o cristão é um homem honrado, deve ser um cidadão responsável, e o fracasso como cidadão também significa um fracasso em seu dever como cristão. Qualquer país ou indústria em cuja administração os cristãos se recusem a participar e a deixem em mãos de pessoas egoístas, interessadas, parciais e não cristãs pode sofrer inumeráveis problemas. O cristão tem um dever para com César como pagamento por privilégios que o governo de César lhe outorga.

Mas o cristão também é um cidadão do céu. Há questões de consciência, de religião e de princípios nos quais o cristão é responsável diante de Deus. Pode ser que suas duas cidadanias jamais se choquem, não é preciso que o façam. Mas quando o cristão está convencido de que a vontade de Deus é que faça algo em particular, deve fazê-lo. Ou, pelo contrário, se está convencido de que algo vai contra a vontade de Deus, deve resisti-lo e não pode tomar parte nisso. Jesus não diz qual é o limite entre ambas as obrigações. Isso a consciência de cada um deve decidir. Mas o cristão autêntico, e esta é a verdade eterna que se afirma nesta passagem, é ao mesmo tempo um bom cidadão de seu país e um bom cidadão do reino de Deus. Não falhará em sua obrigação para com Deus, e tampouco em sua obrigação para com os homens. Como disse Pedro: “Temei a Deus, honrai o rei” (1 Pedro 2:17).

O DEUS VIVO DE HOMENS VIVOS

Mateus 22:23-33

Quando os fariseus terminaram de fazer seu contra-ataque, do qual se saíram muito mal, os saduceus continuaram a batalha. Não cabe a

menor dúvida de que os saduceus estavam encantados com a derrota dos fariseus porque seus pontos de vista eram diametralmente opostos.

Os saduceus não eram muito numerosos; mas eram a classe dominante, aristocrática e abastada. Os sumos sacerdotes, por exemplo, eram saduceus. Em política eram colaboracionistas; estavam dispostos a colaborar com o governo de Roma se com isso mantinham os seus privilégios. Quanto à sua forma de pensar, estavam dispostos a aceitar as idéias gregas. Em suas crenças judias eram tradicionalistas. Recusavam-se a aceitar a lei oral dos escribas que era de fundamental importância para os fariseus. Foram ainda mais longe: a única parte das Escrituras que aceitavam como lei era o Pentateuco, a Lei por excelência, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento. Não aceitavam de modo algum os profetas ou os livros poéticos como parte das Escrituras. Em forma particular, diferenciavam-se dos fariseus pelo fato de negarem completamente toda vida após a morte, crença sobre a qual insistiam os fariseus. De fato, os fariseus afirmavam que qualquer pessoa que negasse a ressurreição dos mortos estava separado de Deus.

Os saduceus sustentavam que a partir do Pentateuco, não se podia provar a doutrina da imortalidade. Os fariseus diziam que sim. É interessante ver as provas que os fariseus aduziam. Estes citavam Números 18:28 onde diz: “Deles dareis a oferta do SENHOR a Arão.” Trata-se de uma norma permanente, o verbo está no presente, portanto Arão vive! Citavam Deuteronômio 31:16: “Este povo se levantará”, e segue uma citação muito pouco convincente da segunda metade do versículo: “e se prostituirá, indo após deuses estranhos na terra!” Citavam Deuteronômio 32:39: “Eu mato e eu faço viver” Fora do Pentateuco citavam Isaías 26:19: “Os vossos mortos ... viverão.” Não se pode dizer que nenhuma das citações empregadas pelos fariseus seja muito convincente; e jamais se pôde extrair do Pentateuco um argumento válido para defender a ressurreição dos mortos.

Os fariseus sustentavam com toda certeza a ressurreição *do corpo*. Discutiam pontos corriqueiros: O homem ressuscitaria vestido ou nu? Se

ressuscitava vestido, o faria com as roupas com que tinha morrido ou com outras? Remetiam-se a 1 Samuel 28:14 (a adivinha de En-dor que ressuscita o espírito de Samuel diante do pedido do Saul) para demonstrar que os homens mantêm depois da morte a aparência que tinham neste mundo, inclusive sustentavam que os homens ressuscitam com os mesmos defeitos físicos com os quais e por causa dos quais morreram, do contrário não se trataria da mesma pessoa! Todos os judeus ressuscitariam na Palestina, a Terra Prometida, de maneira que afirmavam que debaixo da terra havia túneis pelos quais rodavam os corpos de judeus que haviam sido sepultados em outras terras, até chegar à Palestina. Os fariseus, pois, sustentavam como uma das doutrinas fundamentais a ressurreição do corpo após a morte; os saduceus a rechaçavam completamente.

Estes últimos formularam uma pergunta que, segundo eles, convertia em um absurdo a doutrina da ressurreição do corpo. Os judeus tinham um costume chamado o casamento por levirato. É muito duvidoso até que ponto era cumprido na prática. Se um homem morria sem descendência, seu irmão tinha a obrigação de casar-se com sua viúva e gerar filhos para seu irmão; a esses meninos eram considerados, do ponto de vista da lei, como filhos de seu irmão. Se o homem recusava categoricamente a casar-se com a viúva, ambos deviam ir ver os anciãos. A mulher devia desatar o sapato do homem, cuspir-lhe na cara e amaldiçoá-lo; a partir desse momento o homem vivia sob o estigma do rechaço (Deut. 25:5-10). Os saduceus citaram um caso deste tipo de casamento no qual sete irmãos se casaram sucessivamente com a mesma mulher e todos morreram sem deixar filhos, e logo perguntaram: "Quando chegar o momento da ressurreição qual será o marido desta mulher que se casou tantas vezes?" Trata-se, sem a menor dúvida, de uma pergunta sutil.

Jesus começou sua resposta estabelecendo um princípio: toda a questão surge a partir de um engano fundamental, o engano de pensar no céu em termos terrestres, e de pensar na eternidade em termos de tempo.

A resposta que Jesus dá é que qualquer pessoa que lê as Escrituras deve dar-se conta de que semelhante pergunta carece de pertinência, pois o céu não será uma mera continuação ou extensão deste mundo. Haverá relações novas e superiores que transcenderão em muito as relações físicas do tempo.

Em seguida Jesus passou a derrubar toda a posição dos saduceus. Estes sempre haviam sustentado que no Pentateuco não havia nenhum texto que se pudesse usar para provar a ressurreição dos mortos. Agora, qual é um dos títulos mais comuns para designar a Deus que se emprega no Pentateuco? “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.” Deus não pode ser Deus de homens mortos e cadáveres em decomposição. O Deus vivo deve ser o Deus dos homens vivos.

A posição dos saduceus ficou em pedacinhos. Jesus fazia o que os mais sábios dos rabinos não tinham podido fazer jamais. Tinha derrotado os saduceus a partir da própria Escritura, tinha-os vencido e tinha demonstrado que há uma vida após a morte e que não se deve pensar nela em termos terrestres. As multidões se sentiam maravilhadas diante de um homem que dominava uma discussão dessa maneira e os próprios fariseus apenas terão podido deixar de aplaudir.

OBRIGAÇÃO PARA COM DEUS E PARA COM O HOMEM

Mateus 22:34-40

Em Mateus, esta pergunta do escriba aparece como uma volta ao ataque da parte dos fariseus; mas em Marcos a atmosfera é diferente. Segundo a versão de Marcos (Marcos 12:28-34) o escriba não fez esta pergunta para pôr uma armadilha a Jesus. Ele a fez com um sentimento de gratidão porque Jesus tinha derrotado os saduceus e para demonstrar quão bem podia responder; e a passagem termina com uma união muito estreita entre o escriba e Jesus.

Podemos afirmar que aqui Jesus dá uma definição completa da religião.

(1) A religião consiste em amar a Deus. O versículo que Jesus cita pertence a Deuteronômio 6:5. Tal versículo formava parte do *Shema*, o credo básico e essencial do judaísmo, a oração com a qual começa, até o dia de hoje, todo culto judeu e o primeiro texto que todo menino judeu aprende de cor. Significa que devemos a Deus um amor total, um amor que domina nossas emoções, que dirige nosso pensamento, que é o motor de nossas ações. Toda religião começa com o amor que é uma entrega total da vida a Deus.

(2) O segundo mandamento que Jesus cita pertence a Levítico 19:18. Nosso amor a Deus deve manifestar-se em amor aos semelhantes. De fato, a única forma pela qual alguém pode demonstrar que ama a Deus é através de seu amor aos semelhantes. Mas devemos nos fixar na ordem em que aparecem os mandamentos; primeiro vem o amor a Deus e logo o amor aos semelhantes. Só quando amamos a Deus sentimos o desejo de amar os semelhantes.

O ensino bíblico sobre o homem não é que este seja um conjunto de elementos químicos, nem que forme parte de uma criação bruta, antes é feito à imagem de Deus (Gênesis 1:26-27). Essa é a razão pela qual o homem é digno de ser amado. De fato, a verdadeira base de toda democracia é o amor a Deus. Se tirarmos o amor a Deus podemos nos zangar com o homem indócil; podemos nos sentir pessimistas com o homem a quem não se pode melhorar; podemos nos tornar indiferentes para com o homem com mentalidade de máquina. A base do amor para com o homem se assenta com firmeza sobre o amor para Deus.

Ser autenticamente religioso é amar a Deus e amar o semelhante que Deus fez à sua imagem, e amar a Deus e aos semelhantes não com um sentimentalismo nebuloso, e sim com essa entrega total que se manifesta em devoção a Deus e serviço concreto aos homens.

NOVOS HORIZONTES

Mateus 22:41-46

Esta pode nos parecer uma das coisas mais escuras que disse Jesus. E pode que ser; entretanto, é uma de suas afirmações mais importantes. Mesmo que à primeira vista não possamos compreender todo o seu significado, percebemos a atmosfera de maravilha, assombro e mistério que a circunda.

Vimos uma e outra vez que Jesus se recusava a permitir que seus discípulos o proclamassem Messias até que lhes tivesse ensinado o que significava em realidade a condição messiânica. As idéias de seus discípulos sobre o Messias deviam experimentar uma mudança radical.

O título mais comum para designar ao Messias era *Filho de Davi*. Por trás dessa frase estava a expectativa de que algum dia chegaria um grande príncipe pertencente à linhagem de Davi, que derrotaria os inimigos do Israel e conduziria o povo a conquistar todas as nações. O mais comum era pensar no Messias em termos nacionalistas, políticos e militares, apoiando-se sobre noções de poder e glória. Este é outro intento da parte de Jesus de mudar essa idéia.

Jesus perguntou aos fariseus de quem criam ser filho o Messias; eles responderam como ele esperava que o fizessem. "Filho de Davi." Então Jesus cita o Salmo 110:1: "Disse o Senhor a meu Senhor: Assentate à minha direita." Todos aceitavam este texto como messiânico. O primeiro Senhor é Deus; o segundo é o Messias. Quer dizer que Davi chama Senhor ao Messias. Mas se o Messias é filho de Davi, como pode este chamar Senhor a seu próprio filho? Como podia ser?

O resultado evidente do interrogante é que *não é correto chamar filho de Davi ao Messias*. Não é o filho de Davi, é o Senhor de Davi, quando Jesus curou os cegos que O chamaram Filho de Davi (Mateus 20:30). Quando entrou em Jerusalém as multidões O aclamaram como Filho de Davi (Mateus 21:9). Aqui o que diz Jesus é o seguinte: "Não é suficiente chamar o Messias de Filho de Davi. Não é suficiente pensar

nEle como um príncipe da família de Davi e como um líder e conquistador de exércitos da Terra. Devem ir mais longe, porque o Messias é o *Senhor* de Davi." Qual é o sentido das palavras de Jesus? Só pôde querer dizer uma coisa: que a única definição verdadeira é chamá-lo *Filho de Deus*. *Filho de Davi* não é título adequado; o único título adequado é *Filho de Deus*. E, sendo assim, não se deve pensar no Messias em termos de conquista própria de Davi, e sim em termos de amor divino e sacrificial. De maneira que aqui, Jesus faz a maior das afirmações a respeito de Si mesmo. Com Ele não chegava o conquistador terrestre que repetiria os triunfos militares de Davi, e sim o Filho de Deus que demonstraria o amor de Deus sobre a cruz.

Deve ter havido muito poucos que compreenderam o sentido total das palavras de Jesus, mas quando Jesus falou até os de coração mais duro devem ter sentido o estremecimento que produz o mistério eterno. Experimentavam o sentimento incômodo e de admiração por ouvirem a voz de Deus e, por um momento, perceberam o próprio rosto de Deus neste homem Jesus.

Escribas e fariseus

Se alguém for em essência e por temperamento uma criatura irritável, mal-humorada e irascível, que se entrega em forma notória a ataques de ira apaixonada, sua ira não é nem efetiva nem impressionante. Ninguém presta a menor atenção à ira de um homem de mau humor. Mas quando uma pessoa se caracteriza por sua gentileza e modéstia, seu amor e bondade, e de repente estala em um ataque de ira, até a pessoa mais distraída se surpreenderá, e quererá saber o motivo. Essa é a razão pela qual a ira de Jesus é um espetáculo que produz um sentimento de admiração. Em muito poucas partes literárias encontramos uma condenação tão plena e sustentada como neste capítulo. Esta ira de Jesus se dirige contra os escribas e os fariseus. Antes de iniciar o estudo deste capítulo em detalhe, será conveniente ver o que representavam estes escribas e fariseus.

Os judeus tinham um sentido profundo e permanente da continuidade de sua religião, e a melhor forma de ver o que representavam os fariseus e os escribas é analisar o lugar que ocupavam neste esquema da religião judia. Os judeus repetiam uma frase: "Moisés recebeu a Lei e a entregou ou Josué, e Josué aos anciãos, e os anciãos aos profetas, e os profetas aos homens da Grande Sinagoga." Toda a religião judia se apóia, em primeiro lugar, sobre os Dez Mandamentos, logo sobre o Pentateuco, a Lei, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. A intenção da história dos judeus era fazer deles o povo da Lei. Como acontece com todas as nações, tinham tido seus sonhos de grandeza. Mas as experiências da história tinham dado uma direção peculiar a esse sonho.

Tinham sido conquistados pelos assírios, os babilônios, os persas, e Jerusalém tinha ficado devastada. Era evidente que não podiam ter proeminência no poder político. Mas embora o poder político era algo impossível, tinham a Lei, e para eles a Lei era a própria palavra de Deus, a coisa maior, a posse mais preciosa do mundo. Chegou o dia, em sua história, em que se reconhecia publicamente a preeminência da Lei e se produziu o que só podemos considerar como uma decisão consciente mediante o povo do Israel se converteu em um sentido único no povo da Lei. Sob Esdras e Neemias se permitiu que o povo voltasse para Jerusalém, que reconstruía a cidade destruída e reassumisse sua vida nacional. Quando isso se produziu, o dia em que Esdras, o escriba, tomou o livro da Lei, o leu ao povo e sucedeu algo que foi nada menos que uma dedicação nacional de um povo à observância da Lei (8:1-8).

A partir desse dia, o estudo da Lei se converteu na profissão suprema, e esse estudo foi confiado aos homens de Grande Sinagoga. Os homens que se dedicaram a estudar a Lei foram os *escribas*.

Já vimos como os grandes princípios da Lei se dividiram em milhares e milhares de pequenas normas e regulamentações (ver a seção sobre o Mateus 5:17-20). Vimos, por exemplo, que a Lei dizia que não se devia trabalhar no dia sagrado, e também vimos como os escribas se

empenharam para definir o trabalho, como estabeleceram a quantidade de passos que se podiam dar no sábadado, o peso da carga que se podia transportar, as coisas que se podia fazer e as que não se podia fazer. Quando se deu por terminada esta interpretação da lei por parte dos escribas, as regulamentações ocupavam mais de cinquenta volumes.

O retorno do povo a Jerusalém e a primeira dedicação da Lei ocorreram ao redor do ano 450 A. C. Mas os fariseus aparecem muito depois. Ao redor do ano 175 A. C., Antíoco Epifanes de Síria fez um intento de fazer desaparecer o religião judia e introduzir a religião, os costumes e as práticas gregas. Foi então que surgiram os fariseus como uma seita à parte. O nome significa os *separados*, e eram homens que dedicavam toda sua vida à observação cuidadosa e meticulosa de cada uma das regras e normas que os escribas tinham elaborado. Frente à ameaça dirigida contra o judaísmo se propunham consagrar toda sua vida à observação do judaísmo em sua forma mais elaborada, cerimonial e legalista. Eram homens que aceitavam a multidão e o número sempre crescente das regras e normas religiosas extraídas da Lei.

Nunca houve muitos fariseus. O número máximo terá sido uns seis mil. O fato concreto é que se alguém se propunha aceitar e obedecer cada norma da Lei, não ficaria tempo para nada mais. Tinha que separar-se, apartar-se da vida comum para observar a Lei.

De maneira que os fariseus eram duas coisas. Em primeiro lugar, eram legalistas devotos: para eles a religião era a observação de cada um dos detalhes da Lei. Mas em segundo lugar, e não se deve esquecer, eram homens completamente sinceros quanto à sua religião, porque ninguém podia aceitar a exigência quase impossível de levar uma vida como essa se não fosse sincero. De maneira que podiam desenvolver ao mesmo tempo todas as falhas do legalismo e todas as virtudes da entrega absoluta. Um fariseu podia ser um legalista dissecado ou arrogante ou um homem consumido por uma fervente devoção para Deus. O fato de dizer isto não é fazer um julgamento especificamente cristão sobre os fariseus, porque os mesmos judeus o diziam.

O *Talmud* distingue sete tipos diferentes de fariseus.

(1) O *fariseu exibicionista*. Era meticoloso em sua obediência da lei, mas sempre estava exibindo suas boas ações. Preocupava-se em ter uma reputação de pureza e bondade. É certo que obedecia a Lei, mas o fazia para que os homens o vissem.

(2) O *fariseu dilatatório*. Era o fariseu que sempre encontrava uma desculpa perfeita para adiar uma boa ação. Professava a crença dos fariseus mais estritos, mas sempre encontrava alguma desculpa para conseguir com que a prática ficasse muito aquém dos fatos. Falava muito, mas não dizia nada.

(3) O *fariseu ferido ou golpeado*. O *Talmud* falava dos fariseus que *se machucavam a si mesmos*. Recebiam esse nome pela seguinte razão. As mulheres ocupavam um lugar muito baixo na Palestina. Não se podia ver nenhum mestre estrito e ortodoxo falando com uma mulher em público, embora se tratasse de sua própria esposa ou sua irmã. Estes fariseus foram ainda mais longe; nem sequer se permitia olhar a uma mulher na rua. Para evitar vê-las, fechavam os olhos e dessa maneira se golpeavam contra as paredes, edifícios e qualquer outro obstáculo. machucavam-se e se feriam e esses ferimentos lhes proporcionavam uma reputação especial de extrema piedade.

(4) O fariseu a quem se descrevia como *mão de morteiro, corcunda*. Estes caminhavam com uma humildade tão ostentosa que eram dobrados como a mão dentro de um morteiro, ou como um corcunda. Eram tão modestos que nem sequer levantaban os pés do chão de modo que tropeçavam com qualquer obstáculo que encontravam no caminho. Sua humildade era uma forma de ostentação.

(5) O *fariseu que sempre fazia conta ou listas*. Este tipo de fariseu passava sua vida contando suas boas ações, sempre levava uma folha de crédito entre ele e Deus e acreditava que cada uma de suas boas obras aumentava um pouco a dívida de Deus para com ele. Para ele a religião sempre devia ser analisada como uma conta de lucros e perdas.

(6) O *fariseu tímido* ou *medroso*. Este vivia apavorado pelo castigo divino. De maneira que passava o tempo limpando a parte de fora da taça e o prato para parecer bom. Via a religião em termos de um juízo e a vida como uma contínua evasão aterrada desse julgamento.

(7) Por último, o *fariseu temente a Deus*. Este era o fariseu que amava a Deus em forma autêntica e que encontrava sua alegria na obediência à Lei de Deus, por mais dura e difícil que fosse.

Esta era a classificação dos fariseus que os judeus faziam, e devemos assinalar que havia seis maus contra um bom. Não seriam poucos os que ao ouvir a acusação que Jesus fez aos fariseus, estivessem de acordo com ele.

Mateus 23

Transformar a religião em uma carga - Mat. 23:1-4

A religião da ostentação - Mat. 23:5-12

Fechando a porta - Mat. 23:13

Missionários do mal - Mat. 23:15

A ciência da evasão - Mat. 23:16-22

O perdido senso da proporção - Mat. 23:23-24

A verdadeira pureza - Mat. 23:25-26

Decadência disfarçada - Mat. 23:27-28

A mancha do crime - Mat. 23:29-36

A resistência ao chamado do amor - Mat. 23:37-39

TRANSFORMAR A RELIGIÃO EM UMA CARGA

Mateus 23:1-4

Aqui vemos aparecer os primeiros esboços dos fariseus. Vemos a convicção judaica sobre a continuidade da fé. Deus deu a Lei a Moisés. Moisés a entregou a Josué, Josué a transmitiu aos anciãos, os anciãos a entregaram aos profetas, e os profetas a deram aos escribas e fariseus.

Não se deve pensar nem por um momento que Jesus elogia os escribas e fariseus com todas as suas regras e normas. O que diz é o

seguinte: "Na medida em que estes escribas e fariseus lhes ensinaram os grandes princípios da Lei que Moisés recebeu de Deus, devem obedecê-los." Quando estudamos Mateus 5:17-20 vimos quais eram estes princípios. Os Dez Mandamentos, apóiam-se sobre estes dois grandes princípios. Apóiam-se sobre a reverência: *reverência* para com Deus, para com o nome de Deus, o dia de Deus, os pais que Deus nos deu. Apóiam-se sobre o *respeito*: o respeito pela vida do homem, seus pertences, sua personalidade, e seu bom nome, e por si mesmo. Estes princípios são eternos, e na medida em que os fariseus e escribas ensinam a reverência a Deus e o respeito pelo homem, seu ensino é eternamente válido.

Mas toda a sua visão da religião tinha tido uma conseqüência fundamental. Fazia da religião um conjunto de milhares e milhares de regras e normas e por isso *a tinha transformado em uma carga insuportável*. Eis aqui a prova de toda apresentação da religião. Transforma-se a religião em asas para elevar o homem, ou em um peso para afundá-lo? Transforma-se a religião em uma alegria ou em algo deprimente? O homem recebe ajuda da religião ou esta o tortura? A religião leva o homem, ou ele tem que carregá-la? No exato momento em que a religião se transforma em uma multidão de cargas, proibições e interdições, deixa de ser uma religião autêntica.

Os fariseus não toleravam a mais mínima falta. Todo seu objetivo, confessado por eles mesmos, consistia em "construir uma cerca ao redor da Lei". Não afrouxavam nem tiravam uma só regra. Quando a religião se converte em uma carga, pode ser algum tipo de religião, porém não há a menor dúvida de que não é a cristã.

A RELIGIÃO DA OSTENTAÇÃO

Mateus 23:5-12

A religião dos fariseus se tornou quase inevitavelmente uma religião de ostentação. Se a religião consistir em obedecer inumeráveis

regra e normas, é fácil para qualquer um ver que os demais percebem quão bem cumpre suas obrigações e quão perfeita é sua piedade. Jesus escolhe algumas atitudes e costumes nos quais os fariseus manifestavam sua ostentação.

Usavam *filactérios* muito grandes. Em Êxodo 13:9 se diz a respeito dos mandamentos de Deus: “E isto será como sinal na tua mão e por frontais entre os teus olhos” (Êxodo 13:16; Deuteronômio 6:8; 11:18). A fim de cumprir este mandamento o judeu levava, e o faz até hoje, algo que chama *tetilin* ou *filactérios*; leva-os durante as orações. Usa-os todos os dias exceto no sábado e em festas especiais. São umas pequenas caixas de couro, uma das quais é posta ao redor do punho e a outra sobre a frente. A que se porta no punho é uma caixinha de couro com uma só divisão. Dentro dela coloca-se um cilindro de pergaminho no qual estão escritas as seguintes passagens das Escrituras: Êxo. 13:1-10; 13:11-16; Deut. 6:4-9; 11:13-21. A que se leva na frente é igual com a única diferença de que tem quatro divisões em lugar de uma. Em cada uma das divisões havia um rolinho com uma destas quatro passagens. A fim de chamar a atenção sobre si mesmo, o fariseu não só usava os filactérios, mas também as usava particularmente para demonstrar sua obediência exemplar e sua piedade incomparável.

Usam borlas exteriores. Em grego as borlas se chamam *kraspeda* e em hebreu *zizith*. Em Números 15:37-41 e em Deuteronômio 22:12 lemos que Deus mandou a seu povo que usasse franjas nas bordas de suas vestimentas para que ao vê-los lembrassem dos mandamentos de Deus. Estas franjas eram como borlas que se levavam nas quatro bordas do vestido exterior. Mais tarde foram levados na roupa interior e hoje subsistem no xale que o judeu piedoso usa durante suas orações. Era muito fácil fazer estas borlas de um tamanho muito grande de modo que se tornavam uma amostra ostentosa de piedade, que era usada, não para recordar os mandamentos de Deus, e sim para chamar a atenção para quem as portava.

Além disso, os fariseus gostavam que lhes dessem os postos especiais durante as refeições, à direita e à esquerda do anfitrião. Gostavam dos primeiros assentos na sinagoga; na Palestina os últimos assentos eram ocupados pelos meninos e as pessoas sem nenhuma importância; quanto mais adiante estava o assento, maior era a honra. Os assentos mais honoráveis eram os dos anciãos *de frente* para a congregação. Se alguém se sentava ali, todos viam que estava presente e, durante todo o serviço, podia adotar uma pose de piedade que a congregação não podia deixar de observar. Além disso, os fariseus gostavam que os chamassem Rabino e que os tratassem com o maior respeito. De fato, exigiam mais respeito do que se manifestava para com os pais porque, segundo eles, os pais dão a vida física, comum ao homem, mas seu mestre dá a vida eterna. Inclusive preferiam que os chamassem pai, como Eliseu chamava a Elias (2 Reis 2:12) e como eram conhecidos os pais da fé.

Jesus insiste em que o cristão deve recordar que só há um Mestre, que é Cristo, e só um Pai na fé, e esse pai é Deus.

Toda a intenção dos fariseus consistia em vestir-se e comportar-se de maneira a atrair a atenção. O objetivo do cristão consiste em desaparecer para que se os homens virem suas boas obras, não o glorifiquem a ele, e sim a seu Pai nos céus. Toda religião que gera a ostentação na aparência e o orgulho no coração é uma religião falsa.

FECHANDO A PORTA

Mateus 23:13

Os versículos 13-26 deste capítulo são a denúncia mais terrível e extensa do Novo Testamento. Aqui escutamos o que A. T. Robert chamou "os trovões da ira de Cristo". Como escreveu Plummer, estes ais são "como trovões em sua severidade incontestável, e como raios pela forma desapiedada em que esclarecem tudo... Iluminam ao golpear." Aqui Jesus dirige uma série de sete ais aos escribas e fariseus. Cada um

deles começa com: "Ai de vós!" A palavra grega que significa *ai* é *ouai*: fica difícil traduzi-la porque implica *ira* como *dor*. Trata-se de uma ira justa, mas é a ira que surge do coração que ama e está destroçado pela cegueira teimosa dos homens. Aqui não há apenas uma atmosfera de denúncia selvagem, mas também de azeda tragédia.

A palavra *hipócrita* aparece de vez em quando. Originariamente a palavra grega *hupokrites* significava *o que responde*; logo foi relacionada de maneira especial com a afirmação e a resposta, o diálogo no cenário, e é a palavra que se usa em grego para designar *ator*. Mais adiante chegou a significar ator no pior sentido da palavra, um *simulador*, alguém que desempenha um papel, alguém que põe uma máscara para esconder seus verdadeiros sentimentos, alguém que representa um determinado papel por fora enquanto em seu interior seus pensamentos e emoções são muito diferentes. Para Jesus, os escribas e fariseus eram homens que representavam um papel. O que queria dizer era o seguinte: Toda sua noção da religião consistia em obediências externas, o uso de borlas e filactérios muito complicados, a observância meticulosa das regras e normas da lei. Mas em seus corações alimentavam amargura, inveja, orgulho e arrogância. Para Jesus estes escribas e fariseus eram homens que, sob uma máscara de piedade muito elaborada, escondiam corações nos quais dominavam os sentimentos e emoções menos piedosos que se pudesse imaginar. E essa acusação é válida, em maior ou menor grau, para qualquer um que vive sob o suposto de que a religião consiste em observâncias externas e obras externas de qualquer tipo.

Há uma frase de Jesus que não está escrita que diz o seguinte: "Esconderam a chave do Reino." A condenação dos fariseus e escribas da parte de Jesus diz que eles não só não entraram no Reino, mas também fecharam as portas àqueles que procuravam entrar nele. O que Jesus quis dizer com essa acusação?

Devemos lembrar o que é o Reino. Já vimos (Mateus 6:10) que a melhor forma de imaginá-lo é pensar em uma sociedade sobre a Terra na

qual se faz a vontade de Deus com a mesma perfeição com que é feita no céu. Ser cidadão do Reino e fazer a vontade de Deus são uma e a mesma coisa. Os fariseus criam que fazer a vontade de Deus era cumprir milhares de regras e regulamentações corriqueiras; e nada podia estar mais longe de um Reino cuja idéia essencial é o amor.

Quando as pessoas tentavam entrar no Reino os fariseus lhes apresentavam estas regras e normas que era o mesmo que lhes fechar na cara a porta do Reino. Os fariseus preferiam sua própria idéia de religião à idéia de Deus sobre a religião. Esqueceram-se da verdade fundamental de que se alguém quer ensinar a outros deve primeiro ouvir a Deus. O mais grave perigo que todo professor ou pregador enfrenta é o de querer transformar seus próprios preconceitos em princípios universais, e o querer substituir a verdade de Deus por suas próprias idéias. Quando faz algo assim não é um guia, e sim uma barreira que impede a entrada ao Reino porque ao seguir um caminho errado, leva outros a errarem.

MISIONÁRIOS DO MAL

Mateus 23:15

Uma das características estranhas do mundo antigo é a repulsão e atração simultâneas que o judaísmo exercia sobre os homens. Não havia um povo mais odiado que o povo judeu. Seu separatismo, seu isolamento e seu desprezo por outros povos, granjeava esse ódio. De fato, cria-se que uma parte fundamental de sua religião era um juramento pelo qual jamais, sob nenhuma circunstância ajudariam a um gentio, nem sequer lhe dariam alguma indicação se perguntasse o caminho para algum lugar. Sua observância do sábado lhes granjeava uma reputação de vadiagem. Sua recusa em comer carne de porco fazia com que outros zombassem deles a ponto de murmurar que adoravam o porco como seu deus. O anti-semitismo era uma força real e universal no mundo antigo.

E entretanto, exercia uma certa atração. A idéia de um só Deus aparecia como algo maravilhoso a um mundo que acreditava em uma

multidão de deuses. A pureza e os valores éticos dos judeus fascinavam a um mundo submerso na imoralidade, em especial no que se referia às mulheres. Como resultado, muitos se sentiam atraídos pelo judaísmo. Mas essa atração se dava em dois níveis. Estavam aqueles aos quais chamava-se *tementes a Deus*. Aceitavam a idéia de um Deus único e a Lei moral dos judeus, mas não se interessavam no mais mínimo pela Lei cerimonial e não se circuncidavam. Havia muita gente assim; a via escutando e adorando em todas as sinagogas e foram o campo mais frutífero para a pregação do Paulo. São, por exemplo, os *gregos piedosos* da Tessalônica (Atos 17:4). Os fariseus se propunham converter a estes *tementes a Deus em partidários*. A palavra *partidário* vem do grego e significa *alguém que se aproximou*. O *partidário* era o converso que tinha aceito a Lei cerimonial e a circuncisão e se converteu em judeu em todo o sentido da palavra. Como acontece com muita freqüência, "os mais convertidos eram os mais pervertidos". Um homem que recém se converteu costuma transformar-se em um devoto fanatizado pela religião a que ingressou e muitos destes partidários eram mais fanáticos pela Lei judia que os próprios judeus.

Jesus acusou estes fariseus de ser missionários do mal. Era certo que os que se faziam partidários eram poucos, mas quando o faziam iam para o outro extremo. O pecado dos fariseus consistia em que não tratavam de aproximar as pessoas a Deus, e sim ao farisaísmo. Um dos perigos mais sérios que corre todo missionário é buscar converter as pessoas a uma seita em vez de a uma religião e que se preocupe mais por aproximar alguém a uma igreja que a Jesus Cristo.

O grande místico cristão da Índia, Premanand, diz algumas coisas em sua autobiografia sobre este sectarismo que tão freqüentemente desfigura ao assim chamado cristianismo. "Falo como cristão, Deus é meu Pai, a Igreja é minha Mãe. Cristão é meu nome, Católico meu sobrenome. Católico, porque pertencemos nada menos que à Igreja Universal. De maneira que, para que necessitamos outros nomes? Por que temos que lhe acrescentar anglicano, episcopal, protestante,

presbiteriano, metodista, congregacional, batista, etc., etc.? Estes temas nos separam, fazem-nos sectários, de mente estreita. Diminuem a alma."

Os fariseus não buscavam levar as pessoas a Deus, e sim à sua própria seita, o farisaísmo. Esse era seu pecado. E acaso desapareceu esse pecado do mundo quando em certos lugares ainda se insiste em que se deve abandonar uma igreja para ir a outra se a gente quer sentar-se à mesa do Senhor? A maior das heresias é a convicção pecaminosa de que uma igreja em particular tem um monopólio de Deus, ou da verdade de Deus, ou que alguma igreja em particular é a única porta de acesso à presença de Deus e a seu Reino.

A CIÊNCIA DA EVASÃO

Mateus 23:16-22

Já vimos que no que se refere aos juramentos, os judeus legalistas eram mestres da evasão (Mateus 5:33-37). O princípio geral da evasão era o seguinte. Para o judeu um juramento criava obrigação, sempre que fosse um juramento que obrigasse. Em termos gerais, um juramento que criava obrigação era aquele em que se empregava em forma clara e inequívoca o nome de Deus; era preciso cumprir um juramento desse tipo, custasse o que custasse. Qualquer outro tipo de juramento se podia romper com toda legitimidade. A idéia que sustentava esta prática era que se se empregava o nome de Deus, o introduzia como sócio no acordo e quebrar um juramento desse tipo não só era quebrantar a confiança dos homens mas também insultar a Deus.

Em todo caso, a ciência da evasão se elaborou a um grau muito alto. É muito provável que nesta passagem Jesus apresente uma caricatura dos métodos legalistas judeus. O que diz é o seguinte: "convertestes a ciência da evasão em uma arte tão sutil que se pode considerar que um juramento pelo templo não obriga, enquanto que o juramento pelo ouro do templo certamente obriga. E um juramento pelo altar não obriga, enquanto que o juramento pela oferenda que está sobre o altar sim cria

obrigação." É mais provável que isto deva ser considerado como uma *redução ao absurdo* dos métodos judeus, mais que como uma descrição literal desses métodos.

A idéia que está por trás desta passagem é a seguinte. Toda a idéia de tratar os juramentos desta maneira, toda a noção de uma espécie de técnicas da evasão, nasce de um engano básico. O homem autenticamente religioso jamais fará uma promessa com a intenção deliberada de não cumpri-la. Jamais se procurará, junto com a promessa, uma série de escapatórias para empregar em caso de descobrir que é muito difícil cumpri-la.

Não devemos condenar a ciência de evasão dos fariseus com um sentimento de superioridade. Ainda não passou o momento de alguém procurar fugir de uma obrigação, fazendo uso de algum tecnicismo, ou de que recorra no sentido mais literal da Lei para evitar o que o espírito dessa mesma lei lhe dita com a maior clareza.

Para Jesus, o princípio que criava obrigação era duplo: Deus ouve cada palavra que pronunciamos e vê cada um dos pensamentos secretos de nossos corações. De maneira que ouve as palavras e percebe todas as intenções. Em vista disso, o cristão deve ignorar por completo a arte da evasão. A técnica da evasão pode funcionar muito bem dentro do mundo, mas jamais pode adequar-se à franca honestidade da mentalidade cristã.

O PERDIDO SENSO DA PROPORÇÃO

Mateus 23:23-24

O dízimo era uma parte essencial das regulamentações religiosas judias. “Certamente, darás os dízimos de todo o fruto das tuas sementes, que ano após ano se recolher do campo” (Deut. 14:22). “Também todas as dízimas da terra, tanto dos cereais do campo como dos frutos das árvores, são do SENHOR; santas são ao SENHOR” (Lev. 27:30). O objetivo principal do dízimo era manter os levitas cuja tarefa era cumprir o trabalho material do templo. A Lei definia com maior clareza as coisas

pelas quais era preciso pagar um dízimo: "Tudo o que é comestível e se conserva e se nutre da terra pode ter que pagar dízimo." Estabelece-se: "Do endro se deve pagar o dízimo da semente, das folhas e dos caules." Estava estabelecido, pois, que todos deviam entregar um dízimo de sua produção a Deus.

Agora, o objetivo das palavras de Jesus é o seguinte: Aceitava-se em todas partes que se devia pagar um dízimo dos grãos mais importantes. Mas a hortelã, o endro e o cominho se semeavam nos pomares familiares e nunca se obtinha uma quantidade muito grande. Qualquer um semeava apenas um pouco destas ervas no jardim de sua casa, os três se usavam para cozinhar e o endro e o cominho tinham aplicações medicinais. Aplicar-lhes a lei do dízimo significava aplicar um imposto a uma colheita ínfima, possivelmente não muito mais que o produto de uma só planta. Só os exageradamente meticulosos aplicavam o dízimo às poucas plantas do pomar. Isso era justamente o que faziam os fariseus. Eram tão meticulosos com o dízimo que o aplicavam a um só raminho de hortelã. E entretanto, esses mesmos homens podiam ser culpados de cometer injustiças, eram duros, arrogantes e cruéis, e esqueciam a obrigação da misericórdia, eram capazes de fazer juramentos e promessas com a deliberada intenção de quebrantá-los e assim faziam caso omissos da fidelidade. Em outras palavras, obedeciam as pequenezes da Lei e esqueciam as coisas que realmente importam.

Esse espírito ainda não morreu; jamais morrerá até Cristo governar o coração dos homens. Há muitos homens que usam a roupa adequada para ir à igreja, são cuidadosos em suas ofertas, adotam uma atitude correta durante a oração, nunca faltam à celebração do sacramento mas que, em seu trabalho diário não são honestos, são irritáveis, mal-humorados e egoístas com seu dinheiro. Há mulheres que estão cheias de boas obras, participam de toda classe de comissões mas seus filhos sentem saudades pelas noites. Não há nada mais fácil que observar todas as atitudes exteriores da religião e, ao mesmo tempo, ser profundamente irreligioso.

Não há nada mais necessário que o sentido de proporção para evitar a confusão entre a observância externa da religião e a autêntica devoção.

Jesus emprega um exemplo muito gráfico. A figura é a seguinte. O mosquito era um inseto e portanto era impuro, o mesmo que o camelo, Para evitar o risco de beber algo impuro penetrava o vinho com um filtro de musselina de modo a deixar fora qualquer possível impureza. Este é um dos momentos humorísticos que devem ter levado as pessoas a rir, porque é a imagem de alguém que coa com todo cuidado seu vinho para não engolir um inseto microscópico e, entretanto, engole-se tranqüilamente um camelo. Trata-se da imagem de alguém que perdeu por completo todo sentido de proporção.

A VERDADEIRA PUREZA

Mateus 23:25-26

A idéia de impureza surge continuamente na lei judia. Devemos ter presente que não se trata de uma impureza física. Um copo impuro não era um copo sujo, no sentido que nós damos ao termo. Se uma pessoa era impura no sentido cerimonial significava que não podia entrar no templo ou na sinagoga, estava excluída da adoração de Deus. Um homem era impuro se tocava um corpo morto ou se tinha algum contato com um gentio. Uma mulher era impura se tinha fluxo de sangue embora este fosse normal e sadio. Se uma pessoa impura tocava um copo, este se convertia em algo impuro e, portanto, qualquer outra pessoa que tocasse o copo se fazia também impura. De maneira que era de capital importância manter todos os copos limpos e a Lei sobre a limpeza é de uma complicação extrema. Só podemos citar alguns exemplos básicos.

Um copo de *argila* que é oco só é impuro por dentro e não por fora, e a única forma de limpá-lo é rompendo-o. Alguns recipientes de argila nunca podem transformar-se em algo impuro: um prato sem borda, um braseiro aberto para carvão, uma churrasqueira de ferro com buracos para secar os grãos de trigo. Por outro lado, um prato com borda, uma

caixa de especiarias ou uma mesa de escrever podem transformar-se em impuros. Os recipientes de couro, osso, madeira e vidro que são chatos não se transformam em impuros, os fundos sim. Se se romperem se purificam. Qualquer recipiente de metal oco e de superfície lisa pode tornar impuro mas uma porta, um ferrolho, uma fechadura, uma dobradiça, uma aldrava não podem fazer-se impuros. Se algo for feito de madeira e metal, a madeira pode fazer-se impura mas o metal não. Estas regras nos parecem fantásticas e entretanto, os fariseus as observavam com toda meticulosidade e com um sentimento profundamente religioso.

A comida ou bebida que estava dentro do recipiente podia ter sido obtida por meio de enganar, extorsão ou roubo, podia ser luxuosa e excessiva, tudo isso carecia de importância enquanto o recipiente estivesse cerimonialmente limpo. Esta é outra instância em que se manifesta uma grande preocupação pelos detalhes e se deixam passar as coisas de maior peso.

Por mais grotesco que pareça tudo isto, ainda pode acontecer. Qualquer igreja se pode dividir por uma discussão sobre a cor do tapete, a pintura do púlpito ou a forma e o material dos cálices que se empregarão na Eucaristia. A última coisa que parecem aprender os homens em questões de religião é um sentido relativo dos valores, e o trágico é que com muita frequência o que arruína a paz é a discussão e exagero de temas corriqueiros.

DECADÊNCIA DISFARÇADA

Mateus 23:27-28

Aqui voltamos a nos encontrar com uma imagem muito conhecida para qualquer judeu. Um dos lugares mais comuns para erigir tumbas era à beira do caminho. Vimos que qualquer pessoa que tocava um cadáver se tornava impura (Números 19:16). Por conseguinte, qualquer pessoa que entrava em contato com uma tumba automaticamente se convertia em impuro. Havia uma época em que os caminhos da Palestina estavam

cheios de peregrinos – era no tempo de Páscoa. Se alguém se tornava impuro quando ia assistir à festa da Páscoa era um desastre, porque isso significava que não poderia participar da celebração. De maneira que os judeus tinham o costume de branquear todos os sepulcros que estavam a um lado do caminho durante o mês de Adar para que nenhum peregrino os tocasse sem querer. Portanto, ao viajar pelos caminhos da Palestina nos dias de sol da primavera esses sepulcros brilhavam com a luz do Sol e até pareciam belos, mas por dentro estavam cheios de ossos e corpos cujo contato teria convertido a qualquer um em uma pessoa impura. Segundo Jesus, isso era exatamente o que acontecia com os fariseus. Suas atitudes externas correspondiam a homens intensamente religiosos, mas seus corações estavam sujos e podres com o pecado.

Isso pode acontecer ainda hoje. Como diz Shakespeare, o homem pode sorrir e ser um criminoso. Qualquer um pode caminhar de cabeça baixa, passos respeitosos, as mãos cruzadas em uma posição muito humilde mas ao mesmo tempo pode olhar com frio desprezo àqueles que considera pecadores. Sua própria humildade pode ser a pose do orgulho; e enquanto caminha com humildade pode estar pensando com prazer na imagem de piedade que apresenta perante aqueles que o observa. Não há coisa mais difícil que um homem bom não saber que é bom; e uma vez que sabe que é bom, desaparece sua bondade, embora aqueles que o vêem de fora pensem o contrário.

A MANCHA DO CRIME

Mateus 23:29-36

Aqui Jesus acusa os judeus de que sua história está manchada pelo crime, e que essa mancha ainda não desapareceu. Os escribas e fariseus cuidam os sepulcros dos mártires e adornam seus monumentos e afirmam que, se tivessem vivido naqueles tempos, eles não teriam matado os profetas e os mensageiros de Deus. Mas isso é justamente o que teriam feito e o que farão no futuro imediato.

A acusação que Jesus faz é que a história de Israel é a história do assassinato dos homens de Deus. Diz que os homens justos, desde Abel até Zacarias foram assassinados. Por que escolhe a esses dois? O assassinato de Abel pelas mãos de Caim todos conhecem, mas o assassinato de Zacarias não é tão conhecido. A história aparece em uma lúgubre passagem de 2 Crônicas 24:20-22. Aconteceu nos tempos de Joás. Zacarias acusou o povo por seu pecado e Joás incitou o povo a que o apedrejassem até matá-lo no próprio pátio do templo. Zacarias morreu dizendo: “O SENHOR o verá e o retribuirá.” Mas por que teria que escolher a Zacarias? Na Bíblia hebraica Gênesis é o primeiro livro, o mesmo que a nossa, mas a diferença reside em que na ordem que nós demos aos livros o livro de 2 Crônicas vem por último. Quer dizer que o assassinato de Abel é o primeiro que aparece no relato bíblico e o de Zacarias é o último. De princípio a fim a história de Israel é a história do rechaço e freqüentemente o assassinato dos homens de Deus.

E Jesus torna claro que essa propensão ao crime ainda está presente. Sabe que deve morrer e que no futuro seus mensageiros serão perseguidos, maltratados, rechaçados e justificados.

Não resta dúvida de que se trata de algo trágico: o povo que Deus tinha escolhido e amado havia voltado suas mãos contra Ele; e o dia do juízo logo chegaria.

Isso nos leva a refletir. Quando a história nos julgar o veredicto dirá que fomos um obstáculo ou uma ajuda para Deus? Esta é uma pergunta que todo indivíduo e todo povo deve responder.

A RESISTÊNCIA AO CHAMADO DO AMOR

Mateus 23:37-39

Aqui vemos a impetuosa tragédia do amor que foi rechaçado. Aqui Jesus fala, não tanto como o juiz severo de toda a Terra, mas sim como alguém que ama as almas dos homens.

Esta passagem nos mostra um detalhe curioso a respeito da vida de Jesus; podemos apontá-lo de passagem. Segundo o relato dos evangelhos sinóticos Jesus nunca esteve em Jerusalém, uma vez começado seu ministério público, até que foi a essa cidade para esta última Páscoa. Vemos quantas coisas não menciona o relato evangélico; pois Jesus não poderia ter dito isto se não tivesse feito várias visitas a Jerusalém e a menos que tivesse repetido seus chamados às pessoas. Uma passagem como esta nos demonstra que o evangelho só nos dá uma síntese muito apertada da vida de Jesus.

Esta passagem nos assinala quatro grandes verdades.

(1) Mostra-nos *a paciência de Deus*. Jerusalém tinha matado os profetas e tinha apedrejado os mensageiros de Deus. Entretanto, Deus não a rechaçou e no final enviou a seu Filho. O amor de Deus manifesta uma paciência ilimitada que tolera o pecado do homem e não o rechaça.

(2) Mostra-nos *o chamado de Jesus*. Aqui Jesus fala como alguém que ama. Não quer forçar sua entrada; a única arma que pode usar é o chamado do amor. Levanta-se com as mãos estendidas em posição de chamar os homens, um chamado que os homens têm a terrível responsabilidade de aceitar ou rejeitar.

(3) Mostra-nos *o caráter deliberado do pecado do homem*. Os homens viram Cristo em todo o esplendor de seu chamado, e o rejeitaram. A porta do coração não tem trinco do lado exterior, deve ser aberto por dentro; e o pecado é o rechaço decisivo do chamado de Deus em Jesus Cristo.

(4) Mostra-nos *as conseqüências de rejeitar a Cristo*. Passariam só quarenta anos e em 70 d. C. Jerusalém ficaria convertida em um montão de ruínas. Esse desastre foi conseqüência direta da rejeição de Jesus Cristo. Se os judeus tivessem aceito o caminho cristão do amor e

tivessem abandonado o caminho da política do poder, Roma jamais teria pesado sobre eles com sua força vingadora. É uma realidade que o povo que rejeita a Deus está condenado ao desastre.

Mateus 24

A visão do porvir

A visão do futuro - Mat. 24:1-31

A ruína da cidade santa - Mat. 24:1-2

O escuro terror do cerco - Mat. 24:15-22

O dia do Senhor - Mat. 24:6-8, 29-31

A perseguição que virá - Mat. 24:9-10

Ameaças à fé - Mat. 24:4-5, 11-13, 23-26

A vinda do Rei - Mat. 24:3, 14, 27-28

A vinda do Rei - Mat. 24:32-41

Preparados para a vinda do Rei - Mat. 24:42-51

A VISÃO DO PORVIR

Já vimos que uma das grandes características de Mateus é a de reunir os ensinamentos de Jesus sobre diferentes temas em grandes blocos. No capítulo 24 reúne coisas que Jesus disse sobre o futuro; dá-nos uma visão das coisas que virão. Mas neste capítulo reúne frases de Jesus sobre aspectos do futuro. Ser-nos-á muito mais fácil esta obscura passagem se podemos separar as diferentes partes da trama e examiná-las uma por uma. A reunião das frases de Jesus ocupa os primeiros trinta e um versículos do capítulo. O melhor será que, em primeiro lugar, exponhamos estes versículos em sua totalidade, em seguida estabeleceremos os diferentes aspectos do futuro sobre os que trata e, por último, buscaremos atribuir cada seção destes primeiros 31 versículos a seu lugar no todo. Devemos compreender que não podemos pretender que o padrão que obtemos seja definitivo e final, mas embora alguns detalhes fiquem obscuros, o quadro se esclarecerá em grande medida.

A VISÃO DO FUTURO**Mateus 24:1-31****O entrecruzamento dos fios**

Aqui temos, pois, a complexa visão do futuro compilado por Mateus. Agora devemos buscar desenredar os diferentes fios que aparecem, e atribuir cada seção ao fio que corresponde. Neste momento nos limitaremos a indicar os fios e atribuí-los a seu lugar e deixaremos a explicação mais ampla para o comentário detalhado.

(1) Há seções que predizem os dias terríveis do *cercos de Jerusalém* por Tito, o general romano. Este foi um dos cercos mais terríveis da história. Os versículos 15-22 correspondem a este fio.

(2) Há seções que falam da *destruição total de Jerusalém* e sua redução a um montão de ruínas. Os versículos 1 e 3 pertencem a este fio.

(3) Há imagens extraídas da concepção judaica do *Dia do Senhor*. Já falamos sobre essa concepção, mas devemos voltar a sintetizá-la aqui. Os judeus dividiam o tempo em duas eras: esta era presente e a era por vir. A era atual é má, e não há nenhuma possibilidade de reformá-la com meios humanos. Só se pode consertar pela intervenção direta de Deus. Quando Deus intervier, chegará a idade de ouro, a era por vir. Mas entre as duas eras chegará o *Dia do Senhor*, que será uma época de conflitos terríveis e espantosos, como as dores de parto de uma nova era.

No Antigo Testamento há muitas imagens do Dia do Senhor e nos livros judeus escritos entre o Antigo e o Novo Testamento se desenvolveram mais ainda estas imagens e foram tornadas mais gráficas e terríveis. Seria um tempo de *terror*. “Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas” (Sofonias 1:14-18). As imagens desse terror se fizeram mais terríveis e lúgubres. Chegaria *em forma repentina*. “o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite” (1 Tessalonicenses 5:2, RC). “Três coisas”, diziam os rabinos, “são repentinas: a chegada do Messias, um descobrimento e um escorpião.” O

universo seria *feito em pedaços*. O Sol se converteria em trevas e a Lua em sangue (Joel 2:30-31; Isaías 13:10, 13). Seria uma época de caos moral em que se reverteriam as normas morais e em que até a natureza atuaria em forma contrária a si mesma; a violência, o ódio e as guerras seriam a atmosfera comum da vida.

Schürer (*The Jewish People in the Time of Christ II*, 154) sintetiza as idéias judaicas sobre o dia do Senhor, idéias que povoavam a literatura judia da época e que todos conheciam nos tempos de Jesus.

"O Sol e a Lua escurecerão, aparecerão espadas no céu, haverá exércitos de cavalos e soldados partirão pelas nuvens. Toda a natureza cai em uma comoção e confusão muito grandes. O Sol aparece de noite, a Lua de dia. Da madeira flui sangue, a pedra fala, e se encontra sal na água potável. Os lugares que se semearam aparecem como se não estivessem semeados, os celeiros repletos aparecerão vazios e se deterão as vertentes dos poços. Desaparecerão entre os homens todas as restrições da ordem, o pecado e a falta de temor de Deus governarão a Terra. E os homens lutarão entre si como se estivessem enlouquecidos, o amigo contra o amigo, o filho contra o pai, a filha contra a mãe. Levantar-se-á-se nação contra nação e à guerra se acrescentará o terremoto, o fogo e a fome que causarão a morte do homem."

Essas eram as terríveis imagens do dia do Senhor. A este fio correspondem os versículos 6-8 e 29-31 de nossa passagem.

(4) Há alguns versículos que falam da perseguição que haverá de suportar os seguidores de Cristo. Os versículos 9 e 10 correspondem a este fio.

(5) Há versículos que tratam sobre as ameaças que se desenvolverão contra a vida e a pureza da Igreja. A este fio correspondem os versículos 4 e 5, 11-13, 23-26.

(6) Por último, há versículos que falam diretamente da segunda vinda de Cristo. A este fio correspondem os versículos 3, 14, 27 e 28.

Assim, pois, nos trinta e um primeiros versículos deste capítulo surpreendente e difícil de Mateus temos uma visão do futuro que conta com seis aspectos. Agora passaremos a estudar essa visão mas não tomaremos os versículos tal como aparecem, antes analisaremos em

conjunto os que pertencem a cada união dos fios que detalhamos. E começaremos com os versículos nos quais Jesus prediz a queda da cidade de Jerusalém.

A RUÍNA DA CIDADE SANTA

Mateus 24:1-2

Pode ser que alguns dos discípulos não tivessem visitado a cidade de Jerusalém com freqüência. Vinham da Galiléia, eram homens das montanhas e do campo, eram pescadores que conheciam o lago muito melhor que a cidade. Pelo menos alguns deles seriam como gente do campo que vai visitar uma grande cidade; sentiam-se esmagados pelo que viam, e era muito natural, porque não havia nada semelhante ao templo no mundo da antiguidade. Cavou-se o topo do monte Sião para deixar uma planície de 300 metros quadrados. Ao fundo dessa planície se encontrava o templo propriamente dito (*a naos*). Estava construído em mármore recoberto com lâminas de ouro e brilhava e refulgia ao Sol de tal maneira que era difícil contemplá-lo. Entre a cidade baixa e o monte do templo estava o vale de Tiropeom e uma ponte monumental cruzava esse vale. Os arcos tinham uma luz de doze metros e os blocos de pedra com que estava construído tinham sete metros de comprimento por quinze centímetros de espessura.

A área do templo estava rodeada por grandes pórticos; o Pórtico de Salomão e o Pórtico Real. Estes pórticos eram sustentados por colunas de uma só peça de mármore. Tinham onze metros de altura e eram tão largas que três homens juntos com os braços estendidos apenas podiam abraçá-los. Encontraram-se pedras angulares nas esquinas do templo que medem de seis a doze metros de comprimento e que pesam mais de 100 toneladas. Como foram cortadas e posicionadas em seus lugares é um dos mistérios da engenharia antiga. Não deve nos surpreender, então, que os pescadores da Galiléia contemplassem fascinados essas pedras

imensas e esses edifícios surpreendentes e que chamassem a atenção de Jesus sobre eles.

Jesus respondeu que chegaria o dia em que não ficaria pedra sobre pedra nesses edifícios, e tinha razão. Porque no ano 70 d. C. os romanos, cansados da rebeldia intransigente dos judeus abandonaram todo intento de pacificação e se entregaram à destruição e Jerusalém e o templo ficaram devastados. De maneira que a profecia de Jesus se cumpriu ao pé da letra.

Aqui fala Jesus, o Profeta. Jesus sabia que o caminho da política de poder só pode terminar em um desastre. O homem e o país que recusam seguir o caminho de Deus se encaminham para o desastre, até nas coisas materiais. O homem e o país que rejeitam o sonho de Deus verão destroçados também seus próprios sonhos.

O ESCURO TERROR DO CERCO

Mateus 24:15-22

O cerco de Jerusalém foi um dos mais terríveis da história. Jerusalém era uma cidade difícil de ser tomada, porque está localizada sobre uma colina e a defendiam fanáticos religiosos; de maneira que Tito decidiu fazê-la render-se pela fome.

Ninguém sabe muito bem o que é a abominação desoladora. A frase pertence a Daniel 11:31; 12:11. Ali diz que a abominação desoladora se instalou no templo. A referência de Daniel é muito clara. Ao redor do ano 170 A. C. Antíoco Epifanes, rei de Síria, planejou fazer desaparecer o judaísmo e introduzir os deuses e os costumes religiosos dos gregos na Judéia. Capturou Jerusalém e profanou o templo ao erigir um altar ao Zeus Olímpico no pátio do templo, oferecendo nele carne de porco. Também converteu os dormitórios dos sacerdotes e as habitações do templo em bordéis públicos. Foi um intento deliberado de erradicar e destruir a religião judaica. Jesus profetizou que voltaria a suceder o mesmo e que uma vez mais se profanaria o templo: e isso foi o que

aconteceu. Jesus via que em Jerusalém voltariam a acontecer as coisas terríveis que tinham tido lugar duzentos anos antes. Só que desta vez não surgiria nenhum Judas Macabeu, desta vez não haveria liberação, nem purificação; a única coisa que se veria seria uma devastação total.

Jesus predisse que se os dias desse sítio não fossem abreviados, nenhum ser humano teria sobrevivido. É estranho ver como Jesus deu conselhos práticos, conselhos que não foram atendidos e cujo rechaço duplicou o desastre. Jesus aconselhou que quando chegasse esse dia as pessoas deviam escapar às montanhas; e não o fizeram; de todas as partes do país chegaram pessoas para aglomerar-se na cidade e dentro dos muros de Jerusalém e essa loucura aumentou cem vezes o horror da fome imposta pelo sítio.

Quando nos remetemos à história de Josefo, o historiador judeu, vemos quanta razão tinha Jesus a respeito desse futuro terrível. Josefo escreve sobre esses espantosos dias de sítio e fome: "A fome aumentou seu progresso e devorou as pessoas em casas e famílias inteiras. Os aposentos superiores estavam cheios de mulheres e meninos que morriam de fome, as avenidas da cidade estavam cheias de cadáveres de anciãos, os meninos e os jovens caminhavam pelas praças como sombras, inchados pela fome e caíam mortos em qualquer lugar que os surpreendesse sua miséria. Quanto a seu enterro, os que estavam doentes não podiam fazê-lo, e os que estavam bem se sentiam desalentados pela enorme quantidade de cadáveres e pela insegurança de saber quão logo eles mesmos morreriam porque havia muitos que faleciam enquanto enterravam a outros e muitos foram à sua gaveta antes de que chegasse a hora fatal. Tampouco se escutava nenhum lamento pelas calamidades que aconteciam nem se escutavam queixas dolorosas. A fome confundia todas as paixões naturais porque os que estavam a ponto de morrer olhavam os que tinham morrido antes com os olhos secos e a boca aberta. Também se tinha instaurado um silêncio profundo e uma espécie de noite mortal sobre a cidade... E cada um deles morria com os olhos fixos no templo" (Josefo, *Guerras dos Judeus*, 5.12.3). Josefo relata a

horrível história de uma mulher que nesses dias matou, assou e comeu a seu filho de peito (6.3.4). Conta-nos que inclusive os romanos, uma vez que tinham tomado a cidade e estavam por saqueá-la, sentiram-se tão aterrados pelo que viam que não puderam menos que deter suas mãos. Quando chegaram os romanos às casas para saqueá-las, encontraram nelas famílias inteiras de mortos e as habitações superiores cheias de cadáveres... paralisaram-se pelo horror do espetáculo e foram embora de mãos vazias, sem ter tocado em nada (6.8.5). Já vimos de que maneira este horror aumentou pelo fato de que as pessoas escaparam para a cidade em vez de ir para as montanhas. O próprio Josefo participou deste sítio e nos conta que 97.000 pessoas foram capturadas e convertidas em escravos; 1.100.000 morreram.

Isso foi o que previu Jesus, e isso foi o que profetizou e sobre o qual deu seus conselhos. Jamais devemos esquecer que não são só os homens mas também as nações que têm necessidade da sabedoria de Cristo. A menos que os líderes das nações sejam conduzidos por Cristo não podem fazer mais que levar os homens ao desastre não só espiritual mas também físico. Jesus não era um sonhador, estabeleceu as únicas leis que podem fazer prosperar uma nação e cuja desobediência só pode conduzi-la à ruína.

O DIA DO SENHOR

Mateus 24:6-8, 29-31

Já vimos que uma parte essencial do pensamento judeu sobre o futuro era o *dia do Senhor*. Nesse dia Deus interviria de maneira direta na história e na era atual, com todo seu incurável mal, começaria a ser transformada e re-criada até converter-se na era por vir.

Com toda naturalidade, os autores do Novo Testamento identificaram, em grande medida, a Segunda Vinda de Cristo com o Dia do Senhor. E fizeram uso de todas as imagens e representações relacionadas com o Dia do Senhor e as aplicaram à Segunda Vinda. Ao

lembrar disso, recordaremos algo essencial: nenhuma destas figuras deve ser tomada em sentido literal; são figuras e são visões; são intentos de expressar o indescritível com palavras humanas e de encontrar algum tipo de imagem para referir-se a coisas para as quais a linguagem humana carecia de descrição.

Mas de todas estas imagens surgem algumas verdades fundamentais.

(1) Dizem-nos que Deus não abandonou o mundo. Apesar de toda sua iniquidade, o mundo ainda é o cenário no qual se desenvolve o plano de Deus. O que Deus tem em mente não é o abandono, mas sim a intervenção.

(2) Dizem-nos que não devemos nos sentir desanimados mesmo que o mal pareça aumentar. Uma parte essencial da idéia judia sobre o Dia do Senhor é que deve ser precedido por um desmoronamento total de todos os valores morais e uma aparente desintegração total do mundo. Mas, apesar de tudo, não se trata de um prelúdio da destruição, mas sim da recriação.

(3) Dizem-nos que tanto o julgamento como a nova criação são algo seguro. Dizem-nos que Deus contempla o mundo com justiça e com misericórdia. E que o plano de Deus não é fazer desaparecer o mundo, e sim criar um mundo que esteja mais perto do desejo de seu coração.

Sempre devemos lembrar que o valor destas imagens não está em seus detalhes – que no melhor dos casos não são mais que símbolos, e que empregam as únicas imagens que as mentes dos homens podiam conceber – e sim nas verdades eternas que conservam; e a verdade essencial é que, seja como for o mundo, Deus não o abandonou.

A PERSEGUIÇÃO QUE VIRÁ

Mateus 24:9-10

Estas é uma das passagens que deixam claro a absoluta honestidade de Jesus. Jamais prometeu um caminho fácil a seus discípulos;

prometeu-lhes a morte, o sofrimento e a perseguição. Há um sentido no qual uma igreja autêntica sempre será perseguida, enquanto viver em um mundo que não é cristão. De onde vem essa perseguição?

(1) Cristo oferece uma *nova lealdade*; e afirma de vez em quando que essa nova lealdade deve transcender todos os laços terrestres. A maior causa de ódio na época da Igreja primitiva estribava no fato de que o cristianismo dividia os lares e as famílias quando um membro deles decidia seguir a Cristo e outros não. O cristão é um homem que prometeu dar a Jesus Cristo o primeiro lugar em sua vida, e isso pode produzir muitos choques entre os homens.

(2) Cristo oferece uma *nova escala de valores*. Há costumes, hábitos e formas de vida que podem ser muito corretos aos olhos do mundo, mas que estão muito longe de ser corretos quando julgados segundo a nova escala de valores do cristianismo. O que é difícil do cristianismo para muita gente é que este é um julgamento sobre eles mesmos e sua forma de conduzir-se nos negócios ou com suas relações. O que é embaraçoso sobre o cristianismo é que qualquer pessoa que não quer ser mudada o odeia e se sente ofendido.

(3) O cristão, se for um cristão autêntico, introduz um *novo exemplo* no mundo. Há uma beleza diária em sua vida que converte a vida de outros em algo escuro. O cristão é a luz do mundo, não no sentido de que critica e condena a outros, mas pelo manifestar em sua própria vida a beleza de uma vida que está impregnada de Cristo e, assim traz à luz a escuridão e fealdade de uma vida sem Cristo.

(4) Tudo isto significa que o cristianismo introduz uma *nova consciência* na vida. Nem o indivíduo cristão nem a Igreja cristã podem participar jamais de um ocultação ou um silêncio covardes. A Igreja e o indivíduo cristão devem constituir em todo momento a consciência do cristianismo – e o que caracteriza os homens é que em mais de uma ocasião gostariam de silenciar a consciência.

AMEAÇAS À FÉ**Mateus 24:4-5, 11 -13, 23-26**

Jesus via que nos tempos futuros dois perigos ameaçariam à Igreja.

(1) Os perigos dos *falsos líderes*. Um falso líder é um homem que se empenha em propagar sua própria versão da verdade antes que a verdade tal como está em Jesus Cristo. É um homem que deseja disseminar suas próprias idéias antes que a verdade de Deus. E, acima de tudo, é um homem que trata de reunir a outros a seu redor antes que levá-los a Jesus Cristo. O resultado inevitável é que um líder falso é alguém que propaga a divisão em lugar de construir a unidade. A prova de qualquer líder é sua semelhança com Cristo.

(2) A segunda ameaça é a do *desalento*. Há aqueles cujo amor se esfriará devido à carência cada vez maior de lei no mundo. O cristão autêntico é aquele que se aferra à sua crença, quando esta passa por maiores dificuldades e aquele que, nas circunstâncias mais adversas, nega-se a acreditar que o braço de Deus se encurtou ou que seu poder decresceu.

A VINDA DO REI**Mateus 24:3, 14, 27-28**

Aqui Jesus fala sem rodeios de sua Segunda Vinda. O Novo Testamento nunca emprega a frase *a Segunda Vinda*. A palavra que usa para descrever o retorno de Cristo em toda sua glória é muito interessante. Trata-se da palavra *Parousia* (vinda); esta palavra passou à nossa linguagem como uma descrição da Segunda Vinda. É muito comum no resto do Novo Testamento, mas este é o único capítulo em que aparece nos evangelhos (vv. 3, 27, 37, 39). O interessante é que se trata do termo que se emprega para referir-se à chegada do governador a seus domínios, ou do rei a seus súditos. Descreve a chegada de alguém com autoridade e poder.

O resto do capítulo terá muito a nos dizer sobre a Segunda Vinda de Cristo; mas no momento devemos assinalar que, quaisquer que sejam as verdades que se nos diga a respeito da segunda vinda, indubitavelmente conserva dois grandes feitos.

(1) Conserva o fato do triunfo final de Cristo. Aquele a quem os homens uma vez crucificaram, será algum dia Senhor de todos os homens. Para Jesus Cristo, o final é algo seguro: e esse final é o reinado geral do mundo.

(2) Conserva o fato de que a história se dirige para uma meta. Em mais de uma oportunidade os homens sentiram que a história se afundava em um caos cada vez maior, que não se trata mais que do "registro dos pecados e as loucuras dos homens".

Às vezes os homens têm sentido que a história era cíclica e que as mesmas coisas voltariam a acontecer de vez em quando. Os estóicos criam que há determinados períodos fixos e que no final de cada um desses períodos o mundo ficava destruído devido a uma conflagração universal, e que depois disso, voltava-se a repetir a mesma história até em seus detalhes mais ínfimos. Crisipo diz:

"Então o mundo volta a recompor-se em uma ordem idêntica à anterior. As estrelas voltam a mover-se em suas órbitas, cada uma leva a cabo sua revolução em um período igual ao anterior, sem a mais mínima variação. Sócrates, Platão e cada um dos homens voltarão a existir com os mesmos amigos e concidadãos. Passarão pelas mesmas experiências e desenvolverão as mesmas atividades. Cada cidade, aldeia e campo voltará a existir, tal como era antes. E esta restauração do universo não se dá uma só vez, antes se repete muitas vezes; de fato, volta a suceder durante toda a eternidade."

Trata-se de uma idéia lúgubre, a noção de que os homens estão atados a uma roda eterna em que não existe progresso e da qual não podem escapar.

Mas a segunda vinda implica esta verdade essencial: que há "um acontecimento divino e longínquo para o qual se dirige toda a criação" e esse acontecimento não é a dissolução – trata-se nada menos que do governo universal e eterno de Deus.

A VINDA DO REI

Mateus 24:32-41

Há poucas passagens que nos apresentam tantas dificuldades como esta. Está dividida em duas seções que parecem contradizer-se entre si. A primeira seção (vv. 32-35) parece indicar que, assim como o homem pode dizer quando está por chegar o verão fixando-se nos sinais da natureza, também pode dizer, pelos sinais do mundo, quando está por produzir-se a Segunda Vinda. E logo parece passar a afirmar que a Segunda Vinda se produzirá durante a vida da geração que está escutando a Jesus nesse momento.

A segunda seção (vv. 36-41) diz com toda clareza que ninguém sabe o momento da Segunda Vinda, nem os anjos, nem Jesus; só Deus sabe. E afirma que chegará aos homens em uma forma tão imprevista como uma tormenta que aparece em um céu azul.

Aqui nos encontramos com uma dificuldade muito real, dificuldade que, embora não possamos resolver por completo, devemos enfrentar de todos os modos.

Tomemos o versículo 34 como ponto de partida: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça." Quando analisamos esta frase, surgem três possibilidades.

(a) Se Jesus se referiu à Segunda Vinda, equivocou-se, porque não voltou durante a vida da geração que O estava ouvindo. Há muitos que aceitam este ponto de vista e consideram que Jesus, sendo humano, tinha limitações em sua sabedoria e que em realidade acreditava que voltaria o ciclo vital dessa geração. Podemos aceitar sem hesitações o fato de que Jesus tinha limitações em sua sabedoria devido a seu caráter humano;

mas é difícil crer que estava equivocado a respeito de uma verdade espiritual tão grande como esta.

(b) É possível sustentar que Jesus disse algo semelhante e que, na transmissão oral, mudaram-se suas palavras. Em Marcos 9:1 se afirma que Jesus disse o seguinte: “Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.” Isso foi certo em forma gloriosa e triunfal. Durante essa geração o reino de Deus se disseminou em forma poderosa até que houve cristãos que ao longo de todo mundo conhecido. Ora, os primeiros cristãos esperaram, em realidade, a chegada iminente da Segunda Vinda. Em sua situação de sofrimento e perseguições esperavam e desejavam a libertação que lhes traria a *Segunda Vinda* de seu Senhor e às vezes tomaram palavras cuja intenção era uma referência ao Reino e as relacionaram com a *Segunda Vinda* que é algo muito distinto. Aqui pode ter acontecido algo parecido. O que Jesus pode haver dito é que seu *Reino* viria com poder antes que terminasse essa geração.

(c) Mas há uma terceira possibilidade. O que acontece se Jesus não disse isto com referência à Segunda Vinda? O que acontece se a frase *até que tudo isto aconteça* não se refere absolutamente à Segunda Vinda? O que acontece se a frase se refere à profecia com a qual começa o capítulo? O que acontece se se refere ao cerco e queda de Jerusalém? Se aceitarmos isto, desaparecem as dificuldades. O que diz Jesus é que suas terríveis advertências a respeito da condenação de Jerusalém se cumprirão durante a vida dessa mesma geração, e ocorreram quarenta anos depois. Pareceria que o melhor caminho é tomar os versos 32-35 como uma referência, não à Segunda Vinda, e sim à queda de Jerusalém; nesse caso, as dificuldades desaparecem.

Então os versículos 36-41 sim se referem à Segunda Vinda; e dizem algumas verdades de fundamental importância a respeito desse acontecimento.

(1) Dizem-nos que a hora desse evento só Deus a conhece e nada mais que Deus. É evidente, pois, que toda especulação sobre o momento da segunda vinda é nada mais nada menos que uma blasfêmia, porque o homem que especula sobre esse tema está tentando arrancar de Deus segredos que só pertencem a Ele. Não é dever de ninguém fazer especulações, nosso dever é preparar-nos e estar atentos.

(2) Diz-nos que esse momento virá em uma forma alarmante e repentina para aqueles que estão submersos nas coisas materiais. No relato antigo, Noé se preparou durante o tempo bom para o dilúvio que viria depois e quando este chegou, ele já estava preparado. Mas o resto da humanidade estava perdida comendo, bebendo, casando-se e dando-se em casamento e o dilúvio tomou as pessoas de surpresa e portanto desapareceram nele. Estes versículos nos advertem que nunca devemos envolver-nos tanto no tempo em tal forma que esqueçamos a eternidade, não devemos permitir jamais que nossa preocupação pelas coisas do mundo, por mais necessárias que sejam, faça-nos esquecer por completo que há um Deus, que as decisões sobre a vida e a morte estão em suas mãos e que quando queira que chegue seu chamado, pela manhã, à tarde ou à noite, deve nos encontrar preparados.

(3) Dizem-nos que a Vinda de Cristo será um momento de separação e de julgamento no qual Jesus Cristo congregará a seu redor àqueles que lhe pertencem.

Além disto não podemos ir – porque Deus reservou o conhecimento final a si mesmo e à sua sabedoria.

PREPARADOS PARA A VINDA DO REI

Mateus 24:42-51

Aqui temos o resultado prático de tudo o que lemos. Se ninguém mais que Deus conhece o dia e a hora da Vinda de Cristo, toda a vida deve ser uma preparação constante para essa vinda. E, se é assim, há alguns pecados básicos e fundamentais.

(1) Viver sem estar alerta conduz ao desastre. O ladrão não envia uma carta na qual anuncia quando pensa assaltar uma casa, sua arma principal em seus obscuros propósitos é a surpresa. Portanto, o dono de casa que tem coisas valiosas em seu lar deve manter uma vigilância constante. Mas a fim de compreender bem esta imagem, devemos lembrar que a guarda que o cristão monta enquanto espera a Vinda de Cristo não é a guarda do medo e a apreensão que paralisam. Trata-se de uma ansiosa expectativa do advento da glória e da alegria.

(2) O espírito que convida ao desastre é aquele que diz que há muito tempo pela frente. É a confortável ilusão do servo da segunda parábola que diz que terá tempo de sobra para arrumar as coisas antes de que chegue seu senhor. Segundo sua opinião, não havia necessidade de pensar na chegada de seu senhor durante muito tempo.

Há uma fábula que conta a história de três aprendizes de diabo que estavam para vir à Terra para completar sua aprendizagem. Falavam com Satanás, o chefe dos demônios, sobre seus planos para tentar e arruinar os homens. O primeiro disse: "Direi a eles que não há Deus." Satanás disse: "Isso não enganará a muitos, porque sabem que há um Deus." O segundo disse: "Direi aos homens que não há inferno." Satanás respondeu: "Não enganará a ninguém assim; os homens sabem até agora que existe um inferno para o pecado." O terceiro disse: "Direi a eles que não há pressa." "Vai", disse Satanás, "e arruína a milhares de homens."

A mais perigosa das ilusões é acreditar que sobra tempo. O dia mais perigoso na vida de um homem é quando aprende que há uma palavra como *amanhã*. Há coisas que não se podem adiar, porque ninguém sabe se viverá amanhã.

(3) A rejeição se apóia em fracassar no cumprimento do dever e a recompensa se apóia na fidelidade ao dever. O servo que cumpriu seu dever com fidelidade recebeu um cargo mais alto, e aquele que fracassou em seu dever foi tratado com toda severidade. A conclusão inevitável é que quando Cristo chegar a melhor ocupação na qual pode nos encontrar é no cumprimento de nosso dever.

Se o homem está cumprindo o seu dever, por mais simples que seja, regozijar-se-á-se quando Cristo chegar.

Mateus 25

O destino dos que não estiverem preparados - Mat. 25:1-13

A condenação do talento escondido - Mat. 25:14-30

A norma do juízo de Deus - Mat. 25:31-46

O DESTINO DOS QUE NÃO ESTIVEREM PREPARADOS

Mateus 25:1-13

Se olharmos esta parábola com olhos ocidentais nos pode parecer que relata uma história pouco natural e inventada. Mas, de fato, trata-se de uma história que poderia ter ocorrido em qualquer momento em uma aldeia da Palestina e que pode acontecer ainda hoje.

Em qualquer aldeia da Palestina um casamento era um acontecimento muito importante. Toda a aldeia saía para acompanhar o casal a seu novo lar e usavam o caminho mais longo possível para receber os bons desejos da maior quantidade de gente que pudessem. "Todos", segundo o dito judeu, "dos seis até os sessenta anos seguirão o tambor nupcial." Os rabinos reconheciam que qualquer homem podia abandonar inclusive o estudo da Lei para participar da alegria de uma festa de bodas.

Agora, o tema central deste relato se apóia sobre um costume judeu que é muito diferente de algo que nós conheçamos. Quando um casal se casava na Palestina não saíam em viagem de bodas; ficavam em sua casa. Durante uma semana recebiam a seus amigos; estes os tratavam, e inclusive lhes falavam como a um príncipe e a uma princesa; era a semana mais feliz de suas vidas. Escolhia-se os amigos que assistiriam a essas festividades. As virgens néscias não só se perderam a cerimônia do casamento mas também essa semana de alegria, porque não estavam preparadas.

O relato sobre a forma como perderam a festa corresponde perfeitamente à realidade. O doutor J. Alexander Findlay nos conta o que ele mesmo viu na Palestina. Escreve:

“Quando nos aproximamos das portas de uma cidade da Galiléia vi dez jovens vestidas com roupas muito alegres que desciam pelo caminho diante de nosso carro, enquanto tocavam algum tipo de instrumento musical. Ao perguntar o que faziam, o intérprete me respondeu que foram acompanhar à noiva até que chegasse seu futuro esposo. Perguntei-lhe se havia alguma possibilidade de ver a cerimônia mas fez um gesto negativo com a cabeça e me disse: ‘Pode ser esta noite, ou amanhã de noite, ou dentro de quinze dias, ninguém sabe com certeza.’ Depois me explicou que uma das melhores coisas que se podiam fazer se fosse possível, em um casamento de classe média na Palestina, era surpreender o cortejo nupcial dormindo. O noivo chega em forma imprevista, às vezes em meio da noite. É certo que a opinião pública exige que envie a um homem pela rua que exclame: ‘Olhem! Está chegando o noivo!’, mas isso pode acontecer em qualquer momento; de maneira que o cortejo deve estar preparado para sair à rua a encontrá-lo, quando quer que decida vir...

“Outra das coisas importantes é que não se permite sair à rua a ninguém depois do anoitecer sem uma lâmpada acesa e, além disso, uma vez que chegou o noivo e se fechou a porta, não se deixa entrar os que chegam tarde para a cerimônia.”

Como se vê, tudo o que Jesus descreveu se repete no século vinte. Não se trata de um conto, mas sim de uma parte da vida cotidiana de um povo da Palestina.

Como acontece em muitas das parábolas, esta tem um significado imediato e local, e outro sentido mais amplo e universal.

Em seu sentido imediato estava dirigida contra os judeus. Eles eram o povo eleito, toda sua história deveria ter sido uma preparação para a vinda do Filho de Deus; deveriam ter estado preparados para recebê-lo quando chegasse. Pelo contrário, não estavam preparados e portanto ficaram do lado de fora. Aqui vemos dramaticamente apresentada a tragédia da falta de preparação dos judeus.

Mas esta parábola encerra pelo menos duas advertências universais.

(1) Adverte-nos que há certas coisas que não se podem obter no último momento. Já é muito tarde para que o estudante prepare seus exames quando chegou o momento de prestá-los. Quando oferecem um trabalho a um homem já é muito tarde para adquirir uma habilidade ou capacidade. O mesmo acontece com nós e Deus. É fácil deixar as coisas para último momento de maneira que já não podemos nos preparar para nos defrontar com Deus. Quando Maria de Orange estava em seu leito de morte, seu capelão tratou de lhe ensinar o caminho da salvação. A resposta da rainha foi: "Não deixei esse assunto para este momento." Chegar tarde sempre é uma tragédia.

(2) Adverte-nos que há certas coisas que não se podem pedir emprestadas. As virgens néscias não puderam pedir azeite emprestado quando descobriram que o necessitavam. O homem não pode pedir emprestada uma relação com Deus; deve possuí-la. Não pode pedir emprestada uma personalidade, deve estar revestido dela. Não podemos viver sempre do capital espiritual que outros reuniram. Há certas coisas que devemos ganhar ou possuir por nossa conta, porque não podemos pedi-las a outros.

Não há nada mais carregado de lágrimas de arrependimento que o som das palavras: É demasiado tarde.

A CONDENAÇÃO DO TALENTO ESCONDIDO

Mateus 25:14-30

Como no caso da parábola anterior, esta também tinha um ensino imediato para aqueles que a ouviam pela primeira vez e uma série de ensinamentos eternos para nós, na atualidade. Esta parábola sempre foi chamada como a parábola dos talentos. Na Palestina o *talento* não era uma *moeda* e sim uma medida de *peso*; de maneira que o valor do talento dependia de se era de moedas de cobre, ouro ou prata. O metal mais comum era a prata e o valor de um talento de prata era ao redor de 560 dólares.

Não há dúvida de que, em sua intenção original, toda a atenção da parábola se concentra no servo inútil que recebeu um talento. A quem representa este servo? E a quem Jesus adverte e observa? É evidente que o servo inútil representa os escribas e fariseus, e sua atitude para com a Lei e para com a verdade de Deus. O servo inútil tomou seu talento e o enterrou a fim de poder devolvê-lo a seu senhor tal como este lhe deu. Todo o objetivo vital dos escribas e fariseus era obedecer a Lei tal como Deus a entregou. Segundo suas próprias palavras, queriam "construir um cerco ao redor da Lei".

Qualquer mudança, desenvolvimento, alteração, algo novo era um anátema. Seu método implicava a paralisação da verdade religiosa e o ódio para com tudo o que era novo. Tal como o homem do talento, queriam manter tudo como estava, e é por isso que são condenados. Nesta parábola Jesus nos diz que não pode haver religião sem riscos, e que Deus não quer ter nada a ver com uma mente fechada. Mas esta parábola contém muito mais que isso.

(1) Diz-nos que Deus dá diferentes dons aos homens. Um homem recebeu cinco talentos, outro dois e o outro um. O que importa não é o talento do homem e sim a forma em que faz uso dele. Deus jamais exige do homem habilidades que este não possui, mas exige que empregue a fundo as habilidades que tem. Os homens não são iguais quanto a seus talentos, mas podem ser iguais em seu esforço. A parábola nos diz que qualquer que seja o talento que possuamos, grande ou pequeno, devemos entregá-lo para servir a Deus.

(2) Diz-nos que a recompensa do trabalho bem feito é mais trabalho. Aos dois servos que tinham atuado bem não se lhes diz que se sentem a descansar sobre os louros. São dadas tarefas maiores e responsabilidades mais sérias na obra do senhor. A recompensa do trabalho não é o descanso e sim mais trabalho.

(3) Diz-nos que o homem que recebe um castigo é aquele que se recusa a fazer algum esforço. O homem que recebeu um talento não o perdeu, limitou-se a não fazer nada com ele. Inclusive se se tivesse

arriscado e o tivesse perdido, teria sido melhor que não fazer nada com ele. O homem que tem um só talento sempre se sente tentado a dizer: "Tenho um talento tão pequeno, e posso fazer tão pouco com ele, que não vale a pena provar, porque minha contribuição seria insignificante." Mas a condenação se dirige àquele que, com um só talento, recusa-se a usá-lo e não quer arriscá-lo em favor do bem comum.

(4) Diz-nos que esta é uma lei da vida que tem validade universal. Diz-nos que quem tem lhe será dado, e quem não tem, inclusive o que tem lhe será tirado. O sentido da frase é o seguinte: Se um homem tiver um talento e o usa, é cada vez mais capaz de fazer mais coisas com ele. Mas se tiver um talento, e não o usa, ele o perderá irremediavelmente. Se tivermos alguma capacidade para algum jogo ou artesanato, se tivermos habilidade para fazer algo, quanto mais empreguemos essa capacidade e esse dom, maior será o trabalho que seremos capazes de fazer. Enquanto que se não o usamos, o perderemos. Isto se aplica tanto ao jogo do golfe, como a tocar piano, a cantar, a escrever sermões, a esculpir madeira ou a pensar. A vida nos ensina que a única forma de manter um dom é empregá-lo a serviço de Deus e de nosso próximo.

A NORMA DO JUÍZO DE DEUS

Mateus 25:31-46

Esta é uma das parábolas mais gráficas que Jesus pronunciou e seu sentido é tão claro como a água. O ensino é a seguinte: Deus nos julgará de acordo a nossa resposta à necessidade humana. O julgamento de Deus não depende do conhecimento que adquirimos, nem da fama que nos granjeamos, nem da fortuna que reunimos, mas sim da ajuda que brindamos. Mas esta parábola nos ensina certas coisas a respeito dessa ajuda.

(1) Deve ser uma ajuda nas coisas simples. As coisas que escolhe Jesus, dar de comer a alguém que tem fome, dar de beber a quem tem sede, acolher a um estranho, respirar ao doente, visitar detento, são

coisas que qualquer pessoa pode fazer. Não se trata de dar milhares de dólares nem de escrever nossos nomes nos anais da história; trata-se de brindar uma ajuda singela e humana às pessoas com quem nos encontramos todos os dias. Nunca houve outra parábola que abrisse tanto o caminho para a glória às pessoas mais simples.

(2) Deve ser uma ajuda desinteressada. Aqueles que ajudaram não o fizeram pensando que estavam ajudando a Jesus e portanto acumulando méritos eternos; ajudaram porque não podiam evitá-lo. Foi a reação natural, instintiva, desinteressada, do coração amante. Enquanto que, por outro lado, a atitude de quem não ajudou foi a seguinte: "Se tivéssemos sabido que foi você, teríamos ajudado de todo coração, mas pensamos que se tratava de um homem vulgar a quem não valia a pena ajudar." Segue sendo verdade sobre certo tipo de gente que só está disposta a brindar alguma ajuda em troca de agradecimento, louvor e publicidade; mas isso não é ajuda, não é mais que fomentar louvor próprio. Essa ajuda não é generosidade: só é egoísmo disfarçado. A ajuda que obtém o louvor de Deus é aquela que se dá apenas por si mesma.

(3) Jesus nos confronta com a magnífica verdade de que toda ajuda desse tipo é dada a Ele, e toda ajuda que se nega, é negada a Ele. Como pode ser? Se realmente queremos agradar o coração de um pai, se queremos comovê-lo para que experimente gratidão, a melhor forma de fazê-lo é ajudando a seu filho. Deus é o grande Pai; e a forma de ajudar o coração de Deus é ajudando a seus filhos, que são nossos próximos.

Houve dois homens que encontraram uma verdade sublime nesta parábola. Um deles foi Francisco de Assis. Era rico, poderoso, pertencia à aristocracia e tinha um caráter muito alegre. Mas não era feliz. Sentia que faltava algo em sua vida. Um dia saiu a passear a cavalo e se encontrou com um leproso, desagradável e repulsivo em sua doença. Algo fez com que Francisco desmontasse e rodeasse com seus braços a esse miserável e eis que, em seus braços, a cara do leproso se converteu no rosto de Cristo.

O outro foi Martín de Tours. Era um soldado romano e um cristão. Um dia frio de inverno entrava numa cidade quando um mendigo o parou e lhe pediu esmola. Martín não tinha dinheiro, mas o mendigo tremia de frio e Martín lhe deu o que tinha. Tirou sua capa de soldado, usada e gasta, partiu-a em duas e deu a metade ao mendigo. Essa noite teve um sonho. Viu os lugares celestiais, os anjos e Cristo no meio, e Jesus levava a metade da capa de um soldado romano. Um dos anjos lhe disse: "Mestre, por que leva essa capa velha e gasta? Quem lhe deu isso?" E Jesus respondeu com suavidade: "Deu-me meu servo Martín."

Quando aprendermos a generosidade que ajuda os homens nas coisas mais simples de maneira desinteressada, nós também conheceremos a alegria de ajudar ao próprio Jesus Cristo.

Mateus 26

O princípio do último ato da tragédia - Mat. 26:1-5

A extravagância do amor - Mat. 26:6-13

A oferta do traidor - Mat. 26:14-16

A festa ancestral - Mat. 26:17-19

O último apelo do amor - Mat. 26:20-25

Seu corpo e seu sangue - Mat. 26:26-30

A advertência do Mestre - Mat. 26:31-35

A luta da alma no jardim - Mat. 26:36-46

O beijo do traidor - Mat. 26:47-50

A prisão no jardim - Mat. 26:50-56

O fracasso da coragem - Mat. 26:57-58, 69-75

O juízo diante dos judeus - Mat. 26:57, 59-68

O crime de Cristo - Mat. 26:57, 59-68 (cont.)

O PRINCÍPIO DO ÚLTIMO ATO DA TRAGÉDIA

Mateus 26:1-5

Aqui nos deparamos com o começo definitivo do último ato da tragédia divina. Mais uma vez Jesus advertiu a seus discípulos sobre o

que aconteceria. Durante os últimos dias tinha agido com uma atitude desafiante tão magnífica que poderiam ter pensado que se propunha desafiar as autoridades judias. Mas aqui volta a deixar claro que seu objetivo é a cruz.

Ao mesmo tempo, as autoridades judias preparavam seus planos e estratagemas. José Caifás, para dar seu nome completo, era sumo sacerdote. Sabemos muito pouco sobre Caifás mas conhecemos um fato muito sugestivo. Nos dias da antiguidade, o cargo de sumo sacerdote era hereditário e durava toda a vida, mas quando os romanos assumiram o governo da Palestina, os sumos sacerdotes se sucediam em rápida série, porque os romanos nomeavam e depunham sacerdotes para favorecer seus próprios interesses. Entre os anos 37 a. C. e 67 d. C., momento em que se nomearam os últimos sacerdotes da destruição do templo, houve não menos de vinte e oito sacerdotes. O que é sugestivo era que Caifás foi sumo sacerdote de 18 d. C até 36 d. C. Tratava-se de um período extraordinariamente extenso para que durasse um sumo sacerdote e Caifás deve ter desenvolvido ao máximo a técnica da colaboração com os romanos. E esse era seu problema. Se havia algo que os romanos não estavam dispostos a suportar era a desordem cívica. Se havia algum motim, Caifás perdia seu posto.

Na época da Páscoa a atmosfera de Jerusalém sempre era explosiva. A cidade estava cheia de gente. Josefo nos fala de uma ocasião em que se fez um censo das pessoas presentes em Jerusalém (Josefo, *Guerra dos Judeus*, 6. 9. 3). Aconteceu da seguinte maneira. Nesse momento o governador era Céstio; Céstio considerava que Nero não compreendia a quantidade de judeus que havia e os problemas que apresentavam a qualquer governador. De maneira que pediu aos sumos sacerdotes que fizessem um censo dos cordeiros que se sacrificavam durante uma celebração da Páscoa. Josefo segue dizendo: "Em cada sacrifício deve participar um grupo não menor de dez pessoas (por que não é lícito que celebrem sozinhos), e muitos de nós somos vinte em cada grupo." Comprovou-se que nessa oportunidade a quantidade de cordeiros que se

sacrificaram foram 256.500. Josefo calcula que na cidade havia ao redor de dois milhões e três quartos de pessoas para essa Páscoa.

Não deve nos surpreender, então, que Caifás tenha planejado alguma estratagem para prender Jesus em segredo e sem alvoroço porque muitos desses peregrinos vinham da Galiléia e consideravam a Jesus como sendo um profeta. De fato, o plano do Caifás era deixar as coisas como estavam até o término da festa da Páscoa e a cidade estivesse mais tranqüila. Mas Judas lhe brindaria uma solução a seu problema. Caifás estava disposto a adotar qualquer ardil para livrar-se deste Jesus perturbador.

A EXTRAVAGÂNCIA DO AMOR

Mateus 26:6-13

No relato evangélico, Marcos e João também contam esta unção em Betânia. A história de Marcos é quase idêntica, mas João acrescenta que a mulher que ungiu a Jesus foi nada menos que Maria, a irmã da Marta e Lázaro. Lucas não inclui este relato, mas se fala de um unção da casa de Simão o fariseu (Lucas 7:36-50). Mas no relato de Lucas a mulher que ungiu os pés de Jesus e os secou com seus cabelos era uma pecadora muito conhecida. Sempre ficará o interrogante de se o fato que Lucas relata é o mesmo que contam Mateus, Marcos e João. Em ambos os casos o nome do anfitrião é Simão, embora em Lucas é Simão o fariseu, e em Mateus e Marcos é Simão o leproso. Em João não se menciona absolutamente o anfitrião embora o relato parece indicar que o incidente ocorreu na casa de Maria, Marta e Lázaro. Simão era um nome muito comum. Há não menos de dez no Novo Testamento e mais de vinte na história de Josefo.

A maior dificuldade que se apresenta ao tratar de identificar a história de Lucas e as dos outros três evangelhos é que na história de Lucas a mulher era uma conhecida pecadora, e não há nada que nos permita afirmar que esse era o caso da Maria da Betânia. E entretanto, a

mesma intensidade com que Maria amava a Jesus pode ser o resultado das profundidades das quais a resgatou. Sempre ficará a dúvida de se o relato de Lucas é o mesmo que o dos outros três, só podemos dizer que não é impossível que o seja.

Seja como for, o relato é, como disse Jesus, a história de algo bonito. Destacam-se nele algumas verdades muito preciosas.

(1) Mostra-nos a *extravagância* do amor. A mulher tomou a coisa mais preciosa que tinha e a derramou sobre Jesus. As mulheres judias eram muito adeptas ao perfume e muita frequência levavam um frasco de perfume de alabastro ao redor do pescoço. Tratava-se de um perfume muito precioso. Tanto Marcos quanto João fazem os discípulos dizer que poderia ter sido vendido por 300 denários (Marcos 14:5; João 12:5). Um denário era uma moeda de prata que valia pouco menos que um centavo de dólar; mas quando queremos avaliá-lo devemos lembrar que a diária de um operário era menos que isso. Portanto, este perfume representava o salário de todo um ano de trabalho. Também podemos pensar de outro modo. Quando Jesus e seus discípulos discutiam como alimentar à multidão, Felipe disse que só duzentos denários seriam suficientes para lhes dar de comer. Este perfume custaria a mesma quantidade de dinheiro que se necessitaria para alimentar uma multidão de cinco mil pessoas. A mulher deu a Jesus algo tão valioso como isso e o deu porque era a coisa mais preciosa que possuía. O amor jamais calcula; nunca pensa o pouco que pode dar e quando deu tudo o que tem, continua pensando que deu muito pouco. Nem sequer começamos a ser cristãos se pensarmos em dar a Cristo e a sua Igreja o mínimo que nossa decência nos permite.

(2) Demonstra-nos que há momentos em que a visão mais comum das coisas falha. Neste momento a voz do senso comum disse: "Que desperdício!" e sem dúvida tinha razão. Mas há um mundo de diferença entre a economia do senso comum e a economia do amor. O senso comum acata os ditados da prudência, o amor obedece os ditados do coração. O senso comum ocupa um lugar muito importante na vida mas

há momentos em que só a extravagância do amor pode responder às exigências do amor. Um presente nunca o é em realidade quando podemos dá-lo com facilidade, só se converte em um presente autêntico quando implica sacrifício e quando damos muito mais do que podemos dar.

(3) Mostra-nos que há certas coisas que se devem fazer quando se apresenta a oportunidade ou não se farão nunca. Os discípulos estavam ansiosos para ajudar os pobres, mas os próprios rabinos diziam: "Deus permite que os pobres estejam sempre conosco, para que nunca falem as oportunidades de fazer o bem." Há coisas que podemos fazer em qualquer momento, mas há outras que só se podem fazer uma só vez e se se perder a oportunidade de fazê-las nesse momento, é perdida para sempre. Com muita freqüência nos sentimos movidos por um impulso generoso e também freqüentemente não atuamos de acordo a esse impulso; e se não seguir o impulso o mais provável é que as circunstâncias, a pessoa, o momento e o impulso não retornam. Para muitos de nós a tragédia da vida consiste em que é a história das oportunidades que perdemos de fazer coisas bonitas.

(4) Diz-nos que a fragrância de uma bela ação dura para sempre. Há tão poucas coisas belas que quando se faz uma brilha como a luz em um mundo em trevas. No final da vida de Jesus há tanta tragédia, tanta amargura, tanta traição, tantas intrigas que esta história brilha como um oásis de luz em um mundo que se vai obscurecendo cada vez mais. Há poucas coisas mais belas que o homem pode fazer neste mundo que deixar a lembrança de uma bela ação.

A OFERTA DO TRAIADOR

Mateus 26:14-16

Vimos que as autoridades judaicas queriam encontrar uma forma de prender Jesus sem provocar distúrbios perturbadores e com a chegada de Judas a oportunidade ideal se apresenta. Só pode haver três verdadeiras

razões básicas para que Judas tenha traído a Jesus. Todas as demais que se sugerem são variações destas três.

(1) Pode ter sido por avareza e ambição. Segundo Mateus e Marcos, Judas fez sua oferta espantosa justo depois da unção de Betânia. Quando João faz seu relato diz que Judas protestou contra o unção porque era ladrão e roubava o dinheiro da bolsa (João 12:6). Sendo assim, Judas fez uma das ofertas mais tremendas da história. A soma pela qual se comprometeu para trair a Jesus eram trinta *argurias*. Uma *arguria* era um siclo, e equivalia a ao redor de três centavos de dólar. Se isto for certo, Judas vendeu a Jesus por menos de doze dólares. Se a avareza for a causa da traição do Judas, este é o exemplo mais terrível da história das profundidades que pode alcançar o amor ao dinheiro.

(2) Pode ter sido devido a um ódio acérrimo, baseado em uma total desilusão. Os judeus sempre tiveram seus sonhos de poder e grandeza. Portanto, havia nacionalistas raivosos que estavam dispostos a fazer algo em matéria de assassinatos e violência a fim de expulsar os romanos da Palestina. Estes nacionalistas recebiam o nome de *sicários*, os que levam uma adaga, porque seguiam uma política deliberada de assassinato. Pode ser que Judas tenha sido um sicário, que tenha visto a Jesus como um líder enviado do céu que, com seus poderes milagrosos, poderia conduzir uma grande rebelião. Depois pode ter visto que Jesus tomava um caminho muito distinto, que conduzia à cruz. E em sua amarga desilusão a devoção de Judas pode ter-se convertido primeiro em desengano, logo em ódio, um ódio que o levou a procurar a morte do homem de quem tinha esperado tantas coisas. Pode ser que Judas odiasse a Jesus Cristo porque não era o Cristo que ele queria que fosse.

(3) Pode ser que Judas jamais tenha desejado a morte de Jesus. Pode ser que, como já estudamos, Judas tenha visto em Jesus o líder divino. Pode ter pensado que Jesus se estava movendo com muita lentidão, e que a única coisa que gostaria era mover a mão de Jesus. Pode ter traído a Jesus com a intenção de obrigá-lo a agir. De fato, esse é

o ponto de vista que se encaixa mais em todos os fatos. E isso explica por que Judas recorreu ao suicídio quando seu plano fracassou.

Qualquer que seja a interpretação que adotemos, a tragédia de Judas é que se recusou a aceitar a Jesus tal como era e tratou de convertê-lo no que ele queria que fosse. Não somos nós aqueles que poder mudar a Jesus mas sim Jesus quem deve nos mudar. Nunca podemos usar a Jesus para nossos próprios fins; devemos nos submeter a Ele para que Ele nos use para seus fins. A tragédia de Judas é a do homem que pensou que sabia mais que Deus.

A FESTA ANCESTRAL

Mateus 26:17-19

Jesus tinha ido a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa. Já vimos que a cidade nessa época estava invadida por uma multidão. Durante a Páscoa, supunha-se que todos os judeus deviam ficar dentro dos limites da cidade, mas a quantidade de pessoas tornava esta regulamentação em algo impossível de cumprir. E para os propósitos oficiais, o alojamento nas aldeias vizinhas, como Betânia, considerava-se como na própria cidade. E era em Betânia onde estava Jesus nesse momento. Mas a festa em si era preciso celebrá-la dentro da cidade. Os discípulos queriam saber que preparativos deviam fazer. É evidente que Jesus não tinha deixado as coisas para o último momento. Já tinha feito seus acertos com um amigo que vivia em Jerusalém, e tinham combinado uma contra-senha: "O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo." De maneira que Jesus enviou os discípulos a darem a contra-senha e a fazerem todos os preparativos necessários.

Toda a semana da qual a festa da Páscoa ocupava a primeira tarde se chamava a Festa dos Pães Asmos. Nos acontecimentos que seguem, devemos lembrar que para o judeu o dia seguinte começava às seis da tarde. Neste caso, a Festa dos Pães Asmos começava na quinta-feira pela

manhã. Nessa manhã se destruía toda partícula de levedura, depois de uma busca cerimonial por toda a casa. Havia duas razões para isso.

Toda a festa comemorava o sucesso mais importante da história do Israel, a libertação da escravidão no Egito. E quando os israelitas escaparam do Egito tiveram que sair com tanta pressa que não tiveram tempo de levar o pão levedado (Êxodo 12:34). A levedura é massa fermentada e quando fica uma parte dela na massa que se está preparando, o resultado é um pão semelhante ao pão comum, mas demora algum tempo para cozinhar. A massa sem levedura se cozinha mais rápido, mas sai uma substância mais semelhante a uma bolacha de água que a um pão; e isso era o pão sem levedar. Fazia-se desaparecer a levedura e se fazia pão sem levedar para repetir as ações da noite em que os israelitas deixaram para trás a terra do Egito e sua escravidão.

Em segundo lugar, no pensamento judeu a levedura é o símbolo da corrupção. Como já dissemos, a levedura é massa fermentada, e os judeus identificavam a fermentação com a podridão. De maneira que a levedura representava todo o podre e corrupto e, portanto, se fazia com que desaparecesse como sinal de purificação.

Quais seriam então os preparativos que fariam os discípulos?

Na manhã da quinta-feira preparariam o pão asmo e tirariam toda partícula de levedura da casa. O outro elemento essencial da festa era o cordeiro pascal. De fato, a festa recebia seu nome do cordeiro. A última das terríveis pragas que caiu sobre os egípcios e que foi a que os obrigou a deixar o povo judeu sair, foi que o anjo da morte percorreria toda a terra do Egito, matando o primogênito de cada lar. A fim de identificar suas casas, os israelitas deviam matar um cordeiro e manchar com o sangue do cordeiro a viga superior e as laterais da porta de maneira que o anjo vingador visse o sinal e passasse por cima dessa casa (Êxodo 12:21-23). Na tarde da quinta-feira era preciso levar o cordeiro ao templo e matá-lo, e seu sangue, que era a vida, devia ser oferecido a Deus em sacrifício.

Assim, pois, terão preparado o pão sem levedar e o cordeiro. Necessitavam-se outros quatro elementos para a festa.

(1) Deviam pôr sobre a mesa um tigela com *água salgada* para recordar as lágrimas que tinham derramado quando eram escravos no Egito, assim como a água salgada do Mar Vermelho através do qual tinham passado graças à mão maravilhosa de Deus.

(2) Devia-se preparar uma série de *ervas amargas* tais como rabanetes, chicória, escarola, alface, chicória, etc. Isto também cumpria o propósito de recordar a amargura da escravidão e o hissopo com o qual tinham manchado a viga superior e as laterais da porta com o sangue do cordeiro.

(3) Havia uma massa chamada *Carosheth*. Era uma mistura de maçãs, tâmaras, granadas e nozes. Servia para lembrá-los a argila com que foram obrigados a fazer tijolos no Egito, e a atravessavam vagens de canela para lhes lembrar a palha com a qual foram feitos os tijolos.

(4) Por último havia *quatro taças de vinho*. Serviam para recordar as quatro promessas de Êxodo 6:6-7: “E vos tirarei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus.”

Estes eram, pois, os preparativos da manhã e da tarde da quinta-feira. Essas foram as coisas que os discípulos prepararam e em qualquer momento depois das seis da tarde, quer dizer quando tinha começado na sexta-feira 15 de Nisã os convidados podiam reunir-se ao redor da mesa.

O ÚLTIMO APELO DO AMOR

Mateus 26:20-25

Nestas últimas cenas do relato evangélico há momentos em que Jesus e Judas parecem estar em um mundo à parte.

Uma coisa é indubitável: Judas deve ter desenvolvido suas turvas atividades no mais completo segredo. Deve ter feito todos os seus

movimentos às escondidas porque se outros discípulos se inteirassem de seus propósitos, não teria escapado com vida. Judas tinha oculto seus planos a seus companheiros, mas não podia escondê-los de Cristo. Sempre acontece o mesmo: qualquer um pode esconder seus pecados de seu próximo, mas nunca pode escondê-los dos olhos de Jesus Cristo que vê os segredos do coração. Jesus sabia, e era o único que sabia, quais eram os planos de Judas.

E agora podemos ver os métodos que Jesus emprega com o pecador. Jesus poderia ter usado seu poder para fulminar Judas, para paralisá-lo, para fazê-lo impotente, até para matá-lo. Mas a única arma que Jesus está disposto a usar é o apelo do amor. Um dos grandes mistérios da vida é o respeito que Deus manifesta para com a livre vontade do homem. Deus não obriga, não coage, só chama.

Quando Jesus busca evitar que algum homem peque, faz duas coisas. Em primeiro lugar, confronta o homem com seu pecado. Trata de fazer com que o homem pare, veja e pense no que está fazendo. É como se lhe dissesse: "Olhe o que está para fazer. Pode você, em realidade, fazer algo semelhante?" Tem-se dito que nossa maior segurança diante do pecado reside no fato de que nos surpreende e escandaliza. E Jesus de vez em quando faz com que o homem pare, veja e se dê conta para que sua surpresa o devolva à prudência. Em segundo lugar, confronta o homem com Ele, com o próprio Jesus. Faz com que o homem O olhe para lhe dizer: "Pode você me olhar, pode olhar nos meus olhos, e ir fazer o que você pensa fazer?" O apelo de Jesus consiste em fazer com que o homem perceba o caráter horrível do que tenta fazer, e o amor que deseja evitar sua ação.

E aí é justamente onde vemos o espanto do pecado. O verdadeiro horror do pecado reside em seu caráter intencional e deliberado. Apesar do último apelo do amor, Judas prosseguiu. Mesmo confrontado com seu pecado e com o rosto de Cristo, Judas recusou-se a retroceder. Há pecado e pecado. Há o pecado do coração apaixonado, e o do homem que, no impulso do momento, é arrastado ao pecado antes de dar-se

conta do que aconteceu. Não se pode subtrair importância a esse tipo de pecado, pode ter conseqüências terríveis. Mas é muito pior o pecado frio, calculado, indiferente, premeditado, que sabe a sangue frio o que está fazendo, a quem se confronta com o horror do fato, e com o olhar amante de Jesus, e entretanto, escolhe seu próprio caminho. Nosso coração se indigna ante o filho ou a filha que destroça o coração de seus pais com premeditação – e isso é o que Judas fez com Jesus – e o trágico é que também é algo que nós mesmos fazemos com freqüência.

SEU CORPO E SEU SANGUE

Mateus 26:26-30

Já vimos em que forma os profetas apelavam a atitudes simbólicas quando queriam dizer algo de modo que não se pudesse deixar de ver e compreender. Já vimos a Jesus apelando a este método em sua entrada triunfal e no incidente da figueira. Isso mesmo é o que faz aqui. Todo o simbolismo e o ritual da festa da Páscoa era uma imagem do que queria dizer às pessoas, visto que era a representação do que Ele tinha feito pelos homens. Qual é então a imagem que Jesus emprega e qual é a verdade que está por trás dela?

(1) Toda a festa da Páscoa era uma *comemoração da libertação*. Todo seu objetivo era relembrar ao povo de Israel a forma em que Deus os tinha libertado do cativeiro no Egito. Portanto, em primeiro lugar, Jesus afirmou ser o grande libertador. Veio para libertar os homens do medo e do pecado. Jesus Cristo liberta os homens dos temores que os atormentam, e dos pecados que não os deixam em paz.

(2) O cordeiro pascal era, de maneira especial, um *símbolo de segurança*. Naquela noite de destruição, o que manteve a salvo a Israel foi o sangue do cordeiro pascal. Portanto, *Jesus estava afirmando que era Salvador*. Veio salvar os homens de seus pecados e das conseqüências desses pecados. Veio dar aos homens segurança na Terra, e no céu, no tempo e na eternidade.

Ora, aqui há uma palavra-chave, na qual se sintetiza toda a obra e a intenção de Jesus. Trata-se da palavra *aliança*. Jesus disse que seu sangue era o sangue da aliança. O que quis dizer com isso? Uma aliança é uma relação entre duas pessoas; quando duas pessoas fazem uma aliança, entram em um tipo de relação mútua. Mas a aliança a que Jesus se refere não é uma aliança entre um homem e outro homem, antes, trata-se de uma aliança entre Deus e o homem. Quer dizer que é uma nova relação entre Deus e o homem. O que disse Jesus na Última Ceia foi o seguinte: "Por minha vida, e em especial por minha morte, foi possível estabelecer uma nova relação entre vocês e Deus." É como se dissesse: "Viram-me, e em mim viram a Deus; disse-lhes, mostrei-lhes, quanto Deus os ama; ama-os tanto a ponto de sofrer o que estou sofrendo; assim é Deus." Devido ao que fez Jesus pelos homens, a eles fica aberto o caminho a toda a beleza desta nova relação com Deus.

Esta passagem conclui dizendo que quando o grupo formado por Jesus e seus discípulos terminou de cantar um hino, foram ao monte das Oliveiras. Uma parte essencial do ritual da Páscoa era o canto do *Hallel*. *Hallel* significa *Louve a Deus!* E o *Hallel* constava dos Salmos 113-118, que são hinos de louvor. Em diferentes momentos da festa da Páscoa se cantavam seções destes salmos. E ao final da Páscoa se cantava o Grande *Hallel*, que é o Salmo 136. De maneira que esse foi o salmo que cantaram antes de sair para o monte das Oliveiras.

Devemos assinalar mais uma coisa. Havia uma diferença básica entre a Última Ceia e o sacramento que nós observamos. A Última Ceia era uma verdadeira refeição; de fato, a lei estabelecia que era preciso comer todo o cordeiro e que não se devia deixar nada. Não era questão de comer uma parte de pão e tomar um gole de vinho. Era uma refeição para gente que tinha fome. Podemos dizer com toda justiça que o que ensina Jesus não é só a reunir-se na igreja e participar de um festejo ritual e simbólico; o que diz a seus discípulos é que cada vez que se sentam para satisfazer a fome e para comer uma refeição o fazem em

memória dEle. Porque Jesus não é só Senhor da mesa da Eucaristia; também deve ser Senhor da refeição cotidiana.

Falta assinalar mais uma coisa. Esta passagem conclui com as palavras finais de Jesus na Última Ceia. Ali diz que não a celebrará com eles outra vez até que o faça no Reino de seu Pai. Aqui vemos, por certo, uma fé e um otimismo divinos. Jesus se dirigia ao Getsêmani, ao julgamento ante o Sinédrio, à cruz; e entretanto, *segue pensando em termos do Reino*. Para Jesus a cruz jamais foi uma derrota; era o caminho à glória. Jesus estava no caminho que o conduziria ao Calvário, mas também se dirigia ao trono do Reino de Deus.

A ADVERTÊNCIA DO MESTRE

Mateus 26:31-35

Nesta passagem ficam muito claras certas características de Jesus.

(1) Vemos seu *realismo*. Jesus via o que estava pela frente. Mateus, de fato, vê que a fuga dos discípulos foi profetizada no Antigo Testamento, em Zacarias 13:7. Jesus não era um otimista exagerado que podia fechar os olhos aos fatos com toda facilidade. Previa o que aconteceria em forma inevitável e, entretanto, não se deteve.

(2) Aqui também vemos a *confiança* de Jesus. Ele diz: “Depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia”. Jesus sempre via além da cruz. Estava tão absolutamente certo da glória como do sofrimento.

(3) Vemos a *simpatia* de Jesus. Sabia que seus homens fugiriam para salvar a vida e O abandonariam no momento de sua mais profunda necessidade. Mas não os repreende nem os condena, nem acumula recriminações sobre eles ou os qualifica de criaturas inúteis e perdidas. Longe disso, diz-lhes que quando tiver passado esse momento terrível, voltará a encontrar-se com eles. A grandeza de Jesus consiste em que conhecia o lado pior dos homens e continuava amando-os. Conhece nossa fraqueza humana; sabe que cometeremos enganos e que nossa lealdade fraquejará, mas esse conhecimento não converte o amor em

algo amargo ou cheio de desprezo. Jesus não manifesta mais que simpatia para com o homem que cai em pecado por sua fraqueza.

Mas, além disso, esta passagem nos mostra algo a respeito de Pedro. Não resta dúvida que a falta de Pedro é muito clara, era um *excesso de confiança em si mesmo*. Sabia que amava a Jesus, não duvidou disso jamais, e acreditou que por seus próprios meios poderia dominar qualquer situação que surgisse. Mas Jesus sabia que Pedro não era tão forte quanto pensava. Só estaremos a salvo quando substituirmos a confiança que alardeia pela humildade que conhece sua fraqueza e que não depende de si mesma, antes busca a ajuda de Cristo.

Os romanos e os judeus dividiam a noite em quatro vigílias: de seis da tarde às nove da noite, das nove à meia-noite, de meia-noite às três da manhã e das três às seis da manhã. O galo cantaria entre a terceira e a quarta vigílias. O que Jesus diz a Pedro é que antes do amanhecer, ele O negará três vezes.

A LUTA DA ALMA NO JARDIM

Mateus 26:36-46

Sem dúvida esta é uma passagem à qual devemos nos aproximar de joelhos. Em uma passagem como esta certamente o estudo deve ceder o lugar à adoração maravilhada.

Na própria Jerusalém não havia jardins de nenhum tipo porque numa cidade construída sobre uma montanha não há lugar para espaços abertos e cada centímetro é aproveitado para a construção. De maneira que o que sucedia era que os cidadãos abastados tinham seus jardins particulares no monte das Oliveiras. A palavra Getsêmani provavelmente signifique um trapiche ou prensa de azeitonas; e sem dúvida se tratava de um jardim de oliveiras ao qual Jesus tinha direito de entrar. É algo estranho e belo pensar nos amigos cujos nomes desconhecemos que se congregaram ao redor de Jesus nos últimos dias. Vemos o homem que lhe deu o jumento sobre o qual entrou em Jerusalém, o homem que lhe

emprestou o cenáculo no qual comeram a Última Ceia, e agora vemos o homem que lhe deu permissão de entrar no jardim nas ladeiras do monte das Oliveiras. Em um deserto de ódio, ainda havia oásis de amor.

Levou ao jardim os mesmos três que tinham estiveram com Ele no monte da Transfiguração e ali orou, mais ainda, lutou em oração. Ao contemplar com assombro reverente a luta da alma de Jesus no jardim vemos algumas coisas.

(1) Vemos a *agonia* de Jesus. Agora estava bem seguro de que tinha a morte pela frente. O próprio fôlego da morte estava sobre Ele. Ninguém quer morrer aos trinta e três anos; e menos ainda, fazê-lo na agonia de uma cruz. Aqui Jesus libertou sua luta suprema para submeter sua vontade à vontade de Deus. Ninguém pode ler este relato sem perceber a intensa realidade desta luta. Não se trata de uma simulação, aqui vemos uma luta cujo resultado fez mover o fiel da balança. A salvação do mundo estava na balança no Jardim do Getsêmani, porque até esse momento Jesus teria podido retroceder e o propósito de Deus teria sido frustrado. Neste momento tudo o que sabia Jesus era que devia continuar e que tinha uma cruz pela frente. Com todo respeito podemos afirmar que aqui vemos a Jesus aprender a lição que todos devem aprender em algum momento – estava aprendendo a aceitar o que não podia compreender. Tudo o que sabia era que a vontade de Deus o chamava de maneira imperiosa a continuar. Neste mundo todos enfrentamos coisas que não podemos compreender, e é nesse momento quando a fé é provada até seus últimos limites; e então a alma recebe um bálsamo ao pensar que Jesus experimentou o mesmo no Getsêmani. Tertuliano (*Do Bapt.* 20) menciona uma declaração de Jesus que se transmitiu em forma oral embora não apareça em nenhum dos evangelhos: "Ninguém que não tenha sido tentado pode entrar no Reino de Deus." Quer dizer que cada um tem seu jardim do Getsêmani, e cada um deve aprender a dizer: "Seja feita a Tua vontade." .

(2) Vemos a *solidão* de Jesus. Levou consigo a seus três discípulos prediletos; mas estavam tão extenuados com o drama desses últimos dias

e horas que não puderam manter-se acordados. E Jesus teve que travar sua luta a sós. Isso também é certo de todos os homens. Há certas coisas que o homem deve enfrentar, e certas decisões que deve tomar na terrível solidão de sua alma; há momentos em que a ajuda fracassa e o consolo desaparece, mas nessa solidão temos a presença dAquele que, no Getsêmani, experimentou o mesmo e o superou.

(3) Aqui vemos a *confiança* de Jesus. Vemo-la ainda melhor na versão de Marcos. Segundo Marcos Jesus começou sua oração dizendo: "Aba, Pai" (Marcos 14:36). Há um mundo de beleza nesta palavra, *Aba*, que fica oculta a nossos ouvidos ocidentais a menos que conheçamos algo dela. Joachim Jeremias escreve o seguinte sobre esta palavra *Aba* em seu livro *The Parables of Jesus*:

"O emprego por parte de Jesus da palavra *Aba* para dirigir-se a Deus não tem comparação em toda a literatura judia. A explicação deste fato se encontra na afirmação feita pelos pais Crisóstomo, Teodoro e Teodoreto no sentido de que a palavra *Aba* (tal como em árabe se segue usando a palavra *jaba*) era a que um menino empregava para dirigir-se a seu pai. Era uma palavra cotidiana que ninguém se animou a empregar com referência a Deus. Jesus o fez. Falou com seu Pai Celestial em forma tão infantil, confiante e íntima como o faria qualquer menino que fala com seu pai. Sabemos como nos falamos a nossos filhos e que nomes nos dão. Assim é como Jesus falou com Deus. Apesar de que não terminava de compreender, embora a única segurança que tinha era que Deus insistia com ele a dirigir-se para uma cruz, chamou-o *Aba*, como um menino o teria feito."

Aqui sim há confiança, uma confiança que nós também devemos ter nesse Deus a quem Jesus nos ensinou a conhecer como Pai, tal como Ele mesmo o conhecia.

(4) Por último, aqui vemos a *coragem* de Jesus. "Levantai-vos, vamos!", disse, "Eis que o traidor se aproxima." Celso, o filósofo pagão que atacou o cristianismo, empregou essa frase para sustentar que Jesus tentou escapar. Justamente o contrário. "Levantai-vos", disse, "terminou o momento da oração e de estar no jardim. Chegou o momento da ação."

Enfrentemos a vida em seu aspecto mais lúgubre e aos homens em seu pior momento." Jesus levantou de seus joelhos para dirigir-se à luta da vida. Para isso serve a oração. O homem se ajoelha ante Deus em oração para poder erguer-se diante dos homens. Na oração o homem entra no céu para poder enfrentar as batalhas da Terra.

O BEIJO DO TRAIADOR

Mateus 26:47-50

Como já vimos, as atitudes de Judas podem provir de um de dois motivos. Possivelmente, por avareza ou desencanto, pode ter desejado a morte de Jesus; ou pode ter tentado forçar a Jesus, e possivelmente não quis que morresse, mas que se sentisse obrigado a agir.

De maneira que há duas formas de interpretar este incidente. Se no coração de Judas não havia mais que um ódio escuro, e uma espécie de avareza maníaca, então este não é mais que o beijo mais tremendo de toda a história, um beijo que era o sinal da traição. Se essa for a interpretação, não se pode dizer nada mais espantoso a respeito de Judas.

Mas há coisas que indicam que há algo mais que isso nesta passagem. Quando Judas disse à multidão armada que lhes indicaria qual era o homem que tinham vindo prender por meio de um beijo, usa a palavra grega *philein*, que é a palavra comum para designar um beijo. Mas quando se diz que Judas beijou de fato a Jesus, emprega-se a palavra *kataphilein*, palavra que designa o beijo do amante e que significa beijar em forma apaixonada, repetida e fervorosa. Por que Judas teria que fazer isso?

Mais ainda, por que seria necessário identificar a Jesus? As autoridades não necessitavam uma identificação de Jesus, e sim uma ocasião conveniente para prendê-lo. As pessoas que foram prender a Jesus pertenciam aos sumos sacerdotes e aos anciãos da cidade; deve ter sido a polícia do templo, essa era a única força que estava à disposição dos sumos sacerdotes. O incrível é que a polícia do templo não

conhecesse o homem que poucos dias antes tinha purificado o templo e que tinha expulso os cambistas de moedas e os vendedores de pombas do pátio do templo. O incrível é que não conheciam o homem que ensinava todos os dias no pátio do templo. Não necessitavam nenhuma identificação. Uma vez conduzidos ao jardim, sabiam muito bem qual era o homem que deviam prender.

É muito mais provável que quando Judas se adiantou para beijar a Jesus o tenha feito como um discípulo que beijava a seu mestre, e que tenha sido sincero ao fazê-lo. E é mais que provável que logo tenha dado um passo atrás com uma expressão de espectador orgulho, esperando que Jesus fulminasse a essas pessoas e agisse de uma vez por todas. O curioso é que a partir do momento do beijo, Judas desaparece de cena no jardim até o momento do suicídio. Nem sequer apareceu como testemunha no julgamento de Jesus. É muito mais provável que em um momento pasmoso, terrível, esmagador, dilacerador, Judas tenha percebido quão mal tinha feito seus cálculos e que se afastou em meio da noite, desfeito e torturado para sempre. Se esta interpretação for correta, nesse momento Judas entrou no inferno que ele mesmo construiu para si mesmo, porque o pior tipo de inferno é a percepção total das espantosas conseqüências do pecado.

A PRISÃO NO JARDIM

Mateus 26:50-58

Foi Judas que deu às autoridades a informação que permitiu encontrar a Jesus na solidão do jardim do Getsêmani. As forças que estavam à disposição das autoridades judaicas eram a polícia do templo às ordens do Capitão do templo. Mas a multidão que se amontoou atrás de Judas para dirigir-se ao jardim era mais parecida com um grupo preparado para um linchamento do que a um destacamento que se dirige a prender alguém.

Jesus não estava disposto a tolerar resistência alguma. Mateus se limita a dizer que um dos discípulos tirou a espada e se dispôs a resistir até à morte e a vender muito cara sua vida, e que além disso feriu um dos servos do sumo sacerdote. Quando João relata a mesma história (João 18:10), diz-nos que o discípulo era Pedro e que o servo se chamava Malco. A razão pela qual João nomeia a Pedro e Mateus não o faz, pode ser que João escreveu muito mais tarde, e que quando Mateus o fez possivelmente ainda não fosse muito seguro nomear o discípulo que tinha saltado com tanta rapidez para defender a seu Mestre. Aqui nos encontramos com outro exemplo da coragem quase fantástica de Pedro. Estava disposto a atacar sozinho a toda a multidão. E não esqueçamos que foi depois disso, quando já estava marcado, que seguiu a Jesus até o pátio da casa do sumo sacerdote. Mas em todos estes incidentes das últimas horas, nossa atenção se concentra sobre Jesus; e aqui aprendemos duas coisas a respeito dEle.

(1) A morte de Jesus aconteceu *por sua própria escolha*. Não tinha por que ir a Jerusalém para a festa da Páscoa. Uma vez ali, não tinha por que seguir sua política intencional de magnífico desafio. Até poderia ter escapado do jardim e se teria salvo, porque era de noite e havia muita gente disposta a fazê-lo desaparecer da cidade em segredo. Inclusive poderia ter invocado o poder de Deus e ter fulminado a seus inimigos. Cada passo deste dia demonstra com maior clareza que Jesus entregou sua vida, e que ninguém a tirou. Jesus morreu, não porque os homens o mataram, mas sim porque ele escolheu morrer.

(2) Jesus escolheu morrer, porque sabia que sua morte era o *propósito de Deus*. Tomou este caminho porque isso era o que os profetas tinham anunciado. Tomou-o porque o único caminho é o amor. “Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.” A violência só pode gerar violência. A única coisa que pode gerar uma espada desembainhada é outra espada que saia a seu encontro. Jesus sabia que o poder, a guerra, a força não resolvem nada, que só produzem uma série contínua de males e geram uma lúgubre multidão de criaturas piores que

eles. Sabia que a única forma de cumprir o propósito de Deus era mediante o amor sacrificial. E a história demonstrou que estava certo. Porque esses mesmos judeus que o prenderam com violência e que se vangloriavam disso, e que além disso teriam molhado com o maior prazer suas espadas no sangue romano, viram, quarenta anos depois, a destruição definitiva de sua cidade, enquanto o homem que não quis lutar estava entronizado para sempre no coração dos homens.

O FRACASSO DA CORAGEM

Mateus 26:57-58, 69-75

Ninguém pode ler esta passagem sem sentir-se surpreso pela assombrosa honestidade do Novo Testamento. Se alguma vez houve algum incidente do qual se podia esperar que fosse silenciado é este; e entretanto, aí está, em toda sua vergonha. Sabemos que Mateus seguiu de perto a narração de Marcos, e no evangelho de Marcos este relato aparece ainda mais detalhado (Marcos 14:66-72). Também sabemos, como nos diz Papias, que o evangelho de Marcos não é mais que o material da pregação de Pedro que se pôs por escrito. E assim chegamos ao fato surpreendente de que contamos com a história da negação de Pedro porque Pedro mesmo foi quem a contou a outros. De maneira que, longe de passar este relato por alto, Pedro o converteu em uma parte essencial do evangelho. E o fez na melhor das razões. Cada vez que relatava esta história, Pedro podia dizer: "Assim é como Jesus perdoa. Perdoou-me ao falhar com Ele em seu momento de necessidade mais amargo. Isso fez Jesus. Tomou a mim, o covarde, e apesar de tudo, honrou-me fazendo de mim um instrumento dEle."

Jamais devemos ler esta história sem lembrar que é o próprio Pedro quem relata a vergonha de seu próprio pecado para que todos os homens possam conhecer a glória do amor que perdoa e do poder purificador de Jesus Cristo.

E entretanto, não está certo olhar a Pedro somente com um sentimento de condenação carente de toda compreensão. O grande fato resplandecente é que o desastre que sobreveio a Pedro só podia acontecer a um homem do mais valente heroísmo. Todos os outros discípulos fugiram; Pedro foi o único que não o fez. Na Palestina, as casas das pessoas acomodadas estavam construídas em um quadrado com um pátio aberto no meio, ao qual se abriam as diferentes habitações. Para Pedro, entrar nesse pátio no meio da casa do sumo sacerdote equivalia a penetrar na cova dos leões, e assim mesmo Pedro entrou. Qualquer que seja o final deste relato, começa com a história de Pedro, o único homem valente.

A primeira negação teve lugar no pátio. Sem dúvida a criada havia dito que Pedro era um dos seguidores mais conspícuos de Jesus e o tinha reconhecido. Ora, depois desse reconhecimento qualquer um poderia pensar que Pedro escaparia para salvar o pele; sem dúvida, qualquer covarde se teria internado na escuridão da noite o mais breve possível. Mas Pedro não; retirou-se até a porta. Pedro se sentia atraído por dois sentimentos opostos. Sentia um temor em seu coração que o fazia querer escapar, mas também tinha um sentimento de amor que o mantinha nesse lugar.

Mais uma vez o reconheceram na porta; e desta vez jurou que não conhecia a Jesus. E, apesar de tudo, Pedro não foi embora. Aqui vemos a coragem mais teimosa. Mas a segunda negação de Pedro o havia traído. Sua forma de falar indicava com toda clareza que procedia da Galiléia. Os galileus falavam com uma pronúncia gutural; tão feia era sua dicção que não eram permitidos dar a bênção no culto da sinagoga.

E, outra vez, foi acusado de ser um discípulo do Galileu. Desta vez Pedro foi ainda mais longe: não só jurou que não conhecia a Jesus, mas também blasfemou o nome de seu Mestre. Mas segue sendo evidente que Pedro não tinha nenhuma intenção de ir embora do pátio. E nesse momento cantou o galo. Aqui surge uma possibilidade muito clara que nos oferece uma imagem muito eloqüente. Pode ser que o canto do galo

não tenha pertencido a nenhuma ave; e que jamais se imaginou, desde o começo, que proviria de uma ave. Depois de tudo, a casa do sumo sacerdote estava em pleno centro de Jerusalém, e é muito pouco provável que houvesse aves domésticas em meio da cidade. De fato, a lei judaica estabelece que está proibido ter galos e galinhas na Cidade Santa, porque manchavam as coisas sagradas. Mas as três da manhã era chamado "o canto do galo" pela seguinte razão. A essa hora se trocava a guarda romana no castelo de Antônia e o sinal da mudança de guarda era um *toque de trombeta*. A palavra latina que designa esse toque de trombeta é *gallicinium*, que significa *canto do galo*. Pelo menos é possível pensar que no mesmo momento em que Pedro pronunciou sua terceira negação, tenha soado a trombeta do castelo acima da cidade adormecida, o *gallicinium*, o canto do galo, e Pedro se lembrou, e então saiu e chorou de todo o coração.

Não sabemos o que foi que aconteceu com Pedro depois disso, porque o relato evangélico corre um véu piedoso sobre a agonia de sua vergonha. Mas antes de condenar a Pedro, devemos lembrar que são poucos os que se animaram sequer a entrar naquele pátio. E devemos acrescentar um último elemento; o que deu essa coragem a Pedro foi o amor. Foi o amor que o atou a esse lugar apesar de que o tinham reconhecido três vezes; foi o amor que o levou a lembrar as palavras de Jesus; foi o amor que o enviou à escuridão da noite para esvaziar seu coração e é o amor que cobre uma multidão de pecados. A impressão essencial e definitiva de todo este relato não é a da covardia de Pedro, e sim a de seu amor.

O JUÍZO DIANTE DOS JUDEUS

Mateus 26:57, 59-68

O processo do julgamento de Jesus não é nada fácil de seguir. Parece haver-se dividido em três partes. Em primeiro lugar, a parte que se desenvolveu depois da detenção no jardim, durante a noite, e na casa

do sumo sacerdote. Essa é a parte descrita nesta seção. Em segundo lugar, a parte que aconteceu nas primeiras horas da manhã, e cuja breve descrição aparece em Mateus 27:1-2. Em terceiro lugar, a parte que se desenvolveu ante Pilatos e que se descreve em Mateus 28:3-26. A pergunta fundamental é a seguinte: A reunião da noite foi uma reunião oficial do Sinédrio, que se convocou com urgência, ou não foi mais que um interrogatório preliminar com o propósito de formular uma acusação, e a reunião da manhã foi a reunião oficial do Sinédrio? Qualquer que seja a resposta, os judeus violaram por completo suas próprias leis no julgamento de Jesus. Mas se a reunião da noite foi uma reunião do Sinédrio, a violação é mais grave ainda. Em termos gerais, parece que Mateus considerou que a reunião noturna foi uma reunião do Sinédrio porque no versículo 59 diz que todo o concílio procurava testemunhas falsas para matar a Jesus. De maneira que analisaremos primeiro este processo do ponto de vista legal judaico.

O Sinédrio era a corte suprema dos judeus. Estava formado por escribas, fariseus, saduceus e anciãos do povo. Tinha setenta e um membros e era presidido pelo sumo sacerdote. Para um juízo como este o *quórum* que se exigia eram vinte e três pessoas. Tinha algumas regras. Era preciso julgar e dar por terminados todos os casos criminais durante o dia. Não se podia tratar de nenhum ponto de vista um caso criminal durante a época da Páscoa. Só se o veredicto fosse de inocência se podia dar por terminado um caso criminal no mesmo dia em que tinha começado. Do contrário, devia passar uma noite antes do pronunciamento do veredicto, de maneira que houvesse tempo para que surgissem sentimentos de misericórdia.

Mais ainda, nenhuma decisão do Sinédrio era válida a menos que se reunisse em seu lugar de encontro, a Sala de Pedra Lavrada nos recintos do templo. Quanto às testemunhas, todo testemunho devia estar garantido por duas testemunhas interrogadas separadamente e sem nenhum contato entre si. Em todo caso em que uma vida estivesse em jogo se comunicaria a qualquer testemunha a gravidade da situação:

"Lembre, testemunha, que uma coisa é dar testemunho num julgamento por dinheiro e outra num julgamento por uma vida. Em um julgamento por dinheiro, se seu testemunho fizer algum mal, o dinheiro pode repará-lo; mas se pecas neste caso, o sangue do acusado e a de sua semente até o final dos tempos te será imputado." Além disso, em todo julgamento, o processo começava com a exposição do testemunho em favor da *inocência* do acusado, antes de expor a evidência contrária.

Estas eram as regras do próprio Sinédrio e é muito evidente que em seu desejo de matar a Jesus, o conselho violou suas próprias leis. Os judeus tinham alcançado tal medida de ódio que justificavam qualquer coisa para acabar com Jesus.

O CRIME DE CRISTO

Mateus 26:57, 59-68 (continuação)

O principal objetivo da reunião noturna das autoridades judaicas foi formular uma acusação contra Jesus. Como vimos, todo testemunho devia ser garantido por duas testemunhas, interrogados separadamente. Durante muito tempo não se pôde obter sequer que duas testemunhas falsas ficassem de acordo. E logo se encontrou uma acusação: que Jesus havia dito que destruiria o templo e voltaria a construí-lo em três dias. É evidente que esta acusação é uma deformação de certas palavras de Jesus. Já vimos que predisse, e com exatidão a destruição do templo; e isto foi tergiversado de maneira que o acusou de dizer que Ele próprio destruiria o templo.

Vimos que Ele anunciou que O matariam e que ressuscitaria ao terceiro dia; e isto tinha sido tergiversado de uma maneira tal que se afirmou que havia dito que reconstruiria o templo em três dias. Esta acusação se formulou mediante a repetição e interpretação, premeditadas e maliciosamente falsificadas de certas coisas que Jesus havia dito. Jesus se negou completamente a responder a essa acusação. Nisso tinha a lei

de seu lado porque não se podia obrigar a nenhum acusado a responder a qualquer pergunta que o fizesse aparecer como culpado.

Nesse momento o sumo sacerdote formulou sua pergunta fundamental. Vimos que Jesus em muitas ocasiões advertiu, ordenou e ameaçou a seus discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Messias. Como foi então que o sumo sacerdote soube fazer a pergunta cuja resposta Jesus não pôde evadir? Pode ser que quando Judas passou a informação contra Jesus, também tivesse falado às autoridades judaicas a respeito da afirmação de Jesus em relação a seu caráter messiânico. Pode ser que Judas tenha quebrado com plena consciência o juramento de manter o segredo imposto por Jesus a seus discípulos.

Seja como for, o sumo sacerdote formulou a pergunta e o fez sob juramento. "És tu o Messias?", perguntou. "Dizes ser o Filho de Deus?" Este é o momento crucial no julgamento de Jesus. Podemos afirmar que o universo inteiro conteve o fôlego à espera da resposta de Jesus. Se Jesus dissesse: "Não", vinha abaixo o julgamento; não podia haver acusação alguma contra Ele. Só tinha que dizer: "Não", e sairia caminhando como um homem livre e poderia escapar antes que o Sinédrio encontrasse outra forma de apanhá-lo. Por outro lado, se dissesse: "Sim", assinaria sua sentença de morte. Nada mais que um simples "Sim", e a cruz se convertia em uma certeza total e ineludível. Pode ser que Jesus haja tornado a fazer uma pausa para avaliar o custo antes de tomar a decisão suprema; e depois disse: "Sim." Foi ainda mais longe. Citou Daniel 7:13 com seu vívido relato do triunfo e a realeza finais do escolhido de Deus. Sabia muito bem o que fazia. Imediatamente se ouviu a acusação de blasfêmia. Aqueles homens rasgaram suas vestes em uma espécie de horror histórico e artificial e Jesus foi condenado à morte.

Então seguiram as cuspidas, os murros, as bofetadas e as zombarias. Esqueceram até os aspectos exteriores da justiça e saiu a reluzir o ódio venenoso das autoridades judaicas. Essa reunião noturna começou como uma corte de justiça e terminou em um desdobramento histórico de ódio,

no qual não se fez nem sequer o intento de manter o aspecto superficial da justiça imparcial.

Até o dia de hoje segue em vigência o fato de que quando um homem se defronta com Jesus Cristo pode odiá-lo ou amá-lo; submeter-se a Ele ou desejar destruí-lo. Ninguém que se dá conta do que exige Jesus pode continuar neutro. Deve ser seu amoroso amigo ou seu inimigo.

Mateus 27

O fim do traidor - Mat. 27:3-10

O homem que sentenciou Jesus à morte - Mat. 27:1-2, 11-26

A infrutífera luta de Pilatos - Mat. 27:1-2, 11-26 (cont.)

A zombaria dos soldados - Mat. 27:27-31

A cruz e a vergonha - Mat. 27:32-44

A vitória do final - Mat. 27:45-50

A revelação fulminante - Mat. 27:51-56

O presente de um sepulcro - Mat. 27:57-61

Uma tarefa impossível - Mat. 27:62-66

O FIM DO TRAIADOR

Mateus 27:3-10

Aqui nos encontramos com todo o horror do último ato da tragédia de Judas. Qualquer que seja nossa interpretação da mente de Judas, uma coisa é evidente: neste momento viu o espanto do que tinha feito. Mateus nos diz que Judas tomou o dinheiro e o jogou no templo, e o interessante é que a palavra que emprega não é a que designa os recintos do templo em geral (*hieron*), mas sim a que se refere ao templo propriamente dito (*naos*). Lembraremos que o templo constava de uma série de pátios que se abriam uns sobre outros. Em seu cego desespero Judas chegou ao Pátio dos Gentios, passou através dele até o Pátio das Mulheres, daí foi ao Pátio dos Israelitas; não poderia ir mais longe, tinha chegado ao limite que separava o Pátio dos Sacerdotes, com o próprio templo no extremo.

Pediu-lhes que recebessem o dinheiro; mas não quiseram fazê-lo, tomou e o lançou, logo saiu correndo e se enforcou. E os sacerdotes recolheram o dinheiro, que estava tão manchado que não podiam pô-lo no tesouro do templo e com ele compraram um terreno para enterrar os corpos impuros de gentios que morriam dentro da cidade.

Sem dúvida o suicídio de Judas é a indicação final de que seu plano tinha fracassado. Sua intenção tinha sido que Jesus surgisse como um conquistador, tinha-o conduzido à cruz; e sua vida ficou destroçada. Aqui nos encontramos com duas grandes verdades sobre o pecado.

(1) O mais terrível sobre o pecado é que não podemos voltar atrás. Não podemos desfazer o que já fizemos. Não se precisa ser muito velho para experimentar esse desejo terrível e urgente de poder voltar a viver algum momento determinado. O lembrar que não podemos voltar atrás em nenhuma ação, deveria nos fazer duplamente cuidadosos de como procedemos.

(2) O que é estranho sobre o pecado é que alguém pode chegar a odiar aquilo que obteve por meio desse mesmo pecado. O prêmio que se obteve por meio do pecado pode produzir desgosto, espanto e repulsa, até que o único desejo da vida é fazê-lo desaparecer dela. A maior parte das pessoas pecam porque acreditam que se puderem possuir a coisa proibida será feliz. Mas aquilo que o pecado desejava e obteve pode converter-se naquilo do qual o homem daria algo para livrar-se – e com muita freqüência não pode fazê-lo.

Como vimos, Mateus encontra previsões sobre os sucessos da vida de Jesus nos lugares mais inverossímeis. De fato, aqui nos encontramos com um engano. Neste lugar, Mateus cita de cor, e a citação não pertence a Jeremias, e sim a Zacarias. Procede de uma estranha passagem (Zacarias 11:10-14) na qual o profeta nos relata que recebeu uma recompensa indigna e a lançou ao tesouro. Nessa velha imagem Mateus viu uma semelhança simbólica com o que Judas tinha feito.

Poderia ter sucedido que, se Judas tivesse sido fiel a Jesus, teria morrido como um mártir; mas como se empenhou muito em seguir seu

próprio caminho, morreu como suicida. Perdeu a glória da coroa do martírio para descobrir que a vida lhe era intolerável porque tinha pecado.

O HOMEM QUE SENTENCIOU JESUS À MUERTE

Mateus 27:1-2,11-28

Os dois primeiros versículos desta passagem descrevem o que deve ter sido uma reunião muito breve do Sinédrio, celebrada a uma hora bem cedo de manhã, com a intenção de formular uma acusação oficial contra Jesus. A necessidade de fazê-lo estribava no fato de que, enquanto os judeus podiam julgar casos simples, não tinham direito de infligir a pena de morte. Essa sentença só podia ser pronunciada pelo governador romano e as autoridades romanas podiam executá-la. De maneira que o Sinédrio devia formular uma acusação com a qual pudesse ir a Pilatos e exigir a morte de Jesus. Mateus não nos diz qual foi a acusação, coisa que Lucas o faz. No Sinédrio, a acusação que se levantou contra Jesus foi um acusação de blasfêmia (Mateus 26:65-66). Mas ninguém sabia melhor que as autoridades judaicas que Pilatos jamais ouviria essa acusação. Dir-lhes-ia que fossem resolver suas próprias controvérsias religiosas. Portanto, conforme nos diz Lucas, apareceram diante de Pilatos com uma acusação tripla, cada uma de cujas partes era uma mentira, uma flagrante mentira. Acusaram a Jesus, em primeiro lugar, de ser um revolucionário, em segundo lugar, de incitar as pessoas a não pagar impostos e, por último, de afirmar que era rei (Lucas 23:2). Fabricaram três acusações *políticas*, cada uma delas uma mentira consciente, porque sabiam que Pilatos agiria só a partir desse tipo de acusações. De maneira que tudo ficou dependente da atitude de Pilatos.

Que tipo de homem era este governador romano?

Oficialmente, Pilatos era o procurador da província e era responsável em forma direta, não diante do Senado romano, e sim diante do Imperador. Deve ter tido pelo menos vinte e sete anos porque essa era

a idade mínima para ocupar o cargo de procurador. Deve ter sido um homem de bastante experiência porque teria que galgar uma série de posições, entre elas o comando militar, até estar preparado para tornar-se governador. Pilatos deve ter sido um soldado e administrador que tinha passado por todas as provas necessárias. Tornou-se procurador da Judéia no ano 26 A. C. e manteve o posto durante dez anos, até que o mandaram chamar.

Quando Pilatos chegou a Judéia se encontrou com numerosos problemas, de muitos dos quais ele era o causador. O problema de Pilatos era que não sentia a menor simpatia para com os judeus. Mais ainda, sentia desprezo pelo que ele chamava seus preconceitos irracionais e fanáticos, e que os judeus denominavam princípios. Os romanos conheciam a intensidade da religião judaica e o caráter indestrutível de sua fé, e sempre tinham tratado os judeus com luvas de pelica, e nisso demonstravam grande sabedoria. Pilatos se propôs, com toda arrogância, a empregar o punho fechado.

Começou com problemas. Os quartéis romanos estavam em Cesaréia. Os estandartes romanos não eram bandeiras: eram mastros com a águia romana ou a imagem do imperador do momento. Todos os governadores anteriores, em um gesto de deferência para com o ódio que sentiam os judeus pelas imagens, tinham tirado as águias e as imagens dos estandartes antes de encaminhar-se para Jerusalém em visitas de Estado. Pilatos recusou-se a fazê-lo. O resultado foi uma oposição tão hostil e uma intransigência tão grande que por último se viu forçado a claudicar, porque não é possível prender ou executar a uma nação inteira. Mais ainda, Pilatos decidiu que Jerusalém necessitava uma melhor provisão de água. Para tal fim construiu um aqueduto novo – mas o pagou com dinheiro do tesouro do templo. Pilatos tinha granjeado uma péssima reputação entre os judeus.

De fato, Filo, o grande intelectual judeu de Alexandria fez um estudo do caráter do Pilatos; e devemos lembrar que Filo não era cristão, mas falava do ponto de vista judeu. Diz-nos que os judeus tinham

ameaçado exercer seu direito de denunciar Pilatos ao imperador por seus enganos. Esta ameaça exasperou Pilatos ao máximo, visto que temia que pudessem enviar uma missão com suas queixas e que o acusassem acerca de outros assuntos de seu governo – sua corrupção, sua insolência, sua rapina, seu costume de insultar as pessoas, sua crueldade, seus contínuos assassinatos de pessoas sem julgamento prévio nem condenações e sua contínua falta de humanidade, gratuita e agravante. A reputação de Pilatos entre os judeus era algo terrível e o fato de que estes pudessem denunciá-lo fazia com que sua posição fosse completamente insegura.

Podemos seguir a carreira de Pilatos até o fim. No final o mandaram chamar de Roma. Este chamado foi devido à sua atitude selvagem em um incidente ocorrido em Samaria. Um impostor tinha convocado as pessoas ao monte Gerizim assegurando que lhes mostraria os vasos sagrados que Moisés tinha escondido nesse lugar. Infelizmente muitos foram armados e se reuniram em uma aldeia chamada Tirabata. Pilatos caiu sobre eles e os assassinou com uma selvageria muito desnecessária, visto que era um movimento intranscendente. Os samaritanos apresentaram suas queixas a Vitelino, o legado em Síria, que era o superior imediato de Pilatos. Vitelino ordenou que voltasse a Roma para dar explicação de sua conduta.

Quando Pilatos se dirigia a Roma, o imperador Tibério morreu e parece que Pilatos jamais foi julgado. A lenda conta que terminou suicidando-se. Seu corpo foi lançado ao Tigre mas os maus espíritos alteraram tanto as águas que os romanos o tiraram dali, levaram-no a Gália e o atiraram no Ródano. A suposta tumba de Pilatos se pode ver até hoje em Viena (França). Ali aconteceu o mesmo; por último levaram o corpo a um lugar próximo a Lausana e o enterraram em uma cavidade da montanha. Frente a Candelabro há uma montanha chamada monte Pilatos. Em suas origens a montanha se chamava *Pileatus*, que significa *com uma capa de nuvens*, mas como foi relacionada com Pilatos, o nome foi mudado para Pilatus.

Mais tarde, a lenda cristã se mostrou muito mais compreensiva com Pilatos e tentou lançar toda a culpa da morte de Jesus nos judeus, exonerando completamente a Pilatos. Como era de esperar, a lenda chegou a dizer que a esposa de Pilatos, que, conforme se afirma, era uma partidária judaica chamada Cláudia Prócula, converteu-se ao cristianismo. Inclusive se sustentou que o próprio Pilatos se tornou cristão e até o dia de hoje a Igreja Copta considera que tanto Pilatos como sua mulher são santos.

Podemos terminar este estudo de Pilatos com um documento muito interessante. Não resta dúvida que Pilatos deve ter enviado um relatório a Roma sobre o julgamento e a morte de Jesus; esse era o trâmite comum na administração da província. Um livro apócrifo chamado *Os Atos de Pedro e Paulo*, contém uma suposta cópia desse relatório. Tertuliano, Justino Mártir e Eusébio fazem referência a ele. O relatório, tal como o temos, não pode ser genuíno, mas é interessante lê-lo:

Pôncio Pilatos saúda a Cláudio

Recentemente se apresentou um assunto que eu mesmo julguei: porque os judeus, por inveja, castigaram-se a si mesmos e a sua posteridade com juízos terríveis por sua própria culpa. Seus pais tinham recebido promessas a respeito de que seu Deus enviaria a seu Santo do céu, a quem se chamaria rei, e lhes prometeu que o enviaria à terra por meio de uma virgem. Chegou quando eu era governador da Judéia e o viram dar vista aos cegos, curar leprosos, paralíticos, expulsar demônios, ressuscitar mortos, dar ordens aos ventos, caminhar sobre as ondas do mar sem molhar os pés, e fazer muitas outras maravilhas enquanto todo o povo judeu o chamava Filho de Deus. De maneira que os sumos sacerdotes, sentindo inveja dele, trouxeram-no, entregaram-me e o acusaram com uma acusação falsa após a outra, dizendo que era um mago e fazia coisas que iam contra a lei.

Mas eu, acreditando que as acusações eram falsas, açoitei-o e o entreguei e eles o crucificaram e, uma vez sepultado puseram guardas junto ao sepulcro. Mas enquanto meus soldados o cuidavam ressuscitou ao terceiro dia; mas a maldade dos judeus se acendeu tanto que deram dinheiro aos soldados e lhes disseram: Digam que os discípulos roubaram o

cadáver. Mas eles, embora recebessem o dinheiro, não puderam manter em segredo o que tinha ocorrido porque eles também deram testemunho de que o viram ressuscitar e que receberam dinheiro dos judeus. Informei a Vossa Eminência todas estas coisas para o caso de alguém lhe ter dito uma mentira e lhe parecesse correto acreditar nas falsidades dos judeus.

Não resta dúvida de que o relatório não é mais que uma lenda, mas não se pode questionar o seguinte: Pilatos sabia que Jesus era inocente, mas suas más ações anteriores deram aos judeus uma alavanca para obrigá-lo a fazer o que lhe pediam, embora ia contra seu melhor juízo e seu sentido da justiça.

A INFRUTÍFERA LUTA DE PILATOS

Mateus 27:1-2,11-28 (continuação)

Toda esta passagem nos deixa a impressão de um homem que trava uma luta condenada ao fracasso. É evidente que Pilatos não queria condenar a Jesus. Surgem certos elementos.

(1) Não há dúvida de que Pilatos se sentiu muito impressionado com Jesus. É evidente que não levou a sério a afirmação de que era o rei dos judeus. Pilatos podia reconhecer a um revolucionário e Jesus não era um deles. O nobre silêncio de Jesus o fez pensar que o acusado não era Jesus e sim ele próprio. Pilatos sentia o poder de Jesus e experimentava temor de submeter-se a Ele. Ainda há pessoas que temem ser o tipo de cristãs que deveriam ser.

(2) Pilatos procurou algum meio de escapar. Parece que era costume libertar um prisioneiro durante a Festa. No cárcere estava detento um tal Barrabás. Não se tratava de um ladrão comum; provavelmente era um bandoleiro ou um detento político.

Existem duas especulações interessantes sobre este personagem. Seu nome significa *Filho do Pai*. *Pai* era o título com que se designava os rabinos mais conspícuos. Pode ser que Barrabás pertencesse a uma família antiga e distinguida e que se envolveu numa carreira de crimes.

Um homem assim converteria o crime em algo atrativo e muita gente sentiria simpatia por ele. Ainda mais interessante é a certeza quase absoluta de que Barrabás também se chamava Jesus. Algumas das versões mais antigas do Novo Testamento, tais como a siríaca e a armênia, chamam-no *Jesus Barrabás*. Tanto Orígenes como Jerônimo conheciam essa versão e a consideravam correta. É curioso que Pilatos diga duas vezes *Jesus, chamado Cristo* (vv. 17 e 22), para diferenciá-lo de algum outro Jesus. Jesus era um nome comum; é o mesmo nome que Josué. E o mais provável é que a exclamação da multidão fosse: "Não a Jesus Cristo, e sim a Jesus Barrabás." Pilatos procurou uma saída mas a multidão escolheu o criminoso violento e rechaçou o Cristo amável. Preferiram o homem de violência ao homem de amor.

(3) Pilatos tentou tirar de cima de si a responsabilidade de condenar a Jesus. Temos essa imagem estranha e trágica em que aparece Pilatos lavando suas mãos. Esse era um costume judeu.

Há uma regulamentação muito curiosa em Deuteronômio 21:1-9. Se se encontrava um corpo morto e não se sabia de quem era, deviam tomar-se medidas para averiguar qual era a cidade ou aldeia mais próxima. Os anciãos dessa aldeia ou cidade deviam sacrificar uma bezerra e lavar as mãos para livrar-se da culpa. Pilatos se viu advertido por seu sentido da justiça, por sua consciência, e pelo sonho de sua afligida esposa. Mas não podia enfrentar a multidão e fez o gesto inútil de lavar suas mãos.

Segundo conta uma lenda, até o dia de hoje há momentos em que a sombra de Pilatos sai da tumba e volta a lavar suas mãos. Há uma coisa da qual o homem jamais se pode livrar: a responsabilidade. Nem Pilatos nem ninguém pode dizer jamais. "Lavo minhas mãos de toda responsabilidade", porque a responsabilidade é algo que nada nem ninguém pode tirar.

A imagem de Pilatos provoca em nós mais compaixão que ódio. Porque aqui vemos um homem tão imerso em seu passado e tão

impotente a respeito dele, que foi incapaz de assumir a posição que devia. Pilatos é uma imagem de tragédia em vez de perversidade.

A ZOMBARIA DOS SOLDADOS

Mateus 27:27-31

Iniciou-se a espantosa rotina da crucificação. A última seção terminou dizendo que Pilatos mandou açoitar a Jesus. O açoite romano era uma tortura terrível. Despia-se a vítima, atavam-se suas mãos atrás e o amarravam a um poste com as costas curvadas e expostas ao açoite. O látego era uma larga tira de couro ao longo da qual havia pedaços de osso afiados e bolas de chumbo. Os açoites sempre precediam à crucificação e "reduziam o corpo nu a farrapos de carne e feridas inflamadas e sangrantes". Alguns morriam pelos açoites, outros perdiam a razão, e eram poucos os que permaneciam conscientes depois de tê-los recebido.

Depois disso Jesus foi entregue aos soldados, enquanto se preparavam os últimos detalhes da crucificação, assim como a própria cruz. Levaram-no a seus barracos no quartel do governador e chamaram o resto do destacamento. No destacamento, chamado *speira*, havia seiscentos homens. Não é provável que houvesse tantos soldados em Jerusalém. Estes soldados constituíam a guarda pessoal de Pilatos que o tinham acompanhado desde Cesaréia, onde tinha sua residência permanente,

O que os soldados fizeram pode nos fazer estremecer; mas de todas as partes que se viram comprometidas na crucificação os soldados são os que estão mais livres de culpa. Sequer estavam destacados a Jerusalém, nem tinham idéia de quem era Jesus; sem dúvida não eram judeus, porque este era o único povo que estava isento do serviço militar. Estes soldados eram recrutas que podiam provir do outro extremo do mundo e se divertiam com suas brincadeiras pesadas. Mas, diferente dos judeus e de Pilatos, faziam-no em plena ignorância. Possivelmente isto foi o mais

fácil de Jesus agüentar, porque embora o disfarçaram de rei; não havia ódio em seu olhar. Para eles, não era mais que um galileu meio louco que ia à cruz. Não deixa de ser significativo que Filo nos diga que em Alexandria uma multidão judia fez o mesmo com um menino imbecil: "Puseram um pedaço de alimento sobre a cabeça em lugar de uma diadema... e como cetro lhe deram um pedaço de ramo de papiro que encontraram atirado na estrada. E como estava vestido como um rei alguns se aproximavam para adorá-lo, outros para lhe fazer alguma petição." Assim era como zombavam de um menino imbecil, isso é o que representava Jesus para os soldados.

Depois se prepararam para levá-lo à crucificação. Às vezes somos aconselhados a não nos determos no aspecto físico da cruz. Mas não é assim, não podemos chegar a ter uma imagem vívida do que Jesus fez e sofreu por nós.

Escrevendo sobre a crucificação, Klausner, o autor judeu, diz: "A crucificação é a morte mais terrível e cruel imaginada pelos homens para vingar-se de seu próximo." Cícero a chamou "a tortura mais cruel e horrível". Tácito a chama "uma tortura só digna de escravos". Originou-se em Pérsia devido ao fato de que considerava-se que a terra era sagrada para o Ormuz, o deus, e se erguia o criminoso para que não manchasse a terra, que era propriedade do deus. Da Pérsia passou a Cartago no norte da África. Roma a copiou de Cartago embora só a reservava para os rebeldes, os escravos que escapavam e a classe mais baixa de criminais. De fato, era um castigo ilegal de infligir a um cidadão romano.

Klausner descreve a crucificação. Fixava-se à cruz o criminoso, convertido já em uma massa de sangue devido aos açoites. Aí permanecia pendurado para morrer de fome, sede e pelo calor do Sol, incapaz de defender-se sequer da tortura das moscas e mosquitos que posavam sobre seu corpo nu e sobre suas feridas sangrantes. Não é uma imagem agradável, mas foi isso o que Jesus sofreu voluntariamente por nós.

A CRUZ E A VERGONHA**Mateus 27:32-44**

O relato da crucificação não necessita comentário algum; seu poder radica no que diz por si mesmo. Tudo o que podemos fazer é apresentar o pano de fundo para que a imagem seja o mais claro possível.

Quando um criminoso era condenado, era levado à crucificação. Era situado em meio de um quadrado vazio formado por soldados romanos. O costume era que carregasse o lenho horizontal de sua própria cruz; o vertical o esperava no cenário da crucificação. A acusação pela qual a pessoa era executada se escrevia sobre uma madeira, depois era pendurada em volta do pescoço ou um soldado o levava diante da procissão e logo era fixado à cruz. O criminoso era levado ao lugar da crucificação pelo caminho mais longo possível para ser visto pela maior quantidade de gente e a lúgubre cena lhes servisse de advertência. Jesus passou pelos espantosos açoites, depois suportou as zombarias dos soldados, antes disso o tinham interrogado durante a maior parte da noite: estava fisicamente exausto e cambaleava sob a cruz.

Os soldados romanos sabiam muito bem o que deviam fazer nesses casos. Palestina era um país ocupado; tudo o que o soldado romano tinha que fazer era tocar um judeu no ombro com a ponta de sua lança e o homem devia fazer qualquer coisa que lhe fosse ordenado, por mais baixa e desagradável que fosse. De uma das aldeias vizinhas se aproximava um homem oriundo da longínqua Cirene, ao norte da África. Chamava-se Simão. Pode ser que durante anos economizou dinheiro para assistir a esta Páscoa, e agora caía sobre ele esta vergonha e indignidade; porque o obrigaram a carregar a cruz de Jesus. Quando Marcos conta a história identifica a Simão como o "pai de Alexandre e de Rufo" (Marcos 15:21). O único sentido da identificação pode ser que Alexandre e Rufo fossem conhecidos na Igreja. E deve ser que nesse dia trágico Jesus se apoderou do coração de Simão. O que para ele era como o dia de sua vergonha se converteu em seu dia de glória.

O lugar da crucificação era um monte chamado Gólgota, porque tinha a forma de uma caveira. Quando se chegava ao lugar era preciso empalar o criminoso sobre sua cruz. Sus mãos eram atravessadas com pregos, mas em general os pés eram atados frouxamente à cruz. Nesse momento, e para adormecer sua dor, davam-lhe a beber vinho drogado, preparado por um grupo de mulheres abastadas de Jerusalém como um ato de misericórdia. Um escrito judeu diz: "Quando se leva a um homem para matá-lo, deve-se permitir que beba um grão de incenso em uma taça de vinho para adormecer seus sentidos... As mulheres abastadas de Jerusalém costumavam doar estar coisas e levá-las ao lugar." A taça drogada foi oferecida a Jesus mas Ele se recusou a bebê-la, porque se propôs aceitar a morte em seu aspecto mais amargo e lúgubre e não evitar nem a mais mínima dor.

Já vimos que se conduzia o criminoso à execução no centro de um quadrado formado por quatro soldados romanos. Os criminosos eram crucificados nus, à exceção de uma tanga e a roupa do criminoso passava a ser propriedade dos soldados como pagamento. Todo judeu levava cinco coisas: os sapatos, o turbante, o cinturão, a túnica interior, e a capa exterior. De maneira que havia cinco artigos e quatro soldados. Os primeiros quatro artigos eram todos do mesmo valor, mas a capa era mais valiosa que todos os outros. Os soldados lançaram sortes pela capa de Jesus, conforme relata João (João 19:23-24). De maneira que quando os soldados terminaram de repartir a roupa se sentaram a montar guarda até que chegasse o fim. Assim, no Gólgota estava esse grupo de três cruces, em meio das quais se erguia o Filho de Deus, e de ambos os lados um ladrão. Na verdade, esteve com pecadores no momento de sua morte.

Os últimos versículos desta seção descrevem as zombarias e piadas que dirigiram a Jesus os que passavam por ali, as autoridades judaicas e os ladrões crucificados a seu lado. Todas as zombarias se centravam ao redor de uma coisa: as afirmações feitas por Jesus e sua aparente impotência na cruz. E era justamente nisso em que os judeus tanto se

equivocavam. Usavam a glória de Cristo para zombar dEle. Diziam: “Desça da cruz, e creremos nEle.” Mas como disse em uma ocasião o general Booth: “É precisamente porque não quis descer que cremos nEle.” Os judeus só podiam ver Deus em meio ao poder, mas Jesus mostrou aos homens que Deus é amor sacrificial.

A VITÓRIA DO FINAL

Mateus 27:45-50

A leitura da história da crucificação dá a impressão de que tudo aconteceu muito rapidamente, mas em realidade as horas passavam muito lentamente. Marcos é o mais exato em sua menção do tempo. Diz-nos que crucificaram a Jesus na terceira hora, quer dizer às nove da manhã (Marcos 15:25), e que morreu na hora nona, quer dizer, às três da tarde (Marcos 15:34). Isso significa que Jesus esteve pendurado na cruz durante seis horas. A agonia de Jesus foi breve, porque sucedia que os criminosos ficavam pendurados de suas cruzes durante dias até que a morte tivesse piedade deles.

No versículo 46 temos a frase que deve aparecer a qualquer um como a mais assombrosa de todo o relato evangélico: a exclamação de Jesus: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Trata-se de uma frase ante a qual só podemos baixar a cabeça em sinal de respeito. Entretanto, devemos buscar entendê-la. Houve muitos intentos de penetrar o mistério dessa frase; só podemos nos referir a três deles.

(1) É estranha a forma como o Salmo 22 se intercala em todo o relato da crucificação; e, de fato, esta frase é o primeiro versículo sobre esse salmo. Quando nos remetemos a ele, vemos que o salmista diz: “Todos os que me vêem zombam de mim; afrouxam os lábios e meneiam a cabeça: Confiou no SENHOR! Livre-o ele; salve-o, pois nele tem prazer” (Salmo 22:7-8). Quando continuamos lendo o mesmo salmo vemos que diz: “Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha

túnica deitam sortes” (Salmo 22:18). Esse salmo está entretecido com toda a história da crucificação.

Agora, sugeriu-se que o que Jesus fazia, na verdade, era repetir esse salmo em seu íntimo e, embora o salmo começa no abandono mais absoluto, termina com um triunfo total: “Cantar-te-ei louvores no meio da congregação... Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações” (Salmo 22:25-31). De maneira que se sugere que Jesus repetia esse salmo na cruz como uma imagem de sua própria situação e como um cântico de sua confiança e sua fé, visto que sabia muito bem que começava nas profundezas e terminava nas alturas. Trata-se de uma sugestão muito atraente, mas quando se está sobre uma cruz, ninguém repete poesia no seu íntimo, mesmo que se trate de um salmo; e além disso, toda a atmosfera do mundo escurecido pertence à tragédia mais desoladora.

(2) Sugere-se que nesse momento todo o peso dos pecados do mundo caiu sobre o coração e o ser de Jesus. Que foi nesse momento quando “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós” (2 Coríntios 5:21); e que o castigo que agüentou por nós foi a inevitável separação de Deus, a qual produz o pecado. Ninguém pode afirmar que isso não seja certo, mas se o é, é um mistério que só podemos expor e diante do qual a única coisa que podemos fazer é nos sentir maravilhados.

(3) Pode ser que haja algo mais humano aqui, se assim podemos dizer. Parece-me que Jesus não seria Jesus se não tivesse penetrado nas mais recônditas profundezas da experiência humana. Agora, na experiência humana e à medida que passa a vida e nela entra a tragédia, há momentos, possivelmente um só, nos quais sentimos que Deus se esqueceu de nós. Segundo minha opinião, isso foi o que aconteceu a Jesus aqui. Vimos que a única coisa que Jesus sabia no jardim era que devia seguir adiante, porque essa era a vontade de Deus, e que devia aceitar aquilo que nem sequer Ele podia chegar a compreender.

Aqui vemos a última agonia dessa situação humana. Vemos Jesus descer às últimas profundezas da situação humana para que não houvesse lugar que tenhamos que ir ao qual Jesus não tenha estado antes.

É evidente que aqueles que escutavam não entendiam. Alguns pensavam que chamava Elias; devem ter sido os judeus. Um dos grandes deuses dos pagãos era o Sol: Hélios. Uma oração ao deus Sol teria começado com "Heli!" e se sugeriu que os soldados podem ter pensado que Jesus clamava ao maior dos deuses pagãos. Seja como for, para os guardas essa exclamação era um mistério.

Mas a questão é a seguinte. Teria sido terrível que Jesus morresse com um grito assim nos lábios; mas não o fez. A narração nos diz que depois de ter dado um grande clamor, entregou o espírito. Esse clamor deixou uma marca nas mentes dos homens. Aparece em cada um dos evangelhos (Mateus 27:50; Marcos 15:37; Lucas 23:46). Mas um deles vai mais longe. João nos diz que Jesus morreu com um grito: "Está consumado!" (João 19:30). Em grego, essa frase se diz em uma só palavra – *Tetelestai* – e o mesmo acontece no aramaico. E essa mesma palavra é a exclamação do vencedor; a do homem que completou sua tarefa; a de quem venceu na luta; a de quem saiu da escuridão à glória da luz e tomou posse da coroa. De maneira que Jesus morreu vitorioso e conquistador, com um grito de triunfo nos lábios.

Aqui está, pois, o elemento valioso. Jesus passou pelo mais profundo dos abismos e depois irrompeu a luz. Se nós também nos aferramos a Deus, inclusive quando parece que Deus não existe, se reunirmos em forma desesperada e invencível os restos de nossa fé, não há dúvida de que aparecerá a aurora e venceremos. O triunfador é o homem que recusa crer que Deus o esqueceu, mesmo que cada fibra de seu ser sinta que Deus o abandonou. É o homem que jamais deixará que sua fé desapareça, mesmo que sinta que seus últimos apoios desapareceram. É o homem que foi derrotado ao máximo, mas continua aferrando-se a Deus, porque isso foi o que Jesus fez.

A REVELAÇÃO FULMINANTE**Mateus 27:51-56**

Esta passagem se divide em três partes.

(1) Temos o relato das coisas surpreendentes que ocorreram quando Jesus morreu. Quer devamos tomar ao pé da letra ou não, ensinam-nos duas grandes verdades.

(a) O véu do templo se rasgou de alto a baixo. Tratava-se do véu que ocultava o lugar santíssimo, além do qual ninguém podia passar com exceção do sumo sacerdote no Dia do Perdão. Atrás desse véu morava o Espírito de Deus. Aqui temos um elemento simbólico. Até este momento Deus tinha estado oculto, era algo remoto, e ninguém O conhecia. Mas na morte de Jesus vemos o amor escondido de Deus, e o caminho que uma vez esteve fechado a todos os homens, agora está aberto para que todos cheguem à presença de Deus. A vida e morte de Jesus nos mostram como é Deus e tiram para sempre o véu que ocultava Deus dos homens.

(b) Abriram-se os sepulcros. Este símbolo significa que Jesus venceu a morte. Ao morrer e ressuscitar, Jesus destruiu o poder da morte. Devido à sua vida, sua morte e sua ressurreição o sepulcro perdeu seu poder, a tumba perdeu seu terror e a morte sua tragédia, porque agora estamos seguros de que, porque Ele vive, nós também viveremos.

(2) Temos o relato da adoração do centurião. Só podemos dizer uma coisa sobre isto. Jesus havia dito: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12:32). Jesus predisse o poder magnético da cruz, e o centurião foi o primeiro fruto da cruz de Cristo. A cruz o tinha levado a ver a majestade de Jesus como nenhuma outra coisa o tinha obtido jamais.

(3) Temos a singela afirmação a respeito das mulheres que viram o fim. Todos os discípulos O abandonaram e fugiram, mas as mulheres ficaram. Tem-se dito que, diferente dos homens, as mulheres não tinham nada a temer porque sua posição era tão baixa que ninguém prestaria a

menor atenção às discípulas. Mas há muito mais que isso. Estavam ali porque amavam a Jesus e, nelas, como em muitos outros, o amor perfeito tinha feito desaparecer o medo.

O PRESENTE DE UM SEPULCRO

Mateus 27:57-61

Segundo a lei judaica, não se podia deixar pendurado durante toda a noite o corpo de um criminoso. Era preciso enterrá-lo no mesmo dia. “O seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite, mas, certamente, o enterrarás no mesmo dia” (Deut. 21:22-23). Isto era obrigatório por duplo motivo quando, como no caso de Jesus, o dia seguinte era um sábado. Segundo a lei romana, os parentes de um criminoso podiam solicitar seu cadáver para enterrá-lo, mas se não o reclamavam, era deixado apodrecer até que os cães vira-latas dessem conta dele. Agora, nenhum dos parentes de Jesus podia solicitar o corpo, porque eram da Galiléia e não possuíam um sepulcro em Jerusalém. De maneira que apareceu o rico José de Arimatéia. Dirigiu-se a Pilatos e pediu que lhe entregassem o corpo de Jesus. Ocupou-se dele e o pôs em um sepulcro na rocha, onde ninguém jamais foi enterrado. José será famoso para sempre como o homem que deu um sepulcro a Jesus.

Acumularam-se lendas em torno do nome de José. A lenda mais conhecido e famosa diz que no ano 61 d. C. Felipe enviou a José da Gália a Inglaterra para pregar o evangelho nesse país. Diz-se que chegou com o cálice que se usou na Santa Ceia e que agora tinha o sangue que Jesus tinha derramado na cruz. Esse cálice se converteria no *Santo Graal*, tão renomado na lenda dos cavaleiros do Rei Artur. Afirma-se que quando José e seu grupo de missionários escalaram o monte Weary-all e chegaram ao outro lado, encontraram-se em Glastonbury. Ali José golpeou o chão com sua vara e nesse lugar cresceu o Espinheiro de Glastonbury. Não há dúvida que Glastonbury foi durante anos um dos lugares mais santos da Inglaterra, e até o dia de hoje recebe a muitos

peregrinos. Conta-se que um puritano arrancou o espinheiro original mas que o que cresce até hoje provém de um galho do anterior; e até a atualidade se enviam partes dessa planta a todos as partes do mundo. De maneira que a lenda relaciona José de Arimatéia com Glastonbury e com a Inglaterra. Outra lenda afirma que José de Arimatéia era tio de Maria, a mãe de Jesus. (Poderia ser que tivesse exercido o direito de parentesco ante a lei romana ao reclamar o corpo?)

Costuma-se afirmar que José deu um sepulcro a Jesus quando este morreu mas não o apoiou durante sua vida. José era membro do Sinédrio (Lucas 23:50), e o mesmo evangelista nos diz que não tinha consentido no acordo nem nos atos deles (Lucas 23:51). É possível que essa reunião que se convocou na casa de Caifás no meio da noite tenha sido seletiva? Parece muito pouco provável que todo o Sinédrio tenha estado presente. Pode ser que Caifás tenha chamado àqueles que ele queria que estivessem presentes e que tenha organizado uma reunião com quem o apoiava e que José não tenha tido nenhuma possibilidade de estar ali.

Não há a menor dúvida de que no final, José demonstrou a maior das coragens. Ficou do lado de um criminoso crucificado. Enfrentou o possível ressentimento de Pilatos, e enfrentou certo ódio e zombarias da parte dos judeus. É muito possível que José de Arimatéia fez tudo o que esteve em suas mãos.

Mas subsiste um ponto obscuro. A mulher a quem se chama *a outra Maria*, em Marcos 15:47, é identificada como Maria, a mãe de José. Já vimos que estas mulheres estavam presentes na cruz; seu amor as fez seguir a Jesus na vida e na morte.

UMA TAREFA IMPOSSÍVEL

Mateus 27:62-66

Esta passagem começa na maneira mais curiosa. Diz que os sumos sacerdotes e os fariseus se apresentaram diante de Pilatos no dia seguinte, que é o dia depois da preparação. Agora, Jesus foi crucificado

numa sexta-feira. O sábado é o dia de repouso judeu. Vimos que, segundo os cálculos judeus, o novo dia começava às seis. Portanto, o sábado começava às seis da tarde da sexta-feira e as últimas horas da sexta-feira eram a preparação. Se for assim, só pode significar uma coisa: que os sumos sacerdotes e os fariseus foram a Pilatos com seu pedido *no dia de sábado*. Se o fizeram, é muito claro ver o modo radical em que quebraram a lei do sábado. Se tudo isto for correto, há muito poucos incidentes no relato evangélico que demonstrem com maior clareza o ansioso que estavam as autoridades judias para eliminar de modo definitivo a Jesus. Estavam dispostos até a quebrantar suas leis mais sagradas para assegurar-se de que por fim tinham-se livrado dEle.

Aqui percebemos uma lúgubre ironia. Estes judeus foram dizer a Pilatos que Jesus havia dito que ressuscitaria no terceiro dia. Não reconheceram que viam a possibilidade de que fosse certo, mas pensavam que os discípulos podiam buscar roubar o cadáver e dizer que tinha ressuscitado. Portanto, queriam tomar medidas especiais para vigiar o sepulcro. Chega a resposta de Pilatos: “Guardai o sepulcro como bem vos parecer.” É como se, inconscientemente, Pilatos dissesse: “Mantenham a Cristo no sepulcro – se puderem.” Tomaram suas medidas. A porta destes sepulcros na rocha se fechava com uma pedra grande redonda semelhante a uma roda de carro, que se deslizava por uma fenda. Selaram-na e puseram um guarda especial, e lhe asseguraram tanto como puderam.

Não se tinham dado conta de um detalhe: que não havia nenhum sepulcro no mundo que pudesse prender o Cristo ressuscitado. Todos os planos dos homens não bastavam para atar o Senhor ressuscitado. O homem que tenta pôr ataduras em Jesus Cristo planeja uma tarefa impossível.

Mateus 28

A grande descoberta - Mat. 28:1-10

O último recurso - Mat. 28:11-15

A glória da promessa final - Mat. 28:16-20

A GRANDE DESCOBERTA**Mateus 28:1-10**

Aqui temos o relato de Mateus sobre o sepulcro vazio. E há algo que é muito adequado no fato de que Maria Madalena e a outra Maria tenham sido as primeiras em receber as notícias do Senhor ressuscitado e que O tenham encontrado. Tinham estado presentes junto à cruz, tinham estado presentes quando o puseram no sepulcro, e agora recebem a recompensa do amor: são as primeiras a inteirar-se da alegria da ressurreição.

Ao ler este relato sobre as duas primeiras pessoas do mundo que se confrontaram com a realidade do sepulcro vazio e do Cristo ressuscitado, parecem surgir três imperativos.

(1) São impelidas a *crer*. Tudo era tão surpreendente que poderia parecer além de toda possibilidade de crer naquilo, algo muito belo para ser certo. O anjo relembra-lhes a promessa de Jesus e as confronta com o sepulcro vazio; cada uma de suas palavras é uma chamada à fé. Ainda é certo que muitos sentem que as promessas de Cristo são muito belas para serem verdadeiras. É uma dúvida que só se pode dissipar tomando suas palavras ao pé da letra.

(2) São impelidas a *compartilhar*. Quando elas próprias descobriram a realidade do Cristo ressuscitado, seu primeiro dever é proclamar e compartilhar com outros. "Vá, proclame!" é a primeira ordem que se dá ao homem que descobriu a maravilha de Jesus Cristo.

(3) São impelidas a *alegrar-se*. A palavra com que o Cristo ressuscitado as saudou foi *Chairete*: era a fórmula comum de saudação, mas seu significado literal é "Alegrai-vos!" O homem que encontrou o Senhor ressuscitado deve viver para sempre na alegria da presença dAquele de quem já nada o pode separar.

O ÚLTIMO RECURSO

Mateus 28:11-15

Quando alguns dos guardas se aproximaram dos sumos sacerdotes e contaram a história do sepulcro vazio, as autoridades judaicas se sentiram presas de uma preocupação desesperada. Era possível que todos os seus planos se converteram em cinzas? De maneira que formularam um plano muito simples: deram uma gorjeta aos membros da guarda para que dissessem que os discípulos de Jesus tinham chegado enquanto eles dormiam e tinham roubado o seu corpo.

É interessante prestar atenção aos meios que usaram as autoridades judaicas em seus desesperados intentos de eliminar a Jesus. Tinham usado a traição para prendê-lo. A ilegalidade para julgá-lo. A calúnia para acusá-lo diante de Pilatos. E agora recorriam ao suborno para fazer calar a verdade a respeito dEle. *E fracassaram*. Dizia o provérbio romano: *grande é a verdade e prevalecerá*. É uma realidade histórica que todas as maquinações dos homens não podem deter a verdade. O evangelho da bondade é maior que as estratagemas do mal.

A GLÓRIA DA PROMESSA FINAL**Mateus 28:16-20**

Aqui chegamos ao final do relato evangélico, e ouvimos as últimas palavras de Jesus a seus homens. E neste último encontro Jesus fez três coisas.

(1) *Deu-lhes certeza sobre seu poder.* Não há dúvida de que não havia nada que estivesse fora do poder de alguém que tinha morrido e que tinha conquistado a morte. Agora eram servos de um Senhor cuja autoridade sobre a Terra e o céu estava além de toda dúvida.

(2) *Deu-lhes uma comissão.* Enviou-os a converter a todo mundo em seus discípulos. Pode ser que a ordem de batizar seja um desenvolvimento posterior das palavras que Jesus pronunciou. Pode-se discutir esse ponto; o fato concreto é que a ordem de Jesus é ganhar a todos os homens para Ele.

(3) *Prometeu-lhes uma presença.* Deve ter sido assombroso para onze homens da Galiléia o serem enviados a conquistar o mundo. Inclusive enquanto O ouviam seus corações devem ter duvidado. Mas tão logo foi dada a ordem se pronunciou a promessa. Enviou-os, como a nós, a cumprir a maior tarefa do mundo, mas os acompanhava a maior presença do mundo.